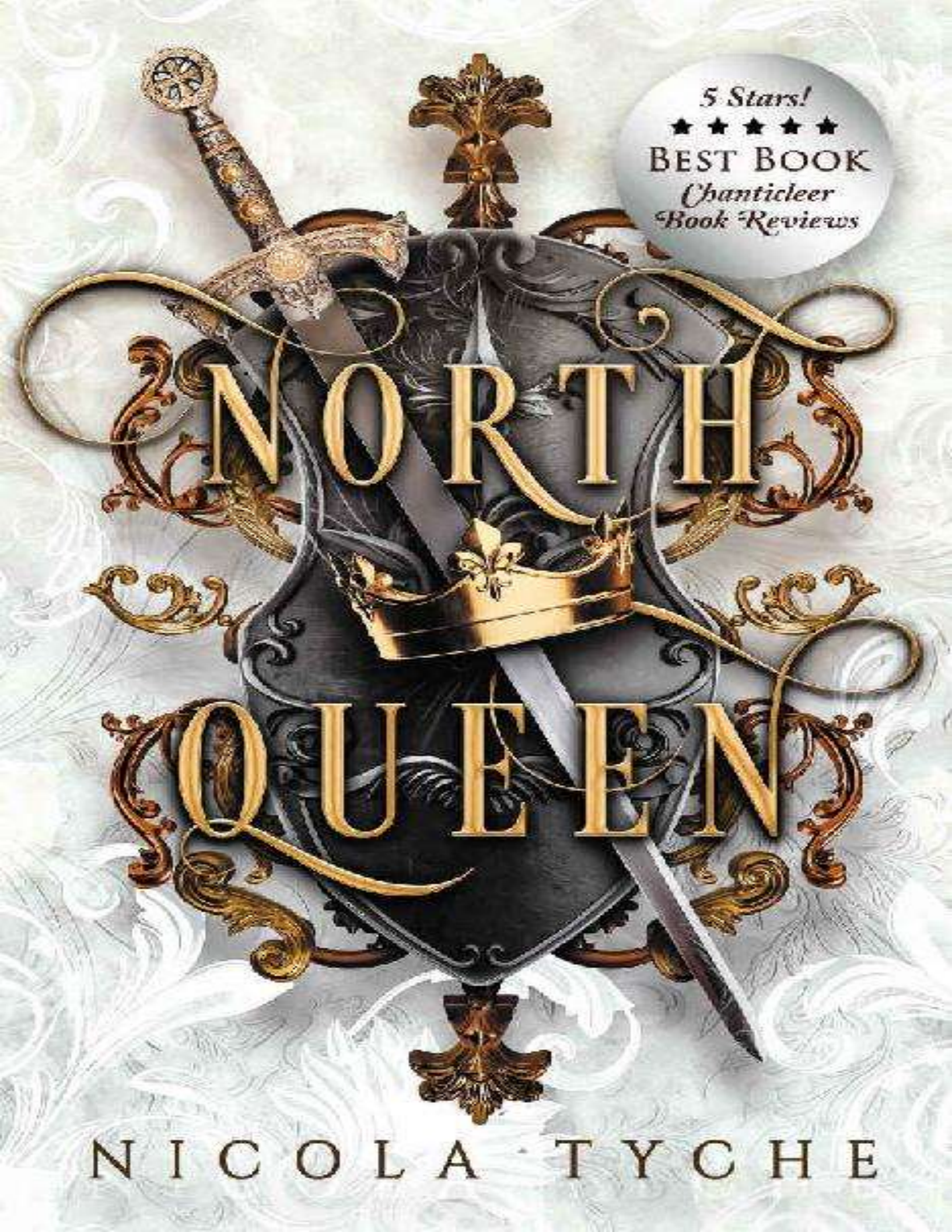

5 Stars!
★★★★★
BEST BOOK
Chanticleer
Book Reviews
NORTH
QUEEN
NICOLA TYCHE

Índice

1. Capítulo 1
2. Capítulo 2
3. Capítulo 3
4. Capítulo 4
5. Capítulo 5
6. Capítulo 6
7. Capítulo 7
8. Capítulo 8
9. Capítulo 9
10. Capítulo 10
11. Capítulo 11
12. Capítulo 12
13. Capítulo 13
14. Capítulo 14
15. Capítulo 15
16. Capítulo 16
17. Capítulo 17
18. Capítulo 18
19. Capítulo 19
20. Capítulo 20
21. Capítulo 21
22. Capítulo 22
23. Capítulo 23
24. Capítulo 24
25. Capítulo 25
26. Capítulo 26
27. Capítulo 27
28. Capítulo 28
29. Capítulo 29
30. Capítulo 30
31. Capítulo 31
32. Capítulo 32

33. Capítulo 33
34. Capítulo 34
35. Capítulo 35
36. Capítulo 36
37. Capítulo 37
38. Capítulo 38
39. Capítulo 39
40. Capítulo 40
41. Capítulo 41
42. Capítulo 42
43. Capítulo 43
44. Capítulo 44
45. Capítulo 45
46. Capítulo 46
47. Capítulo 47
48. Capítulo 48
49. Capítulo 49
50. Capítulo 50
51. Capítulo 51
52. Capítulo 52
53. Capítulo 53
54. Capítulo 54
55. Capítulo 55
56. Capítulo 56
57. Capítulo 57

Crowns



North Queen

Nicola Tyche



COLUMBIA RIVER PUBLISHING
Vancouver, WA 98685



Publicado pela primeira vez nos Estados Unidos

Copyright © 2023 por Nicola Tyche
Todos os direitos reservados.

O objetivo dos direitos autorais é incentivar escritores e artistas a produzir obras criativas que enriqueçam nossa cultura. Obrigado por comprar uma edição autorizada deste livro e cumprir as leis de direitos autorais ao não reproduzir, digitalizar ou distribuir nenhuma parte dele em nenhuma forma sem permissão. Você está apoiando escritores e apoiando a publicação contínua de livros para todos os leitores.

ISBN: PB: 978-1-959615-01-9; eBook: 978-1-959615-00-2
HC: 978-1-959615-04-0; Áudio: 978-1-959615-05-7

Design da capa por Saint Jupiter
Editado por Kate Studer
Editado por Hanna Richards
Revisado por Lauren Riebs

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e situações são produtos da imaginação do autor ou são usados ficticiamente, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, estabelecimentos comerciais, eventos ou locais é mera coincidência.

Para Shaun. Sem você, essa história
nunca teria sido contada.


The North Sea
Mercia
The Sound
Lorys
Aleon
The Wild
The Atolean Sea
Elam
Praetoria
Aleon Empire
Horsemen Tribes
Tarsus
Sungs
Persus
Hetahl
Japheth
Tarao
Shadowlands
Osan
Nayelova
Paulken
Pryam
Iron Bay
Etrevs
The Aged Sea
Rael
Serra
Slaver's Bay
N

North Queen



Capítulo um

A consciência veio como um sonho, dobrando a mente como os sonhos costumam fazer. Suas pálpebras tremeram sob um peso gelado, e ela lutou para focar sua visão contra o borrão que caiu sobre seu rosto.

Onde ela estava?

Ela piscou para afastar o frio da neve e respirou fundo enquanto distinguia as formas das copas das árvores pontiagudas contra o céu. Como ela chegou aqui?

Seu pulso acelerou quando ela se sentou assustada e se viu no meio de uma floresta de inverno. Árvores balançavam suavemente em rajadas de vento, e flocos de neve secos dançavam pelo ar.

Que lugar era esse? Onde ela estava?

Os cabelos da nuca dela se arrepiaram enquanto um fio de gelo percorria sua espinha.

Quem era ela?

Uma onda de pânico percorreu suas veias. Ela tentou se levantar, mas tropeçou quando uma dor latejante dentro de sua cabeça a pegou de surpresa, ameaçando seu frágil equilíbrio. Ela pressionou os dedos contra as têmporas. O que tinha acontecido? Enquanto respirava, a dor diminuiu. Seus olhos clarearam, mas sua mente não. Por que ela não conseguia se lembrar?

Ela olhou ao redor. Os olhos dos álamos a encaravam de volta, observando; o vento soprava sussurros ao redor dela. O medo afastou o frio. O fluxo de sangue pulsava em seus ouvidos. Seu corpo lhe disse para correr. Mas de quê? E para onde?

Não . Ela não podia deixar o pânico tomar conta. Sua mente voltaria — ela só precisava esperar um momento.

Ela respirou fundo para se acalmar enquanto examinava a floresta ao seu redor. Vários centímetros de neve estavam no chão, mas apenas uma leve camada de poeira a cobria. Ela

não estava ali há muito tempo. Lágrimas congeladas pontilhavam os cantos de seus olhos, mas ela estava perdida por sua causa. Ela lutou pela razão contra sua mente nublada.

"Acalme-se", ela disse a si mesma. "Você é uma mulher adulta. Recomponha-se." Mas dizer a si mesma para se acalmar e realmente se acalmar eram duas coisas diferentes. Ainda assim, ela conseguiu manter a segunda onda de pânico sob controle.

Ela afastou suas longas tranças loiras geladas do rosto e penteou as árvores enquanto voltava sua atenção para os arredores. A neve continha apenas suas próprias pegadas, e elas terminavam abruptamente a alguns passos de distância. Como ela tinha chegado ali? Era como se tivesse caído do céu. E ela estava sozinha. Uma pontada de medo se contorceu em seu estômago novamente, mas ela a reprimiu. Isso não ajudaria.

O movimento a assustou, e ela pulou para encontrar uma raposa de inverno espiando de dentro das árvores.

"O inferno de Hammel," ela disse sem fôlego. "Você me assustou."

Seu pelo branco se misturava com a neve, e suas orelhas de pontas pretas balançavam para frente e para trás. Uma beleza fascinante com uma atração sobrenatural pairava sobre ele, e seus olhos brilhantes e dourados olhavam para ela com profunda curiosidade. Por um momento, ela se esqueceu de estar perdida — mas apenas por um momento.

Ele deu um chilrear e trotou para longe entre as árvores. *Que peculiar* .

Mas sua mente não ficou com a raposa por muito tempo; ela tinha assuntos mais urgentes. Ela passou rapidamente pelas árvores enquanto seu pulso acelerava novamente, e novamente, ela resistiu à vontade de correr. Não havia nada de onde fugir, e nenhum lugar para onde correr, mas isso a acalmou apenas um pouco.

Ela mudou sua atenção para si mesma. O azul frio de seu vestido, em camadas sob uma capa branca esfumaçada, combinava com o mundo de inverno ao seu redor. Suas mangas corriam longas sobre as costas de suas mãos. Uma delicada corrente pendia de seu pescoço, e ela estendeu a mão para sentir um pingente redondo em seu peito. Ela correu as pontas dos dedos sobre sua borda trançada enquanto olhava atentamente para a imagem em relevo em seu centro: um falcão de inverno. Certamente significava alguma coisa, mas o quê?

Voltando-se para os arredores, ela avistou uma abertura na floresta e seguiu em direção a ela. Quando chegou lá, viu-se olhando para as colinas ondulantes de um prado aberto, onde grupos de árvores esporadicamente quebravam o mar branco. O brilho do inverno brilhou forte contra seus olhos, e ela apertou os olhos.

Ela procurou por sinais de uma vila ou cidade: uma estrada, trilhas na neve, fumaça contra o céu — qualquer coisa. Mas apenas o inverno estava até onde os olhos podiam ver.

Um chilrear soou atrás dela, e ela se virou para ver a raposa novamente. Ele deu um pequeno bufo.

"Você voltou, não é?"

O que ele queria? Ele trotou para dentro da floresta, como se acenasse para ela ir mais fundo nas árvores, mas então parou para olhar por cima do ombro. Ele sacudiu o rabo, aparentemente agitado.

"O que você está fazendo?" ela chamou. A presença dele era uma distração bem-vinda do pânico ameaçador sobre sua situação. "Você não vê que eu tenho meus próprios problemas?" Ela suspirou, mas enquanto olhava para o animal, um pequeno sorriso surgiu em seus lábios. "Você está aqui para me ajudar, raposinha?"

Ele inclinou a cabeça ao ouvir a voz dela e então saiu voando novamente, leve como os flocos de neve ao seu redor.

Coisinha engraçada . Ele queria que ela o seguisse? Ela balançou a cabeça. Isso era bobagem. Ela correu os olhos pela orla da floresta e depois voltou para o prado. O prado parecia sua melhor opção; ela teria melhor visibilidade e possivelmente um melhor senso de direção.

Ela olhou para trás para ver a raposa novamente. Ele inclinou a cabeça para o lado mais uma vez e sacudiu as orelhas.

"Você quer vir junto?", ela perguntou, acenando em direção ao prado. "Eu apreciaria a companhia." Os deuses sabiam que essa distração peluda era a única coisa que a impedia de perder seu último resquício de calma.

Ele contornou um matagal gelado na base de uma grande árvore, observando-a de dentro.

Falar com uma raposa era bobagem. Fingir que a raposa tinha uma mente racional e a entendia era bobagem. Mas ele era fofo, e ela supôs que poderia se permitir um pouco de bobagem para ajudar a aliviar sua circunstância.

"Tem certeza de que não quer vir?"

Ele não se moveu do matagal.

Ela deu de ombros. "Tudo bem. Bem, adeus, raposinha." Ela lhe deu um último sorriso e então saiu para o inverno aberto.

Agora, longe da floresta e do escudo das árvores, ela estremeceu quando o vento lhe mordeu a pele. Ela puxou o capuz grosso de sua capa, mas isso fez pouco para aquecê-la. Seus olhos ardiam, e seus dedos doíam de frio.

Seu passo diminuiu na neve mais funda do prado aberto. Duas vezes ela tropeçou em pedras escondidas. Talvez seguir a linha das árvores ao longo da floresta pudesse ter sido melhor.

Ela não conseguia controlar o tremor agora, e forçou os olhos e a mente apenas no caminho à frente. O primeiro aglomerado de árvores não estava muito mais longe, e seria um pequeno alívio das rajadas de ar gelado. Suas pernas queimavam enquanto ela avançava. Ela alcançou o pequeno grupo de árvores e se aninhou contra a casca áspera, esfregando os braços por baixo da capa para estimular um pouco de calor. Como ela conseguiu se meter no meio de uma floresta congelada? De onde ela veio? Seu vestido era bem feito; ela parecia bem arrumada. Certamente ela não tinha ficado fora por muito tempo, o que, ela esperava, significaria que alguém estaria procurando por ela e poderia encontrá-la em breve.

“Você parece perdido”, uma voz grave chamou.

Ela pulou e se virou para ver um homem corpulento encostado em um pinheiro nodoso. Ele usava uma jaqueta de inverno puída forrada em pele emaranhada e uma adaga presa na cintura. Seu cabelo desgrenhado caía irregularmente sobre sua testa suja, e ele deu um sorriso de dentes podres. Ele balançou seu peso para fora da árvore e caminhou pesadamente em direção a ela.

Um arrepio percorreu sua espinha. “Oh, estou bem,” ela disse, tentando esconder seu desconforto com um sorriso educado. Sua mente correu em busca de defesas. “Perdi meu cavalo no meu passeio matinal, mas sei que meus irmãos estão me procurando e chegarão em breve.”

Ele coçou os pelos heterogêneos em sua bochecha sem barbear e deslizou seu olhar para baixo e para cima em seu corpo. Seu sorriso se alargou. "Que coincidência", ele disse asperamente. A neve estalava sob o peso de seus passos enquanto ele se aproximava. "Meus irmãos devem chegar em breve também. E eles adorariam conhecer você."

Seu coração batia mais rápido. Escapar seria difícil em campo aberto. Ela engoliu o pânico subindo em sua garganta. Ela precisava manter seu juízo sobre ela.

“Tenho certeza de que são adoráveis, mas eu deveria estar indo.” Ela recuou lentamente, posicionando-se para fugir, mas ele cambaleou para frente e agarrou seu pulso, impedindo sua fuga.

“Não posso deixar você fazer isso.”

“Tire as mãos de mim!” ela exigiu, tentando se afastar dele.

Ele deu uma risada macabra.

Ela lutou contra o aperto dele, golpeando com a mão livre, mas suas camadas grossas frustraram sua defesa. Ele a puxou para mais perto, e o cheiro pútrido de sua respiração — um fedor vil e podre — encheu suas narinas. Ela levantou a mão rapidamente e passou as unhas pela pele exposta do rosto dele. Ele cambaleou para trás, rosnando de dor, e ela cravou os dentes na carne dos dedos dele. Ele perdeu o controle, e ela se afastou.

Tudo dentro dela gritava para correr — dessa vez com razão.

Ela correu de volta para a floresta. Seu coração disparou, fazendo a energia correr por ela e lhe dando uma explosão de velocidade. Suas maldições enfurecidas ecoaram pesadamente logo atrás, e ela temeu não conseguir chegar até as árvores. Seus pulmões ardiam a cada inspiração gelada; suas pernas imploravam para que ela parasse. Mas ela se esforçou mais, tossindo para respirar enquanto corria.

Seus rosnados ficaram mais fracos, e ela finalmente ousou espiar para trás. Ela tinha ganhado um pouco de distância dele. Ele era rápido para seu tamanho, mas ela era mais rápida. Seu corpo cansado, desacelerando, mas seu medo a manteve em movimento. Ela não conseguia sentir seus pés e preocupada em cair — ela *precisava* chegar à floresta. Quase lá, ela se esforçou para decidir o que fazer a seguir. A neve entregaria sua posição. Ela teria que correr mais rápido que ele. Ela olhou para trás novamente e, para seu horror, avistou não apenas seu agressor, mas mais três homens um pouco atrás dele.

Alcançando a linha das árvores, ela avançou para dentro da floresta. Enquanto ela fugia mais para dentro da floresta, tudo ficou quieto atrás dela. Ele tinha parado? Ele estava esperando por seus amigos? Ela olhou ao redor desesperadamente. Seu corpo não conseguia mais correr, e as árvores perenes de galhos altos davam poucas oportunidades para subir e se esconder. Ela não conseguia ver seus perseguidores, mas o som de suas vozes lhe disse que eles tinham se juntado na orla da floresta.

Ela fez uma pausa enquanto corria por suas opções. De repente, a pequena raposa apareceu novamente, sentada calmamente em uma árvore caída.

“Você de novo”, ela disse, ofegante enquanto olhava ao redor e tentava racionalizar um plano. “Qualquer ajuda seria muito apreciada”, ela acrescentou. As orelhas dele se animaram enquanto ele a observava.

Estúpida , ela se repreendeu. Agora não era hora de falar com uma raposa.

Ela acelerou o passo novamente, fugindo mais para dentro da floresta. A neve mais leve tornava sua trilha menos perceptível. Ela viu uma crista à frente e saltou em sua direção. Um riacho congelado estava abaixo, protegido da neve por suas margens. Seu pulso acelerou enquanto suas chances de iludir seus perseguidores aumentavam marginalmente. Ela deslizou para baixo no gelo, tentando não perturbar muito a margem nevada, e seguiu seu caminho ao longo da água congelada, mas ainda assim não a escondia. Se eles chegassem ao riacho, eles a veriam.

Ela notou uma alcova escavada ao longo da margem do riacho. Embora fosse pequena, ela a esconderia. Se tivesse sorte, poderia esperar até que eles seguissem em frente. Ela rastejou para dentro da cavidade, puxando suas saias firmemente ao redor de si e tentando acalmar sua respiração difícil.

A floresta ficou quieta. Ela esperou. Ninguém veio. Ela esperou mais. Ainda assim, ela não ouviu nada, mas sabia que era melhor não se aventurar.

Um galho quebrou ali perto.

Seu coração batia forte no peito. Uma onda de medo tomou conta dela, e ela amaldiçoou sua escolha de se esconder. Ela deveria ter continuado correndo. Agora ela só podia esperar e torcer para que não a encontrassem.

“Onde você está, querida?” uma voz doentia chamou. “Eu sei que você me ouve.”

“Alke, não deveríamos estar aqui,” uma segunda voz respondeu. “Não vale a pena. Deveríamos simplesmente deixá-la.”

“Cale a boca, seu covarde! Não vou embora sem aquela vagabunda.”

Ela reprimiu um grito que surgiu em sua garganta.

“Há muito pior do que eu nesta floresta”, ele gritou para ela. “Seja esperta, saia.”

Seu companheiro riu.

O ar ficou quieto novamente. Ela apurou os ouvidos, mas não ouviu nada. Ainda assim, ela esperou. Ela não era tola o suficiente para pensar que eles tinham ido embora. Suas pernas ficaram tensas nos confins apertados, mas ela não ousou se mover.

De repente, uma mão se abaixou e agarrou seu braço. Ela soltou um grito enquanto ele a arrastava para fora de seu esconderijo.

"Peguei você", o bruto sussurrou, dessa vez segurando-a à distância de um braço para evitar seu ataque defensivo.

“Me solte!” ela gritou, se contorcendo contra ele.

Seu companheiro, parecendo igualmente desgrenhado, riu ao lado dele, mas não havia sinal dos outros dois. Onde eles estavam?

“Nós a pegamos!”, seu captor berrou por cima do ombro, e ela percebeu que os outros tinham ficado na beirada da floresta. Eles deram alguns gritos comemorativos e pediram para os amigos saírem logo enquanto ele a arrastava de volta para eles.

“Me solte!” ela gritou novamente enquanto lutava, desesperadamente lutando contra ele, mas ela não conseguia igualar sua força. Ele deu uma risada rouca e a puxou junto.

“Alke,” o segundo homem chamou atrás deles, mas seu captor a arrastou, muito fascinado com sua captura.

“Alke!” A voz do homem ficou mais urgente agora, o suficiente para chamar até mesmo a atenção dela.

O homem que a segurava olhou por cima do ombro com um olhar rosnador. “Sacuda, cara. Vamos.”

Mas algo estava errado. Seu companheiro não se moveu.

“Bullo, vamos lá”, seu captor gritou, ficando impaciente.

Mas o homem ainda não se moveu. Seus lábios tremeram.

“Boi?”

O homem tirou uma adaga do cinto com as mãos trêmulas e levou a lâmina ao próprio pescoço.

Ela interrompeu sua luta para se libertar enquanto um medo crescente a invadia.

Os olhos do seu captor se arregalaram. “Bullo, o que você está fazendo?”

O rosto de Bullo se contraiu, suas veias saltaram em suas têmporas. “Alke!”, ele gritou para seu amigo em terror. “Ajude-me—”

Mas a lâmina cortou suas palavras enquanto ele cortava sua própria carne. Ela deu um suspiro aterrorizado, mas conteve um grito. Bullo cuspiu enquanto engasgava por ar. Sangue espirrou na frente de suas peles emaranhadas, caindo no chão e colorindo a neve ao redor. Ele cambaleou para a frente, então desabou com um gorgolejo no chão da floresta.

“Bullo!”, gritou seu captor, e se moveu em direção a ele. Então ele parou de repente. Ele soltou o pulso dela, mas ela ficou congelada, aterrorizada demais para correr. Ele olhou

para ela enquanto seu rosto se contorcia, seus olhos se arregalando de medo. “Bruxa!”, ele rosnou.

Ela cambaleou para trás. Ele mostrou os dentes podres enquanto puxava sua própria adaga do cinto. Ela deu outro passo para trás, balançando a cabeça. O que estava acontecendo?

“Bruxa!” ele gritou.

Seus companheiros gritaram para ele da linha das árvores, suas vozes o chamando urgentemente para sair da floresta, mas eles não entraram. Por que eles não vieram?

Ele levantou sua adaga, e o terror a percorreu. Ele a culpou, e ele iria matá-la.

“Não, por favor!” ela gritou.

Ambos soltaram um grito quando ele balançou a adaga para dentro de si mesmo e a enfiou em seu próprio estômago. Ele caiu de joelhos, e ela cambaleou para trás.

“Bruxa!” ele gritou, então ele puxou a lâmina de sua barriga e a balançou novamente, afundando-a de volta em seu intestino. Ela cobriu sua boca e assistiu com horror enquanto seus gritos morriam, e ele caiu para frente no chão da floresta, encharcado em seu próprio sangue.

“Alke!” os dois homens berraram da linha das árvores. “Alke! Bullo!”

Mas eles ainda não entraram.

Sua respiração chorosa estava incontrolável agora.

O ar ficou quieto. Os outros tinham fugido? O homem chamado Bullo tinha medo — mas de quê? O que quer que tenha matado esses homens certamente viria atrás dela em seguida. Ela esperou, suas lágrimas congelando em seu rosto.

Mas nada aconteceu. Silêncio estava ao redor dela, quebrado apenas pelo som de sua respiração irregular.

Um leve farfalhar a fez pular, e ela se virou para ver a raposa sentada em um toco. Ele inclinou a cabeça.

Um pensamento aterrorizante a atingiu. “Você fez isso?” ela sussurrou.

Não . Isso era ridículo. Mas se ele não fez, o que fez? O animal balançou o rabo, esperando.

Ela se levantou, tremendo de frio ou de terror. Talvez ambos. Enquanto olhava para os homens mortos, seu medo a incitou a fugir, mas ela estava sozinha e precisava de uma arma. A mão sem vida de Bullo ainda segurava sua adaga ensanguentada. Ela se aproximou cautelosamente, quase temendo que ele voltasse à vida. Esgueirando-se para frente, ela

agarrou a adaga pela lâmina para não tocá-lo e então se arrastou para trás em uma retirada apressada. Estava pegajoso com o sangue dele e seu estômago embrulhou. Ela limpou o máximo que pôde no chão congelado e então olhou de volta para a raposa.

"Isso é loucura," ela sussurrou trêmula, "mas estou sem ideias. Se você quer que eu siga, então vá logo. Leve-me para longe daqui."

Ele saltou para frente, finalmente feliz com a obediência dela, e ela o seguiu.



Capítulo dois

Ela seguiu a raposa para o norte, respirando fundo o ar do inverno para se acalmar, mas a calma não vinha. Sangue ainda manchava suas mãos. Medo ainda manchava sua mente. O que tinha acontecido com os homens na floresta a assombraria. Mas o que *tinha* acontecido?

Ela olhou para a raposa cautelosamente. Ele tinha estado lá…

Ele trotou ao lado dela, parando para atacar qualquer coisa que parecesse algo para brincar ou um lanche saboroso.

“Você parece estar lidando com toda essa situação muito bem.” Sua voz ainda tremia levemente. “Melhor do que eu.”

Ele bateu a ponta de um pedaço de pau acima da neve com a pata e então foi para o próximo.

"Quero dizer, você não fugiu. Você nem parece... incomodado, na verdade."

Porque ele era uma *raposa* , com uma memória crepuscular, e provavelmente nem se importava. E ainda assim…

Ela estreitou os olhos para ele. “Você pode ver como isso pode levantar uma questão… seu envolvimento…”

O animal correu para baixo de um arbusto na base de uma árvore e se arrastou para trás antes de sair de lá. Ele nem parecia se lembrar que ela ainda estava lá, muito menos era capaz de dominar as mentes de seus atacantes e forçá-los a se matar. Era uma noção ridícula, e ela rapidamente afastou o pensamento de sua mente. Mas se não era a raposa, o que tinha vindo para aqueles homens? E por que não tinha vindo para ela?

E agora aqui estava ela, seguindo essa raposa — admito que não era a ideia mais sensata, mas ele era tudo o que ela tinha no momento. Ele era tudo o que ela conhecia. E ele ajudou a acomodá-la.

“Se você está aqui para me ajudar, talvez você possa fazer algo útil? Talvez cavar uma toca para eu dormir?”

Ele parecia alheio a ela agora.

Ela olhou para o céu da tarde que desaparecia. “Uma toca quente, com uma fogueira e cobertores de pele.” Ela precisaria de abrigo em breve. E comida. “Talvez você possa me encontrar algo para comer? Ou me levar para um castelo com um banho quente e um banquete de pão assado e com mel?”

Ele inclinou a cabeça. Ela teria sorrido se não estivesse tentando tanto conter o pânico que crescia dentro dela.

“Você é bonitinha. Mas estou começando a achar que você também está perdida.” Ela examinou as árvores ao redor. Não parecia que ela encontraria abrigo tão cedo, e ela estremeceu quando o frio afundou em seu âmago. Ela puxou o capuz de sua capa para cima, cobrindo sua cabeça para mais calor. “Estou pronta para aquela toca agora.”

O animal a ignorou e farejou ao redor de uma grande pedra. Ela franziu os lábios enquanto tentava não deixar o desespero dominá-la. Foi tolice ter seguido uma raposa. Ela não estava nem perto de melhorar sua situação, e o dia estava acabando. O medo voltou a rastejar dentro dela, e as lágrimas ameaçavam.

“Não seja tão dramática”, ela sussurrou para si mesma enquanto voltava sua atenção para o que fazer em seguida. A proteção das árvores mantinha o vento afastado. Ela poderia fazer uma fogueira para se aquecer, e ela se lembrou de que as pessoas não morriam de fome imediatamente. Seus nervos começaram a se acalmar.

De repente, a raposa parou. Ele se agachou, sacudindo as orelhas para a frente, depois para trás. Seu nariz testou o ar, e o pulso dela acelerou. Ele achatou as orelhas contra a cabeça com os pelos eriçados, soltou um rosnado baixo, e então se virou e correu de volta pelo caminho que tinham vindo.

Ela apertou sua adaga roubada com mais força enquanto seu medo ressurgia. Dois homens mal-intencionados ainda espreitavam. Eles tinham retornado? Ela ficou congelada, ouvindo e vasculhando as árvores em busca de qualquer movimento.

Tudo estava quieto.

Ela estava sozinha.

Ela soltou o ar. Raposa volúvel, pensou, sentindo-se tola por ter acreditado que ele a estava levando a algum lugar. Ela havia desperdiçado um tempo precioso.

Nesse momento, um som chamou sua atenção. Ela parou, esforçando-se para ouvir de que direção vinha. Ele ecoou pela floresta novamente — um baque farfalhante — mais perto agora, e ela espiou por entre as árvores. Ao avistar movimento, seu coração pulou na garganta. Seus olhos se estreitaram, focando.

Um animal.

Um cavalo.

Um cavalo com um cavaleiro. Um homem. Aproximando-se.

Ela se abaixou e se esgueirou até uma grande árvore, mas não estava exatamente escondida. O melhor que podia fazer era não chamar atenção e deixá-lo passar despercebido. Ela agarrou a adaga com mais força e se elogiou por pegá-la.

O cavaleiro se aproximou, e ela se esgueirou para fora de vista e esperou, ouvindo as batidas dos cascos do cavalo dele. Conforme elas ficavam mais altas, ela o colocou a apenas alguns metros de distância. Um pouco mais e ele passaria por ela. Ela recuou ao redor da árvore para ficar escondida, mas seu ombro pegou um pequeno galho, e seu estalo ecoante quebrou o silêncio da floresta.

O barulho dos cascos parou.

Seu coração disparou.

O som do aço a fez estremecer quando ele puxou a espada da bainha, e ela apoiou as costas na árvore. Sua mente gritou para ela correr, mas seu corpo ameaçou desistir. Ela não tinha energia; ele a pegaria.

Com animais na floresta, o som poderia ter vindo de qualquer lugar — se ele ao menos acreditasse nisso. Ela rezou para que ele seguisse em frente. Esperar pareceu uma eternidade.

Ela se esforçou para ouvir, mas mal conseguia ouvir por causa do martelar do coração em seus ouvidos. Ele tinha ido embora?

Lentamente, ela olhou para o outro lado da árvore. Seu coração parou quando ela viu o cavalo.

Ficou sem seu cavaleiro.

Ela recuou rapidamente, mas engasgou ao colidir com uma figura atrás dela — uma figura muito firme. E muito masculina. Girando, ela tropeçou, mas ele a segurou. Ela se afastou e chicoteou sua adaga em seu pescoço.

Ele não se moveu para contra-atacar. Em vez disso, ele estendeu os braços, com a espada apontada para baixo, cedendo.

“Não quero problemas.” Ela tentou soar o mais feroz que pôde.

Seus olhos se arregalaram enquanto ele respirava fundo. “Norah?” ele sussurrou.

Ele a chamou de um nome? Era o nome *dela* ? O peito dela apertou. Ela o conhecia?

Ela puxou o capuz de sua capa enquanto dava um passo para trás, com o braço ainda estendido e ameaçando usar a adaga. Eles apenas se encararam.

Seu cabelo loiro era curto, mas não muito curto. Seu maxilar quadrado tinha a sombra de uma barba enquanto afinava em direção ao queixo, embora ela pudesse dizer que ele era um homem tipicamente barbeado. Ele usava uma armadura leve sobre uma jaqueta grossa — ele era um soldado de algum tipo. Suas calças justas encontravam botas polidas, e prata enfeitava sua bainha. Ele não era como os homens que a perseguiram antes. E havia algo nele...

Ele deu um passo mais perto, e ela se moveu para trás, segurando a adaga. “Já é longe o suficiente!” ela avisou.

Seu rosto se contorceu em confusão. “Norah?”, ele disse novamente. Ele deu outro passo em direção a ela.

“Pare!” ela exigiu, segurando a adaga na frente dela. “Não chegue mais perto.” Ele já estava perto demais.

Ele olhou para a lâmina e depois de volta para ela. “Você não me reconhece? Sou eu, Alexander.” Seus olhos tinham o brilho de uma lágrima. “Norah, sou eu.”

Nenhuma lembrança veio enquanto ela o estudava. Ela não tinha nenhuma lembrança de seu rosto, sua testa preocupada, seus olhos. Nenhuma lembrança de seu nome. No entanto, ele parecia conhecê-la...

O alívio a inundou, mas ela o segurou de volta. Ela não estava tendo a melhor sorte em encontrar estranhos confiáveis na floresta. Ele levantou a mão em pausa, então deslizou sua espada de volta para a bainha sem tirar os olhos dela. Ela suavizou sua postura, mas não abaixou a lâmina. Um rosto bonito não tornava alguém confiável.

“Você sabe quem eu sou?” ela perguntou, ainda cautelosa.

“Claro,” ele disse com a respiração entrecortada. “Eu te reconheceria em qualquer lugar.”

“E quem sou eu, exatamente?” Se ele a chamasse de bruxa, ela o esfaquearia.

Suas sobrancelhas se juntaram. “Você não sabe?”

Se ela soubesse, não estaria perguntando, mas ela reprimiu o estalo de palavras em sua língua. A emoção vidrou seu rosto, trazendo uma agitação dela também. Seu coração disparou enquanto ela balançava a cabeça.

Ele hesitou, mas então perguntou: "E você não sabe quem eu sou?" Sua voz ficou ainda mais suave.

Ela balançou a cabeça novamente. “Não.”

Ele estremeceu e então olhou para o chão por um momento. Então ele engoliu em seco.

“Quem sou eu?” ela insistiu.

Os olhos dele encontraram os dela novamente, e eles queimaram em um azul brilhante. “Você é Norah Andell… de Mércia, o Reino do Norte.”

Norah Andell . Um nome estranhamente familiar para ela, mas não. Lentamente, ela abaixou a adaga.

“Eu estava procurando por você.” Ele olhou para as mãos dela, e sua testa franziu. “Você está sangrando. Você está machucada?”

Acorrentada em sua perplexidade, ela não se moveu enquanto ele avançava e pegava suas mãos nas dele, mas seu toque a fez pular. "Hum, não", ela disse, se afastando. "Não é meu." Ele estava tão perto dela agora. Perigosamente perto. Mas ele não se sentia perigoso. Ele se sentia seguro, e...

Não . Ela não conhecia esse homem. Então algo chamou sua atenção. O peitoral de sua armadura tinha um emblema em relevo — *um falcão de inverno* — o mesmo que o pingente em volta do pescoço dela. Ela levou a mão ao peito e apertou os dedos em volta dele. "Quem é você?"

Sua testa se abaixou. Ele fez uma pausa antes de dizer: “Eu sou Alexander Rhemus, lorde justiça da rainha regente. Norah, ela estava esperando seu retorno. Todos nós estamos.”

Isso não fazia sentido. “A rainha regente? Por quê?” Por que uma rainha regente estaria esperando por ela?

“Porque você é neta dela.”

Seu pulso acelerou. Sua neta? Ela balançou a cabeça. "Não, isso não pode estar certo." Uma neta de rainha não estaria vagando sozinha em uma floresta. "Isso não pode estar certo," ela disse novamente.

“Eu te digo a verdade, mas, Norah”—ele olhou ao redor—“nós deveríamos ir. Eu posso explicar tudo no caminho, mas agora, nós precisamos sair da Natureza.”

Ela deu um passo para trás. Ela não iria a lugar nenhum com ele. Ainda não. “Como eu cheguei aqui?”

Ele balançou a cabeça. “Eu não sei.”

Os olhos dela se estreitaram. “Então como você sabia onde eu estava?”

“Não, exatamente,” ele respondeu com uma inclinação de cabeça. “Eu estava procurando pelo que vi em uma visão.”

Ela levantou uma sobrancelha. “Você teve uma visão, e você simplesmente montou em um cavalo e veio me encontrar no meio de uma floresta?” Nenhuma pessoa racional faria isso.

“Não qualquer floresta — a Selvagem. Mas sim.”

Ela não sabia o que isso significava, mas era o mínimo que ela precisava de resposta. “Isso é loucura.”

“Mas… você está aqui,” ele rebateu. “E nós realmente precisamos ir. Não é seguro aqui.”

Ela deu outro passo para trás. “Por quê?” Até onde ela sabia, a floresta a mantinha segura de estranhos aleatórios.

“O Selvagem não é gentil com aqueles que invadem.”

Foi isso que aconteceu com os dois homens antes? Mas não fez nada com ela. Talvez isso fosse um estratagema para fazê-la ir com ele. Se ela era quem ele disse, como ela tinha vindo a vagar sozinha em uma floresta, afinal? Talvez ela tivesse fugido. Talvez ela não quisesse voltar. Ela esbarrou em uma árvore atrás dela.

“Há quanto tempo estou fora?” Ela não podia ter ficado fora por muito tempo. Seu vestido não estava muito sujo, além da queda, e seu cabelo estava desembaraçado e bem cuidado.

Ele soltou um suspiro curto, perplexo. “Você não se lembra de nada?”

Ela engoliu o nó que se formava em sua garganta. “Não.”

Ele olhou para ela. “Você se foi há três anos.”

Sua respiração estremeceu, e ela agarrou a árvore atrás dela para se firmar. "Três anos?" Ela balançou a cabeça. Isso não era possível. Como alguém, especialmente a neta de uma rainha regente, poderia simplesmente desaparecer por três anos?

Ele olhou ao redor deles novamente. “Norah, por favor. Temos que ir.” Ele estendeu a mão. “Você me deixa te levar para casa? Sua avó está no castelo.”

Castelo . Ela olhou ao redor procurando sua raposa. Seus pensamentos estavam em tom de brincadeira, mas talvez ele realmente a estivesse levando para um castelo. Melhor do que uma toca.

“Não chegaremos até amanhã”, Alexander disse a ela. “Mas há uma velha propriedade onde podemos chegar antes de escurecer. Não é muito, mas é um abrigo com um lugar para uma fogueira.”

Ela ainda lutava contra a incerteza, tentando absorver tudo e buscando clareza sobre sua situação. Mas ela precisava de abrigo e fogo. E ainda assim, havia algo nele...

"Norah," ele implorou, "você me conhece. Você pode não se lembrar ainda, mas eu me lembro. E seu povo se lembra. Eles estão esperando por você há muito tempo."

O povo dela . Ela sabia que ele queria dizer isso para tranquilizá-la, mas isso só trouxe mais ansiedade. Tanta responsabilidade. Se as pessoas estivessem realmente esperando por ela, elas esperariam algo dela, precisariam de algo dela, e o que ela poderia dar se não conseguisse se lembrar?

E ela poderia confiar neste homem? Ela se mexeu, olhando para o emblema do falcão de inverno em seu peitoral novamente, então para o cabo dourado de sua espada. Ele certamente não era o mesmo que os homens mal-intencionados de antes. Era quase noite, e tinha começado a nevar. Ela não conseguia ver outra escolha. Ela teria que confiar neste estranho — este estranho que a conhecia. Lentamente, ela assentiu.

Com um pequeno suspiro de alívio, ele conduziu seu cavalo até a frente dela e estendeu a mão. "Posso?"

Ela olhou para ele cautelosamente. "Eu consigo."

O canto dos seus lábios se ergueu e ele assentiu gentilmente.

Ela sentiu os olhos de Alexander sobre ela enquanto subia no cavalo. Seu vestido tornava seus esforços menos elegantes do que ela esperava, mas ela conseguiu se acomodar de lado na sela, com a adaga ainda na mão.

O animal, um cavalo de guerra treinado, permaneceu firme, mas Alexander o segurou como se não confiasse em nada. Ele esperou até que ela lhe desse um aceno. Então, com um último olhar ao redor, ele os guiou de volta pelo caminho que tinha vindo.



Capítulo três

Ela não o conhecia …

Alexander conduziu seu cavalo além da linha das árvores, para fora da floresta densamente arborizada, e para o norte, para as colinas cobertas de neve. Uma pequena sensação de alívio o preencheu ao sair da Natureza e se afastar de seus perigos, mas durou pouco. Ele preferia enfrentar esses perigos do que aceitar as circunstâncias diante dele agora.

Três anos . Três anos ele esperou pelo dia em que a veria novamente, e ela nem o conhecia. Uma dor apertou seu peito, mas ele lutou para ignorá-la. Mais tarde. Ele lidaria com isso mais tarde, depois que a colocasse em segurança. Depois que a levasse para casa.

Saindo da floresta, ela puxou seu manto mais apertado ao redor de si e ficou ainda menor na sela de seu corcel gigante, como se estivesse relutante em sair. Seus olhos varreram cautelosamente as colinas abertas, como se ela não soubesse que estava cruzando para a segurança. Como se ela preferisse ficar no lugar mais perigoso do mundo.

Algo aconteceu com ela. O sangue em suas mãos…

"Você vai me contar o que aconteceu?" ele perguntou.

Seus lábios se separaram, e ela olhou para a adaga que segurava. Então ela engoliu em seco.

"Quando você estiver pronta", ele acrescentou. Obviamente tinha sido traumático para ela. Seu peito apertou. Ele deveria ter vindo antes. Se ao menos ele soubesse.

Pelo menos ela não estava fisicamente machucada. Na verdade, longe disso. Ela parecia bem cuidada. Ela tinha estado na Natureza todo esse tempo? Não, isso era impossível. Então, onde ela *tinha* estado, e como ela foi parar na Natureza?

Ele não conseguia evitar que seus olhos vagassem de volta para ela enquanto conduzia seu corcel pelas colinas. Ele estava com tanto medo de que tudo fosse um sonho, com medo

de que nada fosse real. Quando ele olhou para trás e a viu observando-o, ele forçou seu olhar para frente novamente.

“Como é que me perdi?”, perguntou ela, finalmente quebrando o silêncio.

Ele olhou de volta para ela. Ele ainda não conseguia acreditar que finalmente a tinha encontrado. A pergunta dela... Ele forçou sua mente a se concentrar. Por onde começar? Não havia uma resposta fácil, mas ele disse a ela que explicaria, e ela estava esperando. "Estávamos em guerra", ele disse. "Seu pai levou você embora. Para algum lugar seguro."

Ela se endireitou. “Meu pai?”

“Rei Aamon.” Um dos maiores reis que Mércia já conheceu.

“Você vai me levar até ele?”

O coração dele se apaixonou por ela, e ele parou. “Não, Norah.” Ele estava temendo o dia em que ela descobriria isso. “Ele morreu na guerra, logo depois que você partiu, na Batalha de Bahoul.”

Ela se acalmou, e sua garganta se moveu com uma engolida difícil. Ela tinha sido próxima do pai. Talvez fosse misericordioso que ela não se lembrasse agora. Apesar disso, não havia como confundir a tristeza em seus olhos.

“Sinto muito,” ele disse suavemente. “Ele era um bom homem e um grande rei, e ele te amava muito.”

Ela baixou os olhos, mas para nada em particular. Quando os levantou, eles estavam brilhando. “E se minha avó é rainha regente, então minha mãe…” Suas palavras sumiram.

“Ela morreu no parto. Você nunca a conheceu.”

Ela se aquietou. A raiva o percorreu — quão cruel o destino foi ao lhe dar a perda antes mesmo que ela se encontrasse. Quão cruéis os deuses.

Lentamente, ele os fez avançar novamente.

“Como nos conhecemos?” ela perguntou.

Ele vacilou diante da pergunta dela, olhando de volta para ela pelo canto do olho. Ele ainda não conseguia aceitar ser um estranho para ela, mas se forçou a responder. “Nós nos conhecemos desde que éramos crianças. Sou filho de Beurnat Rhemus de Northridge — Beurnat, o Urso — que era o senhor da justiça e braço direito do seu pai. Minha família serviu Mércia e a coroa por doze gerações.” Ele olhou de volta para ela. “Está no meu sangue proteger você e o reino.”

Isso pareceu acalmá-la um pouco. Ele estava feliz por poder lhe dar alguma sensação de conforto.

O passo deles diminuiu na neve mais funda, mas ele continuou com maior urgência. Eles precisavam chegar à propriedade ao cair da noite, antes que a escuridão e o frio de verdade os dominassem.

“Estou sozinha, além da minha avó?” ela perguntou.

“Você tem um primo, embora não se conheçam bem. Nenhuma outra família.”

Ele olhou para trás e percebeu a sugestão de uma carranca nos lábios dela. “Mas você não está sozinha”, ele acrescentou. “Haverá muitos para ajudá-la. Sua avó é uma mulher forte que tem grande sabedoria e o respeito do povo. Ela a guiará, junto com os membros do Conselho Mércio. E”—ele fez uma pausa—“você terá um lorde justiça.”

As sobrancelhas dela se juntaram. “E o que é um lorde juiz?”

Apenas o dever de sua vida. Mas ele deu um pequeno sorriso. Ele não estava ofendido. “Um juiz fornece conselhos e comanda seus exércitos. Executa sua vontade. Um juiz é sua mão direita.”

“Será você?”

Ele se apresentou com esse título, mas... "Eu sou a justiça da rainha regente, que mantém Mércia em segurança até seu retorno. Após sua coroação, você selecionará uma justiça de sua própria escolha." E ele não era tão ousado a ponto de presumir que ela o escolheria, especialmente não agora.

O sol se pôs e só restava sua luz fraca. Uma onda de alívio o preencheu quando ele finalmente avistou a pequena casa à distância.

“Você tem família?” ela perguntou.

Um sorriso surgiu em seus lábios. “Eu tenho um irmão mais novo, Adrian. Você o verá no castelo novamente — ou melhor, o conhecerá,” ele se corrigiu. “Ele sentiu sua falta.”

“Parece que estávamos perto?”

Ele assentiu. “Você era muito como uma irmã para ele. Ele ficará incrivelmente feliz em ver você.”

“Imagino que será difícil para ele que eu não me lembre.”

Seus passos diminuíram, e ele engoliu em seco. Seu próprio coração sofreu o mesmo. *Era* difícil. O mais difícil. Ele reprimiu a dor e forçou um sorriso. “Mesmo que você *se* lembrasse dele, você não o reconheceria. Ele tem dezenove anos agora, quase vinte, tão alto quanto eu, e está treinando para a guarda.”

“Quantos anos eu tenho?”

"Vinte e cinco."

“E você?” Ela se mexeu na sela, como se de repente sentisse que suas perguntas eram muito indiscretas.

“Vinte e nove,” ele respondeu prontamente. Ele contaria a ela qualquer coisa sobre si mesmo, especialmente considerando que ela já sabia tudo sobre ele. Ou ela costumava…

Ela puxou o lábio entre os dentes, do jeito que fazia quando estava quebrando a cabeça. “Você realmente acreditou que eu voltaria? Depois de todo esse tempo?”

Ele lançou-lhe um olhar de surpresa. “Por que eu não faria isso?”

“Três anos que estive fora. Eu poderia estar morto.”

“Mas você não estava. E não sabíamos que seriam três anos. Cada vez que eu procurava por você, eu pensava que te encontraria. Mas os dias viraram meses, e os meses viraram anos.”

“Você me procurou esse tempo todo?”

Alexander olhou para ela novamente. “Claro que sim.”

Os olhares deles se encontraram, e ele não conseguiu desviar o olhar dessa vez. A boca dela se abriu levemente, e ela respirou fundo.

O coração dele batia mais rápido. Ela se lembrava de algo?

Mas ela quebrou o aperto e olhou para as colinas. “Por que meu pai me levou embora? Você disse que estávamos em guerra?”

Ele não respondeu imediatamente. Ele lhe contaria qualquer coisa, mas temia que algumas coisas pudessem ser demais, muito cedo. “Sei que você tem muitas perguntas”, ele disse por cima do ombro. “Mas eu deveria deixar algumas dessas respostas para sua avó. Ela vai querer compartilhá-las com você.” E era melhor assim. Algumas coisas ele não queria falar — tentava nem pensar.

Já estava quase escuro quando chegaram à propriedade.

“Não é lugar para uma princesa”, ele admitiu, “mas é abrigo. Continuaremos na primeira luz.”

Ele levou o cavalo para a frente da pequena casa de pedras empilhadas e se virou para Norah, oferecendo sua mão. Ela aceitou e deslizou para o chão. Ele olhou para a mão dela na sua por um momento, segurando-a. A pausa pareceu longa demais, mas ele não conseguia soltá-la. Os dedos dela tremiam, e ele percebeu que ela estava tremendo. Ele precisava aquecê-la.

Ele a puxou em direção à casa. “Vamos te levar para dentro.”

A propriedade era pitoresca, aberta e vazia além das comodidades necessárias. Alexander trabalhou rapidamente para acender uma fogueira na lareira na parede mais distante e fez sinal para que ela se aproximasse. “Aqui. Venha até a fogueira.”

Ela se aproximou, flexionando os dedos que ainda estavam manchados de sangue. Ela disse que não era dela. O que aconteceu com ela? Ele queria perguntar de novo, mas se conteve. Ele a deixaria se acomodar mais.

“Preciso cuidar do meu cavalo”, ele disse. “Volto em um momento.” Ele não queria deixá-la, mas o animal precisava de cuidados. Havia uma pequena construção atrás da casa que forneceria abrigo.

Alexander fez um trabalho rápido, colocando o corcel em uma baia e cobrindo-o com uma capa que pendia perto da porta. Ele quebrou a camada superior de gelo que havia se formado no barril de água e jogou na baia um meio fardo de feno que havia sido empilhado no canto. Ele deixaria algumas moedas para a alma gentil que mantinha a propriedade abastecida para viajantes.

Ele voltou para casa com suas mochilas de couro e um balde de neve. Quando ele entrou, a visão dela o fez parar de novo. Norah sentou-se perto do fogo, estendendo as mãos para pegar seu calor. Ela olhou de volta para ele. Seus olhos azuis dançavam com a luz da chama.

Alexander se pegou olhando e se afastou, finalmente fechando a porta contra o frio. Ele levantou o balde. “Podemos derreter isso”, ele disse a ela. “Não é exatamente uma pia, mas você pode limpar suas mãos.”

Ela lhe deu um pequeno sorriso apreciativo e trabalhou derretendo a neve enquanto ele colocava mais lenha no fogo. Ela não esperou que esquentasse antes de mergulhar as mãos, esfregando-as com força para raspar o sangue e a sujeira.

Alexander a observou. “Onde você conseguiu essa adaga?”, ele perguntou. Agora capaz de vê-la melhor, ele notou que não era uma lâmina de alta qualidade.

Ela esfregou o último sangue da pele. "Eu tirei de alguém." Ela lançou-lhe um olhar que lhe disse que ele estaria muito enganado se esperasse que ela entregasse. Ele quase riu. Ele nunca faria isso.

“Um andarilho?”, ele perguntou.

Ela franziu a testa em confusão.

“Há homens que não têm casa”, ele explicou, “mas se aventuram por aí, assediando pessoas que encontram e causando caos. Seus números cresceram ao longo dos anos. Eles se tornaram um grande problema.”

“Parece certo”, ela murmurou.

“É lá que você estava esse tempo todo?” ele perguntou. “Com andarilhos?”

Ela franziu a testa. “Parece que estive com andarilhos?”

Ela ficou ofendida? Ele balançou a cabeça rapidamente. “Não. Você está bo—não como se estivesse... Não. Não, não está.” Foi um estranho tropeço de palavras, e o calor subiu às suas bochechas. Ela o observou enquanto ele a observava.

Ela flexionou os dedos novamente contra o calor da chama. Ele estava desesperado para perguntar mais, mas não queria forçá-la. Felizmente, não precisou.

“Eu me deparei com um homem, muito parecido com o que você descreveu”, ela disse. “Ele e outros três me perseguiram até a floresta.”

Alexander mudou seu peso, e uma febre de raiva percorreu sua pele. Ele não conseguiu se conter e perguntou: “O que aconteceu?”

Ela balançou a cabeça. “Não tenho certeza. Dois... hum...” Ela lutou com as palavras enquanto apertava as mãos, e o coração dele deu um pulo. O que ela deve ter passado...

Ela balançou um pouco para frente, depois para trás. “Dois, uh… eles… se mataram.”

Se mataram . Na frente dela. E ela ainda estava obviamente abalada. Ele queria se aproximar, pegar a mão dela, confortá-la, mas não conseguia. Ele era um estranho para ela — a melhor coisa que podia fazer agora era dar espaço a ela.

“Os outros dois fugiram”, ela continuou. “Não sei explicar, mas foi horrível. A parte mais assustadora foi que… eles não queriam se matar, mas era como se não tivessem controle. Um deles continuou gritando que eu era uma bruxa.”

Ela engoliu em seco, se mexendo sob o olhar dele. "Mas eu não sou uma bruxa", ela acrescentou rapidamente. Sua voz caiu, traindo sua falta de confiança naquelas palavras. Ela balançou a cabeça com um encolher de ombros inseguro. "Eu não sei o que aconteceu. E eu pensei que o que quer que os matou viria atrás de mim também, mas não veio. Então, eu peguei a adaga porque eu não tinha mais nada, e eu estava seguindo uma raposa pela floresta quando você me encontrou."

Suas sobrancelhas se juntaram. “Você estava seguindo uma raposa?”

“Não estou brava”, ela insistiu.

“Não, você não está louca”, ele assegurou a ela. “E eu sei que você não é uma bruxa. A Natureza é o lar das fadas, ou espíritos, o que quer que sejam. Dizem que elas a protegem com um tipo de poder, um que as deixa tomar conta da mente de qualquer um que entre,

fazê-los fazer coisas, machucar a si mesmos ou a outros. Todo mundo conhece histórias como a que você conta agora."

"E você ainda veio?" Seus olhos azuis o encararam de volta.

Ele foi pego na armadilha do olhar dela novamente. "Não há lugar algum onde eu não iria por você, Norah," ele disse suavemente.

Os lábios dela se separaram levemente, e sua respiração ficou presa. Ele não conseguia desviar o olhar. Finalmente, ela se afastou e quebrou o feitiço. "O fato de estarmos falando sobre fadas é uma loucura total", ela disse.

Ele deu um pequeno sorriso. "Então talvez você seja uma bruxa."

Mas a piada não teve graça, e ela apenas piscou.

"Perdoe-me", ele disse. "Isso foi uma brincadeira."

"E foi engraçado. Eu só estou…" Ela soltou um suspiro.

"Você está cansada, e passou por muita coisa. Você deveria comer." Ele estendeu a mão para sua mochila e tirou um pouco de carne salgada e pão, junto com um odre de vinho, e entregou a ela.

Eles se sentaram no chão perto dos troncos em chamas, absorvendo o calor das chamas. Ele ajustou outro tronco com sua espada. "Eu vou caçar para nós de manhã."

"Está tudo bem, sério. Sou grata só por isso", ela disse, levantando a carne em um gesto e então terminando. Ele estendeu seu pãozinho, e um pequeno sorriso escapou dela quando ela o pegou. Ele ofereceu sua carne também, mas ela educadamente balançou a cabeça.

"Eu sei que você quer", ele disse.

"Obrigado, mas estou satisfeito."

Ele sabia que ela não estava, mas não pressionou. Ele a observou por um momento e sorriu, então dobrou a carne de volta no pano em vez de comê-la e a colocou na mochila para ela mais tarde.

"Você não deveria carregar uma adaga de andarilho", ele disse enquanto ela terminava o último pedaço de pão. "Aqui." Ele puxou uma faca da bainha em sua panturrilha, enfiou dentro de sua bota e estendeu para ela. "Isso combina melhor com você."

Ela estendeu a mão e pegou. A lâmina era mais curta, e o cabo se encaixava melhor em sua mão. Era sua faca favorita, feita sob medida e bem cuidada, diferente da adaga enferrujada do andarilho com costuras abertas ao longo do cabo.

Ele tirou a bainha da panturrilha e estendeu para ela também. "Coloque isso em volta da sua perna, dentro da sua bota, com a faca onde você possa alcançá-la facilmente."

Ela deslizou a lâmina para dentro da bainha e olhou para ela em suas mãos. Quando ela levantou os olhos novamente, eles se encontraram com os dele. "Obrigada", ela sussurrou.

Ele balançou a cabeça. “Não precisa me agradecer. É meu dever.”

Mesmo na penumbra do quarto, as tempestades de seus olhos azuis o puxaram, segurando-o. “Deveríamos descansar um pouco”, ela disse.

Sim. Descanse. Alexander se levantou e abriu o segundo pacote. Ele sacudiu um absorvente enrolado sobre a cama escassa. “Você dorme aqui. Não posso prometer conforto, mas é limpo. Estarei perto da porta.”

Norah deu um pequeno aceno de cabeça. Ela se acomodou, rangendo a estrutura da cama a cada movimento. Ele puxou uma cadeira para a porta e sentou-se com sua espada desembainhada e apoiada sobre os joelhos.

Mas enquanto estava deitada, ela não fechou os olhos. Ela apenas olhou para o teto. “O que aconteceu?” ela perguntou finalmente. “Eu tenho que saber. Por que meu pai me levou embora?”

Ele sentou-se quieto. Esta não era uma história curta, e não uma das primeiras com as quais ele queria recebê-la em casa.

“Diga-me”, ela insistiu.

Alexander soltou um longo suspiro. “Estávamos em guerra, e eles estavam vindo atrás de você.” Ele fez uma pausa. “Seu pai temeu sua captura, então ele levou você. Para longe. Para algum lugar seguro.”

“Quem veio me buscar?” ela perguntou.

“Estas não são histórias para contar à noite. Você está segura, Norah. Há tanto para lembrar, para aprender. Haverá muito tempo.” Mas ele sabia que suas respostas só atrairiam mais perguntas. “Descanse”, ele disse. “Haverá mais amanhã.”

Finalmente, ela fechou os olhos. Depois de um tempo, sua respiração ficou mais longa e profunda. Ele relaxou na cadeira, mas não dormiria. Não até que a levasse para casa em segurança.



Capítulo quatro

Norah acordou com o som de uma fogueira crepitante. Ela puxou o cobertor mais para cima em volta do pescoço e se aninhou em seu calor. Cheirava a pinho e couro macio, conforto e refúgio — um cheiro familiar, um cheiro que ela sempre amou. Ela sorriu enquanto piscava os olhos abertos. Mas paredes de pedra desconhecidas olhavam para ela, e seu sorriso desapareceu.

Onde ela estava?

Memórias do dia anterior voltaram, e ela se sentou assustada. O cobertor que a cobria caiu em seu colo, e ela viu que não era um cobertor, mas a capa de Alexander.

Ela olhou ao redor da sala vazia. Onde ele estava?

A luz do sol entrava pela pequena janela na cama e no chão. Seu coração acelerado desacelerou. Ela olhou para a capa novamente enquanto passava os dedos por ela, muito ciente da sensação que ela lhe dera.

A porta se abriu, e Alexander entrou com mais lenha e algo mais nas mãos. O cheiro fez seu estômago roncar. Ela tirou a capa e se levantou, ajeitando o vestido e afastando o cabelo do rosto.

Os olhos dele encontraram os dela, e ele parou, simplesmente olhando para ela. Seus lábios se separaram. “Bom dia,” ele disse finalmente.

Embora ele tivesse falado apenas duas palavras, sua voz continha uma estranha familiaridade.

“Bom dia”, ela respondeu.

Ele se separou do olhar dela. “Espero que tenha dormido bem. Está com fome?” Ele estendeu uma mão de carne recém-cozida com pão achatado embrulhado em linho. “Tem água perto do fogo.”

“Isso cheira muito bem, obrigada”, ela disse, pegando a comida. “E eu dormi surpreendentemente bem.”

Alexander reabasteceu o fogo e então sentou-se na beirada da lareira. Ele segurou sua comida na mão, mas não a comeu.

Norah tentou manter os olhos longe dele enquanto comia, cautelosa com a atração do olhar dele e com a agitação que ele causava dentro dela. “Ontem você disse que me viu em uma visão — o que foi?” ela perguntou, se concentrando novamente em obter mais respostas. “Como você sabia que tinha que vir atrás de mim?”

Ele se moveu de volta para a lareira. “Foi a última visão que tivemos de você, três anos atrás, bem antes de você partir. Não sabíamos o que significava na época, mas depois que você desapareceu, suspeitamos que era uma pista de onde você estava. Você estava no meio de uma floresta, com árvores ao seu redor, vestida como está agora.” Ele fez uma pausa. “E seu cabelo estava... brilhante, brilhante. Como está agora.”

Ela levantou os olhos para ele e se viu presa na armadilha que tanto tentara evitar.

“Eu vasculhei cada floresta deste reino”, ele disse, “bem dentro de Aleon e ao sul nas terras das tribos dos Cavaleiros. A Natureza foi o único lugar do qual eu fiquei longe. Até agora.”

Ela deu um pequeno sorriso a ele. “Por causa das fadas?”

“Porque os homens não retornam de lá.”

Norah mordeu o lábio, sentindo que sua brincadeira não foi bem colocada.

“Foi o último lugar que pensei que encontraria você”, ele acrescentou.

Bem, *foi* o último lugar em que ele a encontrou, mas ela guardou essa piada para si mesma. Não era uma questão de brincadeira. Ela tinha visto em primeira mão os perigos desta terra sem volta. Ela se libertou das algemas dos olhos dele e terminou o resto de sua refeição. "Ainda duvido que eu seja a pessoa que você diz."

Ele lhe ofereceu sua carne e pão.

Ela balançou a cabeça. “Já comi o suficiente, obrigada. Você come.” Ele não tinha comido sua comida na noite anterior. Ela suspeitava que ele tinha guardado para ela.

“Você *é* Norah Andell. Eu não confundiria você, não importa quanto tempo tenha passado.” Ele se acomodou, finalmente pegando um pouco de sua própria comida. “Espere até você voltar para casa. Você verá.”

Casa . Essa palavra parecia tão distante agora.

“Falando nisso, nós deveríamos ir.” Ele sorriu. “Sua avó não tem ideia de que vai te ver hoje. E Catherine Andell não é uma mulher fácil de surpreender. Estou muito ansioso por isso.”

Norah não conseguiu deixar de sorrir com a sensação de excitação genuína dele. Mas por dentro, seu estômago se contorceu com a ideia de conhecer sua avó.

Catarina . O nome não trazia lembranças. Sim, ela esperava que a mulher ficasse surpresa, mas essa poderia não ser a surpresa que ela esperava — sua neta perdida sem nenhuma lembrança de si mesma ou daqueles que a conheciam. Norah voltou seus pensamentos para a chegada deles, e o peso ficou mais pesado em seu estômago. As pessoas estavam esperando há muito tempo por seu retorno; ela não seria o que qualquer um deles esperava, e provavelmente não seria o que eles esperavam. Haveria pessoas que ela deveria conhecer, com quem se importaria. Pessoas que se importavam com ela.

Eles deixaram o calor da propriedade e continuaram seu caminho, com ela cavalgando e Alexander novamente liderando o cavalo. Eles fariam melhor tempo ambos cavalgando, mas a sugestão parecia muito precipitada, e ela não conseguiu reunir coragem. Eles viajaram principalmente sem conversar, mas ele olhou para trás para ver como ela estava frequentemente, como fizera no dia anterior.

Ao meio-dia, eles pararam para uma refeição de carne salgada e mais pão. Norah olhou para as colinas de neve em pó e se perguntou o quanto faltava até chegarem ao castelo.

“Mércia fica logo depois daquelas colinas”, Alexander disse, apontando para longe, como se lesse sua mente. Seus olhos encontraram os dela, e ele sorriu. “É lindo.”

Norah forçou um sorriso, mas seu estômago estava pesado. Ela tentou imaginar sua chegada. O que ela diria quando visse sua avó? Ela reconheceria a mulher? Norah seria uma decepção para ela?

“Aqui,” ele disse, entregando a ela um odre de vinho. “Isso vai ajudar a acalmar seus nervos.”

Ela levantou uma sobrancelha. “É tão óbvio assim?”

Ele inclinou a cabeça para o lado com um sorriso irônico. “Um pouco. Mas você deveria estar animada. Você estará cercada por pessoas que te amam e esperaram por este dia.”

“Alexander”, ela disse, olhando em seus olhos, “estou confiando em você.” Não era uma declaração; era um apelo.

O rosto dele ficou sério. "Eu estarei ao seu lado", ele prometeu. Ele ofereceu a mão, e dessa vez ela a pegou. Ele a levantou para a sela e então pegou as rédeas e levou o cavalo para frente. Eles continuaram, e Norah bebeu do odre de vinho enquanto eles iam.

Quando chegaram ao pico final, ela engasgou. Uma grande cidade se estendia da base das colinas até a costa norte à distância. Em uma ilha fora do continente, um castelo se erguia com suas torres e pináculos afiados contra o céu ensolarado.

“Mércia,” Alexander disse enquanto olhava para ela, seus olhos brilhando. “Casa.”

“ *É* lindo”, ela sussurrou.

“As pessoas saberão quem você é no momento em que te virem. Você está pronto?”

Ela não estava nem perto de estar pronta. Ela se mexeu na sela. “Pareço pronta? Não há sujeira no meu rosto ou gravetos no meu cabelo?”

Ele sorriu. “Sem sujeira ou gravetos. Você é linda.”

Ela não conseguiu deixar de sorrir de volta.

Alexander conduziu seu cavalo pela cidade. As pessoas se reuniram ao longo das ruas quando os viram, murmurando umas com as outras com excitação crescente. Enquanto ela e Alexander passavam, a multidão os seguiu. Gritos soaram, e Alexander olhou para ela com os olhos brilhantes.

As pessoas vinham em bandos agora. Ela olhou para todos os rostos; havia tantos deles. Alguns estavam rindo, alguns estavam chorando, alguns estavam apenas observando com espanto. Um medo profundo se semeou dentro dela. Ela não tinha acreditado inteiramente em Alexander antes... mas e se ela realmente fosse a princesa? Tudo parecia muito... impossivelmente possível agora...

Nesse momento, um sino tocou no castelo.

“Agora todo mundo sabe que você está aqui”, disse Alexander.

Eles seguiram até a ponte que conectava o continente à ilha do castelo. Altos arcos de pedra se erguiam das águas congeladas, como se tivessem sido colocados ali pelos deuses. Era difícil acreditar que isso era obra de homens. Rios de soldados com elmos saíam dos portões do castelo e se alinhavam em ambos os lados da ponte. Norah olhou para eles com admiração enquanto Alexander a conduzia através e para dentro do grande pátio dentro dos muros do castelo.

Eles pararam em uma fonte vazia no centro. Ele estendeu a mão para ela, e ela o deixou ajudá-la a descer do chão. Um lampejo branco chamou sua atenção, e ela olhou para o estandarte do falcão de inverno no céu.

“Branco é a cor da Mércia”, ele explicou. “O falcão de inverno é o símbolo do seu pai — seu —.” Seus olhos azuis dançavam de excitação. “Bem-vinda ao lar, Norah.” Ele se moveu para guiá-la em direção ao castelo.

“Alexandre”, ela chamou, interrompendo-o.

Ele fez uma pausa. “Sim?”

“Esteja perto.” Ela precisava dele por perto.

“Sempre”, ele prometeu.

Multidões de pessoas inundaram o pátio dos prédios com terraços que cercavam o castelo na ilha. Alexander a conduziu, movendo-se lentamente para mantê-la por perto. Ele convocou mais guardas, que se fecharam ao redor deles. Norah pegou a mão dele, mas então se conteve. O desejo veio tão naturalmente, e a surpreendeu. Eles chegaram às escadas para a entrada, e ele parou abruptamente, tirando-a do pensamento.

Norah olhou para cima e viu uma mulher se aproximando, ladeada por seu guarda. Ela era mais velha, elegante e majestosa em um vestido azul-marinho escuro. Peles marrons estavam volumosas ao redor de seu pescoço e cobriam o capuz de sua capa, mas não havia como não notar o cabelo branco impressionante aparecendo por baixo. Ela flutuou escada abaixo com uma beleza magnética.

Alexander deu um passo à frente. “Rainha Regente.” Ele fez uma reverência. “Eu—”

Mas ela passou por ele, como se não o visse, e também não o ouvisse. Seu olhar estava fixo em Norah. Ela puxou o capuz de sua capa; as piscinas verdes de seus olhos estavam cheias de sabedoria e a cautela da descrença. Ela era um pouco mais baixa que Norah, mas tinha uma estatura régia — o equilíbrio do poder. A beleza enfeitava seu rosto com suas maçãs do rosto altas, seus olhos brilhantes. A idade respeitava essa mulher. Ela olhou para Norah por um momento, sua expressão não revelando nada.

Norah mordeu o interior do lábio. Era aqui que todos descobririam que ela não era quem pensavam? Talvez fosse melhor, de qualquer forma — para acabar logo com isso e poupá-los de constrangimentos depois.

Mas então o lábio da mulher tremeu. “Norah,” ela respirou. “Oh, minha querida. Você finalmente voltou para casa.”

Ou eles simplesmente continuariam com essa insanidade. Norah não conseguia se mover.

A rainha regente estendeu a mão, escovando uma mecha do cabelo de Norah com as pontas dos dedos, e lágrimas brotaram de seus olhos. Ela soltou um grito silencioso e abraçou Norah, puxando-a para perto.

Norah respirou fundo. Seus próprios olhos se encheram de lágrimas. Embora ainda estivesse perdida para si mesma, essa mulher a fez se sentir encontrada. Ela se deixou aceitar o calor do abraço, o calor do amor. Seu medo, sua ansiedade, sua preocupação, tudo parou por um momento. Ela precisava desse abraço, e se deixou tê-lo.

Dando um passo para trás, os olhos do regente dispararam sobre ela, observando-a. "Quanto tempo esperamos você voltar para casa."

Norah forçou um sorriso, tentando reprimir sua própria emoção. Ela não conseguia encontrar palavras para falar.

“Rainha Regente,” Alexander começou novamente.

“Você deve estar tão cansada”, ela disse a Norah. “Venha. Entre.”

“Catherine,” ele disse novamente, mais forte agora, finalmente chamando sua atenção. Ele se inclinou para perto dela e disse em voz baixa, “Ela não tem memória.”

As sobrancelhas da mulher se juntaram. “O quê?”

Ele balançou a cabeça. “Ela não se conhece, nem você.” Ele pausou um momento antes de dizer, “Ela não me conhece.”

O regente olhou para Norah em choque. “Como você a encontrou?” Mas ela não lhe deu tempo para responder. “Não importa,” ela disse enquanto pegava a mão de Norah. “Venha, criança, vamos te levar para dentro. Nós vamos descobrir tudo.”

Norah olhou para Alexander, e ele assentiu enquanto o regente a puxava em direção ao castelo. As portas enormes se abriram, e a mulher entrou, com Norah seguindo atrás. Quando as portas se fecharam, elas abafaram o som da multidão.

O alívio tomou conta dela, agora que estava longe das massas. Ela não gostou da atenção, mas rapidamente esqueceu a multidão enquanto passavam por um salão amplo e depois por vários corredores menores. Ela se maravilhou com a pedra polida de branco e luz e os bustos intrincadamente esculpidos que ficavam entre as janelas em arco. Tudo ao seu redor era tão... brilhante, como se fosse feito do próprio sol. Ela olhou para trás para ver se Alexander ainda a seguia. E ele a seguia.

Eles chegaram a uma câmara e entraram, assustando uma jovem criada que estava lá dentro.

“Rebecca”, o regente chamou-a, “comece um banho”.

A mulher ficou parada por um momento, então seus olhos se arregalaram. “Princesa Norah!” ela exclamou, e se curvou rapidamente.

O título ainda a perturbava, e Norah se mexeu sob seu peso. Rebecca sorriu enquanto olhava fixamente, então se recompôs e se afastou para preparar um banho.

O regente virou-se para outro servo. “Algo para a princesa comer. E vinho. E água.”

Norah não achava que conseguiria comer; seus nervos a dominaram, e seu estômago, mas o criado foi embora antes que ela pudesse recusar. Ela deixou seus olhos vasculharem o cômodo com suas tapeçarias finas e móveis ornamentados. A luz se derramava pelas janelas altas na parede oeste. Era lindo e avassalador. Um castelo, a elegância, os criados — certamente ela não pertencia ali. Ela olhou de volta para Alexander, que permaneceu na porta, sem entrar. Ele lhe deu um sorriso tranquilizador.

A rainha regente parou e pegou sua mão. “Você está bem, criança?”

Ela soltou um suspiro, lutando contra uma onda inesperada de emoção com toda a força que conseguiu reunir. "Sinto muito. Isso tudo é um pouco demais", ela conseguiu dizer.

“Tenho certeza que sim, mas nós resolveremos tudo. Você vai saber.”

Ou *não* . Mas ela não queria pensar nessa possibilidade. Não agora.

“O que você lembra?” Catherine perguntou.

Norah balançou a cabeça — do que ela se lembrava? “Acordei na floresta, assim.” Ela gesticulou para si mesma. “Fiquei perdida por um tempo.” Quantos detalhes compartilhar? Ela não tinha energia e não queria reviver isso. “Então Alexander me encontrou.” Ela olhou de volta para ele.

“É claro que sim”, disse a rainha regente, deixando seu olhar pousar nele com um sorriso caloroso.

Ele fez uma reverência. “Vou deixá-la, Rainha Regente.” Para Norah, ele disse: “Bem-vinda ao lar, Princesa Norah.” Ele estava mais formal agora, e mais sério. Ela não gostou.

“Obrigada”, disse Norah. “Por tudo. E não me diga que é seu dever.”

Ele demorou-se mais um momento, uma confissão silenciosa de que não queria ir, então deu um pequeno aceno e deixou-a com a rainha regente.

“Lorde Justiça”, o regente chamou, “mais uma coisa.” Ela saiu da câmara e foi atrás dele no corredor.

Norah ouviu suas vozes no corredor, mas não conseguiu entender o que estava sendo dito. Ela se levantou, mordendo o lábio inferior. Talvez ela devesse apenas esperar, ou...

A mulher chamada Rebecca deu um passo para trás, vindo da câmara lateral, para dentro do quarto. “Seu banho está pronto, Princesa Norah.”

Um banho . Um banho seria bom. Sua mente girava com a possibilidade cada vez mais provável de que ela pudesse realmente ser uma princesa — ela só precisava focar sua mente em uma tarefa para se manter inteira. Ela se virou para a câmara de banho.

“Pelos deuses, criança”, disse sua avó ao voltar para o quarto.

Norah fez uma pausa e se virou para ela.

“Eu sei que você deve estar cansada, mas deixe-me olhar para você.” Ela agarrou Norah pelos ombros e deu um sorriso que tremia de emoção. “Como eu queria que Aamon estivesse aqui. Você é a imagem da sua mãe.” Então ela avistou o pingente em volta do pescoço de Norah, e seus olhos se encheram de lágrimas. Ela o acariciou com as pontas dos dedos. “Ele deu isso a você no seu último aniversário que comemoramos. O falcão de inverno pertence a Kelos, deus da proteção e vencedor do mal. É o sigilo da coroa Andell. Sua coroa.”

Norah levou a mão ao pingente e olhou para baixo enquanto o inclinava entre o polegar e o indicador. Talvez fosse Kelos observando-a. Alexander a encontrara no meio de uma floresta — aparentemente inacreditável, sem alguma intervenção divina. E o falcão de inverno correspondente em seu peitoral era a única razão pela qual ela concordara em ir com ele.

Bem, o *principal* motivo.

O outro ser… havia algo nele…

A mulher soltou um suspiro emocionado, trazendo Norah de volta ao presente. “Vamos lavar você”, disse sua avó, “e então a alimentaremos.” Ela e as empregadas arrastaram Norah para dentro do banheiro.

Antes que Norah pudesse protestar, eles tiraram sua capa e vestido. Ela mal teve tempo de se contorcer para tirar suas roupas íntimas enquanto era enxotada para dentro da banheira. Apesar da sensação inicial de invasão, uma estranha familiaridade de estar sendo agitada a atingiu, e o calor da água lavou quaisquer objeções restantes.

“Rebecca, Serene,” a rainha regente disse às criadas, “eu cuido daqui.”

As duas mulheres fizeram uma reverência e saíram enquanto Catherine colocava um robe sobre um sofá e se sentava ao lado dele. “Ainda não consigo acreditar que você está em casa.”

Norah também não conseguia. Por que ela não conseguia se lembrar? Como vinte e cinco anos de sua vida poderiam ter sido tirados dela? Suas memórias voltariam? Um leve pânico surgiu novamente ao pensar que elas não voltariam.

“Agora que você voltou, tudo ficará bem”, disse Catherine.

Norah nem sabia o que isso significava, mas parecia assustador e só aumentava sua crescente ansiedade. “Eu nem sei o que estou fazendo aqui.”

“Isso vai passar, minha querida. Suas memórias vão voltar, mas até que isso aconteça, temos que tomar cuidado. Não quero que ninguém saiba da sua condição.”

“Espera. O quê? Por quê?” Ela não conseguiu manter isso em segredo por muito tempo.

“Sua circunstância é complicada o bastante. E não podemos arriscar nada que coloque seu caminho em risco.”

“Que caminho?”

“Não se preocupe com isso agora. Nós vamos te limpar, descansar e te alimentar. Suas memórias vão voltar, e nós vamos resolver tudo.”

Como essa mulher pode estar tão calma sobre isso? "Como você tem tanta certeza?" Algo dentro dela estalou. Norah balançou a cabeça. "Não posso manter isso em segredo. Não conheço ninguém, não me conheço, nem sei como deveria ser ou o que deveria dizer. Nem sei como chamá-la. Acordei neste mundo com todas essas expectativas, e todos vão descobrir rapidamente que sou uma fraude." Estava quente no banho agora. Quente demais.

“Oh, criança,” a regente disse enquanto apertava o ombro de Norah. “Em algum lugar dentro de você, mais de vinte anos de senhoria estão enraizados em você. Eu mesma cuidei disso. E todos os jovens governantes não sabem de nada. Ninguém vai pensar que você é uma fraude. Você é filha de Evanya e minha neta. Não há dúvidas.”

Mas Norah tinha muitas dúvidas.

A mulher pegou um pote de sais de banho e colocou um punhado na água. “Vamos começar com soluções simples. Você pode me chamar de *rainha regente* , como é apropriado em público. Meu nome é Catherine, como tenho certeza de que você já percebeu, que você pode me chamar em particular. Ou você pode me chamar de *avó,* se estiver confortável com isso. Não serei mais rainha regente depois de sua coroação — um dia que espero muito. Não é certo que um reino fique sem uma cabeça por tanto tempo.”

Um nó se formou em seu estômago. “Minha coroação?”

“Claro. Agora que você retornou, você será rainha. Eu só fui rainha regente na sua ausência.”

Norah balançou a cabeça novamente. Ela não podia ser rainha. Ela não sabia nada sobre este lugar, sobre estas pessoas; ela não sabia nada sobre governar. "Eu não posso ser

rainha", ela disse. Não. *Não* , ela não podia fazer isso. Ela engoliu em seco. O ar estava sufocante. "Isso não pode estar certo. Eu não deveria estar aqui." Ela pegou a toalha e se moveu para se levantar.

Catherine agarrou seus ombros firmemente, parando-a e forçando Norah a olhar para ela. “Criança, eu sei que isso é esmagador, até mesmo assustador. Mas você é forte. Você sempre foi. E eu estou ao seu lado, e guiarei cada passo seu. Por enquanto, faremos uma coisa de cada vez. Você vai superar isso. Você entende?”

Norah respirou fundo. As palavras do regente eram firmes, afiadas até, mas não indiferentes. Era o que Norah precisava para afastar seu pânico. Muito levemente, ela assentiu — não um aceno de concordância, mas um aceno de acomodação.

As mãos da mulher suavizaram, mas ainda a seguraram.

Uma coisa de cada vez . Ela podia fazer uma coisa de cada vez, com Catherine ao lado dela. E Alexander. *Uma coisa de cada vez* . “Acho que gostaria de chamá-la de avó.”

Catherine sorriu. “Eu gostaria disso.”



Capítulo cinco

Dentro de seu quarto, Alexandre pendurou seu cinto e espada na parede e tirou sua armadura, mas não era o peso das placas de aço que pesava sobre ele.

Ele reproduziu isso em sua mente — vê-la na floresta, chamando seu nome. A dor de ela não conhecê-lo doía mais do que qualquer ferimento de batalha.

Ele imaginou de tantas maneiras como o reencontro deles poderia ter sido. Principalmente alegre. Às vezes, ele a imaginava brava com ele, talvez ainda magoada, mas em cada sonho, ele a segurava em seus braços novamente. Mas para ela não sentir nada... Ele não tinha imaginado isso.

Talvez fosse melhor assim. As coisas nunca poderiam ser como eram antes, mas agora era como se ele realmente a tivesse perdido, e ele não achava que conseguiria suportar isso.

Alexander caminhou pesadamente em direção à cama. Suas pernas não pareciam as suas. Ele afundou com uma careta, então cobriu os olhos com a mão. Fazia muito tempo que ele não derramava lágrimas, tanto tempo que ele não conseguia lembrar quando. Mas elas fluíam livremente agora, e ele as deixou vir.

Ele não conseguiu esconder sua dor de Catherine. Ela o criou; ela o conhecia como seu próprio sangue. E embora a rainha regente o amasse, ele viu o aviso em seus olhos. Sem dúvida, ela veria isso como uma oportunidade para Norah começar de novo. Ela tentaria convencê-lo a fazer o mesmo. Mas isso não era possível.

E ele teria que encontrar uma maneira de apoiar Catherine. Ela passou mais de vinte anos preparando o espírito livre de Norah para as obrigações da coroa, mas agora tudo se foi, e o que levou vinte e cinco anos precisaria ser reconstruído em dias — outro feito que ele não tinha certeza se era possível.

Uma batida na porta o puxou para trás, e ele se endireitou, se recompondo. Alexander passou a mão no rosto, enxugando a emoção, e se levantou para atender. Ele abriu a porta e encontrou o capitão da guarda.

Caspian assentiu em saudação, mas parou quando seus olhos se encontraram. Alexander suspeitou que ele viu os resquícios de sua tristeza, mas o capitão graciosamente não mencionou isso.

Ele voltou para o quarto, deixando a porta aberta para Caspian entrar. Alexander não era de demonstrar emoção, e poucos homens além de Caspian o tinham visto fora de sua natureza calma e pensativa. Eles lutaram juntos, sangraram juntos, venceram juntos, perderam juntos. Eles eram mais do que camaradas, mais do que amigos. Eles eram como irmãos. Ainda assim, Caspian não era de bisbilhotar, mas ele sabia o que o retorno de Norah significava para Alexander, e ele precisava saber da situação.

“Ela não se lembra”, disse Alexander, não totalmente confiante em sua voz.

Caspian se moveu para trás. “Ela não se lembra do quê?”

“Ela não tem memória, Caspian. Ela não sabe de nada. Nem Mércia, nem ela mesma.” Ele fez uma pausa. “Eu não.”

Os olhos de Caspian se arregalaram.

Mas Alexander não queria se demorar nisso. Ele não podia sem ameaçar a emoção. “Informe sua guarda principal”, ele disse, “assim como suas criadas. Elas precisarão ajudá-la. A rainha regente foi clara — ninguém mais pode saber. Nem mesmo o conselho. Ela lutou muito para proteger a coroa de Norah em sua ausência. Não podemos arriscar perdê-la agora.”

"Isso não será fácil. Teremos que manter a princesa longe deles."

“Deixarei a rainha regente cuidar disso”, disse Alexander. Então ele franziu a testa. Eles teriam que mantê-la longe de algumas pessoas. Sua mente se voltou para seu irmão. Adrian gostaria de ver Norah assim que soubesse de seu retorno, mas suspeitaria de algo imediatamente. Alexander teria que encontrar uma maneira de mantê-lo longe dela por um tempo também.

“Enviei mensageiros para os confins exteriores, chamando todas as forças de volta”, disse Caspian. “Exceto nossos homens em Bahoul.”

Alexander deu um pequeno aceno. As montanhas — eles precisariam manter homens lá para segurá-los. Quando as Terras Sombrias soubessem do retorno de Norah, seria apenas uma questão de tempo antes que viessem atrás dela. *Novamente* . "Envie o Nono para se

juntar a eles." Outros mil homens em Bahoul significariam mil homens a menos na capital, mas se o Rei das Sombras atacasse, Bahoul seria a primeira linha de defesa. Caspian assentiu e então fez uma pausa. "E quanto a Aleon?"

A menção de seu aliado oriental fez Alexandre enrijecer, mas ele empurrou a pontada de lado e pegou seu cinto e espada da parede. “Vou mandar uma mensagem para Aleon de que a princesa retornou. E então irei até a vidente. Talvez o retorno dela tenha trazido novas visões.”

“Eu cuido da mensagem para Aleon,” Caspian disse a ele. “Você vai ver Samuel.”

Caspian conhecia sua luta; ele conhecia a amargura que o pensamento de Aleon trazia, e Alexander apertou seu ombro apreciativamente. Então ele afivelou o cinto de sua espada e voltou sua mente para o vidente.

Ele não se incomodou com uma capa enquanto passava pelo castelo e para fora em direção à casa da galeria. Ele tinha feito essa caminhada muitas vezes, cada uma com a mesma esperança. Mas hoje era diferente. Norah havia retornado.

Alexander caminhou pela rua de paralelepípedos até a galeria do vidente. Embora estivesse conectada ao castelo, só era acessível por fora. Ele empurrou as portas e desviou das pinturas espalhadas por toda parte. Estava ficando mais difícil passar pela galeria dos fundos, onde ele sabia que o velho estaria. Como esperado, ele encontrou Samuel em seu cavalete, curvado e trabalhando em seu ofício. O pulso de Alexander acelerou ao ver o vidente trabalhando. Uma visão deve ter surgido.

“Uma visão? Você teve uma?” ele perguntou ansiosamente, sem se incomodar em cumprimentá-lo.

Samuel balançou sua cabeça calva para cima, surpreso. “Hmm?” Ao ver Alexander, Samuel empurrou os óculos de volta para cima da ponte do nariz. “Ah, é você,” ele resmungou.

“Você teve outro?” ele pressionou o velho. “Da princesa?”

Samuel franziu o cenho, voltando sua atenção para seu trabalho. “Rapaz, você tem me perguntado isso por anos, e por anos eu te disse—”

“Ela voltou.”

Samuel parou, olhando de volta para Alexander. “O que você disse?”

“A princesa. Ela retornou. Você não ouviu os sinos?”

Samuel franziu o nariz e agitou seu pincel. “Esses malditos sinos tocam o tempo todo.”

Alexander respirou fundo, tentando reunir sua paciência. “Bem, ela voltou. Certamente você pode ver algo dela agora.”

O velho franziu as sobrancelhas e balançou a cabeça, então pousou o pincel. “Não. Não vi nada dela.”

Alexander suspirou. A última pintura de Norah era a imagem dela na floresta. Ela tinha vindo logo antes de ela ter ido embora, três anos atrás. Quando ela desapareceu, as visões dela pararam. Agora que ela havia retornado, ele esperava que as visões também tivessem parado. A galeria de Samuel continha apenas algumas pinturas dela, todas as quais tinham sido concluídas antes de ela ter desaparecido. Alexander conhecia cada detalhe, cada pincelada, especialmente da pintura que fez o pai de Norah levá-la embora: a imagem do inimigo que viria atrás dela — o Rei das Sombras. A visão de sua captura.

Guerra. Morte. Esse tinha sido seu destino, o destino que seu pai mudou ao levá-la para um lugar seguro, onde quer que isso fosse.

Então havia as imagens dele mesmo. Mas essas ele tirou da mente. “O que você está pintando então?”, ele perguntou a Samuel.

O velho bufou. “Nada que você queira ver.”

Alexander se moveu em volta do cavalete para olhar por cima do ombro do velho, e ele suspirou. *De novo não* . "O que é aquilo?"

“Como é que é?”, perguntou o vidente com uma ponta de aborrecimento. “Eu pinto há tempo suficiente para me considerar muito bom nisso.”

Alexander olhou para a pintura no cavalete. Era uma vila em chamas. Os mortos cobriam as ruas, as casas tinham sido destruídas. E no centro estava Alexander. Mas sua imagem não demonstrava medo. Era como se ele saboreasse a destruição. Sua imagem o encarava da tela com a falta de guerra em seus olhos, como os outros que Samuel havia pintado dele ao longo dos anos.

Alexander suspirou. Anos atrás, pinturas como essa o incomodavam obsessivamente, mas as visões de si mesmo nunca se concretizaram. Ele costumava ponderar cada detalhe, tentando entender seu significado. Agora, elas só serviam para irritá-lo. Se não fosse pela verdade nas visões dos outros, ele teria pensado que o velho era um charlatão.

Ele olhou mais de perto e franziu o cenho para a tinta preta marcando a pele de seu pescoço na pintura. Padrões escuros giravam logo abaixo de sua mandíbula. “Por que você sempre tem que pintar essas marcas?”, ele perguntou ao vidente.

“Rapaz, eu já te disse umas cem vezes, eu só pinto o que vejo,” Samuel retrucou. Então o velho bufou. “E são só as marcas que te incomodam? Não a onda de destruição que você causa?”

“Não sou eu, Samuel,” ele disse, irritado, mas não *muito* irritado. Samuel tinha parado de mostrar aos outros as pinturas dele, então ele não precisava continuar se defendendo.

“Se não é você, então por que você se importa se há marcações?”

Alexander soltou um longo suspiro e se virou de volta para a porta, seu interesse diminuindo. “Você vai mandar uma mensagem se a vir?”

O velho acenou para ele com seu pincel. “Como sempre digo, farei.”



Capítulo seis

Norah estava parada perto da janela em seu quarto, sem saber se era noite ou manhã na escuridão. O sol de inverno não nascia com o início do dia — ele chegava mais tarde e se punha mais cedo. Apesar do branco imaculado de seu quarto, o linho e as cortinas de luz e prata pareciam todos pretos. Ela olhou através do vidro da janela, para o abismo de mais escuridão. Muito parecido com suas memórias.

Ela tentou dormir. Seu corpo implorava por isso, mas seus olhos não conseguiam fechar, sua mente não conseguia descansar. Essa vida era realmente dela? Não podia ser. Parecia... não estar certo. Nada disso estava certo. Mas ela não conseguia se livrar da única coisa que parecia... um pouco menos errada...

A única coisa que parecia familiar…

Não, ela não podia deixar sua mente cair naquela armadilha e afastou Alexander de seus pensamentos.

O tempo passou lentamente. Ela estava quase pensando em tentar dormir novamente quando Rebecca entrou no quarto. A empregada a cumprimentou com um sorriso caloroso. “Oh, Princesa Norah, você já acordou!”

O som do título em seus ouvidos a fez estremecer, mas ela forçou um sorriso educado. “Sim, hum, eu acordei cedo.”

“A rainha regente chegará em breve, assim como os vestidos.”

Os vestidos ? Norah levantou as sobrancelhas em surpresa. As provas não tinham sido finalizadas até bem tarde na noite anterior. E haveria mais de um? "Tão cedo?"

“Sim, claro.” O sorriso da garota se alargou. “As costureiras trabalharam nelas a noite toda.”

A noite toda ? Como os vestidos eram tão importantes que precisavam ser feitos à meia-noite? Parecia tão... desnecessário.

“Você está com fome?” Rebecca perguntou.

Norah esqueceu os vestidos. “Morrendo de fome”, ela respondeu ansiosamente, um sorriso finalmente surgindo em seus lábios. A mera menção de comida fez seu estômago roncar. Os olhos de sua empregada se arregalaram. Não era isso que ela esperava? Norah mordeu o lábio. “Quero dizer, só um pouco de fome. Mas não tanto. Fome normal. Como normalmente se tem de manhã.” Ela franziu os lábios entre os dentes e se repreendeu. *Pare* . Mas ela não conseguia. Tudo veio tão desajeitadamente.

Rebecca saiu correndo do quarto para tomar café da manhã.

Norah foi até o banheiro, mas parou quando se viu no espelho. Seus olhos, grandes e expansivos, eram da cor de um mar tempestuoso e a encaravam por cima das maçãs do rosto. Sua juba loira-gelo se enrolava descontroladamente ao redor dela. Quando viu sua imagem no dia anterior, não ficou surpresa. Ela conhecia seu rosto.

"Você não pode apagar tudo de mim", ela sussurrou para o que quer que tenha roubado sua memória.

O som de vozes e a porta de seu quarto se abrindo chamaram sua atenção.

“Norah?”, a voz de Catherine soou.

Norah saiu do banheiro e encontrou a rainha regente, seguida por Rebecca, que carregava um prato de frutas e queijos.

“Avó”, ela cumprimentou.

“Como você dormiu, criança?”

“Bem, obrigada”, ela mentiu.

“Maravilhoso. Temos um dia cheio pela frente. Você verá o conselho hoje.”

Norah assentiu. Sim, *bom* —seu conselho. “E eles vão me ajudar a descobrir o que fazer até que minhas memórias—”

“Não”, disse Catherine bruscamente.

Não? “Espera, por que não?” Ela estava se afogando apenas em seus pensamentos de entrar nessa vida, nesse mundo, e a realidade seria muito mais dura. Ela precisava de toda a ajuda que pudesse obter.

“Eu lhe disse, ninguém deve saber da sua condição.”

Doença .

Como se fosse uma doença. Talvez fosse, mas—

“Só precisamos apresentá-lo”, disse Catherine, “e farei isso o mais rápido possível”.

O batimento cardíaco dela subiu até a garganta. Por que Catherine não queria que o conselho soubesse? Alexander disse que eles a ajudariam. Por que eles não podiam saber?

Catherine começou a andar pelo quarto, puxando várias gavetas de cômodas e baús e olhando através delas. “Você provavelmente nem vai dizer mais do que algumas palavras— ”

“E-Espera,” Norah gaguejou, “Eu não posso encontrar o conselho assim. Eles vão me descobrir. Eu nem voltei um dia inteiro ainda. Eu não tenho ideia do que estou fazendo.”

“Eu cuido disso”, Catherine respondeu com um aceno de cabeça.

Como? “Você só quer que eu finja?”

“Exatamente,” a rainha regente respondeu de volta enquanto colocava três colares na penteadeira, olhando-os com uma inclinação de cabeça. A mulher claramente não tinha percebido seu sarcasmo.

Em seu estado de total espanto, Norah quase riu. “ *Como* ? Eu literalmente não sei nada — nenhuma pessoa, nenhuma história. Mal me lembro do nome deste lugar, e nada de mim! Você tem que me dar mais aqui. Eu — eu preciso saber minha história, o que aconteceu... apenas... alguma coisa.” *Qualquer coisa* .

Catherine parou. “E é por isso que vim cedo.” Ela pegou a mão de Norah e a levou até o sofá, sentando as duas. “Escute-me. Tudo isso será muito repentino para você. Mas não temos muito tempo, então você terá que aprender o mais rápido possível.”

Norah assentiu. Ela poderia aprender rápido. Esperançosamente. Seus olhos avistaram o prato que Rebecca trouxera com queijos e frutas. Ela mataria pela pêra olhando para ela, mas forçou sua atenção de volta para sua avó.

Catherine respirou fundo outra vez, como se organizasse seus pensamentos sobre onde começar. Talvez ela tivesse tempo de pegar a pêra.

“Estamos em guerra, Norah.”

E Norah parou.

São .

Alexandre disse que *eram* .

“Estamos em guerra com as Terras Sombrias há dez anos. A Grande Guerra, é como se chama. E estávamos esperando você retornar, para acabar com ela.”

Norah piscou. Ela não tinha ouvido direito. “Desculpe, o quê?”

Catherine juntou as mãos. “Você unirá os reinos contra as Terras Sombrias e acabará com isso. Para sempre.”

“Hum… Eu não esperava que você começasse com isso. Hum…” Ela se levantou. Uma *guerra* . Ela estava ansiosa sobre as expectativas dela antes, mas uma guerra aumentou as apostas, e seu pulso. Ela contornou a pequena mesa onde Rebecca tinha colocado o prato, e ela pegou a pêra. Não para comer — ela não estava mais com fome com sua mente na guerra — mas ela queria ter algo para segurar em sua mão, algo para brincar, para acalmá-la.

Guerra.

Ela flexionou as unhas contra a pêra, mas não com força suficiente para romper sua casca.

Guerra.

Então ela deu uma mordida.

Catherine observou-a, dando-lhe um momento.

Então... *guerra* . Teria sido legal começar primeiro com sua mãe e seu pai, mas ela supôs que eles poderiam começar com a guerra. Ela engoliu a mordida da pêra. "Por que estamos em guerra?"

“Esta não é uma história curta.”

“Você disse que chegou cedo.”

Catherine suspirou. “Mércia é uma aliada e amiga de longa data do Império Aleon”, ela explicou. “Aleon costumava consistir em seis reinos governados pelo Alto Rei Horath. No entanto, dez anos atrás, enquanto Horath estava em seu leito de morte, ele dividiu os reinos do império entre seus três filhos: Gregor, Phillip e Aston.”

Seis reinos pareciam demais para qualquer homem, de qualquer forma. E tudo isso parecia perfeitamente razoável, a menos que Norah fosse obrigada a lembrar de todos esses nomes. Ela deu outra mordida em sua pêra.

“Mas,” Catherine continuou, “Gregor, o mais velho, embora tenha recebido o mais rico dos reinos, Jafé, sentiu-se roubado de seu direito de primogenitura. Ele matou seu irmão mais novo, tomando o segundo reino de Hetahl também. Ele precisava — e ainda precisa — dos quatro reinos restantes de Aleon de Phillip para restaurar o império completo. Quando ele tentou tomá-los, seu pai se colocou como aliado de Phillip. Este foi o início da Grande Guerra.”

Norah lutou para engolir a pêra quando um nó repentino surgiu em sua garganta. Que alguém pudesse matar sua família por poder era algo monstruoso. Desumano.

Rebecca voltou rapidamente para o quarto com uma garrafa de vinho e dois cálices. Norah não tinha percebido que tinha ido a algum lugar. A empregada os deixou na pequena mesa lateral ao lado do sofá antes de sair do quarto novamente.

Vinho com café da manhã... *estranho* . Norah voltou sua atenção para a conversa. “Então, o que Aleon e Japheth, essa guerra entre Phillip e Gregor, têm a ver com as Terras Sombrias? E Mércia, e eu?”

“Aleon e Mercia estavam juntos, então Gregor precisava de um aliado,” Catherine explicou. “Ele se uniu às Shadowlands.”

“Então, é Mércia e Aleon contra Jafé e as Terras Sombrias?”

Catherine assentiu. “Exatamente. Mas Phillip vai gerenciar seu irmão Gregor. Você deve se concentrar nas Terras Sombrias. O Rei das Sombras é um mal maior, e ele fará tudo em seu poder para vê-la morta.”

Seu estômago se revirou. “Por quê?” Era um pouco extremo, querer alguém morto.

“As visões mostraram isso. Você tomará o trono da Sombra, expurgando sua escuridão deste mundo.”

Norah mordeu o lábio inferior, sem saber o que fazer com as palavras da avó. Ela não queria o trono de ninguém. Ela nem tinha certeza se queria o seu próprio. "Você parece tão certa disso."

“Eu sou. Foi uma visão poderosa, Norah — vista por videntes em todos os reinos. O Rei das Sombras se juntou a Jafé logo depois, com uma vingança. Ele não vai parar por nada para mudar seu destino, e ele quase o fez. Muitas vezes ele atacou, e muitas vezes seu pai o fez recuar, mas três anos atrás, outra visão veio — uma visão de sua captura, e dos Homens das Sombras rompendo nossas defesas, inundando Mércia e matando o conselho. Foi quando seu pai levou você embora, para mantê-la segura.”

Um arrepio percorreu sua espinha, e Norah sentou-se no sofá ao lado de sua avó novamente. “Mas… eles não acabaram invadindo Mércia.”

“Preste atenção, criança”, disse Catherine brevemente.

Norah franziu a testa. Ela estava prestando atenção.

“Foi uma *visão* . Ainda não tinha acontecido. Mas seu pai se recusou a correr riscos e, ao levá-la embora, ele mudou seu destino.”

Mas isso só levantou mais perguntas: Para onde seu pai a levou? Que lugar seria seguro se Mercia não fosse? E como ela perdeu suas memórias?

Catherine pegou a mão dela. “E embora seu pai tenha tido sucesso em levar o Rei das Sombras de volta para o inferno, ele ainda vive. É por isso que você deve manter seu curso, Norah. Você também não deve correr riscos. Você se tornará rainha e se casará com o Rei Phillip de Aleon, como planejado, para manter a aliança forte.”

O coração de Norah parou, e sua cabeça se ergueu bruscamente com as palavras da avó. Suas unhas perfuraram a casca da pêra restante em sua mão. “Casar? Como em, casamento?”

Catherine franziu os lábios. “É isso que *wed* significa, sim.”

Ela sabia o que *wed* significava, mas não podia significar isso para ela. "Eu não posso ser casada." Ela nem se conhecia, muito menos conhecia outra pessoa o suficiente para se casar com ela. Ela lutou por palavras no caos que dominava sua mente. "Eu nunca conheci esse Phillip. Eu não o amo. E se eu nem *gostar* dele?"

“Você o *conheceu* . Muitas vezes. E você gosta dele. Mas se você gosta dele não importa. O que importa é o futuro de Mércia e a força do nosso reino. Somente com Phillip você pode derrotar o Rei das Sombras.” Catherine fez uma pausa. Então ela disse, “Há outras coisas das quais você deve estar ciente. Mércia está em uma posição terrível. Ainda estamos no início do inverno, e não temos comida suficiente para sustentar nosso povo. Aleon envia provisões de boa vontade, como eles têm feito nos últimos três anos, mas não será o suficiente, e não continuará sem um casamento.”

O peso em seu estômago cresceu até virar um buraco — um buraco no qual seu próprio ser estava caindo, se debatendo e se afogando.

Vinho seria bom agora. As mãos de Norah tremeram quando ela deixou sua pêra cair na bandeja, serviu-se de um cálice e bebeu. Profundamente. Tudo o que ela conhecia da vida tinha nascido nos últimos dois dias. Ela tinha acabado de chegar a este estranho reino que ela chamaria de lar e já era um peão em um jogo que ela não entendia.

“E”, continuou Catherine, “com este casamento, você se tornará rainha do novo Império Aleon.”

"Então, tem uma nova agora?" Claro. Mas ela não queria ser rainha do novo Império Aleon. Ela não queria ser rainha de Mércia. Ela não queria ser rainha de jeito nenhum.

A carranca de Catherine se aprofundou. “Sei que é difícil para você, entrar em uma vida da qual não se lembra, mas isso carrega uma grande obrigação, e imploro que leve isso a sério.”

As palavras da avó a fizeram ficar séria. Ela engoliu em seco enquanto colocava o cálice de volta na mesa. “Eu levo isso a sério. É muito difícil absorver tudo, especialmente um casamento surpresa.”

“Este casamento está sendo preparado há muito tempo, com muitos casamentos entre Mércia e Aleon em nossa história. Eu mesmo sou do reino de Aleon, Eilor. Sua mãe era de Songs.”

Norah serviu mais vinho em seu cálice e tomou outro gole.

“Mércia é um reino de honra”, disse Catherine, “e se junta a Aleon em causa. Compartilhamos os mesmos valores, as mesmas crenças, a mesma língua. Uma aliança entre nossos dois reinos é essencial, pois cada um fortalece o outro. É por isso que Phillip tem sido tão paciente. Mas o conselho não é paciente e empurra a opção da mão do seu primo para ele a todo momento. Agora que você está de volta, eles estarão ansiosos para vê-lo coroado e casado em pouco tempo.”

A cabeça de Norah girou. De repente, ela não se sentiu muito bem. Nesse momento, a porta da câmara se abriu e as damas entraram com vestidos, tecidos e bandejas de acessórios brilhantes.

Catherine se levantou e puxou Norah para ficar de pé. “É muita coisa, eu sei, e como eu disse, você vai ter que aprender rápido. Mas você é forte, e eu vou te ajudar a resolver tudo.”

A rainha regente se virou e trabalhou na variedade de vestidos antes de escolher um de sua preferência. Norah se viu em meio a uma onda de atividade enquanto os servos esfregavam sua pele com óleo perfumado, a ajudavam a vestir um vestido de rubi profundo, escovavam seu cabelo e passavam pó em seu rosto. Mas ela mal registrou o que estava acontecendo.

Casado . Ela ia se casar. Ela mal conseguia lembrar do próprio nome e ia se casar com... Espera—qual era o nome dele?

“Então, veremos o conselho esta manhã,” Catherine disse a ela. “Não há como evitar, mas você não precisa se preocupar. É apenas para apresentá-la e compartilhar seu retorno.”

“Alexander estará lá?” Alexander estava… seguro. E conhecido. E ela precisava de algo seguro e conhecido. Ela o queria ao seu lado. Agora mesmo.

“Você deve usar o título correto dele, Norah.”

Seu título. Ela assentiu inexpressivamente. Qual era seu título? *Lorde justiça* .

A avó suspirou. “Posso garantir que ele nunca estará longe de você, mas tire o lorde justiça da sua mente e concentre-se no conselho. Tenho certeza de que eles terão perguntas sobre onde você esteve, e teremos que navegar por elas com cuidado, mas vou ser o mais breve possível. Apenas lembre-se de…”

As palavras de Catherine se confundiram em um eco dentro de sua mente, e o estômago de Norah deu um nó. Ela não queria isso: nem o peso de tudo isso, nem o casamento, nem o vestido ou o óleo perfumado, e certamente nem o colar que sua avó lhe mostrou.

Ela cambaleou para trás e se prendeu contra a parede. A sala girou ao redor dela.

Catherine fez uma pausa. Ela colocou o colar no chão e pegou a mão de Norah, firmando-a. “Respire fundo,” a mulher disse a ela, e ela o fez.

A sala se estabilizou, e ela também. Norah olhou para cima e encontrou Catherine olhando para ela com uma profunda tristeza nos olhos. Sua avó a puxou para mais perto e levou a mão ao rosto de Norah. “Sinto muito, minha querida. Gostaria de ter mais tempo para prepará-la para isso. O peso do mundo está sobre seus ombros, eu sei. Sua vida não é sua, e entendo como é difícil aceitar isso. Mas você deve fazer exatamente o que eu digo. Muita coisa depende disso — você, seu povo, todos nós. Você entende?”

Sua mente entendeu, mas seu coração ainda vacilou.

“Estarei ao seu lado em cada passo do caminho”, disse Catherine.

E Norah se viu concordando, mas não exatamente.



Náuseas percorreram Norah quando ela saiu de seu quarto e entrou no grande salão arqueado de branco e luz. Talvez ela tivesse bebido vinho demais. Ou não o suficiente. O sol refletindo no mármore quase a cegou, mas ela andou, sem ver, em mais de uma maneira.

Ela invejou a mulher que estava parada na janela no escuro apenas algumas horas antes, antes de saber desse Rei das Sombras que a queria morta, antes de saber que se casaria com um estranho. Como se acordar como herdeira da coroa e sem memória não fosse o suficiente. Sua avó andou rapidamente ao lado dela, como se tudo isso fosse normal. Isso seria o normal dela? Ela olhou por cima do ombro para o guarda que a seguia logo atrás. Essa era sua vida agora?

Quando viraram uma esquina, ela avistou um rosto familiar esperando no final do corredor e, de repente, o peso de tudo pareceu aliviar.

Alexandre .

Os olhos deles se encontraram enquanto ela se aproximava. E o olhar dele…

“Princesa Norah,” ele a cumprimentou com uma reverência quando ela o alcançou.

“Lorde Justiça”, ela respondeu. Usar o título dele pareceu estranho para ela, mas ele deu um pequeno sorriso, e isso a acalmou. “Estou exagerada?”, ela perguntou timidamente, olhando para seu vestido. Era uma pergunta retórica. Ela estava completamente exagerada.

“De modo algum,” ele assegurou a ela. “Você parece… muito majestosa.”

“Eu deveria. Tudo isso levou um tempo absurdamente longo.”

Seu sorriso se alargou.

“Bom dia, Lorde Justiça”, Catherine o cumprimentou com severidade na voz.

Alexander fez uma rápida reverência, e Norah olhou divertida, pois suspeitava que ele nem tinha notado sua avó.

“Bom dia, Rainha Regente,” ele respondeu a Catherine. “Espero que você tenha descansado bem.”

“Tão bem quanto toda essa excitação permitiria.”

“O conselho espera no judisaept”, ele disse a eles.

A rainha regente olhou para Norah. “Lembre-se do que eu lhe disse, e você se sairá muito bem.”

O pulso de Norah acelerou. Catherine tinha falado sobre o que esperar e como responder ao conselho enquanto Norah era enfiada em seu vestido e empoada como uma bola de massa, mas ela ainda respirava nervosamente. Lembrar não era seu ponto forte no momento. Catherine tinha dito a ela para ficar em silêncio sobre sua perda de memória, mas ela ainda não entendia o porquê. Certamente as pessoas descobririam imediatamente. Ela tentou afastar o medo de sua mente e seguiu sua avó.

O judisaept era uma sala menor do que Norah esperava, dada a estatura do castelo que ela tinha visto até agora, mas não era menos esplêndido. Vigas esculpidas corriam ao longo das paredes e entre as pedras, alcançando o teto. No centro pendia um grande lustre de ferro segurando velas dentro de delicadas flautas de vidro soprado. Embaixo havia uma mesa retangular, com cavaletes lindamente enrolados. Grandes escudos adornavam as paredes. Eles não foram feitos para decoração, pois cada um deles trazia as marcas da batalha.

Ao redor da mesa estavam quatro vereadores, que fizeram uma reverência quando ela entrou.

“Princesa Norah!” chamou o homem à sua direita, vindo para frente. “Bem-vinda ao lar!”

Edward , talvez, com base na descrição de Catherine. Ele era um homem mais baixo, pálido e calvo, e mais ou menos da mesma idade de sua avó. Ele era magro, exceto por uma barriga ligeiramente saliente não totalmente escondida por suas vestes de conselho. Seus traços faciais eram afiados — especialmente seu nariz e queixo — mas seu rosto não era cruel. Ele estendeu a mão e pegou a mão de Norah, que ele prontamente levou à testa enquanto se curvava.

Seu coração disparou enquanto ela forçava um sorriso e tentava parecer calma. Ele conseguia sentir sua mão úmida tremendo? Ele parecia alheio. Tudo o que sua avó lhe dissera escapava de sua mente, e tudo o que ela podia fazer era fingir normalidade.

“Conselheiro Edward”, respondeu Catherine, “ela não é a imagem de sua mãe?”

“De fato, ela é.” Ele puxou Norah para frente, estendendo o braço para o resto dos conselheiros. “Os deuses sorriem para nós.”

Todos os vereadores se curvaram novamente, batendo palmas, e Norah engoliu o nó na garganta.

“E que os deuses favoreçam o senhor da justiça por trazê-lo de volta para nós”, ele acrescentou com um aceno para Alexandre, que havia se posicionado ao lado da grande mesa.

Alexander abaixou a cabeça rigidamente, se mexendo sob a atenção. “Como era meu dever,” ele disse. Seus olhos se encontraram com os dela novamente e a seguraram. O dever era tudo o que tinha sido?

Edward se virou para ela. “Primeiro você precisa nos dizer, Princesa, onde você esteve todo esse tempo.”

A atenção de Norah voltou-se para a pergunta dele, e sua respiração ficou presa na garganta. Claro que essa seria a primeira pergunta deles. Seu coração batia mais rápido.

“Conselheiro Edward”, disse Catherine, “há tanto para discutir, mas vejo que os Conselheiros James e Elias não estão conosco?”

“Eles estão em Damasco, e esperamos que retornem em dois dias”, Edward respondeu. “Reuniremos o estado então.”

O estado ? Norah não sabia o que isso significava, mas não parecia algo que ela esperaria ansiosamente.

“O retorno da princesa é um assunto sério,” Catherine disse firmemente, “e requer nosso conselho completo. Não discutiremos isso sem eles.”

Norah já conseguia ver a habilidade com que sua avó lidava com essas conversas. Ela não conseguia imaginar fazer o mesmo.

O vereador fez uma pausa com uma ruga na testa, mas então assentiu. “Uh, sim, claro.”

Norah soltou um suspiro silencioso de alívio.

“Ainda haverá festividades comemorativas, sim? Para apresentá-la?” outro vereador perguntou. Ele tinha quase a mesma altura de Edward, mas o dobro da largura, e usava uma espessa capa de cabelo branco e curto. Norah não conseguia associá-lo aos nomes e descrições que sua avó havia passado. Henricus, talvez? “Todos estarão esperando vê-la”, ele acrescentou.

Catherine deu um sorriso suave. “Os arranjos já começaram para amanhã à noite.”

"Muito bom."

Edward se virou para Norah. “Bem, há muito o que discutir, Princesa, mas por enquanto, bem-vinda de volta ao lar. Estamos ansiosos para o nosso estado e para ouvir sobre o seu tempo longe de nós.”

Antes que Norah pudesse responder, Catherine colocou a mão em seu braço. “Conselheiros, se nos derem licença, ainda há muito que precisamos cuidar.”

Todos os homens fizeram reverências respeitosas enquanto Catherine puxava Norah em direção à porta. Norah olhou por cima do ombro e captou os olhos de Alexander, mas um conselheiro o chamou, tirando sua atenção dela.

“Maravilhoso, querida,” sua avó sussurrou enquanto elas entravam no grande salão e se afastavam do judisaept. “Você se saiu melhor do que eu esperava.”

Norah franziu a testa. “Mas eu não disse nada.”

Catherine deu um tapinha na mão dela. “Exatamente.”

Norah não tinha certeza de como se sentia sobre isso, mas sua mente estava muito consumida por outras coisas para se importar muito. “O que é um estado?”, ela perguntou.

“Um estado é uma reunião do conselho para trabalhar em resoluções para os desafios que nosso reino enfrenta. Discutimos muitas coisas: questões de bolsa, alianças, guerra, comércio, piratas—”

“Piratas?”

“Sim, ladrões problemáticos. Qualquer reino com uma frota sofre com seus ataques. E as frotas mercianas carregam alguns dos negócios mais valiosos do mundo — aço merciano.”

Então o conselho resolveu os problemas. Alexander disse que o conselho a ajudaria, então por que sua avó não queria que eles soubessem de sua circunstância? "Por quanto tempo esconderemos minha perda de memória deles?", ela perguntou.

“Enquanto pudermos”, Catherine respondeu brevemente.

“Mas isso não pode demorar muito.” Não muito mesmo. A primeira pergunta do conselho a deixou cambaleando.

A avó olhou para ela severamente. “Não podemos arriscar nada que possa atrasar seu caminho para a coroa ou impedi-la de obtê-la.”

Isso só levantou mais perguntas, mas ela sabia que não podia perguntar agora, tão abertamente. Sua mente se voltou para outras curiosidades. "Você disse que eu tenho uma prima. Eu a verei em breve?"

O olhar de Catherine voltou-se para ela. “Uma prima de segundo grau,” ela disse cautelosamente. “Evangeline. Ela se apresentará a você na celebração de boas-vindas, mas você fará bem em mantê-la à distância. Há aqueles que adorariam vê-la em seu trono. Nem todo mundo tem sido tão paciente para seu retorno.”

Evangeline no trono? Talvez essa não tenha sido a pior ideia. *Evangeline* . Ela provavelmente se encaixaria melhor. O título até combinava melhor com seu nome. Rainha Evangeline. Rimava, como se planejado. Rainha Norah — soava como um vegetal quando dito rápido o suficiente.

“Se ela pudesse fazer um trabalho melhor…” Norah murmurou.

Catherine parou e se virou abruptamente, fazendo Norah quase esbarrar nela. Ela puxou Norah para perto, falando em um sussurro abafado. “Ouça-me com atenção. Há pessoas que estão famintas por poder e usarão todos os meios necessários para obtê-lo. Mas este é *o seu* trono. *Você* é a filha do Rei Aamon, *você* é a herdeira legítima e aquela que unirá os reinos e derrotará as Terras Sombrias. Você entendeu?”

O que aconteceu com uma coisa de cada vez? E o que ela quis dizer com *pessoas que estão famintas por poder* ? Dentro de Mércia? Seu coração pulsava. Ela não achava que conseguiria lidar com outro desafio.

“Agora o conselho pressionará para que sua coroação seja feita o mais rápido possível”, continuou o regente. “Eu também insistirei nisso.”

“Espera, o quê?” Norah balançou a cabeça. “Por quê? Você está obviamente fazendo um trabalho maravilhoso como rainha regente.” Ela nem tinha conseguido se concentrar em fingir ter suas memórias. Isso tudo estava chegando muito cedo. Era demais.

“O conselho vai querer vê-la casada rapidamente com o Rei Phillip, para o qual eles vão querer coroá-la primeiro. Isso funciona a nosso favor. Até lá, você não dirá nada sobre suas memórias.”

Isso soou como uma ideia terrível. “Eu não posso—”

“Não falaremos sobre isso agora.” Catherine a silenciou enquanto Alexander emergia do judisaept e se dirigia a eles.

Outra objeção surgiu nos lábios de Norah, mas ela desapareceu de sua mente quando ela olhou para ele.

Catherine suspirou enquanto apertava a mão de Norah. “Não se preocupe, criança. Nós vamos resolver tudo. Mas agora, preciso cuidar de algumas coisas. O guarda vai te ver de volta.”

“Rainha Regente,” Alexander chamou, chegando atrás deles. Catherine se virou. Seus olhos, de um profundo azul-celeste, encontraram os de Norah, e ele fez uma pequena reverência com a cabeça. Então ele se interrompeu e se virou para Catherine e disse, “Eu gostaria de apresentar a princesa ao capitão e ao resto de sua guarda. Ela precisa estar familiarizada com eles.”

Catherine olhou para Norah cautelosamente e franziu os lábios. Então ela suspirou. “Muito bem. Você a levará diretamente para o quarto dela depois.”

Ele assentiu.

“Estou falando sério”, Catherine pressionou. “Não fique por aí.”

“Claro”, ele assegurou a ela.

Ele se virou para Norah.

E Norah sorriu.



Capítulo sete

“Por aqui , Vossa Alteza,” Alexander disse. Ele estendeu seu braço pela estrada principal.

Ela se encolheu por dentro. “Por favor, não me chame assim.” Ela podia suportar isso em público, mas não aqui quando era só entre eles.

“Princesa Norah.”

Ela fez uma careta. “Isso também não.”

“Eu tenho que fazer isso.”

Ela estava com medo que ele dissesse isso. “Sempre?”

“Nem sempre,” ele assegurou a ela. Então os cantos de sua boca se ergueram. “Quando você for rainha, eu a chamarei de *Vossa Elegância* .”

Ela lançou-lhe um olhar de descrença com as sobrancelhas pesadas. “Isso não pode ser um título sério.”

Ele riu. “É. E você também achou ridículo antes.”

Ela parou, desesperada pelos pensamentos que tivera quando era ela mesma. Ele a conhecia. "Conte-me mais sobre o que eu pensava antes."

Alexander se aquietou. Seus olhos continham um fio de tristeza, como se aqueles velhos pensamentos o assombrassem. Então os cantos dos lábios dele se ergueram, e a tristeza desapareceu. Ela se perguntou se ela tinha visto isso. "Você pensou que o título de rei era melhor."

“Qual foi?”

“Regal High.”

“Isso *é* melhor.” Por que a rainha não recebeu um título poderoso?

“Você preferiria ser chamada de *Regal High* quando for rainha?”

“Prefiro não ser chamado de nada disso.”

Ele riu de novo, e ela mordeu o lábio. Ela deveria ter mais cuidado com as palavras. Catherine ficaria fora de si se a ouvisse dizer isso.

“Eu sei”, ele disse.

O quanto ele sabia sobre ela? Ele abriu a mão e fez sinal para que continuassem, e eles começaram a andar novamente pelo corredor.

“Minha avó não confia no conselho”, ela disse enquanto caminhavam. Por que ela não confiava? Eles eram o conselho dela, estavam lá para *aconselhar* .

“Sua avó não confia em ninguém.”

Norah levantou uma sobrancelha. “Ela confia em você.”

Ele deu de ombros com um sorriso. “Às vezes.”

Eles viraram para outro corredor, onde vários pequenos grupos se reuniam, e Norah diminuiu o passo. As vozes caíram, e todos os olhos estavam nela. Seu peito apertou, e seu estômago embrulhou.

“Eu conheço essas pessoas?” ela sussurrou. A ameaça de pânico subiu por sua espinha e fez cócegas no fundo de sua mente. Eles esperariam algo dela, que ela fizesse algo, que dissesse algo?

“Você conhece a maioria deles. Mas ninguém vai falar a menos que você fale com eles primeiro. Então, vamos apenas passar.”

Os homens se curvaram, e as mulheres fizeram reverências quando Norah e Alexander passaram. Todos estavam sorrindo. Não reconhecê-los parecia pretensioso, e Norah se viu assentindo com genuína cortesia.

Alexander deu um pequeno sorriso a ela enquanto eles saíam do salão. “As pessoas vão te amar.”

Ela não fez absolutamente nada. "Por quê?" Eles viraram em outro corredor, um que se abria para o lado de fora ao longo de uma calçada com colunas.

“Porque você os vê.”

Como ela não poderia? O reconhecimento pareceu estranho, mas Alexander não lhe deu tempo para refletir antes de murmurar algo ininteligível e de repente agarrar seu braço.

“O quê…” ela começou, mas não conseguiu terminar a frase. Com os olhos arregalados, ela o deixou puxá-la rapidamente de volta para dentro, por um corredor, e para uma pequena alcova arqueada de uma porta. Ele testou a porta dentro de sua moldura, mas ela estava trancada.

“Sinto muito por isso”, ele disse em voz baixa, “e é altamente inapropriado, eu sei.” Ele acenou para os guardas continuarem andando, então olhou para fora do esconderijo deles.

“O que… o que você está fazendo?” ela perguntou.

“Só precisamos esperar um momento,” ele sussurrou. Ele se inclinou e lançou outro olhar para o corredor.

A alcova era pequena. Muito pequena. Ele a segurou gentilmente pelos braços enquanto eles estavam encolhidos no espaço apertado. Ela empurrou a mão para o peito dele, como se isso fosse colocar uma barreira entre eles, mas isso só pareceu ligá-los, aproximá-los.

“P-Por quê?” ela gaguejou sem fôlego.

“Eu sei que disse que ninguém falaria com você a menos que você falasse com eles primeiro,” ele sussurrou, “mas há… alguns no tribunal que podem não obedecer. E eu gostaria de evitar um deles agora.”

“Achei que a tinha visto!”, gritou uma voz estridente.

Norah olhou nos olhos de Alexander, e ele inclinou a cabeça com uma sobrancelha erguida, como se seu ponto tivesse sido provado. Ela não discutiu. Para evitar pessoas que a conheciam, pessoas que poderiam descobri-la, ela estava bem em se esconder. Ela preferia evitar todo mundo.

Eles estavam, tão perto, esperando. Ele estava cuidadosamente espiando de lado, mas quando olhou para ela, ele parou. A mão dela ainda estava contra o peito dele, e ela olhou para ela. Ela deveria tirá-la. *Tirá-la.* Mas ela não fez. Por baixo, o coração dele batia contra a palma dela. Sua batida rápida combinava com a dela. Tão perto eles estavam. Ele ficou parado como uma estátua, mas seu calor penetrou nela, através dela. Envolveu-a. Era o calor familiar de um corpo familiar, a batida familiar de um coração familiar.

“Acho que está claro agora”, ele sussurrou.

Ele tirou as mãos dos braços dela, e ela puxou a própria mão, mas ainda assim eles não fizeram nenhum movimento para sair. Tantas perguntas estavam em seus lábios — perguntas que ela não era corajosa o suficiente para fazer. Finalmente, ele saiu da alcova e voltou para o corredor, libertando-a do aperto invisível.

Norah alisou o vestido enquanto saía ao lado dele, mas seu coração ainda disparava. Ela olhou para ele, e ele parecia como se nada tivesse acontecido. Ela tinha imaginado essa conexão entre eles? Ou sonhado, talvez. Suas bochechas coraram. Talvez não tivesse havido nada.

“Por aqui, Princesa,” ele disse, gesticulando de volta para o corredor e colocando alguma distância entre eles, tanto fisicamente quanto com seu tom. As bochechas dela ficaram mais quentes. Ela certamente imaginou isso.

Eles retomaram a caminhada, de volta pelo caminho que tinham vindo até as portas externas e pela calçada. Alexander lançou um olhar cauteloso enquanto eles seguiam, observando outros visitantes inconvenientes. “Vou levá-los para conhecer Caspian”, ele disse, “o capitão da guarda.”

Excelente — algo diferente para concentrar sua mente.

Ele parou por um momento e gesticulou para trás dela, onde ela mais uma vez encontrou dois homens de sua guarda.

“Estes são Titus e Liaman — dois dos vários homens que você verá regularmente.” Ela não tinha percebido que eles tinham retomado atrás deles. Eles tinham visto ela e Alexander se abaixarem na alcova? Claro que tinham. *Nada estranho* . “Você tem os melhores espadachins da Mércia ao seu lado,” ele disse a ela.

Ela engoliu em seco, desconfortável, mas seguiu a liderança de Alexander e fingiu que nada aconteceu. “Então me sinto muito segura”, ela disse com um aceno para os soldados. “Prazer em conhecê-los.”

“Vossa Alteza,” eles disseram em uníssono, curvando suas cabeças. Ela se contorceu sob o endereço. Liaman parecia mais jovem do que ela, quase um menino, mas ele se movia com uma graça envelhecida. Titus era um homem grande, maior até do que Alexander, e certamente tinha conhecido uma batalha ou duas. Sua cabeça estava raspada, e ele tinha um toque de barba. Uma cicatriz irregular alinhava sua mandíbula, e uma quebrou o arco de sua sobrancelha direita.

Alexander continuou, e ela o seguiu. Enquanto eles seguiam em direção a um prédio fechado, um homem saiu para encontrá-los com dois soldados em seu flanco. Quando ele alcançou Alexander e Norah, ele levou o punho ao peito em saudação.

“Vossa Alteza,” Alexander disse. “Eu apresento o Capitão Caspian Frey.”

Caspian era bonito de uma forma honesta. Ele era um homem de aparência gentil, com um sorriso generoso e cabelos loiros como muitos dos nórdicos. Ele parecia ter mais ou menos a mesma idade de Alexander.

“Capitão Frey”, ela o cumprimentou.

Ele sorriu calorosamente enquanto se curvava. “Vossa Alteza.” Ele então abriu o braço para os homens atrás dele. “Permitam-me apresentar Aaron e Daniel.” Cada homem curvou

a cabeça quando seu nome foi chamado. “Com Titus e Liaman, esses homens formam sua guarda principal. Vocês nunca ficarão sem pelo menos um deles.”

“Obrigada”, ela respondeu, embora soasse mais como uma pergunta.

“Esses homens estão todos cientes da sua situação, e vão ajudar você a se aclimatar,” Alexander disse a ela. “Você pode perguntar qualquer coisa a eles.”

Norah deu um aceno apreciativo. Pelo *qual* ela estava realmente grata, embora ela esperasse um pouco antes de bombardeá-los com perguntas.

Caspian fez outra reverência. “Vamos deixar você com seus negócios. Bem-vinda ao lar, Vossa Alteza.”

“Obrigada… Capitão.” Os títulos ainda a desafiavam.

Caspian e os dois soldados os deixaram caminhando.

Alexander virou-se para ela. “Eu deveria te trazer de volta.”

Certo . Ela abafou um gemido crescente ao pensar em retornar ao seu quarto. “Eu suponho que sim.” Eles começaram a voltar para o castelo.

Enquanto caminhavam, seus olhos captaram um edifício grande e majestoso, com vitrais de cores brilhantes entrelaçados com elegantes tracerias que se estendiam até seus picos.

Ela parou de andar. “O que é isso?”

“A biblioteca.”

Era lindo, sentado quadrado e centralizado por um arco pontiagudo sobre pesadas portas de madeira. Uma caminhada abobadada com pilares esculpidos alinhava seu perímetro, e uma torre ao fundo se estendia em direção ao céu.

“Ele abriga a maior coleção de conhecimento do mundo”, ele disse a ela. “História, filosofia, todas as obras modernas de ciência e estudo — está tudo aqui. Tudo sobre Mércia e além.”

“É lindo.” Ela sorriu, esquecendo todo o resto por um momento. “Posso ver o interior?”

Alexandre hesitou, olhando para o castelo, sem dúvida refletindo sobre sua promessa à avó de devolvê-la imediatamente.

“Só uma olhada”, ela insistiu.

Ele suspirou. “Acho que uma olhada rápida não vai doer.”

Ela sorriu.

Alexandre acenou para o guarda ficar do lado de fora enquanto eles passavam pelas portas duplas esculpidas.

Norah engasgou enquanto olhava ao redor para a magnitude dos livros que estavam nas prateleiras até o teto. “É incrível!”

“Quando as visões previram que os Shadowmen invadiriam Mércia, seu pai ordenou que todos os livros e pergaminhos fossem levados para Aleon para serem guardados em segurança. Foram necessários mais de dez mil homens.”

A menção de Aleon a fez enrijecer. Ela queria perguntar a ele sobre o casamento, mas isso parecia muito pessoal agora. "Aleon é mais seguro que Mércia?", ela perguntou em vez disso.

“Não necessariamente, mas o Rei das Sombras não tinha sua destruição focada em Aleon.”

Não, estava focado nela. Norah mordeu o lábio e voltou os olhos para os livros na estante.

“Seu pai tinha toda a intenção de mudar o futuro, mas ele não era de correr riscos. Ele sempre disse que conhecimento era a coisa mais importante do mundo, além de você. Depois que tomamos as montanhas de Bahoul e expulsamos o Rei das Sombras de volta para as profundezas das Terras Sombrias, só então soubemos que era seguro trazer tudo para casa. E era seguro para você voltar para casa.”

Ela apertou o pingente em volta do pescoço, passando o polegar sobre o falcão de inverno. “Minha avó disse que o Rei das Sombras ainda virá atrás de mim.”

Seus olhos queimaram em um azul profundo, então escureceram como o oceano. “Ele vai tentar.”

Ela engoliu em seco. O pensamento de um inimigo sombrio vindo em sua direção a abalou. Mais do que a abalou — a assustou.

“Mas não vou deixar isso acontecer”, ele garantiu a ela.

Ela assentiu. Ela esperava que sim.

Ele pegou o braço dela. “Ei” — ele chamou os olhos dela para os dele — “Eu nunca deixaria ninguém te machucar. Nunca.”

A promessa em sua voz... Era pessoal, além do dever, além da lealdade jurada.

Ele a soltou e continuou andando pela biblioteca. “Milhares de anos de trabalho são mantidos dentro dessas paredes. Passamos muitas horas aqui quando éramos jovens, lendo, estudando.” Ele parou, ficando sombrio, e tocou um livro encadernado em couro na prateleira. “Este você amou.”

"O que é?"

“Uma história — contada em uma coleção de poemas.” Ele a tirou do lugar e a segurou para ela. A tinta mais escura do couro tinha sido desgastada até a maciez bronzeada por baixo; a evidência de muitas leituras. “Ela contém seu poema favorito.”

“Você sabe qual?” Pergunta boba — claro que ele não saberia.

Alexander ficou quieto, olhando para o livro. Então ele abriu lentamente suas páginas rendadas. Ele selecionou a passagem, sua estrofe final, mas seus olhos encontraram os dela enquanto ele falava as palavras.

“ *Durma agora, amor, e espere por mim*

Pois com o tempo isso acontecerá

Que eu seguirei, envolto em descanso sob a terra —”

“ *Juntos, meu querido, finalmente* ,” ela sussurrou, terminando. A emoção percorreu seu corpo — um desejo familiar, uma dor profunda. Ela sabia disso. Ela sabia disso, conhecia as palavras, o sentimento e o significado. Ela conhecia a história.

Alexander ficou congelado, encarando. Seus lábios se separaram. Ele se aproximou. “Você se lembra?” ele respirou.

Ela assentiu com a respiração trêmula. “Eu sei.”

“O que mais?” ele perguntou, ansioso agora. “Alguma coisa?”

Mas sua excitação esfriou. *Não* . Nada mais tinha vindo. Nenhuma lembrança, nem mesmo a lembrança de realmente ter lido o livro, apenas o conhecimento dele. Lentamente, ela balançou a cabeça.

Ele engoliu em seco, se endireitando e recuando, como se estivesse coletando sua esperança caída. “Está tudo bem”, ele disse. “Vai chegar.”

“A menos que não.”

Agora ela podia ver — a tristeza. Mas então ele a agarrou de volta rapidamente, escondendo-a atrás de uma parede. “Vai”, ele disse com uma cara de perfeita segurança.

Ela olhou através das palavras dele. O que ele estava escondendo atrás daquela parede? Então ela fez uma pausa. “Você sabe meu poema favorito de memória?”

O semblante de perfeição caiu, e ele engoliu em seco. Seus lábios se separaram, e sua respiração acelerou. “Norah, eu—”

As portas da biblioteca se abriram atrás deles, e ela se virou para ver um homem entrar. Quando seus olhos os encontraram, um grande sorriso se abriu em seus lábios, e ele começou a andar em direção a eles. Sua altura, juntamente com o formato de seu rosto e mandíbula, o entregaram quase imediatamente: o irmão de Alexander. Adrian .

Alexander disse que eles eram próximos. Aja próximo... sorria, ela disse a si mesma.

E ela sorriu.

“Norah!” ele chamou com uma risada calorosa. Seu passo não diminuiu conforme ele se aproximava, e o coração dela batia mais rápido. Ele se moveu para abraçá-la, mas a mão de Alexander serpenteou e o pegou com um aperto amigável no ombro, parando o jovem sob o pretexto de afeição.

“Adrian,” Alexander disse enquanto puxava seu irmão para mais perto dele e olhava para Norah. Foi um esforço sutil para apresentá-lo.

Adrian olhou para Alexander, claramente confuso. Então ele encontrou um pouco de formalidade, sem dúvida do olhar castigador de seu irmão. Ele sorriu sem jeito enquanto se curvava. “Princesa Norah,” ele disse com uma leve rigidez.

Ela não sabia bem como responder. “Lorde Adrian.”

A testa de Adrian franziu. Suas palavras pareceram erradas assim que saíram de seus lábios. Mas ele era um lorde, não era? Formal demais, talvez? *Droga.*

Ele deu um aceno intrigado, mas seu sorriso retornou rapidamente. “Quase não acreditei quando ouvi. Você voltou.”

“Estou”, ela disse. Ela estava de fato de volta. E parada desajeitadamente. Ela olhou para Alexander.

A boca de Adrian se abriu para dizer mais, mas Alexander interrompeu. “Falando em te trazer de volta, nós deveríamos ir,” ele disse para Norah enquanto devolvia o livro para a prateleira de onde o havia tirado.

Ela sentiu o desconforto de Alexander com seu irmão, e a confusão de Adrian. Catherine tinha sido muito incisiva sobre manter sua perda de memória em segredo. Seria difícil para ela com pessoas que a conheciam bem, e ela imaginou que seria difícil para Alexander esconder isso de seu irmão também.

“Claro”, ela disse, sorrindo educadamente para Adrian.

Ao saírem da biblioteca, o vento trouxe um tremor, e Norah puxou sua capa. O Reino do Norte, Mércia era chamado. Parecia muito do norte.

"Estou surpreso que meu irmão tenha deixado você aqui fora nesse frio", Adrian disse a ela.

Ela sorriu. “Não é obra do Alexander. Eu o mantive fora. O prédio era lindo, e eu tinha que vê-lo.”

Suas sobrancelhas se franziram e Alexander estremeceu.

“Só para ver o que poderia ter mudado”, ela acrescentou rapidamente.

Adrian riu. “Um prédio que está de pé há mil anos não deve ter mudado muito nos últimos três.”

“Não, eu sei. Eu quis dizer os livros.” Ela engoliu em seco. “Para ter certeza...” Eles tinham sido levados para Aleon para serem guardados e devolvidos, não tinham? “Para ter certeza de que estavam no lugar certo.” O que havia de errado com ela? Ela precisava parar de falar.

Alexander balançou a cabeça levemente, e ela sabia. “Eu provavelmente deveria voltar,” ela disse sem fôlego.

“Sim, você deveria”, disse Alexander.

Um servo se aproximou. “Vossa Alteza,” ele se curvou educadamente para Norah e então se virou para Alexander. “Lorde Justiça, a rainha regente requer você.”

Alexander olhou para Norah, depois de volta para o servo. “Eu irei.”

“Ela espera em seu escritório”, disse o criado com uma reverência e saiu.

Seus olhos encontraram os de Norah. “Eu tenho que ir. Seu guarda vai te ver de volta.”

“Onde mais você gostaria de ir? Eu posso te levar,” Adrian ofereceu.

“Você tem seus deveres,” Alexander interrompeu. Ele se virou para Norah. “Titus e Liaman vão te levar de volta para seu quarto.”

“Meus deveres não podem esperar, irmão?” Adrian perguntou. “Certamente a princesa—”

“Não,” Alexander o interrompeu firmemente, pegando Adrian de surpresa e silenciando-o. “A princesa precisa retornar para seus aposentos.” Ele se virou para Norah. “Vossa Alteza,” ele disse com uma reverência de cabeça. Ele deu um aceno a Titus e então saiu para encontrar o regente.

Norah olhou para Adrian se desculpando enquanto voltava para o castelo. Ele a seguiu.

Ele olhou para Norah. “Você se importa se eu pelo menos caminhar de volta com você?”

“De jeito nenhum,” ela disse com um pequeno sorriso. O que mais ela diria?

“Ainda não consigo acreditar que você voltou”, ele disse enquanto caminhavam. “Onde você estava?”

“Adrian,” Titus resmungou, e o jovem olhou para o guarda, confuso.

O pulso de Norah acelerou. Essa era a pergunta na mente de todos. “É complicado. Estou realmente apenas tentando me estabelecer agora.”

Ele assentiu. “Claro.”

Norah sentiu uma pontada de simpatia. Ele parecia gentil e genuinamente feliz em vê-la. Ele simplesmente não entendia, e ela também não.

Eles chegaram ao castelo e entraram por uma porta lateral, e Norah se viu desorientada nos corredores que se cruzavam.

Adrian parou. “Estou feliz que você esteja de volta, Norah. Há tantas coisas que eu quero te perguntar — há tantas coisas para conversar, mas” — ele olhou para Titus com uma sobrancelha confusa — “acho que isso pode esperar por enquanto. Mas posso te ver mais tarde?”

Ela engoliu em seco e sorriu. “Sim, claro.”

Era ali que ele claramente pretendia se separar, mas ele demorou. Seus olhos se estreitaram. “Você sabe para onde está indo?”

A pergunta a abalou. Claro que ela não sabia para onde estava indo, mas isso seria uma pista clara. “Eu estava... só decidindo se poderia passar na cozinha para comer alguma coisa antes de voltar para o meu quarto.”

O canto da boca de Adrian se contraiu. “Por que você iria para a cozinha?”

Porque era lá que a comida estava. Mas... uma princesa não iria buscar sua própria comida. Norah mordeu o interior do lábio. *Droga* .

“Liaman,” Titus rosnou, “corra na frente para o quarto da princesa e peça para sua criada buscar algo para comer.”

O guarda mais jovem correu pelo corredor à sua direita, e Norah silenciosamente elogiou a inteligência rápida de Titus.

“Só procurando outro motivo para sair e caminhar, eu acho”, ela tentou explicar. “Mas acho que devo voltar. É bom ver você de novo, Adrian.”

Ele fez uma pequena reverência com a cabeça e um sorriso educado, mas ainda havia uma ruga na testa.

Ela virou no corredor que Liaman havia escolhido e tentou não sair muito rápido, pois sentia os olhos de Adrian ainda nela. Quando ele estava fora de vista e do alcance da voz, ela olhou de volta para Titus. "Obrigada. Isso não estava indo bem."

“Nada bem”, ele respondeu.

Ela franziu a testa. Ele claramente não era do tipo reconfortante.



Capítulo oito

O sol se pôs e nasceu novamente antes que Norah sentisse que um dia sequer havia passado. Talvez fosse a quantidade avassaladora de informações que Catherine e Rebecca incansavelmente pressionavam sobre ela — quais nomes lembrar, como agir, como não agir, o que dizer, o que não dizer, como se mover. Talvez fosse porque ela estava temendo as celebrações que se aproximavam. Ela não sentia que havia um motivo para comemorar ainda. A princesa Mércia poderia ter retornado, mas ela não era ela mesma.

Rebecca puxou o laço do vestido de Norah com força enquanto Norah observava sem expressão no espelho. Sedas esmeraldas com bordas douradas ondulavam ao redor dela.

“Você está bem, Alteza?”, perguntou sua criada, terminando de amarrar e alisando o tecido.

Norah olhou para sua empregada no reflexo e forçou um pequeno sorriso. "Claro." Mas ela não estava bem. Ela estava sendo enfiada em um vestido novamente para se mostrar na frente de pessoas que ela não conhecia e fingir ser alguém que ela não era.

Rebecca prendeu um colar de esmeraldas combinando no pescoço de Norah e adicionou joias de cordão em suas orelhas. “Pronto. Você é linda.”

Norah encontrou seu reflexo no espelho novamente. Suas tranças soltas pendiam livremente sobre seus ombros. Suas maçãs do rosto altas estavam beijadas com cor sob o azul brilhante de seus olhos. Ela se sentia bonita, e não conseguiu evitar um pequeno sorriso.

“Você está pronta?” Rebecca perguntou a ela.

Ela não estava pronta, mas saiu da câmara e foi para o corredor, onde seu guarda estava esperando. "Onde está minha avó?", ela perguntou a eles.

“A rainha regente está no grande salão,” Titus disse com uma pequena reverência de cabeça. “Eu vou te levar até ela.”

“Alexandre está aí?”

Ele hesitou brevemente, mas assentiu. “Ele é, Vossa Alteza.”

Um calor tingiu suas bochechas com sua pergunta, percebendo que provavelmente era óbvio que Alexander permanecia em sua mente, mas isso foi rapidamente esquecido quando seus pensamentos se voltaram para vê-lo novamente. Ela seguiu Titus pelos corredores, desceu as escadas e passou pela sala do trono, até onde o grande salão transbordava de música. Ela diminuiu o ritmo quando viu Catherine caminhando em sua direção.

“Oh, minha querida,” Catherine disse com um sorriso de aprovação, “você é linda. Venha, venha. Todos estão esperando. Agora, isso deve facilitar sua volta às coisas. É bem informal. Anunciarei sua chegada, e tomaremos nossos lugares na frente do salão. Ao longo da noite, anunciarei quaisquer lordes e damas que desejarem estender seus parabéns para que você possa recebê-los. Você pode aceitar uma dança, se convidada. Não se incomode com comida; você precisará falar. Jantaremos em particular mais tarde.”

Parecia o oposto de informal, e o estômago de Norah roncou com a menção de algo para comer. Ela estava com fome, e um bocado de comida parecia uma explicação perfeitamente aceitável para não falar com as pessoas, mas ela voltou sua atenção para a noite que se aproximava. Seu coração disparou enquanto ela tentava se lembrar de tudo que sua avó tinha passado.

Catherine a conduziu até as pesadas portas de carvalho, e Norah respirou fundo quando o capitão que ela conhecera antes as abriu. Tapeçarias de painéis se estendiam do teto até as paredes e caíam até o chão. Centenas de velas ardiam intensamente nos lustres em camadas e candelabros de canto. Pessoas enchiam a sala, vestidas com vestidos finos e joias. Sim, muito *informal* .

“Bem-vinda ao lar, nossa Princesa!”, a voz de Catherine soou, e foi recebida com palmas ensurdecedoras. Norah seguiu a liderança de Catherine até a frente do salão, com sua guarda e capitão logo atrás.

“Esteja pronta, minha querida”, sussurrou sua avó enquanto se viravam para encarar a sala.

Quase imediatamente, um homem mais velho se aproximou com uma jovem mulher ao seu lado. Ele tinha a mesma altura de Norah, com uma constituição moderada e seu cabelo loiro grisalho meticulosamente penteado para trás. Seu gibão bordado tinha ombros com punhos, sem dúvida para aumentar sua estatura. Em volta da cintura, ele usava um cinto

fino do qual pendia uma espada ainda mais fina. Norah se perguntou se a lâmina era mesmo real. Seu estômago deu um nó. Certamente essa era a pior parte de ser uma princesa — falar com as pessoas. Pessoas que ela não conhecia.

"Lorde Allan", Catherine cumprimentou quando ele se aproximou, "e Lady Evangeline".

Evangeline . Sua prima de segundo grau, sobre quem sua avó a havia alertado. Norah a havia imaginado... diferentemente — nada parecida com o rosto caloroso sorrindo de volta para ela, as bochechas cor de rosa radiantes, os olhos azuis brilhando. Ela não podia ter mais do que dezesseis ou dezessete anos. Ela fez uma reverência quando o homem ao lado dela — Lorde Allan, seu pai — se curvou.

"Princesa Norah", ele disse, "estamos muito felizes pelo seu retorno seguro."

Ela se viu duvidando disso, com base no que sua avó lhe dissera e na rigidez que irradiava dele, o que era muito diferente de sua filha ao lado dele. A série de respostas com as quais Catherine a preparara escapou de sua mente. Ela olhou para sua avó, que levantou a sobrancelha com um gesto provocador. "Hum, obrigada, Lorde Allan. É... tão bom estar em casa." Ela terminou com um aceno de cabeça, esperando que fosse o suficiente.

Seus lábios sorriram, mas seus olhos não. "Vamos deixá-la para a noite. Bem-vinda ao lar, Princesa Norah," ele disse. Ele olhou para Catherine. "Rainha Regente." Ele se curvou novamente, e Evangeline fez uma reverência ao lado dele.

A troca pareceu misericordiosamente curta e certamente mais para olhares curiosos do que qualquer outra coisa. Norah copiou Catherine enquanto ela assentia. Era isso que ela deveria fazer, certo? Acenar para uma reverência?

"Excelente," Catherine sussurrou para ela enquanto Lorde Allan e Evangeline partiam. "Agora sorria."

Norah forçou os lábios a sorrir enquanto seus olhos varriam a sala. Tantas pessoas, e nem todas felizes com seu retorno. E tantas expectativas. Sua ansiedade aumentou.

"Aqui, tome um pouco de vinho", disse Catherine enquanto lhe entregava uma taça fornecida por um criado.

Sim . Vinho. Norah tomou um longo gole do copo, que foi prontamente reabastecido. Ela respirou fundo, sentindo-se um pouco melhor, e então bebeu profundamente de novo.

"Mas talvez não todo o vinho," Catherine acrescentou enquanto tirava o copo de suas mãos. "E tente sorrir com todo o seu rosto, criança."

Ela fez o melhor que pôde para colocar uma cara alegre quando outro simpatizante veio para cumprimentá-la. O vinho ameaçou voltar, mas ela o engoliu. Ela só precisava passar por esta noite.

Ela ficou de pé pelo que pareceu uma eternidade — sorrindo, acenando, agradecendo as calorosas boas-vindas. Um após o outro eles vieram, e quando ela pensou que não conseguiria mais suportar, olhos azuis encontraram os dela.

Ela parou e sorriu — um sorriso verdadeiro dessa vez.

"Rainha Regente," Alexander cumprimentou Catherine primeiro, e sua avó assentiu. Então ele se virou para Norah. "Princesa Norah. Você parece estar administrando a noite com bastante facilidade."

Não era assim que ela descreveria, mas nada disso importava.

"Você comeu?" ele perguntou.

Catherine lançou-lhe um olhar severo.

"Eu realmente não estou com fome", ela disse a ele.

Ele se aproximou dela, se virando e olhando para o outro lado do corredor. "Agora, eu sei que isso é mentira," ele disse baixinho, para que apenas ela pudesse ouvir.

Ela conteve um sorriso. Era mentira. Ela destruiria um jardim por algo para comer agora mesmo.

"É mais ou menos nessa hora que você me diria que destruiria um jardim por algo para comer agora mesmo."

Norah sacudiu a cabeça para ele, com os olhos arregalados.

"Devo roubar alguma coisa para você?" ele perguntou, com os olhos brilhando.

Ela teve que fazer de tudo para não rir.

"Norah," Catherine repreendeu.

Certo . Ela estava aqui com um propósito. "Sinto muito, eu…"

Suas palavras caíram quando uma melodia pungente encheu o salão, e ela parou. Ela conhecia essa música. Norah se virou e olhou para a orquestra de cordas enquanto eles tocavam a melodia familiar. Uma onda de nostalgia percorreu seu corpo, deixando-a tonta.

"Você está bem?" Alexander perguntou, dando um passo à frente e segurando-a levemente pelo braço.

Sua mente ficou turva.

"Norah?" Catherine perguntou. Sua voz estava distante.

"Eu conheço essa música", ela respirou. "Eu conheço essa dança."

Alexander se inclinou para mais perto. “Você se lembra de ‘Allameade’?”

“Allameade.” Sim, era assim que se chamava . Ela assentiu e olhou para Catherine, que a encarou de volta, com os olhos arregalados.

“Você se lembra de mais alguma coisa?” ele perguntou, com a ansiedade crescendo em sua voz.

Ela balançou a cabeça e fechou os olhos, ouvindo. “Só a dança, a música. Eu sei disso.” Ela abriu os olhos e sorriu para ele. Antes que Catherine pudesse protestar, ela agarrou o braço dele. “Venha comigo,” ela disse sem fôlego enquanto o puxava para o centro do salão em meio a outros dançando, que prontamente abriram caminho.

Eles ficaram parados por um momento, um de frente para o outro. Ela mordeu o lábio diante do humilde desconforto dele, tentando segurar uma risada, e então se curvou, convidando-o. Ele hesitou, então retribuiu a reverência, aceitando.

Eles levantaram os braços direitos juntos em uma torção, mas sem se tocarem. Seus olhos se encontraram enquanto eles circulavam um ao outro e então trocavam de braços. Para alguém que parecia tão relutante, ele conhecia bem os movimentos, ela refletiu. Ela também.

Ele estendeu o braço para o lado enquanto ela se movia em uma série de passos ao redor dele, através da história da música. Eles se carregavam no arranjo pelo chão. Ele deslizou atrás dela e curvou o braço ao redor dela, mas teve o cuidado de manter o menor espaço entre eles. Esse era o desafio dessa dança intrincada: duas pessoas incapazes de se tocar, incapazes de realmente serem uma. Ela passou o braço sobre o peito entre eles, alcançando para trás e acariciando o ar, descendo pelo comprimento do braço dele, então para o lado dela.

Eles se moviam em uníssono, perdendo-se na melodia e na proximidade um do outro. Ela se virou para encará-lo enquanto ele se erguia e trazia a palma da mão tão perto de sua bochecha que ela conseguia sentir o calor de sua mão. Ainda assim, ele não a tocou. Seus olhos queimavam com uma intensidade selvagem e agitavam algo selvagem dentro dela.

A música terminou e a proximidade deles a deixou sem fôlego.

Seus lábios se separaram — uma pergunta parecia permanecer neles — mas ele não falou. Em vez disso, ele pegou a mão dela e se curvou, depositando um beijo gentil nas costas dos dedos dela.

“Muito bem, Vossa Alteza. Obrigado por isso. Foi uma surpresa agradável.” Então ele se endireitou, sua formalidade retornando, e Norah percebeu que todos os olhos na sala estavam neles. Sua voz ficou mais baixa agora. “Eu deveria levá-la de volta para sua avó.”

A cabeça dela ficou leve quando ele a levou de volta para a companhia do regente, que lhe lançou um olhar desaprovador.

“Vossa Alteza,” Alexander disse a Norah com outra reverência de cabeça. “Espero que aproveite o resto da noite.” Ele fez uma pequena reverência a Catherine. “Rainha Regente.” Seus olhos novamente se encontraram com os de Norah em um olhar que assombrava as sombras de sua mente. Então ele se despediu para o outro lado do salão.

“ *Quando convidada* , Norah,” sua avó repreendeu em um sussurro áspero. “Você não pode simplesmente sair por aí esvoaçando e puxando homens para dançar.”

Mas Norah não deu atenção ao castigo de Catherine. Seu coração disparou. Ela já tinha estado ali antes. Mesmo sem ter memória, ela conhecia a dança de “Allameade”. Ela conhecia a luz brilhante dos olhos de Alexander.

Seu coração batia ainda mais rápido.

Ela conhecia a sensação dos lábios dele em sua pele.



Capítulo nove

Um lexander seguiu em direção ao quarto de James, subindo as escadas de dois em dois degraus. O conselheiro estava em Damask quando Norah retornou, e Alexander ficou surpreso por ele ter chegado tão rápido. Damask ficava a dois dias de viagem. James deve ter partido assim que a mensagem do pássaro chegou, e então cavalgado durante a noite. Talvez isso não devesse ser uma surpresa. O reino inteiro estava esperando o retorno de Norah.

A vidente havia pintado a visão de Norah na floresta antes que seu pai a levasse. Alexander não sabia o que isso significava naquela época. Ele não sabia que ela estaria perdida para ele. Foi somente depois que o Rei Aamon morreu, levando o segredo de sua localização com ele, que James pensou que a pintura era uma pista para encontrá-la. Mais do que isso, James acreditava que era parte do destino de Alexander trazê-la para casa. Alexander queria acreditar nisso, tanto que sonhava com isso noite e dia.

Por três anos, ele procurou nas florestas por todo o reino, e até mesmo aquelas além das fronteiras de Mércia. Por três anos, ele retornou sozinho. Até que ele se aventurou onde nenhum homem ousava ir, a terra da qual os homens não retornavam — a Natureza. Ele deveria ter ido antes, mas era um lugar que ele realmente não esperava encontrá-la.

Mas ele tinha.

Um profundo orgulho cresceu dentro dele enquanto ele andava pelo longo corredor. Houve tantas vezes em que ele duvidou, tantas vezes em que ele temeu o fracasso e que Norah estaria perdida para ele para sempre. E ele temeu decepcionar James. Ninguém poderia tomar o lugar do pai de Alexander, o grande Beurnat, o Urso, mas James sempre foi como um pai — guiando-o, treinando-o, amando-o, até.

Alexander se conteve e deixou seu orgulho de lado. Esta não era sua realização. Este era seu dever, sua obrigação para com Norah e Mercia, sua promessa para seu pai e para James. Ele podia ser feliz e grato, mas não podia ser orgulhoso.

Ele chegou à sala do vereador e bateu na porta.

“Entre!” James chamou.

Todos os conselheiros de Mércia tinham servos, todos exceto James, que os via como excessivos. Ele se cuidava, se vestia e até mesmo irritava a equipe da cozinha ao fazer comida às vezes. Ele era um homem altruísta, o que tornava seus conselhos inestimáveis. Alexander queria desesperadamente aquele conselho agora, mas Catherine tinha sido firme. Ninguém, nem mesmo James, deveria saber sobre a condição de Norah. Tinha sido difícil convencê-la a compartilhar isso com a guarda, e mesmo assim, ela tinha limitado isso à guarda principal. Mas ele entendeu. O regente não arriscaria nada que pudesse manter Norah longe do trono. Sem suas memórias, Norah era ainda mais vulnerável. Catherine estava apenas tentando proteger sua neta daqueles em quem ela não confiava. E Catherine não confiava em ninguém.

Era um equilíbrio desafiador entre Catarina e o conselho — o conselho havia lhe dado a regência e tinha o poder de tirá-la, mas os votos de Alexandre como justiça eram apenas para a rainha regente.

Quando Alexandre entrou na câmara, James saiu de seu gabinete, lavado da viagem e vestindo uma toga limpa de vereador.

“Ah, Alexander,” ele cumprimentou. “Eu vim o mais rápido que pude.”

Alexander assentiu. “Estou feliz que você esteja aqui.”

“É verdade?”, perguntou-lhe o vereador. “É ela mesmo?”

“Sim.” Alexander fez uma pausa enquanto as palavras ficaram presas em sua garganta — as palavras que ele temia nunca reivindicar. “Eu a encontrei, James. É ela mesmo.”

"Onde?"

“Na Natureza.”

O homem mais velho estendeu a mão e agarrou o lado do pescoço de Alexander. “Você conseguiu, meu garoto. Você fez o que eu sempre soube que você faria.”

A emoção de Alexander transbordou, dificultando falar. Ele apenas assentiu.

James respirou fundo e foi até a janela, deixando-se digerir as notícias. “Então, finalmente chegou a hora.” Ele se virou para Alexander. “Onde ela estava?”

Alexander fez uma pausa, então balançou a cabeça. “A rainha regente estava esperando você retornar antes de responder isso. Há muito o que colocar em dia, e ela quer o conselho completo presente.”

James resmungou, quase para si mesmo. “Eu quero vê-la.”

“A rainha regente ainda está se acomodando”, ele disse rapidamente. Norah ainda não estava pronta para conhecer James. Ao contrário dos outros conselheiros, James era próximo do rei Aamon e de Norah. Ele saberia que ela era diferente, que algo estava errado, como Adrian já suspeitava, ele tinha certeza.

"Tenho certeza de que ela desejará discutir sua seleção para lorde justiça assim que recuperar o fôlego", Alexander disse ao conselheiro, esperando fazê-lo superar o esforço de se encontrar com Norah agora. Sua declaração era verdadeira. Esperava-se que Norah buscasse o conselho de James sobre sua seleção. Embora Alexander tivesse sonhado com a colocação para si mesmo, ele não ousou esperar por isso. Seu pai o preparou para isso, para seguir seus passos, mas a posição de lorde justiça era de grande poder. Apenas a rainha e o conselho combinado estavam acima dela, e Alexander não se presumia digno... ou pronto. Havia outros, grandes homens que serviram ao Rei Aamon, homens muito mais sábios do que ele. A única razão pela qual Alexander ocupava a posição agora era por causa da desconfiança de Catherine por todos os outros.

“A data da coroação foi definida?”, perguntou James.

A cabeça de Alexander se levantou bruscamente. “Não. Ainda não. Você realmente quer que seja tão cedo?”

“Claro. O retorno dela coloca tudo em movimento. Alguém já enviou uma mensagem para Aleon?”

O peito de Alexander apertou. Ele assentiu. Caspian tinha visto a mensagem partir. Nos próximos dias, a notícia chegaria ao Rei Phillip, que sem dúvida esperaria o que sempre fora prometido — o selo de sua aliança. *Um casamento* .

O conselho estaria ansioso por esse casamento, mas primeiro eles veriam Norah coroada rainha. Alexander esperava que ela tivesse algum tempo. Ele esperava que *ele* tivesse algum tempo.

“Bom, bom.” James assentiu. “Gostaria de vê-la imediatamente. Vou falar com a rainha regente.”

Alexander fez uma reverência respeitosa com a cabeça. Um lorde juiz não se curvava a conselheiros, mas James era diferente.

O vereador estendeu a mão e apertou o ombro de Alexander. “Muito bem, meu rapaz. Seu pai ficaria orgulhoso.”

A emoção retornou com as palavras de James. Ele certamente esperava que seu pai estivesse orgulhoso e que ele tivesse trazido honra à família. Ele desejou que seu pai estivesse lá agora.

Alexander saiu da câmara do conselheiro e foi encontrar Catherine. Ele precisaria informá-la da intenção de James de falar com Norah, para que ambos estivessem preparados.

“Como está James?”, uma voz chamou de um corredor lateral enquanto ele passava.

Um gemido silencioso rolou no fundo de sua garganta quando ele parou e se virou para encontrar seu irmão. Ele estava evitando Adrian, e tinha certeza de que isso não tinha passado despercebido. O rosto de Adrian não carregava seu sorriso habitual. E Adrian não tinha o menor interesse em James, Alexander sabia.

“Cansado, mas bem”, respondeu Alexandre.

Alexandre continuou em frente, e Adrian acompanhou-o.

“E como você está?” Adrian perguntou.

Ele soltou um longo suspiro dos pulmões. “O mesmo.” Seu irmão conseguia lê-lo melhor do que ninguém. Não importava o quão estoico fosse o rosto de Alexander, Adrian sempre sabia como ele se sentia. Agora não era exceção, especialmente depois da estranha interação com Norah, mas ele não tinha tempo nem energia para as perguntas de Adrian.

Adrian o pegou pelo braço, fazendo com que ambos parassem. “Você não está bem. Por quê, irmão?” Sua voz era suave e preocupada.

“Como eu disse, estou cansado.” Não era totalmente mentira, embora se ele fechasse os olhos, o sono não viria. Não era cansaço que pesava sobre ele.

“Por que as coisas são diferentes?” Adrian pressionou. “Por que ela é diferente?”

Alexander procurou as palavras que pudessem apaziguá-lo. “Ela se foi há três anos. Claro que ela vai ser diferente.” Mas Alexander sabia que isso não explicava nada. Não havia palavras que pudessem acalmar as suspeitas do irmão. Adrian era esperto demais para seu próprio bem às vezes.

“E você?”, Adrian perguntou. “Você também está diferente agora? O jeito como você fala com ela, o jeito como você age.” Ele fez uma pausa, olhou ao redor e baixou a voz. “Como se não houvesse nada.”

Um lampejo de raiva percorreu Alexander. Adrian era muito livre com sua língua. “Cuidado com suas palavras,” ele avisou, mas sabia que seu irmão só questionava por preocupação com ele, por amor. Ele suavizou. “As coisas são diferentes agora. Ela será rainha em questão de dias.”

Adrian balançou a cabeça. “O que você não está me contando?”

Alexander apertou o ombro de Adrian. “Eu já disse tudo o que você precisa saber. Por favor, não torne meu trabalho mais difícil.”

O rosto de Adrian caiu. Ele concedeu, assentindo.

Alexandre apertou o ombro do irmão e foi procurar o regente.



Capítulo dez

A escuridão pairava ao redor dela, mas Norah não estava com medo. Seus lábios se retraíram em um sorriso enquanto ela colocava seu vestido. O tecido grudou em sua pele úmida. Ela agarrou atrás dela para amarrar o laço, mas mãos gentis assumiram, e ela as deixou. Seu coração pulsava calor em suas bochechas, e ela levantou a mão e puxou o cabelo para o lado, sentindo o ar frio provocar a carne de seu pescoço. O último nó foi feito em seu vestido, mas ela demorou. Um hálito quente atrás dela rolou sobre seu ombro. Sua pele formigou. Então, sempre tão suaves, lábios roçaram sua pele. Ela soltou um pequeno suspiro quando sua cabeça caiu para o lado, e o calor se acumulou profundamente dentro de seu estômago. Ela se virou—

Norah piscou os olhos abertos enquanto estava deitada sob uma onda de confusão. Ela se sentou assustada, empurrando para trás as colchas grossas, e percebeu que estava em seu quarto. Ela estava sonhando, embora não parecesse um sonho.

Era de manhã, mas o sol ainda não tinha nascido. Rebecca logo chegaria para acordá-la. Ela saiu da cama, ainda sem fôlego por causa do sonho, e jogou água da bacia no rosto. Sua mente se voltou para a noite anterior — a dança com Alexander, sua proximidade, seus lábios em sua pele. Então ela se repreendeu. Alexander deveria ser a última coisa em sua mente.

Como esperado, Rebecca entrou na sala com uma bandeja de biscoitos e chá. “Você é um madrugador, Vossa Alteza,” ela disse com um sorriso. “Espero que tenha dormido bem.”

Ela não tinha, pensando no sonho, embora não ficaria terrivelmente chateada se acontecesse novamente. Suas bochechas coraram, mesmo com seus próprios pensamentos privados.

"A rainha regente disse que chegará depois do almoço", Rebecca disse a ela enquanto pegava um vestido para Norah usar.

A testa de Norah ficou tensa. Isso estava muito longe. “O que farei até lá?”

Sua criada ajudou-a a vestir o vestido e disse: “Há várias coisas que posso lhe trazer, Vossa Alteza: coisas para desenhar, livros, bordado.”

Bordado ? Isso soou terrível. Nenhuma dessas coisas lhe atraía. “Tenho que ficar no meu quarto?”

“Bem” — Rebecca fez uma pausa enquanto apertava o vestido e o prendia — “a rainha regente disse que estaria aqui depois do almoço.”

Sim, ela já tinha dito isso. Norah se contorceu dentro do vestido enquanto Rebecca o apertava, se acomodando o mais confortavelmente possível, como se conforto fosse possível. Então ela afastou o cabelo do rosto. "Tudo bem, posso voltar antes disso."

Rebecca fez uma pequena careta. “Não acho que a rainha regente ficaria satisfeita.” Ela passou uma escova pelas tranças soltas de Norah e prendeu o cabelo para trás, longe do rosto, com grampos florais.

Norah franziu a testa. “Ela *disse que* eu tinha que ficar no meu quarto?”

A empregada hesitou. “Não exatamente.”

Norah suspirou. “Não posso ficar aqui o tempo todo, trancada.”

Rebecca olhou para ela com olhos simpáticos.

“E a biblioteca?” Norah perguntou a ela. O livro de poemas — ela estava querendo voltar para pegá-lo. Ela não precisava da permissão da empregada, mas reconhecia o valor de um aliado.

A empregada hesitou, mas finalmente cedeu. “Então você não pode demorar muito. Não seria bom se ela viesse e você não estivesse aqui.”

Norah sorriu. “Não vou demorar muito.”

Rebecca pegou uma capa e colocou sobre os ombros de Norah, e Norah saiu para o corredor.

A guarda dela mudou quando ele a viu, claramente não esperando que ela saísse para lugar nenhum.

“Vossa Alteza”, disse ele, “você deve permanecer em seu quarto”.

“Bom dia, Titus,” ela disse, sorrindo docemente. “Só vou à biblioteca para trazer alguns livros.” Ela girou nos calcanhares antes que ele pudesse protestar novamente, sabendo que não teria escolha a não ser segui-la.

Ela traçou seu caminho de volta pelos corredores do que se lembrava. Ela não estava muito preocupada em se perder; Titus a ajudaria se necessário. Ao sair, ela diminuiu o

ritmo. Onde esperava encontrar o vazio frio do início da manhã, em vez disso, encontrou pessoas já agitadas. Por um momento, sua confiança vacilou.

Norah levantou o queixo e continuou em frente, como se estivesse focada em negócios importantes. Alexander dissera que ninguém se dirigiria a ela a menos que ela se dirigisse a eles primeiro, então ela simplesmente não se dirigiria a eles. *Fácil o bastante* . Mas sua autoconfiança caiu por terra quando ela se lembrou de que isso não funcionaria com todo mundo. Ela simplesmente iria até a biblioteca e voltaria. Rapidamente.

Mas quando ela chegou ao fim da passarela com pilares, um rosto familiar apareceu na esquina.

Adrian. *Droga* .

Ele era tão alto quanto Alexander e se portava com a mesma postura. Norah sentia que ele era mais velho do que sua idade, e ela teve que se lembrar de que ele tinha apenas dezenove anos.

“Princesa Norah,” ele a cumprimentou. Seus olhos eram os mesmos do irmão, penetrantes, mas mais expressivos.

“Adrian,” ela o cumprimentou, sorrindo para esconder seu desconforto. Ele era exatamente o tipo de pessoa que ela esperava evitar. Ela tinha certeza de que ele já suspeitava que algo estava errado.

“Como você está se acomodando?” ele perguntou.

Ela respirou fundo, afastando sua ansiedade. “Bem, obrigada.” Ele a observou curiosamente, e o silêncio a pressionou a oferecer mais. “Vou só pegar alguns livros.”

Ele sorriu educadamente.

Ela olhou de volta para Titus. Ele retribuiu o olhar com um olhar cauteloso. Ela se moveu em direção à biblioteca, procurando por uma pausa natural, e seu pulso acelerou quando Adrian a acompanhou.

“É estranho estar de volta?” ele perguntou.

“Sim, é”, ela respondeu honestamente. “É estranho me ter de volta?”

“Sim”, ele disse, e Norah também apreciou sua honestidade. “Mas tenho certeza de que em pouco tempo isso vai parecer um lar novamente.”

Era difícil imaginar que Mercia se sentisse em casa — um lugar que era tão estranho agora. “Tenho certeza”, ela murmurou.

“Imagino que você—” Ele parou quando um pequeno grupo de mulheres passou. Uma mulher no grupo olhou para Norah, e a excitação brilhou em seu rosto, mas ela não disse nada. Norah voltou sua atenção para Adrian. O que ele estava dizendo? Por que ele parou?

Ele olhou para Norah, então observou o grupo de mulheres enquanto elas passavam, antes de se virar para ela. "Você não quer dizer olá para Lady Jane?" ele perguntou, suas sobrancelhas se juntando.

“Hum” — a mulher que a olhava devia ser Lady Jane, e Norah procurou respostas em sua mente — “minha avó pediu que eu me acomodasse antes de encontrar alguém.” Ela tentou dar um sorriso brincalhão. “Eu provavelmente nem deveria estar falando com você.”

Adrian sorriu de volta, mas seus olhos queimavam com um azul inquisitivo e brilhante. “Que pena. Jane sentiu sua falta, sabia.”

“E eu, ela.” Norah engoliu o engasgo de uma mentira em sua garganta. “Faz muito tempo.”

Ele assentiu, olhando-a atentamente. Ela se mexeu sob seu olhar.

“A mãe dela também ficará feliz em ver você”, disse ele.

“E… estou ansioso para vê-la também.”

Ele não estava mais sorrindo. “Só que Jane não tem mãe.”

Nove infernos .

“Você não se lembra da Jane?” ele perguntou.

Norah se atrapalhou com as palavras. “Estou um pouco sobrecarregada com tudo. Claro que lembro. Eu simplesmente não estava pensando.”

Mas seus olhos lhe disseram que ele não acreditava nela. “Por que você é tão diferente? E você não sabia se virar no castelo outro dia?”

“Adrian,” Titus avisou atrás dela.

Seu coração disparou no peito. “Hum…”

Titus se colocou entre eles. “Chega.”

Adrian não se deixou abalar. “Você não se lembra? Você não sabe?” Sua voz veio mais urgente agora.

Tito agarrou-o pela túnica e empurrou-o para trás.

“Por que você me chama de Adrian?” ele gritou.

“Espere,” Norah disse a Titus, e o guarda relutantemente fez uma pausa. “Deixe-o em paz.”

Titus o soltou, e Adrian se aproximou de Norah novamente. Ele engoliu em seco. “Você não se lembra de mim, Norah?”

Foi por isso que Alexander quis mantê-lo longe. Ela não conseguia esconder seu segredo das pessoas que a conheciam bem. Era óbvio demais. Ela se amaldiçoou. Ela deveria ter ficado em seu quarto.

“Você não lembra, lembra?” ele pressionou. “Você não lembra.”

O batimento cardíaco dela pulsava em seus ouvidos. Titus deu um passo à frente novamente, mas ela o impediu. "Deixe-o", ela disse. Ela olhou de volta para Adrian. "Você me descobriu." A admissão tirou um peso de seus ombros — o peso de uma mentira, mas durou pouco. Agora ele sabia, e ela não tinha certeza do que fazer sobre isso.

Ele engoliu em seco. “Você se lembra do meu irmão?”

O silêncio dela respondeu por ela.

“Ele disse que você era diferente.”

Ela não conseguia mais mentir. “Eu sou diferente.”

Adrian deu um passo para trás quando o peso da circunstância caiu sobre ele. “Você se lembra de alguma coisa?”, ele perguntou.

Titus se mexeu inquieto enquanto ela balançava a cabeça. “Alexander e minha avó me aconselharam a não compartilhar minha condição. Obviamente, estou fazendo um péssimo trabalho nisso agora. Eu apreciaria se você guardasse isso para si.”

“Claro.” Sua voz veio baixa e suave agora. “Mas por que você não se lembra?”

Essa era a resposta pela qual ela estava tão desesperada. Ela soltou um longo suspiro. “Eu não sei. Mas estou tentando descobrir. Estou me reaproximando, vendo se algo desperta uma memória, se algo pode ser familiar.”

Ele assentiu com uma carranca solene. “Perdoe-me,” ele disse suavemente. “Não era meu lugar.”

“Não há nada a perdoar.” Ela olhou de volta para o castelo. “Eu deveria voltar.” Então ela fez uma pausa. “Ei, como eu costumava te chamar?”

Ele hesitou, e ela se perguntou se ele estaria relutante agora que ela era uma estranha para ele.

“Adri,” ele disse finalmente. “Você sempre me chamou de Adri.”

A voz dele tinha um toque de tristeza. A perda de memória dela não estava apenas tornando isso desafiador para ela, mas também machucando aqueles com quem ela tinha sido próxima, aqueles que se importavam com ela.

“Sinto muito,” ela sussurrou. Suas pálpebras ficaram pesadas sob a picada da emoção. Ela se virou de volta para o castelo.

“E a biblioteca?”, ele perguntou.

“Outra hora”, ela disse. Ela já tinha feito o suficiente por hoje.



Capítulo onze

Norah estava sentada na chaise em seu quarto, com uma tela de bordado no colo, mas seus olhos estavam no céu cinza do lado de fora das janelas. Ela não havia contado a Rebecca o que havia acontecido, sobre ter encontrado Adrian e que ele a havia descoberto.

De todas as coisas, o fato de ela não se lembrar de Alexander parecia tê-lo aborrecido mais. Houve uma breve batida na porta. Rebecca se moveu para atender, mas Catherine entrou antes que sua empregada a alcançasse.

"Ah, aí está você", disse sua avó quando viu Norah, como se estivesse procurando por todos os lugares.

"Aqui estou eu," ela disse, olhando para Rebecca para ver se a empregada mencionaria seu passeio. Mas Rebecca apenas sorriu para ela.

"O vereador James pediu para vê-la", Catherine disse a ela enquanto pegava a escova de cabelo da penteadeira e acenava para Norah. "Com bastante persistência, devo acrescentar. Ele não vai esperar pelo estado. Não posso segurá-lo por mais tempo."

Norah sentou-se na penteadeira enquanto Catherine passava a escova pelo cabelo. "Norah, de todos os conselheiros, James era o mais próximo do seu pai e de você."

"Então ele pode me ajudar a administrar o que quer que esteja acontecendo com minhas memórias. Ele pode me ajudar a resolver as coisas."

"Não," Catherine disse. "Se ele tiver preocupações, ele certamente as discutirá com os outros membros do conselho, e não podemos ter isso. Ainda não. Não, você deve abordar isso com cuidado. Mas não se preocupe, estarei ao seu lado, e ajudarei a guiar a conversa."

Embora Norah não gostasse da ideia de pessoas falando por ela, ela preferia muito mais que Catherine lidasse com essas conversas, e ela se tranquilizou um pouco com isso. No entanto, a apreensão cresceu em seu âmago. Ela não estava tendo muita sorte em manter as aparências. Catherine passou a escova por outra seção de seu cabelo, e Norah estremeceu.

Ela estava começando a pensar que não precisava ser escovado tanto quanto sua avó precisava de algo para encher suas mãos.

“Você deve cumprimentá-lo calorosamente”, Catherine disse a ela. “Você gostava muito dele quando era menina.”

“Tudo bem, posso dar-lhe um abraço quando o vir, e—”

“O quê?” Catherine fez uma careta. “É exatamente isso que você não fará.”

Norah mordeu o lábio, sentindo-se envergonhada.

“Não é apropriado. Então, não, você não vai *abraçá* -lo, mas vai chamá-lo de James. Outros verão isso como um deslize, assim como ele, mas representará o relacionamento que vocês tiveram.”

Parecia tão estranho, mas Norah supôs que conseguia entender isso. Adrian não tinha usado o título dela, e eles eram próximos. E não passou despercebido para ela que quando estavam sozinhos, Alexander a chamava pelo nome.

A voz de Catherine a trouxe de volta. “Como rainha, você precisará selecionar um lorde juiz. E precisará fazer isso rapidamente. Sem dúvida, James levantará isso com você. Você discutirá três nomes com ele: Lorde Bosley, Lorde Branton e Lorde Semaine.”

Norah queria se opor à coroação novamente, mas a menção de escolher um lorde juiz atraiu sua mente. “Você não acha que eu deveria escolher Alexander?”

Os olhos de Catherine encontraram os dela no reflexo do espelho com ferocidade. “Você não deveria.”

"Por que?"

“Você é uma garota inteligente,” Catherine disse firmemente, como se isso respondesse à sua pergunta. “Mas você deve escolher rápido. Procure o conselho de James; é o que ele vai esperar, e isso vai prender sua atenção. Apenas certifique-se de que seja um dos três. Lorde Branton deve ser sua primeira escolha, embora os outros dois sejam satisfatórios se James se sentir fortemente.”

Norah não conseguia ignorar a sensação de afundamento no estômago. Por que ela não deveria escolher Alexander?

“Venha,” Catherine disse, satisfeita com o cabelo de Norah, que não parecia diferente do que era antes. “James estará procurando sua audiência, e não posso mais atrasá-lo.”

Ela seguiu a avó enquanto elas seguiam em direção à sala do trono. Norah disse os nomes dos candidatos a lorde justiça em sua mente. Não era a primeira vez que ela os ouvia.

Catherine a apresentou a cada um deles em sua celebração de retorno: Lorde Bosley, Lorde Branton, Lorde...

Caramba .

O pânico cresceu dentro dela. Esta era uma introdução importante, e ela se sentia muito apressada e mal preparada. James veria através dela.

James e Alexander estavam esperando quando eles chegaram. Alexander ficou parado, mas seu olhar encontrou o dela. Ela se perguntou se Adrian havia lhe contado sobre a conversa deles. Ela se livrou do aperto invisível dele e tentou tirá-lo da mente para se concentrar na tarefa que tinha pela frente.

“Princesa Norah,” James a cumprimentou, dando um passo à frente e pegando a mão dela na sua. Ele era alto e magro, calvo no topo, e velho o suficiente para ser seu pai. Seus olhos continham uma profunda afeição. “Bem-vinda ao lar, minha querida.”

“James,” ela disse, tentando esboçar um sorriso tão genuíno quanto conseguiu. Ela viu um brilho de lágrima nos olhos dele, mas ele limpou a garganta.

“Embora anos atrasado, deixe-me expressar minha tristeza pela perda de seu pai. Ele faz muita falta. Assim como você.”

Norah assentiu, incapaz de falar. Seu pai tinha morrido na guerra enquanto ela estava fora. Era esperado que ela estivesse de luto por ele? Ela queria poder se lembrar dele para que pudesse. Mas ela lamentou tudo o que perdeu. "Obrigada", ela respondeu. "Ainda é difícil falar dele." Isso era verdade o suficiente.

James apertou a mão dela em compreensão. “Há tanto para cobrir desde que você se foi. E com sua coroação se aproximando rapidamente, posso entender que você ainda possa estar em choque com tudo isso.”

Norah soltou um suspiro aliviado. Finalmente, alguém que parecia entender, pelo menos um pouquinho.

“Você provavelmente não se sente preparado para isso”, ele disse.

Se ele soubesse…

“Alguém está realmente pronto?”, perguntou Catherine.

Ele deu um pequeno aceno, pensando. “Podemos dar uma volta?”, ele perguntou a Norah.

“Hum…” ela disse inquieta, olhando para sua avó.

“James,” Catherine disse, tentando intervir. “Edward está querendo estabelecer um estado agora que você retornou. Você terá ampla oportunidade—”

“Sim, estou ansioso por isso”, ele disse, dando-lhe uma reverência de cabeça. “Mas eu gostaria de falar com a princesa agora.” Ele se virou para Norah. “Vamos?”

Norah olhou de volta para Catherine, que ela sabia que não podia fazer muito mais. “Claro,” ela respondeu inquieta. Ela tentou acalmar sua respiração enquanto caminhava com James para fora do corredor.

“Tudo isso deve ser bastante avassalador”, ele começou.

Ela não conseguiu evitar um pequeno sorriso. Ela apreciava a empatia dele. “É,” ela admitiu.

“Onde você estava, Norah?”

Ela continuou andando, tentando não deixar que a franqueza dele a intimidasse. O sol estava se pondo sobre o castelo, lançando longas sombras pelo corredor.

“Não posso compartilhar isso, pelo menos não ainda”, ela disse, com toda a confiança que conseguiu.

“E por que isso? Não há mais confiança entre nós?”

Sua mente procurou por palavras. Ela desejou estar mais bem preparada. “Meu pai queria manter isso em segredo. Secretamente.” Manter um segredo secretamente? *Tão estúpido.* Ela se amaldiçoou.

Os olhos de James se estreitaram enquanto seu coração batia em seus ouvidos. “É mesmo?”

Ela se mexeu. “Sim.”

“E quando você poderá compartilhar esse segredo *secreto* ?”

Norah limpou a garganta. “Em breve. Espero.” E ela esperava.

James assentiu com uma carranca pensativa. “É interessante.”

Ela franziu a testa. “O que é?”

“Quando você mente.”

Seu estômago embrulhou.

Ele parou e se virou para ela, seus olhos a mantendo cativa. “Você sempre parece ter uma razão valente, como tenho certeza de que tem agora. Mas você *está* mentindo.”

A respiração de Norah ficou presa na garganta, e ela quase engasgou ao engolir. Ela não conseguia suportar o olhar dele, mas não conseguia desviar o olhar.

“Vamos deixar por isso mesmo?”, ele perguntou. “Ou você vai me contar o que realmente está acontecendo? Eu me importo muito com você, Norah. Você não vai me deixar ajudá-la?” Ele esperou por uma resposta.

Se Catherine tinha medo que ele contasse ao resto do conselho sobre sua memória, ele certamente diria que ela estava mentindo. Ela poderia muito bem confessar. E ele parecia se importar com ela; ela sentia como se pudesse confiar nele.

“Eu não sei onde estive,” ela finalmente admitiu. “Alexan — o lorde justiça me encontrou na Natureza, onde eu estava perdida, mas tudo antes daquele dia simplesmente… se foi.”

A testa de James se franziu e seus lábios se separaram ligeiramente antes de ele franzir o cenho.

“Junto com todas as minhas memórias,” ela acrescentou, “de tudo e de todos.” Ela não sabia mais o que dizer. Seu coração disparou.

“Hmm.” Sua carranca se aprofundou.

Norah suspirou com um pequeno encolher de ombros. “Adrian me descobriu também. Estou descobrindo que não sou muito boa em esconder nada.”

“Você nunca foi. Nós vamos descobrir como lidar com isso.”

Seu coração pulou uma batida, e uma onda de esperança a percorreu. “Você acredita em mim? E ainda apoia minha coroação?”

Ela ficou sob seu olhar pesado, sentindo a ameaça de sua condenação, até que ele finalmente disse: "Um Andell sem memórias ainda é melhor do que uma adolescente ingênua e a influência de Lorde Allan no trono. Embora eu não tenha certeza de quantos conselheiros compartilharão dessa visão."

Não foi bem o apoio que aumentou sua confiança, mas foi melhor do que ela temia.

Ele fez uma pausa. “Quem mais sabe?”

“Ummm… Adrian, avó e meu guarda. E Alexander, é claro. A avó estava inflexível de que não contássemos a mais ninguém.”

Ele assentiu. “Ela está certa. Escute-a, Norah. Ela sabe como esse jogo é jogado.”

Não parecia um jogo, pelo menos não um jogo divertido.

“Teremos que adiantar sua coroação”, ele disse. “O mais rápido possível.”

O peito dela apertou. “Espera, não”—ela balançou a cabeça—“agora que você sabe, você pode me ajudar. Não precisamos nos apressar.”

“Pelo contrário; o tempo é essencial agora. Tem que ser antes do estado. O conselho, particularmente Edward, vai querer se encontrar com você primeiro, mas não há absolutamente nenhuma maneira de você passar por uma reunião de estado sem revelar a si mesmo e sua situação.”

Isso foi realmente tão ruim? “O que aconteceria? Eles não me apoiariam como rainha?”

James fez uma pausa, refletindo sobre a pergunta dela, e então disse cautelosamente: "Temo que não o farão se você lhes der uma razão para não fazê-lo."

"Por que?"

“Evangeline tem uma reivindicação legítima de sangue ao trono, e ela fará o que lhe for aconselhado.” Ele fixou os olhos nos dela. “Essa sempre foi a preocupação com você, Norah.”

Os olhos dela se estreitaram. “Então, eles vão procurar uma razão para dar o trono a Evangeline em vez de mim porque temem que eu não faça o que me mandaram?”

“Não foi isso que eu disse.”

“Parecia bem próximo.”

“Mesmo assim, quem você acha que tomará as melhores decisões para um reino?” ele perguntou severamente. “Uma jovem que não sabe nada, ou um conselho com a sabedoria de gerações?”

Norah deu um passo para trás, com a boca aberta, mas nenhuma palavra saiu.

O rosto de James estava firme, e sua boca estava fina e pressionada. “Embora nem sempre concordemos, aqueles no conselho carregam os melhores interesses de Mércia em seus corações. Tomamos decisões para o bem do nosso reino e o bem do nosso povo. Agora, eu vou te apoiar, Norah. Eu vou te ajudar a sentar no trono, mas você deve *ouvir* e levar isso a sério. Você entendeu?”

De que outra forma alguém leva uma realeza se não a sério? Ela assentiu, embora não tivesse certeza do que estava concordando. Isso era um compromisso em troca do apoio dele? Ela não sabia se queria mesmo o apoio dele. Evangeline no trono seria uma coisa tão ruim? Mas ela não tinha tempo para perguntar a ele. Ou coragem.

“E quanto à sua seleção para lorde justiça?”, ele perguntou, mudando o rumo da conversa. “A coroa é pesada, e você se cansará com um reino sobre seus ombros. Você deve escolher seu lorde justiça sabiamente.”

Sim, era com isso que ela precisava de ajuda — uma justiça. “Eu estava procurando por você para me ajudar com isso. Eu queria discutir alguns nomes com você: Lorde Bosley, Lorde Branton e Lorde... Seymour.”

Ele levantou uma sobrancelha. “Lorde Semaine?”

Norah se amaldiçoou. Pelo menos ele já sabia o segredo dela. Caso contrário, isso seria mais uma entrega.

“Escolha Alexandre”, ele disse com firmeza.

“P-Por quê?” ela gaguejou surpresa.

“Por que você não faria isso?” ele retrucou.

Era uma pergunta justa. Uma que ela havia se perguntado. Ele era a justiça agora. Catherine o havia escolhido. Por que *ela não deveria* ? Ela deu de ombros. “É apenas uma grande decisão, e precisa ser certa.”

“Você acha que não é?”

“Não é isso.” Ela fez uma pausa, procurando palavras. “Eu o conheço há apenas alguns dias.”

“Minha querida,” James disse com um calor rico em sua voz, “você o conhece a vida inteira, e não há um homem vivo mais comprometido com seu dever ou mais leal.” Ele fez uma pausa. “Você sabe, quando Catherine o selecionou, o conselho se preocupou que ele fosse muito jovem e não estivesse pronto. Eu mesmo me preocupei com isso. Mas seu pai o preparou para esse papel desde que ele era criança, e ao longo desses últimos três anos, ele fez um ótimo trabalho nisso. Ele manteve este reino seguro. Suas palavras são sábias e verdadeiras. Ele até consegue persuadir Catherine às vezes, e isso por si só é um feito divino.”

Norah não conseguiu evitar um pequeno sorriso. Aquilo parecia mesmo um feito divino. Seu coração se aqueceu. Alexander parecia exatamente o tipo de homem que ela deveria escolher. "Mas e os outros?", ela perguntou. "Como Lorde Branton." Ela não podia voltar para sua avó sem pelo menos mais um nome.

“Nenhum outro. Escolha Alexander, Norah. Você pediu meu conselho, e eu estou dando.”

Não era um conselho que deixaria Catherine feliz.

“Acho que só preciso pensar sobre isso.”

“É melhor você fazer isso rápido.”

Norah assentiu, com o estômago pesado.

Ele pausou novamente. “Então… você não se lembra de nada do seu pai?”

Embora ela não sentisse a dor da morte dele, o vazio trágico não passou despercebido por ela. Ela balançou a cabeça.

“É uma pena”, ele disse tristemente. “Ele era um grande homem.”

“Quero me lembrar dele. Estou tentando.”

Ele assentiu. “Então suponho que não estou muito insultado por você também não ter nenhuma lembrança minha.” Mas linhas profundas de tristeza vincaram sua testa. Essa era a parte mais difícil — a dor da perda sentida pelas pessoas que se importavam com ela. De

repente, seus olhos se estreitaram. “Catherine disse para você largar meu título e me chamar de James?”

Ela mordeu os lábios e fez uma careta.

“Oh, ela é boa,” ele disse com um tom áspero. “Bem, vamos voltar. Tenho certeza de que ela está fora de si. Só me faça um favor e espere até eu ir embora antes de dizer a ela que sei sobre você.”

Norah não conseguiu evitar um pequeno sorriso novamente. Isso aliviou seu espírito. Eles encontraram sua avó e Alexander na sala do trono, e ambos se viraram abruptamente quando entraram, olhando para ver como a conversa estava indo, sem dúvida.

James virou-se para Norah. “Bem-vinda ao lar, Vossa Alteza. Aproveite estes últimos dias, pois tudo está prestes a mudar.” Ele fez uma reverência a Catherine e então saiu da sala do trono.



Alexander seguiu James para o corredor com uma profunda ansiedade no estômago. O conselheiro não dera nenhuma indicação de que o segredo de Norah havia vazado, mas ele era um homem difícil de ler às vezes.

“Nenhuma lembrança?” James disse finalmente enquanto caminhavam, olhando Alexander com uma sobrancelha levantada.

Alexander bufou. *Claro* . “Ela te contou.” Ele balançou a cabeça. “Ela não é muito boa com segredos, é?”

“Estou surpreso com você, Alexander. Você achou que eu não descobriria?”

Ele esperava isso. “Claro que não. Mas, James, eu dei minha palavra, e estou comprometido.”

“É você.” O velho soltou um longo suspiro. “Mas é um mistério, não é?”

Era um mistério, um que Alexander estava desesperado para resolver. Mas ele também precisava se concentrar no futuro. “Você vai ajudá-la, James?”

“Eu farei isso, desde que ajude Mércia.”

“Eles não são a mesma coisa?”

James virou-se para Alexander, uma seriedade chegando a ele. “Não, não são.”



Capítulo doze

Norah seguiu Catherine até seu quarto. Ela não tinha certeza se a mulher conseguiria se conter até que chegassem lá. Ela não estava exatamente ansiosa para compartilhar que havia contado a James sobre sua perda de memória, especialmente depois que Catherine havia explicitamente dito a ela para não fazer isso, e que Alexander ainda era sua única consideração para o lorde justiça. Eles chegaram ao quarto cedo demais.

"Como James se sentia em relação a Lorde Branton?" Catherine perguntou assim que a porta se fechou.

O coração de Norah disparou. "Ele sabe", ela disse com uma carranca. "Ele sabe que eu não sou eu, que eu não tenho minhas memórias." Era melhor tirar isso do caminho.

"Você contou a ele?" Catherine perguntou, alarmada.

"Ele viu imediatamente que eu estava mentindo. Não havia muito que eu pudesse fazer. Mas ele vai me ajudar."

"Ele planeja contar ao conselho?"

Ela mordeu o lado da bochecha. Essa teria sido uma boa pergunta a se fazer. "Eu acho que não", ela disse lentamente. "Ele me perguntou quem sabia e disse que você estava certo: eu não deveria compartilhar. Ele também me disse para ouvir você."

Os olhos de Catherine se arregalaram. "Ele fez isso agora?" Ela se endireitou. Isso a deixou um pouco envaidecida. "Vamos torcer para que ele faça o mesmo", ela acrescentou com uma rispidez. "Norah, você tem que ter mais cuidado."

Como ela poderia ser mais cuidadosa? Ela teria que não falar nada.

"Agora, o que ele disse sobre Lorde Branton?" sua avó pressionou novamente.

O estômago de Norah deu um nó na próxima onda de decepção a ser entregue. "Tenho apenas Alexander para considerar."

"Você sabe que isso não é uma opção. Você deveria ter discutido Branton."

“Eu fiz”, ela insistiu. “Não entendo por que Alexander não é uma opção. Não conheço mais ninguém”, ela acrescentou, exasperada. “Ele não quis falar sobre nenhum dos nomes que você me deu. Branton, Bosley, Seymour — ele não gostou de nenhum deles.”

“Lorde Semaine.” Catherine suspirou. “Oh, Norah, não é de se espantar que ele tenha descoberto você.”

“Bem, ele me descobriu bem antes mesmo de falarmos sobre nomes.” E realmente, o que ela esperava?

“Não se preocupe, nós resolveremos isso”, disse sua avó categoricamente. “Você escolherá outra pessoa.”

“Quem? Eu só disse que não conheço ninguém.”

“Há muitas opções. Você vai escolher alguém.”

Norah sentiu um lampejo de frustração. Sua avó não estava ouvindo. “Tudo bem, vamos ver, ali está Adrian—”

Catherine bufou. “Não seja boba.”

“Caspian.” Norah contou o segundo nome nos dedos.

“Já chega.”

“Essas são literalmente todas as pessoas que eu conheço”, ela disse. “Um vereador serve? Ah”—ela levantou um terceiro dedo—“tem uma garota chamada Jane.”

“Agora você está sendo ridícula,” Catherine retrucou, mas então ela fez uma pausa. “Você viu Jane?”

“Hum… mais ou menos.” Ela a *viu* .

O rosto de Catherine ficou ainda mais pálido. “O que ela disse? O que *você* disse? Deuses, aquela garota tem uma boca. Exatamente o que precisamos.”

Norah deu um sorriso irônico. “Na verdade, eu não falei com ela.”

“Graças aos deuses,” Catherine disse com um suspiro. “Vou ter que estabelecer expectativas melhores com o guarda. Não podemos depender de cortesias para evitar conversas.”

“Ah, sim.” *O guarda* . “E adicione Titus à minha lista de pessoas,” Norah disse enquanto levantava quatro dedos. “E Liaman. Há mais guardas, mas esqueci o resto.”

Catherine franziu os lábios.

Norah olhou para a avó diretamente. “Não vou conseguir continuar assim por muito tempo. Adrian me descobriu também.”

Catherine soltou um bufo exasperado. “Adrian sabe? Norah! Nesse ritmo, o reino inteiro vai saber!”

“O que você esperava?” Norah retrucou, seu próprio desespero atacando. “Eu não vou conseguir enganar todo mundo! Essas são pessoas inteligentes que me conhecem há muito tempo. Elas sabem que algo não está certo.” Norah colocou o rosto nas mãos, deixando o frio dos dedos tirar o calor das bochechas. “Eu tenho que recuperar minhas memórias. Eu tenho que descobrir o que as está bloqueando.”

Norah olhou para cima e viu Catherine olhando para ela com uma expressão que ela não entendia. Seus olhos se estreitaram. "O quê?"

“Tenho uma ideia”, disse o regente.

Norah levantou uma sobrancelha, esperando. “Ummm… normalmente quando as pessoas dizem algo assim, elas seguem com a ideia real.”

Catherine balançou a cabeça, sem fôlego por qualquer pensamento repentino que lhe ocorreu. “Hoje à noite. Tenho que fazer algo primeiro. Volto hoje à noite.”

Norah a encarou boquiaberta, completamente confusa. “Espere. Qual é a sua ideia?”

“Não há tempo!”, disse a regente enquanto saía da sala. “Vejo você esta noite.”

Norah bufou, incrédula.



Alexander estava sentado em seu escritório, olhando uma pilha de pergaminhos, mas sem lê-los. Ele não conseguia manter a mente no lugar. Seus pensamentos continuavam voltando para ela — Norah.

Ele disse a si mesmo o que sempre disse: ela tinha um caminho, um que salvaria Mércia, um caminho no qual ele não podia interferir. Mas quando ela estava perto, tudo voltava. O jeito como ela sorria, o jeito como ela ria, o jeito como ela costumava olhar para ele. *Costumava* ...

“Achei que poderia te encontrar aqui.”

Ele olhou para cima e viu seu irmão.

Adrian sorriu enquanto se apoiava no batente da porta. Ele entrou no escritório e atravessou a sala. “Você provavelmente não comeu o dia todo”, ele disse enquanto colocava um prato com uma pêra e um biscoito na frente de Alexander.

Alexander suspirou, recostando-se na cadeira e dando um pequeno sorriso para a pêra. "Obrigado", disse ele. Alexander amava seu irmão. Eles eram muito próximos; eles tinham sido desde que Adrian se mudou para o castelo para ficar com ele depois que sua mãe morreu. Adrian era jovem, e a morte dela o atingiu duramente. Com seu pai ocupado com os deveres de ser o lorde da justiça, Alexander desempenhou o papel de ambos os pais e administrou os estudos de Adrian enquanto ele próprio treinava. Onde ele falhava, sempre havia Catherine, que cuidava de ambos como se fossem seus. Na verdade, Adrian a tratava como se ela fosse sua própria avó, como Alexander fazia quando criança, embora Adrian parecesse se safar de mais do que Alexander jamais conseguiria.

Mas agora era Adrian quem frequentemente cuidava de Alexander. Adrian olhou ao redor em busca de uma jarra de vinho. “Você quer uma bebida?”

“Não. Obrigado.” Ele poderia tomar um pouco de vinho, mas ainda tinha mais trabalho a fazer.

Adrian se moveu e se jogou na poltrona em frente à mesa. “Você está bem?”, ele perguntou.

Ele não conseguiu responder a isso. “Foi um longo dia.”

Adrian suspirou, e Alexander sabia que ele não estava feliz com sua resposta. Adrian viu através dele.

“Tem certeza de que está tudo bem?” Adrian pressionou.

Alexander fechou um livro que estava aberto na lateral da mesa. “Por que você continua me perguntando isso?” Ele sabia que Adrian podia ver que Norah era diferente. Pelo menos ele não sabia—

“Porque ela não se lembra de você.”

Os olhos de Alexander dispararam para cima, travando-se com os do irmão. “O que você disse?”

“Norah. Ela não se lembra de você. Ou de qualquer outra pessoa aqui.”

O ar saiu de seus pulmões. “Ela te contou?”

Adrian balançou a cabeça para o lado. “Depois que eu adivinhei.” Sua voz suavizou. “Por que você não me contou?”

Alexander suspirou e se levantou da mesa. “Quantas menos pessoas souberem, melhor.”

“Mas eu sou seu irmão,” Adrian argumentou. “Eu posso te ajudar.”

“Você pode me ajudar fazendo o que eu mandei”, Alexander disse brevemente.

“Você deveria ter me contado. Por que não contou?”

“Catherine não permitiria.” Ele olhou para a mesa enquanto se abaixava e apoiava seu peso nela. “E eu não podia. Você… saberia o que isso significava, e eu não posso suportar outro rosto me olhando… com pena.”

Eles ficaram sentados em silêncio.

Adrian finalmente quebrou o silêncio. “Para ser justo, eu tenho uma cara de pena muito melhor que a da avó”, ele disse, tentando aliviar o clima.

Alexander soltou um bufo, aceitando o esforço do irmão. “Todo mundo tem uma cara de pena melhor que Catherine.”

Adrian sorriu.

Eles ficaram sentados em silêncio, deixando a tranquilidade retornar entre eles.

“Você vai contar para a Norah?” Adrian perguntou.

Alexander ficou sério. “Você não pode mais chamá-la assim. As coisas são diferentes agora. Você deve usar os títulos dela.”

“Você vai contar a ela?” ele perguntou novamente.

Alexander balançou a cabeça lentamente, olhando para o suporte de três velas na mesa. Uma vela tinha queimado até o fundo, e quando sua chama morreu, uma linha de fumaça subiu até desaparecer no nada.

“E se ela se lembrar?”

Alexander deu de ombros. “E se ela não fizer isso?” Então a história deles seria como a vela.

Os olhos de Adrian se estreitaram. “Você não quer que ela faça isso?”

Ele não queria falar sobre isso. “Não é sobre o que eu quero. É sobre o que é melhor para ela agora. E o que é melhor para Mercia.”

“Você deveria contar a ela”, Adrian insistiu.

“Eu não tenho o direito!” Alexander retrucou, perdendo-se momentaneamente.

Adrian ficou quieto.

Alexander respirou fundo, chamando sua paciência de volta. Foi só porque seu irmão o amava que ele insistiu como fez. Ele suavizou. “É melhor que ela esqueça,” ele disse calmamente. “Essa parte da vida dela, pelo menos. É melhor que você esqueça também.”

Adrian suspirou. Ele se levantou e começou a ir em direção à porta, então parou. “Mas você será capaz de esquecer, irmão?”

A resposta o assombrou.



Capítulo treze

Os sapatos de seda de Norah caíram silenciosamente na pedra enquanto ela atravessava os corredores de seu quarto em direção à sala de jantar para o jantar. Ela olhou por cima do ombro para seu guarda atrás dela. Eles sempre pareciam mais próximos do que realmente eram. Especialmente Titus. Por baixo de sua testa séria, seus olhos severos estavam sempre nela.

Ela mudou seu foco de volta para a frente e parou surpresa ao ver Catherine correndo em sua direção.

"Venha, criança", disse a rainha regente enquanto agarrava a mão de Norah e a puxava de volta para seu quarto.

A confusão turvou sua mente. "Não vamos comer?"

"Mais tarde. Você está cansado agora."

Só que Norah não estava cansada. Ela estava com fome. Mas o tom de Catherine lhe disse para ir junto, e ela foi. Ela olhou para Titus enquanto Catherine praticamente a arrastava. Ele não deu nenhuma reação; ele simplesmente seguiu.

Quando chegaram à câmara, Catherine fechou a porta atrás deles, deixando Titus e Aaron do lado de fora. "Pegue sua capa. Vamos encontrar alguém."

Norah levantou uma sobrancelha. "Quem?"

"Alguém com um dom especial." Catherine puxou Norah para mais perto, abaixando a voz para um sussurro. "Você conhece videntes? Aqueles que podem ver visões do futuro? Bem, existem pessoas raras, viajantes, videntes com um poder maior — um que lhes permite viajar para as mentes dos outros."

O coração de Norah pulou uma batida. "Alguém com esse poder pode me ajudar a lembrar?"

"Eu não sei. Mas se eles podem, você não gostaria que eles tentassem?"

“Claro que sim.” Não deveria nem ser uma pergunta.

Catherine agarrou as mãos de Norah. “É importante que ninguém saiba dessa visita, nem mesmo Alexander.”

“Por quê?” Norah estava ficando cansada de segredos.

“Viajantes são proibidos em Mércia. Muitos acreditam que seu poder de entrar na mente de alguém é obra de um grande mal, de magia negra.”

“É isso que Alexandre pensa?”

Catherine estalou a língua contra o céu da boca. “Dificilmente. Mas ele não aprovaria que saíssemos voando à noite para encontrar um trabalhador mental ilegal.”

Norah se divertia ao ver que sua avó se preocupava com o que Alexander aprovava ou não.

Catherine levou Norah pelo banheiro e para dentro do gabinete. “Onde está sua capa?”, ela perguntou, mas a tirou de um cabide antes que Norah tivesse a chance de responder.

Norah envolveu o manto ao redor do corpo e então pegou um segundo manto que Catherine estendeu para ela.

“Pegue esta para mim”, disse a rainha regente.

Suas sobrancelhas se juntaram em confusão, mas ela não teve tempo para questioná-la. Catherine puxou o tapete central e abriu uma porta escondida abaixo com uma pequena escada que levava para baixo.

Os olhos de Norah se arregalaram de surpresa. “O que é isso?” ela arfou.

“Uma passagem escondida. Todos os castelos têm. É como você se esgueirava quando era mais jovem. Você sempre tinha sua guarda em alerta.” Ela olhou de volta para Norah. “E não pense que aquele grande careca esqueceu.”

Tito .

“Agora, vá até o pé da escada e espere por mim. Eu te encontro lá.”

Catherine conduziu Norah para baixo, para a escada. Assim que Norah saiu da porta, sua avó a fechou novamente e jogou o tapete de volta por cima.

Norah se virou para as escadas, segurando o corrimão cuidadosamente enquanto descia para a escuridão. Que estranho se encontrar ali, mas seus lábios se curvaram em um sorriso. Catherine estava se mostrando um espírito bem livre também. Norah se sentiu ainda mais perto dela.

Ela fez o que lhe foi dito e esperou por sua avó no pé da escada. Não demorou muito para que ela visse a luz fraca da lanterna de sua avó se aproximando de um túnel lateral. Quando chegou a Norah, ela pegou a capa extra e a envolveu em volta de si.

Sem dizer uma palavra, Catherine a conduziu por uma série de passagens frias e escuras, sinuosas e sinuosas, antes de finalmente chegarem a uma rua de paralelepípedos.

"Fique por perto", disse Catherine. "Não vou deixar você se perder na cidade."

A cidade . Norah sentiu uma onda de excitação. Ela não tinha conseguido explorar a cidade ainda, tendo sido limitada apenas ao castelo na ilha.

"Como vamos atravessar a ponte?" ela perguntou.

"Já estamos, minha querida."

O pulso de Norah acelerou e ela olhou ao redor para se orientar, mas os prédios conectados ao longo da rua limitavam sua visão.

"Por aqui", Catherine chamou, e avançou sob a cobertura da escuridão. Casas adjacentes se alinhavam nas ruas estreitas, e eles se moviam silenciosamente para não chamar atenção. A rainha regente era rápida, flutuando pelas ruas, e Norah quase teve que correr para acompanhá-la. Eles viraram por um beco lateral e seguiram as casas enfileiradas até que finalmente chegaram a uma porta. Sua avó deu duas batidas, e eles esperaram.

A porta rangeu ao abrir. Uma mulher, da idade de Catherine, olhou para fora.

"Esther," Catherine a cumprimentou.

"Catherine." A mulher sorriu e abriu a porta, convidando-os a entrar. Esther era mais alta que a avó de Norah, e magra, mas com um rosto redondo. Ela usava um vestido simples de linho verde, e seu longo cabelo branco caía sobre o ombro em uma trança grossa.

Esther deu a Norah um sorriso caloroso e curvou a cabeça. "Princesa," ela cumprimentou. Então ela se virou para Catherine. "Eu vou pegar Nemus."

Norah seguiu a avó para dentro, tirando a capa e esperando pacientemente. Ela olhou ao redor. Era uma casa modesta, aquecida pelas colchas e velas feitas à mão.

Poucos momentos depois, Esther surgiu da sala dos fundos com um homem mais velho, que Norah suspeitou ser o marido de Esther. Ele era alto, mas a corcunda em suas costas o tornava apenas um pouco mais alto que sua esposa. Seu cabelo curto e branco combinava com sua barba curta, e ele usava uma túnica marrom-clara sobre suas calças marrom-escuras.

"Catherine," Nemus a cumprimentou calorosamente. "Princesa Norah, ficamos muito felizes em saber do seu retorno."

Norah deu um pequeno aceno, notando a informalidade delas com sua avó. Elas eram amigas.

"Nemus, precisamos da sua ajuda", disse Catherine. "Temos um fardo que compartilhamos na mais estrita confidencialidade."

"Claro", ele respondeu, franzindo as sobrancelhas brancas.

"Embora Norah tenha retornado para nós, suas memórias não vieram com ela. Temos que encontrar uma maneira de trazê-las de volta."

Ele olhou para Norah surpreso. "Nenhuma lembrança?"

Norah balançou a cabeça. Era estranho ser tão aberta sobre isso agora.

Catherine soltou um suspiro. "Achei que você poderia ajudar."

Ele assentiu. "Posso tentar. Venha."

Nemus caminhou até um pequeno recanto e sentou-se de pernas cruzadas em uma grande almofada de chão trançada. Ele deu um aceno para Norah e fez sinal para que ela se sentasse em uma almofada na frente dele. Ela se acomodou desajeitadamente em seu vestido.

Ele puxou uma pena e fez marcas de tinta em seus antebraços, seus lábios se movendo em silêncio enquanto ele desenhava círculos, linhas e triângulos entrelaçados, desenhos que ela nunca tinha visto antes. Então ele estendeu a mão e derramou vinho em uma pequena tigela e colocou-a na frente dele. Nemus furou seu dedo com a ponta de uma lâmina, deixando algumas gotas de sangue caírem na tigela. Ele soprou palavras silenciosas sobre a mistura e estendeu para ela.

Norah levantou uma sobrancelha. Certamente ele não queria que ela bebesse.

"Você quer que eu veja?" ele perguntou diante da hesitação dela.

Ela engoliu em seco. *Talvez não mais* . Mas então, relutantemente, ela assentiu. "Sim."

"Então você deve beber", ele disse a ela.

Ela olhou para a avó, e Catherine assentiu com a cabeça, tranquilizando-a.

Norah estremeceu para afastar sua aversão e aceitou a tigela, respirando fundo antes de beber. O vinho era ácido, e a ideia de sangue misturado dentro fez seu estômago embrulhar. Ela o forçou a descer e devolveu a tigela para Nemus.

"Feche os olhos", ele disse a ela.

Ela obedeceu, soltando o ar e fechando os olhos.

"Vá para dentro da sua mente", ele continuou. "Imagine-se sentado em uma sala."

Ela se imaginou como estava agora, sentada em uma almofada no chão da casa de Nemus.

“Você deve vê-lo em sua mente”, ele disse a ela. “O quarto. Você o vê?”

Norah se concentrou no visual. “Sim,” ela disse.

“Não se assuste”, ele disse a ela.

Por que ela ficaria alarmada? Houve uma leve vibração ao redor dela, e de repente ela viu um homem diante dela em sua mente. Norah se assustou, e Nemus riu.

“Acontece com todo mundo na primeira vez.” Ele era mais jovem, muito mais jovem, e deu a ela um pequeno sorriso.

“É assim que você é neste mundo?” ela perguntou a ele.

“Eu sou como eu quero ser.” As palavras dele eram diferentes agora, não ouvidas pelos ouvidos dela, mas de dentro da cabeça dela. “Eu projeto na sua mente, e posso controlar como você me vê.”

“Você é capaz de ser outra pessoa?” ela perguntou de dentro.

Nemus franziu a testa. “Se eu conheço as complexidades de suas aparências, sim. Mas prefiro ser eu mesmo.” Ele olhou ao redor, notando que o quarto era seu. “Isso parece familiar,” ele disse a ela, e ela deu um sorriso estranho.

Ele estendeu a mão. “Venha,” ele disse. “Vamos dar uma volta, ok?”

Ela pegou a mão dele e se levantou, e de repente as almofadas em que estavam sentados desapareceram. Norah olhou ao redor da sala e notou uma série de portas. Havia mais do que antes. Ele gesticulou para uma, e eles foram até ela. Ele a abriu, e eles entraram. Era o quarto dela no castelo.

Nemus se virou, olhando ao redor. “Faz muito tempo que não vejo o castelo, nenhuma parte dele. Este é seu quarto hoje?”

Ela olhou para a cama ornamentada e as janelas voltadas para o oeste. “Sim.”

Ele assentiu. "Vamos tentar outra." Ele a levou de volta para a porta pela qual eles tinham vindo, mas em vez de abrir de volta para o quarto na casa de Nemus, ela se abriu para a pequena propriedade onde ela e Alexander se abrigaram antes de virem para Mércia, onde ela dormiu na cama perto do fogo enquanto Alexander vigiava perto da porta.

As paredes caíram agora, e ela seguiu Nemus pelo que pareciam ser estágios de suas memórias. Um após o outro ela viu: encontrando sua avó, encontrando o conselho, Alexander levando-a pela biblioteca.

Nemus balançou o dedo para o lorde justiça e suspirou com uma ruga na testa. “Aquele garoto está em todo lugar aqui,” ele disse enquanto olhava ao redor das memórias dela.

Norah não conseguiu conter a risadinha que escapou dela. Nemus parecia jovem, mas tinha a irritação de um velho.

"Ele tem sido uma grande parte do meu tempo de volta", ela admitiu.

"E em suas memórias de longo prazo, a julgar pela clareza."

Em suas memórias… Onde?

Ele olhou ao redor novamente, e Norah notou uma parede com outra porta. Nemus estendeu a mão para empurrá-la, mas encontrou resistência. Um olhar de confusão passou por seu rosto, e ele empurrou a porta com mais firmeza. Ela ainda não se moveu.

"O que há de errado?" ela perguntou.

"Não abre."

Obviamente . "Por que não abre?"

Ele olhou para ela. "É *sua* porta. *Você* colocou lá."

"O que você quer dizer *com eu* coloquei lá?"

"Trabalhadores da mente não podem colocar coisas na sua mente desse jeito, não permanentemente." Ele suspirou. "Vamos tentar juntos." Ambos se esticaram e colocaram seu peso contra a porta, mas ela não se moveu.

De repente, Nemus caiu de joelhos, como se algo o tivesse atingido. Ele desapareceu da mente dela, e Norah abriu os olhos. Eles estavam de volta à casa de Nemus, sentados nas almofadas.

Os olhos dela se arregalaram com o fio de sangue caindo da narina esquerda dele. "Você está sangrando!"

"O que aconteceu?" Catherine engasgou enquanto Esther se movia rapidamente até Nemus com um pano.

Ele limpou o nariz e levou um momento antes de olhar de volta para Norah. "Nada para se preocupar. Só usei um pouco de energia a mais. Vou ficar bem."

"Eles estão lá?" Catherine perguntou. "As memórias?"

"Bem, tem alguma coisa lá, mas está bloqueada." Ele olhou para Norah. "Por ela, eu acho."

Norah olhou para Catherine, depois de volta para Nemus. "Como eu desbloqueio isso?"

"Não sei," Nemus disse enquanto limpava o nariz novamente com o pano. "Não tenho poder suficiente para ajudar você."

Norah olhou para a avó enquanto uma onda de decepção a invadia.

"Nós entendemos," Catherine disse. "Obrigada por tentar, Nemus."

“Espere,” Norah disse com um sobressalto. Ela não iria embora sem obter o máximo de informações que pudesse. “Você também é uma vidente de visões?”

“Eu os vejo, sim.”

“Foi você quem me viu assumindo o trono das Sombras?”

Ele balançou a cabeça. “Não. Outros têm, mas eu não. Videntes podem ver as mesmas visões, ou não. Nenhum vidente vê todas as visões.”

Norah franziu a testa e olhou para a avó.

“Mas,” ele disse, atraindo os olhos de Norah de volta para ele, “eu vi a visão de sua captura. E a brecha de Mércia. Fui eu quem mostrou a seu pai.”

A respiração de Norah agora vinha em clipes rápidos. “Você pode mostrá-los para mim?”

“Norah, já pedimos o suficiente”, Catherine a pressionou. “E essas são visões antigas, visões alteradas — visões que nunca se tornarão realidade. Seu pai cuidou disso.”

Mas isso não foi o suficiente. “Ainda assim,” ela disse a Nemus, “você pode? Por favor?”

Nemus assentiu. Norah ouviu Catherine suspirar, mas ela ignorou.

Ambos fecharam os olhos novamente, retornando ao quarto dentro da mente dela. Ele gesticulou para a porta da frente e levou Norah para fora, na escuridão. Mas eles não estavam mais na cidade. Mércia se fora, e em seu lugar estavam as sombras de colinas rochosas. Sua boca estava aberta enquanto um grande exército passava silenciosamente pela noite. Entre suas fileiras cavalgava uma figura sinistra em cima de um corcel. Ele parecia mais um espectro do que um homem, flutuando na escuridão usando um capacete com chifres e uma armadura de ombro com lâminas. Enrolada em seu cavalo, na frente dele, estava uma jovem mulher sem vida. Norah não conseguia ver seu rosto, mas sua respiração oscilava nos longos fios de cabelo nevado que caíam pela lateral.

“Sou eu?” ela sussurrou.

Nemus assentiu. Ele estendeu o braço e o exército caiu.

Eles estavam dentro do pátio do castelo — o castelo de Mércia. Era dia agora, mas homens envoltos em escuridão os cercavam, com os rostos cobertos. Não eram nórdicos. No centro do pátio havia uma forca, com três cordas penduradas na viga acima. Três homens foram levados até eles, e ela reconheceu o conselheiro Edward entre eles.

Norah observou horrorizada enquanto seus conselheiros eram conduzidos em fila indiana, empurrados por um monstro de homem. Este homem era diferente da visão anterior, mas igualmente assustador. Ele não usava nada nos braços e no tronco, como se fosse invencível. Sua pele tinha padrões de tinta escura, e seu rosto estava coberto por um

xale, do qual apenas seus olhos apareciam. Edward gritou palavras que ela não conseguia ouvir, mas ela podia ver o terror em seu rosto enquanto as cordas eram enroladas e apertadas em volta dos pescoços dos homens. O carrasco monstro assentiu, e o chão caiu sob seus pés. Norah cobriu a boca para conter seu próprio grito. Dois dos conselheiros estavam pendurados frouxamente, seus pescoços imediatamente quebrados, mas Edward se contorceu na ponta de sua corda.

Norah não conseguia mais assistir, mas não conseguia desviar o olhar. Ela só conseguia ficar parada em horror. Um grito escapou de seus lábios. Finalmente, como se uma lasca de misericórdia existisse, o monstro de um homem puxou uma adaga e atravessou Edward com a lâmina. Então, ele se virou, e as piscinas escuras de seus olhos olharam diretamente para ela. Vendo-a.

Norah engasgou e abriu os olhos assustada, tremendo e lutando para respirar. Estavam na casa de Nemus novamente, sentados no chão. Catherine estava ao seu lado, pegando sua mão e segurando-a firme.

“Você está bem, criança?”

Norah engoliu o medo em seu peito, inalando profundamente para não vomitar. Essa era a brecha sobre a qual Catherine havia alertado — os Shadowmen a levando, levando Mércia e trazendo a morte para todos eles. Seus olhos encontraram Nemus novamente.

“É por isso que seu pai te levou e te escondeu do mundo”, ele disse a ela.

Norah esperou um momento para que sua respiração voltasse a ela. “E você não consegue ver para onde ele me levou?”

"Eu não posso."

“Existe outro como você? Alguém com mais poder?” Enquanto ela dizia as palavras, elas soavam rudes em seus ouvidos. Ela esperava que ele não entendesse dessa forma.

“Você só encontrará videntes em Mércia, não viajantes. Não conheço ninguém como eu.” Sua voz continha um toque de tristeza. “Sinto muito.”

“Então, meu pai, ele mudou o futuro?”

Ele assentiu.

“Você consegue ver o que acontece agora?”

Nemus balançou a cabeça. “Não tenho controle sobre o que o Olho me mostra, mas não houve visões suas desde que você partiu, por nenhum vidente, que eu saiba. Talvez haja um escudo sobre você, como os videntes têm, um escudo que não permite que o Olho o veja ou saiba onde você está. Imagino que isso esteja relacionado à sua perda de memória.”

“Quem poderia ter colocado esse escudo ali? Outro vidente?”

Nemus balançou a cabeça. “Não sei quem teria esse tipo de poder.”



Capítulo quatorze

C atherine os levou de volta pelas ruas em direção aos túneis. Norah seguiu cegamente, sua mente acelerada. A visão de seus conselheiros a assombraria. E esse escudo — o que quer que a bloqueasse de ser vista em visões — quem o havia colocado ali? Nemus dissera que não sabia quem teria esse tipo de poder. Se ela conseguisse descobrir como removê-lo, isso lhe traria memórias de volta?

Eles fizeram seu caminho rapidamente pelos túneis no escuro. Norah ficou surpresa que Catherine conseguisse se lembrar do caminho. “Como você conhece todas essas passagens?” ela perguntou.

“Estou aqui há muito tempo, minha querida. E tenho muitos segredos para guardar.” Eles viraram em outro corredor, e Catherine parou. Ela sentiu os bolsos de seu vestido.

"O que é?"

“Deuses,” Catherine murmurou. “Minha chave, a do meu próprio quarto. Deixei-a na casa de Nemus.”

“Ah, tudo bem, podemos voltar.”

“Não, não. Eu vou. Se você seguir esta caminhada dois corredores abaixo, verá a escada à direita para seu quarto.”

“Espere.” Absolutamente não. Não. *Não* . “Eu não posso ir sozinho.”

“Oh, Norah, você vai ficar bem. Não posso voltar pela sua câmara, de qualquer forma. O guarda já me viu sair. Eles acham que você está sozinha lá dentro. Não se esqueça de esticar o tapete em cima depois. Não quero que ninguém encontre aquela porta.”

“E se *eu* encontrar a porta?” Andar por túneis escuros não era o que ela queria fazer. De jeito nenhum.

“Não seja dramática. Como eu disse, você está perfeitamente bem. Ninguém sabe desses túneis além de mim.” Mas ela demorou um momento. “Sinto muito por esta noite, Norah,” ela disse suavemente. “Eu realmente pensei que isso daria certo.”

Norah também esperava que desse certo. Ela deu de ombros. “Continuaremos tentando.”

Catherine deu um tapinha em seu braço. “Isso nós faremos. Vejo você de manhã, minha querida.”

Com isso, Catherine se virou e desapareceu na escuridão, deixando Norah segurando a pequena lanterna. Ela suspirou e então virou pelo túnel em direção ao seu quarto.

Era difícil enxergar, mesmo com a lanterna, que mal iluminava o espaço à sua frente. O medo a percorreu. Não do escuro — ela não tinha medo do escuro. Ela temia o fracasso, decepcionar aqueles que se importavam com ela e decepcionar seu povo e seu reino. Como ela poderia ser rainha se não soubesse de nada? Como ela poderia tomar boas decisões para seu povo quando não entendia? E como ela poderia lutar contra um inimigo que não conhecia, especialmente um inimigo como o que ela viu esta noite?

Ela parou quando notou um corredor, então xingou baixinho. Ela não estava prestando atenção. Ela já passou por um, ou era o primeiro? Certamente ela teria notado se um tivesse surgido antes. Ela continuou.

Quando chegou a outro corredor, ela se virou e desceu até o fim, onde encontrou a escada. *Finalmente.* Ela segurou o corrimão enquanto subia as escadas, mas quando chegou ao topo, a porta não estava acima de sua cabeça como antes. Estava na frente dela. Ela estava na porta errada.

Norah xingou baixinho. Talvez se ela voltasse um corredor? Mas e se ela tivesse passado por dois? Ela tinha andado um bom tempo enquanto estava distraída com seus pensamentos. Ela olhou para a lanterna. O pavio da vela estava quase no fim. O que ela não queria era se perder procurando por uma porta secreta sem nenhuma lanterna. Ela franziu os lábios. Onde ela estava agora?

Seu estômago deu um nó ao pensar em retornar para sua câmara do lado de fora — onde Titus estava. Ela supôs que não era a pior coisa que poderia acontecer. Seria como nos velhos tempos?

Ela girou a maçaneta da porta o mais silenciosamente que pôde. Ela abriu sem resistência, e ela espiou. Um suspiro de alívio escapou dela. Um quarto vazio. Ela saiu do que parecia ser um armário do lado de fora, então fechou a porta atrás de si. Estava tudo bem — ela apenas descobriria onde estava e voltaria para seu quarto.

Norah saiu sorrateiramente para o corredor, apreciando o silêncio de seus sapatos de seda. Já era tarde da noite agora, e ela não esperava ninguém por perto, mas preferia voltar para seu quarto sem que ninguém a visse. Haveria menos a explicar.

A luz se derramava de uma sala à frente, e ela diminuiu o passo. Não tinha certeza de qual sala era; ela nunca tinha estado naquele corredor antes. Quando chegou à porta aberta, ela se esgueirou pela borda do batente, inclinando-se para frente apenas o suficiente para espiar lá dentro. Era um estudo. Seu coração batia mais rápido.

Alexander estava sentado em sua mesa, lendo vários documentos. A vela à sua direita deixou cair um rastro de cera pela lateral — ele estava ali há um tempo. Ele suspirou enquanto colocava um pergaminho de lado e pegava outro.

Ela não conseguiu se conter. “No que você está trabalhando?”, ela perguntou.

Ele olhou para cima surpreso, e um indício de sorriso surgiu em seus lábios. Ele se levantou da cadeira. Enquanto sua mente parecia juntar as coisas, sua testa franziu. "De onde você veio?", ele perguntou.

Ela entrou no escritório e deu de ombros. “Só andando.”

Os olhos dele percorreram o manto dela. “Lá fora?”

O inferno de Hammel . “Só perto do castelo. Eu… estava com frio.” Ela mordeu o lábio. Isso definitivamente parecia mentira.

Alexander levantou uma sobrancelha.

Ela se aproximou, e os olhos dele a seguiram. Ela se sentou na poltrona em frente à mesa, e ele lentamente se sentou de volta. O rosto dele tinha uma familiaridade calorosa, e ela lutou para separar se era o conforto da nova amizade deles, ou algo mais. Ela espiou um biscoito e uma pêra em um prato no canto da mesa, e seu estômago roncou. Ela não comia nada desde que Catherine a levara para a vidente. "Você vai comer isso?", ela perguntou.

Ele olhou para o prato. “Não. Você está com fome?” Sua sobrancelha se abaixou. “Você não comeu?”

“Eu não estava com fome antes, mas percebi que estou um pouco agora.” Ela pegou a pêra do prato.

“Vou pegar um pouco de comida para você. Não coma isso. Adrian trouxe há horas.” Ele se moveu para ficar de pé.

“Não, está tudo bem”, ela disse rapidamente. “A pêra está ótima.”

Ele suspirou e deu um pequeno sorriso. “Terei que garantir que façamos um trabalho melhor cuidando da nossa rainha.”

As palavras dele soaram desconfortáveis em seus ouvidos. *Rainha* . Ela engoliu em seco. Ela não tinha nada a ver com ser rainha.

“Você está bem?” ele perguntou. “Eu disse alguma coisa?”

Ela girou a pêra nas mãos, passando os dedos sobre a casca lisa da fruta. Ela queria contar a ele sobre a visita ao viajante, sobre ter visto as visões, mas Catherine disse para não fazer isso. "Minha avó diz que o conselho vai pressionar pela minha coroação imediatamente." Ela levantou os olhos novamente, buscando confirmação.

Ele assentiu. “É verdade.”

“Quão breve?”

"Alguns dias."

Uma onda de pânico a invadiu. "Alguns dias?" Ela nem saberia se virar direito no castelo em poucos dias. Como ela poderia estar pronta para ser rainha e enfrentar um monstro como o que ela tinha visto esta noite?

“Eu sei que parece cedo,” ele tentou assegurá-la, “mas você vai descobrir as coisas. Você sempre descobre.”

Norah bufou de frustração. “Não consigo nem descobrir como manter minha perda de memória em segredo. Você falou com Adrian?”

Alexander assentiu calmamente. “Ele me disse.”

“Fale sobre alguém descobrindo as coisas. Bem... ele descobriu. James também. Eu não tinha dito nem três frases, e James... me disse que eu estava mentindo. O que eu estava.” Ela fechou os olhos, silenciosamente se amaldiçoando.

“Não se culpe por Adrian e James. Eu deveria ter contado a eles. Não havia como eles não saberem que algo estava errado. Eles conhecem você muito bem.”

Ela balançou a cabeça. “É mais do que isso. Eu não consigo fazer isso.”

Alexander se inclinou para frente com os antebraços na borda da mesa. “Norah, você vai ser uma grande rainha.”

“Você não sabe disso”, ela disse, levantando-se e empurrando a cadeira para trás. “Não tenho ideia do que estou fazendo.”

Alexander se moveu para falar, mas então parou. O canto de sua boca se curvou em um leve sorriso. Ele enrolou os documentos na frente dele em uma capa de couro e se levantou da mesa. “Venha comigo.”

A mudança repentina na conversa fez com que ela franzisse a testa com desconfiança. “Onde?”, ela perguntou.

“Quero te mostrar uma coisa.”

Ela esperava que não envolvesse navegar de volta por uma série de túneis escuros. Seu olhar encontrou o de Alexander. Ele ofereceu sua mão.

Para o inferno se houvesse túneis. Ela deslizou a mão na dele, e a pele dele aqueceu a dela. Era uma sensação boa e certa.

Ele a levou para fora do escritório, mas parou no corredor. “Espere”, ele disse. “Onde está seu guarda?”

Norah se contorceu um pouco. “Eles… podem… estar de volta à porta do meu quarto.”

“De volta à sua porta?” Sua testa franziu. “Você está sozinho? Como você escapou?”

Ela deu de ombros enquanto franzia os lábios para o lado. “Silenciosamente?”

Sua mandíbula se apertou, e o azul de seus olhos ardeu mais intensamente. Norah não se viu totalmente incomodada com a preocupação dele. Na verdade, ela não estava nem um pouco incomodada.

“Não se preocupe por enquanto”, ele disse. “Vamos. Discutiremos isso mais tarde.”

Ela não conseguiu conter um pequeno sorriso.

Alexander a levou por vários corredores, que eram iluminados apenas pelo brilho fraco de velas em candelabros. Suas sombras dançavam contra a pedra. Era a primeira vez que ele pegava a mão dela, mas ele a segurava tão naturalmente, como se pertencesse a ele.

Eles chegaram a uma porta guardada, e Alexander acenou para o soldado, que se afastou. Ele a abriu e olhou para ela, dando-lhe um sorriso tranquilizador.

Pela porta havia outro longo corredor que levava a outra estrutura do castelo. Eles caminharam pela pedra arqueada, finalmente chegando ao fim do corredor. À frente deles, o corredor se derramava em uma vasta câmara redonda, com um teto de vidro que deixava cair o luar na grande sala abaixo.

“Cuidado com o degrau”, ele disse a ela enquanto começava a descer uma escada em espiral até o fundo. Seus dedos apertaram os dela para oferecer apoio.

“Que lugar é esse?” ela perguntou.

“Você verá.”

Ao chegarem ao fundo, ela notou grandes aberturas esculpidas nas paredes. Cada abertura continha um sarcófago de pedra. *Túmulos.* Eram túmulos *.* E havia tantos.

“Isso é para levantar meu ânimo?” ela perguntou, erguendo uma sobrancelha. “Eu compartilho como me sinto lamentavelmente inadequada, e você me leva para uma sala cheia de tumbas?”

Alexander riu. “Não. Quero dizer, sim, é para levantar seu ânimo. Embora agora eu possa entender como isso pode parecer muito estranho.” Ele deu um puxão gentil na mão dela. “Mas eu quero que você veja uma coisa.”

Ela deixou que ele a puxasse para mais dentro da câmara.

“Este lugar é chamado de Hall of Souls. É o túmulo dos reis de Mércia,” Alexander disse a ela. “E rainhas.”

Apesar de estar na casa dos mortos na escuridão da noite, havia uma beleza nela. Esculturas intrincadas cobriam as paredes entre as cistas. No centro da sala havia escadas para uma pequena plataforma com uma tumba singular que parecia brilhar sob os raios da lua. Incrustadas na pedra havia grossas tiras de madeira gravadas com cenas de triunfos de batalha.

“Aqui, olhe,” ele disse, levando-a escada acima até o sarcófago no meio da câmara. “Só os reis e rainhas da Mércia vieram aqui, com o ocasional lorde da justiça furtivo.” Seu rosto continha um sorriso irônico.

Ela sorriu de volta.

Ele estendeu a mão e colocou-a no pé da cista. “Esta é a tumba do Rei Hagen, o grande rei original da Mércia, que construiu este reino muitas gerações antes de você. Coloque sua mão aqui”, ele disse, tocando a gravura no pé.

Ela estendeu a mão e sentiu a madeira inserida. Era lisa, quase polida.

“O que você sente?” ele perguntou.

Ela balançou a cabeça. “Nada. É… suave.”

Ele pegou a mão dela e a moveu mais para o lado. “E aqui?”

O toque dele era uma distração, mas ela forçou sua mente para a escultura. “Hum… não tão suave?”

Ele assentiu, seu cabelo dourado refletindo o luar das janelas acima. “Pense em quantos homens devem ter vindo aqui para pedir força ao Rei Hagen, polindo esta madeira lisa apenas com o toque de sua pele. Quantas mãos são necessárias? Quantos toques?”

Ela moveu os dedos de volta para a gravura polida, sentindo sua suavidade, para onde seu pai e seu pai antes dele devem ter tocado.

“Veja, Norah”, ele disse suavemente, “você não é a única que se achou perdida.”

A calma da segurança a acalmou, e ela olhou para ele. “Obrigada,” ela sussurrou.

Os lábios de Alexander se separaram para dizer mais, mas então ele parou. Ela olhou para sua mão, ainda na dele. Ela se encaixava tão perfeitamente, quente, protegida e segura — do jeito que ele a fazia se sentir.

"Eu deveria levá-la de volta para seu quarto", ele disse, finalmente quebrando o feitiço.

Certo. O quarto dela. Ela sentiu uma onda de decepção, e isso a surpreendeu. Ela forçou um aceno, e ele a guiou de volta pelo caminho que tinham vindo.

Enquanto caminhavam de volta para o quarto dela, ela viu a postura de Titus mudar antes mesmo de chegarem até ele. Vê-la do lado de fora — ele não esperava por isso.

"Desculpe," ela murmurou para o grande guarda enquanto eles alcançavam a porta. Ela se virou para Alexander.

"Boa noite, Vossa Alteza," ele disse a ela. Sua formalidade havia retornado.

"Boa noite, Lorde Justiça." Ela se virou de volta para seu quarto. "Desculpe," ela sussurrou novamente para Titus enquanto passava por ele e entrava.



Capítulo quinze

A porta do quarto de Norah se abriu. “Levante-se, criança!” Catherine disse enquanto entrava. “Rápido!”

Norah sentou-se ereta na cama. A luz do dia brilhava através da janela. Ela realmente dormiu até o sol nascer? Ela enxugou os olhos. Ela tinha dormido — ela tinha realmente dormido. E era incrível.

“Rápido!”, sua avó pressionou novamente enquanto Rebecca entrava apressada com um vestido.

O tom de Catherine anulou a satisfação repousante de Norah. Por que rápido? “O que está acontecendo?”

“O conselho convocou um estado agora que James e Elias retornaram. Pensei que teríamos mais tempo, James e eu insistimos, mas não. É hoje.”

Hoje. Seu pulso acelerou. Hoje — *não.* "Não posso me encontrar com o conselho hoje." Ela não estava nem perto de estar pronta para o estado. Ela ainda não sabia inteiramente o que isso significava, apenas que eles fariam perguntas — perguntas para as quais ela não tinha respostas. Eles iriam querer saber onde ela tinha estado, e embora Catherine tivesse dado uma resposta que ela havia ensaiado centenas de vezes, ainda não parecia verdade. Porque não era. E então quando eles a descobriram...

Ela não queria pensar sobre isso. Ela *não conseguia* pensar sobre isso e manter o controle dos nervos.

“Não se preocupe, minha querida,” sua avó disse, parecendo ler sua mente. “Eu ainda sou rainha regente. Eu nos guiarei. Tudo ficará bem.”

Mas ela não acreditou nisso. Nem James estava confiante de que ela enganaria o conselho — ele lhe disse isso diretamente.

Catherine praticamente arrancou a camisola de Norah dela no momento em que Rebecca varria com um espartilho, amarrando-o e puxando-o com força antes que Norah pudesse se ajustar à respiração. O vestido caiu sobre sua cabeça, de sua empregada ou de sua avó, ela não tinha certeza. Não que isso importasse. Ela só precisava vesti-lo. O pânico corria por suas veias, e estar apressada não ajudou. Ela forçou sua mente a voltar para a pergunta que o conselho faria a ela primeiro — onde ela estava...

"Lembre-se, você dirá que foi mantida bem por um aliado secreto, um que deseja permanecer em segredo", Catherine disse, como se estivesse lendo sua mente. "Em vez de focar no passado, vou levar nossa conversa para o presente e o futuro. Falaremos sobre seu casamento com Phillip."

Norah enrijeceu-se. Ela preferia contar ao conselho sobre sua perda de memória.

Catherine ajeitou o vestido justo, então empurrou Norah para a penteadeira e a pressionou abruptamente para baixo na cadeira. Ela puxou a escova da mão de Rebecca e a passou rapidamente pelo cabelo de Norah. "A esta altura, Phillip já deve saber do seu retorno."

Norah estremeceu, mais pelo nome dele do que pela escovação rápida e agressiva do cabelo. Esse homem ela não conhecia — o homem com quem ela deveria se casar.

A avó dela prendeu as laterais do cabelo de Norah com grampos florais. "Teremos notícias dele em breve, e não deve ser difícil ocupar a atenção deles com isso — é o mais importante, de qualquer forma."

A mente de Norah vacilou. Com cada fibra de seu ser, ela rejeitou a noção desse casamento. Sua alma se agarrou contra as obrigações que a acorrentavam e contra o caminho que ela não podia escolher para si mesma. Ou talvez ela pudesse escolher, mas havia o peso de tantos olhando para ela — de tantas vidas dependendo dela. Virar as costas para eles a quebraria. E ela se viu sentindo o mesmo que sentia com James — não havia nada que ela pudesse fazer além de concordar. Nada que ela pudesse fazer além de seguir. Pelo menos por enquanto.

Catherine jogou uma capa sobre os ombros de Norah e puxou-a em direção à porta do quarto, e ela foi. Sua guarda os seguiu enquanto eles começavam a descer o corredor, como se a conduzisse em direção ao seu futuro. Ela engoliu em seco, embora sua língua estivesse seca em sua boca. *Finja* . Finja ser a pessoa que ela era antes. Pareça o papel. Desempenhe o papel. *Finja* o melhor que ela pode.

Eles saíram do castelo pelas portas duplas para o exterior e caminharam pelo pátio em direção ao judisaept. O ar do inverno era frio, e Norah estremeceu, mas ela o acolheu. Qualquer coisa para distrair sua mente em espiral.

Ao lado dela, Catherine diminuiu o ritmo, e Norah seguiu seu olhar para algo do outro lado do pátio. Ela apertou os olhos contra o ar gelado, mas não conseguiu distinguir o que ou quem era em meio à multidão de pessoas reunidas.

"O que foi?" Norah perguntou a ela.

"Não sei", disse Catherine, mas ela parou. Os guardas do castelo saíram de seus postos e correram em direção à multidão.

De repente, um grito rasgou as massas crescentes. A guarda de Norah varreu ao redor dela. Outro grito soou, mas não de medo — um de angústia. Norah começou a ir em sua direção.

Catherine pegou a mão dela. "O que você está fazendo?"

"Aconteceu alguma coisa, preciso ver!" E ela puxou o braço do aperto da avó.

"Vossa Alteza," Titus chamou atrás dela, mas ela o ignorou e caminhou em direção à multidão. Ele a seguiu com sua espada na mão.

Ela se aproximou. A multidão cercava uma grande carroça, puxada por quatro cavalos cobertos de lama seca e sujeira. Os animais estavam parados, cansados e esgotados da jornada. Ninguém dirigia a carroça, mas ela estava empilhada com o que pareciam ser sacos de grãos na parte de trás, manchados de vermelho amarronzado. Um estava aberto no chão, mas ela não conseguia ver o que havia dentro. Uma mulher chorava com os braços estendidos em direção à carroça enquanto um homem a puxava para longe.

De repente, Alexander estava na frente dela. Ela estremeceu de surpresa quando o braço dele surgiu, parando-a. "Norah," ele disse, baixo, "volte para o castelo. Estarei lá em um momento."

Mas ela não queria voltar. "O que tem nos sacos?"

"Norah." Ele agarrou o braço dela, gentilmente, mas com firmeza, e tentou movê-la de volta para o castelo.

"O que tem nos sacos?" ela insistiu novamente.

"Só volte. Eu estarei aí em um momento, e te conto então."

"Você vai me contar agora," ela exigiu. Sua paciência estava acabando, e ela não iria embora até saber o que estava acontecendo.

Sua boca se apertou. “Esperávamos que o Rei das Sombras tentasse retomar as montanhas de Bahoul novamente, especialmente se ele soubesse do seu retorno. É uma fortaleza crítica que costumava pertencer às Terras Sombrias. Enviei outros mil homens para reforço.”

Isso ainda não respondeu à sua pergunta. “O que tem nos sacos?”

Seus lábios se estreitaram. “Os homens que enviei. Suas cabeças.”

Náuseas a percorreram enquanto ela olhava para a carroça e sua carga cheia de horror. As cabeças de mil homens. Ela vacilou. A mão dele apertou o braço dela.

“Volte para dentro”, ele disse. “Eu voltarei depois de lidar com isso.”

Titus deu um passo à frente, oferecendo seu próprio braço, mas ela se afastou dos dois e se virou para o castelo, entorpecida pelo choque.

Catherine estava logo atrás dela com Edward, James e outros dois membros do conselho.

“Lorde Justiça!” Edward gritou e correu atrás de Alexander. Os outros dois conselheiros se curvaram para Norah e o seguiram.

Catherine estendeu a mão e apertou a mão de Norah. “Está tudo bem. Tudo ficará bem.”

Norah balançou a cabeça, a boca aberta. "Não, não está. Nada disso está certo." Ela sentiu os olhos de James sobre ela e lançou-lhe um olhar desesperado. "Vamos discutir isso hoje também?" Como se a miríade de outros tópicos não fosse o suficiente. Como se ela já não estivesse perto de quebrar. E ainda assim ela tinha que enfrentar o conselho. Em questão de momentos. Ela não estava pronta. Ela não podia fazer isso.

Ele balançou a cabeça. “Não. O estado foi adiado.”

Foi a menor das misericórdias comparada a todo o resto, mas ainda assim o alívio quase trouxe lágrimas aos seus olhos.

“Para se preparar para sua coroação,” James acrescentou. “Você será coroado amanhã.”

O coração de Norah parou, e seus pulmões se transformaram em pedra em seu peito. Ela não conseguia respirar. “Não posso ser coroada amanhã.”

“Isso funciona a nosso favor”, disse James.

“Favor?” ela gaguejou sem fôlego.

“Não temos o luxo do tempo, e isso coloca pressão para adiar a coroação antes do estado. Pressão que precisamos. As coisas vão se mover rapidamente agora. Vocês devem estar prontos.”

“É claro que não estou pronto!”

Catherine a silenciou e a puxou em direção ao castelo. “Não aqui,” ela disse severamente.

Não ali, não em público. Não que isso importasse, com a atenção de todos na carroça de cabeças decepadas. Seu estômago ameaçou se rebelar. Ela precisava sair do pátio, e deixou Catherine puxá-la de volta para seu quarto.

Assim que a porta se fechou, sua avó disse: "Você vê agora?"

Norah zombou de espanto. " *Viu* ? Vejo que você vai me fazer colocar uma coroa na cabeça para que eu possa me apressar e me casar! E essa é a única coisa na mente de todos vocês, não as mil cabeças em nosso pátio, as cabeças que James diz que estão a nosso favor!" Sua voz saiu quase como um grito agora. "Em que mundo louco isso seria considerado a nosso favor?"

"Isso ajuda a garantir a coroa antes que sua ignorância a perca", Catherine retrucou. "E talvez agora abra seus olhos! Isso é apenas um símbolo do que o Rei das Sombras fez e do que ele fará. Você não quer se casar? Bem, eu não quero um reino de cabeças decepadas!"

As palavras da avó a silenciaram. Ela também não queria um reino de cabeças decepadas.

"Norah, Aleon tem o maior exército do mundo."

"Para me ajudar a tomar um trono das Sombras que eu não quero?" Ela balançou a cabeça. "Eu nem quero esse."

A avó agarrou seu braço e a puxou para perto. "Nunca mais diga isso. Nunca mais. Nem mesmo atrás de portas fechadas. Você me ouviu?"

Norah respirou fundo, depois outra vez. Seu desespero estava falando por ela, e ela não podia deixar.

"Não se trata de querer o trono das Sombras", Catherine argumentou bruscamente. "Trata-se de deter um grande mal. Trata-se de salvar a si mesma e ao seu reino. E não quero dizer maldade em um sentido simplesmente vil, Norah. Ele é o verdadeiro mal encarnado. O Rei das Sombras fez um pacto com a Escuridão, um pacto que exigia seu próprio coração."

Os olhos dela se estreitaram. "Um homem não pode viver sem seu coração."

"Ele não é mais um homem. E por causa do seu pacto com a Escuridão, ele recebeu um demônio para comandar seus exércitos. O sangue dos homens dá força a esse demônio. Ele faz o que o Rei das Sombras quer e, em troca, ganha as almas dos caídos. E agora, o Rei das Sombras tem o poder de corromper este mundo inteiro e trazer a morte para todos nós."

A pele de Norah formigou. E ele estava vindo atrás dela…

O aperto de Catherine em suas mãos suavizou. "Eu não digo essas coisas para te assustar, criança."

Era um pouco tarde demais para isso. Norah engoliu em seco.

“Venha. Tenho que lhe mostrar uma coisa.” Ainda segurando a mão de Norah, Catherine a puxou para fora do quarto e pelo corredor até uma porta lateral que levava para fora. Norah implorou silenciosamente que não voltassem para o pátio.

Não estavam, e ela soltou um suspiro de alívio. Ela deixou Catherine levá-la por um caminho lateral de paralelepípedos até um prédio de pedra adjacente sem janelas. Sua avó abriu a porta sem bater, e Norah a seguiu para dentro.

Eles estavam no meio do que parecia ser uma sala de estar, mas ao redor deles havia pinturas. Centenas delas. Painéis de tela esticada estavam em pé e empilhados contra a parede, equilibrados em cadeiras e empilhados em uma mesa central.

Norah manobrou lentamente pelas imagens, seguindo sua avó. Havia tantas — principalmente de guerra, mas algumas de celebração. Algumas eram de indivíduos; havia inúmeros rostos.

“Samuel!” Catherine chamou enquanto eles voltavam.

Um homem mais velho com óculos grossos, vestido com uma túnica cor de areia e calças combinando, apareceu na porta de um salão adjacente, apoiando-se pesadamente em sua bengala. "Ah, Rainha Regente", ele cumprimentou Catherine. Quando viu Norah, ele fez uma reverência vacilante com a cabeça. "Princesa Norah. Uma surpresa muito inesperada, mas muito bem-vinda."

“A pintura,” Catherine disse a ele. Como se houvesse apenas uma.

“Ah. Sim, sim.” Ele acenou com sua bengala para que o seguissem enquanto ele mancava por uma porta e entrava em uma sala nos fundos.

“Qual pintura?” Norah perguntou a ela.

“O único que importa.” Catherine começou atrás da vidente.

Norah os seguiu até a sala dos fundos. Era muito parecida com a primeira e também tinha pinturas empilhadas contra as paredes. Esta sala tinha mais móveis, que, como a sala anterior, pareciam servir apenas para guardar mais pinturas.

“Tudo isso são visões?” Norah perguntou.

“Eles são”, ele disse enquanto se dirigia para o fundo.

Norah deixou seus olhos passarem de pintura em pintura na sala de visões. Ela não sabia o que fazer com elas. Imagens de morte e carnificina a cercavam: ruínas de castelos, homens caídos, sangue se acumulando nas ruas. E em cada imagem de destruição, havia um homem escuro e monstruoso com um elmo com chifres — o Rei das Sombras.

“Ali”, disse sua avó, e ela apontou para uma grande pintura na parede do fundo.

Norah parou e olhou para si mesma. Era uma imagem dela sentada em um trono da noite, com uma coroa sobre a cabeça. Ela usava branco, a cor da Mércia, mas este não era o trono da Mércia.

“É o trono das Sombras,” Catherine disse a ela. “Você vê agora? Você vai pegá-lo. Você vai derrubar o Rei das Sombras.”

Norah só conseguia encarar. Ela quase não se reconheceu; essa mulher parecia forte. Poderosa. Como uma rainha. Não parecia nada com o que ela sentia agora. Sua alma ainda tremia com o pátio, e sua mente ainda estava enevoada com o horror do dia. Essa mulher na pintura não era ela.

“Não posso ser eu”, ela suspirou.

Catherine apertou a mão de Norah com mais força. “Claro que é você, minha querida. Será você. O destino escreveu isso.”



Capítulo dezesseis

O dia da coroação de Norah chegou com o sol, e Alexander estava sentado em seu quarto polindo suas botas. Ele as escovou meticulosamente, tentando manter sua mente longe dos pensamentos que ameaçavam consumi-lo. Hoje Norah seria coroada rainha e estaria um passo mais perto de se casar com o Rei Phillip. Eles precisavam de Aleon, mas isso não tornava o apoio ao casamento mais fácil.

Uma batida sacudiu a porta. Antes que ele pudesse responder, Adrian entrou. Claro que ele viria.

Adrian sorriu. “Hoje é o dia, irmão.”

Alexander levantou uma sobrancelha, mas sabia a que seu irmão estava se referindo. “Você não sabe disso.” Às vezes Adrian era positivo demais.

“O quê?”, seu irmão zombou. “Claro que sim. Você vai ser o lorde da justiça. Sério dessa vez.”

Alexander balançou a cabeça enquanto enrolava a escova de botas de volta no pano. “Não. A decisão ainda não foi tomada, e há outros muito mais qualificados do que eu.”

“Como quem?”

“Muitos.” Catherine teria apresentado uma lista de nomes. Ele suspeitava que a decisão seria de Lorde Branton. O lorde mércio tinha sido um general de campo antes de perder seu braço de espada na guerra, e ele tinha sido uma voz confiável para o falecido Rei Aamon. Suas opiniões às vezes diferiam do conselho, o que era uma coisa boa. Ele era um bom homem, e Alexander podia respeitar essa decisão. Ele calçou uma bota e depois a outra. “E mesmo que ela tenha decidido, ela provavelmente não anunciaria hoje.”

“O vereador Edward disse que é costume nomear o lorde juiz no dia da coroação.”

“O conselheiro Edward viu exatamente uma coroação. Isso dificilmente representa *o costumeiro* .”

“Alec,” seu irmão pressionou, “fique animado! Isso é real. Vai acontecer. Eu *sinto* isso.” Ele olhou ao redor. “Onde está Jude?”

Alexandre havia mandado seu servo embora. “Eu queria me preparar sozinho.”

Adrian deu de ombros. “Eu te ajudo.”

Alexander não conseguiu evitar um sorriso ao se levantar da cama. Adrian pegou o peitoral polido da mesa e amorosamente o limpou com a manga antes de posicioná-lo no peito de Alexander e afivelar as tiras cuidadosamente. Alexander ficou de pé enquanto Adrian terminava, observando no espelho cheval. Esta tinha sido a armadura de seu pai. Ele se lembrava exatamente de como seu pai a usava. Ele parecia muito com seu pai agora.

Os olhos deles se encontraram no reflexo e Adrian sorriu. “Papai ficaria orgulhoso de você, Alec,” ele disse, parecendo ler sua mente. “Eu estou.”

Os olhos de Alexander se encheram de lágrimas, e Adrian o abraçou. Alexander segurou seu irmão perto, valorizando o momento. Então ele limpou a garganta enquanto se recompunha e deu um tapinha no ombro de Adrian. “Obrigado, irmão.”

Adriano entregou-lhe sua espada, e Alexandre afivelou o cinto em volta de sua cintura.

“Você está pronto?” seu irmão perguntou com um sorriso.

Não , mas ele assentiu e eles saíram para o corredor iluminado pelo sol.

Eles fizeram seu caminho através do castelo lotado e em direção à sala do trono. Os simpatizantes o deram tapinhas nas costas enquanto ele caminhava pela multidão de pessoas. Os lordes esperavam que ele fosse nomeado lorde justiça. Ele nunca se considerou um homem ambicioso, pelo menos não do jeito que a maioria dos homens era, mas ele sempre esperou seguir os passos de seu pai um dia. Ele esperava que esse fosse seu destino. De todas as visões que Samuel pintou dele, nenhuma o mostrou como o lorde justiça. Mas então, eles nunca mostraram outra pessoa também.

Alexander deixou Adrian na via principal e entrou em um corredor lateral, encontrando a sala onde Norah estava esperando reservadamente. Ele parou por um momento, observando-a. Ela estava linda, como sempre, e ela tirou seu fôlego, como sempre fazia. Ela estava vestida de branco, a cor da Mércia. Enfeites prateados ornamentados cobriam seu vestido, que era longo com contas delicadas. Seu cabelo estava preso, com cachos soltos presos para trás em tranças torcidas.

“Norah,” ele disse suavemente. Ele deveria ter se curvado, mas não conseguia tirar os olhos dela.

Ela se virou e soltou um suspiro. “Alexander. Estou tão feliz que você esteja aqui. Estou uma pilha de nervos.”

Ele não conseguiu evitar um pequeno sorriso. “Não precisa ficar. Lembre-se, você só diz duas palavras. E tenho certeza de que você pode dizer qualquer coisa e não vai importar. Na verdade, sua avó pode falar por você.”

O canto da boca dela se levantou através dos lábios franzidos. "Então eu vou ficar aqui e parecer a parte?"

“Bem, você parece… muito uma rainha.”

Ela olhou para seu vestido. “Suponho que essa seja a intenção.”

O tempo estava passando rápido para ele. “Em breve, vou chamá-la de Rainha Norah.”

“Contanto que não seja *Vossa Elegância* .”

“Your Regal High,” ele disse, e finalmente arrancou um sorriso verdadeiro dela. Deuses, ele amava aquele sorriso.

“Não é a cerimônia que me preocupa”, ela disse. “Não estou pronta.”

Ele também não era. “Ninguém nunca é.”

Ela soltou um suspiro vacilante.

“Norah,” ele disse. Ela olhou para ele. “Não se trata de lembrar agora. Liderar pessoas exige coração, e você sempre foi o coração deste reino. Siga o seu, e você saberá o que fazer.”

Ela franziu os lábios em um sorriso frágil e assentiu. “É exatamente isso que eu precisava ouvir agora”, ela sussurrou.

Ele esperava poder dar-lhe alguma segurança. Se ela pudesse ao menos ver o que ele via nela...

Os olhos dela passaram por ele e por cima do ombro dele. Ele se virou para ver Catherine. "Rainha Regente." Ele fez uma reverência. Ela assentiu, mas seu olhar severo indicou que ele deveria ir embora. Ele olhou de volta para Norah e assentiu com a cabeça para tranquilizá-la. "Quando falarmos de novo, você será rainha." Ele fez uma pequena reverência e saiu da sala.



Os olhos de Norah seguiram Alexander enquanto ele saía para lhe dar um pouco de privacidade com sua avó antes da cerimônia.

“Olhe para você,” Catherine sorriu, apertando sua mão. “Tão parecida com sua mãe.”

A mãe dela. *Evanya* . Ela sentiu o mesmo quando se casou com o pai de Norah? Ela estava com medo? Insegura? Preocupada em decepcionar a todos?

“Aqui,” Catherine disse, puxando uma caixa de veludo. “Eu tenho algo para você. Você será coroada com isto durante a coroação, mas eu queria que você visse primeiro.”

Norah removeu a tampa e prendeu a respiração. Dentro havia uma coroa de ouro. Cuidadosamente, ela a tirou da caixa. Era mais pesada do que parecia. Ela correu os dedos sobre a base lisa e depois pelas bordas em forma de flor.

“Estas representam lírios,” Catherine disse a ela, tocando as formas superiores da coroa. “Elas eram as flores favoritas da sua mãe. Seu pai as teria trazido de Aleon para ela.” Ela sorriu tristemente. “Ela foi tirada de nós antes que a coroa fosse concluída, mas ele a terminou, pretendendo um dia dá-la a você. Ele teria adorado ver esse momento.”

O lábio de Norah tremeu. “É lindo,” ela respirou.

“Como sua rainha”, respondeu sua avó, com lágrimas nos olhos.

Norah abraçou a avó e a abraçou forte.

Catherine apertou suas costas. “Eles estão com você agora, criança. E eu também.”

Norah deu um passo para trás e assentiu, incapaz de falar.

A avó dela pegou a coroa e a colocou de volta na caixa. “Agora, está tudo pronto. Você não precisa se preocupar com nada. E amanhã, nos encontraremos com o conselho e decidiremos sobre seu senhor justiça. Alguém em quem confiamos implicitamente.”

Seu estômago se revirou. Havia apenas uma pessoa em quem ela confiava implicitamente.

Catherine sorriu. “Por enquanto, uma coisa de cada vez, minha querida.”

Mas nunca era uma coisa de cada vez. Norah engoliu o nó que se formava em sua garganta. Se ela conseguisse passar por essa cerimônia...

O coração dela disparou. James tinha chegado mais cedo naquela manhã, dando a ela a segurança que ela tanto precisava, guiando-a em direção ao que ela já sabia que precisava fazer. Ainda assim, era difícil, e ela cerrou as mãos para evitar que tremessem.

“Venha agora.” Catherine sorriu. “Está na hora.”



Norah espiou pelas portas duplas da sala do trono e sentiu-se fraca. Havia tantas pessoas lá dentro, certamente mais de mil. Seu espartilho e vestido rígido fizeram pouco para ajudá-la a recuperar o fôlego.

"Tudo bem, assim como ensaiamos," Catherine ordenou, cutucando-a para que se posicionasse. "Sim. Você ficará fora de vista quando eu entrar. Eu andarei até o fim. Eles abrirão as portas novamente, e então você virá."

Norah assentiu enquanto respirava fundo. Ela conseguiria fazer isso, disse a si mesma.

"Sorria, minha querida", sua avó lhe disse. "Esta será a primeira vez que muitos a verão. Se ajudar, mantenha seus olhos em mim enquanto caminha."

Norah assentiu novamente, e Catherine a abraçou com força. As portas se abriram, e ela esperou ao lado enquanto a rainha regente caminhava majestosamente pelo centro do salão, em direção ao estrado. Os guardas fecharam as portas novamente, e Norah se posicionou atrás deles. Os servos correram rapidamente ao redor dela, ajustando seu vestido e certificando-se de que tudo estava no lugar. O tempo pareceu parar, e ela torceu as mãos nervosamente. Quanto tempo levaria para alguém caminhar até o estrado? Catherine pararia entre cada passo?

Então as portas se abriram, e ela desejou que elas se fechassem novamente. Murmúrios percorreram a multidão, e ela engoliu em seco enquanto tentava se manter calma. Nunca tinha visto tantas pessoas — era mais do que ela pensava ter visto momentos antes.

"Vossa Alteza," seu capitão, Caspian, murmurou de lado. Ela olhou para ele, e ele assentiu.

Andar . Ela deveria andar.

Lentamente, ela deu um passo à frente. Deu um passo, depois outro. Pelo centro do corredor ela andou — devagar, mas rápido demais. Seu coração disparou, e suor escorria pela nuca enquanto ela apertava os dedos congelados. Norah procurou pela avó, mas havia muitas pessoas. Ela abriu caminho entre as massas de ambos os lados, concentrando-se no corredor vermelho à sua frente.

Focando.

Seguindo.

Seguindo o vermelho. Vermelho escuro.

Vermelho escuro como os sacos manchados na parte de trás da carroça no pátio. Ela andou na trilha de sangue.

Sua mente turvou pelos últimos dias, desde acordar na floresta até este momento. Acordar do nada. Para o nada. Não se lembrar de nada.

Agora ela estava prestes a ser coroada rainha. Então ela se casaria com um homem que não conhecia — um homem, um mortal. Ela uniria seus exércitos de mortais. E então ela enfrentaria um inimigo além dos homens mortais.

E a pintura. Ela sabia que Catherine a havia mostrado para lhe dar coragem, mas não lhe deu coragem. Assustou-a. Ela não conhecia aquela mulher olhando para ela — aquela mulher que tomaria o trono da Sombra. E se ela não pudesse ser ela? Talvez a mulher que ela costumava ser pudesse ter sido. Mas não *ela* . Não *agora* .

Ela diminuiu o ritmo.

Tudo estava acontecendo muito rápido, e o momento a atingiu. Duro. A multidão de pessoas estava tão perto. *Perto demais* . Eram tantos. *Muitos.* O salão parecia ficar menor. Cada passo que ela dava era mais lento, porém mais rápido — mais curto, porém mais longo.

Ela não poderia fazer isso.

Ela não conseguia respirar.

E ela parou.

Sussurros passaram pelo salão lotado. Todos os olhos estavam nela — assim como suas expectativas, seus julgamentos. E ela só conseguiu ficar ali. Ela vasculhou a frente em busca de sua avó, mas não conseguiu encontrá-la. Ela não conseguia se mover.

Então ela viu Alexandre.

Ele estava parado à direita do estrado, perto da cadeira dela. Perto dela — onde ele prometeu que sempre estaria. Ele esperou, direto e formal, mas seu sorriso era caloroso. Ele deu a ela um aceno reconfortante.

O ar encheu seus pulmões. Ela podia respirar.

As mãos dele estavam ao lado do corpo. Uma delas se abriu rapidamente. Tão sutil, mas ela viu. E isso a chamou para ele.

Ela conseguiu fazer isso e deu um passo à frente novamente.

Seus passos ficaram mais fáceis.

O sorriso dele cresceu, assim como a coragem dela.

Quando ela chegou à frente, o sumo sacerdote estendeu a mão, pegou a dela e a ajudou a subir. Uma cadeira ornamentada estava no centro do estrado, onde ela se virou e sentou, exatamente como havia ensaiado, ou melhor, como ela pensou ter ensaiado. Ela não sabia mais. Cada pensamento racional — cada instrução que ela havia recebido, cada conselho — a abandonou agora. Ela só podia sentar e esperar que estivesse certo.

O padre levantou os braços. “Nós nos reunimos no salão de nossos grandes reis, cuja sabedoria invocamos, e sob os olhos de nossos deuses, cujo favor buscamos, para coroar a nova rainha de Mércia.”

Norah olhou para Alexander e o encontrou olhando de volta para ela. Ele não se moveu, mas o ar entre eles levou sua força para ela — força que ela atraiu. Seus olhos se voltaram para sua avó, cujo olhar estava firmemente em Alexander. Ela rezou para que ele não olhasse para ver o olhar penetrante do regente. Mas seus olhos estavam apenas nela.

“Vocês são responsáveis pela proteção do nosso povo”, disse o padre, “das nossas terras, das nossas tradições, dos valores que são os próprios fundamentos das nossas almas”.

O batimento cardíaco dela abafou o resto das palavras do padre. Ela tinha certeza de que ele disse algo sobre os deuses, provavelmente outra responsabilidade como rainha. Uma prece, talvez. Ela não conseguia se concentrar.

O padre tirou a coroa dela da caixa de veludo e ficou diante dela, trazendo sua atenção de volta para a cerimônia. Ele a colocou na cabeça dela. Um servo segurou o cetro sagrado, que o padre pegou e colocou na mão direita dela.

“Levante-se”, ele disse a ela.

Norah se levantou, segurando o cetro firmemente, e olhou para seu povo. *Seu povo* . O padre colocou uma longa túnica sobre seus ombros. Isso tinha sido parte do ensaio? Ela não tinha certeza. Não importava. Ela estava com frio, e isso ajudou.

“Você jura governar o povo da Mércia, liderá-lo, protegê-lo, servi-lo e fazer julgamento e justiça de acordo com nossas leis e costumes?”

Seu coração pulsava em seu peito. Calor a inundou. Quente. Ela estava muito quente agora.

“Eu juro,” ela conseguiu dizer. Ela havia falado as duas palavras que Alexander havia mencionado apenas alguns momentos antes. Claro, ele não esperava mais nada.

“E assim, você é chamada Rainha Norah Elizabeth Andell, Regal High, e que os deuses guiem sua mão para a força do nosso povo.”

Regal High . Um título de rei. Os olhos dela dispararam para Alexander, e ele piscou para ela. Como ele tinha...

Aplausos ecoaram da multidão, e ela olhou para o outro lado do salão. Havia tantos rostos sorridentes, tantas pessoas dependendo dela. Tanta responsabilidade.

E ela vacilou.

A responsabilidade — ela era rainha agora.

Ela era *rainha.*

Norah queria sentar-se novamente, mas com todos os olhos voltados para ela, com o cetro sagrado e o manto da coroação, ela só conseguiu ficar de pé e cumprir seu dever.

Ela tinha uma responsabilidade — e nunca estivera tão certa. Não havia nada que James lhe dissera naquela manhã que ela já não soubesse. Seus olhos encontraram o vereador na frente, não muito longe de sua avó. Ele assentiu.

Norah levantou a mão, fazendo com que o povo se calasse. Seu coração batia como se fosse sair do peito, mas sua voz se manteve firme. “Meu primeiro ato como rainha será nomear meu senhor justiça.”

Ela respirou fundo, recusando-se a olhar para Catherine. Ela já sabia o olhar gelado que encontraria. “Alexander Rhemus, venha para a frente.”

O padre assentiu, estendendo a mão para Alexander se aproximar. Alexander deu um passo à frente dela. Seus olhos queimavam em um azul brilhante.

“Ajoelhe-se”, ela disse a ele, seguindo a sequência que James havia feito com ela.

Alexander caiu de joelhos e estendeu as mãos, palmas para cima. Seu rosto estava calmo, mas havia uma subida e descida exageradas em seu peito. Este era seu momento, o dia em que ele seguiu o caminho de seu pai. A emoção pulsava dele.

“Alexandre Rhemus”, ela disse, “eu o nomeio lorde juiz da Mércia, alto comandante, representante da Rainha e protetor da Mércia e de seu povo.”

Nenhuma palavra havia sido esquecida. Norah havia dito isso em sua mente mil vezes, e o que fez fluir tão facilmente foi que ela acreditou. Havia apenas uma decisão certa, e era Alexander. Ela mergulhou os dedos na tigela de óleo segurada pelo padre. Lentamente, ela passou as pontas dos dedos ao longo das palmas dele. "Que suas mãos sejam minhas mãos."

Ela passou o polegar pelos lábios dele. “Que suas palavras sejam minhas palavras.”

Então ela estendeu a mão e riscou uma linha em seu peitoral com os dedos, logo acima do falcão de inverno. “Que seu coração seja meu coração.”

Norah sorriu para ele. “Levante-se, Senhor Justiça.”

Alexander ficou de pé com a emoção espessa nos olhos. Então ele tomou seu lugar ao lado dela, e gritos de aprovação ensurdeceram o salão.



Alexander já estava no grande salão quando Norah chegou. Ele a observou entrar na celebração, e aplausos irromperam. Vários lordes e suas esposas pararam para lhe desejar felicidades, e ele se forçou a tirar os olhos dela por tempo suficiente para estender seus agradecimentos. Então ele voltou sua atenção para ela.

Ela era linda. Ela capturou o ambiente do jeito que sempre fazia, enchendo o ar com sua luz. Ele não conseguiu evitar sorrir. Ele ouviu um chamado fraco à sua direita, mas não foi o suficiente para afastá-lo.

“Alexander,” a voz veio novamente, mais aguda agora.

Catherine . Embora não fosse mais necessária agora que ela não era mais rainha regente, ele abaixou a cabeça. “Você está deslumbrante hoje,” ele a cumprimentou.

Ela ficou ao lado dele com os olhos do outro lado do corredor em Norah. “Bajulação não vai ganhar meu apoio.”

As palavras dela o surpreenderam. Alexander olhou para ela. “Você não me apoia como lorde justiça?”

Ela não respondeu, e isso o feriu.

Ele soltou um suspiro. “Você não me deu esse nome?”

“Não é que você não será um bom lorde da justiça, Alexander. Os deuses sabem que você já é. Mas Norah não estava aqui para nublar sua mente antes.”

Seu pulso batia forte em seus ouvidos. Ele olhou para o outro lado do corredor. “Você questiona meu comprometimento com meu dever?”

Catherine colocou a mão no braço dele, fazendo-o olhar para ela. “Claro que não. Mas isso só tornará o caminho mais difícil. Para vocês dois.”

“Meu lugar é ao lado dela. Ela é minha rainha.”

"Mas ela não é sua."

Ele sabia disso, mas as palavras dela o cortaram. Ainda assim, ele não demonstrou nada. Ele não admitiu nada.

Catherine suspirou, olhando de volta para o outro lado do corredor. “Mas, independentemente da minha preocupação e das minhas tentativas de te impedir disso, você sempre foi destinada a isso. Eu queria que seu pai estivesse aqui. Ele ficaria muito orgulhoso de você.”

Ele respirou fundo enquanto lutava contra uma onda de emoção. “Você está?”

Catherine apertou o braço dele enquanto lágrimas enchiam seus olhos. "Claro que sim." Então ela ficou na ponta dos pés e o puxou para baixo, beijando-o gentilmente na bochecha.

"Parabéns, meu querido garoto. Não há ninguém mais digno. Eu só temo por vocês dois." Então ela apertou o braço dele mais uma vez antes de deixá-lo para a celebração.

As palavras dela eram pesadas, deixando-o tão inquieto que ele quase não percebeu Norah se aproximando.

“Parabéns, Senhor Justiça”, ela disse.

Um sorriso voltou aos seus lábios, e sua preocupação foi esquecida, como todas as preocupações quando ela estava por perto. “Parabéns, Rainha Norah,” ele disse com uma reverência.

“Por favor, não me chame assim”, ela disse em voz baixa. “Eu mal estou me segurando entre ontem e hoje.”

“Oh, desculpe. Seu *Regal High* .”

Ela riu, e naquele momento, ele nunca tinha estado tão feliz. Ele queria ajudar a tirar o fardo e fazê-la esquecer — mesmo que por apenas um momento — que o mundo estava pendurado em seus ombros.

“Sinto que, já que o padre disse isso, agora é apropriado”, disse ela.

“ *É* apropriado.”

Ela balançou a cabeça, espantada. “Como você conseguiu fazer isso?”

“Com o meu charme”, ele brincou, e ela riu novamente.

Tê-la de volta, tê-la rindo novamente... Ele não tinha sonhado que isso fosse possível. As piscinas profundas dos olhos dela o atraíram e o seguraram. Ela era linda. E ela estava em casa.

Ele se forçou a se afastar e olhar para o outro lado do corredor, no momento em que um rosto familiar se aproximava.

Seu sorriso desapareceu, e seu peito apertou. Ele sabia que isso era algo que ele teria que administrar eventualmente, mas ele esperava que não fosse esta noite. Norah seguiu seu olhar para a mulher de cabelos louros. Era Ismene, a mulher que Catherine estava trabalhando tão diligentemente para vê-lo se casar. Ele ficou em silêncio enquanto ela se aproximava.

Quando ela se aproximou, Alexander forçou um aceno de boas-vindas. “Rainha Norah, posso apresentar Ismene Dartan”, ele disse.

Ismene deu um sorriso educado e fez uma reverência.

“Ismene,” Norah disse. “É um prazer conhecê-la.”

“O prazer é meu, Rainha Norah. Bem-vinda ao lar, e parabéns!”

Os olhos de Norah se voltaram para Alexander, procurando por pistas adicionais sobre quem era aquela mulher.

Ismene olhou para ele para sua apresentação também. A excitação dançava em seu rosto.

“Ismene é uma amiga,” ele disse, evitando contato visual com ela. Essa não seria a apresentação que ela esperava.

Norah sorriu para Ismene. Alexander a conhecia bem o suficiente para saber que era forçado.

“Bem, então”, disse Norah, “nós também seremos amigas”.

“Você é muito gentil, Vossa Elegância.”

“Regal High,” Alexander disse. Ele sabia que Ismene não seria a única que ele corrigiria. Ele só queria que não tivesse que ser aqui, assim, esta noite. Ismene era uma alma gentil, e ela tinha as melhores intenções.

“Claro,” Ismene disse rapidamente, e fez uma reverência para Norah. “Vossa Majestade Regal.” Então ela se virou para Alexander. “E parabéns também, Lorde Justiça.”

“Obrigado, Ismene”, ele disse, tentando esconder o desconforto em sua voz.

Houve um silêncio constrangedor, e Ismene soltou um suspiro. “Vou deixar você aproveitar a noite. Parabéns novamente, Sua Majestade Regal,” ela disse, fazendo outra reverência. “Lorde Justiça,” ela acrescentou.

Alexander fez uma pequena reverência enquanto Ismene desaparecia de volta na multidão. Ele esperou ansiosamente pela reação de Norah.

“Ela parece muito legal”, Norah disse finalmente.

Um elogio fácil de concordar. “Sim, ela é.”

“E linda”, ela acrescentou.

Muitos homens pensavam assim, mas a beleza de Ismene não tinha nada para ele. Ele se mexeu e então deu um aceno rígido. Ele não queria falar sobre Ismene com Norah.

Os lábios de Norah se moveram, como se dissessem outra coisa, quando James os encontrou. Alexander soltou um suspiro silencioso de alívio.

“Rainha Norah,” o conselheiro disse, pegando sua mão. “Parabéns. Que os deuses sorriam para você.”

O sorriso dela se alargou, brilhante e caloroso. “Obrigada, James,” ela disse. Ela apertou a mão dele. “É sério. Obrigada.”

James deu um tapinha no topo das mãos entrelaçadas deles. “Claro, minha querida. É meu dever e minha alegria.” Então ele se virou para Alexander e agarrou seu ombro. “Seu destino, meu garoto. Parabéns.”

Alexander assentiu enquanto o orgulho crescia dentro dele. James sempre acreditou nele, e isso lhe trouxe alegria que James estivesse aqui para vê-lo nomeado lorde da justiça. “Obrigado, James.”

O vereador sorriu, acenou com a cabeça e deu um tapinha caloroso em seu ombro, depois os deixou para continuar.

Quando ficaram sozinhos novamente, Norah se virou para Alexander. “Vocês estão cortejando? Você e Ismene?”

Alexander não conseguiu evitar a risada que escapou dele diante da franqueza que ele conhecia tão bem. Ele deveria saber que ela não deixaria a conversa ir tão facilmente. Mas ele não tinha segredos. "Se sua avó quiser."

“Ela arranjou você?” ela perguntou, de olhos arregalados. “Você vai se casar?”

Outro lorde se adiantou com desejos de melhoras para ambos, e Alexander aproveitou o momento para se acalmar. Embora ele respondesse a qualquer coisa que Norah perguntasse, não era um tópico confortável.

O senhor visitante fez uma reverência e partiu, e eles se encontraram novamente.

“Sinto muito”, ela disse. “Isso foi rude da minha parte e intrusivo.”

“Você não é nenhuma intrusa,” ele disse rapidamente. “E”—ele trouxe seus olhos para encontrar os dela novamente—“eu não tenho intenção de me casar. Isso não significa que sua avó não tentará.”

Ela deu um sorriso. “Não, suponho que não.”

Ao mencionar a avó dela, ele olhou ao redor da sala e encontrou Catherine olhando de volta para ele. Ele se perguntou há quanto tempo ela estava observando, e o quanto ela tinha visto. Seus ombros se apertaram.

A música ecoou pelo ar. Se ele ficasse, ele a convidaria para dançar. Se ele a convidasse para dançar, ele seguraria a mão dela na sua, e se a pele dela tocasse a dele, ele se perderia. Então ele não podia ficar.

“Mas vou lhe desejar boa noite”, ele disse a ela, “e não vou monopolizar seu tempo, pois há muitos que gostariam de falar com você”. Embora não houvesse ninguém que pudesse querer falar com ela mais do que ele.

Uma onda de objeção brilhou em seus olhos, mas ela não expressou. Era melhor assim. Ele fez uma pequena reverência. “Boa noite, Regal High.”

E ela sorriu um sorriso que o faria pensar pelo resto da noite.



Capítulo dezessete

"Você está chateado comigo ", disse Norah.

Catherine estava sentada na cadeira lateral, acariciando um gato cinza de pelo longo em seu colo enquanto observava Rebecca segurar os vestidos para Norah aprovar.

“Decepcionada,” ela respondeu. Ela sacudiu a mão, e Rebecca deixou cair o vestido roxo que estava segurando na cama e pegou um amarelo.

Norah mordeu o interior da bochecha. Catherine não havia dito mais do que algumas palavras a ela desde a coroação no dia anterior, quando Norah nomeou Alexander como seu lorde juiz. “Eu sei que você não queria que eu o escolhesse—”

“Não, não fiz isso”, ela disse bruscamente. “Mas não é sobre isso, Norah. Concordamos que nos reuniríamos com o conselho e decidiríamos.”

Norah bufou brevemente, sua frustração aumentando. “Eu não concordei. Me disseram. Mas *eu* sou a única a escolher meu senhor justiça, e *eu* escolhi Alexander. Ele era bom o suficiente quando você o escolheu. Ele claramente fez um bom trabalho, e ele é o único com o apoio de James.”

“A seleção para Lord Justice não requer o apoio de James.”

“Você diz isso agora só porque ele não concordou com você sobre Lorde Branton.”

Catherine ficou boquiaberta, mas não respondeu.

Eles ficaram sentados em silêncio.

Por fim, Catherine disse: “Gostaria que você tivesse me dito que essa foi sua decisão, em vez de me pegar de surpresa.”

Norah suspirou, o fogo dentro dela apagado pela culpa. “Eu também,” ela admitiu, sua voz ficando mais suave agora. “Eu estava apenas… com medo de que você me convencesse a não fazer isso, e eu não queria ser convencida a não fazer isso. Eu tinha me decidido. Eu conheço Alexander. Eu confio nele. James confia nele.”

“James não sabe as implicações.”

“E quais são as implicações?” Norah perguntou, o calor retornando. Toda essa conversa enigmática, ela não conseguia mais suportar.

“Oh, Norah. Você é realmente tão ingênua?”

E ela certamente não suportava que as pessoas continuassem falando com ela como se ela fosse tola. Até mesmo sua avó. Sua pele queimava.

Uma batida na porta os interrompeu, mas os olhos de Catherine não se moveram de Norah. “Terminem de se vestir. É hora de conhecer o conselho.”

Embora Norah não tivesse se esquecido do estado, um benefício de ser sobrecarregada pelo mundo era que isso a dessensibilizava ao peso esmagador de outras coisas às vezes. Mas sua mente voltou para a reunião com o conselho, e seu estômago se revirou. Tinha sido adiado para adiantar a coroação, mas ela tinha que encarar agora.

Catherine abaixou o gato gentilmente até o chão e se levantou. Então ela se moveu para a porta, mas parou e olhou para os vestidos. “Use o azul. Vejo você no judisaept.”

Norah soltou outro suspiro, transbordando de frustração enquanto a porta se fechava atrás de Catherine. Ela queria gritar. Catherine achava que podia decidir tudo?

Rebecca pegou o vestido azul.

“Não,” Norah disse a ela. “Eu usarei o verde.”



O conselho já estava no judisaept quando Norah chegou, assim como sua avó e Alexander. Ela pensou que seus nervos tinham se acalmado enquanto caminhava pelo ar da manhã, mas a ansiedade voltou a inundá-la assim que os viu. O olhar de ferro de sua avó não ajudou. Talvez ela devesse ter usado o vestido azul. Ela se sentia infantil agora, o que não fez nada por sua confiança.

Embora Catherine não tivesse falado muito com ela desde a noite anterior, ela havia trabalhado para prepará-la o máximo possível para esta reunião. Norah tinha suas respostas planejadas — suas respostas muito vagas e muito curtas. Elas se concentrariam na aliança com Aleon e *o casamento* . Norah preferiria falar sobre qualquer outra coisa, mas ela se lembrou das circunstâncias: o estado de Mércia, a situação de seu povo, a ameaça do Rei das Sombras. Ela sabia o que tinha aceitado ao tomar a coroa. Mas isso não tornava as coisas mais fáceis.

Os vereadores estavam tão envolvidos numa conversa acalorada que mal notaram sua entrada.

“Conselheiros”, Alexander chamou a atenção deles quando a viu.

Edward se virou. “Ah! Rainha Norah.” Ele se curvou. “Perdoe-nos. Fomos pegos por algumas notícias decepcionantes. Mas vamos começar. Gostaria de lhe dar as boas-vindas ao seu primeiro estado.”

“Que novidades?” ela perguntou.

Ele fez uma pausa, surpreso, mas se recuperou rapidamente. “Nada para você se preocupar. Essas questões são o motivo pelo qual você tem um conselho.” Seu tom tinha um ar de condescendência que trouxe um calor às bochechas dela. “Agora, como Lady Catherine me lembrou, você não passou muito tempo com o conselho, mesmo antes de sua... partida. E seria bom nos reencontrarmos.”

Um pequeno sussurro de alívio encheu seus pulmões. Isso foi muito inteligente e muito apreciado. Ela olhou para Catherine, sua frustração matinal esquecida, e sua avó lhe deu o mais leve dos acenos. Mas a menção de notícias decepcionantes ainda incomodava o fundo de sua mente.

Edward fez um gesto para cada membro do conselho ao redor da sala. “Conselheiro Alastair, Henricus, Elias, Charles e, claro, você conhece James.”

Cada vereador fez uma reverência respeitosa com a cabeça enquanto seu nome era dito, e James sorriu tranquilizadoramente. Catherine já havia passado por suas descrições com ela antes, e Norah se sentia firme nelas agora.

“Sabemos que você está assumindo um papel que pode ser esmagador para qualquer pessoa”, disse Edward. “E nós o guiaremos por cada desafio.”

Eles olharam para ela em busca de uma resposta. Ela tinha que dizer algo, algo que não soasse como uma mulher completamente perdida. Ela apertou as mãos enquanto assentia. "Obrigada, Conselheiro Edward." Seus olhos percorreram a mesa. Ela podia sentir seu pulso nas palmas. "Obrigada a todos vocês. Eu só quero servir Mércia o melhor que eu puder. Eu confio que, fiel aos seus títulos, vocês me aconselharão nessas questões de estado para fazer o que é certo para o nosso povo."

Os vereadores assentiram, com sorrisos nos lábios. Eles estavam satisfeitos. *Bom* . Este foi um bom começo. Sua confiança cresceu… ligeiramente.

Edward fez um gesto para a cadeira na cabeceira da mesa. “Por favor, Rainha Norah.”

Ela assumiu sua cadeira e os vereadores a seguiram, sentando-se também.

Edward assentiu. “Então, vamos começar com—”

“As notícias”, ela disse, agora que já tinham passado das formalidades. “Vamos começar com as notícias que chegaram.”

A sala ficou em silêncio. Parecia a coisa errada a dizer, mas por que seria errado? Notícias tinham chegado. Ela era rainha. Ela deveria saber.

“Ah,” Edward disse finalmente, claramente surpreso novamente. “Muito bem.” Ele molhou os lábios. “Chegou a notícia de que um usurpador derrubou o Rei Orrid, o rei de Rael.”

Ela não conhecia o rei de Rael, ou seu reino. Não que ela fosse rápida em assumir que isso não era uma má notícia, mas ela não conseguia deixar de se sentir grata por não estar diretamente relacionado à Mércia. Ou estava? "O rei de Rael é amigo da Mércia?"

Edward soltou um pequeno suspiro, aparentemente divertido com a inexperiência dela, e as bochechas dela ficaram mais quentes.

“Ele é um homem piedoso. É uma tragédia.”

Isso foi um sim, então? Mas antes que ela pudesse fazer mais perguntas, ele mudou a conversa.

“Mas deixe-me mais uma vez transmitir o quão felizes estamos por você estar conosco. Agora, para assuntos mais urgentes.”

Ele a estava levando adiante, e ela ainda não tinha a ousadia de pará-lo. Não que ela estivesse interessada nisso. Ela tinha o suficiente para focar em Mércia sem se preocupar com outro rei em outro reino.

“Estamos ansiosos para saber sobre o seu tempo longe de nós”, disse ele.

Todos os pensamentos sobre o rei de Rael saíram de sua mente, e ela forçou uma engolida seca. Ela sabia a resposta planejada — ela estava com um aliado não revelado que desejava permanecer assim, e seu pai a havia comprometido ao segredo. Era uma resposta tão decepcionante. Ninguém acreditaria. Ela não acreditaria, no lugar deles. E se eles não acreditassem nela, qual seria sua posição com eles então? Ela precisava do favor deles, e ela já estava tendo um começo medíocre, na melhor das hipóteses.

Norah olhou para James. Ele assentiu. Ela sabia da posição dele — havia pouco benefício em continuar escondendo sua condição do conselho agora que ela era rainha. Eles não podiam fazer nada contra ela. Talvez pudessem realmente ajudá-la, guiá-la. E ela estava desesperada por apenas um peso fora de seus ombros. Com tudo o que estava enfrentando, ela não podia desperdiçar energia mantendo uma charada também.

“Rainha Norah?”, disse Edward.

Ela percebeu que estava sentada ali. “Eu... hum...” Ela olhou ao redor da mesa para todos os olhos olhando para ela. “Eu, uh, na verdade não sei. Perdi minhas memórias.”

Os vereadores se remexeram nas cadeiras e olharam uns para os outros.

Ao dizer as palavras, ela percebeu que soavam quase tão inacreditáveis quanto um aliado secreto. Pelo menos era a verdade, e ela podia falar com confiança. Ela evitou os olhos da avó. Era outra decepção, ela tinha certeza. Adicione à lista.

“Perdeu suas memórias?” Edward gaguejou. “E você não achou importante informar esse conselho antes da coroação?”

O nó no estômago dela cresceu. Ela tinha… mas ela não respondeu isso.

Edward virou seus olhos iluminados para Catherine. “Você sabia. Você sabia, e não nos contou.”

“Tomei decisões para o bem da Mércia”, disse Catherine categoricamente.

“O bem da Mércia!” Edward exclamou com uma voz estridente.

Alastair falou agora, estreitando os olhos para Norah. “E como podemos saber que você é a Rainha Norah?”

“Ah, vamos lá,” James disse com raiva. “Não seja absurdo. Não há dúvidas de que ela é a Rainha Norah. Não há como confundi-la. Ela se foi há três anos, não três décadas.”

Edward o encarou boquiaberto. “Você sabia disso antes? E não disse nada?”

James sacudiu a mão no ar. “Porque eu sabia que você diria coisas ridículas como essa.”

Norah engoliu em seco. Ela esperava que essa conversa fosse bem diferente. Ela precisava que fosse diferente. Será que ela conseguiria voltar aos trilhos? Será que ela conseguiria acalmá-los? Ela era rainha.

Mas ela percebeu que não precisava silenciá-los, pois a sala naturalmente ficou em silêncio.

Edward falou primeiro — é claro que ele falaria primeiro. “Bem, isso acrescenta um elemento complicado, especialmente considerando a carta desta manhã.”

Que letra? Um peso cresceu em seu estômago. Mais notícias? Notícias diferentes? Ela estava tentando aliviar os fardos sobre seus ombros, não adicionar mais.

“Que carta?”, ela perguntou. Seus olhos encontraram os de Alexander, onde ela esperava encontrar calma, mas não era calma que ela via. Por trás do olhar estóico dele, algo o incomodava. Seu coração batia mais rápido, e ela engoliu o nó que se formava em sua garganta.

Os lábios finos de Edward se curvaram em um sorriso frustrado. “Uma carta do Rei Phillip de Aleon.”

Calor correu por ela. Catherine tinha acabado de entrar em seu quarto. Como ela não pôde dizer nada? Ela lançou um olhar para sua avó, mas encontrou apenas um olhar de igual surpresa. Ela também não sabia.

“Ele envia suas exultações pelo seu retorno”, Edward continuou, “e espera não ser muito precipitado ao propor que você sugira uma data para o casamento.”

Isso foi muito precipitado.

Edward lançou um olhar crítico. “Ele, é claro, assume que a aliança entre Mércia e Aleon ainda está de pé.”

Esse homem condescendente sempre falava pelo conselho? Ela lançou um olhar furtivo para Catherine, cujos olhos lhe diziam para manter-se composta.

"Onde está a carta?", ela perguntou, esperando ganhar tempo para organizar seus pensamentos.

O lábio de Edward se contraiu. “Foi curto, Vossa Elegância. Mas eu proporia—”

“Regal High,” Alexander interrompeu, criando um silêncio constrangedor na sala. “E ela pediu a carta.”

“Edward”, disse James, emprestando sua própria voz.

Edward fez uma pausa e varreu os olhos ao redor da sala. “Claro,” ele disse finalmente, e tirou um pequeno envelope do bolso. Ele se levantou e o levou para Norah, apresentando-o com uma pequena reverência de cabeça. “Your Regal High.”

Ela o pegou, desdobrou e correu os olhos pelo pergaminho, mas não foi além da primeira linha — *Querida Norah* — antes que as palavras se misturassem. Ela sabia que esse era o próximo passo, o que era esperado dela, mas... marcar uma data... Não parecia tão real antes.

Os olhos dela se encheram de lágrimas, simplesmente pelo peso de tudo isso, e uma onda de pânico tomou conta dela. A única coisa pior do que seu conselho vê-la lutar com essa conversa seria se eles a vissem se emocionar.

“Como eu sei que Lady Catherine explicou”, Edward continuou enquanto ela fingia ler, “nossas provisões estão se aproximando de níveis perigosamente baixos e serão esgotadas bem antes do fim do inverno.”

“Quanto é que tem?” ela conseguiu dizer. “Quanto tempo temos?” Quanto tempo ela tinha?

“Não muito. Mas não se preocupe com os números. Nós cuidaremos disso. Precisamos de sua atenção em Aleon, pois o Rei Phillip pode fornecer o que Mércia precisa.” Ele queria que ela se concentrasse no casamento, não no problema. A raiva brotou nas profundezas de sua mente e se espalhou por suas veias.

“O tempo é essencial”, ele pressionou. “Você deve pensar em nosso povo.” Claro que ela precisava pensar no povo. Mas um casamento seria a única solução? Ela precisava pensar — e era impossível sob seu olhar culpado, sob a pressão.

Sua raiva aumentou, e suas palavras vieram antes que ela pudesse pará-las. “Não terei pressa em fazer uma solução permanente para um problema temporário.”

Os vereadores se remexeram nas cadeiras, claramente incomodados com a resposta dela.

“Apressado?” Edward zombou. “Este é talvez o casamento mais esperado da história da humanidade. E não é apenas pelos problemas de hoje. Com esta aliança vem o grande exército de Aleon, que precisaremos para enfrentar o Rei das Sombras.”

Ela não tinha esquecido. Todos os olhos estavam nela, mas nenhuma palavra vinha. Ela não tinha refutação para esses pontos, nenhuma defesa. E era impossível pensar sob o olhar presunçoso de Edward.

“A rainha Norah sabe o que é necessário,” James disse, quebrando o silêncio. “Ela cumprirá seu dever. Deixaremos que ela e Lady Catherine decidam uma data.”

A resposta de James foi certamente mais diplomática do que as palavras que se formavam em sua cabeça.

“Já chega por hoje, vereadores”, acrescentou James.

Mas Norah os deteve. “Há mais uma coisa”, ela disse, olhando ao redor da mesa. Sua raiva a alimentava; seu medo havia desaparecido. “De agora em diante, qualquer carta endereçada a mim virá diretamente para mim.”

Os olhos de Edward escureceram, mas ele se curvou. “Claro, Regal High.”

Os conselheiros todos se curvaram antes de sair do judisaept. James demorou-se enquanto a sala esvaziava.

“Obrigada, James”, ela disse quando eles foram embora.

Ele assentiu. “Sei que esta foi uma reunião difícil para você. Mas, Norah” — ele fez uma pausa até que os olhos dela encontraram os dele — “você escolherá uma data e selará nossa aliança com Aleon.”

Seu estômago se revirou. Qualquer esperança que ela tivesse de uma solução diferente estava desaparecendo rapidamente. James deu a ela um aceno rígido antes de seguir o

resto do conselho para fora. Norah voltou seu olhar para Catherine, cujos olhos verdes estavam em chamas. Norah sabia que Catherine estava com raiva por revelar sua perda de memória, mas ela não conseguia lidar com isso. Não agora.

“Não quero ouvir isso”, ela disse brevemente.

O rosto de Catherine estava frio como pedra. “Então não vou sobrecarregá-la.” Ela saiu do judisaept, deixando Norah sozinha no vazio da sala.

Ela colocou as mãos na borda da mesa e apoiou seu peso para frente. Suas pernas não pareciam que a segurariam, mas ela não conseguia se sentar novamente. Ela não podia discutir com a situação, ou mesmo com a resolução. Um casamento — era muito lógico. Foi apenas... repentino. E sufocante. O ar na sala estava pesado. Ela respirou fundo, mas não conseguiu respirar.

Norah se virou e deixou o judisaept em uma névoa. Tudo estava fugindo dela. Ela não tinha controle, nenhuma escolha. Ela se sentia como uma... menina... uma criança. Sua guarda se levantou atrás dela enquanto ela andava. Ela olhou para trás. Era Titus. Ela não conseguia pensar com o som de seus passos em seus ouvidos. "O inferno de Hammel! Você pode parar de me seguir por um momento!" ela retrucou.

Ele franziu a testa. “Não posso deixar você, Regal High.”

“Pare de me chamar assim!”

“Titus,” a voz de Alexander chamou atrás deles. “Eu a verei de volta.”

O guarda assentiu e os deixou no corredor vazio.

Norah ficou parada por um momento com Alexander. A presença dele trouxe uma calma que ela tanto precisava, dissipando sua raiva, mas a raiva tinha sido a única coisa segurando sua emoção. Ela mordeu o lábio inferior, tentando conter as lágrimas.

Alexander caminhou lentamente para frente, incitando-a a caminhar ao lado dele. Ele não falou, apenas andou, e o silêncio estava se instalando.

“Eles não me veem realmente como uma rainha, não é?”, ela perguntou finalmente. “Alastair desafiou quem eu sou, mas isso dificilmente parece importar, contanto que eu use a coroa e me case. É só com isso que eles se importam. Eu poderia ser qualquer pessoa, contanto que eu tenha a aparência e faça o que eles dizem.”

“Mas você não é qualquer uma,” ele respondeu. Sua voz ficou mais suave. “Norah, esse tem sido o plano pelos últimos dez anos. Mércia precisa da aliança com Aleon. Claro que eles estariam ansiosos por isso, agora que você retornou.”

Norah franziu a testa. “Então eu deveria simplesmente me casar?”

“Não foi isso que eu disse.”

Ela parou, olhando para ele. “O que você está dizendo, então?”

Seus lábios se separaram, mas nenhuma palavra saiu.

“Você me faria fazer isso?” ela perguntou. “Você me faria casar com o Rei Phillip?”

A linha de sua mandíbula se apertou. “Muita coisa foi dita hoje. Tire isso da cabeça por um tempo. Quando a emoção passar, você conseguirá pensar com mais clareza.”

“Não há nada que eu possa fazer para tirar isso da minha mente.”

A testa de Alexander se contraiu, como se ele tivesse tido uma ideia.

“O que foi?” ela perguntou.

“Eu tenho uma ideia. Vamos lá.”

Os olhos dela se estreitaram.

“Eu prometo que não é um túmulo.”



Capítulo dezoito

Norah levantou uma sobrancelha duvidosa . “Nós vamos entrar *lá* ? ”

Alexander estava na boca de uma caverna que se arrastava profundamente na escuridão da encosta gelada da montanha. Ela o seguiu para fora do castelo, puxando sua capa sobre o rosto e prendendo o cabelo para dentro para passar despercebida. Ele a levou para os penhascos e para uma pequena fenda grande o suficiente para eles descerem um de cada vez. Ao longo da estreita caminhada eles foram, olhando para o mar de gelo, e então cuidadosamente se esgueiraram ao longo de uma saliência até onde estavam agora.

“Uma caverna?” ela perguntou.

“Normalmente eu permitiria que uma dama entrasse primeiro como cortesia cavalheiresca, mas você deve me seguir.”

“Com prazer”, ela disse, acenando para que ele avançasse. Ela o seguiu para dentro da caverna, e a luz desapareceu conforme eles se aprofundavam. Uma pequena onda de excitação percorreu seu corpo.

Alexander fez uma pausa, virando-se para ela e estendendo a mão. “Vai ficar escuro. Muito escuro. Apenas segure-se em mim, e eu a guiarei. Não precisa ter medo.”

Ela tinha uma série de sentimentos no momento, mas medo não era um deles. Ela sorriu enquanto pegava a mão dele. Eles seguiram mais para dentro da caverna, e não demorou muito para que Norah não conseguisse ver mais nada. "Eu não esperava isso hoje", ela disse a ele.

“Admito que é altamente não convencional e certamente não endossado por sua avó. Na verdade, eu apreciaria se você ignorasse isso na próxima vez que falar com ela.”

Ela sorriu para a escuridão. “Meus lábios estão selados.”

Eles caminharam lentamente, com Alexander apertando levemente a mão dela para confortá-la enquanto caminhavam.

“Quanto falta?” ela perguntou.

“Ainda falta muito.”

Sua curiosidade cresceu. “O que tem aqui atrás?”

“Um lugar mágico”, ele disse a ela.

A caverna ficou mais fria, e a escuridão pairava ao redor deles como uma mortalha espessa. Norah se viu se aproximando dele e pegando seu braço com a outra mão.

Ela estava prestes a fazer outra pergunta quando a escuridão diminuiu e ela conseguiu distinguir a forma de Alexander e as paredes da caverna ao redor deles. Eles se mantiveram à esquerda e curvaram por outro túnel que, de repente, se abriu em uma vasta caverna com uma grande piscina de água turquesa. A luz entrava de algum lugar à frente, passando por uma formação rochosa de ilha na água.

Norah soltou um suspiro de admiração. “É lindo.”

“Não é?”

“Como você encontrou?”

“ *Nós* encontramos”, ele disse. “Você e eu. Quando éramos mais jovens.” Ele parou, mas suas mãos ainda estavam juntas, e seus olhos encontraram os dela. “Era aqui que você gostava de vir quando o peso do mundo era muito pesado. Só para sair de baixo dele, mesmo que por um momento.”

Seu peito apertou. O mundo estava pesado agora.

Ele ficou perto, tão perto, encarando-a com os dedos entrelaçados, e de repente o mundo pareceu muito distante. O calor da mão dele se espalhou pelo braço dela e pela pele dela, acumulando-se em seu estômago. O olhar dele viajou pelo rosto dela e desceu até os lábios; eles permaneceram nos lábios dela. A boca dele se abriu ligeiramente quando ele se inclinou ainda mais perto. A respiração dela ficou mais rápida. Ela o queria ainda mais perto.

Mas ele inalou e deu um passo para trás, puxando sua mão da dela e colocando algum espaço entre eles. Sua mente caiu, mas ela se conteve e se endireitou.

“A água é morna”, ele disse a ela, olhando para a caverna. “A piscina é alimentada pelas fontes termais na rocha.”

“É mesmo?”, ela perguntou, fingindo interesse exageradamente. Ela estava desesperada por algo — qualquer coisa — para desviar a conversa de onde eles estavam. Ela se agachou na beirada da piscina e colocou a mão na água, mas quando seus dedos tocaram seu calor,

ela parou. Visões pareciam ondular na piscina. Não que ela pudesse ver, mas que ela podia sentir. Algo estava aqui.

Ela pegou a água e deixou cair entre os dedos. Havia um anseio em seu espírito, uma liberdade na piscina que a chamava. E havia algo... familiar. Ela conhecia esse lugar, mas a memória estava além de seu alcance. No entanto, estava perto. Tão perto. Ela pegou outro punhado, ouvindo enquanto fechava os olhos. O som das gotas quando atingiam a piscina e ecoavam nas paredes. A sensação do calor entre os dedos... A água chamava sua mente, a chamava de volta. Havia uma memória aqui.

"Quero dar um mergulho", ela disse sem fôlego enquanto se levantava.

Alexander levantou uma mão com um aceno de cabeça. "Não acho que seja uma boa ideia."

Mas ela não se importou. Ela estendeu a mão para trás e puxou os laços do vestido.

"Rainha Norah", ele disse inquieto, "você não pode tirar todas as suas roupas agora."

"Estou com pelo menos três camadas. Vou ficar decente o suficiente."

Alexander se mexeu, mas rapidamente viu que não tinha escolha, e virou as costas enquanto ela abaixava o vestido e se contorcia para tirá-lo. Ela parou em suas anáguas, olhando para cima para ter certeza de que permaneceria invisível. Ele esperou de costas para ela, e ela as tirou, adicionando-as à pilha de roupas. Então ela lentamente entrou na água em sua camisola e calcinha de seda.

A água estava incrível, e ela afundou vagarosamente até o queixo. A tensão pareceu fluir para fora dela. Ela já sabia que amava aquele lugar, mesmo que não conseguisse se lembrar dele.

"Você vem?" ela o chamou. Ela se sentiria boba se fosse a única. Ela o faria compartilhar o constrangimento, pelo menos.

Ele estava na beira da piscina, parecendo lutar com suas propriedades.

"Vamos lá", ela chamou. "É incrível!"

"Eu sei que é", ele respondeu com uma risada. Finalmente, ele cedeu, balançando levemente a cabeça enquanto tirava a capa e o casaco e vestia a camisa. Ele tirou as botas e as jogou ao lado da capa.

Ela se virou quando ele tirou as calças, ficando só de cueca, mas se virou quando o ouviu espirrar. A água azul-turquesa clara fez pouco para proteger sua modéstia, mas suas roupas íntimas a cobriam o suficiente, e ela não estava se sentindo modesta no momento, de

qualquer forma. Ela esperou enquanto Alexander se aprofundava e se movia em sua direção. Por um momento, ela se esqueceu da atração da água em sua mente.

Eles permaneceram no belo silêncio, um de frente para o outro, circulando. Um calor surgiu em seu estômago, uma corrente que a levou até ele. Ele se aproximou, e seu pulso acelerou. Mais perto ainda, ele veio. Ela poderia estender a mão e tocá-lo se quisesse.

E ela queria.

Os olhos dela estavam nos lábios dele, os lábios que beijaram as costas da mão dela, os lábios que ela de alguma forma conhecia. Ela podia facilmente imaginá-los contra os seus. Ela estava apenas imaginando? Ou ela estava se lembrando?

Norah se empurrou para trás, tirando-o da mente. Ela não ousou deixar seus pensamentos vagarem por ali com medo de segui-los.

Com o aperto entre eles quebrado, ele empurrou para trás também, soltando um suspiro ecoante. Ele nadou em direção à formação de pedras que se projetava do centro da piscina, e ela o seguiu. Norah alcançou a rocha e agarrou a superfície úmida. Ela suavizou o chute para não bater os joelhos contra as bordas irregulares escondidas por baixo.

“Cuidado com os joelhos”, ele alertou.

Ela sabia .

Ela olhou para o topo da formação rochosa alcançando o teto da caverna, perto de uma saliência que se projetava sobre a piscina. “Parece que seria divertido pular de lá”, ela disse.

“É”, ele respondeu.

Ela o olhou boquiaberta de surpresa. “Você fez isso?”

"Eu tenho."

“Não, você não fez isso!”

Alexander sorriu. “Eu farei isso agora.” Ele agarrou a borda da pedra e se içou para fora da piscina.

Ela respirou fundo enquanto as calças dele grudavam na pele e a água escorria das costas dele. Talvez ela não devesse observá-lo, mas ela não estava mais presa no que deveria ou não fazer. Não aqui.

Ele alcançou o alto e escalou a massa de rocha, mais rápido do que ela pensou que ele faria. Talvez ele *já tivesse* feito isso antes. Ainda assim, era alto. Ele alcançou o topo e esticou a perna até a saliência na parede da caverna.

Ela se encolheu ao pensar nele caindo. “Tenha cuidado,” ela gritou.

Mas ele se moveu facilmente. Então ele lhe lançou um sorriso e pulou. Ela soltou um grito quando ele atingiu a água e um grande respingo caiu sobre ela. Ele emergiu da superfície, rindo enquanto limpava a água do rosto. "Eu peguei você?"

Claro que ele tentou. Ela jogou água nele de volta, e ele riu de novo.

“Não sei se isso foi corajoso ou tolo”, ela disse.

“Fiz muitas coisas corajosas e tolas aqui”, ele respondeu, agora sério.

Ela parou. Queria perguntar a ele. A pergunta estava em seus lábios, mas seu medo a manteve dentro. Os dois tinham feito coisas corajosas e tolas aqui? *Juntos?*

Eles se aquietaram enquanto se aproximavam um do outro. A água estava ficando mais quente? Parecia mais quente. Ainda assim, sua pele formigava.

Mas ele quebrou o silêncio enquanto empurrava de volta. “Por aqui”, ele disse. “Há mais para ver.”

O momento de perguntar havia passado. Ela amaldiçoou sua timidez.

Ele contornou a formação rochosa. Na parte de trás, a piscina se alargava e curvava para a esquerda. Eles continuaram nadando e, virando a esquina, a caverna se abriu para o céu. A luz atingiu a água ondulante, e ela brilhou ao sol.

Ela suspirou de espanto. “É incrível.”

Eles vadearam por um longo tempo, maravilhados com a beleza natural. O rosto de Alexander tinha um sorriso raro, e isso lhe trouxe uma profunda felicidade com ele. Se ao menos pudessem ficar aqui, longe do peso do mundo.

Ele se moveu para o lado e segurou a pedra enquanto olhava para o céu. “É lindo ao luar”, ele disse a ela. “Com as estrelas lá em cima. Você costumava tentar contá-las.”

Eles costumavam nadar aqui à noite? Ela agarrou a pedra, aproximando-se dele para poder se manter parada na água.

“Quantos são?” ela perguntou.

Ele balançou a cabeça com um sorriso divertido. “Você sempre inventava um número diferente.”

Cada vez . Como se eles tivessem estado aqui sob as estrelas mais de uma vez.

Os olhos deles se encontraram novamente, e eles ficaram em silêncio. Ele se aproximou dela, perto o suficiente para tocá-la novamente. Dessa vez, ela o fez. Ela estendeu a mão, lentamente, e pressionou a palma contra o peito dele. A batida do coração dele combinava com a dela.

Ele se aproximou ainda mais.

Os olhos dele combinavam com a piscina iluminada pelo sol, e gotas de água brilhavam no dourado de seus cabelos. Ele era lindo. Ela moveu a mão pelo peito dele, por cima do ombro e atrás da nuca, puxando-o suavemente para ela.

E ele seguiu.

Ela se inclinou, inclinando a cabeça levemente e trazendo sua bochecha para a dele. Eles estavam tão perto. Não se tocando, mas tão perto.

A respiração dele espalhou calor sobre a orelha dela. Ela deixou os lábios caírem no pescoço dele, não com um beijo — apenas um leve toque. O músculo em seus ombros se contraiu sob a mão dela, e a respiração dele ficou mais rápida agora. A dela também. Ela arrastou os lábios para cima, ainda sem beijá-lo, embora quisesse desesperadamente. Ela viajou ao longo de sua mandíbula e sobre seu queixo e parou a um sussurro de distância de sua boca.

Eles não deveriam estar aqui, assim. No entanto, eles permaneceram. Ele cheirava como se fosse dela, e ela o respirava.

Ele passou a mão pela nuca dela e pelos cabelos dela, e abriu os lábios. O corpo dele se pressionou mais perto, e os seios dela roçaram no peito dele através da camisola. Ela o queria mais perto, ainda. Os dedos dele a agarraram com mais força.

Eles não poderiam estar aqui.

Ele fechou os olhos. Uma eternidade se passou no silêncio de suas respirações. Ele engoliu em seco. “Devemos ir,” ele disse, antes de abrir os olhos novamente.

As palavras dele encontraram a sanidade da mente dela, e ela se afastou dele.

Seu rosto ficou sério. “Sinto muito”, ele disse. “Eu não deveria ter trazido você aqui.” Havia tristeza em seu tom, uma decepção consigo mesmo. “Nós deveríamos ir”, ele disse novamente. Ele se afastou e se afastou.

Mas a culpa era tanto dela quanto dele. “Alexander,” ela disse.

Ele flutuou de volta pelo mesmo caminho por onde tinha vindo, movendo-se lentamente para não respingar.

Ela suspirou e o seguiu.

Eles chegaram ao ponto em que tinham começado, e Norah encontrou seu equilíbrio na parte rasa. Alexander já havia saído da piscina. Ele pegou suas calças e as vestiu.

Norah saiu da água e encontrou seu vestido. E como se vestir roupas íntimas com a pele úmida não fosse uma luta o suficiente, ela descobriu que o laço nas costas estava além do

seu alcance. Calor percorreu suas bochechas. Ela não tinha pensado bem nas coisas quando o tirou.

Ela olhou de volta para onde ele estava esperando por ela. "Você vai?", ela gritou para ele, e virou as costas para ele ajudar com os laços.

Seu pedido foi recebido com silêncio, e ela pensou que ele poderia recusar. Então ele deu um passo atrás dela. Ele ficou parado por um momento antes de estender a mão e puxar o laço com força, fechando a parte de trás do vestido dela e habilmente dando voltas em cada conserto.

Alexander se aproximou, e o calor de sua respiração fez cócegas em seu ombro. Uma onda de familiaridade percorreu-a. *O sonho* . Não tinha sido apenas um sonho.

Ela arriscou empurrá-lo para mais longe, mas não conseguiu se conter. “Você já fez isso antes”, ela disse. “Por mim.”

Ele não respondeu. Mas ela sabia. Ele era rápido em erguer muros, rápido em colocar distância entre eles, mas ele parecia esquecer às vezes, caindo em uma vida que ainda a chamava, uma vida que ela queria desesperadamente de volta.

“Vocês estão prontos?” ele perguntou quando terminou, trazendo-os de volta à frieza da normalidade.

Ela assentiu.

Alexander ofereceu sua mão, com os dedos educadamente juntos, para a caminhada de volta pela caverna. Ela a pegou. Ele se moveu para começar, mas ela o puxou para parar.

“Alexander. Obrigado por me devolver isso. Isso me tirou a mente das coisas por um tempo.”

Seus olhos deram um sorriso triste, e ele assentiu. Então ele a levou para a escuridão, em direção ao castelo e às pressões que esperavam.



Capítulo dezenove

As saias eram pesadas , mas ainda permitiam facilidade de movimento. Norah as vestiu rapidamente, imaginando o que a aguardava. Alexander tinha batido em sua porta mais cedo, instruindo sua empregada a levar seu vestido para o frio. Ela não gostava muito do frio. De qualquer forma, ela estava ansiosa por qualquer coisa que ele tivesse planejado. Sua mente voltou ao dia anterior, de volta à caverna, e um calor se acumulou em seu estômago. Mas ela o reprimiu. Ela não podia se permitir esses sentimentos. Não quando ela sabia seu futuro.

Ela saiu para o corredor, onde Titus estava esperando.

“O senhor juiz está logo ali embaixo”, ele disse a ela.

"Desculpe-me por ter gritado com você ontem", ela disse por cima do ombro enquanto caminhava.

“Você não precisa se desculpar.”

Foi isso que ele foi obrigado a dizer.

“Mas eu quero. Eu estava tendo um dia ruim.” Ela chegou às escadas e começou a descer.

“Eu sei. Eu ouvi.”

Ela franziu a testa. “Você ouve tudo?”

“Quase tudo.”

Claro. O que ela esperava? Ela chegou ao degrau inferior, onde Alexander estava esperando, e ele lhe fez uma reverência profunda. Ela tentou ignorar a agitação em seu estômago.

“Regal High”, ele cumprimentou.

O tom e a formalidade dele estranhamente a atingiram, mas ela reprimiu o sentimento e lhe deu um pequeno sorriso. “Lorde Justiça. Você capturou minha curiosidade. Para onde estamos indo?”

Ele se virou e a levou pelo corredor e para fora, para o pátio. “Não é tanto para onde estamos indo, mas sim o que estamos fazendo”, ele disse, aguçando ainda mais a curiosidade dela. Ele acenou de volta para Titus, que ficou mais para trás. Sua voz ficou mais baixa. “Mas primeiro, eu quero me desculpar. Eu não deveria ter levado você para a caverna ontem. Por favor, me perdoe. Eu gostaria... de esquecer que isso aconteceu.”

Embora não intencional, suas palavras doeram. “Eu não quero esquecer,” ela disse, balançando a cabeça. Ela já tinha esquecido o suficiente.

“Norah,” ele disse suavemente. “Por favor.” Seus olhos estavam cheios de uma emoção que ela não conseguia ler. Tristeza? Arrependimento? Isso a perturbava, mas ela não conseguia desviar o olhar. Ele mudou o olhar, soltando-a.

“Para onde estamos indo?” ela perguntou, mudando de assunto.

Ele soltou um suspiro, mas pareceu aceitar a rejeição dela à sua ideia completamente tola de esquecer a caverna. Ela não poderia tê-la novamente, mas não esqueceria.

“Para onde estamos indo?” ela perguntou novamente.

O canto da boca dele se curvou para cima, mas só por um momento. “Você verá,” ele disse.

Ela o seguiu pelos estábulos e em volta do campo de treino, onde um garoto estava apoiando armas na cerca em preparação para o uso do dia. Alexander fez vários gestos com as mãos, e o garoto gesticulou de volta antes de se curvar para Norah.

“O que você está fazendo?” ela perguntou, confusa.

“Este é Cade. Ele trabalha com o ferreiro e cuida do campo de treino. Ele é surdo e fala com as mãos.”

Ela olhou para o garoto, espantada. Ele conseguia falar com as mãos? Então ela percebeu que estava encarando e se mexeu. “Oh, hum… como eu digo oi?” ela perguntou curiosamente.

Alexander riu e simplesmente levantou a mão. O garoto sorriu.

“Acho que essa é fácil”, ela disse timidamente.

Cade sacou uma espada do suporte de armas e a estendeu para ela. Ela levantou uma sobrancelha para Alexander, e ele assentiu.

“Obrigada,” ela disse enquanto pegava sem jeito. “Como eu digo obrigada?”

Alexander fechou o punho e então estendeu os dedos. Norah copiou, e o garoto lhe deu um grande sorriso e então se curvou. Alexander acenou para o garoto, que se curvou

novamente e os deixou no silêncio da manhã. Ela o observou ir, ainda impressionada com sua habilidade de adaptação.

Alexandre tirou sua própria espada da bainha.

“Então… uma lição?” ela perguntou com um sorriso incerto.

Seu rosto ficou sério, mas havia excitação em seus olhos. “Não exatamente. Você se lembrou do poema. E da dança.” Ele fez uma pausa, saindo da caverna. “E talvez você tenha tido vislumbres de outras coisas. Quero ver se você se lembra da espada. Se eu estiver certo em minha suspeita, você não precisará de uma lição.”

Norah deu um sorriso cético ao pegar a espada, mas uma vez que ela estava em sua mão, ela sentiu um conforto que não esperava. Ela girou seu pulso, se familiarizando com seu peso. Ela olhou de volta para Alexander em surpresa, e ele lhe deu outro aceno.

Sem lhe dar muito tempo, ele deu um passo à frente com um golpe, mas ela levantou a lâmina, contra-atacando e dando um passo para o lado. Ela agarrou o punho com mais força. A espada lhe trouxe poder, confiança. A excitação cresceu dentro dela. Ela lançou seu próprio ataque, cortando para frente e fazendo-o recuar. Ele girou para ganhar mais espaço para escapar dela. Suas lâminas cantaram pelo ar, ecoando na manhã.

Sua ferocidade aumentava a cada golpe, e ela percebeu que a luta crescia dentro dela. Mas em uma curva defensiva, sua bota escorregou e ela tropeçou. Ela tentou se recompor para um contra-ataque, mas a ponta da lâmina de Alexander encontrou seu peito.

Ela parou, e ele deu um passo para trás, deixando-a recuperar o fôlego. Norah soltou uma risada silenciosa de surpresa. "Isso foi... inesperado", ela finalmente conseguiu dizer. "Parece que não sou terrível."

“Certamente não é terrível”, ele disse, ele mesmo sem fôlego. “Um pouco fora de prática, mas mesmo assim, o melhor de muitos homens.”

“Fora de prática?”, ela fingiu ofensa. “Você só me pegou porque eu escorreguei.”

Ele sorriu e assumiu uma posição pronta novamente. Ela atacou dessa vez com um golpe lateral em arco, e ele usou sua lâmina para desviá-lo. Ela franziu os lábios. *Suave* . Muito suave. Ele respondeu com um golpe próprio. Ela tentou espelhá-lo, mas não tinha a força dele. Ele cruzou sua espada contra a dela e a usou para empurrá-la para trás e para cima contra a cerca perto do porão das armas.

Ele sorriu, seu rosto perto do dela. Suas lâminas ainda estavam cruzadas entre eles enquanto ele a imobilizava.

“Você escorregou de novo?” ele perguntou.

Os olhos dela se estreitaram. Ele estava realmente provocando ela? Ela empurrou contra ele, mas ele não a deixou livre.

Ele piscou. “Ou você esqueceu como se defender?”

Ele *estava* provocando-a. Com a mão livre, ela sacou a faca da bainha, bem dentro da jaqueta, e levou a ponta até o queixo dele. "Você esqueceu que me deu isso?"

Seu sorriso cresceu, e ele deu uma risadinha leve. “Não, mas eu esqueci o quão bom você é com isso,” ele admitiu, “e o quão rápido você é para usá-lo.”

Norah sorriu. “Isso significa que eu ganhei?”

Seus olhares se encontraram enquanto eles paravam.

“Acho que sim”, ele disse. Então, mais baixo, “Embora eu tenha que confessar, não sinto como se tivesse perdido.”

Calor a percorreu, apesar do frio. Ele só precisou se inclinar um pouco mais perto, e ela pôde encontrar os lábios dele com os dela.

Não , eles não poderiam se deixar levar por isso novamente.

Como se tivesse o mesmo pensamento, ele se afastou, soltando-a.

Ela respirou fundo, tentando recuperar os sentidos. “Eu treinei?”, ela perguntou, encontrando suas palavras.

Ele deu de ombros. "Algo assim." Ele estendeu a mão para a espada dela, e ela a entregou a ele. Ele a pegou e a empurrou de volta para o compartimento de armas. "Treinamento com espada não faz parte do currículo de uma princesa, mas você não teria isso. Então, quando criança, todos os dias você me pedia para lhe ensinar o que eu tinha aprendido. Passávamos as noites praticando nos cercados dos fundos." Ele deu um sorriso irônico. "Eu diria que sou um excelente professor."

Ela não conseguiu conter uma risada. Os olhos dele brilharam intensamente, e ele sorriu de volta para ela.

Então seu rosto ficou sério. “Eu tenho que ir,” ele disse.

“Oh.” Ela mordeu o interior da bochecha para esconder sua decepção. *Outra parede* . Era para melhor.

“Sua avó comprometeu minha presença”, ele explicou.

Um sorriso voltou ao seu rosto, e ela assentiu. Isso era melhor do que uma parede. “Eu entendo. Eu também deveria voltar.”

Ele demorou um pouco, e ela esperava que ele encontrasse um motivo para ficar.

“Bom dia, Rainha Norah”, ele disse finalmente.

“Bom dia, Senhor Justiça.”

Ele fez uma pequena reverência e se despediu.

Norah voltou para seu quarto, surpresa pela manhã. Ela sabia lutar — um pouco. Era bom saber disso. De repente, ela percebeu Titus atrás dela novamente. Ele a tinha visto? Claro que sim. "Você sabia que eu podia fazer isso?", ela perguntou.

Ele apontou para a brecha em sua testa. “Como você acha que eu consegui essa cicatriz?”

Ela parou, e sua boca se abriu. “Você está falando sério?”

Ele riu e balançou a cabeça. “Não,” ele disse, e ela fez uma careta.

De volta ao seu quarto, Norah abriu a porta e viu Catherine esperando por ela. “Avó,” ela disse. Elas tinham conversado um pouco desde a reunião com o conselho, o suficiente para resolver as coisas entre elas. Principalmente.

“Onde você estava?” Catherine perguntou.

“Só... saindo para dar uma volta.” Ela esperava que Catherine a pressionasse mais ou encontrasse outra coisa para repreender, como ver Norah em sua roupa de fora, mas a mulher tinha outra coisa em mente. Norah percebeu que ela segurava uma caixa na mão.

“Um presente chegou para você. De Phillip.”

O estômago de Norah azedou. Ela estava com medo de perguntar. “Que tipo de presente?”

Catherine puxou a tampa da caixa para revelar um deslumbrante colar de safira. Joias menores banhavam as laterais, e havia um grande pingente de pedra no centro. “Não é lindo?”

“É”, Norah respondeu. Era lindo, mas ela não queria joias. Ela queria que o Rei Phillip a conhecesse melhor. Talvez então ele tivesse lhe enviado uma faca. Ela riu.

“O que há de tão engraçado?”, perguntou Catherine.

Norah franziu os lábios e balançou a cabeça. “Nada.”

“Aqui, ele enviou isto também.” Sua avó lhe entregou um pequeno retrato pintado do rei.

Ela aceitou relutantemente. Ele não era muito mais velho do que ela, e tinha um maxilar forte e quadrado e cabelos castanho-bronzeados. Seu nariz era reto, refinado, mas não feminino. Seus olhos eram tão azuis quanto os de Alexander. Bem, não tão azuis. Ele era muito bonito, ela odiava admitir, embora não gostasse do bigode. "Você acha que ele realmente se parece com isso? Ou talvez eles apenas o pintem favoravelmente. Ele *é* rei."

“Eu mesmo o vi, assim como você. Ele realmente se parece com isso.”

Ela mordeu o lado da bochecha. “Você acha que ele rasparia o rosto se eu pedisse?”

“Pelos deuses, Norah.”

Ela deu de ombros e franziu a testa.

“Você deveria usar o colar hoje.”

Norah se mexeu, juntando as sobrancelhas. “Eu... não acho que vai combinar.” Ela olhou para o pequeno retrato novamente e colocou o dedo sobre o bigode dele. Ele tinha olhos gentis. Mas ela não usaria o colar dele.

“Norah, você nem escolheu um vestido ainda.”

“Eu tenho, na minha mente. Não combina.”

Catherine fechou a caixa do colar com força. “Você é impossível às vezes.” Ela suspirou. “Prepare-se. Quero que você vá ao culto comigo hoje no templo. Será bom para as pessoas verem uma rainha piedosa. E lhe fará bem sair.”

Norah sentiu exatamente o oposto, mas sabia que sua avó estava tentando lhe dar algo mais em que pensar, e sorriu com apreço enquanto ia escolher um vestido.



Norah sorriu quando ela e Catherine chegaram ao templo e foram calorosamente recebidas por aqueles que estavam entrando. Ela não estava particularmente interessada em comparecer, mas Catherine estava certa — era bom estar fora.

O templo era maior do que Norah esperava, e quando eles entraram, ela notou as fileiras de almofadas no chão, para ajoelhar. Seus olhos encontraram o padre na frente, que a fez avançar, e ela foi em direção a ele.

“Sim, sim, todo o caminho para a frente”, Catherine sussurrou atrás dela.

O padre sorriu com um aceno, apontando para a primeira fileira à esquerda, mas quando Norah olhou ao redor, ela parou. À sua direita, do outro lado da passarela, estava Alexander, olhando para ela. Ela estava prestes a sorrir para ele, mas tão rapidamente quanto, ela viu Ismene, que havia tomado seu lugar na almofada ao lado dele. Ismene fez uma reverência com a cabeça, e Norah retribuiu o aceno, engolindo sua repentina onda de ciúmes.

“Ajoelhe-se na almofada”, sussurrou sua avó atrás dela.

Norah voltou sua atenção para a frente e encontrou a almofada, caindo de joelhos e sentando-se sobre os calcanhares. Catherine abaixou-se ao lado dela com uma mão do padre.

Com todos presentes, o padre levantou os braços, começando a oração. Norah não conseguia se livrar do fogo que crescia dentro dela. Alexander disse que sua avó havia comprometido sua presença.

Ela armou isso.

As bochechas de Norah queimaram de raiva: pela manipulação de sua avó, por Ismene. Ela não conseguiu se conter e varreu os olhos para onde Alexander estava sentado. Um choque a percorreu quando seus olhares se encontraram. Ela tentou se afastar, tendo sido pega, mas o olhar dele a segurou. Ele segurou sua respiração em seu peito e semeou calor em sua pele. Sua raiva se dissipou.

“Norah.” O sussurro áspero de Catherine encheu seus ouvidos, trazendo seus olhos para frente novamente.

A manhã não foi tão longa quanto ela esperava, e ela se viu alimentada pelas trocas silenciosas com Alexander durante a oração do padre. Quando o culto terminou, uma mulher mais velha chamou a atenção de Catherine, e Norah se levantou assustada, vendo sua chance.

Alexander estava um passo à frente dela, encontrando-a com uma leve curva de seus lábios. “Rainha Norah,” ele disse.

“Senhor Justiça. Eu não sabia que você estaria aqui.”

“Nem eu, nem você, mas—”

“Rainha Norah,” Ismene cumprimentou enquanto se aproximava deles.

Um lampejo de fogo a percorreu, mas Norah forçou um sorriso. “Lady Ismene, é tão bom vê-la novamente.” As palavras estavam duras em seus lábios, mas ela esperava que não tivessem soado assim.

“E você, Regal High,” a jovem disse com uma reverência.

“Eu deveria ir”, disse Norah, procurando uma oportunidade de escapar.

Os olhos dela se encontraram com os de Alexander novamente. O rosto dele era solene, quase apologético. Ele estava apologético?

Alexander fez uma reverência, e ela assentiu em troca antes de deixá-los e ir para fora. Ela não deveria ter vindo.

Ela se tornou muito consciente de Catherine ao seu lado enquanto caminhava. Norah olhou feio para sua avó. "Você precisa ser tão óbvia?" ela retrucou, sem se preocupar em disfarçar sua irritação.

Catherine olhou para frente, despreocupada. “Não sei do que você está falando. E você não tem noção do óbvio.”

Norah fez uma careta e andou mais rápido, voltando para o castelo.



Capítulo vinte

Norah sentou-se em um galho do carvalho branco enquanto o sol se punha e o ar ficava mais frio com a luz fraca. Era uma árvore velha com galhos baixos, uma das poucas árvores na ilha rochosa, e estava espessa e esparramada como uma mão gigante erguendo-se da terra.

Ela lutou contra o ciúme que sabia que não tinha o direito de sentir. Alexander não era dela, mas ela não conseguia evitar a possessividade arranhando dentro dela. Ela mordeu o lábio em concentração quebrada enquanto enfiava os fios finos de couro em várias conchas minúsculas que encontrou entre as pedras. Seu guarda matinal, Liaman, mostrou a ela onde encontrá-las. Ele disse a ela que no verão a água subia mais e fervilhava de vida ao redor do castelo, então deixava as conchas conforme recuava. Agora elas podiam ser encontradas nos penhascos sob a neve. Ela testou o comprimento ao redor do pulso e adicionou mais algumas.

Norah olhou para cima e viu Alexander se aproximando. Ele acenou para ela, que os deixou e voltou para o castelo.

Alexander se inclinou contra a árvore, observando silenciosamente enquanto ela terminava a pulseira. Ela esperou até dar o nó antes de olhar para cima e forçar um sorriso.

"Você está infeliz comigo?" ele perguntou.

Ela respirou fundo e expirou lentamente, então balançou a cabeça. "Não," ela disse. Não com ele.

"Mas você *está* infeliz?"

Ela olhou para o alcance da ilha, para o sol poente. Ela estava infeliz, mas não tinha o direito de estar, pelo menos não no que dizia respeito a Alexander. E ela certamente não podia compartilhar isso com ele.

"Aqui, deixe-me ver sua mão", ela disse, mudando de assunto.

Ele estendeu o pulso para ela. A pele dele estava quente contra os dedos dela enquanto ela amarrava a pulseira no lugar.

"Pronto. Agora você verá e pensará em mim." Assim que ela falou as palavras, ela se arrependeu delas. Elas soaram muito possessivas.

Os olhos dele encontraram os dela. "Não preciso de um lembrete para isso," ele disse suavemente.

O coração de Norah vacilou em seu peito. Ela podia não ter as memórias, mas não havia dúvidas de que havia algo entre eles. Algo esquecido, mas ainda ali. Algo enterrado muito abaixo da superfície.

As palavras saíram antes que ela pudesse se conter. "Nós éramos amantes?"

A pergunta dela o deixou sóbrio, e ele deu um passo para trás. Ela temia a resposta dele, mas estava desesperada por ela do mesmo jeito.

O fardo pendia de sua testa enquanto as palavras permaneciam silenciosas em sua língua. "Nossos pais nunca teriam permitido que ficássemos juntos," ele disse finalmente.

"Não foi isso que eu perguntei." Ela se perguntou se o coração dele estava batendo tão forte quanto o dela.

"Eu nunca te desonraria, Norah."

Sua pergunta permaneceu sem resposta e pairou no ar.

"Deveríamos voltar", ele disse, uma formalidade retornando. "Sua avó deve estar se perguntando onde você está."

Mas ela não queria ir embora.

Ele ofereceu a mão, e ela a pegou, mas quando ela escorregou da árvore, ela tropeçou, caindo para trás contra o tronco e puxando Alexander com ela. Ele recuperou o equilíbrio no galho e enganchou o braço em volta dela, firmando-a. A proximidade os acalmou. Um tremor percorreu seu corpo, e Norah engasgou quando uma imagem brilhou em sua mente. Era uma imagem antiga, uma memória.

"Você está bem?" ele perguntou.

"Nós já estivemos aqui antes", ela suspirou.

Ele congelou, e seus olhos queimaram. "Você se lembra?"

"Sim. Não." Ela balançou a cabeça, mas não tirou os olhos dele. "Mas eu me lembro de você. Aqui, assim." Ela levantou a mão e enfiou os dedos nos cachos dourados dele. Uma onda de calor a percorreu, apesar do ar de inverno. "Seu cabelo estava um pouco mais longo," ela sussurrou.

Norah levou as pontas dos dedos até a bochecha dele, sentindo a maciez do rosto barbeado. O calor em seu estômago aumentou, mas o flash da imagem estava desaparecendo. O rosto de Alexander. Seus cachos dourados. Seus olhos, jovens e travessos. Eram apenas momentos, mas ela precisava deles. Ela precisava segurá-los.

Ela o puxou para mais perto. “Eu sei que eles estão aqui.”

Sua testa franziu. “O que tem aqui?”

Ela procurou os olhos dele, e a imagem se estendeu mais uma vez. Alexander mais jovem. O Alexander que sorria. Ela respirou fundo, sentindo uma costura na tela do seu ser.

“Norah?” A voz dele a trouxe de volta.

Ela balançou a cabeça. “Não, não. Eles estão aqui.”

“O que tem aqui?” ele perguntou.

“Pare de falar.”

Ela olhou nos olhos dele novamente — as profundezas do azul deles estavam se afogando. Era Alexander. Ele estava mexendo com suas memórias. Sua respiração acelerou.

O verão os rodeava, e eles deitaram de costas sob a árvore, rindo. Alexander rolou para o lado e pegou uma mecha do cabelo dela.

Ela sorriu para ele. “Para onde iremos?”

“Onde quer que seu coração deseje.”

“À beira-mar”, ela disse. “Onde a água é morna, e podemos deitar na luz do sol.”

Ele se inclinou, acariciando a bochecha dela com as costas dos dedos. “Você é o sol,” ele disse, e a beijou ternamente .

A visão desapareceu. Ela o agarrou com mais força, tentando extrair mais da memória.

“O que você viu?” ele perguntou.

Familiaridade fluiu de onde sua pele tocou a dele. Norah levou a outra mão ao rosto dele e o puxou para ainda mais perto. Sua visão ficou turva. Antes que pudesse pensar em suas ações, ela levantou o queixo e levou os lábios aos dele. Ele enrijeceu, mas deixou que ela o puxasse para perto.

Houve uma quebra repentina, e a lembrança ficou tão clara quanto o presente.

A escuridão a rodeava enquanto ela esperava na árvore por Alexander. Seu coração disparou, e ela sorriu para si mesma, puxando sua bolsa para mais perto. Ela trouxera apenas as coisas mais importantes para ela; era tudo o que ela estava levando. Não haveria mais castelos, nem mais vida de privilégios, mas eles ficariam juntos, e isso era tudo o que importava.

Uma silhueta na escuridão a fez pular, e ela riu ao reconhecê-lo, sentindo-se boba. "Você me assustou", ela disse, estendendo a mão e pegando a dele. Ela podia ver seu rosto ao luar.

Ele não estava sorrindo de volta para ela.

"Está tudo bem?" Ela olhou ao redor dele, notando que ele não estava segurando nada: nenhum suprimento, nenhum pertence. "Onde está sua mochila?"

"Não há matilha", ele disse, e ela sentiu um estranho aperto no estômago. "Norah, não posso tirar você daqui. Não podemos ir."

"O quê?" Ela balançou a cabeça. "O que você está dizendo?"

"Não podemos ir. Você não pode ir."

A confusão a inundou. "Eu não entendo. Nós planejamos, nós—"

"Você será rainha e, se for embora agora, estará abandonando seu povo."

"Eu não quero ser rainha! Eu quero ficar com você! Eu te amo, e essa é a única maneira de ficarmos juntos."

Ele tirou a mão da dela e deu um passo para trás.

"Alexander," ela implorou, dando um passo à frente para preencher a lacuna. "Nós nos amamos. Nós vamos ficar juntos."

"Não", ele disse. "Não podemos."

Uma onda de desespero a percorreu. "Nós podemos! Nós podemos ir agora mesmo. Você nem precisa da sua mochila. Vamos logo!"

"Norah, não vamos", ele disse com mais firmeza.

O calor da emoção percorreu suas bochechas.

"Não podemos", ele sussurrou.

"Eu não aceito isso!" ela gritou.

Seu rosto endureceu. "Eu não te amo!" ele disse bruscamente.

Sua respiração ficou presa na garganta diante da dureza das palavras dele. "Isso não é verdade," ela respirou. "Isso não é verdade."

"Você vai se casar com o Rei Phillip. Tudo o que você quiser, ele pode lhe dar."

"Quero você *!"*

Alexander se mexeu no silêncio. "Isso vai passar. Volte para o castelo, Norah." Então ele se afastou, desaparecendo na escuridão.

Ela estava sozinha.

Norah afundou na base da árvore enquanto um soluço escapava dela.

Ela se separou de Alexander e cambaleou para trás contra a árvore, tocando sua bochecha, molhada de lágrimas. Era apenas uma lembrança, mas cada emoção que ela já havia sentido voltou à tona: o amor, a profunda aflição do coração, a agonia de sua quebra.

"Você me deixou." Sua voz não parecia a dela.

"Norah—"

"Como se eu não significasse nada para você." Ela balançou a cabeça enquanto reprimia a amargura da vergonha. Quão tola ela se sentia por ter desenvolvido aquelas afeições por ele novamente.

"Sua avó nos descobriu", ele disse a ela. "Ela me lembrou do meu dever e me disse o que eu deveria ter dito a mim mesmo."

"Então por que você brinca comigo agora?" ela gritou.

Ele balançou a cabeça. "Não. Norah, eu—"

"Eu quero voltar." Ela passou por ele e foi em direção ao castelo. Ela não queria ouvir o que ele tinha a dizer. Iria doer.

"Norah," ele gritou para ela.

Mas ela não parou. Ela não conseguiu.



Norah estava deitada na banheira, absorvendo o calor da água e tentando desesperadamente se concentrar em qualquer coisa que tirasse sua mente da dor em seu peito. Ela fechou os olhos e se recostou na parte de trás da banheira, amaldiçoando sua emoção. Catherine não queria que ela nomeasse Alexander como seu lorde da justiça. Agora ela sabia o porquê. Talvez ela sempre soubesse, mas não queria ver.

De qualquer forma, por mais que odiasse admitir, ela não teria escolhido diferente para seu senhor justiça. Mércia precisava de Alexander. Ela ainda precisava dele.

A porta do quarto abriu e fechou, mas ela não se sentou. Ela não abriu os olhos. Havia apenas uma que desconsiderou as graças sociais de sua privacidade.

"Norah," Catherine chamou.

Ela ficou imóvel, sem responder.

"Norah!" A voz de sua avó soou mais urgente agora.

Sob o calor da água, um arrepio percorreu sua pele. Catherine sabia que ela tinha estado com Alexander? Ele tinha dito alguma coisa? É por isso que ela estava aqui?

Catherine irrompeu no quarto de banho. “Pelos deuses, criança! Você não me ouviu chamando você?” Ela não deu tempo para Norah responder. “Samuel manda nos chamar. Uma visão chegou — de você! A primeira desde que você partiu!” Ela desapareceu no quarto do armário lateral.

Norah sentou-se na banheira, e seu estômago deu um nó. “De mim?” Sua mente vagou para a memória que havia retornado na árvore. Certamente não era uma coincidência.

Catherine voltou apressada para o quarto de banho com um vestido e roupas íntimas. “Por que você ainda está aí? Saia! Rápido!”

Norah se levantou e saiu cambaleando da água. Ela enrolou uma toalha ao redor de si enquanto sua avó enfiava as roupas íntimas em seus braços.

“Você sabe qual é a visão?” Norah perguntou.

“Ainda não. Samuel só disse para vir. Deuses, criança.” Catherine franziu a testa. “Você ainda não vestiu nada?”

Norah lutou com as roupas, pois elas grudavam em sua pele úmida, mas conseguiu se enfiar na maioria dos itens jogados contra ela. Catherine puxou com força o laço do espartilho antes de colocá-lo completamente, e isso sufocou sua respiração. O vestido caiu sobre sua cabeça, e Norah pensou que poderia cair.

"Seu cabelo está encharcado", Catherine repreendeu enquanto afastava as mechas e prendia o vestido nas costas.

Norah franziu a testa. “Bem, eu estava… no banho.”

Vestida, Norah enfiou os pés nos chinelos de seda. Catherine levou uma toalha rudemente à cabeça e depois passou uma escova pela crina. Norah não se importou com a pressa. Era melhor do que se arrumar, na verdade, mas uma ansiedade cresceu dentro dela com o que a visão mostrou. Ela não tinha certeza se queria ter tanta pressa para ver.

Norah olhou no espelho da penteadeira. Ela parecia normal o suficiente.

“Você parece bem, minha querida”, disse a mulher, e a conduziu para fora do quarto.

Eles correram pela passarela de paralelepípedos do lado de fora, até a galeria de Samuel. Não era longe, mas teria sido bom lembrar do manto dela. O cabelo dela ainda estava úmido, e ela tremia no ar noturno de inverno.

“Você gostaria que eu pegasse uma cobertura, Regal High?” Caspian perguntou atrás dela.

Ela não tinha notado que o capitão tinha se juntado à sua guarda noturna. Ela sorriu de volta para ele. “Não é muito mais longe, mas obrigada.”

Eles chegaram à porta da vidente, e Norah seguiu Catherine para dentro.

“Samuel!” Catherine chamou enquanto eles serpenteavam pelas pinturas em direção à sala dos fundos.

“Rainha Norah,” Samuel cumprimentou quando os viu. “Venham, venham.” Ele acenou para que eles voltassem. “Não está terminado, mas está claro o suficiente para ver.”

Eles contornaram o cavalete para descobrir uma cena grande e complexa na tela. Um campo de batalha. Os olhos de Norah foram atraídos para si mesma cavalgando um cavalo preto. Seu cabelo estava selvagem ao vento ao redor dela.

Corpos cobriam o chão, e a terra estava manchada de sangue. Ela reconheceu seus próprios nórdicos — lutando, morrendo. Havia outros batalhando ao lado de Mércia, com cores de azul royal. Seu olhar mudou para um homem montado em um corcel, atacando a batalha ao lado dela. Ele usava uma coroa de folhas em seu capacete de rosto inteiro e segurava sua espada no ar. Ela quase tocou a imagem, mas lembrou que ainda estava molhada. "Quem é esse?", ela perguntou.

“Aquele, minha querida, é o Rei Filipe”, disse Catarina com orgulho.

Norah se inclinou para mais perto. Sua armadura era de prata polida, e em seu escudo havia o símbolo de um leão cercado por quatro estrelas. Ela desejou poder ver seu rosto e franziu a testa em irritação enquanto seus olhos vagavam pelo resto da imagem. Figuras pretas saturavam o lado esquerdo da pintura.

“Homens das sombras”, disse sua avó.

Um exército diferente, de preto e vermelho enferrujado, chamou sua atenção. “Quem são eles?”

Catherine balançou a cabeça. “Eu não sei.”

Era impossível dizer quem lutou contra quem no mar da morte. O estômago de Norah revirou. Quantos reinos estavam nessa batalha?

“A guerra está chegando”, disse Catherine. “E não qualquer guerra, outra Grande Guerra.”

“Rainha Norah,” Samuel interrompeu. “Tem outra.”

Sua cabeça se levantou de repente e seus olhos se arregalaram. “Outra visão?”

Ele assentiu.

Seu estômago apertou enquanto eles o seguiam até um segundo cavalete onde havia outra pintura. Esta era menor, mas igualmente assustadora. Era uma extensão da primeira. A batalha continuava, e no centro da pintura lutava um homem vestido com armadura. Mas ele não usava capacete e seus cabelos dourados brilhavam intensamente contra o pano de

fundo da guerra. *Alexandre* . Ele empunhava uma espada acima da cabeça, com os dentes à mostra. Seu corpo se contorceu em ataque a um homem que havia sido derrubado no chão, um homem com o braço estendido contra seu destino. A respiração de Norah ficou presa na garganta diante do homem predestinado, pois em sua cabeça havia um capacete com chifres.

Catherine suspirou. “Pelos deuses!”

O Rei das Sombras — o homem contra quem seu pai havia guerreado, o homem que buscava destruí-la. Ele cairia nessa guerra. Alexander o mataria.

Catherine agarrou o braço de Norah, quase a puxando para cima. “Norah! Com Phillip ao seu lado, nós derrotaremos o Rei das Sombras!”

Bem, Alexander o derrotaria. Mas Mercia estava junto com Aleon no campo de batalha. Norah engoliu o nó na garganta enquanto voltava para a primeira pintura. Ela olhou atentamente para Phillip em seu garanhão castanho. Este era o homem com quem ela deveria se casar, o homem que alimentaria seu povo e ajudaria a vencer esta guerra.

“Norah, você não pode negar isso,” pressionou Catherine atrás dela. “Pense no seu povo. Você deve fazer o que é melhor para eles. Este inverno continua, e eles olham para você. E mais do que isso, essas visões são o que a aguardam. Você precisa desse casamento com Phillip, e logo.”

Casamento . Lá estava de novo.

“Phillip é um bom rei,” Catherine enfatizou ainda mais, parecendo ler sua mente. “Você pode vir a amá-lo com o tempo.”

Norah cerrou os dentes. Não era assim que o amor funcionava. Talvez ela desejasse que funcionasse. Ela se afastou do cavalete. Quão impotente era não ter controle, nenhuma escolha. As imagens a sufocavam. Ela cambaleou entorpecida de volta pelo mar de pinturas e em direção à porta.

“Norah,” Catherine gritou para ela.

Norah avançou para o inverno, sugando o ar gelado. Isso ardia em seus pulmões, mas era bom. Isso clareou sua mente, ajudou-a a pensar. Não se tratava de amor. Tratava-se de ajudar Mércia e seu povo. Eles não sobreviveriam ao inverno. E se essa guerra viesse, ela precisaria de Phillip ao seu lado, como na pintura. Ela precisaria de seu exército.

A avó dela estava certa, e ela odiava isso. Catherine saiu da galeria, e elas ficaram na calçada de paralelepípedos. Pela primeira vez, a avó dela ficou em silêncio.

“Você me ajudará a escrever uma carta?” Norah perguntou finalmente. “Para esse Rei Phillip de Aleon?”

Catherine soltou um suspiro enquanto colocava a mão no braço de Norah. “Claro, minha querida.”



Capítulo vinte e um

Apesar da eternidade da noite, o sol da manhã chegou cedo demais. Norah ficou acordada na cama, olhando para o teto. Talvez ela tivesse agido muito precipitadamente, mas era tarde demais agora. Ela se levantou lentamente enquanto Rebecca abria as cortinas e trazia seu vestido. A água fria a acordou completamente enquanto ela lavava o rosto.

Catherine entrou em seu quarto enquanto Rebecca fechava o último fecho nas costas de seu vestido, e Norah olhou para ela no reflexo do espelho.

A avó lhe deu um sorriso simpático. “Não vou fingir que hoje será um dia fácil para você.”

Norah não respondeu. A essa altura, o conselho já estava ciente da nova visão. Ela iria até eles esta manhã e anunciaria sua aceitação do casamento com Phillip. Em uma semana, ela viajaria para Aleon, onde eles se casariam. Essa seria sua vida.

Norah saiu de seu quarto e entrou no corredor que levava à escada. Ela notou o capitão, Caspian, em guarda com Titus, como ele estivera na noite anterior. *Estranho* .

Quando chegaram ao judisaept, o conselho estava esperando.

Alexandre também.

Ela tentou evitá-lo, mas o olhar dele encontrou o dela. Ela não conseguia escapar. Havia um desespero nas tempestades dos olhos dele. E algo mais. Mas ela não conseguia pensar nisso agora. Ela tomou seu lugar na cabeceira da mesa, mas não se sentou. Isso não demoraria muito, e ela não suportaria ficar ali mais tempo do que o necessário.

Norah engoliu em seco, forçando um tom uniforme. “Como todos vocês sabem, uma nova visão chegou.”

O conselho lançou olhares aprovadores para Alexander, claramente já se sentindo vitorioso sobre o Rei das Sombras. Norah não. Ela não tinha certeza se conseguiria dizer o resto das palavras. “Como rainha, não consigo ver um caminho mais claro do que aquele

com Aleon. Escrevi ao Rei Phillip, aceitando sua proposta de casamento, para continuar a forte aliança entre Mércia e Aleon."

Os vereadores sorriram e bateram palmas, balançando a cabeça em concordância e triunfo. Todos, exceto Alexander.

"Vou embora em uma semana." Ela tinha mais a acrescentar, mas não conseguia falar por entre as lágrimas que ameaçavam cair. Não podia deixá-los vê-la chorar. "Se me derem licença, vereadores," ela disse trêmula. Ela se virou e saiu antes que pudessem responder, saindo para o corredor e tentando recuperar o fôlego.

"Norah," sua avó chamou atrás dela.

Mas ela não conseguia encará-la. Ela não conseguia encarar ninguém. Ela correu pela passarela com pilares e pelo grande salão, com apenas o som dos passos do capitão atrás dela. Claro que ele a seguiria.

Quando chegou às escadas que levavam ao seu quarto, ela parou, olhando para trás. Catherine não tinha vindo atrás dela. Ela olhou para Caspian, frustrada. Não haveria como se livrar dele. Ela se virou e pegou um pequeno corredor separado em direção a uma sala de estar lateral. Ela queria ficar sozinha, tão sozinha quanto pudesse, e talvez ninguém a procurasse lá.

O frio do quarto normalmente a teria impedido de ficar muito tempo, mas ela o acolheu agora. Ajudou-a a afastar as lágrimas que ameaçavam. Ela faria o que fosse necessário para ajudar seu reino e seu povo, mas isso não significava que ela havia resolvido sua emoção.

Norah estava perto da janela, olhando para o alcance da ilha. O quarto tinha vista para o pequeno campo de treino no lado oeste, onde ela havia testado espadas com Alexander. Sua mente se moveu para ele. Como se estivesse na deixa, ela ouviu passos atrás dela e se virou para vê-lo.

A presença dele forçou mais sentimentos que ela estava tentando tanto conter. Ela se virou para a janela novamente, focando no campo de sparring lá fora e nos homens praticando nele.

Alexander se aproximou dela. "Norah," ele disse suavemente. Ele esperou até que ela olhasse para ele. O rosto dele estava marcado pela tristeza, e isso desencadeou a dela.

Ela fechou os olhos contra a onda avassaladora de emoção. A eternidade girou ao redor deles no silêncio.

“Norah,” ele disse novamente, e ela abriu os olhos para ele. “Aquela noite na árvore… foi a noite antes de seu pai te levar. Foi a última vez que te vi, e isso me assombra desde então. Se eu soubesse…”

Ele parou e soltou um longo suspiro entre os dentes.

Os olhos dela procuraram os dele. “O que você teria feito diferente se soubesse?”

Mas ele não respondeu.

Ela assentiu. *Nada* . Ela precisava aceitar que era isso que eles eram. Ela se moveu para sair, mas ele pegou sua mão.

“Nora.”

O toque dele pulsava um calor através dela, e ela parou. Seus olhos caíram para onde a mão dele envolvia seu pulso. Ele afrouxou o aperto, mas não a soltou.

Eles ficaram parados como se cada um temesse a reação do outro.

Alexander se aproximou. Seus dedos relaxaram em volta do pulso dela, e muito suavemente ele roçou a palma dela enquanto passava a mão sobre a dela. Sua carícia arrepiou a pele dela enquanto ele entrelaçava os dedos entre os dela.

“Você mentiu para mim?” ela sussurrou.

Sua respiração falhou.

Ela levantou os olhos para ele. “Você mentiu quando disse que não me amava?”

Os lábios dele se separaram, mas não havia palavras. Ela queria implorar para que ele dissesse que mentiu.

Ele se inclinou ainda mais perto enquanto abaixava a cabeça, com apenas uma respiração entre eles. Se ela levantasse o queixo, seus lábios se encontrariam. O corpo dela a traiu, rolando-a para cima.

“Norah,” ele respirou. “Eu—”

Uma batida no batente da porta pelo capitão quebrou o momento. Ela tinha esquecido que ele estava lá, e um rubor subiu às suas bochechas. Mas ela não teve tempo para refletir sobre isso. Alguém estava chegando.

O maxilar de Alexander se apertou enquanto ele soltava um longo suspiro. Eles não poderiam ser encontrados assim. Ele tirou a mão da dela e deu um passo para trás, mas seus olhos permaneceram um no outro.

Catherine chegou ao quarto, atraindo o olhar de Norah ao entrar. A mulher parou quando as viu. “Norah,” ela disse. Seu tom era rígido, um aviso.

Norah olhou de volta para Alexander. As palavras que ela precisava desesperadamente ouvir dele, elas não viriam agora. Talvez fosse melhor que elas não fossem ditas. Elas iriam quebrá-la ainda mais ou tornariam muito mais difícil fazer o que ela deveria fazer. De qualquer forma, nada de bom viria delas. Ela engoliu sua necessidade e se moveu ao redor dele para sair. Ela não conseguia olhar para sua avó enquanto ela passava por ela e saía para o corredor.

“Norah”, disse Catherine, mas ela não parou.

Caspian ficou de pé, esperando. Ele tinha sido o único a alertá-los. Ele os tinha visto? Ela desviou os olhos, o calor voltando para suas bochechas, e apressou o passo em direção ao seu quarto enquanto ele a acompanhava.

“Norah,” Catherine chamou por trás.

Ela não queria ouvir o que quer que sua avó tivesse a dizer. Ela não queria o julgamento, o castigo. Ela não conseguia suportar isso além de tudo o mais.

“Norah,” Catherine chamou novamente.

Ela fez uma pausa.

Catherine a alcançou. Seus olhos estavam sombreados por uma nuvem de tristeza que temperava seu fogo gelado. “Norah, você não deve tornar isso mais difícil do que já é. Você está tão perto, criança. Não se deixe distrair.”

Norah soltou um suspiro de descrença. "Distraída?" A amargura estava espessa em sua língua. Ela não conseguia mais se conter. "Não! Eu concordei com tudo o que me foi pedido, tudo o que me foi imposto. Eu uso uma coroa que não quero, vou me casar com um homem que não conheço e vou para a guerra com um inimigo por uma causa que não entendo completamente. E agora você me diz para não sentir nada?" Ela balançou a cabeça. "Não vou fingir que não sinto. Não posso."

“Norah! Você vai tomar cuidado com suas palavras nesses corredores!” Catherine a silenciou enquanto olhava ao redor.

“Ou o quê?” ela retrucou. Com um olhar de finalidade, Norah se virou e caminhou de volta para seu quarto.



Alexander olhou pela janela de seu quarto para a praça iluminada por tochas lá embaixo. O álcool ardia em sua garganta enquanto ele tomava outro gole de seu cálice. Ele ainda podia

sentir o calor da mão dela na sua, a maneira como seus pulsos se tocaram, o roçar de seus braços quando ele se aproximou. A proximidade dela permaneceu em sua pele, e sua respiração em seus lábios. Ela estava tão perto, e ainda assim fora de seu alcance, como sempre esteve.

Ela perguntou se ele havia mentido. Ele esperava estar mais sábio e mais forte agora, sólido em sua decisão de que o que ele havia feito era o melhor para Mércia, o melhor para Norah. A verdade era que, se enfrentasse essa decisão agora, ele não tinha certeza se era forte o suficiente para fazer a mesma escolha. A tristeza nos olhos dela quando ele a deixou na árvore — isso o assombrava pelos últimos três anos. Agora, ver tudo de novo, e perdê-la novamente, ele não achava que conseguiria suportar. A dor se retorcia dentro dele — não a dor surda do desejo, mas o tipo de dor que faz um homem desaparecer.

Uma batida no corredor o interrompeu. Ele colocou o copo na mesinha ao lado da cadeira lateral. Quando abriu a porta, não ficou surpreso. *Catherine* . Ele abriu mais a porta, e ela entrou.

Alexandre ficou de pé, esperando a advertência que ele sabia que merecia.

Mas não aconteceu.

Erguendo os olhos, ele não encontrou a raiva que esperava, nem a decepção. Não havia ofensa ou repreensão. Apenas tristeza pairava entre eles, e isso abriu ainda mais sua ferida. Ele queria a ira dela, algo que tirasse sua mente da dor. Ele precisava disso. A simpatia dela seria o ponto de ruptura.

Catherine fechou a distância entre eles, e seus olhos preocupados encontraram os dele. “Você sempre soube que isso aconteceria.”

Sua garganta travou. Ele não conseguia falar.

“Você sabia que não poderia amá-la”, ela disse.

Ele sabia. Ele sempre soube. Mas não conseguia não saber. Ele respirou fundo e expirou, sufocando a perda que ameaçava quebrá-lo.

Catherine suspirou enquanto levantava a mão e a levava até a bochecha dele. “Meu querido garoto,” ela disse suavemente, “eu temia isso por você. Por vocês dois. Eu fiz tudo que estava ao meu alcance, mas”—ela deslizou a mão até o peito dele e deu um tapinha gentil—“vocês dois têm corações tão teimosos.” Ela sorriu tristemente.

Ele temeu que suas palavras não saíssem sem emoção, então não disse nada.

“Eu não vim para castigá-lo,” ela disse, alisando o acabamento central do gibão dele. “Mas eu quero ter certeza de que você não se esqueceu de si mesmo. Você é o lorde justiça de Mércia.”

Senhor justiça . Uma posição que ele havia aspirado a vida inteira, agora uma posição que não significava nada quando comparada a perder Norah. No entanto, suas cortesias condicionadas responderam por ele, e ele sentiu-se assentir.

Catherine deu-lhe outro tapinha e então andou em direção à porta. Quando a abriu, ela parou, virando-se para trás. “Alexander, quando ela for para Aleon, você não irá com ela.”

A cabeça dele se levantou bruscamente, e seus olhos encontraram os dela. "O quê?", ele respirou, finalmente encontrando sua voz. "Ela não pode viajar sozinha."

“Você diz isso como se ela estivesse viajando para o outro lado do mundo. Ela estará bem dentro da segurança das terras da Mércia até chegar a Aleon. E ela não estará sozinha. Ela terá o capitão e um exército para escoltá-la até a fronteira, onde o Rei Phillip a encontrará. Na ausência dela, você é necessário na Mércia com o resto do conselho. Esse é seu dever, Alexander.”

Dever . Ele havia dado sua vida ao dever. E isso havia arrancado seu coração.

Com um último olhar, Catherine saiu e fechou a porta atrás de si.



Norah acordou na cadeira lateral onde havia adormecido, com os olhos ainda inchados de lágrimas. Estava escuro lá fora. Ela se levantou enquanto esticava os braços para afastar o cabelo do rosto. Ela abriu a porta do quarto lentamente e encontrou Caspian e Liaman de guarda.

“Rainha Norah,” Caspian a cumprimentou.

“Quanto tempo até amanhã?” ela perguntou.

“Ainda falta bastante tempo. Devo mandar chamar sua empregada?”

Ela balançou a cabeça. “Não. Posso pegar um pouco de água? E talvez algo pequeno para comer?”

“Claro.” Ele acenou para Liaman, que saiu rapidamente para atender aos seus pedidos.

Norah deixou a porta aberta e sentou-se na penteadeira, olhando-se no espelho, mas sem enxergar. Caspian estava parado na porta, olhando para fora. Como era estranho com ele agora. “O que você viu ontem,” ela começou, “o que você ouviu—”

“Não vi nem ouvi nada, Regal High.”

“Você seria um péssimo capitão da guarda se isso fosse verdade.”

Liaman retornou com um pouco de água, vinho e uma variedade de comida em um pequeno prato. Caspian pegou e se desculpou, deixando-os para conversarem em particular. Ele colocou o prato na penteadeira na frente dela e despejou um pouco de água em um cálice. Norah olhou para o vinho, mas ela havia estimulado julgamento suficiente para o momento, então ela se conteve de pegá-lo.

Ele lhe deu um sorriso simpático, como se lesse sua mente, e encheu outra taça com vinho. “Ele não gostaria que você sofresse assim,” ele disse suavemente.

Mágoa era uma boa palavra. Doeu mesmo. *E Caspian sabia* . Ela se mexeu desconfortavelmente na cadeira enquanto olhava para ele. “O que você sabe sobre como ele se sente?”

Seu rosto ficou sério. “Perdoe-me,” ele disse rapidamente. “Não é meu lugar. Eu não deveria ter falado.”

“Não quero decoro. Quero que você responda.”

Caspian soltou um suspiro inquieto. “Conheço Alexander a vida inteira, e você sempre foi o centro de tudo.”

Ela engoliu em seco. “Ele não compartilhou isso comigo.”

“Você quer dizer que ele não falou as palavras que traem seu dever? Porque é isso que ele estaria fazendo.” Ele fez uma pausa. “Não é da minha conta, mas peço cautela. Ele se aproxima cada vez mais de um perigo que não tenho certeza se você entende. Se o conselho soubesse, eles o removeriam.”

“Ele é *meu* senhor justiça,” ela argumentou. “ *Eu* o nomeei. *Eu* sou rainha.”

Caspian franziu a testa. “Se o conselho acha que Alexander está no caminho de uma aliança com Aleon, nem você será capaz de salvá-lo.”

O coração de Norah batia forte no peito enquanto um medo se semeava dentro dela. O que *isso* significava? Ela olhou de volta para seu cálice. “É por isso que você começou a trabalhar como guarda? Sou tão óbvia agora que requer a atenção de um capitão?”

“Requer a atenção de um amigo”, ele disse. “Atenção discreta.”

Suas bochechas ficaram vermelhas de vergonha.

“Você deve tomar cuidado para não mostrar seus sentimentos na frente de mais ninguém”, ele disse a ela. “E confie em sua avó. Ela ama vocês dois, e ela trabalha para proteger você *e* o senhor justiça.”



Capítulo vinte e dois

P reparar para partir de Mércia parecia surreal. Norah só a conhecera como lar por um curto período, mas era estranho partir. Ela não conhecia nada além disso. Sua avó continuaria no papel de regente na ausência de Norah, com o apoio do conselho. Talvez fosse melhor. Norah não tinha exatamente dominado ser rainha.

Empacotar tudo havia sido demorado. Levaria uma semana para viajar para o sudeste através de Mércia até a fronteira de Pretória, o primeiro reino do império Aleon, onde Phillip a encontraria. Se o tempo permitisse, eles chegariam à capital imperial de Valor em mais uma semana. O exército se reuniu do outro lado da ponte no continente, preparando os cavalos.

No castelo, Norah se despediu de sua avó. “Tem certeza de que ficará bem?”, ela perguntou. Embora Catherine viajasse para comparecer ao casamento, as políticas as impediam de viajar juntas, então sua avó seguiria separadamente.

Catherine apertou as mãos de Norah. “Criança, não se preocupe comigo. Eu me juntarei a você em Aleon a tempo para o casamento.”

O casamento . A menção disso fez seu estômago revirar, mas ela forçou um sorriso e beijou a bochecha da avó. Ela se virou quando Alexander entrou. Ele parou quando a viu, então parecendo se lembrar de si mesmo, ele disse: "O exército está pronto."

Norah olhou para Catherine e então o seguiu para o pátio.

Caspian segurou o cavalo para ela, e ela montou o mais graciosamente que pôde, sabendo que todos os olhos estavam nela, embora os únicos olhos que importavam fossem os de Alexandre.

E seu olhar quase a quebrou.

Ele estendeu a mão e agarrou o peitoral de Caspian, apertando-o em um apelo silencioso.

“Com a minha vida”, assegurou-lhe o capitão.

O olhar de Alexander encontrou o dela novamente, as tempestades em seus olhos a assombrando. Ela o veria novamente? Ele olhou de volta para Caspian e apertou o ombro do capitão com força. "Com a velocidade dos deuses, irmão."

Caspian assentiu e montou em seu cavalo, e os olhos de Alexandre se fixaram novamente em Norah.

“Eu sei que Mércia está segura em suas mãos”, ela disse a ele.

“Você ainda tem a lâmina que eu lhe dei?” ele perguntou.

Ela fez isso — amarrado na panturrilha dentro da bota. Ela assentiu.

“Cuide-se bem, Norah.”

"Adeus, Alexander", ela sussurrou, e deu a si mesma uma última olhada em seu rosto antes de se virar e incitar sua montaria a atravessar a ponte.



A viagem era lenta com um exército grande; a primeira semana pareceu um ano. Normalmente, eles já teriam chegado à fronteira, mas Alexandre havia aumentado a guarda de cem para quinhentos homens, diminuindo o ritmo. Não era necessário, pois Mércia fazia fronteira com Aleon, e Norah não deixaria a segurança dos reinos, mas o conselho não havia discutido, então ela também não.

Dentro de sua tenda, ela tirou suas saias de montaria empoeiradas enquanto Rebecca estendia um vestido de montaria novo para ela. Hoje tinha sido especialmente longo, e os músculos de Norah doíam por causa do passeio. Ela pensou em optar pela carruagem pela manhã, mas o tédio de ficar sentada em uma caixa apertada por horas não a atraía.

Pensamentos sobre Alexander preencheram sua mente durante as longas horas do dia e até a noite. Ela se perguntou se ele estava pensando nela. Ela esperava que sim, mas, por outro lado, ela esperava que não. A saudade era uma maldição que ela não desejava para ninguém.

Norah suspirou. Mais dois dias até chegarem ao primeiro reino Aleon de Praetoria. E Phillip. Ela se mexeu desconfortavelmente na sela ao pensar em vê-lo. Ou conhecê-lo, melhor dizendo, já que não tinha nenhuma lembrança dele. Ela decidiu contar a ele sobre sua perda de memória imediatamente. Seu coração acelerou um pouco. Talvez ele reconsiderasse o casamento. Mas ela afastou a esperança tão rápido quanto surgiu. Não. Se

ele esperou três anos para que ela retornasse, era porque estava comprometido com a aliança com Mércia, com perda de memória ou não.

Ela voltou sua atenção para a jornada. Ela deveria aproveitar o silêncio enquanto podia. Sua vida seria muito diferente quando ela se casasse com Phillip. Ela já sentia falta do castelo. Ela até sentia falta de Titus, mas ele chegaria com sua avó uma semana depois que Norah chegasse a Aleon.

Rebecca saiu rapidamente e voltou com uma bacia e uma jarra de água morna.

“Você gostaria que eu trouxesse um pouco de ensopado, Regal High? Tem veado fresco hoje à noite. Está uma delícia.”

Norah sorriu enquanto seu estômago roncava com o pensamento. “Isso parece bom, mas acho que eu mesma vou pegar. Eu gostaria de sentar perto do fogo por um tempo, de qualquer forma.”

“Claro, Regal High”, respondeu sua empregada, e então saiu da tenda.

Norah despejou um pouco de água na bacia e lavou as mãos. Elas estavam tão secas do passeio, e a água era boa. Ela ansiava por um banho quente. Essa seria a primeira coisa que faria quando chegasse a Aleon, prometeu a si mesma. Umedeceu um pano e limpou o rosto e o pescoço, deixando o calor refrescar. Depois de trançar novamente o cabelo e vestir o vestido de montaria azul-claro e limpo, ela se sentiu quase uma nova mulher, e foi procurar o ensopado de veado.

Caspian estava perto do fogo principal, rindo de uma história que um soldado estava contando. Ao vê-la se aproximar, ele se endireitou e gesticulou para os homens próximos pedindo uma tigela de ensopado. Uma foi rapidamente entregue, e ele entregou a ela. "Cuidado, está quente."

Ela sorriu, pegando-o dele. “Obrigada.” Rebecca estava certa — estava delicioso. “Cumprimentos ao chef,” ela disse.

Caspian estendeu a mão em direção ao soldado com quem estava falando. “Esse deve ser Anderson.”

Anderson abaixou a cabeça com um largo sorriso, e ela levantou sua tigela para ele em saudação. Então ela se aproximou do fogo para absorver o calor. O ar estava fresco, mas o calor da chama dançava em seu rosto. O cansaço penetrou em seu corpo e invadiu sua mente, mas seu espírito sorriu. Apesar das circunstâncias, havia liberdade longe de Mércia, longe do castelo e dos olhos de julgamento e expectativa.

“É uma noite clara”, Caspian disse, chegando atrás dela. Ela olhou para as estrelas. Certamente havia milhões. Ela passou a mão no rosto, sentindo a transferência de calor das bochechas para as palmas.

“Enviei um pássaro ao senhor da justiça”, acrescentou, “para que ele saiba que estamos com boa saúde e a dois dias de Pretória”.

A menção de Alexander a fez pensar novamente na desesperança de sua situação, mas ela forçou um aceno. “Bom.”

Um incêndio surgiu à distância, uma verificação de perímetro. Foi rapidamente extinto, e outro continuou o padrão. Cada posto teve sua vez, sinalizando que tudo estava bem.

"Há quanto tempo você não pisa em terra descongelada?", ela perguntou, arrastando a bota pela terra.

“Passei o último verão na ilha, então deve ter sido o verão anterior”, ele respondeu.

Ela se sentia nascida do inverno e não conseguia se lembrar de mais nada.

“Dizem que Aleon tem invernos como os nossos verões”, ele disse. “Eu gostaria muito de ver isso.”

Verão. Norah gostou do pensamento. “Eu também”, ela disse. Ela bebeu o último gole do líquido saboroso da tigela. Um vento soprou pelo acampamento, e ela estremeceu. “Obrigada pela companhia. Acho que vou me aposentar agora”, ela disse. “Vejo você de manhã.”

Mas ele não respondeu. Sua atenção estava voltada para o sul.

"Capitão?"

“Espere.” A voz dele saiu baixa, fazendo a pele dela arrepiar.

Ela seguiu a direção do olhar dele, mas viu apenas escuridão. “O que é?”

“Sem sinal.”

Ela olhou de volta para a noite, forçando os olhos para ver. “O que isso significa?”

“Algo não está certo,” Caspian murmurou. Ele se virou para Norah. “Acho que voltar para sua tenda é uma boa ideia.”

O pulso de Norah acelerou. Provavelmente não era nada, ela disse a si mesma, mas não conseguia se livrar do desconforto.

O capitão virou-se para o soldado mais próximo deles. “Quero saber por que não há sinal. Vá!”

Mas quando o soldado se virou, um fio de flecha cortou a escuridão e o atingiu no peito, jogando-o no chão. Então, uma saraivada de dardos sibilantes veio, e o caos encheu a noite.

Norah levou um momento para entender o que estava acontecendo. Mãos a puxaram para trás, e ela olhou para ver Liaman ao seu lado. Soldados correram para seus escudos e os levantaram acima da cabeça, se unindo e formando um círculo defensivo ao redor dela. Seu exército estava espalhado pela escuridão; ela não conseguia ver todos eles. Um grito soou à distância, então foi brutalmente interrompido. Seu estômago revirou.

Eles estavam sob ataque. Seu coração disparou.

Uma pausa agonizante veio, e ela se forçou a reprimir o pânico. Ela olhou para Caspian enquanto ele e Liaman estavam juntos com mais de seus soldados na frente dela. Eles a manteriam segura.

Um segundo ataque de flechas veio, com os gemidos de homens moribundos, e então houve outra pausa. Seus homens caíram de cada lado dela. Outra onda de seus soldados tentou se juntar à sua defesa, mas foram abatidos tão rapidamente quanto chegaram. Os que restaram chutaram os corpos dos mortos para trás e circularam mais perto, seus escudos erguidos e espadas prontas, e o pânico que ela estava tentando desesperadamente manter sob controle surgiu dentro dela.

Sombras se moviam ao redor deles, mas o inimigo era invisível, e seus homens caíam um por um. Tudo o que ela conseguia ver era escuridão. Era o suficiente para colocar medo nos corações mais corajosos, mas seus homens permaneciam ferozmente.

“Espere!” Caspian ordenou.

Ela ouviu o *gole* de uma flecha na carne, e Liaman cambaleou para trás, batendo contra ela. À luz do fogo, uma flecha projetou-se de seu peito.

“Liaman!” ela gritou.

Ele acenou para ela voltar enquanto se forçava a ficar de pé e puxar seu escudo de volta. Mas ela sabia que não seria o suficiente. E seu pânico se transformou em raiva.

Outro ataque de flechas veio, e mais dois homens caíram. A raiva explodiu em fúria. Ela tinha que fazer alguma coisa. Seus homens estavam morrendo ao seu redor. Quantos restavam? Ela não podia perder mais um.

“Chega!” ela gritou furiosa. Ela saiu de trás de seus homens, gritando na noite. “Mostrem-se, covardes!”

“Norah! Fique atrás de mim!” Caspian berrou.

Um chamado assustador reverberou pela noite, e um silêncio assustador se instalou ao redor deles. Seus soldados restantes se aproximaram dela com suas flechas fixadas na escuridão enquanto Caspian a puxava de volta novamente.

Uma sombra surgiu à vista — um demônio montado, maior que qualquer homem. Seu corcel, da cor da noite contra a noite e revestido em metal escuro, bufou e gritou como um cavalo infernal de Hammel enquanto puxava o freio. O cavaleiro estava sentado envolto em escuridão, ombros largos e blindado em sombras e correntes. Seu elmo com chifres estava em silhueta contra o luar.

Ela reconheceu o leme — o leme da visão de Nemus, o leme das pinturas de Samuel.

"O Rei das Sombras", disse Caspian.

"Eu sei quem ele é," ela fervia. A tensão das cordas dos arcos cantava ao redor dela enquanto seus soldados restantes miravam no rei. Mas ela gritou, "Espere!"

O exército dele estava lá; ela podia senti-los. Muito lentamente, ela distinguiu as formas escuras e sombreadas. Então a respiração de Norah prendeu quando ela percebeu que estavam cercados por eles. Centenas, ou mais, deles, mal visíveis por trás do preto de seus escudos.

"Demônios," Liaman sussurrou ao lado dela. Ele de alguma forma conseguiu ficar de pé.

"Se fossem demônios, não estariam carregando escudos," ela disse entre dentes. Ela olhou de volta para o homem montado, forçando o máximo de força que podia em sua voz. "Você é quem eles chamam de Rei das Sombras?"

Mesmo à noite, ela sentia os olhos do Rei das Sombras sobre ela, e os cabelos da sua nuca se arrepiaram.

"Rainha do Norte", ele respondeu, com a voz grossa e assustadora.

Ela deu um passo à frente novamente. Ela não o deixaria ver seu medo. "Você ataca a rainha Mércia em terras Mércias. Você quer provocar uma guerra?"

"Estamos em guerra há muito tempo."

Ela se contorceu sob o olhar invisível dele, mas não ousou se virar. Sua fúria aumentou. "Pare de se esconder e lute como homens honrados!"

Um estrondo baixo veio dele. Uma risada. "Eu não sou um homem honrado," disse o Rei das Sombras.

O zumbido de outra flecha veio, e o soldado à sua direita caiu. Dois de seus arqueiros dispararam flechas na escuridão, e um contra-ataque de flechas os atingiu em troca, matando ambos. Outra flecha atingiu Liaman, e ele caiu no chão. Desta vez, ele não se levantou.

"Não!" ela gritou, mas Caspian a agarrou firmemente atrás dele.

Era apenas Caspian com ela agora. Uma forma escura correu em sua direção, e seu capitão se virou para encontrar seu atacante. O choque de suas armas ecoou na noite, e Caspian o chutou de volta. Outro Shadowman veio do lado, e Caspian se virou para se defender, mas foi atingido por trás por um terceiro.

Caspian tentou contra-atacar, mas foi recebido por um quarto que balançou e cortou seu braço da espada, fazendo-o largar sua lâmina no chão. Ele cambaleou para trás, atordoado.

"Caspian!" ela gritou.

O Shadowman atacou novamente e, sem uma espada, Caspian foi facilmente dominado e derrubado de joelhos. O Shadowman agarrou um punhado de seu cabelo e o segurou diante do rei.

"Vá," o rei rosnou para Caspian de cima de sua besta. "Vá e diga ao Urso que eu tenho sua rainha."

O Urso? Ela não sabia quem era, mas não tinha tempo para pensar sobre isso.

Em um esforço final, Caspian sacou uma lâmina da bainha ao seu lado e deu uma estocada rápida na perna de seu captor, que caiu para trás, soltando-o. Caspian soltou um grito enquanto arremessava a lâmina em direção ao rei, mas ele a arremessou com a mão esquerda, e a adaga errou o alvo, enterrando-se em uma árvore.

Norah pulou para frente e agarrou a espada de Caspian do chão e se moveu na frente dele para encontrar seus inimigos. Ela deixou sua fúria expulsar o medo. Se eles não esperavam uma luta, eles estavam enganados.

"Leve-a", rosnou o Rei das Sombras.

"Norah!" Caspian gritou.

Um soldado avançou contra ela com uma espada, mas ela enfrentou o ataque ferozmente, afastando-o e rasgando sua lâmina através do couro do soldado. Outro pulou nela, tentando derrubá-la no chão, mas ela o desviou e afundou sua lâmina em um terceiro atacante. O Rei das Sombras desmontou, sacando sua própria espada. Ela inalou profundamente, calculando e concentrando sua raiva. Comprometendo-se, ela atacou com cada grama de força que tinha.

Mas a força do golpe arrancou a espada das mãos dela, deslocou seu ombro e a fez gritar. Ela cerrou os dentes contra a dor nauseante e procurou desesperadamente por outra arma.

Ele a pegou por trás e a levantou pela cintura. Ela se debateu para trás com o braço bom, pegando o queixo do capacete dele com o cotovelo e atirando-o para longe da cabeça dele. Ela não conseguia ver o rosto dele, mas seus dedos encontraram a carne dele, e ela o

arranhou com as unhas. Ele pegou a mão dela e a torceu para baixo, prendendo-a ao lado dela. Ela lutou, mas a dor no ombro tirou o fôlego dela, e ela sentiu sua consciência sumindo.

“Não!” O berro de Caspian veio de trás dela.

Era isso , ela pensou. Ela não estava com medo. Ninguém escapava da morte. Ela só não esperava por isso tão cedo.

Mãos a agarraram, e ela respirou fundo. A dor atravessou seu peito e desceu por seu braço, mas ela não gritaria novamente. Ela foi puxada para cima, e era demais. A dor penetrou em sua mente, e tudo ficou escuro.



O exército marchou silenciosamente pela noite enquanto o rei carregava seu prêmio: uma rainha de cabelos brancos e brancos, vestida em azul claro sob a luz da lua.



Capítulo vinte e três

Norah acordou em uma tenda, de lado, deitada sobre um saco de dormir com uma pele grossa que havia sido jogada sobre ela. O saco de dormir dava pouca proteção ao chão duro, e suas juntas protestavam enquanto ela se mexia. Metal tilintando e vozes do lado de fora giravam na névoa em sua mente. Demorou um momento para seus sentidos voltarem, e então ela se levantou rapidamente, lembrando. Uma dor percorreu seu peito e desceu por seu braço.

O ombro dela.

Ela o moveu com cuidado. Ele havia sido recolocado, mas ainda estava dolorido. Pelo menos ela conseguia movê-lo.

Ela ainda usava seu vestido de montaria, e até suas botas estavam calçadas. Lembrando-se de sua faca, ela tateou desesperadamente sob a parte inferior de sua saia e xingou baixinho. Eles a pegaram; apenas a bainha vazia permaneceu amarrada em volta de sua panturrilha. Um tremor percorreu sua espinha enquanto ela pensava nos Shadowmen a revistando, tocando-a. Ela reprimiu a emoção que ameaçava vir à tona — ela não podia ser emocional agora.

Ela precisava se concentrar no positivo, em qualquer coisa que pudesse lhe dar força.

Ela estava viva e aparentemente sem ser molestada. Isso deveria trazer algum alívio, mas havia pouco alívio a ser obtido. Muitos de seus homens estavam mortos. Quantos foram capturados? Quantos podem ter escapado? Liaman havia caído.

Caspian . Um peso esmagador caiu sobre ela. Ele também não poderia ter sobrevivido. Ela cobriu o rosto com as mãos, a emoção estremecendo por ela.

Norah tentou engolir sua tristeza. Ela precisava avaliar sua situação e descobrir o que fazer. Ela olhou ao redor. A tenda estava vazia, exceto por seu saco de dormir e a pele. Ela estava sozinha. A luz do dia se derramava através da lona pesada, e o som contínuo de

homens do lado de fora chamou sua atenção. Ela se levantou e rastejou em direção à aba frontal da tenda, ouvindo atentamente. Seu coração batia descontroladamente em seu peito. Ela havia sido capturada, mas não estava contida.

Ela reuniu seus nervos e saiu para enfrentar seu destino.

Um guarda do lado de fora se afastou dela surpreso, claramente não esperando que ela surgisse tão ousadamente. Um turbante cobria sua cabeça e rosto — tudo, menos seus olhos. Ele usava calças pretas justas, blindadas no joelho e enfiadas em uma bota alta. Olhando mais de perto, ela percebeu que o que ela pensou ser uma camisa sob sua capa não era roupa, mas marcas de tinta cobrindo sua pele nua.

Ele agarrou sua lança com mais força, e ela enrijeceu, antecipando uma luta, mas ele não fez nenhum movimento para mantê-la dentro da tenda. Ela deu um passo à frente e ganhou alguma confiança enquanto ele dava outro passo para trás. Talvez ele não tivesse permissão para enfrentá-la, e sua coragem cresceu.

Norah olhou ao redor. Soldados das sombras estavam ocupados trabalhando, afiando armas e cuidando de cavalos, mas quando a notaram, um silêncio caiu sobre o acampamento. Ela se mexeu inquieta. O exército era enorme, com homens até onde ela podia ver. Seus olhos se arregalaram de surpresa. Havia homens *e* mulheres. Todos usavam mantas sobre seus rostos e estavam vestidos de preto e cobertos de marcas de tinta. No entanto, as mulheres usavam placas de peito que eram femininas, mas ameaçadoras do mesmo jeito. Ela nunca tinha visto uma mulher soldado em Mércia.

Embora seus rostos estivessem cobertos, Norah podia ver que eram pessoas de pele mais escura, da cor de areia bronzeada. Todos os olhos estavam nela, mas ninguém se moveu para desafiá-la. Ela ficou ainda mais ousada.

Norah deixou seu olhar percorrer a multidão, absorvendo tudo, quando o viu.

O Rei das Sombras.

Ele estava ao lado de uma tenda próxima, totalmente blindado e coroado com seu capacete com chifres, exatamente como ela se lembrava. Outro homem apareceu, e a respiração de Norah ficou presa na garganta. Ela reconheceu o monstro da visão de Nemus do futuro que seu pai havia parado, o de uma Mércia caída. Este era o bruto que havia matado Edward e os conselheiros na visão — o comandante demônio, *o Destruidor* . Ela quase riu do título quando o ouviu pela primeira vez, mas não estava rindo agora. Ele era ainda maior que o rei, o que não parecia possível, e parecia muito que gostava de destruir qualquer coisa que pudesse tocar.

Ela engoliu em seco. Não demonstre medo, ela disse a si mesma . Como se isso fosse possível.

Norah deu um passo na direção deles. Uma tensão ondulou pelo ar, mas ninguém se moveu. Ela continuou na direção do Rei das Sombras. Conforme se aproximava, o som de lâminas sendo retiradas de suas bainhas cortou o ar.

O rei levantou a mão para firmar seu exército e deixá-la chegar mais perto ainda. Ela não conseguia ver seu rosto, mas imaginou algo perverso por baixo. A blindagem do peito de sua armadura era escura e batalhada, mas polida. Seus braços estavam cobertos por uma armadura leve de pequenas escamas sobrepostas para uma amplitude de movimento fluida. Ela fez anotações mentais para pensar mais tarde. Ele esperou, deixando-a inspecioná-lo. *Arrogante* .

"Onde estão meus homens?" ela perguntou.

Sua voz veio como antes, sombria e assombrosa. "Que homens?"

O pulso dela acelerou. Ele devia ter levado alguns deles cativos. "Eu tinha um exército."

Outra risada profunda vibrou em seu peito. " *Tinha* ", ele respondeu. "E quinhentos homens não formam um exército."

Seu peito apertou. Estariam todos mortos? "O que aconteceu com eles?", ela perguntou entre dentes.

"Mortos. Todos, exceto um para entregar uma mensagem. Só espero que ele não morra antes de chegar ao Norte. Talvez eu deva enviar pássaros atrás, só por precaução." Seus olhos sorriam por baixo do capacete. "Lamento que você tenha perdido. Eu os alinhei de joelhos e cortei suas gargantas, um de cada vez. Mas você pode se orgulhar. Ninguém me implorou por suas vidas, como muitos fazem."

O corpo dela tremeu. Caspian. Liaman. Aaron. Daniel. Lágrimas ameaçaram. "E a minha empregada?" ela fervia, sua voz tremendo.

"Ela tirou a própria vida", ele respondeu. "Isso não foi obra minha."

O lábio dela tremeu. *Rebecca* . "Tudo é obra sua!"

Ele riu novamente. "Eu suponho que sim."

"Todos os soldados da Mércia virão atrás de mim", ela cuspiu.

O Rei das Sombras deu outra risada sombria e estrondosa. "Bom. Estou contando com isso."



Alexander estava na torre de vigia, olhando fixamente para o horizonte. Fazia cinco dias desde que a última mensagem havia chegado, dois dias a mais do que o esperado. Uma profunda preocupação cresceu em seu âmago. Caspian não teria esquecido descuidadamente, sabendo que Alexander estaria esperando pelas mensagens. *Cada* mensagem.

Passos vieram atrás dele, mas ele não se virou. Ele sabia quem era.

"Ainda sem notícias?", perguntou Catherine.

Ele balançou a cabeça levemente. "Algo está errado."

Ela ficou ao lado dele, olhando para o continente através da ponte. "Ainda não sabemos. Às vezes, os pássaros se perdem ou atrasam. Vamos esperar para ver se outro virá."

"Esse é outro dia," ele retrucou, mais afiado do que pretendia. Ele soltou um suspiro. "Se algo aconteceu, não posso esperar mais um dia para descobrir. Posso viajar rapidamente com apenas alguns homens."

Catherine franziu a testa. "E fazer o quê? Ela tem um exército de quinhentos com ela. O que você realizará com apenas mais alguns?"

Alexander enxugou o rosto com a mão, afastando o desespero que crescia dentro dele.

Catherine colocou a mão no braço dele. "Meu querido, estou tão doente de preocupação quanto você, mas você precisa pensar nisso racionalmente. Outro pássaro está para nascer amanhã. Vamos ver o que acontece."

Nesse momento, uma tempestade no horizonte chamou sua atenção e ele estreitou os olhos.

"O que é isso?" Catherine perguntou, vendo também.

Mas Alexander não respondeu. Seu pulso acelerou enquanto ele respirava com dificuldade. Pássaros mensageiros. *Um bando inteiro* . Ele girou e correu escada em espiral da torre de vigia.

"Espere!" ela gritou para ele.

Ele não conseguiu.

Alexander chegou ao pé da escada e saiu correndo pelo pátio até a biblioteca com um peso esmagador no peito. Ele atravessou as portas da frente para a escada da torre aviária.

“Reitor!”, ele gritou enquanto subia as escadas, três de cada vez, e abriu a porta no topo. O Reitor Tusten estava perto da janela, segurando um pássaro no braço que tinha acabado de pousar. Ele olhou para Alexander em confusão e estendeu a mão. Alexander, sem fôlego, pegou o pequeno pedaço de pergaminho. Seu corpo estremeceu. Não continha nenhuma mensagem, apenas uma mancha escura de terra.

“O que é?” perguntou o reitor.

Ele correu o dedo sobre o pergaminho ondulado. “Sangue,” ele respirou.

As mãos do reitor tremeram quando ele soltou o pássaro na mesa. “O que isso significa?”, ele perguntou.

Alexander olhou para ver uma pilha de pergaminhos manchados similarmente no canto da mesa do reitor. Mais pássaros ainda estavam pousando. Quem os enviou, enviou *todos eles* , e sua mensagem seria a mesma.

Os sinos do capitólio soaram, e Alexandre empurrou o reitor para olhar pela janela. Um cavaleiro a cavalo cruzou a ponte, para o pátio. Alexandre apertou o pergaminho em sua mão enquanto se virava e descia rapidamente as escadas.

Catherine tinha acabado de chegar à biblioteca quando ele estava saindo. “O que está acontecendo?” ela exigiu.

Alexander não lhe deu atenção. O pânico cresceu em seu peito quando viu o cavaleiro, curvado e agarrado ao cavalo. Os guardas puxaram o homem coberto de sangue para baixo, e a respiração de Alexander ficou presa na garganta quando reconheceu Caspian. O braço direito do capitão pendia frouxamente.

“Onde ela está?” ele rugiu, agarrando-o pelo peitoral.

“Foi-se”, Caspian disse roucamente. “Ele a levou.”

A voz de Alexander tremeu. “Quem?”

“O Rei das Sombras.”

Um horror profundo e doloroso percorreu-o, seguido por uma onda de raiva. Ele se virou e mostrou os dentes com um rugido. “Preparem o exército!”, ele trovejou. “Marcharemos esta noite!”

“Espere!” Catherine gritou. “Espere! Isso é obviamente uma armadilha. Você não pode entrar às cegas! Precisamos de um plano.”

Alexandre a ignorou.

“O conselho vai anular você”, ela disse, sem fôlego.

Ele girou em direção a ela com um fogo sob a pele. “Isso exigiria o conselho *coletivo* . Henricus e James estão em Damask. Eles não podem se reunir a tempo de me impedir.”

“Alexander,” Catherine gritou enquanto o agarrava pelo braço. “Pense no que você está fazendo!”

Ele arrancou o braço do aperto dela e saiu para encontrar seu exército.



Capítulo vinte e quatro

Os Homens das Sombras eram viajantes silenciosos . Norah não se sentia particularmente interessada em conversas, mas queria informações. No entanto, o dia passou sem palavras, e à noite ela dormiu novamente no frio silencioso da escuridão. Ela se confortava com o pensamento de que Alexander viria atrás dela com toda a força do exército da Mércia. Ela se perguntava onde o Rei das Sombras planejava encontrá-los. Eles não estavam indo para o noroeste, em direção à Mércia, mas, em vez disso, cavalgavam para o sul ao longo das colinas rochosas das terras médias.

Eles pararam no meio da tarde e deram água aos cavalos em um pequeno riacho. Norah desejou que fosse maior para que ela pudesse se jogar nele e flutuar para longe. Ela se agachou e levou a água aos lábios. Estava fria como gelo e ardia seus dedos, mas ela bebeu até se fartar.

Ela sentiu a presença sombria do rei atrás dela e olhou por cima do ombro.

“Coma”, ele ordenou enquanto jogava um pequeno pacote de pão e carne seca no chão ao lado dela.

Ela olhou para ele, mas não se moveu para pegá-lo. Ela queria comer. Seu estômago implorava por isso, mas ela não tinha intenção de aceitar comida dos Shadowmen. Ela se levantou, deixando-o, e não disse nada.

Seus olhos se estreitaram sob o capacete. “Morra de fome então.”

Mas Norah não planejava ficar em seu porão por tempo suficiente para que isso fizesse diferença.

O dia seguinte passou muito parecido com o anterior. Apesar da mudança para o sul, o inverno era implacável. O vento feria suas bochechas, e ela não conseguia evitar os arrepios que a percorriam. Ela enterrou as mãos na crina do cavalo, tentando aquecê-las.

À medida que a tarde diminuía, a energia aumentava no exército. Algo estava chegando — algo que os excitava. Enquanto eles atravessavam as colinas, ela avistou picos de montanhas e soube imediatamente para onde estavam indo.

Bahoul .

É para onde a unidade de seus homens do Norte estava indo — a unidade cujos chefes o Rei das Sombras havia enviado de volta para Mércia. Ela estremeceu com a lembrança.

Catherine lhe contara sobre Bahoul — uma fortaleza murada do outro lado das montanhas rochosas que separam as Terras Sombrias dos confins do sul de Mércia. Ela pertencera aos Homens das Sombras, mas seu pai expulsara o Rei das Sombras e a tomara. As forças mércias ocupavam a fortaleza agora. Os Homens das Sombras tentaram recuperar Bahoul várias vezes, mas Alexandre liderava as defesas que haviam mantido as montanhas. A fortaleza era quase impenetrável, e até mesmo um pequeno exército residente poderia se defender contra um inimigo muito maior, desde que permanecesse dentro da fortaleza.

O pulso dela acelerou. Ele tentaria retomá-lo agora?

Eles seguiram através das colinas rochosas e ao longo de uma pequena crista, mas quando começaram a descer pelo outro lado, a respiração de Norah ficou presa na garganta.

Outro exército enorme de Homens das Sombras esperava entre as colinas, fora da vista da fortaleza. Seu coração batia mais rápido. O Rei das Sombras puxou as rédeas do cavalo e olhou para ela. "Você está pronta, Rainha do Norte?", ele perguntou com um rosnado assustador. "Amanhã, eu pego de volta o que é meu. Então o Urso trará seu exército, e eu os levarei também."

O Urso . Ele já havia dito esse nome antes. Beurnat, o Urso — pai de Alexander? Ele havia morrido na guerra. Mas ela não disse nada.

Os olhos do rei ainda estavam nela. "Eu vou matar todos eles", ele disse. "Dessa vez, vou garantir que você assista." Ele estava tentando obter uma reação dela, mas ela manteve o olhar para a frente e permaneceu em silêncio. Ela não lhe daria essa satisfação.



Norah estava acordada na escuridão. Era de manhã. Ela não tinha recebido nenhuma barraca naquela noite, apenas um saco de dormir fino e uma pele, e estava cercada por Shadowmen. Mas não era por isso que ela não dormia.

Seu estômago revirou. O Rei das Sombras a usaria para fazer com que seus homens do Norte entregassem a fortaleza, e então atrairia Alexander e seu exército para a batalha. Se os homens das Sombras conseguissem tomar a fortaleza agora, o exército da Mércia estaria em grande desvantagem quando eles chegassem.

Enquanto a luz mais tênue da manhã afastava a escuridão, ela se levantou para se sentar. Um manto de névoa os envolvia. Uma risada baixa reverberou através da névoa. Sua pele formigou.

"Uma manhã perfeita para a batalha", ouviu-se a voz do rei.

Ela não sabia dizer de que direção, e estremeceu. Seu coração batia mais rápido. Era uma manhã terrível para a batalha. A névoa cobriria o exército das Sombras. Mércia tinha os melhores arqueiros do mundo, mas eles não podiam fazer nada se não pudessem ver.

Então, através da névoa, ela o viu quando ele parou na sua frente.

"Você está pronta, Rainha do Norte?"

O demônio do rei apareceu à sua direita, e ela pulou. Ele a agarrou.

"O que você está fazendo? Me solte!" Ela se contorceu contra ele, mas ele apertou os braços ao redor dela até que ela não conseguia respirar, então amarrou seus pulsos com a corda longa.

Ele a arrastou até onde seu corcel estava e montou. Então ele puxou uma lança, como se precisasse de outra arma além da espada em suas costas e do enorme machado de batalha descansando em suas coxas. Ele incitou sua montaria para frente, puxando a corda — e ela — em direção ao que ela supôs ser a base da fortaleza da montanha.

A mente de Norah correu. O comandante a tocou e a segurou firme enquanto amarrava suas mãos. Ela não sentiu o corpo de um demônio, mas um corpo de carne e osso. Ele era um homem, um bruto de homem, mas um homem mesmo assim. *E homens sangram* .

Sua pele ficou vermelha com o calor da luta.

Ela tentou soltar a corda em volta do pulso enquanto ele a puxava, mas era inútil sem uma lâmina. Uma *rachadura* sob seu calcanhar chamou sua atenção, e ela olhou para baixo para ver um crânio parcialmente enterrado no chão. Ela pulou para o lado em surpresa. Seus olhos se arregalaram quando ela percebeu que eram os restos espalhados e fragmentos desgastados de armas de batalhas passadas. Eles cobriam o chão. Esses homens do Norte com quem ela cruzou eram homens das sombras? Ela estremeceu. O comandante a puxou, e ela cambaleou para frente.

Eles pararam na base da fortaleza da montanha, mas a névoa ainda os cobria.

“Homens do Norte!” o bruto rugiu em um trovão profundo e retumbante. “Eu tenho sua rainha! Venha e reivindique-a!”

Ele estava tentando atraí-los.

“Eles não são tolos!” ela cuspiu para ele.

Ele deu uma risadinha baixa. “Seus gritos os farão vir.” Então ele puxou a corda, puxando-a em sua direção. A raiva dela aumentou. Ela lutou, mas não era páreo para a força dele e apenas cambaleou para frente.

Mas Norah não tinha intenção de se deixar usar contra seu exército. Em uma decisão dividida, ela se lançou em direção a ele, correndo e deslizando por baixo de seu cavalo. Ela deu um golpe forte no ventre do animal enquanto ela se esquivava e então cambaleava para trás, puxando a folga da corda firmemente contra suas patas traseiras. O animal empinou, e ela jogou seu peso contra a corda, fazendo a fera perder o equilíbrio e cair no chão em cima do bruto. Ela puxou a corda para fora, se livrando dos chutes do animal enquanto ele tentava se endireitar.

O corcel rolou para longe do comandante, que se mexeu e ofegou para respirar. Enquanto o animal cambaleava de volta aos seus pés, ela pulou e lutou para subir nele. Sua janela de oportunidade seria curta, e o exército das Sombras estava perto. Suas mãos amarradas dificultavam o movimento, mas ela estimulou a fera para frente. Sob sua coxa, uma espada curta havia sido guardada na sela. Ela agradeceu aos deuses e deslizou o punho para cima, deslizando seus pulsos amarrados pela lâmina e se libertando.

Norah se esticou para frente para dar ao corcel a cabeça para correr. Ela havia perdido a direção na névoa, e rezou para estar indo em direção à fortaleza.

E então ela estava caindo.

Ela atingiu o chão com uma força que lhe tirou o fôlego. Rolando para o lado e lutando para respirar, ela olhou para trás horrorizada ao ver que o cavalo havia sido derrubado com uma lança. A fera lutou para se levantar e se debateu por um momento, mas então desistiu e ficou em agonia silenciosa. Atrás, ela só conseguia distinguir a forma do comandante na névoa, de joelhos, ainda não totalmente recuperado. Mas ele havia se recuperado o suficiente para espetar a lança no cavalo — ele poderia tê-la acertado.

Norah engasgou quando seus pulmões lhe deram ar novamente, e ela cambaleou até ficar de pé.

O comandante se levantou, pegou seu machado e foi em direção a ela.

Ela correu de volta para o cavalo e puxou a espada curta da sela e se levantou para enfrentar seu inimigo. O bruto do rei se aproximou pesadamente, e ela recuou. Ele alcançou o animal, balançando seu machado e cravando-o em seu pescoço para lhe dar paz.

E então ela os ouviu, todos ao seu redor na névoa.

Ela não conseguia vê-los, mas sabia que eles estavam lá. *O exército das Sombras* . O rei apareceu à esquerda dela e desceu do cavalo, puxando sua própria espada. Um soldado ao lado dele também lhe jogou uma lança.

Norah agarrou sua espada firmemente em sua mão, ampliando sua postura para mais controle e acalmando sua respiração. Ela elogiou seu eu mais jovem por ter aprendido a lutar, e amaldiçoou seu eu atual por não ter praticado mais em Mércia, mas sabia que era perigosa com uma lâmina. Seu ombro ainda doía, mas ela o empurrou para longe e se preparou para a fúria do rei.

Ele deu passos largos em sua direção, com a espada em uma mão e a lança na outra. Ela não era páreo para seus golpes; ela teria que ser mais rápida. Seu estômago se revirou. Ela não tinha sido rápida o suficiente quando ele a tinha tomado antes — era como se ela nem estivesse lutando, como se ela não fosse nada.

O medo a percorreu, mas ela não podia deixar que isso tomasse conta. Ainda assim, seu corpo tremia ao pensar em contra-atacar o golpe estrondoso dos golpes dele com o dela.

O rei lançou o corpo da lança contra ela, tentando derrubá-la, mas ela recuou. Ele golpeou novamente, mais forte dessa vez, sua paciência diminuindo, e ela se virou para o lado, desviando do golpe. Ele não estava tentando matá-la, mas a força de seus golpes poderia machucá-la seriamente. Não que ele se importasse.

Ele balançou novamente, e ela pulou para trás, mas colidiu com a parede da fortaleza atrás dela. Sua cabeça bateu na pedra, e uma dor estalou em seu crânio, escurecendo sua visão.

E então ele estava em cima dela.

Ele a agarrou pela garganta, pressionando-a com força contra a parede. Norah largou a espada e arranhou a mão dele, mas ela aguentou.

“Não me teste, Rainha do Norte”, ele rosnou.

Mas Norah não o estava testando; isso não era uma rebelião jocosa. Ela precisava fugir, precisava ser livre. Sua vida dependia disso. Mercia dependia disso. Então ela lutou. Com tudo o que tinha, ela lutou.

Os dedos dela roçaram o punho de uma adaga na cintura dele, e ela a agarrou, rasgando-a no antebraço sem armadura da mão de lança dele. Ele rosnou novamente enquanto largava a lança e tentava pegar a faca, mas em um esforço final, ela a enfiou entre a abertura na armadura dele na lateral do peitoral. O ângulo dela estava errado, e o golpe não foi certeiro, mas ele rugiu de dor. Então ela levantou uma cotovelada e o pegou na base da garganta, logo abaixo do capacete. Ela só precisava tirá-lo de lá...

Ele a esmagou contra a parede, alavancando seu peso para dominá-la. Ela não conseguia respirar. Enquanto se recuperava, ele a puxou para si, com força. Ela não era páreo para sua força e, sem mais armas, sem mais energia, ela parou.

Norah ofegou entre os dentes enquanto esperava pela ira dele. Ele a havia avisado, e sem dúvida ela sofreria com a raiva dele agora. Mas não era raiva o que ela via nos olhos dele sob o capacete. Surpresa, talvez? Descrença?

"Segure-a," ele rosnou. Seu comandante bruto deu um passo à frente e agarrou seus braços, não gentilmente.

O rei se recompôs por um momento e então puxou a lâmina do seu lado com um grunhido. Então ele deu um passo em direção a ela com a lâmina coberta de sangue na mão. O terror percorreu sua espinha. O que ele iria fazer?

Uma trombeta soou da névoa atrás deles, e ele parou e se virou. Atrás dela, o bruto soltou um assobio baixo.

Nesse momento, um soldado a cavalo atravessou a névoa. Ele chamou o rei na língua das Sombras. O rei se endireitou e olhou para seu bruto.

Notícias .

Ele rosnou algo ininteligível de volta para o mensageiro, que apenas assentiu. Então ele olhou para ela com olhos de noite sob seu capacete com chifres e se mexeu.

Notícias que o incomodavam.

O rei deu uma ordem a um soldado, que lhe trouxe uma corda de couro. Ele deu um passo à frente e agarrou os pulsos dela, apertando-os firmemente e amarrando suas mãos. Então ele a arrancou do comandante e a empurrou em direção ao exército. Ela não lutou. Não havia chance para ela agora, mas ver o comandante bruto mancando de volta para outro cavalo lhe trouxe uma onda de satisfação.

O rei a empurrou para a frente enquanto caminhavam. A presença dele atrás dela fez sua pele arrepiar, mas ela focou os olhos à frente e continuou andando. Ela tropeçou em uma lasca de lança projetando-se do chão congelado, mas se conteve — ela quase tinha

esquecido o campo da morte que eles estavam atravessando. Ela manteve os olhos no chão para observar seus passos. Naquele momento, ela avistou um cinto de bainha, meio coberto de lama congelada, com o que parecia ser uma faca dentro dele. Ou talvez não fosse uma faca. Mas se fosse...

Ela fingiu outro tropeço e caiu de joelhos sobre ele, rapidamente agarrando o cabo. Seu coração pulou. Era uma faca — uma faca enferrujada, mas uma faca mesmo assim. O rei agarrou seu braço e a puxou de volta para seus pés, e ela enfiou a lâmina na manga de sua jaqueta o melhor que conseguiu com suas mãos amarradas.

Um soldado trouxe um cavalo, um palafrém menor — sem dúvida uma montaria menos energética, e o rei a arrastou em sua direção. Ela lutou contra ele. “Eu consigo me virar sozinha”, ela sibilou.

Ele a empurrou para frente. “Suba.”

Ela agarrou o punho, tomando cuidado para manter a faca escondida na manga, e montou no palafrém. A amarração cortou seus pulsos, mas ela cerrou os dentes. Ela olhou de volta para o rei enquanto ele montava seu corcel ao lado dela.

Espere . Era isso? Eles estavam indo embora?

“E as montanhas?”

“Mudança de planos,” ele disse brevemente. “O Urso vem atrás de você.”

Ela engoliu em seco. Ele quis dizer *Alexander* ? Ele o teria confundido com seu pai?

“Ele traz seu exército inteiro. Exatamente como eu esperava.”

“Bem, se é uma mudança de planos, não é *exatamente* como você esperava”, ela retrucou.

Os olhos dele queimavam nela. “Seu exército encontrará seu destino do mesmo jeito. E você pode assistir, antes de se juntar a eles.”

Ele estava tentando assustá-la. Estava funcionando.

Dando uma última olhada na fortaleza, ele soltou um rosnado frustrado e os levou embora.

Ela se mexeu desconfortavelmente enquanto cavalgavam. Ela sabia que ele queria a fortaleza de Bahoul. Quais eram as notícias? O que havia mudado? Ele esperava o exército dela, e eles estavam chegando. O que havia de diferente?

“Para onde estamos indo?” ela perguntou.

O rei a ignorou, e uma raiva intensa tomou conta de suas bochechas.

Eles cavalgaram o dia todo, até que a escuridão da noite chegou. Ela conseguiu deslizar sua faca roubada sem ser detectada para dentro da bainha vazia em sua bota. Pelo menos agora ela tinha uma arma.

A dor no ombro subiu pelo pescoço e fez sua cabeça latejar. A luta, o medo, a luta — a tinham esgotado. Quando finalmente pararam, ela pensou que poderia cair do cavalo de exaustão.

O rei desmontou. "Acamparemos aqui."

O exército começou seu trabalho, amarrando seus cavalos e montando suas tendas. O rei agarrou seu braço, puxando-a do cavalo e arrastando-a através dos soldados encarregados.

"Me solte!" Ela lutou contra ele. "Eu consigo andar sozinha."

Ele agarrou o braço dela firmemente como um aviso, mas finalmente a soltou e continuou andando. Ela o seguiu. Ela se esforçou para acompanhar. O exército não tinha fogo queimando, e ela não estava acostumada a manobrar na escuridão.

"Para onde estamos indo?" ela perguntou a ele novamente, e novamente ele não respondeu. Raiva passou por ela. "Se você acha que pode derrotar meu exército, você está enganado. Eles já te derrotaram antes, e farão isso de novo."

Ele se virou e a agarrou, puxando-a para perto. "Eles tinham Aleon." Havia uma profunda irritação em sua voz. "Mas agora eles vêm sem nada. E seus homens são arqueiros e desejadores da paz. Meu exército é habilidoso em batalhas de verdade, e fazemos isso com frequência. Os nórdicos marcham para o fim deles."

Ele a soltou e continuou andando.

Ele estava certo. Phillip ainda não saberia de sua captura para enviar forças para se juntar a eles, e sem Aleon, eles não eram fortes o suficiente para derrotar o exército das Sombras. Este pesadelo estava apenas começando.

Eles chegaram a uma grande tenda na escuridão. Ele a empurrou para dentro e entrou atrás dela. Estava fracamente iluminada por uma pequena vela. O medo ondulou sob sua pele com ele tão perto.

Ele estendeu a mão para tirar o capacete, e ela desviou o olhar, com medo de ver o que isso revelaria, mas não conseguiu se conter, e seus olhos encontraram o caminho de volta para ele. Uma onda de surpresa a atingiu. Ele era mais jovem do que ela pensava, envelhecido pela batalha, mas talvez apenas alguns anos mais velho do que ela. Seu cabelo na altura dos ombros estava preso para trás e era preto como sua capa. Os hematomas e arranhões de sua luta durante sua captura eram ousados em seu rosto. *Bom* — ele merecia.

Uma velha cicatriz corria da testa até a bochecha. Aparentemente, ela não era a única que não gostava dele.

Mas esse não era o homem que ela pensava que ele era. "Você não é o Rei das Sombras", ela disse friamente.

“Você estava esperando outra coisa?” ele perguntou. “Um monstro, talvez?”

Ela zombou. “Histórias, feitas para assustar as pessoas.”

Ele caminhou lentamente em sua direção, com os olhos escuros quase a afogando, mas ela permaneceu firme.

“Vocês são de carne e osso,” ela disse friamente. “Como seu bruto. Vocês são homens. E eu não tenho medo de homens.”

“Você deveria estar”, ele disse assombrosamente.

Os olhos dela se estreitaram para ele. “Meu pai lutou contra o Rei das Sombras. Você não é ele. Onde ele está?”

Seu rosto escureceu, e ele se mexeu inquieto. Ela havia atingido algo dentro dele.

“Você vai dormir aqui,” ele rosnou. Sem outra palavra, ele saiu da tenda e acenou para o soldado do lado de fora.

Era isso? Era tudo o que ele diria a ela? Ela bufou de frustração e fechou a aba da barraca, mas sentiu um pequeno conforto em estar sozinha. Um *pequeno* conforto.

Ela apagou a vela e lutou para ter uma visão mais clara na escuridão, então sentiu a adaga roubada contra sua panturrilha dentro de sua bota. Eles ainda não sabiam que ela a tinha. Isso lhe trouxe uma calma. Ela queria correr, mas eles estariam esperando que ela o fizesse, e ela não queria pensar sobre o que aconteceria se ela fosse pega tentando escapar novamente. Ela lutou contra a amarra. Ela poderia cortá-la, mas então eles saberiam que ela tinha a faca. Não, ela precisava esperar.

Norah se enrolou no saco de dormir. Sua mente estava cheia de pensamento após pensamento, pensamentos que semeavam medo profundamente dentro dela, mas ela tentava expulsá-los. Ela precisava dormir.

Ela se arrastou desajeitadamente para alcançar suas mãos amarradas até sua bota e enrolou seus dedos ao redor da faca. Não era a faca de Alexander, mas serviria. Ela a segurou como se fosse a mão dele. E finalmente, o sono chegou.



Capítulo vinte e cinco

A tenda oferecia pouco calor, e Norah tremia no frio da manhã. Ela ficou deitada por muito tempo depois de acordar, desejando uma fogueira. O exército das Sombras não acendeu fogueiras. Ela apertou as mãos; elas doíam de rigidez. Ao ouvir vozes do lado de fora de sua tenda, ela reconheceu uma como a do rei e rapidamente tropeçou para fora do saco de dormir.

Ele se abaixou para dentro da tenda dela, mas parou quando seus olhos se encontraram. “Vamos embora agora”, ele disse.

Ela se levantou e olhou para ele friamente. Ela sabia que tinha causado um ferimento doloroso nele com a adaga, mas não demonstrou. Ele se aproximou dela, mas ela se manteve firme. Ele estendeu a mão e agarrou os pulsos dela, inspecionando a amarração.

Ela se virou para longe. “Assim como você me deixou,” ela disse bruscamente.

Ele se elevou sobre ela, mas ela estreitou os olhos e o encarou diretamente. O rosto dele endureceu, e ele se virou, deixando-a sozinha mais uma vez.

Norah fez uma pausa, mas então o seguiu para fora para encontrar o palafrém do dia anterior selado para ela. Ela montou tão graciosamente quanto alguém poderia fazer com as mãos amarradas. O rei montou seu corcel e freou ao lado dela. Ele estendeu um embrulho de carne salgada. Ela apenas lançou a ele um olhar penetrante em resposta.

“Coma”, ele disse irritado.

Ela não queria aceitar comida dele, mas estava incrivelmente faminta. Ela precisava manter sua força, ela disse a si mesma. Relutantemente, ela pegou a carne.

Ele olhou para ela com um sorriso amargo. “Diga-me, por que sair agora? Por que sair livremente depois de se esconder por tanto tempo, onde foi tão fácil para mim te levar?”

Norah se recusou a responder. Ela olhou para as colinas enquanto mordia o interior da bochecha, xingando silenciosamente. Ela tinha sido tola por pensar que a jornada para

Aleon seria fácil, mesmo que fosse pelas terras da Mércia. Ela tinha sido tola por deixar a segurança do castelo quando o Rei das Sombras a queria morta, e por pensar que ele ainda não sabia de seu retorno. Agora ele a tinha.

Eles cavalgaram a maior parte do dia em silêncio. O sol estava brilhando, mas pouco fez para fornecer calor do ar de inverno.

A voz do rei a tirou de seus pensamentos.

"Quem te ensinou a lutar?" ele perguntou.

Ela olhou para ele, estreitando os olhos. "Você tem algumas dicas para mim?"

Ele pareceu surpreso, mas a surpreendeu de volta quando moveu seu cavalo para mais perto para responder. "Você me deixou chegar muito perto de você", ele disse a ela. "Sua vantagem é a velocidade. Você precisa protegê-la com distância."

Ela zombou. "Já que você está livre com seus conselhos agora, como eu poderia obter essa distância?"

"Você não vai," ele disse sombriamente. "Você não vai escapar de mim, Rainha do Norte."

"Quem é você?" ela perguntou.

"Você não acredita que eu sou o salar de Kharav?"

Salar de Kharav ? "Não acredito que você lutou contra meu pai na Batalha de Bahoul."

"Eu não fiz. Reis morrem. Você deveria saber disso."

Norah fez uma pausa quando a realização a atingiu. "Você é filho dele?"

Ele olhou para frente, ignorando a pergunta dela. "Onde você esteve todos esses anos?"

Ela, por sua vez, não respondeu.

"Por que você esperou tanto para se casar com o rei Aleon?" ele perguntou.

"Eu não tinha certeza se gostava dele," ela disse levianamente. "De onde veio seu comandante bruto?"

Ele se mexeu agitado.

"Você é filho do Rei das Sombras?" ela perguntou novamente, não querendo lhe dar informações sem receber nenhuma em troca.

"Eu sou o Rei das Sombras", ele retrucou.

Houve um longo silêncio entre eles. Finalmente, ele falou. "Eu sou Mikael Ratha Shal, salar de Kharav, ou Shadowlands, como vocês chamam."

"Salar?"

"Sim. *Rei* . Sou filho de Rhalstad Ratha Shal, que é o homem com quem seu pai lutou na Batalha de Bahoul. Agora, diga-me onde você esteve."

Não era mais uma questão.

"Meu senhor justiça me ensinou a lutar", ela disse, não querendo responder a nenhuma de suas outras perguntas.

Ele não a pressionou para obter mais, o que foi bom, porque ele não conseguiria mais.



Em sua tenda naquela noite, a mente de Norah corria com os eventos do dia. Se Alexander viesse atrás dela, ele estaria caminhando para uma armadilha. Ela tinha que fugir antes que a levassem mais longe.

Ela se esforçou para ouvir qualquer som ao seu redor, mas estava assustadoramente silencioso. Como um exército daquele tamanho poderia ser tão silencioso? Ela se abaixou e deslizou sua adaga da correia da panturrilha e trabalhou rapidamente para cortar a amarração em volta de seus pulsos. Exceto que a lâmina estava enferrujada e cega, e seus movimentos não eram *tão* rápidos. Finalmente, com as mãos livres, ela estendeu a mão para tocar a parte de trás da tenda. *Tecido* . Ela trabalhou pacientemente, cortando para cima. Ela daria qualquer coisa para ter a faca de Alexander novamente. Ela poderia mastigar uma abertura mais rápido, ela refletiu. Uma vez que uma abertura era grande o suficiente para olhar através, ela espiou para verificar se havia guardas. Ela esperava que não houvesse soldados atrás da tenda, e ela deu um suspiro de alívio ao não encontrar nenhum. Norah continuou cortando, criando uma abertura grande o suficiente para passar. Ela empurrou a doença assustadora para baixo enquanto reunia coragem. Mais uma vez olhando para fora, ela se esgueirou pela abertura e se afastou, agachando-se perto do chão e não ousando respirar. Não havia nada para escondê-la, e ela amaldiçoou suas roupas de cor clara enquanto corria pela escuridão.

Norah distinguiu a forma de uma grande árvore na frente dela, e ela se esgueirou atrás dela para recuperar o fôlego, suas mãos tremendo. Onde ela estava? Ela precisava ir para o norte, de volta para Bahoul, onde seus nórdicos estavam, de volta para a segurança.

Ela saiu correndo de sua breve cobertura para continuar, mas uma mão serpenteou na escuridão e a agarrou por trás. Ela abafou um grito e cortou seu captor com sua adaga. A lâmina atingiu algo, mas ela não tinha certeza do que — seu braço, seu lado? Ela o atingiu? Talvez tivesse apenas arranhado suas roupas de couro. Ela atacou novamente, mas ele a agarrou com força, frustrando seu ataque. Lutando desesperadamente, ela abaixou a cabeça

para a mão em seu ombro e cravou os dentes na carne, mas ele não a soltou. Ela tentou pegá-lo com uma cabeçada para trás de sua cabeça, mas ele era um homem grande, e ela atingiu apenas seu peito. Ele a agarrou com mais força.

Com seu braço esquerdo livre, ela arranhou para trás, alcançando os olhos dele. Ele torceu a cabeça, e ela pegou apenas a carne de sua bochecha e seu lábio através do envoltório em seu rosto. Norah levantou seu braço e o pegou na testa com a palma da mão. Isso enviou uma sacudida de dor ao centro de seu osso, mas seria pior para ele.

Um golpe em seu estômago tirou o ar dela, e ele a puxou para perto por trás. O calor do sangue pingou de seu rosto e em seu ombro enquanto ele lutava com suas mãos para baixo. Ele a apertou com tanta força que ela mal conseguia respirar, e a bile subiu em sua garganta. *O bruto* . Ela torceu seu corpo contra ele, apenas incentivando seus braços a apertarem mais. Ela temeu que suas costelas pudessem quebrar. Incapaz de respirar e com sua energia esgotada, ela parou de lutar, e ele a puxou de volta para a tenda.

“Me solte!” ela gritou para ele.

Quando chegaram à tenda, o rei estava esperando por ela. Norah tentou embainhar a adaga na manga de sua jaqueta. Ela esperava que o bruto não tivesse notado, já que não tinha certeza se realmente o havia cortado na escuridão. Seu pulso latejava, e ela rezou para não tê-lo quebrado.

O comandante a soltou na frente do rei e gritou na língua das Sombras. Ela olhou para ele com irritação, xingando-o baixinho. O rei deu um passo à frente, agarrou seu braço e puxou a adaga de sua manga. Não a deixando ir, ele a arrastou para dentro de sua tenda.

“Você tem mais armas?” ele rosnou.

“Não,” ela disse rigidamente. Como se ela tivesse dito a ele…

"Mostre-me."

“Não tenho mais nada”, ela insistiu.

“Despe-te”, ordenou ele.

A audácia . O calor da raiva subiu às suas bochechas. “Eu não vou!”

Ele agarrou a mão dela e puxou-a para si. Era o pulso machucado, e uma dor a percorreu. Ela tentou se afastar, mas o aperto dele era forte, e ela gritou. Ele passou a mão pela cintura dela, procurando outra adaga. Ela se contorceu, jogando o cotovelo do braço livre para cima e acertando-o na bochecha. O golpe foi forte, e ele cambaleou um pouco. Ela aproveitou o impulso e se contorceu novamente, enfiando o ombro nele, e eles caíram no saco de dormir.

Norah tentou rolar para longe, mas ele ainda segurava seu pulso e a puxou para trás, pegando-a por baixo dele. Usando seu peso corporal, ele a segurou. Ela lutou para manter os braços no peito enquanto ele tentava puxá-los acima de sua cabeça. Ela lutou com toda a força que tinha, mas não conseguia se mover. Em um esforço final, ela jogou a cabeça para frente, dando uma cabeçada em seu rosto. Isso o atordoou brevemente, e o peso de seu corpo esmagou o fôlego dela.

Recuperando-se, ele forçou os braços dela acima da cabeça e os cruzou, pegando um punhado de seu cabelo e imobilizando-a completamente. Reposicionando seu peso, ele montou nela, segurando-se acima dela e permitindo que ela respirasse novamente.

"Pare de dificultar isso!" ele retrucou.

"Você quer dizer parar de lutar com você?" ela sibilou. "Isso faz você se sentir forte? É isso que você quis dizer quando me disse que eu deveria temer os homens?"

"Você deveria temer um rei!"

"Reis morrem", ela fervia, citando-o.

O rosto dele ficou sério. Um corte atravessava a ponta do nariz dele onde ela o havia acertado, e sangue escorria pelo rosto dele. O lábio dele estava cortado, e ela não conseguia se lembrar se era um ferimento antigo da briga anterior ou um novo. Ele ignorou ambos. Lentamente, ele moveu a mão livre para baixo do estômago dela, sentindo a cintura dela. Ela ficou tensa, mas não conseguia se mover.

Ela lutou novamente enquanto ele desabotoava sua jaqueta, mas ele continuou a segurá-la. Sua respiração acelerou enquanto ele passava as mãos pelos quadris e laterais dela. Ela desviou o olhar, tremendo de raiva, e esperou. Ele usou as costas da mão para tocá-la, um movimento que pareceu estranhamente atencioso, mas só alimentou sua frustração.

Movendo-se para baixo, ele passou a mão sobre as coxas externas dela e puxou o joelho dela para cima para alcançar as panturrilhas dela através das botas. Ele terminou, mas não a soltou. Eles ficaram em silêncio, o rei acima dela. As poças escuras de seus olhos não continham a hostilidade amarga que eles já tiveram. Embora ele certamente não fosse gentil, ele não estava tentando machucá-la, e apesar de seu aperto, sua raiva começou a se dissipar.

O rei a soltou, levantando-se e ajeitando suas roupas. Ele limpou o sangue da ponta do nariz e passou a língua sobre o lábio.

Ela se levantou de um salto, o coração batendo forte enquanto ele a observava. Ele engoliu em seco e se mexeu. A fúria dela diminuiu um pouco enquanto ela tentava entendê-

lo. Ele parecia em guerra mentalmente, mas então puxou outro cordão de couro de suas mochilas e se aproximou dela novamente.

“Devo fazer isso à força também?” ele perguntou.

Ela fervia de raiva, mas estendeu as mãos para serem amarradas. A pele estava em carne viva, e ela fez uma careta quando ele puxou a corda firmemente em volta dos pulsos dela. Os olhos dele se encontraram com os dela quando ele terminou — eles estavam quase se desculpando, mas apenas por um momento.

Ele pediu outro saco de dormir, e o estômago dela revirou ao perceber que dormiria na mesma barraca que ele. Um saco de dormir foi trazido rapidamente, e ela o olhou irritada antes de se acomodar nele.

Norah virou as costas para o Rei das Sombras e tentou se imaginar sozinha. Ela não o ouviu atrás dela, e isso a deixou desconfortável, mas ela não ousou olhar para ele. Lágrimas ameaçaram. Ela mordeu o lábio bruscamente, forçando uma respiração regular. Ela não podia se permitir chorar.

Apesar das circunstâncias e da amarração, ela dormiu. Em seus sonhos, ela viu o rosto de Caspian. Ela viu seus homens caindo, um após o outro, e tudo o que ela podia fazer era assistir.



Capítulo vinte e seis

Norah acordou com uma tenda vazia. O rei tinha ido embora. Ela penteou os dedos pelos cabelos, trançando novamente as mechas e prendendo fios rebeldes atrás da orelha o melhor que suas mãos amarradas conseguiam. O que eles fizeram com suas coisas quando a capturaram? Ela encontrou uma bacia de água, que esperava que fosse fresca, e lavou o rosto e as mãos. Então ela saiu. O sol ainda não tinha nascido, mas a luz se infiltrava sobre as colinas. O ar fresco resfriava a umidade que permanecia em sua pele. Ela estremeceu.

O enorme exército das Sombras começou a se reunir, mas não havia sinal do rei. Ela se virou e, quase colidindo com um soldado, pulou. Não era um soldado, ela percebeu rapidamente, mas o bruto do rei. Ela não conseguia ver seu rosto com o manto na cabeça, apenas seus olhos, que eram como os do rei — piscinas escuras de noite. Havia algo sobrenatural nele, e ela engoliu seu medo. Ele não era realmente um demônio, ela disse a si mesma. Ela o machucou.

Ele segurou um cavalo para ela, permanecendo em silêncio.

"Onde está o rei?" ela perguntou, pegando as rédeas e tomando cuidado para não tocar na mão dele.

Ele não respondeu, virou-se e montou em seu cavalo.

"Eu sei que você pode falar", ela murmurou, e montou em sua montaria.

"Não tente escapar", ele alertou.

"Levarei seu pedido em consideração."

O bruto olhou para trás por cima do ombro, sua impaciência com ela era óbvia. "Não tente escapar, ou eu vou andar com você nua atrás de mim com uma corda em volta do seu pescoço como um cachorro."

Norah engoliu seu horror com o pensamento. Ela suspeitava que ele estava apenas tentando assustá-la, mas decidiu que era melhor não testá-lo. Ela tinha feito um espetáculo dele no dia anterior, e ele parecia que iria gostar de humilhá-la se pudesse.

"Bem, vá na frente", ela murmurou.

Eles seguiram para o oeste, se separando e deixando o exército para trás. A geada cobria o chão, e o vento feria suas bochechas. Eles atingiriam a neve antes do fim do dia. Ela desejou ter seus pertences — as luvas mais grossas, as roupas mais quentes.

Eles cavalgaram em silêncio. Ela resistiu à vontade de fazer perguntas. Ela sabia que ele não responderia. O exército ficou mais para trás enquanto cavalgavam. Ela queria voltar. Não era que ela quisesse voltar para o exército, mas sim que ela não queria ficar sozinha com o bruto.

O tempo passou, e ela ficou mais inquieta. Para onde eles estavam indo? Onde estava o rei? O comandante estava planejando matá-la? Por que mais eles teriam deixado o exército? Por que mais eles estariam sozinhos?

O cheiro de fumaça interrompeu seus pensamentos. Quando chegaram ao topo da colina, ela engasgou com a visão. Uma pequena cidade murada estava em ruínas diante deles. Eles se aproximaram, e a magnitude da destruição a atingiu.

Cabeças empaladas enfileiravam-se nos portões da frente, uma mensagem grotesca para qualquer um que passasse. Seu estômago revirou e ela desviou o olhar, mas não havia lugar para olhar que não mostrasse os horrores que aconteceram. Corpos carbonizados cobriam o chão e prédios ardiam. Seu cavalo bufava nervosamente. Um sapato de criança estava na lama e a respiração de Norah tremia. O que aconteceu aqui?

O rei os encontrou no centro da cidade em ruínas, esperando em seu cavalo da noite, e ela olhou para ele horrorizada.

"Como você pôde…" Norah não conseguiu terminar.

"Esta não é minha mão", ele disse.

"Então quem?"

"Essa é uma pergunta para você, Rainha do Norte."

A confusão a incomodou. "O quê?"

"Estas são terras protegidas pela Mércia, e este não é um ataque normal."

Norah engoliu a bile na garganta. "Isso não significa que este foi um ataque contra Mércia."

"Talvez não." Ele fez uma pausa. "Ou talvez sim."

Norah olhou para a cidade, sobrecarregada pela morte ao seu redor — a morte de todas essas pessoas inocentes. A raiva cresceu dentro dela.

"Você realmente não sabe quem pode ter feito isso?" ele perguntou.

"Mércia tem apenas um inimigo," ela disse amargamente. E ela estava olhando diretamente para ele.

"Ninguém tem apenas um inimigo." Seus olhos, escuros e estranguladores, se encontraram com os dela. "E há homens piores do que eu, Rainha do Norte. Você fará bem em se lembrar disso."

Quem poderia ser pior que o Rei das Sombras? O pensamento atingiu Norah com força, e ela engoliu a náusea que subia em sua garganta.

Ele se virou para os dois soldados que o acompanhavam. "Terminamos aqui."

Sua testa franziu. "É isso? Nós vamos voltar?"

O rei incitou sua montaria a avançar. "Você prefere ficar aqui?", ele gritou por cima do ombro.

Ela preferia não ter vindo aqui de jeito nenhum. Norah mordeu o lábio trêmulo. Ela não aguentava mais; estava doente na mente e no coração. Mas o que ela podia fazer? Nada. Ela não podia fazer nada além de seguir atrás.

A viagem de volta ao exército foi tão silenciosa quanto tinha sido com o bruto. Norah tentou tirar as imagens da vila da mente. Como alguém poderia causar tamanha devastação? E por quê?

Os dias de inverno eram curtos, e a escuridão os atingiu cedo. Norah confiou em seu cavalo para segui-la quando ela perdeu de vista o rei à sua frente. Ela cochilava enquanto cavalgavam, desejando estar de volta à tenda, aquecida em seu saco de dormir.

De repente, ela acordou sendo puxada do cavalo. Uma mão cobriu sua boca antes que ela pudesse gritar.

"Quieta", o Rei das Sombras sussurrou em seu ouvido.

Norah lutou contra ele.

"Quieto!" ele sibilou.

Seu coração batia forte, e o alarme corria por suas veias.

Ele a puxou pela escuridão até uma cobertura de arbustos, e eles espiaram para ver um grupo de homens sentados ao redor de uma fogueira. Eram oito, talvez nove — mais do que o número de soldados com o rei. Eles falavam em uma língua que ela não reconhecia.

"Vagabundos", ele disse calmamente.

O estômago de Norah revirou ao se lembrar de seu encontro na Natureza.

“Fique aqui e fique abaixado”, ele sussurrou, e então desapareceu.

Norah se agachou, ouvindo e tentando não respirar. Ela lutou contra a amarração em volta dos pulsos, desejando sua adaga novamente, enquanto observava os homens ao redor da fogueira.

De repente, um homem se endireitou e olhou para a escuridão, na direção oposta à dela. Ele chamou os outros, que se aquietaram e sacaram suas espadas. Eles deixaram o fogo para investigar, e Norah se esforçou para vê-los enquanto desapareciam na noite.

A escuridão estava quieta ao redor dela. Para onde os cavalos tinham ido? Onde estava o Rei das Sombras e seu bruto? Onde estavam os andarilhos agora? Seu coração batia na garganta. Ela estava sozinha. Ela se agachou mais.

De repente, o som de uma luta soou. Armas cantavam juntas na noite. Ela não conseguia vê-las, mas conseguia ouvi-las de longe.

O coração dela pulou. Ela estava sozinha…

Era esse o momento? Ela poderia escapar?

Antes que ela pudesse se convencer do contrário, ela se virou e tropeçou colina abaixo atrás dela. A amarração em suas mãos dificultava a corrida. Arbustos rasgavam suas roupas. Um galho fino de uma árvore invisível a atingiu no rosto e cortou sua bochecha, mas ela não diminuiu o ritmo. Ela não parou. Suas pernas queimavam, e seus pulmões pareciam que iam explodir. Ela tropeçou em algo e caiu no chão, abafando um grito quando uma pontada de dor percorreu seu braço, mas ela cerrou os dentes e se levantou de volta. Ela tinha que continuar.

Norah sabia que precisava de distância, e fugiu mais para dentro da noite. Ela chegou a um barranco íngreme e pensou que não chegaria ao topo, mas se levantou e tropeçou no outro lado. Através das árvores, depois através do aberto, ela correu. Em algum momento, ela tropeçou em um riacho, quebrando a fina camada de gelo no topo e encharcando a parte inferior de seu vestido de montaria. Ainda assim, ela correu. Quando não conseguiu ir mais longe, ela deixou suas pernas desacelerarem. Elas tremiam de fadiga, e ela se firmou contra uma árvore. Sua respiração ecoou pela escuridão, e ela tentou acalmá-la para poder ouvir.

Silêncio. Havia silêncio ao redor dela. Seus pulsos estavam em carne viva. Ela precisava tirar a atadura. A lua fornecia pouca luz, apenas o suficiente para mostrar as árvores ao redor dela.

Qual caminho?

Norah respirou fundo e decidiu continuar na direção que estava indo, mas uma sombra surgiu na frente dela e a agarrou. Ela gritou, e um golpe forte a atingiu no rosto. Ela caiu para trás na dureza do chão frio, tirando o ar de seus pulmões. Uma gargalhada escapou de outro homem à sua direita. Ele gritou algo para seu agressor que ela não entendeu. Ela lutou para respirar, mas o homem de repente estava em cima dela, prendendo-a. Ele gritou com ela com um sotaque cortante, e não havia nenhuma bandagem em volta de seu rosto. Estes não eram Shadowmen.

Ele forçou os braços amarrados dela acima da cabeça e os manteve ali. A corda comeu seus pulsos enquanto ela lutava desesperadamente para soltá-los. Ela gritou, mas outro golpe em seu rosto a atordoou.

Mais homens gritaram, encorajando-o. Outro par de mãos a agarrou, ajudando seu captor a segurá-la. Ela lutou mais. O homem em cima dela puxou suas calças por baixo do vestido de montaria, mas não conseguiu soltá-las.

“Não!” ela gritou, lutando contra eles. A lâmina fria de uma faca cortou a perna de suas calças sob seu vestido de montaria.

Norah empinou freneticamente, o pânico se instalando. O homem em cima dela forçou os quadris entre as pernas dela e se abaixou para se soltar. A curva do ombro dele atingiu o queixo dela e ela o mordeu. Com força. Ele grunhiu e deu outro golpe no rosto dela.

Isso não podia estar acontecendo. Ela chutou, mas não era páreo para ele. Ele agarrou a coxa dela para segurá-la.

Nesse momento, outra sombra passou por ela, e uma fonte de calor espirrou em seu rosto. *Sangue* . O peso do agressor saiu dela, e suas mãos a soltaram. Ela estava livre. Ela se arrastou para trás, mas seus braços ainda estavam amarrados.

O som do aço encontrando carne sibilou pela noite, e as silhuetas dos corpos caíram no chão enquanto eram cortados. Ela ficou de pé, trêmula. Suas pernas não pareciam capazes de carregá-la. Ela se afastou do som da morte, tropeçando entre as árvores. Ela abafou seus gritos, seu medo a ajudando a se concentrar em uma coisa: escapar.

Mas mãos a agarraram novamente e ela gritou.

“Me solte!” ela gritou, tentando se soltar.

“Pare”, uma voz retumbou.

Mas ela não faria isso. Ela não podia. Ela precisava ser livre.

“North Queen,” ele disse, segurando-a enquanto ela o atacava com seus punhos amarrados. Ela não conseguia conter os soluços enquanto o desespero se fechava ao seu redor. Ele a puxou para perto, segurando-a firmemente — não o aperto da captura.

“Rainha do Norte”, ele disse novamente.

O Rei das Sombras .

Sua resistência enfraqueceu quando ela percebeu, e uma onda de alívio tomou conta dela, mas ainda assim, ela não conseguiu conter sua emoção.

“Acalme-se”, ele disse calmamente.

Uma lâmina escorregou entre seus pulsos, cortando a amarração, e ele a retirou. Estava pegajosa com o sangue dela, e ardia quando ele a puxou de sua pele. Ela ficou tremendo enquanto ele se ajoelhava e cortava suas calças esfarrapadas de sua perna. O calor de sua capa a envolveu, e ela não lutou quando ele a pegou em seus braços.

O som de cavalos se aproximava, mas ele não a colocou no chão. Surpreendentemente, ele se levantou em seu corcel enquanto a segurava. Ela ficou aliviada; ela não achava que conseguiria ficar de pé.

Eles cavalgaram lentamente. Ela tentou lutar contra o desamparo que a destruía, mas não conseguiu. Não havia mais luta nela. Os braços dele apertaram-na enquanto ele a carregava, e ela virou o rosto para o peito dele enquanto as lágrimas vinham.



Capítulo vinte e sete

Norah e o rei chegaram ao acampamento do exército das Sombras e chegaram à tenda dele. Ele desceu do cavalo e a colocou no chão. Ela estava um pouco instável em seus pés, mas se recompôs. Sentindo o frio contra suas pernas nuas, ela puxou a capa mais apertada em volta de si e se abaixou para dentro.

Poucos momentos depois, o rei entrou. Sem seu capacete e armadura, ele não parecia mais um monstro. Ele colocou um pano limpo e uma pequena bacia perto do saco de dormir dela. "Estarei lá fora", ele disse a ela.

Ele se virou para ir embora, mas parou. Ele puxou a camisa sobre a cabeça e a pendurou perto da bacia. “Você pode usar isso até encontrarmos outra coisa para você.”

Com isso, ele a deixou na luz fraca das velas. Suas mãos tremiam enquanto ela lentamente tirava a capa. Sua jaqueta estava suja, mas ainda útil, e ela a tirou dos braços. O vestido de montaria, por outro lado, estava rasgado na lateral. Ela não conseguiria salvá-lo. Ela tirou sua camisa. Estava rasgada apenas na parte inferior. Se uma camisa e calças pudessem ser encontradas, ela poderia se recompor um pouco.

Norah tremeu enquanto molhava o pano na água e esfregava a pele. Seus olhos se encheram de lágrimas, e ela piscou para afastar as lágrimas. O sentimento de desamparo, de violação, retornou. Um soluço escapou dela. Ela esfregou o estômago, as pernas, todos os lugares em que havia sido tocada. Sua pele ardia sob a fricção da água fria. Ela nunca mais se sentiria limpa. Ela vestiu a camisola de volta e puxou a camisa do rei sobre a cabeça. Era grande nela e cobria até o meio da coxa.

Ela estendeu a mão para refazer a trança no cabelo e sentiu o inchaço dos golpes que havia recebido. Ainda havia sangue em seu rosto. Ela precisava de água limpa, mas não conseguiu pedir. Ela enrolou suas roupas rasgadas em uma bola e as jogou ao lado da cama. Enquanto ela se arrastava para baixo do cobertor, seu corpo tremia incontrolavelmente. Ela

estendeu a mão e puxou a capa sobre si também, rolando para o lado e puxando os joelhos para cima, derrotada.

Depois de um tempo, o rei entrou cautelosamente na tenda, observando a água tingida de sangue e Norah, encolhida e observando-o por baixo de sua capa. Ele pegou a bacia e voltou com água fresca e outro pano. Ele se abaixou no chão ao lado dela e submergiu o pano. "Seu rosto", ele disse enquanto torcia a água.

Lentamente, ela se sentou, mas não conseguia olhá-lo nos olhos. Ela estendeu a mão para o pano, mas ele se afastou, querendo cuidar dela ele mesmo. Ela não tinha vontade de lutar com ele.

Norah desviou o olhar quando ele levou o pano até a testa dela, logo abaixo da têmpora. Foi onde o primeiro golpe a pegou. Ela se encolheu com a lembrança. Ele passou o pano sobre a pele dela com uma gentileza inesperada, limpando o sangue seco com uma esponja. Ela ficou tensa quando ele tocou seu queixo, virando o rosto para ele. Ele examinou sua bochecha direita e o corte em seu lábio, então limpou ao redor deles também.

“Acho que agora temos a mesma aparência”, disse ele.

“Por que você está sendo gentil comigo?” ela retrucou. Ela não conseguia suportar a pena dele além de tudo.

“Eu respeito meus inimigos.”

Raiva passou por ela. “Sério? Respeito?” ela sibilou, encontrando os olhos dele. “A Rainha do Norte — capturada, humilhada, espancada…” Ela não conseguiu evitar o tremor em sua voz.

Suas narinas se dilataram, e ele desviou o olhar. Virando-se para ela, ele disse: "Não tenho prazer em vê-la desse jeito."

Ela ficou surpresa ao perceber que acreditava nele.

Ele jogou o pano na água e se levantou. Ela o observou, ainda cautelosa, mas sentiu-se começar a se acalmar. Seu olhar foi até a coxa dele, onde o sangue escorria pelas calças. Ele tinha sido ferido? Ela conteve as palavras que quase saíram; ela se recusou a mostrar preocupação por esse homem. A culpa era dele. Ele era a causa de tudo isso.

Norah se encolheu no saco de dormir, puxando o cobertor e a capa sobre si novamente, e esperou pelo sono que não viria.



Mikael estava bravo. Mais do que bravo. Ele olhou para a Rainha do Norte enquanto ela estava encolhida no saco de dormir, debaixo de sua capa. Ela tinha corrido. Se tivesse ficado escondida, não teria sido pega e isso não teria acontecido. Ele disse para ela ficar parada. Ela não ouviu.

Ele se abaixou para pegar a bacia e saiu da barraca.

"Salar", um soldado o chamou e se ofereceu para pegar a bacia, mas Mikael balançou a cabeça.

"Eu cuido disso", ele respondeu.

Ele jogou a água fora e caminhou até o riacho próximo para pegar mais. Sua perna doía, mas ele acolheu a dor. Ela o distraiu do constrangimento de seu fracasso. Ela era rápida. Mesmo com as mãos amarradas, levou um bom tempo para alcançá-la. Ele se lembrou de como a ouviu gritar e como parou de repente. Ele correu em direção ao som, seu coração batendo forte.

Os atacantes dela eram Cavaleiros. Ele os tinha visto na escuridão; ele tinha visto o homem em cima dela. Mikael se lembrou da raiva que sentiu quando arrancou a cabeça do homem para trás e arrastou sua lâmina pelo pescoço dele. Foi uma morte muito gentil.

Quando ele puxou o corpo dela e matou o segundo homem que a segurava, ela lutou para escapar. Ela era como um animal ferido, tentando fugir, lutar, permanecer viva. Ele e seu comandante mataram o resto dos Cavaleiros, mas não antes de um deles acertá-lo na coxa com uma lâmina.

Ele balançou a cabeça, lembrando-se da ferocidade dela na base da fortaleza. Ela era boa em uma luta. *Boa demais* . Ela poderia ter se defendido se não tivesse sido amarrada. Por que ele a amarrou? Ele estava bravo por ela ter tentado escapar novamente, mas era algo que ele teria feito no lugar dela.

Esta rainha o surpreendeu. Ele girou o ombro e estremeceu com o alongamento dos pontos sob o braço onde ela o esfaqueou com sua adaga. Ela era forte. Ousada. Nem um pouco o que ele imaginou que ela fosse. Ele quase se arrependeu do que faria com ela. Ele tentaria fazer com que fosse indolor.

Quando ele retornou à tenda, ela estava deitada como ele a havia deixado, sob o cobertor e sua capa. Seus olhos estavam fechados, mas ele duvidava que ela estivesse dormindo. Seus homens encontraram uma pequena camisa e algumas calças extras de um garoto de armas que a acompanhava, e ele as colocou ao lado dela.

Mikael ficou de pé sobre seu próprio saco de dormir e tirou suas roupas de couro, botas e calças. Ele olhou para o corte em sua coxa. Era mais profundo do que ele pensava, e ele fez uma careta enquanto o amarrava com tiras de linho. Ele esperava que a lâmina não estivesse envenenada, mas conhecendo os Cavaleiros, com suas misturas e tônicos, ele não estava confiante. Não importa. Ele era um homem grande e forte. Não seria a primeira vez que ele pegaria uma lâmina envenenada. Poderia tornar os próximos dias particularmente dolorosos, mas ele conseguia controlar a dor.

Apagando a vela, ele se acomodou no tapete, olhando para a escuridão. Demorou muito para o cansaço se instalar enquanto ele repassava os eventos repetidamente em sua mente. Quando o sono veio, veio levemente, e ele se viu flutuando acordado novamente. No silêncio da noite, ele ouviu o som da respiração dela. Suas respirações eram cortadas e irregulares — gritos silenciosos. Seu peito apertou. Doeu mais do que a lâmina do Cavaleiro.



Capítulo vinte e oito

M ikael levantou-se antes do amanhecer. Ele silenciosamente juntou seus couros e botas. A rainha ainda estava dormindo e vestindo sua camisa; ele teria que pegar outra.

Seu corpo se movia rigidamente. O ferimento na coxa dificultava a caminhada, mas, quando ele saiu para a manhã, o ar frio pareceu trazer de volta sua força. Roupas limpas o esperavam do lado de fora, e ele as vestiu.

Um de seus capitães se aproximou e olhou para ele com uma sobrancelha erguida. Mikael supôs que parecia estranho que ele estivesse se vestindo fora de sua tenda.

"Salar", cumprimentou o capitão.

"Katya," ele respondeu enquanto calçava suas botas. "O que você descobriu sobre a cidade?"

Katya balançou a cabeça. "Não encontramos nada."

Mikael fez uma pausa. "Nada?"

"Não, Salar."

O rei balançou a cabeça. "Aquela era uma cidade murada com homens blindados e guerreiros. Seria preciso um exército para destruí-la."

"Bem, é como se eles tivessem desaparecido", ela disse a ele.

"O mesmo é dito de nós. Encontre-os. E os vagabundos que pegamos ontem à noite?" Eles tinham alguns despojos. Obviamente, eles saquearam a cidade depois que ela foi destruída. "Descubra se eles viram alguma coisa."

Katya balançou a cabeça. "Eles estão todos mortos, Salar."

A testa de Mikael franziu. Seus homens trouxeram quatro deles de volta ao acampamento vivos. "O quê?"

Ela gesticulou para os corpos próximos. "Parece que um matou os outros, depois a si mesmo."

"Por que?"

Ela balançou a cabeça novamente. “Talvez eles temessem a morte que você poderia escolher para eles. Ou talvez eles soubessem de algo que não queriam que descobríssemos.”

“Agora, o que poderia ser isso?” Mikael perguntou baixinho. Ele teria que pensar nisso depois.

“Você está bem, Salar?”, perguntou a capitã, com uma leve preocupação na testa.

“Estou bem o suficiente”, ele disse. “Tenha dois cavalos prontos.”

“O que devemos fazer com os corpos?”

Mikael olhou de volta para os andarilhos. “Deixe-os para os pássaros.”

Katya assentiu. “Sim, Salar.”



“Rainha do Norte.”

Norah acordou com o rei chamando-a, e ela se virou para vê-lo parado na aba frontal da tenda. Ela se sentou, brevemente confusa, mas então a memória da noite anterior voltou a ela. O manto dele ainda estava sobre ela, e ela o agarrou em seus punhos.

“Quero te mostrar uma coisa. Vista-se. Venha comigo.” Ele saiu, dando privacidade a ela.

Ela ainda estava com a camisa dele, mas espiou as roupas limpas perto do saco de dormir e se levantou rapidamente para vesti-las, junto com sua jaqueta e botas. Sua mente girava com os eventos da noite anterior e a estranha gentileza do rei. Então ela afastou isso. Ela não tinha certeza do que tinha acontecido, mas nada havia mudado. Ela ainda era uma prisioneira, e seu exército estava marchando para travar uma guerra que ela sabia que eles não poderiam vencer.

Norah saiu da tenda. Embora tivesse recuperado sua jaqueta, ela ainda tremia no frio da manhã. Ela ficou surpresa ao ver o rei parado com dois cavalos selados.

“Para onde estamos indo?” ela perguntou.

Ele não respondeu, e ela sentiu um lampejo de irritação. Ninguém conseguia responder a uma pergunta?

Ele estendeu uma capa para ela. Sua irritação desapareceu, mas só um pouco. Ela colocou a capa em volta dos ombros, grata pelo calor. Seu cavalo pateou o chão congelado enquanto ela montava, sentindo a ansiedade do cavaleiro.

Norah parou quando viu os corpos dos andarilhos. Ela sabia que eles estavam mortos, mas sentiu uma pontada de medo percorrendo-a enquanto pensava na noite anterior.

Ao lado dela, o rei montou seu corcel.

“Eles são os homens que…” ela não conseguiu terminar.

“Não. Seus atacantes eram Cavaleiros. Estes são alguns dos vagabundos ao redor do fogo que vimos em nosso caminho de volta da vila.”

Cavaleiros? Eles estavam perto das Tribelands? Isso os colocaria bem ao sul de Mércia.

Ela olhou de volta para os andarilhos. A pele deles era de um azul ceroso, e os olhos de um homem ainda estavam abertos. Norah engoliu sua náusea. Havia uma marca estranha centralizada na testa de um deles. Era escura. Sangue seco, talvez. Ela desviou o olhar e se virou para o rei, que estava esperando.

“Estamos deixando o exército de novo?” ela perguntou. Isso não podia ser bom.

“Nós os alcançaremos.”

Ele incitou seu cavalo a avançar, e ela o seguiu. Eles se separaram do exército e subiram uma colina até uma área arborizada. O vento cortante trouxe lágrimas aos olhos dela e as congelou em suas bochechas. Ela incitou seu cavalo a acompanhar o corcel de batalha do rei enquanto cavalgavam por entre as árvores. Bramble rastejou para a trilha, mas ela sabia que antes era um caminho bem usado. Uma inquietação se instalou em seu estômago enquanto ela se perguntava para onde ele a estava levando. Ela não achava que conseguiria lidar com a visão de outra cidade destruída.

Ela o observou enquanto cavalgavam. Ele usava sua armadura, mas não seu capacete. Sem ela, ele parecia menos monstro. Os eventos da noite anterior a confundiram. Aparentemente, ela era uma responsabilidade dele, mas por que ele tentou confortá-la? Por que ele se importava? Ela não entendia, mas não conseguia confundir sua breve gentileza com a segurança de confiar nele. Ele queria o Norte. Ele a queria morta.

Sua mente se voltou para Mércia. Ela invejava quem ela tinha sido uma semana atrás, antes de saber dos horrores desta guerra, antes de saber de sua impotência. O inverno persistente era a menor de suas preocupações agora. Ela sabia que Alexander traria todo o exército de Mércia para ela, e se eles fossem dizimados, não sobraria nada para proteger Mércia. O Rei das Sombras destruiria todos eles. Ela precisava escapar e levar seu exército de volta para Mércia para proteger seu povo.

Eles chegaram à beira da floresta, e colinas ondulantes se abriram à sua frente. Ela viu uma mansão rural abandonada à distância e suspirou aliviada. Não havia tochas ou cabeças empaladas — isso era um bom sinal.

O rei parou por um momento. Ele olhou para a casa e então explorou a linha das árvores. Ela o observou, notando que algo estava errado. Ele estava pálido. O suor escorria por sua testa, apesar do frio. Ela abriu a boca para dizer algo, mas as montanhas ao longe ao norte chamaram sua atenção. *Bahoul* . Seu pulso acelerou. Sozinha com o rei, ela sentiu sua liberdade se aproximar.

O rei examinou a terra com um olhar cuidadoso. Aparentemente satisfeito por não haver ameaça imediata, ele esporeou seu corcel para frente, e ela seguiu atrás. Conforme eles se aproximavam, ela olhou para a mansão. Estava perto de desabar.

O rei diminuiu a velocidade do cavalo, observando a cena ao redor. “Faz muito tempo que não venho aqui”, ele disse.

“Que lugar é esse?” ela perguntou.

Ele não respondeu, e ela franziu os lábios em frustração.

Ele olhou ao redor um pouco mais. “O nome dele é Soren,” ele disse finalmente.

As sobrancelhas de Norah se juntaram. “Quem?”

“Meu senhor comandante. Meu *bruto* , como você diz. Você perguntou de onde ele veio. Esta era a casa de sua família. Meu pai o encarregou desta terra. Ela se estende pelas montanhas ao norte.”

“Para Bahoul? As montanhas que Mércia detém?”

“As montanhas que você roubou de nós”, ele disse com um toque de raiva na voz.

“Depois que você nos atacou”, ela retrucou defensivamente.

"Porque você tomará meu trono."

“Eu não quero seu trono!”

Ele parou e ficou quieto.

Norah olhou de volta para a mansão decadente. Uma calma retornou. “O que aconteceu com eles — a família dele?”, ela perguntou.

“Assassinado. Pelo Norte.” Suas palavras eram como aço, e elas a cortaram.

Ela engoliu a doença na boca. Não conseguiu se forçar a perguntar como, mas não precisava.

Ele respirou fundo e continuou. “Tínhamos montado um acampamento aqui para nossos feridos. Quando os exércitos do meu pai recuaram para Kharav, o Norte os seguiu, mas não

apenas até a fronteira. Eles os flanquearam por todo o caminho de volta para as montanhas e além, destruindo vilas, fazendas... fazendeiros."

Norah mordeu os lábios rachados, observando-o.

Ele continuou. "Estávamos aqui, e eles vieram até nós. Eles assassinaram todo mundo: a mãe de Soren, seu irmão, sua irmã. Todo mundo."

Norah se forçou a respirar.

"Nós lutamos", disse o rei, "mas não foi o suficiente. Meu pai caiu. Fiquei ferido. Gravemente." Seus olhos ficaram vidrados enquanto ele encarava a mansão. Ele se endireitou, e sua voz saiu apenas um pouco mais forte. "O pai de Soren tinha sido capitão do Crest, um grande guerreiro, antes de se tornar senhor de Bahoul. Ele disse a Soren para me levar de volta a Kharav, para me proteger. E então ele pegou sua espada e correu para segurar os nórdicos enquanto nós fugíamos. Essa foi a última vez que o vimos."

Norah não conseguia falar. Ela só tinha ouvido falar dos triunfos da Grande Guerra, não das tragédias.

"Viajamos por dias, até chegarmos a Aviron, um pequeno reino ao longo das terras fronteiriças. Achamos que eles nos ajudariam, mas eles sabiam quem eu era no momento em que me viram. Eles me capturaram, eles..." Sua voz sumiu. "Soren encontrou uma maneira de nos libertar, e fugimos novamente. Finalmente alcançamos os cânions e conseguimos chegar a Kharav. Ele ia voltar para casa, mas eu disse a ele: 'Não há mais nada para você. Somos irmãos agora, e você ficará comigo.'"

Norah olhou para a fazenda horrorizada, engolindo a emoção na garganta. "É por isso que ele me odeia tanto," ela disse suavemente.

O Rei das Sombras deu um bufo fraco. "E você matou o cavalo dele," ele acrescentou.

" *Ele* matou o cavalo", ela corrigiu.

"Deixar você escapar não era uma opção," ele retrucou defensivamente, então fez uma pausa. "Não há nada que ele não sacrificaria por mim, pela minha causa." Sua voz veio mais suave. "Mesmo aquilo que ele mais preza."

Norah não tinha certeza se acreditava que o bruto era capaz de segurar algo caro. Ela olhou de volta para a mansão caindo. Ela também não queria acreditar que seu pai causaria tamanha devastação.

O rei deu uma tosse forte, e ela olhou para ele. Ele estava olhando para sua mão. Seus lábios estavam manchados de sangue. Ele balançou na sela e começou a cair para a frente.

"Você está bem?" ela gritou para ele.

Ele não respondeu.

Ela incitou seu cavalo para perto dele, inclinando-se cautelosamente para mais perto. “Rei Mikael, você está bem?”

Algo estava errado. Sua respiração era curta e superficial, e seus movimentos eram letárgicos.

“Você não está bem?” ela perguntou.

“Estou bem o suficiente”, ele lutou. “Devemos voltar.” Ele mudou seu peso para controlar seu cavalo, mas começou a cair.

Ela estendeu a mão e o pegou, segurando-o firmemente. “O que está acontecendo?”

Ele piscou e agarrou o braço dela. “Estou bem, só me ajude a subir no meu cavalo.”

“Você está no seu cavalo! O que há de errado com você?”

Seus sentidos pareceram retornar um pouco. “A lâmina,” ele disse. “É o veneno.”

Ela balançou a cabeça quando a confusão a atingiu. “A lâmina? Que lâmina?” Então ela se lembrou da noite anterior. “Você está falando sobre o ferimento na sua perna? Você foi esfaqueado? Isso foi ontem! A essa altura…” Suas palavras caíram. A essa altura, já teria se espalhado pelo corpo dele.

Ela parou. Ela tinha um cavalo. Seus olhos encontraram as montanhas ao longe, e elas a chamaram. As montanhas onde ela encontraria seus nórdicos. Eles poderiam levá-la de volta para Mércia. *De volta para Alexandre* .

Ela se virou para o rei. Certamente seu comandante não sabia que eles estavam aqui. Ela olhou de volta para as montanhas. Mesmo que ela quisesse salvá-lo, era improvável. Ela não conseguia parar o veneno.

Ele vacilou, e ela o agarrou com mais força para mantê-lo de pé, lutando enquanto os cavalos se moviam.

“O inferno de Hammel,” ela xingou, decidindo. Ela realmente se odiava agora.

Norah incitou sua montaria a se aproximar e desajeitadamente subiu no corcel do rei atrás dele. Ela colocou os braços ao redor dele e conduziu o cavalo de volta para a linha das árvores.

“Se você cair, não tem como eu te colocar de volta”, ela disse a ele. “Eu vou te deixar aqui!”

Ele deu um bufo fraco.

Onde estavam os soldados quando ela precisou deles?

Norah incitou o corcel a avançar. Ela xingou novamente enquanto a raiva crescia dentro dela — raiva de si mesma, da situação, do rei. "Como você foi esfaqueado com toda essa armadura?" ela retrucou. "E por que você não pediu ajuda antes? Todos os homens são tão idiotas?"

Sua onda de repreensões caiu em ouvidos inconscientes, e ela cerrou os dentes em frustração. Ela olhou para a linha de árvores em busca do caminho para retornar, mas ele parecia ter desaparecido. Norah lutou com o peso do rei enquanto varria a base das árvores. Sua busca não rendeu nada. Ela puxou o cavalo para cima, sentindo que tinha ido longe demais, então virou o corcel. O peso do rei mudou para a esquerda, e ela se agarrou a ele para impedi-lo de cair. Ela xingou novamente em voz baixa, com medo de não conseguir fazê-lo voltar a semear dentro dela. Nesse momento, ela avistou o caminho entre duas árvores enormes e suspirou palavras de agradecimento a quaisquer deuses que estivessem ouvindo.

A viagem do exército até a mansão não pareceu longa, mas o caminho de volta pelo caminho pareceu um ano. Seus braços queimavam enquanto ela lutava para manter o rei em pé. Ela deu um suspiro de alívio quando eles atravessaram as árvores, e ela viu o exército marchando à distância.

“Soren!” ela gritou a plenos pulmões.

Um movimento percorreu as fileiras enquanto eles olhavam para ver o que estava acontecendo.

“Soren!” ela gritou novamente.

Um homem grande montado em um cavalo se separou do exército, galopando em direção a eles, e ela sabia que era ele. Quando ele os alcançou, ele parou ao lado dela, seu cavalo empinando e excitando o corcel do rei, quase fazendo-a perder o controle sobre o Rei das Sombras.

“O que aconteceu?” o comandante trovejou.

“Ele disse algo sobre um veneno.”

O comandante gritou uma ordem para os homens que corriam em sua direção, e outros também se separaram das fileiras. Apesar da cobertura em seu rosto, ela podia ver o alarme em seus olhos. Ele rosnou outra explosão de comandos e então esporeou seu cavalo para longe.

Soldados cercaram a montaria do rei, e Norah deslizou para fora enquanto eles o puxavam para baixo e o carregavam para uma tenda que estava sendo erguida ali perto.

Eles olharam para ela cautelosamente, mas a deixaram sozinha, e ela os seguiu para dentro enquanto eles deitavam o rei no saco de dormir. Ela observou enquanto eles o despojavam de sua armadura, sentindo-se perdida para ajudar. Eles tinham os meios para salvá-lo?

“Onde está seu curador?” ela perguntou.

Como se fosse uma deixa, outro homem entrou com uma pequena mochila. Ele lançou um olhar penetrante para ela enquanto ela se aproximava para ver melhor, mas rapidamente voltou sua atenção para o Rei das Sombras. Sangue encharcou as calças do rei, e o homem usou uma adaga para cortar o tecido. Então ele tirou as bandagens pingando da perna do rei para inspecionar o ferimento.

Norah engoliu em seco, nervosa. A essa altura, já deveria ter formado uma crosta. Não tinha. “Não é coagulação”, ela murmurou, e olhou para o soldado. “É por causa do veneno?”

Ele lançou-lhe um olhar penetrante, mas não respondeu.

“Vocês não falam?” Ela tirou o cabelo do rosto com o antebraço, frustrada.

O soldado tirou uma agulha da mochila e enfiou um fio fino nela. Pelo de cavalo, talvez? Ela não se incomodou em perguntar. Ele começou a trabalhar no ferimento, despejando uma mistura de limpeza sobre ele e então juntando a pele, fechando cuidadosamente a carne. O sangue vazou enquanto ele trabalhava. Quando terminou, ele puxou tiras de bandagens e as enrolou firmemente ao redor da coxa do rei. Estava muito apertado, ela pensou, mas ela ficou quieta. Ele a prendeu fechada.

“E agora?” ela perguntou enquanto ele cobria o rei com um cobertor.

O soldado olhou para ela sombriamente. Ele não respondeu.

“Nós esperamos”, disse uma voz feminina.

Norah olhou para cima assustada e viu uma mulher parada no canto da tenda. Ela não a tinha notado ali antes.

A mulher recortou comandos na língua das Sombras, e os outros homens saíram da tenda até que somente ela permaneceu com Norah e o rei.

Norah a observou, fascinada. Não só essa mulher era uma soldada, mas claramente, ela ocupava uma posição de poder. Ela usava um xale sobre sua cabeça e rosto, como os homens, mostrando apenas seus olhos. O que revelava seu sexo, além de sua estrutura menor, era sua couraça, que era esculpida do corpo de uma mulher, em cada detalhe. Sua ousadia quase fez Norah corar.

Ela captou o olhar de Norah em sua armadura, e os olhos escuros da mulher insinuaram um sorriso sinistro. "Você gosta?", ela perguntou, sua voz provocativa e provocadora.

Norah sabia que a mulher estava gostando de seu desconforto, e um lampejo de irritação surgiu em suas bochechas. “O Rei das Sombras faz todas as mulheres usarem essas coisas?” ela perguntou brevemente.

A mulher levantou uma sobrancelha. “Faça-nos?” Ela riu. “Eu projetei isso,” ela zombou. “Queremos que nossos inimigos saibam com quem eles lutam na batalha. Queremos que eles saibam que nossas mulheres podem estripá-los.”

Norah engoliu uma resposta condescendente. A declaração da mulher foi poderosa e a atingiu profundamente. Sua irritação desapareceu. Mércia poderia aprender uma coisa ou duas com essas pessoas. "Justo", ela murmurou.

A mulher se mexeu, claramente surpresa com o rumo que a conversa havia tomado.

Norah desviou o olhar pela tenda, sem saber o que fazer. Então ela olhou para suas mãos, que estavam manchadas com o sangue do rei. Ela as torceu.

A mulher gritou novamente na língua das Sombras e, em poucos instantes, um soldado entrou com uma bacia de água fresca.

Norah olhou para ela, apreciando a pequena gentileza. Ela não tinha certeza de como responder nessas situações, ainda sendo mantida contra sua vontade e com a guerra no horizonte, e ela reprimiu o agradecimento em sua língua. Ela submergiu as mãos na bacia, e a água ficou rosa enquanto ela lavava o sangue de sua pele. "Qual é seu nome?" ela perguntou.

Os olhos da mulher se estreitaram, e Norah mordeu o interior da bochecha, sentindo-se tola. Claro, ela não responderia.

“Katya,” a mulher respondeu, surpreendendo-a. “Capitã Katya Sator.”

Os olhos de Norah se arregalaram. *Capitã.* Ela reprimiu o sorriso, tentando mantê-lo para si mesma. Sim, havia muito que Mercia poderia aprender.

Os olhos dela se moveram para o rei novamente, e a preocupação a percorreu. Sangue pingou da narina esquerda dele.

“Oh, não,” ela respirou enquanto se arrastava ao lado dele. Ela virou a cabeça dele em sua direção, e um pequeno rastro de sangue escorreu de sua orelha. Ela olhou para Katya em alarme, e a mulher chamou os outros.

O soldado que havia costurado o ferimento voltou para dentro da tenda, e Norah recuou enquanto ele controlava o rei movendo a cabeça e observando o rastro de sangue.

“O que isso significa?” Norah perguntou a ele, seu medo aumentando. “O que está acontecendo?”

O soldado olhou de volta para Katya e falou com ela em palavras que Norah não entendeu. Mas os olhos da capitã revelaram seu próprio desânimo.

O som de cavalos lá fora chamou a atenção deles, e de repente, o comandante bruto empurrou a frente da tenda, levando um homem atrás dele: um Cavaleiro. Foram os Cavaleiros que a atacaram. Bile subiu em sua garganta, e Norah estremeceu amargamente.

O comandante fez sinal para o homem se aproximar, e Norah recuou rapidamente para dar espaço. O Cavaleiro inclinou a cabeça do rei para o lado e viu o sangue escorrer de sua orelha, então rapidamente procurou uma pequena mochila amarrada em sua cintura. Ele puxou um frasco de líquido e despejou na boca do rei, segurando sua cabeça para o antídoto escorrer. Mais sangue escorreu do nariz e da orelha do rei.

O Cavaleiro olhou para o comandante nervosamente. O coração de Norah batia forte em seu peito; ela entendeu aquele olhar. O resultado foi sombrio.

O comandante rosnou ordens na língua das Sombras, e todos se retiraram, incluindo Katya e o Cavaleiro. Ele olhou para Norah sombriamente, mas a deixou em paz. Então ele se sentou em um tronco não muito longe do rei e esperou.

Ele tirou o xale da cabeça, e ela percebeu que era a primeira vez que o via sem ele. Mikael havia dito a ela que eles tinham a mesma idade, o que era difícil de acreditar com o rosto coberto, mas ela viu agora. A linha afiada de sua mandíbula afunilava-se diretamente em seu queixo, e seu nariz caía reto e simétrico sob sua sobrancelha escura. Ele tinha uma aparência semelhante à do rei. Era um rosto bonito, ela detestava admitir. Todo o resto nele era como ela havia imaginado, no entanto. Seu cabelo preto e grosso estava preso para trás, e o cabelo em seu rosto era curto, quase na pele.

Ela viu as marcas na bochecha dele, de onde ela o havia acertado com as unhas, e os hematomas ao redor da fenda costurada na testa. Ela conteve o sorriso de orgulho pelo seu trabalho.

Ele olhou para cima e viu que ela o observava. Seus olhos eram pretos. Assassinos.

Norah desviou o olhar. O sol estava se pondo, e seu corpo doía. “E se for tarde demais?”, ela perguntou, deixando seu próprio ódio de lado. “Quanto tempo até sabermos se o antídoto está funcionando?”

“O que te importa?” ele rosnou.

“Eu o trouxe de volta, não foi?” ela retrucou.

Havia uma raiva silenciosa nele. Ele usava seu ódio na pele. Norah soltou um longo suspiro. Ela não tinha energia para lutar com ele. Ela se empurrou de volta para um saco de dormir do outro lado da tenda.

“Você não vai ficar aqui com ele”, ele disse brevemente.

“Certamente, nomeiem-me outro guardião”, ela desafiou.

Raiva brilhou em seu rosto. Ela sabia que ele não arriscaria confiar em outro para vigiá-la. “Se você tentar qualquer coisa—”

“Obviamente”, ela disse, interrompendo-o.

Suas narinas se dilataram de raiva, mas ele não disse mais nada.

Norah deitou-se de costas. Ela precisava dormir. Ela puxou as peles sobre si, tentando ficar confortável, e fechou os olhos.



Capítulo vinte e nove

S ela acordou com o frio. Ainda era noite, mas a luz fraca das velas mantinha a tenda longe da escuridão total. Norah não se mexeu, tentando manter o calor preso sob as peles, mas abriu os olhos e viu o comandante sentado ao lado do rei. Ela o observou.

Sua mão estava no peito do rei e sua cabeça pendia de emoção. Sua testa estava pesada de preocupação. Apesar de sua insensibilidade, sua dor a tocou. E algo mais chamou sua atenção.

Ele sussurrou para o rei na língua das Sombras enquanto gentilmente afastava o cabelo da testa. Ele deixou seu polegar roçar a bochecha do rei adormecido e roçar seus lábios. Seus olhos continham uma tristeza ansiosa que ela já tinha visto antes — nos olhos de Alexander. Ela não precisava entender as palavras para entender o significado. *Ele o amava*
.

Mikael lhe dissera que o comandante era como um irmão. Soren o salvara durante a guerra, o trouxera para casa. Claro que eles se importavam um com o outro. Mas esse cuidado parecia além do amor de um irmão.

Norah fechou os olhos com força novamente e estabilizou a respiração. Ela não viu nada, disse a si mesma. Ela não daria ao bruto outra razão para querê-la morta.

Quando ela abriu os olhos novamente, era de manhã. Surpreendentemente, ela tinha dormido. A tenda estava vazia, exceto pelo rei, que ainda dormia. Onde estava o comandante?

Sua mente se voltou para Mikael. Lentamente, ela empurrou os cobertores e se moveu para o lado dele. Sua respiração era profunda e estável. Gentilmente, ela pegou sua cabeça em suas mãos e a virou para o lado. Não saiu sangue de sua orelha — um bom sinal. Sua cor parecia estar retornando — também um bom sinal.

Ela empurrou o cobertor para trás da perna dele para verificar o curativo. Nenhum sangue havia encharcado. "Isso também é bom", ela se viu sussurrando. O que havia de errado com ela? Ela se repreendeu. Ela deveria tê-lo deixado; ela deveria ter escapado. Mas uma decepção pungente a incomodou — ela sabia que se tivesse que escolher novamente, ela escolheria a mesma coisa.

Norah estendeu a mão para puxar o cobertor de volta sobre ele, mas parou, deixando seus olhos percorrerem a pele exposta de seu lado. Seu corpo era bem musculoso. Mesmo em seu estado, ele tinha uma força sobre ele. Ela correu as pontas dos dedos sobre a ondulação em seu quadril, mas então se conteve e rapidamente puxou o cobertor de volta sobre ele, colocando-o sob seu lado.

Ela notou uma cicatriz que corria pela metade do comprimento da clavícula dele e então se curvava acentuadamente sobre o peito. O preço do pacto dele com o mal, sua avó havia dito, era *seu coração* . Ela estendeu a mão e passou os dedos sobre ele. Então ela abriu bem a mão, sentindo o subir e descer da respiração dele. Sob sua palma, o coração dele batia lento e rítmico. Ela sorriu para si mesma. Quão engraçada a mente humana poderia ser, o que ela poderia imaginar e no que ela poderia acreditar. Seus olhos viajaram sobre as marcas de tinta em seu peito e torso: linhas ousadas em padrões intrincados. Ela traçou as pontas dos dedos sobre elas. A pele dele era lisa. E quente.

Uma ferida com crostas na parte interna do braço dele, logo acima do pulso, chamou sua atenção. Era onde ela o havia cortado na luta deles na base de Bahoul. Ela passou a mão por cima; estava se curando rapidamente. A mão dele virou para cima sozinha, oferecendo mais do antebraço e assustando-a. Ela levantou o olhar, e ele se fixou no dele.

Os olhos dele a perfuraram, e seu coração subiu à garganta. Há quanto tempo ele a observava? A intensidade do olhar dele era paralisante.

“Tem água?” ele perguntou.

Ela soltou um suspiro de alívio quando as palavras dele quebraram o domínio dele sobre ela, e ela conseguiu desviar os olhos. Ela assentiu e pegou uma xícara na frente da tenda. Ajoelhando-se ao lado dele, ela a segurou em sua boca, e ele bebeu profundamente. "Cuidado", ela disse a ele.

Ele se deitou quando terminou, olhando para ela. “Você ainda está aqui,” ele disse fracamente.

“Estou tentando remediar isso”, ela murmurou.

Ele se mexeu, tentando se levantar, mas Norah colocou a mão firmemente em seu peito, empurrando-o de volta para baixo. “Não. Você precisa descansar.”

O canto dos lábios dele se levantou levemente, e ela se amaldiçoou. Ela não se importava se ele precisava descansar. Ela não... ela não se importava.

“O que aconteceu?” ele perguntou.

“Foi o veneno. Ele quase te levou.”

Sua sobrancelha se abaixou quando a memória voltou a ele. “Estávamos na mansão.”

Norah assentiu.

“E você me trouxe de volta?” ele perguntou.

“Eu realmente não quero falar sobre isso.”

Ele deu um pequeno bufo. “Você poderia ter corrido, escapado.”

Calor subiu às suas bochechas. “Eu disse que não quero falar sobre isso,” ela retrucou. Ela estava frustrada, com ele, consigo mesma.

Ele parou por um momento e então perguntou suavemente: "Diga-me, por que você não me deixou morrer?"

“Porque eu não quero você morto!” ela respondeu com raiva. “Por que todo mundo está tão decidido a matar uns aos outros? Tudo o que todo mundo fala é sobre guerra. E a paz?” Ela soltou um suspiro enquanto balançava a cabeça, exasperada.

As sobrancelhas do rei se uniram em uma expressão que era difícil para ela decifrar.

Nesse momento, o comandante retornou. Ele olhou para o rei, surpreso ao vê-lo acordado. Alívio passou por seu rosto. Então ele olhou para Norah, e seus olhos escureceram. Ele falou baixo e na língua das Sombras. Mikael respondeu, e ela podia sentir a raiva do comandante. O que quer que o rei tivesse dito a ele o desagradou. Ele lançou outro olhar sombrio para Norah e então se abaixou para sair da tenda.

“Prepare-se para viajar”, Mikael disse a ela. “Não podemos ficar aqui.”

“Para onde estamos indo?” ela perguntou.

“Aos amigos.”

“Que amigos?”

Ele deu uma risada forçada. “Você não vai gostar deles.”

Seu estômago estava pesado.

Lá fora, Norah encontrou o comandante preparando seu cavalo. Não era tão grande quanto o corcel anterior, mas ela o observou enquanto ele apertava a cilha da sela e então

dava um tapinha no ombro da fera. Ele parou quando a ouviu se aproximar, mas não se virou para olhá-la. Ele ainda estava sem o turbante, parecendo ainda mais um homem.

"Tenho certeza de que você está aliviado", ela disse. "Ele vai ficar bem."

Ele colocou as rédeas do cavalo de volta no pescoço.

"Soren," ela começou, "Mikael me contou sobre sua família. Eu não percebi—"

Ele girou e a agarrou pelo pescoço, quase a arrancando do chão. "Ele é *Salar* ", ele rosnou, "e eu sou *o Lorde Comandante* . Não cometa o erro de pensar que me conhece — não sou um amigo. Usarei você para atrair o Urso, então cultivarei nossos campos com os corpos queimados de seus exércitos e saborearei uma colheita cultivada na destruição de Mércia. É só isso que me impede de sufocar sua vida agora mesmo."

Norah lutou para respirar, assustada com a agressão repentina dele. "Estou sob a proteção do rei," ela arfou.

Ele lhe deu um sorriso perverso. "Ele te contou nossa história, sim? Então acredite em mim quando digo que não há nada que eu possa fazer que Salar não perdoaria."

Ele a puxou para mais perto, levando os lábios até o ouvido dela. " *Nada* ."

Os olhos de Norah se arregalaram, e ela lutou contra ele. Ele a soltou, e ela afundou para frente, ofegante.

Suas narinas se dilataram, e ele lançou a ela uma carranca implacável. "Bom dia, Rainha do Norte," ele disse rigidamente, e a deixou no frio do medo.



Norah estava sentada em seu cavalo, observando enquanto os Homens das Sombras cuidadosamente colocavam seu rei em um transporte improvisado. Ela sabia exatamente para onde estavam indo. Um grupo de Cavaleiros esperava enquanto o exército se preparava para se mover. Mais do que tudo agora, ela precisava escapar. Mas sob o olhar atento do comandante, isso seria impossível. Suas mãos não estavam mais amarradas, mas ele amarrou a guia de seu cavalo à sela. Conforme o exército se movia, eles ficaram atrás do transporte, onde o bruto do rei podia manter seu olho no rei e nela.

Era uma longa viagem, e uma que provavelmente forçaria outra mudança de planos, ela esperava. Sua ansiedade cresceu ao pensar em Alexander ganhando terreno sobre eles. Embora encontrar o exército das Sombras com o rei abatido fosse o momento ideal, ela não podia dizer que esperava por isso.

Quando chegaram à tribo dos Cavaleiros, ela era maior do que Norah pensava que seria. Casas de adobe ficavam em grandes grupos ao redor de uma praça central da cidade. Eles levaram o rei para uma casa central de argilito e palha, onde o deitaram em uma cama grande. Norah ficou quieta, observando toda a atividade enquanto ele era acomodado — cobertores eram desenrolados, comida era trazida. A fraqueza retardava seus movimentos, junto com o cansaço da viagem. Mas seus olhos cansados a encontraram.

"Coma", ele disse.

"Por que estamos aqui?" ela exigiu. "Essas não são as pessoas que me atacaram e tentaram te matar?"

"Eles não sabiam quem estavam atacando. As tribos dos Cavaleiros são amigas de Kharav." Ele fez uma pausa, respirando fundo novamente. "E não era seguro acampar onde estávamos. Abilash nos manterá até que eu possa viajar. Agora coma."

"Não estou com fome." Era uma mentira total. Ela estava quase morrendo de fome.

"Você vai precisar de força."

Norah fez uma careta para ele. Tudo bem. Ela comeria, mas ficaria brava por isso. Ela pegou um pedaço de pão e um pequeno pedaço de carne. "Quem é Abilash?"

Ele lançou-lhe um olhar travesso. "Um rei cavaleiro. Acho que ele vai gostar de você." Ele sorriu, e ela percebeu que ele estava brincando com ela. "Ele está procurando uma esposa."

Norah deu uma risada de repulsa. "Eu não estou para ser pega."

"Porque você está noiva do rei Aleon?"

A lembrança dele sobre o casamento dela a incomodou. "Porque eu vou me casar com quem eu achar digno", ela retrucou.

Ele deu de ombros. "Abilash é um rei."

"Então ele deveria encontrar uma mulher que achasse que isso é bom o suficiente."

Ela viu os cantos da boca dele se erguerem em diversão. Ele a observou, pensativo. "O que torna o rei Aleon digno?", ele perguntou.

Norah não respondeu. Ela não tinha certeza se ele era. O que tornava qualquer homem digno? Seu reino? Sua riqueza? Nada disso importava para ela, especialmente agora. Suas chances de escapar diminuíam a cada dia. Ainda havia luta dentro dela, mas ela sabia que provavelmente nunca chegaria a Aleon, ou voltaria para Mércia.

O dia passou lentamente, com o rei entrando e saindo do sono. Norah o observou enquanto ele se movia inquieto em seu sono. O que assombrava seus sonhos? Ela sabia o que assombrava os dela. Ela ainda estava perdida, falhando em simplesmente lembrar. Ela

estava falhando como rainha. Falhando com seu reino e seu povo. Falhando com Alexandre. Tudo o que ela conseguia imaginar era Alexandre caindo em uma armadilha. Se algo acontecesse com ele...

Ao cair da noite, ela olhou para a vila, vendo as casas cheias de luz do fogo. Quão maravilhoso deve ser, ela pensou, estar com entes queridos no conforto de um lar simples. Onde não havia pressão da coroa, nem inimigos vingativos. Quão maravilhoso deve ser escolher uma vida do coração — essas eram as coisas pelas quais ela ansiava.

"Você não respondeu minha pergunta," a voz do rei veio de trás dela. Ela se virou para vê-lo sentado na cama.

Ela levantou uma sobrancelha. "Há muitas perguntas que você não respondeu para mim."

"Pergunte uma, então. Eu responderei."

Ela olhou para ele com desconfiança.

"Sinceramente", ele acrescentou. "Responderei sinceramente." Sua respiração estava irregular. Sua força estava retornando, mas ainda precisava de energia para se manter de pé.

"Tudo bem, então," ela disse, mordendo. "O que você planejou para mim? É me matar?"

Ele lançou os olhos ao redor da sala, moldando sua resposta, então seu olhar se fixou de volta no dela. "Eu planejei que você morresse, sim."

Norah soltou um longo suspiro. Ela pensou que temeria a resposta, mas não era medo que a atravessava agora, apenas tristeza. Uma tristeza por ter decepcionado seu reino, sua avó. Alexander.

"Agora minha resposta", ele ordenou.

A mente de Norah estava um borrão. O que ele queria dela? "Qual é a sua pergunta?"

"Por que o rei Aleon é digno?"

A confusão a inundou. "De todas as perguntas que você poderia me fazer, essa é a que você escolhe?"

Os olhos dele perfuraram os dela. "Diga-me por quê."

Norah sentiu um calor subir às bochechas. Essa pergunta parecia muito pessoal para ela, muito invasiva. "Você só tem uma", ela avisou, uma amargura crescendo dentro dela.

"O que há com ele?" ele perguntou novamente.

Não havia nada sobre ele. Norah não se lembrava de nada, então ela não sabia absolutamente *nada* sobre ele.

"Por que você quer se casar com ele?" ele pressionou.

“Eu não!” ela retrucou. Ela soltou um suspiro emocionado. Ela não deveria ter dito isso.

“Então por que você está?” ele perguntou.

“Porque ele tem o que eu preciso”, ela disse, cedendo.

Ele deu um sorriso irônico. “Um exército? Para lutar contra mim?”

“Você está sem perguntas.”

Ele bufou. “Não importa. Eu já sei a resposta. Eu sei o que você precisa.”

“Você não sabe nada sobre mim,” ela cortou de volta. Ninguém sabia. Nem mesmo ela. Uma calma fria retornou. Ela se virou de volta para a janela para ter paz no sonho da luz do fogo da vila.



Capítulo trinta

UM barulho tirou Norah de seus sonhos. Estava claro lá fora, de manhã cedo. Ela levantou a cabeça para ver o rei. Ele ainda estava dormindo. Ela ouviu gritos fracos à distância e se levantou silenciosamente até a janela. Na orla das casas na vila dos Cavaleiros, ela avistou um curral de muros altos com um grupo de homens tentando acalmar um cavalo frenético. Ela olhou de volta para o rei, que estava deitado em silêncio em seu sono.

Silenciosamente, Norah saiu da casa, olhando curiosamente para o curral. Gritos ecoaram dos homens; havia alarme em suas vozes. Ela se esqueceu brevemente do Rei das Sombras e caminhou apressadamente para ver a comoção. Um guarda perto da porta não fez nenhum movimento para detê-la, mas ele a seguiu de perto.

Ao chegar ao curral, ela diminuiu o ritmo, com os olhos arregalados. Homens seguravam cordas em volta do pescoço de um cavalo e lutavam para controlá-lo. O animal chicoteou a cabeça, e uma série de gritos perfurou o ar. Norah acelerou o passo. Ela chegou ao cercado e se apoiou nas vigas grossas, fascinada.

A égua recuou contra suas restrições, e os homens rapidamente se juntaram na frente para segurá-la. Um homem se aproximou dela pelo lado, com um cabresto na mão. Quando o cavalo o viu, ela tentou empinar novamente. O homem olhou para seus companheiros de equipe com um sorriso.

Norah percebeu uma presença ao lado dela. Ela não precisava olhar para saber que era o comandante, e manteve a visão nos homens no curral, ignorando-o.

A égua jogou a cabeça para trás novamente e puxou para trás contra as cordas. Norah sentiu a vontade da fera de lutar. A liberdade era preciosa. De repente, a égua atacou. Ela rasgou o pequeno grupo de homens, derrubando dois deles no chão e batendo neles com as patas dianteiras. Cascos encontraram carne com um baque nauseante. Os outros homens recuaram, cada um puxando sua corda, mas eles não tinham o poder de controlá-la. A égua

empinou, libertando-se deles, e voltou sua atenção para outro homem à sua direita. Ela correu para ele, empurrando-o contra a parede do cercado, e girou para encontrar sua próxima vítima.

Norah engasgou, recuando. Sua preocupação mudou para os homens no curral. Dois dos homens cambalearam até a borda e escorregaram pela grade, mas um ainda estava no centro. Os homens gritaram com a égua para chamar sua atenção enquanto outros tentavam se aproximar do homem, mas a égua os atacou novamente, empurrando-os para trás.

O homem no chão no meio do paddock se mexeu, levantando um braço e chamando seus companheiros. Seus apelos irritaram a égua, e ela atacou novamente, batendo nele violentamente com seus cascos.

“Por que eles não o estão ajudando?” Norah disse, ofegante, para o comandante, deixando sua contenção de lado. “Eles não farão nada?”

Ele bufou. “E o que eles fariam? Aquela égua é mais valiosa do que todas as suas vidas juntas.”

As palavras dele a confundiram. Como um cavalo poderia ser mais importante que os homens?

A égua soltou um grito de raiva e espancou o homem novamente. Ele gritou mais uma vez e então ficou em silêncio.

“Ajude-o!” ela implorou.

Ele riu. “Não há como ajudá-lo.”

Norah sentiu-se mal. Se ninguém o ajudasse, o homem morreria. Ela não podia ficar ali parada sem fazer nada. Antes que pudesse se convencer do contrário, ela escorregou entre as grades do curral de muros altos. Gritos soaram, e a égua empinou, gritando no ar. Os homens gritaram o que ela supôs serem avisos para ela, mas ela os ignorou.

“Saia daí!”, gritou o comandante atrás dela.

Ela também o ignorou.

“Saiam daí!”, ele rugiu novamente enquanto começava a escalar o corrimão. Ele era grande demais para caber entre eles.

Norah olhou para a égua do outro lado do paddock. O cavalo tinha recuado de sua vítima, intrigado pela presença de Norah, mas batia seus cascos agitadamente.

O comandante gritou uma ordem para os Cavaleiros e, embora a língua fosse estrangeira, ela podia ouvir a irritação em sua voz. Os homens escalaram a grade do paddock, de pé, com cordas nas mãos.

“Não!” Norah gritou para eles. Ela olhou por cima do ombro para o comandante. “Diga a eles para recuarem. Eles só estão piorando as coisas.”

“Volte devagar e saia daí”, ele disse a ela.

“Eu tenho que ajudá-lo!” ela insistiu. Ela deu um passo em direção ao homem no chão, e a égua bufou, mas cautelosamente ficou.

“North Queen!”, o comandante rosnou. A égua empinou novamente enquanto o comandante se balançava sobre o topo do curral.

“Espere!” Norah gritou, fazendo-o parar. “Só espere.” Lentamente, ela se aproximou do homem e se ajoelhou ao lado dele, mantendo os olhos na égua. Ele estava caído de lado. Ela tocou seu rosto, mas ele não respondeu. O sangue escorria de um corte profundo na lateral de sua cabeça. Lentamente, ela o rolou de costas. Ele estava vivo, mas sua respiração era fraca. Ele precisava de ajuda. Norah se levantou lentamente, olhando para o cavalo. A égua balançou a cabeça, jogando sua crina. Este não era um cavalo comum. A fera a chamou.

A égua era prateada como a neve, com um rosto escuro e pernas combinando. Conforme Norah se aproximava, ela conseguia distinguir a mancha em seu pelo. Sua beleza era inebriante, mas o que chamou a atenção de Norah foi o fogo brilhante em seus olhos. Ela já tinha visto olhos como esses antes. E ocorreu a ela — eles eram os mesmos da raposa na Natureza, onde Alexander a havia encontrado pela primeira vez. Eles tinham que estar conectados de alguma forma.

“Não!” o comandante gritou para ela, mas ela o ignorou.

Os olhos selvagens do animal olhavam para Norah através de sua crina espessa, e suas narinas se dilataram nervosamente. Norah estalou a língua, puxando as orelhas da égua para frente. Ela se aproximou e estendeu a mão. "Está tudo bem", ela disse suavemente.

O animal sacudiu a cabeça novamente, mas finalmente esticou o pescoço para cheirar a mão de Norah. Norah esperou pacientemente.

“Você está bem,” ela sussurrou. Lentamente, ela se moveu para coçar o queixo da égua, e então passou a mão pela mandíbula do animal. O cavalo jogou a cabeça para cima, mas Norah parou, e o animal se acalmou.

“Calma, você está bem,” ela acalmou. Lentamente, Norah estendeu a mão novamente. Ela correu a mão pelo pescoço e peito do cavalo, dando tapinhas nele. Ela afrouxou as cordas e as puxou para longe.

“Está melhor, sim?” ela disse ao animal. “Você vai deixá-lo ir? A morte não é a resposta.”

A égua bufou, mas Norah sentiu que ela cedeu.

“Reúnam seu homem,” ela gritou de volta para os Cavaleiros. O comandante repetiu em uma língua estrangeira, com algumas palavras adicionais que ela tinha certeza, e eles se apressaram cautelosamente para reunir seu homem.

A égua sacudiu as orelhas e deu patadas no chão, mas ficou. Norah passou a mão pelo pescoço e ombro do animal, ainda tentando acalmá-lo.

“Rainha do Norte!”, a voz do Rei das Sombras ecoou por trás, e ela olhou para vê-lo indo em direção ao cercado. O comandante estava montado no topo do curral com uma lança na mão, e um homem que ela presumiu ser o Rei Abilash estava abaixo. Seu estômago revirou por ser o centro das atenções.

"Vou tirar você daqui", ela sussurrou para a égua e então se virou para encarar a ira de seus próprios captores.

Ela caminhou até a borda do curral e saiu por entre a grade. O comandante caiu do topo no chão e ficou ao lado do Rei Abilash. Ambos pareciam atônitos.

“Que poder é esse que você tem sobre o Selvagem?” Abilash perguntou. “Como você faz isso?”

Mas havia uma fúria dentro do seu coração. “Ela não pertence a você. Por que você a tem?” ela exigiu.

A ofensa dela pegou Abilash de surpresa. Então ele notou o Rei das Sombras se aproximando e fez uma reverência. “Salar, estou feliz em ver que você está se recuperando, meu amigo,” ele disse, em um esforço para mudar de assunto.

A raiva cresceu dentro dela por ter sido dispensada. “Não, obrigado aos seus homens”, ela disse brevemente. “É assim que você trata seus *amigos* ? Atacando aqueles sob sua proteção e depois envenenando-os?”

Abilash, com o rosto pesado de desonra, olhou para Mikael. “Meus homens não sabiam quem estavam atacando, e sofremos grande vergonha. Oferecemos a vocês nossas mais profundas desculpas e tudo o que vocês precisarem para consertar o vínculo entre Kharav e nosso povo.”

Mikael não parecia estar em um estado de perdão. “Os atacantes da Rainha do Norte. Quero suas famílias. Dez anos de servidão em Kharav como restituição por seus crimes.”

Abilash assentiu relutantemente.

Norah engasgou. “As famílias deles?” Os olhos de Mikael encontraram os dela, e eles continham um aviso, mas ela não conseguiu se conter. “Os pecados do pai não são pecados do filho”, ela disse, objetando. “Você pune inocentes.”

O rosto dele não revelava nada, mas ela sabia que estava pressionando-o por uma clemência à qual ele não estava acostumado.

“Deve haver uma recompensa”, disse ele.

“Uma prova do crime!”

Seus olhos brilharam. “E o que você acha que é apropriado para agredir uma rainha?”

Não passou despercebido para ela que ele pedia restituição apenas pela queixa dela, não pela dele. Norah sentiu que os homens culpados já tinham pago a pena máxima, mas ele não iria embora sem nada. "E a égua?" Norah perguntou, e os olhos de Abilash se arregalaram. Ela sabia que o cavalo era valioso se eles deixassem homens morrerem por ele. "Nós ficaremos com a égua."

Uma tensão ondulou pelo ar, uma que Norah não entendeu. O rosto do comandante escureceu — ele talvez estivesse ofendido pela audácia dela em negociar como prisioneira.

Mikael olhou para ela com relutância nos olhos, mas então ele se virou para Abilash e surpreendeu a todos. “Eu vou ficar com a égua,” ele disse.

O rosto de Abilash endureceu, mas ele assentiu com firmeza. “Nossa amizade com Kharav é muito querida para nós. Se a Rainha do Norte pode montar na besta, é dela.”

Norah sentiu que Abilash duvidava que ela pudesse montar a égua. Ela mesma duvidava. Mikael se mexeu desconfortavelmente, e ela temeu que ele interferisse.

“Eu aceito”, ela deixou escapar, e se virou de volta para o recinto antes que ele pudesse impedi-la.

Norah se aproximou da égua novamente, e o cavalo balançou a cabeça. "Calma", ela sussurrou, estendendo a mão. A égua permitiu que ela a tocasse, mas Norah não tinha certeza sobre montá-la. "Eu disse que tiraria você daqui, mas você tem que confiar em mim. Você consegue fazer isso?"

A égua bufou.

“Eu vou confiar em você também”, ela disse. “Eu vou confiar que você não vai me mutilar ou me fazer de boba. Nós podemos ajudar um ao outro.”

Com muito cuidado, ela deu um passo para o lado da égua, que bufou novamente e se virou para observá-la. Norah estendeu a mão sobre suas costas e lentamente colocou peso no animal. A égua esperou. Reunindo coragem, Norah juntou um punhado de crina em sua mão e pulou, balançando seu peso para frente sobre as costas do cavalo. Montar um cavalo sem sela não era a mais elegante das ações — certamente não era como ela se imaginava fazendo em sua mente, e ela lutou um pouco antes de balançar a perna desajeitadamente. Seu coração batia forte em seu peito enquanto ela esperava por aceitação ou um arremesso rápido. Mas a sorte estava com ela, e a égua se moveu silenciosamente por baixo dela. Norah a incitou a avançar e em direção ao portão. "Abra", ela gritou.

Os homens se entreolharam com espanto e abriram o portão, observando com admiração Norah passar.

O comandante deu uma pancada no chão com sua lança quando ela passou. “Não tenha ideias,” ele ameaçou.

Ela franziu a testa. Ele já tinha atingido um cavalo por baixo dela, e ela sabia que ele faria isso de novo. Longe do cercado, ela deslizou do cavalo, certa de que a égua iria disparar imediatamente, mas ela não o fez. Norah estendeu a mão e passou a mão sob a crina espessa, deleitando-se com o calor. "Você seria louco de ficar", ela disse, "mas eu realmente poderia usar uma amiga agora."

A égua bufou e balançou a cabeça, mas parecia equilibrada e calma. Norah deu-lhe um tapinha, deixando-a ali e percorrendo a curta distância de volta até Mikael e o Rei Abilash.

Os olhos de Mikael tinham um olhar que ela não entendeu, mas ele se virou para Abilash com um aceno de cabeça. “Eu perdoo as transgressões do seu povo. A restituição foi paga.”

“Estamos ansiosos pelo seu retorno,” Abilash disse a ele. Então ele deu outro aceno rígido e se virou para seus Cavaleiros que o aguardavam.

“Vou preparar os homens”, disse o comandante a Mikael enquanto caminhavam em direção à casa central.

“O quê?” Ela não entendeu. “Estamos indo embora?”

"Nós somos."

Tão cedo? “Não podemos ir embora. Você mal consegue andar. Não está em condições de viajar.” Ela seguiu Mikael para dentro de casa.

Ele fez uma pausa, agarrou o encosto de uma cadeira e recostou-se nela para descansar um momento.

“Por que a pressa?” ela perguntou.

“Precisamos voltar para o exército antes que Abilash mude de ideia e pense no fato de que seus homens são mais numerosos do que os poucos que temos aqui.”

Norah balançou a cabeça, ainda em uma nuvem de confusão. “Por que ele mudaria de ideia? Você mostrou misericórdia com todas aquelas famílias inocentes.”

“Você exigiu o bem mais precioso dele”, ele retrucou.

“Seu povo não é o que ele mais ama?”

“Não,” ele rosnou com uma fúria que a abalou. “Esse é um cavalo selvagem, e seu domínio sobre ele pode torná-lo um homem muito poderoso entre as tribos. Eu não deveria tê-lo tirado dele.”

“Se você está tão bravo com isso, então por que fez isso?” ela retrucou.

“Porque você me pediu!”

A respiração de Norah falhou. Ele pareceu tão surpreso com suas palavras quanto ela ao ouvi-las.

Mikael desviou os olhos e pegou sua capa. “Pegue o que você precisa,” ele disse, colocando-a sobre o ombro. “Nós partimos agora.”



Capítulo trinta e um

A escuridão estava desaparecendo; era quase manhã. Eles viajaram às pressas no dia anterior. Ela montou um pequeno cavalo de carga, não sendo confiável com uma montaria energética, mas a égua seguiu atrás dela. A tensão ainda pairava ao redor dela, com o ódio do comandante por ela parecendo crescer a cada hora que passava .

Seu corpo inteiro estava dolorido, mas ela se preparou rapidamente depois de acordar. Lá fora, vinham os sons de mochilas de metal e couro: homens se preparando para sair. Ela puxou o cabelo para trás do rosto e amarrou-o para trás e então colocou suas botas e jaqueta. Neve caiu do céu quando ela saiu da tenda. Não havia o suficiente para cobrir o chão, mas era o suficiente para avisar sobre a tempestade que se aproximava. O som do Rei das Sombras e seu comandante em uma conversa acalorada a fez parar.

Eles pararam quando a viram emergir, e o rei se afastou em direção a ela. “Uma tempestade está chegando”, ele disse enquanto se aproximava. “Você irá com o senhor comandante.”

Ela não gostou nem um pouco da ideia. “Aonde você vai?”

Mikael fez uma pausa com hesitação no rosto. Então ele disse, “Gregor traz o exército de Jafé para se juntar a mim contra o seu exército. Eu vou encontrá-lo.”

O fato de ele ter respondido à pergunta dela a surpreendeu, mas a menção de suas forças aliadas a surpreendeu mais do que tudo — isso a encheu de um horror repugnante. Mércia não teria Aleon com eles, ainda não. Ela nem sabia se Phillip sabia que ela tinha sido levada. As Terras Sombrias e Jafé contra Mércia sozinhas — seu exército seria dizimado.

Os olhos dele queimavam nos dela. “Essa é minha única oportunidade. Você achou que eu não viria com tudo o que eu tinha?”

Não havia nada que ela pudesse fazer, e o peso da devastação ameaçadora a esmagava. “Então, você planejou um massacre? Não há honra nisso.”

“Eu lhe disse, não sou um homem honrado.”

Não, certamente não era.

“Você irá com o lorde comandante”, ele disse a ela. “E eu a encontrarei em três dias.” Ele olhou para o cavalo do Selvagem. “Ele tem ordens de lancear a égua caso você tente montá-la.”

Norah não tinha certeza do porquê montar na égua seria uma preocupação tão grande, mas a ameaça dele só alimentou mais fogo dentro dela. "Depois de você ter arriscado tanto para dá-la a mim?", ela perguntou com raiva.

“Não deixem que esse risco seja em vão”, alertou.

As bochechas de Norah queimaram de fúria. Ela franziu os lábios e olhou para a geada da manhã. Não havia nada que ela pudesse fazer para ajudar seu exército — nada que ela pudesse fazer para avisá-los. E ela não queria ir com o comandante. Suas chances de escapar dele eram mínimas, e ele certamente a veria morta.

“Rainha do Norte,” o rei disse, parecendo ler sua mente. “Você estará segura com o lorde comandante. Você tem minha palavra.”

“De que serve sua palavra se você não é um homem honrado?” ela perguntou friamente.



Norah e o comandante cavalgaram em silêncio enquanto a neve continuava a cair. A égua seguiu atrás sem guia. Era tão peculiar. Era como se o animal a conhecesse.

Ela observou os flocos grandes e fofos enquanto eles pousavam em seus braços e derretiam em sua jaqueta. Neve molhada era perigosa, e ela puxou sua capa mais apertada ao redor de si. "Quanto falta?", ela gritou.

Ele não respondeu. Naturalmente.

“Você não me ouviu?” ela insistiu.

“Antes do anoitecer”, ele retrucou brevemente.

Norah franziu os lábios em agitação. A resposta dele trouxe pouco conforto. O anoitecer ainda estava longe. Apesar de sua capa, a umidade começou a penetrar em suas camadas, e ela começou a tremer. Conforme eles cavalgavam, o vento aumentou e o ar ficou mais frio. A neve começou a se acumular em seus braços e pernas. O vento de inverno queimou seu rosto, e ela enterrou o queixo na gola de pele de sua jaqueta. O tempo passou lentamente, e Norah achou difícil apenas respirar.

Ela não conseguia mais suportar. “Precisamos parar”, ela gritou para o comandante. “Deveríamos fazer uma fogueira.”

“Não podemos parar.”

Eles continuaram até o fim da tarde. Norah não conseguia controlar seu tremor. O frio apunhalava o interior de seu peito, e ela não conseguia respirar.

Eles seguiram em frente, com seus cavalos começando a lutar na neve. As rédeas escorregaram de seus dedos congelados. Ela não conseguia fazer suas mãos trabalharem para pegá-las, mas seu cavalo seguiu o dele. Seus dentes batiam, e ela mordeu a língua, mas não sentiu dor. O sono a chamava.

O comandante olhou para ela e murmurou o que ela supôs ser uma série de maldições. Ele recuou para o lado dela e a puxou do cavalo, sentando-a na frente dele. Ela preferiria ter congelado até a morte, mas não tinha forças para lutar contra ele. Ele envolveu os dois com sua capa e incitou seu corcel a avançar novamente.

A temperatura caiu rapidamente conforme a noite se aproximava. O comandante a segurou perto enquanto cavalgavam, tentando criar calor entre eles. Norah mal conseguia manter a cabeça erguida. Seu corpo estava tão frio que não tremia mais.

“Fique acordada”, ele disse, mas ela não conseguia evitar que seus olhos se fechassem. “Rainha do Norte”, ele rosnou, “você precisa ficar acordada”.

Mas ela não conseguiu evitar deixar a escuridão consumi-la.



Os olhos de Norah se abriram e ela se viu enredada em Alexander enquanto eles estavam deitados em um campo de trigo sob o sol de verão.

“Alexandre?”

Ele sorriu para ela, seus olhos azuis brilhando.

Ela sentiu falta dele. "Estou sonhando?" Ela colocou a mão no peito dele e abriu os dedos contra sua pele.

“Rainha do Norte”, ele disse.

“Por que você me chama assim?” ela sussurrou. O corpo dele parecia bom perto do dela, e ela se aninhou nele. “Estou com frio, Alexander. Estou com tanto frio.”

Ele envolveu seus braços ao redor dela e a segurou perto. Seu calor era inebriante, e ela sorriu enquanto se aninhava mais profundamente. Norah deixou seus lábios roçarem seu

peito e sentiu uma onda de calor dentro dela. Ela beijou o calor suave de sua pele e se deixou descansar alegremente em seus braços.

Ela abriu os olhos novamente, e a confusão caiu sobre ela enquanto marcas escuras brotavam da pele dele. A tinta sangrava em padrões ameaçadores, padrões que ela já tinha visto antes. A paisagem de verão desapareceu, e ela estava dentro de uma sala de pedra. A escuridão da noite era mantida à distância pela luz de velas e um fogo crepitante atrás dela.

Mas seus olhos estavam nas marcações.

O pânico a inundou. Ela se sentou rapidamente e engasgou ao ver o comandante deitado na cama, olhando para ela. As cobertas caíram, revelando sua quase nudez por baixo, e ela agarrou desesperadamente os cobertores, puxando-os para cobrir sua camisola.

Ele riu divertido enquanto se levantava da cama, e a respiração dela tremeu de horror ao ver sua nudez também.

“Agora você não está sonhando,” ele zombou com um sorriso maligno. Ele andou ao redor da cama e se agachou em frente à chama, colocando outro pedaço de madeira no fogo e mexendo as brasas com sua espada.

“Não se preocupe,” ele disse, embora parecesse saborear o pânico dela. “Eu não fui indevido com você.”

Calor irradiava de seu rosto. “O que você considera impróprio senão forçar uma mulher nua a ir para a cama?”

“Você não pode imaginar”, ele disse em uma voz baixa e perturbadora. “Mas você não está totalmente nua. E eu não a forcei. Você foi apenas uma participante involuntária.”

“Tenho certeza de que você gostou”, ela retrucou.

“Muito pelo contrário. Eu gosto de uma boa luta,” ele disse maldosamente. “Na verdade, eu teria preferido deixar você morrer na tempestade, embora fosse uma morte gentil demais.”

Ela achou as palavras dele tão arrepiantes quanto o ar do inverno. Qual seria a morte dela então? Ela não conseguia pensar nisso agora.

“Por que nós dois estamos sem roupas?” ela exigiu.

“Eles estavam molhados, e você precisava ser aquecida pele a pele. Você não sabe como sobreviver a uma tempestade do norte, Rainha *do Norte* ?” ele a provocou.

Norah bufou, surpresa com a ousadia dele.

O comandante se levantou, novamente sem se preocupar em se cobrir. Ela desviou os olhos, puxando o cobertor para cima. Ele caminhou até a blusa dela no chão, pegando-a e jogando-a na cama.

Ela o agarrou e puxou rapidamente sobre a cabeça, tentando se manter coberta com o cobertor. Sua calcinha ainda estava vestida, ela notou, apreciando a pequena garantia de que ele não tinha sido totalmente livre com ela.

“Quero minhas calças”, ela disse.

Ele assentiu para eles deitados em uma cadeira perto do fogo, junto com suas próprias roupas. “Eles não estão secos. Vocês terão que esperar.”

O comandante sentou-se na beirada da cama, e ela afastou os pés dele, dobrando os joelhos até o peito e envolvendo os braços em volta das pernas. Ele olhou para as mãos dela e então estendeu a mão e agarrou uma. Norah tentou puxá-la de volta, mas ele a segurou firmemente. Ela o golpeou no rosto com a outra mão e ele soltou um rosnado. Ela tentou golpeá-lo novamente, mas ele agarrou seu pulso e a puxou para mais perto. A vermelhidão subiu em sua bochecha com o golpe dela.

“Me solte!” ela cuspiu.

Ele a ignorou e levantou as mãos dela, olhando atentamente para as pontas dos dedos.

“O que você está fazendo?” ela sibilou.

Ele agarrou o rosto dela enquanto ela tentava afastá-lo, mas ele a puxou para mais perto, olhando-a cuidadosamente.

“O inverno não comeu sua pele”, ele disse. “Você tem sorte.”

"Isso é o oposto do que eu me considero agora", ela disse brevemente, finalmente revidando.

Ele a soltou. “Você deveria me agradecer por estar viva.”

Ela bufou em descrença. “Eu deveria estar agradecendo por me salvar de uma situação em que você me colocou para começar? E só para me matar depois?”

Irritação passou pelo seu rosto, e ele se virou para longe dela. “Quem é Alexander?” ele perguntou.

Os olhos dela dispararam para ele, e seu pulso acelerou. “Por que você pergunta isso?”

“Porque é como você me chamava… antes de me beijar.” Ele deu um sorriso cruel de satisfação com o horror no rosto dela.

“Eu não fiz isso!” ela sibilou.

Ele riu. “Você estava a caminho de se casar com o rei Aleon, mas ama outra pessoa. Um amor secreto?” ele provocou.

“Como seu amor pelo rei?” ela cuspiu de volta.

O comandante levantou a cabeça surpreso. Seu sorriso desapareceu. “Claro, eu amo Salar,” ele disse. “Como qualquer guerreiro deveria.”

“Exceto que seu amor é diferente”, ela desafiou.

Sua mandíbula ficou tensa, e ele lançou a ela um olhar que ela não esperava — medo. Isso confirmou o que ela apenas suspeitava. Ele estava apaixonado pelo rei. Um amor que ele escondia, um gêmeo de sua própria tragédia. Ela sentiu uma pontada de simpatia por ele, mas essa simpatia durou pouco.

“Ele sabe?” ela provocou, ainda brava com a insolência dele. “Imagino que isso pode mudar as coisas entre vocês dois.”

Ele se lançou para frente, prendendo-a na cama com uma fúria ardente. Sua pele queimava com o calor da luta, e sua mão a apertou na base do pescoço com uma força que a fez lutar para respirar.

“É aqui que você me lembra como pode me matar?” ela disse entre dentes.

Ele passou a mão mais para cima, em volta do pescoço dela.

“Faça isso”, ela fervia. O que importava mais? Se a morte estava por vir, era melhor não esperar com medo.

O lábio do comandante tremeu de fúria enquanto ele mostrava os dentes. Então, de repente, ele a soltou e se empurrou para longe da cama. “Você não vai falar sobre isso de novo,” ele rosnou.

“E você não vai falar de Alexandre”, ela rebateu.

Um pacto selado em animosidade. Surpreendentemente, ele pareceu se acomodar. Ele puxou um frasco e um pouco de carne embrulhada e jogou na cama ao lado dela.

Nesse momento, Norah ouviu um arrastar de pés do lado de fora da sala. “O que foi isso?”, ela perguntou.

“Os cavalos.”

"Dentro?"

Ele deu de ombros. “Ninguém para se importar.”

Ela não tinha certeza do que ele queria dizer com isso, mas se viu olhando ao redor da sala. Eles não estavam em uma casa simples.

Ela pegou o frasco e o levou aos lábios, surpresa ao encontrar uísque em vez de água. Ela suprimiu uma tosse enquanto engolia, então bebeu novamente. Seu estômago roncou enquanto ela mordia a carne. Ela não tinha percebido o quão faminta estava.

O comandante ficou observando-a enquanto ela tomava outro gole.

“Quando o rei estará aqui?” ela perguntou.

“Dois dias.”

“E a tempestade?”

“O exército o manterá bem.”

Norah terminou a carne e tomou outro gole. O calor do álcool espalhou-se sob sua pele, e seu tremor se acalmou.

O comandante se levantou para colocar outro pedaço de madeira no fogo. Ele ainda andava mancando um pouco de quando seu cavalo caiu em cima dele na fortaleza. *Bom* . Ela esperava que ainda doesse. Seus olhos pararam em um corte recém-curado no lado dele, e um sorriso irônico surgiu em seus lábios por ela *ter* conseguido acertá-lo com sua faca quando ele a pegou tentando escapar. Bem feito. Ela esperava que ainda doesse também.

Norah se deixou olhar para ele. Seu corpo era grosso e musculoso de luta. Tatuagens estampavam seu peito e ombros, escorrendo por seus braços. Sua pele era lisa e sem pelos, e ela seguiu as linhas de sua forma mais abaixo. Ao contrário do rei, o comandante também tinha as marcas sobre suas coxas.

Ele olhou para ela, e ela rapidamente se virou.

“Você vai ficar nu perto do fogo até suas roupas secarem?” ela perguntou irritada.

“Você prefere que eu vá para a cama com você?”

“Não seja ridículo”, ela sibilou.

Ele riu, entretido com a raiva dela.

Eles ficaram em silêncio por um tempo. O comandante sentou-se perto da lareira e recostou-se na parede. Ela virou as costas para ele e puxou os cobertores mais apertados ao redor de si. Ela precisava descansar; escapar exigia muito do corpo. Ela escutou o ritmo constante da respiração do comandante para dizer que ele estava dormindo, mas isso nunca aconteceu.



Norah acordou com o comandante ainda sentado perto do fogo. Era de manhã. “Você dorme?”, ela perguntou brevemente.

Ele lançou-lhe um olhar irritado, mas não respondeu.

Ela revirou os olhos. “Dizem que dormir pouco faz um homem enlouquecer.”

“Talvez eu não seja um homem.”

“Ou talvez você já esteja louco.” Ela se viu pensando no rei, imaginando como ele estava passando pela tempestade. “Se o rei morrer, você vai me matar?” ela perguntou a ele.

“Ele não vai.”

“E se ele fizer isso?”

“Eu disse que ele não vai,” ele disse bruscamente. “Mas sim, eu vou te matar.”

As palavras dele não a assustavam mais. “Como?”

Ele sorriu. “Eu vou deixar você escolher, desde que seja devagar.”

Ela deitou-se na cama e olhou para o teto de pedra. Talvez essa fosse sua morte: uma morte de desespero com um bruto intolerável.

As horas passaram. Esperar era cansativo, e o tempo passava dolorosamente lento. O comandante saía com frequência, deixando-a sozinha, o que ela era grata. A proximidade dele fazia sua pele formigar.

Um arrastar de pés soou do lado de fora da porta da sala. Eram os cavalos, ela disse a si mesma, mas sua curiosidade aumentou. Norah abriu a porta para o que ela pensou ser um corredor, mas encontrou um grande salão em vez disso. Eles estavam em um castelo. Ele não via pessoas há algum tempo. Teria sido abandonado?

Os cavalos estavam no centro do salão, e Norah estalou a língua ao se aproximar. A égua relinchou. Norah olhou ao redor enquanto a acariciava, passando as mãos pelo pescoço do animal e sob o calor de sua crina. Fardos de feno estavam em um canto com uma grande banheira de água. Ao mover os dedos sob o pelo longo e solto da égua, ela percebeu que ele havia sido escovado, assim como os dos outros cavalos. Surpreendeu-a que o comandante tivesse se importado. O que a surpreendeu ainda mais foi que a égua o deixou.

O corredor estava frio. A maioria das janelas estava quebrada, deixando o vento de inverno passar pelas paredes. Algo lá fora chamou sua atenção. Ela foi até as grandes portas de madeira e as abriu, saindo para o inverno.

Norah engasgou enquanto olhava ao redor. As velhas ruínas de uma cidade estavam ao seu redor. Era uma cidade grande, e o silêncio de vidas há muito abandonadas a deixava

inquieta. Ela ouviu o comandante atrás dela e se virou. “O que aconteceu aqui? Onde estão todas as pessoas?” ela perguntou.

“Morto”, ele disse, com uma leve curva no canto da boca.

“O que aconteceu com eles?”

Ele deu uma risada estrondosa. “Eu.”

Norah olhou para ele com horror. “Você fez isso?” ela respirou. “Por quê?”

Os olhos dele, poças grossas de preto que sufocavam sua respiração, se voltaram para ela. “Por que não?”, ele zombou.



Capítulo trinta e dois

Q uando Norah acordou na manhã seguinte, ela se viu sozinha. O fogo queimava com madeira fresca. O comandante não estaria longe. Mas ela não podia passar mais um dia naquele quarto; ela tinha que fazer alguma coisa. Ela abriu a porta do grande salão. Estava vazio. Não havia sinal do bruto, ou dos cavalos. Ele deve tê-los tirado. Ela atravessou o corredor e começou a subir a escada, sua curiosidade levando a melhor sobre ela.

Norah passou de cômodo em cômodo, explorando o que restava do castelo devastado pela batalha. Móveis quebrados e muito empoeirados estavam espalhados pelo chão, com bustos despedaçados em vários cantos e tapeçarias rasgadas nas paredes — restos daqueles que viveram aqui. Ela passou por um cômodo que a fez parar e empurrou a porta mais para dentro antes de entrar. Era um quarto de menina, com paletas em tons pastel e painéis laterais florais. Alguém havia pensado e cuidado naquele quarto, alguém que havia amado sua ocupante — uma mãe, talvez, ou uma avó. Ela o imaginou em sua antiga glória e sorriu tristemente. A roupa de cama rasgada combinava com o que restava das cortinas. Seu coração doía. Era tudo o que ela encontraria agora? As ruínas da felicidade passada? Tudo destruído pela escuridão e pela morte? Uma desesperança tomou conta dela. Olhando ao redor, ela viu seu reflexo em um espelho de penteadeira de três painéis.

Norah caminhou lentamente em direção a ela. Ela mal se reconheceu. Sua bochecha esquerda estava machucada logo abaixo do olho, e o corte em seu lábio estragava a maciez de sua boca. Seus olhos se encheram de lágrimas. O sentimento de desesperança se transformou em raiva, e ela gritou de raiva enquanto batia o painel lateral, quebrando o espelho e derrubando cacos de vidro ao redor dela.

Ela desabou, afundando na cadeira com um soluço. Tudo parecia perdido. Alexandre estava marchando em direção a uma força que dizimaria os exércitos de Mércia, e ela não

tinha como pará-lo. Ela nunca deveria ter se permitido ser trazida aqui, nunca deveria ter se permitido ser levada. Ela nunca deveria ter deixado a ilha do castelo.

Um grande pedaço de vidro no chão chamou sua atenção, e uma calma retornou enquanto ela lentamente o pegava. Ela morreria em breve. Ela se perguntou como eles a matariam. Sua mão se curvou em volta do vidro; ela não deveria dar a eles essa satisfação.

Norah se levantou e caminhou até as portas duplas que davam para uma sacada, empurrando-as e saindo. Olhando para o chão lá embaixo, ela não se lembrava de subir tantos degraus. Ela se perguntou se doeria — morte por queda — e olhou de volta para o caco de vidro que segurava na mão. Talvez fosse uma maneira melhor de partir do que se cortar.

Se ela morresse, isso acabaria com tudo? Ela não seria mais uma ameaça ao Rei das Sombras. Ele não teria razão para prosseguir com o ataque contra Mércia. Ela não seria mais usada como isca para seu exército.

Norah se inclinou para frente contra o corrimão.

Ela *ia* morrer, disse a si mesma; o Rei das Sombras lhe dissera. Era melhor que fosse por suas próprias mãos, em seus próprios termos. Ela desejou poder ter visto Alexander novamente. Ela fechou os olhos, imaginando-o, imaginando seu sorriso.

Ela se inclinou mais, inspirando profundamente.

De repente, uma mão agarrou seu braço, puxando-a para trás e girando-a.

Norah engasgou.

O Rei das Sombras. Seu olhar a perfurou, parecendo ver tudo dela. Ele viu sua raiva, sua decepção com seu fracasso? A vergonha de sua derrota?

Havia tristeza em seus olhos, remorso em seu triunfo. E algo mais. Ela sentiu uma onda de confusão. Ela esperava que ele estivesse bravo, mas ele não estava. Ele estava *com medo*
.

“Rainha do Norte”, ele sussurrou.

Ele soltou o braço dela, mas ainda segurou seu pulso. Ela podia sentir a viscosidade do sangue enquanto apertava o caco de vidro em seu punho.

“Você me acha insuportável?” ele perguntou.

“Acho toda essa situação insuportável”, ela disse friamente.

Ele roçou os dedos fechados dela gentilmente, e ela se viu abrindo a mão, entregando sua arma. Ele cuidadosamente puxou o copo coberto de sangue da palma dela e o jogou para longe deles.

“Talvez você se arrependa de não me deixar com o veneno do Cavaleiro.”

Frustração a percorreu. “Por que você diria algo assim? Por que você não consegue acreditar que eu não quero você morta?”

“Porque todos os meus inimigos me querem morto, especialmente o Norte.”

“Eu não sou seu inimigo!”

Suas narinas se dilataram. “Você estava a caminho de construir uma aliança com Aleon. Por poder, pelo exército deles—”

“Por comida!” ela gritou. “Você quer saber o que torna Aleon digno? O que eu preciso? É comida! Meu povo passará fome sem provisões para o inverno!”

Mikael se mexeu surpreso, e então seu rosto suavizou. Ela se virou para esconder sua emoção.

“E sim,” ela continuou, “Aleon traz a força da união — armas, soldados, proteção contra um reino ameaçador, especificamente *você* . Não vou fingir que não quero essa força, porque eu quero. Eu conheço as histórias. Eu vi a destruição que você causou. Eu quero que Mércia se mantenha firme contra qualquer inimigo.” Ela fez uma pausa, e sua voz ficou mais suave agora. “Mas isso não significa que eu queira um inimigo para enfrentar. Eu quero proteger meu povo. É por isso que aceitei o casamento.”

O ar se acomodou entre eles.

“Mas você não quer se casar com o rei Aleon”, ele disse.

Ela deu de ombros derrotada. “O que isso importa?”

“Importa se você quer tomar meu trono.”

Norah soltou um suspiro exasperado. “Eu não quero seu trono!”

“Como *minha* rainha”, ele acrescentou.

Sua cabeça se levantou bruscamente e seus olhos se arregalaram. “O quê?” ela respirou.

“Você quer salvar seu povo. Você quer evitar guerra entre nossos reinos.”

Norah balançou a cabeça. “Eu não entendo.”

“O que você não entendeu? Você está noiva do rei Aleon. Eu ofereço minha própria mão em troca.”

“Por que você faria isso?”

Ele deu de ombros. “Eu quebro sua aliança com Aleon. Não há guerra; eu mudo o destino.”

Mudar o destino. O quanto ele sabia sobre seu destino?

“Não apenas duplico meu exército”, ele acrescentou, “mas ganho os melhores arqueiros do mundo, acesso ao aço da Mércia e uma frota renomada de navios. Kharav se torna uma força que nem Aleon desafia. E”—sua voz ficou mais suave—“eu me casei com uma rainha digna por seus próprios méritos. Você seria minha salara.”

Norah sentiu-se tonta. Ela não tinha certeza se estava ouvindo-o corretamente. “Por que eu me casaria com você?”

“Enquanto você se alinhar com um inimigo de Kharav, você também será um inimigo. Você quer evitar uma guerra? Só *eu* posso te dar isso. E...” ele fez uma pausa, esperando que ela olhasse para ele, “você ainda terá o que precisar para o Norte — comida, provisões, cavalos. Meu exército, caso precise.”

"Tudo isso só para que eu não me case com o Rei Phillip? Por que não me mata para se poupar do problema?"

Ele se aproximou. “Porque eu também não quero você morta, Rainha do Norte.”

Sua respiração ficou mais superficial agora. “Mas eu pensei que esse era seu plano.”

Ele puxou um lenço e o enrolou em volta do corte na palma da mão dela, fechando o punho dela dentro do dele e segurando-o firmemente. “Esse plano expirou bem antes de eu sequer te contar.”

Ela não sabia por que o que ele disse a afetou tanto. Ela engoliu em seco. “É só isso? Nós apenas nos casamos, e tudo fica bem com o mundo?”

“Sim. E…” Ele fez uma pausa quando os olhos dela encontraram os dele. “O Urso é meu.”

Norah se mexeu inquieta enquanto um peso crescia em seu estômago. “Beurnat, o Urso, já está morto há muito tempo.”

O rei balançou a cabeça. “Não. Eu vi o Urso há apenas um ano quando tentei retomar Bahoul.” Seus olhos escureceram. “E eu o vi novamente, recentemente, na visão da minha queda.”

O coração de Norah batia mais rápido. Foi Alexander quem defendeu Bahoul. E foi Alexander na visão, derrubando o Rei das Sombras.

E o rei tinha visto isso. É por isso que ele queria Alexandre. Não apenas para mudar o destino, mas para mudar *o seu* destino.

Então ela congelou. Ele disse *visto* .

Ele tinha um vidente viajante, alguém que podia lhe mostrar as visões. Quão poderoso era esse vidente?

“Então, nos casaremos”, disse o rei, “e o Urso será meu”.

Ela se esqueceu do vidente enquanto um lampejo de raiva a atravessava, e ela se afastou dele. “Alexander nunca será seu.”

“Alexander,” ele disse com voz rouca, deixando o nome rolar pela língua. “É esse o nome dele? *Alexander* .” Então ele bufou, frustrado com a resposta dela. “Ele é apenas um homem.”

“Então ele não deve significar nada para você”, ela retrucou.

“Eu terei o Urso,” ele disse, sua raiva aumentando. “Pense nisso como o preço da paz.”

“Então você não terá nada!”

Seu rosto endureceu. “Você também vai,” ele rosnou.

Em um único movimento de fúria, ela se desvencilhou de seu aperto frouxo e agarrou o punho de sua espada, puxando-a para fora da bainha. Ele se moveu atrás dela, mas ela levantou a lâmina, parando-o. "Assim seja", ela disse enquanto recuava contra o corrimão da sacada. Ela já não tinha mais nada a perder. Ela deu um passo para trás em direção ao corrimão.

Ele levantou a mão. “Não!”

Ela parou.

“Não,” ele disse, sua respiração ficando mais rápida. “Não.”

Nenhum dos dois se moveu. Os olhos dele tinham uma intensidade que a perturbou, mas ela se manteve firme. Então o rosto dele suavizou um pouco. Ainda assim, ela não se moveu.

“Esses são seus termos?” ele perguntou finalmente.

Norah prendeu a respiração no peito. Ela estava estabelecendo termos? Ela estava considerando seriamente se casar com o Rei das Sombras? Ela abaixou a espada, mas deu outro passo para trás. Ela não se sentia parada diante dele. Talvez fosse tudo outro sonho, um sonho aterrorizante. De repente, a imagem dela no trono das Sombras voltou com tudo. Ela engoliu em seco. Era isso que ela tinha visto? Talvez a visão não significasse que ela tomaria as Terras das Sombras à força. Talvez esse tivesse sido seu destino o tempo todo.

Ela respirou fundo e olhou ao redor. Destino ou não, ela não podia viver assim, com morte e destruição. Ela não podia se casar com um homem que fazia essas coisas por prazer.

“Antes que eu responda isso—que lugar é esse?” ela perguntou a ele. “O que aconteceu aqui?”

O rei fez uma pausa, deixando seus olhos vagarem. Ele fez uma careta, como se houvesse dor para ele aqui. “Isto é o que sobrou de Aviron.”

“Onde você foi capturado quando fugiu de Bahoul?”

Ele assentiu. “Eles simpatizavam com Aleon. Eles estavam apaixonados pelo charme do império e pelas riquezas de Aleon. Seu rei, Jaiah, planejava enviar sua filha com a oferta de casamento, junto com o presente do meu coração cortado do meu corpo.”

Sua pele formigava.

“Eles cortaram meu peito...” Suas palavras flutuaram enquanto ele olhava para as colinas da sacada. “Mas eles subestimaram Soren.” Ele fez uma pausa. “Não me lembro de como conseguimos sair. Não me lembro de fugir para os cânions. Só que ele nos tirou de lá e me trouxe para casa.”

Sua respiração estava irregular.

“Após minha coroação”, ele continuou, “nomeei Soren como meu senhor comandante, e ele me deu meu primeiro presente como salar — o reino daqueles que buscavam minha morte.”

Norah se lembrou da história que sua avó lhe contara sobre a destruição de Aviron. Se ao menos Mercia soubesse o que realmente aconteceu. Ela se virou, tentando reunir seus pensamentos. Vingança nunca foi uma defesa das ações de alguém, mas as coisas nem sempre eram o que pareciam. Essas histórias que lhe contaram, as histórias que causaram medo em tantos, não eram a verdade. Pelo menos, não totalmente. E ela tinha o poder de mudar tudo.

Mas, independentemente das circunstâncias, ela não podia tolerar essa devastação. “Se formos nos casar, eu defenderei apenas”, ela se ouviu dizer, olhando para ele. “Mércia não invadirá outro reino por você. Eu não terei essa... toda essa destruição.”

Ele assentiu levemente.

“Meu povo terá comida, cavalos e armas”, ela acrescentou.

Ele se aproximou dela. “Tudo o que é meu será seu. Tudo e todos.” Havia um peso em seu tom, um de segurança. Ele estava se comprometendo com ela. “E tudo o que é seu será meu,” ele acrescentou.

“Exceto Alexander”, ela disse com firmeza.

Ele suspirou, cedendo. “Eu aceito esses termos.”

O coração de Norah batia na garganta.

“Estamos noivos então?” ele perguntou.

As circunstâncias de repente se tornaram muito reais.

“Acho que sim”, ela respondeu, enquanto o peso da tristeza envolvia seu coração.



Capítulo trinta e três

A jornada em direção a Kharav parecia interminável. Mikael a deixou montar livremente na égua do Selvagem, para sua surpresa. Ela seguiu o rei enquanto eles atravessavam as colinas rochosas. O comandante estava quieto, sombrio. Sem dúvida, a notícia do casamento deles pesava em sua mente. Norah quase sentiu simpatia por ele.

Conforme o sol subia mais alto no céu, algo parecia estranho. “Estamos indo para o oeste?”, ela perguntou.

“Seu exército se aproxima”, ele disse a ela. “Nós vamos encontrá-los.”

“Eles não estão atrás de nós?”

“Não. Eles não marcharam por Bahoul. Eles virão diretamente através das Tribelands.”

A realização a atingiu. Ele havia cedido muito facilmente em tentar retomar Bahoul. Agora ela entendia. Ele havia descoberto que o exército dela não estava indo para lá. Essa havia sido sua mudança de planos.

O coração dela disparou no peito. Alexandre estava perto. Ela não tinha certeza se acreditava na promessa do rei de não levá-lo, de não machucá-lo. Não havia nada que impedisse uma batalha, apenas as palavras ditas entre eles.

“O que vai acontecer quando os encontrarmos?” ela perguntou nervosamente.

Ele olhou para ela calmamente. “Anuncie nosso casamento e mande-os para casa.”

“Certo,” ela respirou, sentindo a menor segurança. Mas sua mente vagou para Alexander novamente, e sua ansiedade retornou. Ela não sabia como lhe contaria que estava se casando com o Rei das Sombras. Ele entenderia? Seu povo entenderia?

“Como é que você consegue montá-la?” o rei perguntou, trazendo a mente dela de volta para ele. “Como você consegue montar um cavalo selvagem?” Sua pergunta também chamou a atenção do comandante.

Norah olhou para o animal e balançou a cabeça. "Não sei. Acho que ela me entende de alguma forma." Era um mistério para ela também, mas havia algo diferente sobre a égua — elas tinham uma conexão... como ela teve com a raposa quando estava perdida na floresta.

Ele levantou uma sobrancelha e olhou para o comandante, e eles seguiram em frente. Norah ainda não entendia o significado da égua. Sua mente estava tão consumida por Alexander e seu exército que ela não havia refletido o suficiente. Este era um animal especial. Talvez se ela tivesse suas memórias, ela saberia o porquê.

A jornada foi tranquila, e Norah percebeu que o tempo estava borrado enquanto se perdia em seus pensamentos. Eram pensamentos atormentadores — o rosto de Alexander quando ela lhe disse que se casaria com o Rei das Sombras, como ela o deixaria para retornar às Terras Sombrias. Cada hora enfraquecia sua determinação.

Ela estremeceu contra o ar de inverno e puxou o capuz de sua capa para frente, tentando encontrar algum calor. Naquele momento, à distância, Norah avistou movimento. Ela apertou os olhos contra o vento.

Cavalos.

Cavaleiros.

Movendo-se rapidamente em direção a eles.

Eles se aproximaram, e o pulso dela acelerou. Uma espada brilhou no ar, erguida pelo cavaleiro líder. Eles estavam atacando.

“Mikael!” ela chamou, puxando a égua de volta.

O peito de Norah apertou. Ela nem tinha uma arma. O Rei das Sombras estava sentado calmamente em seu cavalo na frente dela. Ele levantou os dedos ligeiramente para acalmá-la, mas ela não conseguia tirar os olhos dos Cavaleiros que avançavam, sentindo pânico dentro dela. Mas Mikael parecia indiferente, e Norah se forçou a se acalmar. Embora se considerasse malfadada em se casar com ele, ela confiava que ele a manteria segura.

O comandante deslizou de sua montaria e sacou seu machado. Ela olhou para os outros soldados e notou que eles não tinham pegado suas armas. Mas o comandante ficou de pé, brandindo seu machado, e esperou.

Um grito estridente soou do Cavaleiro líder, e Norah percebeu que era uma mulher. O cavalo da mulher avançou sobre o comandante com um trovão. Pouco antes de alcançá-lo, ela saltou de sua montaria e encontrou a lâmina dele com a sua. O choque ecoou pelo ar quando ela atingiu o chão e se encolheu em um rolo, saltando e se virando para encontrá-lo novamente. O resto dos Cavaleiros se espalharam para ambos os lados, cercando-os.

A mulher lutou contra ele com fúria, e Norah ficou hipnotizada. Ela estava vestida com couro macio e peles, ajustadas à sua forma. Seu cabelo castanho escuro estava preso em tranças, e manchas pretas cobriam seus olhos. Ela mostrou os dentes enquanto trocava golpes com o comandante, mas havia uma sugestão de um sorriso diabólico — ela estava gostando da luta.

Ela balançou alto, e ele encontrou sua lâmina com seu machado, golpeando-a com força e empurrando-a para trás. A mulher puxou sua espada de volta rapidamente, cortando a carne de seu braço e tirando sangue. Ela se moveu para atacar novamente, mas ele girou e desferiu um golpe em seu lado. Ela contra-atacou com uma cotovelada e o acertou na testa. O comandante estendeu a mão e a agarrou, passando a perna por baixo dela e jogando-a no chão. Ela soltou outra cotovelada em seu ombro, e ele estremeceu. Prendendo-a com seu peso, ele olhou para ela para ceder. Em vez disso, ela rasgou o xale de seu rosto e o puxou para um beijo profundo.

Norah engasgou, sem entender completamente o que estava acontecendo. O comandante se afastou surpreso e desgostoso, soltando a mulher. Ela abriu um sorriso diabólico e se levantou, puxando sua espada do chão. "Você está perdendo o controle, Soren", ela o provocou, olhando para seu braço. Ela deu um passo à frente, olhando mais de perto para ele. "Ou talvez você ainda esteja se recuperando de quem quer que tenha lhe dado aquele olhar." Ela sorriu, acenando para o hematoma em seu rosto.

O comandante lançou um olhar para Norah, e a mulher seguiu seu olhar. Era como se ela não tivesse percebido que eles estavam ali.

“Tahla,” Mikael a cumprimentou.

“Salar,” ela respondeu com um aceno, uma formalidade chegando a ela. Então seus olhos se arregalaram quando encontraram Norah. “Savantahla?” ela arfou. Tahla se aproximou deles como se estivesse olhando para um fantasma.

Norah não entendeu, mas permaneceu parada, mantendo o capuz de sua capa puxado para baixo. Levou um momento para perceber que a mulher estava olhando para a égua, não para ela.

Tahla olhou para o comandante e depois de volta para o cavalo, chegando ainda mais perto. O machado do comandante surgiu, parando a mulher. Ela fez uma careta para ele, mas então voltou sua atenção para Norah.

“Como isso é possível?” ela perguntou. “Como você cavalga com Savantahla?”

Norah ainda não entendia.

E Mikael não respondeu à pergunta dela. “Buscamos acomodações para a noite, enquanto meus exércitos passam. Vamos encontrar os nórdicos nas distantes Canyonlands.”

“Os nórdicos?” ela disse com surpresa, levantando a sobrancelha. Então seu rosto endureceu um pouco. “Você vai lutar contra a Rainha do Norte?” ela perguntou, olhando para ele por um momento, mas então olhando de volta para a égua. “Você nos chama para ir com você?”

“Não.” Olhando para Norah com uma leve curva no lábio, ele abriu a mão e assentiu. Ela empurrou o capuz de sua capa para trás, se mostrando. “Esta é a Rainha do Norte,” ele disse.

A mulher respirou fundo, perplexa, sem palavras. “A Rainha do Norte comanda Savantahla?” ela perguntou finalmente. “E cavalga com você?”

“Vamos anunciar nosso casamento”, disse Mikael. “A união de Kharav e do Norte.”

“Sol!” Tahla exclamou, o que Norah assumiu ser uma expressão de descrença. “Casamento?” a mulher perguntou, olhando para o comandante, parecendo não acreditar no rei. “Kharav e o Norte?”

Um sorriso surgiu no rosto de Tahla, e suas sobrancelhas se ergueram em espanto. “Isso é inesperado. Não sei o que dizer.” Ela fez uma pausa, balançando a cabeça. “Mas os Uru ficariam honrados em recebê-los esta noite. E em receber Savantahla.” Ela montou em seu cavalo com um grande sorriso e acenou para que os seguissem.

Norah incitou sua égua para perto de Mikael enquanto eles cavalgavam atrás dos Cavaleiros em direção à aldeia.

“Não entendo. Quem é esse?” ela perguntou baixinho a Mikael.

“Tahla Otay dos Uru. O pai dela é chefe.” Ele fez uma pausa. “Quando Soren e eu escapamos de Aviron, eu estava perto da morte. Tahla e o pai dela me ajudaram, me curaram e nos levaram pelos cânions e de volta para casa.”

Estava tudo se encaixando para ela agora. Bahoul. Aviron.

“Os Uru são a maior das tribos dos Cavaleiros”, ele disse a ela. “E eles são amigos. Eles são guardiões das Canyonlands ocidentais, uma das duas únicas entradas para Kharav.”

Norah tinha ouvido falar das Canyonlands, mas não apreciou totalmente sua magnificência até que elas apareceram. Enormes penhascos de rocha negra erguiam-se do chão, como se tivessem sido divididos pelos deuses, criando passagens finas em suas fendas com uma escuridão assustadora em sua base. À medida que se aprofundavam no labirinto escuro, ela incitou sua égua a se aproximar da montaria de Mikael.

O chão abaixo deles continha pedaços de gelo, mas conforme eles cavalgavam mais longe, ela notou pequenas trilhas de água corrente. Mais fundo nos cânions, a água corria mais rápido. Eles se moveram para as margens, e no final dos cânions, a água desaguava em um grande rio.

Eles seguiram por ela até que a terra se partiu e Norah ouviu o som de cachoeiras. Um caminho surgiu e se estreitou, e a descida ficou mais íngreme. Ela ficou para trás, atrás de Mikael, enquanto eles cavalgavam em fila única. A trilha fez uma curva fechada e então subiu de volta. Eles dobraram outra esquina, e uma enorme vila se espalhou na frente deles. Pequenas estruturas foram esculpidas na encosta, revelando centenas, talvez milhares, de famílias e casas de pedra.

A visão tirou o fôlego de Norah. “É lindo”, ela disse.

Tahla olhou para ela e sorriu.

Conforme se aproximavam da aldeia, as pessoas se aglomeravam na borda. Eram muitas, mas conforme se aproximavam, Norah avistou um homem com uma estatura régia. Ele usava um xale lindamente enrolado em volta da cabeça e adornado com sobreposições de contas, e em sua mão direita havia um cajado de madeira intrincadamente esculpido.

Tahla o chamou na língua Urun, e ele olhou de olhos arregalados para Norah e sua égua. Ele respondeu e abaixou a cabeça. Norah se mexeu desconfortavelmente enquanto o povo Uru caía de joelhos, curvando-se também.

“Meu pai diz que é uma grande honra hospedar Savantahla”, disse Tahla. “Agradecemos a Savan por essa bênção.”

Norah olhou para Mikael. Ele lhe deu um pequeno sorriso, divertido com a confusão dela, e deslizou do cavalo. Ela observou enquanto ele se dirigia ao chefe e se curvava profundamente ao velho, sua reverência inconfundível. O chefe estendeu a mão e colocou a mão no ombro de Mikael e então o puxou para um abraço. Norah ficou surpresa com a emoção que a tocou, e ela engoliu de volta com um sorriso.

O exército acampou fora da cidade. Norah deixou a égua com outros cavalos perto do rio e seguiu Mikael até uma grande fogueira com pessoas reunidas em um círculo ao redor dela.

“Por que Abilash é um rei e… este homem… um chefe?” ela perguntou a ele.

“Coca Otay é seu nome. Os Uru são uma tribo, e Coca Otay os lidera. Abilash tomou muitas tribos. Ele é um chefe de outros chefes.”

“Abilash é o chefe da Coca Otay?”

“Eu nunca permitiria isso”, ele disse a ela.

Estranho, Norah pensou, que Mikael tivesse tamanha influência nas tribos dos Cavaleiros. Ela observou enquanto os Uru o recebiam, curvando-se, sorrindo e dando-lhe pequenos presentes. Eles o respeitavam aqui, até o amavam.

Uma mulher Urun robusta ofereceu uma bebida quente a Norah e fez sinal para que ela se sentasse. Ela se sentou em uma grande pedra e observou a celebração ao seu redor. Eles estavam mais felizes com o casamento dela do que ela, mas Norah teve que admitir que não estava *infeliz* . Tudo era tão diferente do que ela esperava. Até Mikael. Especialmente Mikael. Nada era o que parecia, nada era como ela imaginava. O que mais estava escondido neste mundo estranho e especial?



Capítulo trinta e quatro

O fogo ardia intensamente no sol poente do fim da tarde, e o som da celebração ecoou pela cidade de Urun. Norah sentou-se calmamente, absorvendo o calor e aproveitando a primeira sensação de conforto desde sua captura. Ela observou as chamas do fogo alcançarem a noite enquanto os Cavaleiros dançantes celebravam ao redor dele. Pulsando, girando, virando, eles moviam seus corpos ao som dos tambores — como espíritos não presos à terra.

Ela sentiu olhares sobre ela e olhou para ver Tahla observando-a.

A filha do chefe foi até a grande pedra ao lado dela e lhe deu um sorriso amigável. “Desculpe, não quero ficar encarando”, Tahla disse a ela. “Eu simplesmente não acreditava nas histórias. Mas agora você está aqui.”

“Que histórias?” Norah perguntou, intrigada.

“A Rainha do Norte com cabelo de inverno. Eu não conseguia nem imaginar você. Posso tocar?”

Norah sorriu sem jeito. “Meu cabelo?”

Tahla sorriu e assentiu.

Estranho . Norah deu de ombros. “Claro.”

Tahla estendeu a mão e penteou os dedos pelos cachos loiros. “Não sei o que eu estava esperando. Imaginei gelo de alguma forma.” Ela sorriu timidamente. “Parece cabelo normal.”

“É cabelo normal”, disse Norah, e ambas as mulheres riram.

“Todas as pessoas no Norte têm cabelos claros?”

Norah assentiu. “A maioria deles, embora não tão claros quanto os meus. Muitos têm cabelos mais dourados.”

A boca de Tahla abriu-se em surpresa. “Até os homens?”

"Sim."

“Isso parece lindo”, disse a filha do chefe com um sorriso.

Norah pensou em Alexander. “É”, ela disse, e eles riram novamente.

Tahla se aquietou, mas ainda irradiava uma curiosidade ardente. “Como você comanda Savantahla?”

Norah não sabia como responder. “Eu nem tenho certeza do que é isso. Você quer dizer o cavalo?”

“Savantahla significa o espírito do Selvagem”, ela explicou. “Animais da terra do Selvagem, eles são todos Savantahla. Cavalos, pássaros, lobos, raposas. Savan está em todos eles.”

“Raposas?” Norah perguntou surpresa. Sua mente voltou para a raposa na Natureza. Agora ela tinha certeza de que elas estavam conectadas. Mas como elas estavam conectadas a *ela* ?

“Qualquer animal da Natureza. Você os conhece pela beleza compulsiva e pelos olhos.”

Norah pensou na égua. Ela era linda. Sua crina era espessa e longa, e mesmo sem o sol, seu pelo salpicado brilhava. Norah conhecia aquela beleza compulsiva, e conhecia os olhos: um dourado hipnotizante. “Eu não a comando”, Norah disse a ela. “Eu só peço a ela.”

Tahla fez uma pausa. “Dizem que somente bruxas podem falar com Savantahla.”

Norah levantou uma sobrancelha e balançou a cabeça para o lado. “Eu não sou uma bruxa, embora eu tenha sido acusada de ser uma.”

“Como você a capturou?”

“Eu não fiz isso. O rei Mikael a tirou de um homem chamado Abilash como recompensa… por uma transgressão.”

Os olhos de Tahla se arregalaram. “Rei Abilash? Salar tomou Savantahla do Rei Abilash?”

“O rei não pareceu muito feliz com isso, mas Abilash deu o cavalo de bom grado. Nós nos separamos em bons termos.”

“Posso garantir que vocês não se separaram em termos tão bons quanto pensam. Mas ele não ousa desafiar Salar. Não sozinho, pelo menos, a menos que queira que suas tribos morram de fome. E ele provavelmente estava com medo de você e de sua bruxaria.” Ela sorriu. “Cavaleiros são pessoas extremamente supersticiosas.”

Norah percebeu que o Rei das Sombras também deveria ajudar os Cavaleiros com provisões durante o inverno, e sorriu para a piada de bruxaria. “O rei disse que a égua era muito valiosa para eles.”

Tahla assentiu. “Tribos dos Cavaleiros competem por terra e poder. Se Abilash tivesse Savantahla, ele poderia reunir mais tribos para segui-lo.”

“Por um cavalo?”

“Os animais de Savantahla não são animais comuns. Você não pode rastreá-los. Eles falam com a terra, e a terra fala de volta. Você não pode domesticá-los a menos que eles queiram ser domesticados. Eles têm grande poder, e qualquer um que controle Savantahla também tem grande poder.”

Norah olhou de volta para o cavalo, que pastava perto dos outros ao longo do rio. Ela não tinha certeza do que esse grande poder poderia ser.

Tahla sorriu. “Recebi o nome de Savantahla. *Tahla* .”

“Ah”, disse Norah, “eu ouvi.”

“Minha mãe morreu no parto. Eu deveria ter morrido também. Mas não morri. Meu pai disse que eu era tão selvagem fora do útero que o espírito deve estar dentro de mim. É um nome forte.” Ela olhou para o cavalo com um sorriso. “Poucos viram Savantahla. Sua visita é uma grande honra.”

O calor da gratidão a preencheu. “Você quer vê-la?” ela perguntou. “Tocá-la?”

Tahla soltou um suspiro. “Certamente ela não me deixaria.”

Norah deu de ombros. “Podemos ver.”

A filha do chefe pulou ansiosamente, fazendo Norah rir, e as mulheres seguiram em direção ao rio. Os outros cavalos pastando não prestaram muita atenção nelas enquanto se aproximavam, mas a égua sacudiu a cabeça e bufou.

“Calma,” Norah a chamou. “Eu trago uma amiga que quer te conhecer.”

A égua balançou a cabeça novamente, mas deixou que eles se aproximassem. Norah coçou o pescoço sob a crina espessa e deu-lhe um tapinha gentil. Virando-se para Tahla, ela estendeu a mão. "Venha aqui."

Sem palavras, Tahla se aproximou, e Norah juntou as mãos no pelo prateado da criatura. Tahla soltou um suspiro emocionado, passando a mão pelo pescoço da égua. Norah sorriu para o amor e respeito que a filha do chefe tinha pelo animal. Este cavalo era especial. Norah só queria saber qual era sua conexão com ele.

Norah agarrou um punhado de crina e se puxou para as costas da égua. “Acho que ela gosta de você”, Norah disse, abaixando-se. “Você quer tentar um passeio?”

“O quê?” Tahla suspirou incrédula.

"Vamos."

Tahla deu um tapinha gentil na égua, insegura, mas ela agarrou a mão de Norah. Norah a puxou para cima e para trás dela. A égua dançou ansiosamente, mas parecia dócil.

"Bom?" Norah perguntou.

"Além!" Tahla exclamou. "Eu só sonhei com essas coisas!"

"Vamos!" Norah sussurrou para a égua, e a fera começou a galopar ao longo do rio. A água ondulante capturou os últimos raios de sol, e a curva da terra se ergueu para encontrá-los. Tahla soltou um grito de alegria, abrindo bem os braços, como se estivesse voando, e Norah riu. Norah incitou a égua a ir mais rápido, e elas voaram sobre as margens do rio. O vento chicoteava seus cabelos, e lágrimas ardiam nos olhos de Norah. Finalmente, ela diminuiu o ritmo da égua para uma caminhada, sem fôlego.

"Não acredito que isso está acontecendo!" Tahla gritou.

Norah sorriu de volta para ela.

"Parece que deixamos a terra para trás." A filha do chefe riu, olhando para o pôr do sol roxo. "E agora cavalgamos entre os céus."

Era celestial. A beleza estava ao redor deles, mas o peso da circunstância puxou seu espírito de volta. "Acho que devemos retornar." Norah suspirou. "O rei deve ter notado minha ausência e temerá minha fuga."

"Sua fuga?" Tahla perguntou. Então ela fez uma pausa quando a compreensão veio a ela. "Você não quer se casar com ele?"

O silêncio de Norah respondeu por ela.

"Olhe," Tahla disse a ela, apontando para trás deles. Norah diminuiu a velocidade da égua até parar e olhou para trás deles. Não havia rastros ao longo da margem lamacenta do rio, nenhuma trilha de sua cavalgada. A respiração de Norah ficou presa na garganta.

"Viu?", disse a filha do chefe. "O poder de Savantahla."

Norah soltou um suspiro trêmulo, percebendo sua chance.

"Você poderia ir," Tahla disse suavemente. "Se não é isso que você quer, se você não quer se casar com ele."

Norah queria correr. Ela fechou os olhos e respirou o puxão da liberdade. "Por que você me ajudaria?", ela perguntou a Tahla. "Kharav não é seu aliado? Seu amigo?"

Tahla parou por um momento e então soltou um suspiro. "Seis anos atrás, meu pai me forçou a casar. E na minha noite de núpcias, quando eu não queria me entregar a ele, meu marido me bateu e depois me levou de qualquer jeito."

"Oh, Tahla. Sinto muito."

“Não sinta. Eu me vinguei.”

O estômago de Norah revirou. Era esse o futuro dela?

“Salar é um bom homem”, Tahla disse, parecendo ler sua mente. “E ele será um bom marido. Mas não ficarei ociosa por uma mulher se casar contra sua vontade. Cavalgue dois dias para o oeste, passando pelas ruínas de Choan, e então vire para o norte. Você se encontrará nas profundezas das Terras Tribais, mas com Savantahla, qualquer tribo lhe dará abrigo, segurança, provisões.”

O coração de Norah batia descontroladamente em seu peito. A égua empinava-se abaixo deles, sentindo sua energia. Norah estendeu a mão para acalmá-la. Ela se virou para Tahla, sorrindo tristemente. “Você não sabe o quanto sua gentileza significa para mim. E é verdade que não quero me casar com ele. Mas esse casamento acabará com dez anos de guerra. Meus nórdicos estão marchando enquanto falamos. A batalha é iminente; milhares morrerão. E Mércia precisa de ajuda. O inverno se arrasta, e meu povo está desesperado. Não temos comida. Esse casamento parece resolver tudo. Eu tenho que fazer isso.”

“Você é uma rainha forte para seu povo.”

“Eu quero ser.”

Tahla sorriu e colocou uma mão quente em seu braço. “Então retornaremos. Mas lembre-se sempre de que a escolha é sua.”

Norah sorriu e incitou a égua a voltar pelo caminho que tinham vindo. O sol se pôs, e o céu ficou mais escuro. “Você falou das ruínas de Choan,” ela incitou. “O reino da fronteira que as Terras Sombrias destruíram?”

Tahla bufou. “Isso parece um jeito nórdico de descrever, mas sim, eu acho.”

“Como você descreveria isso?”

“Era um reino que quase exterminou os Uru. Eles queriam nossa terra ao longo do rio. Eles atacaram nossas aldeias, levaram nossos cavalos, massacraram nosso povo.”

Uma onda de horror a invadiu. “O que aconteceu?”

“Salar veio. Ele expulsou Choan. Mas depois da batalha, depois que Salar retornou a Kharav, eles atacaram novamente, apesar de seu aviso para não fazer isso. Então, ele fez o que tinha que fazer.”

Ele os protegeu. Norah engoliu em seco. “Ele me disse que os Uru o ajudaram depois que ele fugiu de Aviron, que você o salvou.”

“A morte estava chegando para ele. Demos nossas melhores colheitas e peles aos espíritos, e rezamos por seis dias. No sexto dia, sua febre cedeu. Então nós os mostramos pelos cânions e para casa.”

Alívio a encheu. O rei não havia destruído Choan por diversão. Ele os estava protegendo. Ele estava protegendo as pessoas que o ajudaram em seu momento de necessidade — pessoas que se sacrificaram por ele, que se importaram com ele.

Como tudo era diferente do que ela pensava que conhecia. Mas ainda assim... toda essa morte.

“Seu marido morreu?”, ela perguntou. Então ela se repreendeu. Era uma pergunta muito pessoal, muito curiosa.

“Publicamente — quem sabe? Privadamente, da maneira mais lindamente horrível.”

O estômago de Norah se revirou, mas ela não conseguiu reunir simpatia por um homem assim. “O que aconteceu?”

“Soren.”

Tahla não precisava dizer mais nada. Norah podia imaginar. Ela notou que Tahla chamava o comandante pelo nome. “Vocês dois são próximos?”

“Conheço Soren desde que ele era um garoto. Agora ele está crescido e acha que é um lorde chique, mas eu nunca o deixei esquecer que sempre posso pegá-lo com uma lâmina.”

Norah sorriu. Tahla era um espírito lindo.



Quando Norah e Tahla chegaram de volta à vila, uma multidão de crianças as cercou, torcendo por Tahla, que sorriu de volta para elas. A mulher deslizou para baixo, e Norah devolveu a égua aos outros cavalos ao lado do rio.

O chefe estava esperando. “Você montou Savantahla?” ele perguntou a Tahla incrédulo.

“Pela graça de Savan e de Salara”, ela disse, sorrindo de volta para Norah.

O uso do título de Sombra por Tahla surpreendeu Norah, mas foi... agradável. Ela reprimiu o sentimento. Ela não queria gostar disso. Ela não queria ser salara, *a Rainha das Sombras* .

Os olhos de Norah encontraram os de Mikael. Ele parecia abalado — ele temia que ela tivesse ido embora. Ela lhe deu um pequeno sorriso reconfortante antes de Tahla puxar sua atenção de volta.

“Venha!”, disse a filha do chefe. “Tenho algo para você que acho que você vai gostar.”

Norah olhou de volta para o rei e então deixou Tahla puxá-la para longe novamente. Ela seguiu a mulher Urun por um caminho, através da rocha, e por uma trilha que fazia uma curva, revelando uma grande cachoeira com uma piscina no fundo. Tochas circundavam a piscina, afastando a noite.

“Este lugar é incrível”, disse Norah.

“Vamos!” Tahla disse animadamente enquanto tirava suas roupas.

Norah riu surpresa e olhou em volta timidamente.

“Não se preocupe. É privado para nós,” Tahla assegurou a ela.

Ficar nua e pular em uma cachoeira no meio do inverno depois de ficar noiva do Rei das Sombras não era o que ela esperava fazer agora. Mas o espírito de Tahla a deixou feliz, então ela tirou as botas e se contorceu para fora das roupas.

Tahla mergulhou na piscina, desaparecendo por baixo e então subindo de volta à superfície. Ela sorriu para Norah, esperando.

“O que você está esperando?” ela perguntou.

Norah respirou fundo e pulou, preparada para a picada do frio. Mas, para sua surpresa, a água estava morna, e ela deixou que ela levasse seus fardos em sua corrente. Ela veio à superfície e respirou, encontrando Tahla. "Está morna!", ela exclamou.

“Ele é alimentado por uma fonte termal nas cachoeiras”, Tahla disse a ela.

Como a caverna . Norah fez uma pausa, revivendo a memória. Ela pensou em Alexander. Ele estava marchando para Kharav agora mesmo, pronto para a guerra. Ele estava vindo atrás dela.

“Você está bem?” Tahla perguntou.

“Isso só… me lembra… de um lugar lá em casa. Eu estava pensando nisso.”

“Você sente falta do Norte?”

Norah assentiu. “Partes disso. Principalmente as pessoas.”

“Você verá isso de novo, no entanto. Certo?”

Norah forçou um sorriso. *Talvez* .

“Vamos,” Tahla chamou ela, nadando em direção às cachoeiras. “Venha aqui.”

Norah seguiu e se viu debaixo de um chuveiro de água quente. Depois de longos dias de cavalgada, foi uma sensação incrível.

Tahla alcançou uma cesta que havia sido colocada perto das quedas d’água. “Aqui,” ela chamou, segurando algo em sua mão.

"O que é?"

“Corian. É uma raiz de sabão. Cheire.”

Norah levou-o ao nariz e aspirou sua doce fragrância. “Cheira incrivelmente.”

“Lave o cabelo com ele. Você vai respirar seu cheiro a noite toda.”

Norah sorriu enquanto ensaboava a pasta no cabelo e a enxaguava nas quedas d'água. Ela respirou fundo. Ela finalmente se sentiu limpa. Limpa da jornada. Do medo. Da pressão. Limpa da tristeza e do desgosto. Ela sabia que era temporário, mas por enquanto, ela iria saborear.

Uma pilha de roupas dobradas estava perto da piscina enquanto eles saíam da água.

“Aqui,” Tahla disse a Norah, entregando as roupas a ela. “Vista isso.”

Norah se encolheu em um vestido de mangas compridas, e Tahla o amarrou atrás dela. Elas riram enquanto penteavam seus cabelos, e por um breve momento, o peso do mundo pareceu um pouco mais leve.

“Obrigada por isso,” Norah disse a ela. “Sua gentileza—”

“Não.” Tahla sorriu, agarrando as mãos. “Somos irmãs agora.”

Norah sorriu e então assentiu, sentindo-se um pouco emocionada. Naquele momento, tudo estava perfeito.



Tahla e Norah retornaram para a celebração e sentaram-se perto do fogo, saboreando taças de vinho quente e doce.

“Ele está de olho em você”, Tahla disse a ela, “e não acho que seja por medo de sua fuga”.

Norah olhou através do fogo e viu o Rei das Sombras olhando para ela.

“Você não gosta de homens bonitos e poderosos que mudam o destino dos reinos para você?” Tahla perguntou.

Norah sorriu, mas então ficou séria. “Ele mudou para si mesmo. E há muitos incentivos neste casamento para ele. Eu seria tola em acreditar que ele tinha sentimentos por mim ou em me deixar ter sentimentos por ele.”

“Não sei sobre isso.” Tahla sorriu de volta para o rei. “Esse olhar não diz, 'Viva! Vou pegar arqueiros, aço e pedras!' ou o que quer que você tenha no Norte.”

Norah sorriu para ela. “Aprecio seu esforço para tramar um caso de amor na minha situação, mas não quero esperar por isso. É melhor eu aceitar isso pelo que é — um arranjo

que ajudará nossos dois reinos. Acredito que ele e eu poderíamos ser amigos, aliados. É isso que espero."

"Tudo bem, eu entendo", Tahla sussurrou com um sorriso travesso.

A noite avançou, e Norah se misturou livremente através da calorosa aceitação dos Uru. Ela se surpreendeu com o quanto ela se divertiu. Ela estava desesperada pela liberdade de sair, respirar e ser ela mesma, mesmo em Mércia. Por que ela era capaz de sentir essa liberdade somente agora, depois de ser capturada por seu inimigo?

Ela viu o rei do outro lado do fogo, ainda olhando para ela, e deu um pequeno sorriso. Ela não tinha falado com ele desde que chegaram, tendo sido levada embora por Tahla. Norah reuniu coragem e caminhou ao redor do fogo até ele.

Os olhos dele se voltaram para o vestido que Tahla lhe dera enquanto ela se aproximava.

Ela levantou uma sobrancelha. "Você gosta?"

Ele a encarou por um momento, e ela pensou que ele não responderia. Então ele disse, "Eu aceito." Sua voz estava grossa, um tom diferente da brincadeira leve que ela esperava. Alexander a teria elogiado educadamente, mas o olhar do rei continha mais do que um elogio.

Ele se levantou e se aproximou. Perto demais. Norah puxou o xale externo mais apertado em volta dos ombros; ele ainda a perturbava. Ele agarrou uma mecha do cabelo dela e a trouxe para perto do rosto, sentindo o cheiro do corian. A pele dela formigou, e ela se afastou.

A testa do rei franziu e seu lábio se contraiu. "Você não quer que eu goste, Rainha do Norte?" ele perguntou.

Ela não sabia como responder. Sabia?

Ele se aproximou novamente, sua voz baixa. "Você virá até mim esta noite?"

Ela soltou um pequeno suspiro de surpresa com uma pontada de ofensa. Para a *cama dele* ? "Por que eu faria isso?", ela perguntou, surpresa.

Confusão passou pelo seu rosto. "Porque você será minha esposa."

"Mas eu ainda não sou sua esposa", ela retrucou.

Suas palavras saíram entrecortadas. "Então por que você se molda… com perfume no cabelo?"

"Porque eu gosto de estar limpa e me sentir bonita e cheirar… não como se eu estivesse batalhando e cavalgando por semanas. Nem tudo é sobre agradar um homem, sabe. As mulheres gostam de fazer as coisas por si mesmas!"

Mikael deu um passo para trás, claramente não esperando a resposta dela. Ele tinha confundido a atenção dela consigo mesma, e ela podia dizer que tinha ferido o orgulho dele.

Ele deu um aceno firme. “Claro,” ele disse. “Vou deixar você, então.”

Uma onda de arrependimento a percorreu, mas ela não tinha certeza do motivo. Ela não tinha intenção de ser íntima do rei, mas percebeu que não queria que ele fosse. Mas ela reprimiu isso. Ela não sentia nada por ele.

Ele fez uma pausa, virando-se para ela. “North Queen,” ele disse, seus olhos penetrando-a. “Você está… linda.”

Ela não sentia nada por ele, ela lembrou a si mesma.



Capítulo trinta e cinco

O sol da manhã se espalhou pelo horizonte enquanto os Shadowmen se preparavam para partir. Tahla se aproximou com um sorriso enquanto Norah preparava sua égua.

"Trouxe algo para você levar de volta", disse Tahla, estendendo uma bolsa.

Norah pegou e espiou por baixo da aba. Dentro havia pequenos potes e envoltórios de óleos, bálsamos e sabonetes. Ela já sentia uma profunda apreciação pelas roupas extras que Tahla havia fornecido. Ela sorriu. "Sei que estou aqui há pouco tempo, mas quero agradecer. Não apenas pela sua hospitalidade, mas pela sua amizade. Era muito necessária e muito apreciada."

"Estou feliz que não vamos para a guerra, Salara. Cavalgar em Savantahla é um momento que nunca esquecerei. Lembre-se, somos irmãs agora. O que você precisar, diga." Tahla inclinou a cabeça e olhou por cima do ombro de Norah para o cavalo. "Cuide dela, sim?" ela gritou.

A égua bufou, e ambas as mulheres riram. Norah se virou e subiu na sela, então olhou para baixo. "Adeus, Tahla," ela disse.

"Adeus, Salara", respondeu a filha do chefe.

O rei sentou-se em seu corcel, esperando pacientemente. Quando ela estava pronta, eles partiram para a manhã. Ele trouxe seu cavalo para perto dela, olhando para ela.

"O quê?" ela perguntou sem se virar.

"Você disse algo ontem que me fez questionar."

Ela finalmente olhou para ele, esperando.

"Você já se deitou com um homem antes?" ele perguntou.

Norah bufou de surpresa, ofendida. "Você questiona minha honra?"

Sua testa franziu. "O que virgindade tem a ver com honra?", ele perguntou.

Norah não sabia o que dizer. "Se não importa, então por que você está perguntando?"

“É bom, eu sei”, ele disse. “Para nossa noite de núpcias.”

Um buraco cresceu no estômago de Norah enquanto ela tentava engolir o aperto em sua garganta. "Bem, se chegarmos à nossa noite de núpcias, conversaremos sobre isso então." Ela incitou sua égua a ir em frente, deixando o rei e a conversa, e tentou tirar o assunto da mente.



Os Shadowmen acamparam no topo dos cânions por dois dias antes que o exército mércio chegasse. Trompas de guerra soaram, e Norah se perguntou o que Alexander deveria estar sentindo enquanto se preparava para a guerra, vindo atrás dela. Ela estava desesperada para vê-lo, mas não tinha certeza se conseguiria enfrentá-lo.

Ela ficou em silêncio, olhando para baixo dos penhascos para as legiões se organizando à distância. As trompas mércias soaram novamente em antecipação à batalha. E ela de repente percebeu o Rei das Sombras ao seu lado.

“Eles estão se preparando para um ataque”, ela disse.

“Então, quão felizes eles ficarão quando souberem que não morrerão hoje”, ele respondeu.

“E o Urso?”, gritou o comandante, chegando atrás deles.

O pulso de Norah acelerou. “O que tem ele?”, ela disse brevemente, olhando para Mikael. “Você esqueceu do nosso acordo?”

Os olhos do comandante estavam em Mikael, ignorando-a. Ele esperou pela resposta do rei.

Mikael olhou para ele com uma calma implacável. “O Urso não deve ser machucado.”

O comandante bufou de raiva. “Ele vai se envolver.”

“Eu disse que ele não deve ser machucado. Certifique-se de que todos os guerreiros estejam cientes. Eu cortarei a cabeça de qualquer homem que levantar a mão para ele.”

Os cantos dos olhos do comandante se apertaram, mas ele se virou para o exército. Apesar das palavras de Mikael, a preocupação de Norah com Alexander aumentou. Ela olhou para ele cautelosamente.

Suas narinas se dilataram, e ele colocou o capacete de volta. “Por que esse homem é tão importante para você?”

O coração de Norah ameaçou saltar para fora do peito. Ela tinha certeza de que ele podia ouvi-lo. “Seu senhor comandante não é importante para você?” ela desafiou. “Você me daria a cabeça dele tão livremente se eu pedisse?”

Mikael olhou para o exército mércio à distância, mas não a pressionou mais. “Como eu disse, ele está seguro. Mas ele deve retornar com seu exército para o Norte.”

Norah assentiu. Era isso que ela queria — seu exército de volta à Mércia e Alexandre seguro. Ela esperava que fosse tão simples assim.

A comandante retornou, seguida por um pequeno grupo de soldados com carroças cobertas. Ela olhou para Mikael, confusa, e ele puxou uma lona, mostrando sacos de arroz e produtos secos por baixo.

“Para o seu exército”, ele disse. “Nossos batedores relataram que estão com poucas provisões. Quando você retornar para mim, eu enviarei mais.” Ele se aproximou dela. “Sou sincero em meu comprometimento, e confio que você também seja.”

Ela não esperava ofertas dele de boa fé. O gesto a deixou sem palavras enquanto ela olhava para as carroças.

“Rainha do Norte,” Mikael disse, puxando-a para olhar para ele. “Você vai mandar o Urso—esse Alexander—de volta para o Norte.”

A cabeça do comandante se ergueu em surpresa. Ele reconheceu o nome. Seu estômago caiu quando a fúria ardente dos olhos dele a queimou, e ela apertou as mãos para não tremer. Para seu espanto, ele não disse nada, mas ela sabia que não seria um detalhe que ele ignoraria.

Ela forçou um aceno para Mikael.

“Você terá até amanhã com seu exército, depois voltará para mim”, ele disse a ela.

Norah assentiu novamente. “Amanhã.”

Ela montou seu cavalo, e a égua se mexeu ansiosamente embaixo dela. O comandante montou ao lado dela, e ela virou a cabeça em direção a Mikael, surpresa. “Ele não é necessário,” ela disse.

“Ele é muito necessário,” Mikael respondeu rigidamente, e ele bateu uma mão no pescoço do cavalo do comandante. “Ele é seu para comandar, mas ele não sairá do seu lado.”

Norah duvidou seriamente que Soren — não, não Soren, *o senhor comandante* — seguiria qualquer coisa que ela ordenasse a ele. Ela lançou-lhe um olhar de aço. Com um último olhar para o rei, ela incitou sua égua a seguir em frente, pelo caminho estreito que levava às trincheiras do cânion.

"Seu Alexandre é o Urso", ele rosnou quando eles estavam fora do alcance da voz.

“Nós concordamos em não falar sobre isso novamente”, ela disse por cima do ombro.

“Isso foi antes de eu saber quem ele era.” O caminho se alargou, e ele levou seu cavalo para o lado dela. Seus olhos queimavam nela, mas ela se recusou a olhar para ele.

“O Urso é seu amante”, ele insistiu.

“Não.” Ela balançou a cabeça. “O que quer que tenha acontecido entre nós, foi há muito tempo.” Um tempo que ela nem conseguia lembrar.

Eles avançaram mais, passando pelas sombras dos cânions.

“Você vai chorar quando eu matá-lo?” ele perguntou.

A pergunta fez um tremor percorrer sua espinha e prendeu sua respiração no peito. Uma raiva percorreu seu corpo. Ela virou a cabeça para capturar o olhar dele, seus dentes à mostra e os olhos brilhando. “Se ele morrer, esse casamento também morre, e minha aliança com Aleon será certa. Seu rei irá perdoá-la por isso?”

Ele agarrou o braço dela, puxando-a para perto enquanto os puxava para parar. "Eu não dou a mínima para Aleon. É o Urso que traz o destino de Salar, e eu vou arrancar a cabeça dele não importa a consequência." Seus olhos sorriram cruelmente. "Talvez não seja hoje." Ele fez uma pausa. "Ou talvez seja. Mas não se engane, eu vou matá-lo."

“Tire as mãos de mim”, ela disse entre dentes.

O comandante rosnou, mas pela primeira vez fez o que ela havia dito e soltou seu aperto. Ele empurrou sua montaria para frente novamente, continuando pelo labirinto escuro das paredes do cânion.

Ela não teve escolha a não ser seguir. O pânico cresceu dentro dela. Ele veio para matar Alexander, e não havia nada que ela pudesse fazer. O exército das Sombras observava do topo do cânion, e Japheth esperava logo a leste. Se seus homens matassem o comandante, os Homens das Sombras e Japheth atacariam o exército Mércio e os dominariam facilmente. Se o comandante matasse Alexander, seu exército contra-atacaria, levando ao mesmo fim. Ela precisava manter a paz, manter o comandante longe de Alexander e enviar seus homens do Norte de volta para casa.

A luz retornou quando se aproximaram do fim da abertura do cânion, e o comandante parou e olhou para ela. Seus olhos brilhavam com fogo escuro através da fenda em seu turbante. Ele estava sentado maior do que um homem totalmente blindado, mas não usava armadura, exceto o ombreira no ombro de seu braço da espada e as poleyns pretas acima de suas botas. Ele havia renunciado à sua túnica de inverno, exibindo as marcas de tinta em

seu peito e braços, e carregava seu enorme machado de batalha. Seu cavalo usava armadura com crista, e tinta de guerra vermelha escorria pelo peito da fera como sangue. Ela revirou os olhos para a exibição. Sem dúvida, seu exército ficaria desconfortável, no entanto.

Eles emergiram das profundezas do cânion, em direção ao exército que a esperava mais adiante.

Um grito ecoou: “A Rainha!”

Eles se aproximaram do exército mércio, e ela sabia que Alexandre já a teria reconhecido. Embora ela usasse roupas de Cavaleiro de Tahla, não havia como confundir seu cabelo, especialmente em contraste com a escuridão do comandante ao lado dela. Ela penteou as fileiras em busca dele, e então parou.

Um grande homem montado esperava na frente do exército, com a cabeça coroada de um urso branco do Norte como uma ombreira em seu ombro. *O Urso* . Seu elmo brilhava sob o sol, e seu cavalo pateava a terra diante da impaciência de seu cavaleiro. *Alexandre* .

Ela lançou um olhar severo ao comandante. “Você realmente será a causa de uma guerra que seu rei trabalha para evitar?”

Ele deu uma risada maliciosa. “Você tem certeza de que *eu* serei a causa?”

Ela olhou para trás e viu Alexander se separar do exército mércio, correndo em sua direção com uma cavalaria atrás dele. Seu coração pulou na garganta. Ele não estava vindo simplesmente para encontrá-los — ele estava vindo para libertá-la.

Ele estava atacando.



Certamente seus olhos o enganaram. Alexandre olhou fixamente com o coração acelerado, observando enquanto dois cavaleiros emergiam dos cânions e cavalgavam em direção ao exército mércio.

Ele os reconheceu instantaneamente.

Norah . Sua mão apertou o punho de sua espada. *E o Destruidor* .

Seu inimigo o estava provocando. Ele não sabia que plano nefasto estava em ação, mas ele tinha vindo por Norah, para salvá-la. E era isso que ele faria, não importando as consequências. Não importando o sacrifício.

Seus arqueiros ao longo da linha de frente puxaram seus arcos para trás. Eles eram os melhores do mundo e, agora, tinham um alvo. A essa distância, eles não errariam o Destroyer, mas Norah estava muito perto.

“Esperem!” ele gritou. Ele examinou o topo dos cânions onde o exército das Sombras olhava para eles. O que era esse truque? Sem dúvida, o Rei das Sombras a estava usando para atrair o exército da Mércia para mais perto, para atrair Alexandre para mais perto.

Mas não importava se era uma armadilha. Ele viria.

Ele olhou para Titus à sua direita. “Vamos rápido e forte. Eu vou pegar o Destruidor. Você pega a rainha e cavalga para Aleon. Não pare. Depois disso, não haverá exército mércio. Apenas o Rei Phillip será capaz de protegê-la. Leve-a até ele. A todo custo.”

O gigante soldado assentiu. “Sim, meu senhor.”

Alexander varreu seu olhar através de sua cavalaria e apertou seu punho em sua espada. Seu corcel escavou a terra e tremeu embaixo dele, sentindo a carga aumentando. "Comigo!" ele rugiu. Ele bateu a cobertura facial de seu capacete no lugar com sua lâmina e esporeou seu corcel para frente. Seus olhos se fixaram em Norah e no Destruidor. Ele empurrou todo o resto para fora. Nada mais importava, exceto colocá-la em segurança.

Uma trompa de batalha soou dos Shadowmen no topo dos cânions, e Alexander empurrou sua montaria mais rápido. Os Shadowmen desceriam e dominariam seu exército rapidamente, mas não antes que ele alcançasse Norah, não antes que Titus a levasse embora.

O Destruidor puxou seu enorme machado de batalha, uma arma com a qual Alexandre já havia lutado antes, segurada por um monstro com quem ele já havia lutado antes.

Dez anos de guerra. E este foi o começo do fim.

Mas pouco antes de Alexander alcançá-los, Norah girou seu cavalo na frente do Destruidor, colocando-se entre eles. “Pare!” ela gritou.

O corcel de Alexandre parou bruscamente, e o resto dos soldados montados varreram ao redor deles em um círculo. O que ela estava fazendo? A confusão o inundou. “Norah! Qual é o significado disto?”

“Abaixe sua espada!”

Alexandre levantou-o mais alto e seu cavalo empinou.

“Abaixe sua espada!” ela exigiu novamente.

Ele puxou seu corcel de volta em perplexidade, olhando para Norah e depois de volta para o Destruidor. Ele deu uma rápida olhada para Titus, que estava sentado pronto para agarrá-la, mas parou em sua própria perplexidade.

"O lorde comandante está sob tratado", ela disse, alto o suficiente para todos ouvirem. "Ele está comigo." Ela lançou um olhar de advertência ao Destruidor, e ele abaixou seu machado.

Com ela? "Como?" Alexander fervia. Ele olhou de volta para o exército das Sombras no cume, depois de volta para Norah.

"Não cabe a nós discutir aqui."

O que isso significava? Ele olhou para as carroças atrás dela e apontou sua espada para elas. "O que é isso?"

"Provisões," ela disse, "para nossos soldados. Vamos retornar ao exército, e eu explicarei."

"Você negocia com o Destruidor?", ele perguntou friamente. Ele apontou sua espada para o monstro. "Desça do seu cavalo", ele ordenou.

"Ele não fará tal coisa", Norah retrucou, pegando-o de surpresa. "Eu sou rainha, e eu disse para largar suas armas. Não serei obrigada a me explicar enquanto sofro para evitar a guerra. Recue, Lorde Justiça, e deixe-o passar!"

A ferocidade dela o atordoou, e Alexander puxou seu corcel de volta. Norah incitou seu cavalo em direção ao exército mércio com o Destruidor ao lado dela. Alexander lançou outro olhar para Titus, que o encarou de volta com os olhos arregalados, e ele pressionou seu corcel para segui-lo.

Os arqueiros mercianos ainda tinham seus arcos em punho. O cavalo do Destruidor empinou e soltou um grito fantasmagórico, mas Norah gritou para o exército recuar.

Os nórdicos se entreolharam, tão confusos quanto Alexandre, mas obedeceram e se separaram para as carroças e os Shadowmen que as entregavam. Os Shadowmen pararam as carroças e ficaram parados, esperando pelo próximo comando. Norah realmente os comandou?

"Nós os levaremos daqui", ela disse. "Vocês podem retornar." Os Shadowmen partiram para se juntar ao seu exército enquanto os Northmen, incluindo Alexander, assistiam em choque.

"O que tem ele?" Alexander gritou, apontando sua espada para o Destruidor.

Ela olhou para o monstro, que estava sentado em silêncio, mas ele não enganou Alexander. Ainda havia um mal dentro dele.

"Ele fica comigo", ela disse.

Alexandre só conseguiu olhar boquiaberto para ela e segurar sua espada com mais força.

Eles cavalgaram até a retaguarda do exército, subiram uma pequena colina onde já havia uma tenda, e desmontaram. Os olhos de Alexander procuraram Norah por respostas. O que estava acontecendo?

"Não haverá batalha," ela disse abruptamente. "Diga aos homens para descansarem e montarem acampamento."

Nenhuma batalha ? *Descanso* ? "Ainda é cedo", argumentou Alexander. "E o que você quer dizer com não haverá batalha?"

"Eu ficarei aqui com você até amanhã", ela respondeu. "E então você retornará para Mércia."

Retornar para Mércia ? O que?

Ela se abaixou para dentro da tenda, onde os soldados nórdicos se esforçavam para arrumar as coisas para sua rainha. O Destruidor a seguiu e ficou de lado. Alexander entrou atrás deles, olhando feio. Ele ainda não conseguia acreditar — o comandante de seu maior inimigo estava a poucos passos de distância, e Norah agia como se ele fosse um amigo.

Alexander baixou a voz. "Norah, você vai me contar o que está acontecendo?"

"Deixem-nos", ela disse aos outros soldados lá dentro, e eles esvaziaram a tenda.

Ele olhou para o Destruidor. "Ela disse *para nos deixar* ."

Norah balançou a cabeça. "Ele não irá."

"Eu o farei ir." Alexander deu um passo em sua direção.

Ela estendeu a mão e agarrou o braço dele, parando-o. "Não. Ele recebeu ordens para ficar."

Ordenado ? "Por quem?"

Ela engoliu em seco. "Pelo Rei das Sombras… a quem estou prometida."

As palavras dela cortaram seu coração do peito. Ele não conseguia respirar. *Noiva* . "Noiva?" Sua respiração superficial ficou mais rápida, mas ainda deixou seus pulmões sem ar. "Mas você vai se casar com o rei de Aleon."

"Eu mudei de ideia." Sua voz falhou enquanto ela falava.

Alexander deu um passo para trás. Não . *Não* . “Você deveria unir nossos reinos.” Seus olhos voltaram para o Destruidor. “Ele é o monstro contra o qual estamos lutando. Você trai Mércia!”

“Estou salvando Mércia! Agora não haverá guerra. Não haverá mais mortes. O inverno continua, mas nosso povo terá comida.”

“Aleon nos dará as provisões de que precisamos.”

“Mas as Terras Sombrias nos darão paz! Sim, Aleon pode nos ajudar, mas Phillip trará outra Grande Guerra com ele.” Ela balançou a cabeça. “Tenho que fazer o que é melhor para Mércia.”

“Eles vão nos destruir!” ele fervia, com lágrimas de raiva nos olhos.

“Eles não querem guerra.”

Alexander tremeu ao pisar na frente do Destruidor. “Não? Este aqui deseja isso,” ele disse entre dentes.

O monstro olhou para ele por baixo do envoltório em volta do rosto. Alexander mostrou os dentes. Este era um homem fera, mas ele não estava com medo. Só um covarde cobriria seu rosto.

Norah se colocou entre eles. “Preciso escrever uma carta para minha avó”, ela disse. “E isso vai me levar algum tempo. Distribuir a comida para o exército. Haverá mais amanhã.”

“O exército não comerá comida das Terras Sombrias.”

“Eles farão isso se você mandar. Prepare-se para a viagem de volta para Mércia.” A voz dela falhou novamente, e ameaçou quebrá-lo também. Ela não queria isso. Ele tinha que encontrar uma maneira de impedir.

“Vá”, ela disse.

Mas ele não podia deixá-la. Não com esse monstro.

"Ir!"

Seu rosto se contraiu em amargura avassaladora, e isso o esmagou, mas ele obedeceu e saiu furioso da tenda. Ele parou do lado de fora, parando para respirar fundo e engolir a bile que subia em sua garganta.

Norah ia se casar com o Rei das Sombras? *Não* . Isso não ia acontecer.

Ele não deixaria.



Uma risada baixa vibrou do comandante enquanto ele puxava o manto para baixo do rosto e abaixava a cabeça de seu machado de batalha para descansar no chão.

Norah olhou feio para ele. “Tenho certeza de que você acha tudo isso muito divertido.”

“Um pouco”, ele respondeu com um sorriso malicioso.

“Ah, você encontrou sua língua.”

Ela se virou para ele, mas ele a segurou pelo braço. “Volte para Salar hoje.”

“O quê?” Ela puxou o braço para longe. “Por que eu faria isso?”

“Eu reconheço um homem desesperado quando vejo um.”

“Alexander não está desesperado,” ela cortou. “Ele está pensando sobre o que isso significa para Mércia.”

“Ele está pensando em você na cama do inimigo dele.”

Ela deu-lhe um tapa forte no rosto.

Ele mostrou os dentes contra a ferroada, mas seus olhos brilharam de volta para ela. “Ele está cometendo erros estúpidos. Ele deveria ter marchado por Bahoul. Essa teria sido a escolha inteligente.”

Norah engoliu em seco. Foi por isso que o Rei das Sombras a levou para Bahoul. Eles esperavam que Alexander fosse para lá. Foi *a escolha inteligente* .

“Mas em vez disso, ele marchou direto pelas Terras Tribais”, ele disse a ela. “E ele conduziu seu exército muito mais rápido do que deveria. Olhe para seus homens. Eles estão cansados, esgotados.” Ele fez uma pausa, com uma leve curva dos lábios. “Sua emoção o controla. E isso o torna facilmente derrotado.”

Ele se inclinou para mais perto dela. “Gostaria de fazer uma aposta, Rainha do Norte? Se você ficar aqui esta noite, haverá guerra. Dê a ele tempo — tempo para pensar, para conspirar, para planejar, para a loucura tomar conta — e ele não deixará você ir.” Ele sorriu. “E eu o matarei.”

O pulso de Norah acelerou novamente. Ela não estava confiante de que Alexander conseguiria enfrentar o bruto do rei. Se ela voltasse agora, o comandante iria com ela, mantendo Alexander seguro.

“E se eu voltar hoje?” ela perguntou. “Você não vai machucá-lo?”

Seus olhos ardiam com um fogo insatisfeito, mas finalmente ele assentiu.

Lágrimas ardiam em seus olhos, ameaçando cair. “Deixe-me escrever minha carta, então. E eu irei.”



Norah dobrou sua carta escrita, despejando a cera e carimbando-a lentamente. Esta não era uma carta de boas notícias, mas sua avó ficaria aliviada com sua segurança, e Norah tinha certeza de que ela entenderia. Este casamento mudou tudo, para todos.

Alexander entrou na tenda e olhou para o comandante, encontrando-o como o havia deixado, com a cabeça do machado descansando a seus pés e sua mão no cabo. Então seu olhar encontrou Norah. Ela se levantou e se aproximou dele. Ele ficou em silêncio, hesitante em falar na frente do comandante, mas seus olhos penetraram os dela, e ela podia ver a tristeza dentro dele.

"Então é por isso que te chamam de Urso", ela sussurrou, tocando a cabeça da fera em seu ombro.

Sua voz saiu quase num suspiro. “Eu estava com tanto medo de não te ver mais.”

O lábio dela tremeu, e ele se aproximou. Ela não conseguiu se conter — ela avançou e jogou os braços ao redor dele. Ele a envolveu com os braços e a segurou com força. Lágrimas caíram enquanto ela o respirava. Se esta fosse a última vez que ela o veria, ela queria se lembrar de tudo sobre ele — como ele se sentia, como ele cheirava. Ela só queria poder beijá-lo. Ela queria poder dizer a ele que o amava. Mas isso não ajudaria nenhum dos dois agora. Especialmente não com o comandante tão perto.

O comandante .

Lembrando-se da presença dele, ela se afastou, enxugando as bochechas e inalando profundamente. “Vou voltar hoje”, ela disse a Alexander.

Sua respiração acelerou, e ele balançou a cabeça. “Não, fique. Você disse que ficaria até amanhã.”

Ela engoliu o nó na garganta e estendeu a carta para ele. “Para minha avó.”

Ele estendeu a mão e pegou a carta. “Norah, você não pode.”

“Você vai dizer a ela que estou bem?”

Alexander levantou a mão e gentilmente acariciou o hematoma que ainda marcava sua bochecha. Seus olhos estavam cheios de emoção. Ela tinha se esquecido de seu rosto. Ele tinha se curado quase todo, mas ainda havia evidências de uma briga. Quão difícil deve ser para ele vê-la desse jeito.

“O que eles fizeram com você?” ele respirou fundo. Seu olhar voltou-se para o comandante.

“Isso não é obra deles.”

“Tudo isso é obra deles.” Ele balançou a cabeça e baixou a voz. “Norah. Você não pode fazer isso. Você não pode ir.” Suas palavras falharam. “Não posso deixar você ir dessa vez.”

“Você não vê? É o único jeito.”

“E quanto a Aleon?”

“Se eu me casar com Phillip, ainda haverá guerra”, ela argumentou. “Sim, Aleon nos dá os meios para lutar, mas ainda temos que lutar. Você viu a visão. Com Phillip ao meu lado, esta guerra continua. Milhares morrerão.”

Sua sobrancelha se abaixou. “Você acha que Phillip não trará uma guerra se você se casar com o Rei das Sombras?”

“Com o quê? Ele não pode lutar contra Japheth, Shadowlands e Mercia. Ele não ficará feliz, mas não há nada que ele possa fazer. Alexander, uma aliança com Shadowlands é a única aliança que pode trazer paz.”

“Norah, por favor”, ele implorou.

Norah colocou a mão na bochecha dele e balançou a cabeça suavemente. "É tarde demais", ela sussurrou entre as próprias lágrimas. "Fiz uma promessa e não posso quebrá-la agora. Olhe ao nosso redor. Esses homens, todos eles vão morrer. Você vai morrer. Tenho que fazer o que é melhor para Mércia." E o que era melhor para *ele* .

“Não é isso,” ele disse roucamente. “Você não pode se casar com ele.”

O coração de Norah se partiu. “Sinto muito.”

Ela se levantou na ponta dos pés e levou os lábios até a bochecha dele, dando-lhe um beijo de despedida com saudade. Então ela se afastou e saiu da tenda para o inverno.



Capítulo trinta e seis

Norah e o comandante cavalgaram em silêncio de volta pela passagem até o acampamento do exército das Sombras , onde o rei os encontrou com surpresa. Mikael gritou na língua das Sombras e o comandante respondeu da mesma forma.

O rei estendeu a mão para ajudá-la enquanto ela deslizava para fora da égua. Ela podia dizer que ele estava sem palavras sobre o retorno antecipado deles. “Você disse que enviaria mais provisões,” ela o lembrou, forçando sua voz a ficar firme.

“Eu farei isso”, ele garantiu a ela.

Ela deu um pequeno aceno e passou por ele, em direção à grande tenda. Ela estava começando a desmoronar e precisava de um lugar para ficar sozinha. O rei a deixou ir. Lágrimas escorriam pelo seu rosto quando ela se abaixou para dentro, e ela caiu na cama e chorou.

Era dia quando ela acordou com o som da voz do rei do lado de fora da tenda. Ela enxugou os olhos e sentou-se, surpresa por ter adormecido, e ainda mais surpresa por ser de manhã. Uma pele grossa estava sobre ela. Ela ouviu o rei entrar e olhou para cima para vê-lo segurando uma tigela de sopa fumegante e um odre de vinho.

Ele estendeu a tigela para ela. Norah pegou e bebeu o caldo saboroso. Seu estômago roncou. Ela não tinha comido nada no dia anterior e estava faminta. Ela terminou a tigela rapidamente.

Ele estendeu a mão para pegar a tigela, e ela lentamente a devolveu.

“Você quer outro?” ele perguntou.

Sim. “Não.”

Os cantos de sua boca se ergueram. Ele foi até a aba da tenda e estendeu a tigela para um soldado do lado de fora. “Outro”, ele disse.

Ele estendeu o odre de vinho, e ela o pegou, olhando para ele.

“Por que você voltou?” ele perguntou.

Ela tomou um gole do vinho. Um gole profundo. Era bom, e ela o odiou. “Porque eu disse que faria. Você não esperava que eu fizesse?”

Ele não respondeu.

A realização veio a ela. “Foi por isso que você enviou o comandante comigo, não foi? Para me matar se eu tentasse ir embora?”

“Ele deveria matar o Urso.”

Seu coração acelerou. “Nós concordamos—”

“Só se você tivesse quebrado nosso acordo”, ele a interrompeu.

A raiva pulsava dentro dela. “Mas eu não fiz.”

“E o Urso ainda está vivo.”

“Pare de chamá-lo assim,” ela retrucou. “Ele é meu senhor justiça.”

Ela soltou um suspiro para acalmar seu coração. O nome nem a incomodou. Ela só precisava ficar brava com alguma coisa — com ele. Ela precisava da raiva. Era a única coisa que a mantinha unida. Um soldado retornou com outra tigela de sopa, e Mikael a estendeu para ela.

Seus olhos se encheram de lágrimas e ela aceitou.

“Você quer um pouco de pão?” ele perguntou.

Uma lágrima rolou pelo seu rosto e ela balançou a cabeça.

Ele deu um sorriso gentil e sentou-se ao lado dela. Então ele estendeu um pãozinho.

Outra lágrima caiu quando ela a pegou, mas havia um calor nele que a surpreendeu e a acalmou.

Ele sentou-se em silêncio com ela enquanto ela comia o pão e drenava a segunda porção de sopa. Ela poderia ter comido uma terceira, mas não ousou dizer. Quando ela terminou, ele disse: "Meu reino tem boa comida." O canto da boca dele se levantou. "Isso é importante para você, sim?"

Ela limpou os lábios e segurou sua tigela vazia. "O quê?"

Ele deu de ombros. “Você come muito.”

“O que isso quer dizer?”

Ele deu de ombros novamente. “Que você come muito.”

Ela olhou para ele. Isso era algo ruim? Ela comia como uma pessoa perfeitamente normal. Sim, Alexander pode ter provocado ela ocasionalmente...

Ela estremeceu. *Alexander* . Eles estariam voltando para Mércia. Ela colocou a tigela no chão. “Eles partiram?”

“Eles estão se preparando agora. Vá até o penhasco. Você os verá.”

Norah levantou-se rapidamente da cama. Enquanto ela vestia sua capa, o fecho prendeu em seu cabelo. Ela tentou soltá-lo, mas ele ficou preso na trança. Calor subiu para suas bochechas enquanto ela se atrapalhava com ele na frente dele. Ele se levantou e deu um passo à frente, parando-a. Gentilmente, ele desembaraçou as mechas do fecho e endireitou a capa sobre os ombros dela.

Ela vacilou por um momento. “Obrigada,” ela respirou. Seus olhares se encontraram, e eles se aquietaram. A escuridão dos olhos dele a segurou, acalmou-a.

Alexandre, ela se lembrou.

Ela se desvencilhou e então saiu da tenda, correndo em direção ao penhasco e libertando suas tranças da trança desgrenhada enquanto caminhava. Ela chegou à beirada, sem fôlego. O vento soprou seus cabelos descontroladamente ao redor dela enquanto ela olhava para seu exército. Ela viu os cavalos e as carroças de comida que o exército das Sombras havia entregue.

E ela viu Alexandre.

Ele já estava montado em seu cavalo, conferenciando com seus soldados. Um deles apontou para ela e ele se virou para vê-la.

O exército começou a marchar. O frio do vento queimava sua pele, mas ela ficou e os observou partir. Alexandre esperou o último soldado partir, ainda olhando para ela. Ele levantou sua espada para ela — um voto silencioso. Com um último olhar de desejo, ele se virou para se juntar ao exército de volta à Mércia.

Norah foi até sua tenda. Ela esperava outra onda de emoção. Mas isso não aconteceu. Talvez o peso de tudo tivesse levado toda a emoção. Talvez ela não tivesse mais nada. Ela chegou à tenda onde o rei ainda esperava lá dentro.

“Partiremos em breve”, ele disse a ela.

“Eu gostaria de mudar, se estiver tudo bem.” Tahla lhe dera um vestido de couro e linho para encontrar seu exército e, como os vestidos mércios, não era feito pensando no conforto. Ela preferia usar o vestido de montaria para a jornada até as Terras Sombrias.

“Claro”, ele disse com um pequeno aceno de cabeça e saiu para cuidar de seu exército.

Ela tirou o vestido pesado e ficou parada por um momento, nua, deixando o frio do ar limpar sua mente e acalmar sua alma. Então ela vestiu suas calças e botas e puxou o vestido

de montaria sobre sua cabeça. Ela xingou baixinho quando percebeu que só conseguia amarrá-lo frouxamente atrás. Por que todos os vestidos devem ter fechos nas costas? Ela alcançou atrás desajeitadamente, tentando puxar o cadarço de couro mais apertado, tentada a vestir as roupas do garoto das armas mais uma vez.

Mikael entrou, assustando-a, e ela rapidamente virou as costas para ele, corando.

“Desculpe. Pensei que já tinha dado tempo suficiente”, disse ele.

Norah virou a cabeça, olhando para ele pelo canto do olho. Ela parou por um momento, reunindo coragem, então perguntou: "Você pode me ajudar?"

Ele caminhou lentamente em sua direção.

Ela levantou a mão e puxou o cabelo, esperando.

“Você gostaria que fosse mais apertado?” ele perguntou.

"Por favor."

Ele desfez o laço amarrado às pressas e parou, deixando seus dedos roçarem a pele entre as bordas. A pele dela formigou.

“Eu quero te ver,” ele disse, sua voz baixa e grossa. “Isso colocaria sua honra em risco?”

Ela olhou para trás por cima do ombro. A ousadia dele a surpreendeu. “Não, mas não significa que eu vou deixar.”

Ele riu e ajeitou o laço mais apertado. Então ele se aproximou, e ela sentiu a respiração dele em seu ouvido. “Você não se comove com o sofrimento de um homem? Você daria um torturador decente.”

Um rubor subiu por sua pele. Ela sabia que era uma brincadeira, mas havia uma mensagem subjacente de desejo. O que mais a incomodava era que ela gostava disso. Ela se virou, olhando para ele corajosamente. "Você seria uma dama de companhia decente", ela disse, então saiu da tenda para se preparar para a partida.



As Terras Sombrias eram bem adequadas ao seu nome. Elas cavalgavam entre os penhascos do cânion que se erguiam sobre elas e retinham a luz — elas eram escuras e agourentas, como os homens que abrigavam. Levava um dia inteiro para chegar ao fim do labirinto, onde a trilha se abria e a escuridão rochosa desaparecia para revelar a beleza das montanhas em socalcos, mesmo em seu sono de inverno.

Os olhos de Norah se arregalaram. Era como pisar em outro mundo.

Mikael assentiu sobre os terraços. “Na primavera e no verão, tudo isso será verde e exuberante. Será lindo.”

“Já é lindo”, ela disse. Ela não tinha imaginado que um lugar de renome tão obscuro pudesse ser tão adorável. Ela notou os campos de arroz. “As Terras Sombrias cultivam arroz? É esse o seu ofício?”

“Nosso principal, sim.”

“É isso que você negocia com os Cavaleiros?” Deve ser por isso que ele se tornou tão próximo das tribos.

“É o que negociamos *através* dos Cavaleiros, com todos”, ele disse a ela. “Inclusive o Norte.”

As sobrancelhas de Norah se franziram. “Mércia não recebe seu arroz das Terras Sombrias.”

Ele riu. “O mundo inteiro recebe seu arroz de nós. Eles simplesmente não sabem disso.”

Norah balançou a cabeça, espantada. “Os Cavaleiros levam para o mercado para você?”, ela perguntou. Ela pensou mais um pouco. “Você os alimenta também? Foi isso que Tahla quis dizer quando disse que Abilash não ousaria desafiá-la, a menos que eles quisessem morrer de fome?”

Ele não respondeu, mas seu sorriso lhe disse que sim.

“Você controla todas as tribos dos Cavaleiros?” ela perguntou, sua curiosidade crescendo.

“A maioria. Não todos.”

Ela pensou sobre a partida deles do Rei Abilash e o que Tahla havia lhe dito. “Você acha que haverá consequências com Abilash agora?”

“Se for assim, eu vou lidar com eles, mas eles não importam.” Ele olhou para ela. “Eu tenho o que quero.”

Uma onda rolou por seu estômago, agitando sentimentos que a confundiam. Apesar de sua história e começo, ele tinha sido gentil com ela, a protegeu, este Rei das Sombras com seu destruidor de homens. “Tahla me contou o que aconteceu em Choan, como você salvou os Uru.”

Ele se mexeu desconfortavelmente na sela. “Você acredita nela?”

“Não tenho razão para não fazê-lo.”

Ele parou seu cavalo e olhou para ela com um olhar de aço. “Não.”

Sua testa franziu em confusão. “Não acredita nela?”

“Não me confunda com um bom homem, North Queen,” ele avisou. “Você ficará muito decepcionada.”

O peito de Norah apertou, surpresa com sua aspereza, e eles continuaram em silêncio. As montanhas em socalcos deram lugar novamente à rocha negra das Terras Sombrias. Seu pulso acelerou quando um enorme castelo surgiu à distância contra o horizonte. Não se parecia com nada que ela já tivesse visto. "Até seu castelo é negro", ela disse, mais para si mesma do que para ele.

“É feito de mortita preta sob nossa terra”, ele disse a ela. “É também por isso que os cânions são tão escuros. Teria sido um feito maior construir um castelo de qualquer cor que não fosse preto.”

À medida que se aproximavam do castelo, ele era ainda maior do que ela havia pensado originalmente, maior que o castelo de Mércia e com uma cidade ainda maior se espalhando de suas muralhas. Os portões, adornados com inscrições douradas, eram tão ornamentados quanto fortes, e ela se maravilhou com eles enquanto passavam. O amplo pátio estava lotado de pessoas esticando o pescoço para ver o rei e a mulher estranha que ele trouxera de volta com ele. Eles pararam seus cavalos, e Mikael desmontou.

Ela deslizou de sua égua, e murmúrios ecoaram pela multidão quando a reconheceram. Ela imediatamente ficou constrangida ao se lembrar da surra em seu rosto e puxou o capuz de sua capa sobre si. A multidão de pessoas se separou enquanto Mikael liderava o caminho, e eles aplaudiram seu rei quando ele passou.

Eles alcançaram as escadas polidas e as portas intrincadamente esculpidas, e Mikael liderou a procissão para dentro. Quando as grandes portas se fecharam atrás dele, ele se virou e gritou de volta para ela: "Venha."

Então ele e o comandante começaram a atravessar o castelo. Ele achava que ela era um cachorro? Norah revirou os olhos, mas relutantemente a seguiu. Eles viraram em um grande salão, maior do que o grande salão em Mércia, mas igualmente bonito. Azulejos escuros e polidos estampavam o chão e subiam pelas paredes até os tetos arqueados acima. Geometrias simétricas criavam designs intrincados, tecendo padrões complexos que atraíam o olhar para cada canto da sala.

No final do corredor, uma mulher estava de pé, majestosa e majestosa. Silver beijou o cabelo longo que antes era de um preto brilhante. Ela olhou para Mikael com calor e afeição enquanto ele caminhava em sua direção.

“Mãe”, ele a cumprimentou, beijando sua bochecha e levando suas mãos aos lábios.

Norah imediatamente sentiu uma onda de ansiedade em antecipação de ser apresentada à mãe do rei. Teria sido bom ter limpado antes.

A testa da mulher se abaixou enquanto ela roçava sua barba com as pontas dos dedos. "O que aconteceu com seu rosto e sua mão?", ela perguntou enquanto estendia a mão e tocava seu braço em horror. Ela se virou para o comandante com uma carranca, claramente irritada com sua má guarda do rei, mas seus olhos se arregalaram ao ver seus ferimentos e a claudicação que o acompanhava. "Dos nórdicos?", ela perguntou.

“Não os homens do Norte,” Mikael disse, recuando e se virando para Norah. “A Rainha do Norte.”

Não foi a introdução que Norah esperava.

A mãe do rei olhou para ela incrédula, seus olhos disparando de Norah para o lorde comandante e então de volta para Mikael novamente. Ela se aproximou e olhou para Norah com espanto.

“Vossa Majestade,” ela disse a Norah, com um aço frio em sua voz. Enquanto seus olhos estavam marejados de ódio, ela manteve sua etiqueta, assim como Norah esperava que Catherine fizesse. A mulher olhou para seu filho, buscando por uma direção, mas ele não deu nenhuma.

Aparentemente, a chegada de Norah foi tão inesperada para sua mãe quanto para ela.

A mãe do rei se virou para Norah. “Nós a veremos confortável durante sua estadia aqui,” ela disse rigidamente. “Eu a levarei para seu quarto.” Ela olhou para Mikael com desagrado e então se virou para um corredor lateral. “Venha,” ela chamou Norah.

Norah franziu os lábios. Ela estava começando a ver a semelhança.

A mulher a levou pelo corredor até uma grande escadaria. No topo da escada e no final de outro corredor, elas chegaram a uma câmara aberta.

"Você está surpreso por eu estar aqui", disse Norah, quebrando o silêncio.

“Estou surpresa que você esteja viva,” a mãe do rei disse sem rodeios. “E sim, que você esteja aqui.” A mulher se virou e olhou para Norah mais de perto, a decepção transbordando em seus olhos. “Mas eu sinto muito pela sua condição. Não me agrada que você tenha sido tratada dessa maneira. Não é certo para uma rainha.”

Norah percebeu que ela estava se referindo aos hematomas e ao corte em seu rosto. “Isso não foi culpa do seu filho.” A mulher pareceu tão surpresa com a defesa de Norah quanto ela mesma. “Quer dizer, a maioria das coisas é,” ela acrescentou, “mas não minha aparência.”

A mãe do rei ficou quieta. Seus lábios se separaram levemente, mas nenhuma palavra saiu.

As criadas encheram uma banheira com água fervente e colocaram um vestido de linho sobre uma cadeira lateral.

“Nós encontraremos um vestido apropriado para a noite,” a mulher disse rigidamente. Ela deu um pequeno aceno para Norah. “Vossa Majestade,” ela disse, e a deixou no banho.

Norah esperou enquanto todos saíam e fechavam as portas atrás deles. Ela olhou ao redor da sala. Era ricamente decorada com móveis escuros e pesados e tapeçarias pretas e douradas. As janelas da sala eram altos conjuntos triplos de painéis de vidro finos, separados por aduelas de ferro como uma bela gaiola. Mesmo que ela não fosse mais uma prisioneira, ela ainda se sentia como uma.

Norah suspirou e tirou suas roupas sujas. Ela acolheu a chance de se sentir limpa novamente. A água queimou sua pele quando ela entrou no banho, mas ela não se importou. Ela queria queimar tudo o que tinha acontecido desde que ela deixou Mércia. Se ao menos ela pudesse lavar essa situação. Ela fechou os olhos e afundou abaixo da superfície, saboreando a picada da água sobre seu corpo e rosto. Quando ela não conseguiu mais prender a respiração, ela se levantou, ofegante por ar.

Norah trabalhou o sabão até formar uma espuma rica e esfregou-o na pele. Cheirava a primavera. Ela odiava gostar disso. A água mudou de cor conforme a terra saiu, e ela ficou surpresa com o quão suja estava.

Ela queria ficar no banho, absorvendo seu calor, mas não queria que a mãe do rei voltasse com ela despreparada. Rapidamente, ela terminou de se lavar e saiu, secou-se e vestiu o vestido de linho. Ela estremeceu. Castelos eram frios. Especialmente castelos inimigos.



Capítulo trinta e sete

O sol se pôs em seu primeiro dia nas Terras Sombrias, e Norah lutou para manter o controle de suas emoções. Seu dever era libertar Mércia da escuridão do Rei das Sombras, mas aqui estava ela, casando-se com ele e unindo seus reinos. Seu estômago revirou ao pensar em sua avó recebendo sua carta. Ela entenderia. Ela veria que isso era o melhor para Mércia e seu povo. Não veria?

Mas Norah não conseguia escapar do medo incômodo de que não era assim que seu casamento seria visto, e ela estaria fazendo tudo isso por nada. O pensamento ameaçou quebrá-la. Ela forçou sua mente a se concentrar em uma tarefa de cada vez. Tomar banho. Vestir-se. Respirar.

Houve uma batida na porta de seu quarto e a mãe do rei entrou no quarto antes que ela pudesse responder, com uma criada logo atrás. Muito Catherinesque. Uma pontada de saudade de casa a atingiu. O que ela não daria para ver sua avó agora.

“Eu trouxe vários vestidos,” a mulher disse a ela. “Devemos encontrar pelo menos um que sirva para esta noite.”

Sem dizer uma palavra, a empregada colocou Norah em frente ao espelho e levantou um vestido amarelo contra seu corpo.

A mãe do rei olhou para ele no reflexo do espelho. “Não,” ela disse, e a empregada colocou-o de lado na cama.

A empregada segurava um vestido verde, e a mulher balançou a cabeça novamente. Norah engoliu em seco. Ela ficaria bem com qualquer um dos vestidos.

A empregada levantou um terceiro vestido — bordô com bordados pesados no centro.

“Isso vai servir”, ela disse.

Apesar da frieza da mulher, a lembrança marcante de Catherine trouxe emoção aos olhos de Norah. Ela a forçou a voltar.

A empregada a ajudou a vestir o vestido. “Ele veste bem”, ela disse enquanto se movia para as costas de Norah e amarrava as alças. “Você ser do mesmo tamanho que a princesa torna isso mais fácil.”

Norah olhou para a mãe do rei. “Você tem uma filha?” Seu coração saltou ao pensar em outra jovem no castelo — talvez alguém como ela.

A mulher olhou feio para a empregada, que continuou trabalhando em silêncio. “Eu fiz,” ela disse brevemente.

O coração de Norah se partiu por ela. A mulher havia perdido uma filha. Ela não sabia o que dizer, ou se deveria oferecer suas condolências. "Sinto muito", ela disse suavemente.

O quarto estava em silêncio. Isso piorou a situação.

“Como devo chamá-la?” Norah perguntou a ela, mudando de assunto. “Você tem um título aqui nas Terras Sombrias?”

A mulher olhou para ela com olhos de safira negra. Por um momento, Norah pensou que ela não responderia.

“Meu nome é Analil. Na língua Kharavian, como este é Kharav, não *as Terras Sombrias* , sou chamada de Salara-Mae, se preferir.”

Não era sua intenção ofender tão rapidamente sua futura sogra. Ela deu um pequeno aceno. “Perdoe-me, Salara-Mae. E obrigada por seu conselho. Kharav, então.”

Depois de se vestir, Norah seguiu Salara-Mae escada abaixo, pelo grande salão e para uma grande sala de jantar, e seus olhos se arregalaram diante da mesa ampla. O rei sentou-se no final, com o comandante sentado à sua esquerda. O rei olhou para cima quando ela entrou, interrompendo sua conversa, e se endireitou. Seus olhos se encontraram. Ele também havia se lavado. Seu cabelo estava preso para trás, e sua barba aparada curta, quase até a pele. Sem sua armadura, ele usava uma túnica sem mangas, exibindo proeminentemente as marcas de tinta em seus braços e logo abaixo do pescoço. O calor percorreu suas bochechas. Ele parecia... muito bonito.

Ela percebeu que o comandante também parecia diferente. Ele tinha se livrado do xale e estava mostrando abertamente a cabeça e o rosto. Seu cabelo estava preso para trás como o do rei. Ele usava uma túnica semelhante à de Mikael, o que era melhor do que sua forma normal de nenhuma. À primeira vista, ele parecia muito com o rei, embora certamente *não fosse* como o rei. E ele parecia... *nada* legal.

Um rosnado arrepiante veio de sua direita, e Norah engasgou quando duas feras se agacharam, prontas para atacar. Suas cabeças e corpos eram como lobos enormes, mas eles

não eram lobos. Seus pescoços e peitos eram grossos e cobertos de pelos escuros, mas suas costas se inclinavam para um traseiro menor e musculoso, como se fossem feitos para lutar.

Salara-Mae olhou feio para Mikael. “Controle seus cães,” ela retrucou com raiva.

Os olhos do rei se voltaram para seu senhor comandante, que gritou por cima do ombro: “Cusco. Cavaatsa.” Os animais se acomodaram para deitar no chão.

“Perdoe-nos”, Salara-Mae disse a Norah, olhando o comandante com firmeza. “Tivemos muito poucos convidados para alguns de nós afiarmos nossas maneiras. Mas como você *é* nossa convidada, por favor”, e ela acenou para Norah ir até o final da mesa, em frente a Mikael.

Norah olhou para ele, desconfortável com a falta de conhecimento da mãe sobre o noivado, mas ela assentiu e sentou-se graciosamente. Quando ele contaria a ela?

Uma jovem mulher tirou frutas e carne das travessas e encheu seu prato. Norah a observou, notando seu cabelo castanho suave. Ela era diferente das pessoas em Kharav. Catherine havia dito a ela que Kharav tomava pessoas como escravas. Essa mulher era uma escrava?

“Ele tem que beber essa porcaria na minha frente?” A voz de Salara-Mae cortou o ar.

Norah olhou ao redor da mesa para ver o que a havia chateado. O bruto do rei segurava um cálice na mão e estava descaradamente tomando outro gole antes de colocá-lo na mesa. Ela se perguntou o que havia dentro dele. Ele parecia ter o desprezo de Salara-Mae. Ela nem sequer falava diretamente com ele, o que era surpreendente. E um tanto divertido.

“Bem, não sabíamos que você viria jantar conosco esta noite, mãe”, respondeu Mikael em defesa de seu comandante.

Salara-Mae fez uma careta para o filho, que deu uma mordida na comida e mastigou lentamente, imperturbável. Então ela endireitou os ombros e se virou para Norah. “Eu janto no meu quarto, pois prefiro uma refeição cedo. Tenho certeza de que você vai preferir fazer o mesmo durante sua visita.”

Visitar .

Norah segurou uma uva nos dedos. Era a maior uva que ela já tinha visto, e ela a colocou na boca. Salara-Mae olhou para ela como se esperasse que ela respondesse. *Não* . Norah empurrou mais duas uvas. Então seus olhos encontraram Mikael, que estava olhando para ela.

Ela parou no meio da mastigação.

“É mais do que uma visita, mãe. A Rainha do Norte e eu vamos nos casar”, ele anunciou, um tanto abruptamente.

Norah se forçou a engolir seu bocado de uvas meio mastigadas e franziu a testa. Talvez ele pudesse ter esperado um pouco mais de tempo e talvez ter tido uma abordagem mais suave ou um pouco de preparação? Mas lá estava — fora.

Um frio varreu a sala. O coração de Norah disparou em seu peito.

Salara-Mae pousou cuidadosamente seu copo e alisou o pano na mesa à sua frente. “Se essa é sua tentativa de humor, é malfeita.”

Norah enfiou outro conjunto de uvas na boca. Ela não estaria disponível para falar neste compromisso.

“Isso não é um assunto engraçado”, ele respondeu. “Eu vou me casar com a Rainha do Norte.”

“Você não fará tal coisa!”

Norah empurrou mais duas uvas sem mastigar as outras.

“Você fala com seu salário”, ele lembrou à mãe.

“O que seu pai diria?” ela sibilou.

Sua voz era tão cortante quanto aço. “Meu pai morreu.”

Norah engoliu suas uvas e tomou um gole profundo de seu cálice. Não era exatamente como ela esperava que essa conversa fosse. Ela se perguntou se teria sido diferente em Mércia. Provavelmente não. Ela estava começando a apreciar que só teve que escrever uma carta para Catherine e o conselho.

“Gostaria de falar com você a sós”, disse Salara-Mae ao filho.

Norah ficaria perfeitamente bem se eles falassem sozinhos.

“Não precisa,” ele disse rigidamente. “Minha decisão é final.”

Norah pensou que o nó na garganta poderia sufocá-la. Ela se concentrou em controlar o tremor em sua respiração.

Salara-Mae moveu seu olhar gélido para Norah e então para o comandante. Certamente um fogo queimava dentro dele em violento acordo com a mãe do rei, independentemente da amargura que havia entre eles, mas ele não deu apoio ao protesto dela.

O quarto estava fantasmagoricamente silencioso. Mikael tomou um gole de seu cálice. Norah deu uma mordida na carne marinada. Mikael estava certo. A comida era boa aqui. E era a única coisa que a ajudava a passar por essa conversa.

“Acho que vou me aposentar”, disse Salara-Mae, empurrando a cadeira para trás e se levantando.

“Você não comeu”, disse Mikael.

“Não estou me sentindo bem. Vou tomar algo mais tarde, no meu quarto, se meu apetite voltar.”

“Espero que você esteja melhor amanhã depois de descansar.”

Ela olhou para ele friamente. “Duvido seriamente.” Apesar de sua aversão à ideia do casamento deles, ela não era desprovida de etiqueta, e fez uma pequena reverência a Norah. “Vossa Majestade.”

Norah lutou para engolir a carne e assentiu de volta. “Salara-Mae.”

A mulher se virou e saiu com dois guardas ao seu lado.

O bruto do rei tomou outro gole de seu cálice, e Norah viu a cor em seus lábios: um vermelho escuro de ferro. *Sangue* . Sangue encheu seu cálice. Seus olhos se encontraram com os dela, e os cabelos na parte de trás do pescoço dela se arrepiaram enquanto seu estômago se contorcia em repulsa.

“Anunciaremos nosso casamento amanhã e celebraremos”, Mikael disse a ela, como se tudo estivesse perfeitamente normal. Beber sangue era normal? “Então começaremos os preparativos para um casamento que acontecerá em algumas semanas.”

Casamento ? Certo. Ela tirou os olhos do comandante. Outro tópico que ameaçava esvaziar seu estômago: ela iria se casar.

Norah mordeu o lábio inferior. “Quando poderei retornar à Mércia?” Se ela pudesse voltar para casa, ela poderia... fingir, talvez, que isso não era tão terrível quanto parecia.

O rei parou de levantar seu cálice, parando por um momento enquanto olhava para ela. “Você não vai.”

O quê? O pulso dela acelerou. “Nem para visitar?”

“Você será salara”, ele disse, e então tomou um gole de vinho. “Seu lugar é em Kharav.”

O peito de Norah apertou. Ela não conseguia respirar. Ela não esperava retornar imediatamente para Mércia, mas esperava que em algum momento o fizesse. Mesmo indo para Aleon, ela teria viajado de um lado para o outro entre os dois reinos.

Suas palavras tornaram tudo real pela primeira vez. Esta era sua casa agora. Ela poderia nunca mais ver Mércia. Ou sua avó. Ou Alexander. O peso de tudo ameaçava esmagá-la. Ela precisava sair. Ela se levantou abruptamente, segurando a borda da mesa para se apoiar.

"Com licença", ela conseguiu dizer antes de escapar do quarto. Ela não esperou por reconhecimento. Sua mente estava uma névoa enquanto ela serpenteava pelo labirinto de corredores, em direção ao seu quarto. Seu pânico crescia a cada passo, e ela estava desesperada para encontrar seu quarto antes que desmoronasse. Mas cada corredor, cada porta, parecia a mesma. O som de um guarda tão perto atrás, seguindo seu curso desorientado, a oprimiu ainda mais. Ela não conseguia mais se segurar. Ela parou, se apoiando contra uma parede para recuperar o fôlego, e cobriu o rosto com as mãos. Suas bochechas queimavam de vergonha, o que só alimentava sua emoção.

Um toque suave em seu cotovelo a assustou, e ela olhou para cima para ver um de seus guardas. Ele moveu a mão, gesticulando para que ela voltasse pelo caminho que tinham vindo. Ela enxugou as bochechas e deu um passo à frente lentamente, permitindo que ele a liderasse. Eles voltaram pelos corredores, e ela tentou recuperar a compostura. O alívio a encheu quando ele parou na porta de seu quarto.

"Obrigada", ela sussurrou entrecortada, e então entrou.



Capítulo trinta e oito

Norah estava sentada à pequena mesa em seu quarto na escuridão da manhã, com um peso enorme no peito. O rei havia emitido um anúncio de seu casamento, e esta noite haveria uma celebração, mas ela não estava com vontade de comemorar. Ela deveria, ela disse a si mesma. Ela estava evitando a guerra. Seu reino estava seguro. Alexandre estava seguro.

Uma pequena batida sacudiu sua porta, e uma criada entrou, carregando um vestido sobre o braço e uma pequena bandeja de pão e frutas. A jovem era a mesma do refeitório — pele clara, com olhos castanhos suaves e cabelos castanhos. Norah queria perguntar se ela era uma mulher livre, mas isso pareceu rude. Então ela não perguntou. A criada evitou os olhos de Norah enquanto colocava a bandeja na mesa e então pendurava o vestido sobre a cadeira lateral. Ela fez uma pequena reverência e saiu do quarto sem dizer uma palavra.

Norah olhou para a bandeja, então pegou um morango do tamanho da metade da palma da mão. Ela fechou os olhos enquanto o mordia, deixando sua doçura preencher seus sentidos, e se imaginou em algum lugar muito distante do reino das Sombras.

Mas ela só se deu um momento. Ela precisava se vestir. Só os deuses sabiam o que a aguardava hoje. Rapidamente, ela se levantou e tirou a camisola antes de vestir o vestido que estava sobre a cadeira lateral. Ela suspirou algumas palavras de agradecimento por ter laços na frente. Salara-Mae não lhe ofereceu uma empregada, e ela não iria pedir uma. Ela se viraria. Ela puxou o cabelo para trás em uma trança e lavou o rosto na bacia. A água fria a fez tremer.

Vestida, ela esperou. Não tinha certeza do que. Era esperado que ela ficasse em seu quarto, ou—

Uma batida forte na porta a assustou. Ela não esperava ninguém tão cedo. Na verdade, ela não esperava ninguém. Ela abriu a porta lentamente para encontrar o lorde comandante olhando para ela.

“Gostaria de falar com você no corredor”, ele disse brevemente.

“Não, obrigada,” ela respondeu e se moveu para fechar a porta, mas ele a segurou com a mão. “Por favor,” ele disse entre os dentes, com mais mordida do que pedido.

Norah suspirou. Ele não iria embora até que realizasse o que quer que fosse que ele estava sobrecarregado a fazer. Relutantemente, ela entrou no corredor e ficou surpresa ao encontrar um grupo de soldados com ele.

O comandante voltou seu olhar para o homem mais próximo. “Este é o Capitão Artem. Ele lidera o Crest, os protetores da família real, e agora, aparentemente, você.”

Aparentemente . O tom de desgosto em suas palavras não passou despercebido por ela. Ela desviou os olhos para o capitão, que não se curvou diante de sua apresentação e não falou. Sua boca era uma linha dura enquanto ele a encarava de volta.

Ele era diferente dos outros soldados kharavianos, e diferente do senhor comandante. Ele usava armadura, algo que ela não tinha visto muito nas Terras Sombrias, além do rei. Mais velho que o comandante, talvez na casa dos cinquenta, ele não usava nenhum lenço na cabeça. Gray tocou as têmporas de seu cabelo preto acima de seu rosto angular que continha uma sombra salpicada de uma barba curta. Mas eram seus olhos — seus olhos lhe contavam sobre um mal interior. Ela estremeceu.

“Você terá pelo menos dois homens com você o tempo todo, quatro se você sair dos muros do castelo”, disse o comandante.

“Isso é realmente desnecessário”, ela disse.

"Não é negociável", ele rosnou de volta, e o rosto dela corou com o calor da raiva. "Você sempre terá pelo menos um guarda que fala a língua do Norte." Ele estendeu a mão, e quatro dos doze homens deram um passo à frente. Com os rostos cobertos, todos pareciam iguais, exceto que ela pensou ter reconhecido os olhos de um como o soldado que a ajudou a encontrar seu quarto no dia anterior. Ela deu um aceno de volta, com uma pequena sensação de conforto de que pelo menos um de seus guardas poderia ser gentil.

“Você nunca ficará sem sua guarda”, ele disse. “Fui claro?”

Norah franziu os lábios. “Perfeitamente.” Assim como em casa.

Mas aqui não era meu lar.



A manhã passou lentamente, e Norah se sentiu estranhamente confinada em seu quarto. Não que isso importasse, ela disse a si mesma. Ela não tinha apetite para ver o castelo agora. Então ela esperou e tentou fingir, mesmo que por um momento, que não estava presa na escuridão das Terras Sombrias. *Kharav* , ela se lembrou.

Ela estava deitada na cama, olhando para as grandes vigas ao longo do teto. Então ela deixou seus olhos se fecharem enquanto pensava em Alexander — seu rosto, seus olhos, o calor de suas mãos. Ela quase podia senti-los ao redor das suas. Uma lágrima caiu do canto do olho para seus cachos macios por baixo.

Uma batida na porta a tirou de seus pensamentos, e ela se sentou enquanto limpava o rosto. Seria assim que ela passaria seu tempo — constantemente atendendo a porta? Ela a abriu para ver seu guarda. Não o bonzinho.

“Nós iremos acompanhá-lo até a celebração.”

Suas sobrancelhas se juntaram em confusão. “Tão cedo? É quase meio-dia.”

“Sim, mas já começou.”

“Oh.” Ela sentiu uma onda de ansiedade. Ela não era de celebrações sociais, especialmente aquelas que a celebravam, especialmente aquelas que celebravam seu infeliz casamento. “Vai durar o dia todo?”, ela perguntou.

"Claro."

“Maravilhoso,” ela murmurou para si mesma. “Me dê um momento.”

Ela fechou a porta e recostou-se contra ela, inalando profundamente. Celebrações eram melhores que guerras, ela disse a si mesma. É por isso que ela estava fazendo isso. Era o melhor para Mércia.

Não para ela.

Mas ela não conseguia pensar em si mesma. Não só porque não conseguia ser egoísta, mas porque tinha que controlar suas emoções. Talvez pudesse fingir que era o casamento de outra pessoa. Sim, *de outra pessoa* . Ela foi até a penteadeira, enxugando o rosto e colocando algumas mechas rebeldes atrás da orelha.

“O casamento de outra pessoa”, ela disse ao seu reflexo. “Estou muito feliz por eles. Que tenham uma vida longa, muita felicidade, muitos filhos”—espera, não—“ *Sem filhos* .”

Então ela soltou um suspiro e abriu a porta, acenando para o guarda conduzi-la.

As pessoas encheram o salão de ponta a ponta, e seus olhos se arregalaram quando ela entrou. A magnitude de tudo isso era avassaladora. Todos ficaram em silêncio com sua

chegada, e todos os olhos caíram sobre ela. *O casamento de outra pessoa* . Ela se forçou a ir para frente.

Seu olhar errante encontrou o rei sentado na grande mesa central na frente do salão, e ele se levantou quando a viu. Ele pegou seu cálice e o segurou alto, e a sala explodiu em aplausos enquanto a multidão se abria para ela. Ela foi até ele.

Seus olhos sorriram. “Por favor,” ele disse, gesticulando para a cadeira ao lado dele.

Um criado puxou a cadeira enquanto ela se sentava.

Ele sentou-se ao lado dela. “Estou feliz em vê-la, Rainha do Norte.”

“Ótimo”, ela disse inteligentemente, mas deu-lhe um pequeno sorriso.

Os olhos dele permaneceram nela. “Achei que você poderia estar bravo comigo por como terminamos nossa conversa ontem à noite.”

Ela olhou para suas mãos. O pensamento de não poder retornar para Mércia ainda lhe arrancava o coração. “Mais… triste.”

Ele se mexeu na cadeira, e sua boca se abriu para falar, mas ele não disse nada. Ele olhou para o salão de comemoração, então de volta para ela. Suas sobrancelhas se juntaram. "Você está triste?" Ele se recostou na cadeira. "Mas você será salara."

Como se os dois não fossem a mesma coisa.

Ele soltou um suspiro inquieto. “Você retornará ao Norte novamente. Eu prometo isso a você.”

Ela se endireitou na cadeira. *Quando?*

“Mas hoje à noite, eu quero que você se divirta,” ele disse a ela, olhando para o grande salão. “Comemore. Nós vamos nos casar.”

Ele tinha que lembrá-la? Norah notou que a mãe do rei estava ausente das festividades. Ela se perguntou quanto tempo teria que suportar antes de poder se desculpar. Ela poderia se desculpar de sua própria celebração de casamento? Ela olhou ao redor — havia pelo menos um pouco de comida?

Três mulheres se aproximaram. Elas se alinharam diante do rei e fizeram uma reverência profunda. Elas eram lindas, com pele escura cor de mel, cabelos como seda preta e grandes olhos castanhos. Irmãs, talvez? Seu olhar se moveu sobre o bordado ornamentado de seus vestidos, o ouro em volta de seus pulsos e os adornos em seus cabelos. Mulheres de status.

“Salara”, Mikael disse a eles, apresentando-a.

As mulheres sorriram educadamente para ela, fazendo outra reverência.

“Myral, Rasha e Heta,” ele disse a Norah. “Elas estarão com você na vila, onde você ficará quando nos casarmos.”

A realeza mantendo espaços separados não era surpreendente; era costumeiro em Mércia também. Amigos forçados — estranho — mas Norah gostava da ideia de não estar completamente sozinha. "Seremos bons amigos, então", ela disse a eles, dando um sorriso educado.

As mulheres fizeram outra reverência e saíram tão graciosamente quanto haviam chegado.

Uma sequência de música chamou sua atenção, e ela olhou para cima para ver uma dançarina no centro do salão. Norah respirou fundo de espanto com suas roupas, ou melhor, sua falta de roupas. A mulher usava apenas tramas trançadas de tecido ricamente estampado em volta dos quadris e pequenos sinos que tilintavam a cada movimento. Pulseiras de contas envolviam seus pulsos, e ela as sacudia em uníssono ao ritmo da música. Adornos pesadamente enfeitados com contas cobriam seu pescoço, com fios intrincadamente tecidos em cascata sobre seu peito. Os mamilos de seus seios nus eram perfurados com pequenos anéis dourados.

Os olhos de Norah se arregalaram enquanto a mulher movia os quadris ao som da canção de flauta. Ela nunca tinha visto nada tão descarado. Tal entretenimento na Mércia seria a ruína de um bom nome. Suas bochechas coraram de vergonha, mas ela não conseguia desviar o olhar. A dançarina tinha cabelos mais claros, loiros, como seus nórdicos. Norah se perguntou de onde ela era.

“Ela é linda, não é?” Mikael disse enquanto observava a dançarina.

“Hum…” Ela engoliu em seco, sem saber como responder. Apesar do desconforto, ela estava hipnotizada. A dançarina fluía com a música, seu corpo rolando como as ondas do mar. Ela era leve em seus pés, como se não estivesse presa pela força da terra. Seus olhos se encontraram com os de Norah. Ela estava perto o suficiente para Norah ver suas profundezas esmeraldas. A mulher sorriu.

A dançarina girou, e Norah finalmente se soltou de seu abraço. Ela olhou para Mikael, apenas para encontrá-lo observando-a.

“Você gosta dela?” ele perguntou. Seus olhos brilharam com diversão.

As bochechas de Norah coraram, como se ela tivesse sido pega. Ela engoliu o constrangimento. “Eu nunca vi nada como ela.”

"Ela veio de Elam, foi dada de presente ao Rei Gregor de Jafé, mas eu a ganhei dele em uma aposta." Ele sorriu, satisfeito consigo mesmo.

Desgosto deu um nó em seu estômago. Ela não achou nada agradável em presentear ou apostar seres humanos. Amargura ondulou por sua língua. "A vida das pessoas não significa nada para você?", ela disse antes que pudesse se conter.

O sorriso dele desapareceu. “Ela é uma escrava.”

“Ela é uma pessoa”, Norah retrucou.

Raiva brilhou em seu rosto com a repreensão dela; ele claramente não estava acostumado a ser castigado, mas não respondeu. Ele só ficou sentado por um momento, então deu um pequeno aceno de mão. A música morreu. Ele gritou na língua das Sombras, e a dançarina parou. Ela olhou para Norah com uma cara preocupada.

“O que você está fazendo?” Norah perguntou a ele.

A dançarina fez uma reverência e saiu rapidamente do salão.

“O que vai acontecer com ela?” ela perguntou, seu alarme aumentando.

“O que você decidir. Ela é sua agora.”

Ela se recostou na cadeira. “O quê?” Ele estava falando sério? *Não* — ele não podia estar. Estava? “Eu não a quero.”

“Então você terá que descobrir o que fazer com ela.”

Deuses , ele estava falando sério. Norah zombou de frustração enquanto olhava de volta para o outro lado do corredor. Ela sabia que o tinha ofendido, mas não se importava. Ele era ofensivo. As Terras Sombrias eram ofensivas, com seus escravos e sua sede de sangue. Isso era um erro; ela não podia se casar com esse homem. Ela tinha que sair dali. Ela tinha que... escapar... de alguma forma. Voltar para Mércia...

E prepare-se para a guerra. Porque é isso que ela causaria: *guerra* .

Norah suspirou. Ela não podia ir embora. Ela tinha que fazer isso funcionar. Mas ela jurou a si mesma que mudaria as coisas.

A celebração continuou por uma noite sem fim. Mikael se acomodou. Ela sentiu os olhos dele nela, frequentemente, mas não olhou para ele. Finalmente, ela se despediu e, felizmente, foi embora. Enquanto caminhava para seu quarto, sua mente girava em torno dela. Ela tinha que encontrar uma maneira de viver aqui, apesar de sua aversão à ideia. Ela tinha que aprender a viver como rainha das Terras Sombrias.

Norah abriu a porta de seu quarto e pulou na figura lá dentro. “O inferno de Hammel,” ela respirou ao reconhecer a mulher — a dançarina de olhos verdes.

A mulher curvou-se profundamente. “Sinto muito, Vossa Majestade. Não queria assustá-lo.”

Ela agarrou a cadeira lateral próxima, seu coração ainda disparado. “O que você está fazendo aqui?”

“Agora sou sua”, ela disse rapidamente.

Norah respirou fundo e soltou-o novamente. “Não, você não é meu. Isso não é… *não* .”

O pânico passou pelo rosto da mulher. “Você não me acha agradável?”

“Eu não,” Norah disse brevemente. “Você tem que ir. Ninguém pode te ver aqui.”

A mulher caiu de joelhos na frente de Norah. “Vossa Majestade! Sinto muito por desagradá-la. Mas eu imploro, por favor, não me mande embora! Deixe-me tentar de novo.”

Norah balançou a cabeça enquanto engolia de volta o constrangimento da situação. “Não há nada para tentar de novo, eu não quero” — ela acenou com a mão — “seja lá o que você fizer.”

“Sou muito discreto. E treinado em prazer para homens e mulheres.”

As bochechas de Norah ficaram ainda mais quentes. “É exatamente isso que eu não quero”, ela insistiu. “Por favor, vá.”

“Você precisa de uma empregada?” ela implorou.

“Não, eu—” Norah fez uma pausa. Ela precisava de uma empregada. Ela pensou que lhe dariam uma, mas isso parecia improvável agora. Ela olhou para a mulher com dúvida. “Você é treinada como tal?”

“Estou na corte Kharavian há três anos. Conheço os costumes de Kharav, e sei o que empregadas decentes não sabem.” Seus olhos esmeralda profundos brilharam, implorando. “Eu posso ajudar você.”

Mas Norah afastou a ideia da mente. “Não”, ela disse. “Não posso ter você como minha empregada.”

A dançarina curvou-se profundamente sobre os joelhos. “Por favor, Vossa Majestade! Não posso ficar na corte se não me quiser.”

Por que ela iria querer? “Você não precisa ficar na corte. Vá. Eu te liberto.”

“Mas eu não posso viver livremente em Kharav como um forasteiro. Eles não permitirão. Eu serei morto.”

Norah soltou um suspiro exasperado. “Por que você não vai para casa?”

“Não posso voltar para casa. Fui um presente para o Rei Gregor. Nem posso voltar para Jafé. Se não posso ficar na corte, não tenho para onde ir. Por favor, Vossa Majestade.”

Norah sentiu uma pontada de culpa. O que ela faria com essa mulher?

Os olhos esmeralda da dançarina encontraram os dela. “Vossa Majestade, eu sei como é ser um estranho em uma terra estranha, não confiar em ninguém ou em nada ao seu redor. Por favor, deixe-me servi-lo em qualquer capacidade que você achar adequada.”

Norah soltou um longo suspiro. Ela precisava de uma empregada, e essa mulher poderia ajudá-la de outras maneiras que ela não havia previsto. "Qual é seu nome?"

“Vitalia, Vossa Majestade.”

“Você tem roupas, Vitalia? Roupas apropriadas?”

A mulher deu um sorriso ofegante. “Sim. Sim, Vossa Majestade.”

“Muito bem,” Norah cedeu. “Nós vamos tentar. Pegue suas coisas. Fique no quarto ao lado, e eu te vejo de manhã.”

Vitalia pulou, sorrindo e se curvando. “Sim, Vossa Majestade. Obrigada! Obrigada!” Ela se curvou novamente e saiu voando da sala.



Capítulo trinta e nove

Norah desceu até a sala de jantar para tomar café da manhã com sua nova empregada logo atrás. Ela esperava que ninguém reconhecesse a dançarina em um vestido mais conservador.

O olhar de Mikael se fixou nela quando ela entrou. Ele se endireitou, e sua boca se abriu ligeiramente, mas ele não falou. Ele apenas a encarou, e um rubor surgiu em suas bochechas.

Salara-Mae levantou-se de seu assento e ficou de pé, como manda a cortesia, então assentiu com firmeza e sentou-se depois de Norah, retornando calmamente ao seu café da manhã.

Norah se perguntou se o café da manhã no refeitório era uma rotina para Salara-Mae. Ela também notou a ausência do comandante.

“Espero que tenha dormido bem?” Mikael perguntou. Seu tom parecia incerto, se o Rei das Sombras podia ser assim.

"Eu fiz."

Nesse momento, seus olhos avistaram a criada dela parada na ala, e ele olhou para Norah surpreso.

“Está tudo bem?” ela perguntou a ele, fingindo ignorar o que havia chamado sua atenção.

Ele olhou para sua mãe, que deu uma mordida em seu biscoito, claramente inconsciente e indiferente à conversa. “Perfeitamente,” ele disse com alguma diversão.

“O senhor comandante não toma café da manhã aqui?” Não que ela sentisse falta dele.

A pergunta foi o suficiente para chamar a atenção de Salara-Mae. “Não, ele não quer”, ela disse bruscamente. “O café da manhã é minha hora.”

Norah sorriu para si mesma. Ela sentiu uma afinidade com essa mulher que não gostava do comandante tanto quanto ela.

Depois que terminaram de comer, Salara-Mae se desculpou, e o rei se levantou da mesa. Norah se virou para sair.

"North Queen," Mikael chamou, parando-a. "Você vai caminhar comigo?"

Andar para onde? Mas a voz dele veio gentilmente, e ela deu um pequeno aceno.

Ele ofereceu o braço, e ela fez uma pausa. Era a primeira vez que ele estendia uma conexão física pública com ela. Uma cortesia, ela disse a si mesma. Ela engoliu em seco, mas então enrolou a mão por baixo, aceitando. A pele dele estava quente, e ele cobriu a mão dela com a sua.

Malditos deuses . Ela não odiava isso.

Ele a guiou pelos corredores. "Vejo que você encontrou uma empregada."

"Eu precisava de uma", ela disse. "Então, eu a coloquei para uso. Mas"—ela encontrou o olhar dele—"ela não é mais uma escrava."

"Você vai libertar todos os meus escravos ao redor do castelo?" ele perguntou, com uma leve irritação na voz.

Ela não se importou. "Provavelmente."

Suas narinas se dilataram, mas ele não respondeu. Sua pele esquentou, talvez por sua raiva ter retornado. Ela enrijeceu. Deixe. Escravidão não era algo com que ela fingiria estar bem. Ele olhou para ela, seus olhos em chamas, mas ela apenas retribuiu seu olhar.

Inesperadamente, ele pareceu se acalmar novamente. E ela também.

Ele era um homem interessante, feito de fogo e guerra, rápido para se irritar, rápido para lutar. Mas quando ele olhou para ela, ela percebeu que ele também era rápido para ceder.

Ela também sentiu isso. Ela também não queria lutar com ele. "Para onde estamos indo?", ela perguntou, mudando de assunto.

Eles andaram um pouco mais, e então ele parou em frente a um salão com uma única porta. "Como eu disse antes, depois que nos casarmos, você ficará na vila, mas este será seu santuário longe de tudo. É só para você."

Ele a levou pelo corredor e abriu a porta para revelar uma suíte ampla. Uma cama estava centralizada contra a parede com abundantes travesseiros e peles, e havia um sofá de pelúcia perto de duas portas com janelas que se abriam para uma sacada.

Ela caminhou até a sacada.

"Ele fica de frente para o norte", ele disse, com a voz mais suave, "para que você possa olhar para o céu da sua casa".

A noção trouxe uma onda de emoção que ela não esperava, e ela mordeu a bochecha para contê-la. Ela olhou para o resto do quarto. Havia um pequeno banheiro na lateral, e uma penteadeira contra a parede mais distante.

“Ninguém vai te visitar ou te perturbar aqui”, ele disse. “Seu guarda vai parar no fim do corredor, não do lado de fora da sua porta. Ninguém vai entrar sem seu convite. Nem seu guarda, nem sua empregada,”—ele fez uma pausa—“nem mesmo eu. É aqui que você pode vir quando quiser ficar sozinho e ser deixado sozinho.”

Calor a percorreu. “Não sei o que dizer.”

“Não diga nada. Você será salara e acima de todos os outros.” Seus olhos eram escuros, mas gentis. “Esta é sua casa agora. Este castelo é seu, e você pode fazer nele o que quiser.”

“Obrigada”, ela disse com um leve sorriso.

“Bom dia, Rainha do Norte.” Ele deu a ela um pequeno aceno e a deixou em seu santuário.

Norah soltou um suspiro e olhou ao redor novamente. Um santuário. Ao contrário de seu quarto, era caiado e brilhante. Ela abriu as portas da sacada e respirou o inverno. Não parecia tão frio.

Ela saiu da câmara e voltou pelo corredor até onde seu guarda e sua nova empregada esperavam. Era o guarda gentil — *Kiran* , ela soube por Vitalia. Outro guarda estava com ele; um que ela não reconheceu. Ela decidiu aceitar a declaração do rei. Ela poderia fazer o que quisesse, e gostaria de dar uma olhada ao redor. "Eu quero ver o castelo", ela disse a Vitalia. "Você pode me mostrar o lugar?"

“Claro, Vossa Majestade,” a empregada disse com um aceno de cabeça. “Você vai adorar. E espere só até ver Ashan.”

“Ashan?”

“A cidade. Bem do lado de fora do castelo.”

Havia uma cidade, Norah se lembrou. Ela se perguntava quando seria capaz de explorá-la. O comandante havia dito *que* ela precisava de quatro guardas para deixar o castelo, mas ela não tomou isso como permissão aberta. Que ela sentisse que precisava de permissão a irritou, mas ela decidiu que faria uma coisa de cada vez.

Norah andou por ali, com Vitalia respondendo suas perguntas em silêncio enquanto andavam. O conhecimento da empregada a surpreendeu, e ela escutou atentamente. O castelo era lindo, com seus salões arqueados e azulejos intrincadamente projetados, e ela se viu admirando tudo ao seu redor.

Um grande retrato pendurado no corredor chamou sua atenção e a atraiu para mais perto com curiosidade. Imediatamente, ela reconheceu Salara-Mae, e embora parecesse Mikael ao lado dela, não era.

“O pai de Salar,” Vitalia disse a ela. “Rhalstad Ratha Shal.”

Norah olhou cuidadosamente para a pintura intrincada. O detalhe era tão incrivelmente fino que quase parecia real. A semelhança de Mikael com seu pai era inegável, mas o rei sênior usava o cabelo curto e a barba mais longa. Na lateral de sua cabeça havia uma grande cicatriz, começando em sua têmpora e se estendendo para trás.

Norah deixou seus olhos se moverem para Salara-Mae, exceto que ela era Salara então, que parecia bem jovem, mas ainda tinha uma elegante nitidez em seu rosto. Ela era linda, Norah refletiu. “Você acha que eles eram felizes juntos?” ela perguntou.

"Quem não ficaria feliz servindo seu rei?" uma voz ecoou por trás, e Norah se virou para ver o lorde comandante. Ele não estava usando seu xale, e ela não tinha certeza se preferia ver seu rosto ou não. Bem, ela preferiria não vê-lo de jeito nenhum. Seus dois cães seguiam obedientemente em seu calcanhar, suas cabeças baixas, como se estivessem rondando em uma caçada. Eles pareciam ameaçadores. Como seu mestre.

“O que você está fazendo aqui?” ele perguntou rigidamente.

“Estou olhando ao redor do castelo, como fui convidada,” ela cortou. “Se você tem um problema com isso, vá falar com seu rei.”

Seus olhos escureceram, então ele disse, “Não tenho problemas com isso. Na verdade, eu vou me juntar a você.”

Norah fumegou. Claro, ele sabia exatamente como controlá-la. “Não precisa,” ela disse bruscamente. “Eu estava terminando.”

Os cantos dos lábios dele se ergueram em um sorriso satisfeito, e Norah se enfureceu ainda mais por dentro. Ela se virou em direção ao corredor à sua esquerda, sem saber para onde estava indo, mas resolveria isso assim que se afastasse dele.

“Você procura meu quarto?” ele perguntou atrevidamente, interrompendo o passo dela. “Porque é tudo o que você encontrará desse jeito.”

O rosto de Norah ficou vermelho de calor, e ela olhou para ele enquanto se virava e voltava pelo caminho que tinha vindo. Seus passos aceleraram enquanto sua irritação se transformava em raiva. Ela odiava como ele conseguia chegar até ela.

"Ele é sempre tão enlouquecedor?" ela sibilou para seu guarda quando eles estavam fora do alcance da voz.

“Não, Majestade”, respondeu Kiran.

Norah soltou um suspiro de frustração. “É isso que você é compelido a dizer, eu suponho. E ele sempre tem aquelas criaturas miseráveis?”

“Cusco e Cavaatsa? Sim, Vossa Majestade. Ele os criou desde filhotes.”

Norah achou difícil imaginar o lorde comandante criando e cuidando de qualquer coisa. “O que são eles? Cães de caça?”, ela perguntou.

“Caçadores de homens”, Vitalia murmurou.

Norah não duvidou. Ela diminuiu o passo quando o corredor virou para a esquerda e se iluminou em um ambulatório de vidro. Sua irritação se dissipou enquanto ela se maravilhava com as grandes flores brancas que cobriam o lado de fora do vidro e lançavam sombras caprichosas do sol no chão de pedra. Ela se ajoelhou perto do vidro, espantada. "Flores no inverno?", ela respirou.

“Renos”, Kiran disse a ela. “Eles não são lindos?”

“Nunca vi nada parecido, muito menos no inverno.”

“Você nunca viu flores?” Vitalia perguntou.

Ela parou. Ela já tinha visto flores antes. Pequenas flores roxas e amarelas salpicadas nas montanhas da Mércia brilharam em sua mente. Elas não eram algo que ela se lembrava de ter visto, mas eram algo que ela ainda sabia. Se ela as visse novamente, elas trariam mais memórias? Uma dor cresceu em seu estômago. Se ela não pudesse retornar para Mércia, ela não seria capaz de descobrir. E como ela poderia esperar ganhar suas memórias nas Terras Sombrias, um lugar tão estranho para ela, sem nada de sua antiga vida, nada de quem ela já foi?

“Você gosta deles?” Kiran perguntou, trazendo sua atenção de volta.

Ela respirou fundo para clarear a mente e sorriu. “Muito.”

Seus olhos sorriram. “Eu conheço um lugar que você adoraria ver, então.”

Norah o seguiu pelo castelo e para fora. Eles fizeram uma curva para o lado sul, e ela sorriu quando viu para onde ele a estava levando. Lindos verdes estampavam o chão em um grande jardim. Eles seguiram pelo pequeno caminho de seixos enquanto ela se maravilhava com sua beleza. "Tudo cresce no inverno?", ela perguntou, espantada.

“Algumas delas. Essas são todas perenes. Elas ficam verdes assim o ano todo. Algumas flores você verá nas plantas de inverno…”

As palavras de Kiran continuaram, mas ela não as ouviu. O som de um cavalo chamou sua atenção, e ela olhou por cima do ombro em direção a um grande edifício afastado do castelo. Atrás dele havia cercados, alguns com cavalos.

"É o estábulo?" ela perguntou.

Kiran fez uma pausa em seu passeio pelas flores. "Sim, Vossa Majestade."

"Meu cavalo está aí?" Ela queria desesperadamente ver a égua novamente. Ela tinha uma conexão com o animal. Talvez fosse uma conexão com seu antigo eu. E ela gostava da égua — uma amiga em um lugar onde ela tinha muito poucas.

"Eu presumo que sim", ele respondeu. "Mas devemos voltar, Vossa Majestade. O lorde comandante verificará se você retornou ao seu quarto, e o capitão Artem também, sem dúvida. E me perdoe, eu o levei para fora do castelo com apenas dois guardas."

"Eu não respondo ao lorde comandante," ela respondeu brevemente. "Nem ao capitão."

"Por favor, Vossa Majestade," ele disse suavemente. "Eu aceito."

Norah suspirou. Ela não queria problemas para aqueles que eram gentis com ela. Ela deu um aceno de cabeça condescendente, lançando um último olhar em direção ao estábulo, e eles voltaram pelo caminho que tinham vindo.



Capítulo quarenta

CADA dia passava lentamente . Norah lutava para encontrar seu lugar em tudo isso. Ela era uma rainha, mas ainda se sentia mais prisioneira do que rainha no reino das Sombras. Isso mudaria quando ela se tornasse salara?

Ela abriu as cortinas das janelas, deixando a luz da manhã entrar. Vitalia tinha ido cedo à costureira, mas Norah viu a bandeja de café da manhã que ela havia deixado na mesa. Ela sorriu. Biscoitos e mel. Ela amava mel, embora não conseguisse se lembrar da última vez que o tinha comido.

Norah se abaixou e se aninhou na cadeira acolchoada da mesa, cruzando as pernas sob o corpo e no calor da camisola, então puxou a bandeja para mais perto. Talvez ela estivesse deixando esse mel atrair muita excitação, mas ela estava sozinha, e se deixou ter essa pequena alegria.

Ela quebrou o biscoito ao meio para despejar o mel, mas depois o empurrou de volta; ela realmente não se importava com o biscoito e, em vez disso, enfiou a ponta do dedo no pequeno pote de ouro. Ela mal deu tempo para o gotejamento quebrar antes de levá-lo à boca.

E foi a coisa mais incrível que ela já provou. Havia toques de lavanda misturados à doçura; era rico e espesso em sua língua. Ela queria beber do pote. Não havia colher para espalhar, nem faca. Era para ser derramado no biscoito. Ela não se importou, e mergulhou o dedo novamente.

Norah ouviu movimento no corredor — Vitalia, de volta com seus vestidos. Ela sorriu e foi até a porta. Ela ia dizer a ela que era a melhor empregada de todas e implorar por mais mel. Mas quando ela abriu a porta, não era Vitalia.

Era Mikael, prestes a bater.

Norah estava de pé, sua camisola frouxa sobre o ombro, segurando seu jarro de ouro com a ponta do dedo coberta de mel. Não era exatamente como ela queria que alguém a visse. Não era como ela queria que *ele* a visse.

O olhar dele viajou por todo o comprimento dela e voltou para cima. “North Queen,” ele disse.

“Hum…” Ela se mexeu. “Olá.” Ela estremeceu. A maneira correta de se dirigir a ele ainda lhe escapava.

Eles se encararam por um momento. “Eu” — sua sobrancelha se abaixou enquanto ele olhava para o dedo coberto de mel dela — “desculpe por incomodá-la.”

Ela sentiu que poderia morrer um pouco.

O olhar dele subiu para o rosto dela novamente. “Eu só… queria que você soubesse que tenho que cuidar de algumas coisas no sul. Mas eu volto amanhã. Tarde.”

Ela assentiu, tentando agir normalmente. “Eu… estarei aqui.” Ela se amaldiçoou. Onde mais ela estaria?

Ele assentiu de volta. Parecia o fim da mensagem, mas ele não se moveu para sair. Seus olhos se voltaram para as mãos dela novamente.

“Você… quer um pouco de mel?” Ela se xingou de novo. *Estúpida* . Claro que ele não queria mel. Ela mordeu o lábio para não se encolher. Que os deuses a ajudem.

Ele não respondeu, e isso só piorou as coisas. Mas então ele se aproximou. Seus olhos diziam que ele queria *alguma coisa* . Ela engoliu em seco, mas não se moveu.

Lentamente, ele estendeu a mão e pegou a mão dela com o dedo molhado de mel. Ela congelou. Sua respiração parou, e seu pulso zumbia pesadamente em seus ouvidos. Os olhos dele se fundiram aos dela enquanto ele levantava o dedo dela e o envolvia com os lábios.

A boca dele era fria contra a chama da pele dela. O estalar da língua dele, o roçar dos dentes dele, fez arrepios percorrerem o corpo dela. Cada pelo ficou em pé. Era tão descarado da parte dele. E dela deixá-lo. Era vergonhoso, mesmo que não fosse vergonha que ela sentisse.

Ela deveria detê-lo.

Mas ela não queria. Então ela não fez.

Por fim, ele tirou o dedo dela da boca — devagar, tortuoso — e abaixou a mão dela, soltando-a.

Norah ficou sem fôlego.

O canto da boca dele se levantou levemente. “Vejo você amanhã, North Queen.”

Ela só conseguiu concordar.

Ele se virou e saiu, e ela fechou a porta atrás dele, recostando-se contra ela. Seu coração ainda trovejava. Ela ainda conseguia sentir sua boca, sua língua. Os pensamentos faziam calor acumular-se em seu estômago. Este homem. Ela não sabia o que fazer com ele, não sabia o que pensar.

Ele não conhecia limites, nem restrições. Alexandre nunca iria—

Alexander — ela o empurrou para fora de sua mente. Ela não conseguia pensar em Alexander agora.

Ela precisava de ar. Uma caminhada. Algo. Ela mal podia esperar que Vitalia voltasse com os vestidos. Ela pegou um vestido verde com renda frontal do provador lateral e o vestiu. Pegando sua capa, ela calçou os sapatos e então saiu do quarto e desceu o corredor.

Sua guarda a acompanhou, e ela prendeu sua capa em volta dos ombros enquanto caminhava.

“Você planeja ir lá fora, Rainha do Norte?”, um guarda perguntou por trás. *Sonal* . Com a ajuda de Vitalia, ela estava aprendendo a diferenciar os guardas. Ela não gostava de Sonal. Ele não era complacente como Kiran, e ela não gostava do jeito que ele a chamava de Rainha do Norte.

Ela continuou andando.

“Você só tem dois guardas”, sua voz ecoou novamente.

“Então é melhor você encontrar mais dois antes que eu chegue à porta.” Ela andou rapidamente, esperando evitar qualquer um que pudesse pará-la, como o lorde comandante ou o capitão. Quando chegou ao hall de entrada, mais dois guardas a seguiram.

Não foi tão difícil quanto ela esperava.

“Aonde você vai?” Sonal perguntou.

Ela não respondeu, dando ao guarda um gostinho do próprio remédio. Mas os cantos da boca dela se ergueram. Ela sabia exatamente para onde estava indo. A égua.

Lá fora, o ar estava frio, e ela puxou o capuz de sua capa para cima, mas respirou fundo. Era bom sair do castelo — colocar sua mente em algo diferente de Mikael e os acontecimentos da manhã. O breve pensamento novamente trouxe um calor para seu estômago inferior, e ela o afastou.

Os terrenos do castelo eram amplos, facilmente o dobro do tamanho do castelo dela em Mércia, e lindos. O pátio principal tinha três fontes e um largo caminho de paralelepípedos

para mercados e atividades diárias. Cercas vivas meticulosamente mantidas cercavam as bordas externas, e o longo jardim lateral que Kiran lhe mostrou antes continha ainda mais topiarias. Ela alongou seu passo em direção ao estábulo.

O interior do estábulo era quase tão grandioso quanto o interior do castelo, com pedras empilhadas elevando o teto alto para deixar entrar a luz e belas baias de madeira escura alinhadas em ambos os lados. A maioria das baias estava vazia e grande o suficiente para acomodar pelo menos três cavalos. Então ela chegou a uma que estava ocupada e percebeu que talvez não estivessem — ela tinha esquecido o quão enormes eram os corcéis.

Um barulho de calcinha soou de uma baia no final, e ela imediatamente soube que era a égua. Ela sorriu e correu em direção a ela. Quando chegou lá, olhou através das barras superiores, e seu sorriso se alargou. A égua sacudiu a cabeça e soltou um grito, como se estivesse feliz em vê-la.

As portas do estábulo estavam divididas ao meio, com a maioria das portas superiores abertas para os cavalos pendurarem suas cabeças para fora, mas a da égua estava fechada. Norah estendeu a mão para a trava.

Uma voz grave, estrangeira e irritada, gritou à sua direita.

Ela se virou quando o que parecia ser um cavalariço se aproximou. Ele não usava um turbante. Essa prática parecia reservada a soldados.

“Ele diz que esta vai tirar um pedaço de você,” Sonal disse atrás dela. “Esta égua não deixa ninguém tocá-la.”

Norah olhou de volta para a égua, que usava um cobertor de estábulo e claramente tinha sido escovada. Obviamente, alguém conseguiu tocá-la. Ela parecia bem cuidada, e Norah ficou grata por isso.

O ajudante do estábulo falou novamente. “Você faria bem em deixá-la em paz,” Sonal traduziu.

Ela puxou o capuz da capa, e o homem parou. Seus olhos viajaram para o guarda atrás dela, e ele deu um passo cauteloso para trás. Ele não tinha percebido com quem estava falando.

Norah puxou a trava da porta superior e a abriu, e a égua riu novamente e esticou a cabeça para ela. Ela sorriu e deu ao animal um forte arranhão na bochecha. A égua bufou. Norah coçou a testa antes de passar a mão na carne macia do nariz. O cavalo acariciou seus dedos. Seu sorriso se alargou, e ela olhou para o ajudante do estábulo. "Diga a ele para deixar a porta superior aberta, para que ela possa ver lá fora."

Sonal traduziu. Os olhos do homem lhe disseram que ele não aprovava, mas ele deu um aceno rígido. Então ele olhou mais uma vez para o guarda dela e os deixou sozinhos.

Norah voltou sua atenção para a égua, dando-lhe outra rodada de carinhosas carícias, às quais a égua arqueou o pescoço e se inclinou mais para fora contra a porta inferior. Ela desejou poder dar uma volta, mas sentiu que já estava forçando a sorte com a visita.

"Só vim dizer olá, amiga, para ver como você está. E você parece bem." Ela puxou a cabeça da égua para mais perto e lhe deu um beijo no rosto. "Volto mais tarde e vejo se podemos sair daqui por um tempo. Talvez uma volta algum dia." A égua bufou novamente, e Norah deu um tapinha em seu pescoço. "Não machuque ninguém, pelo menos não aqueles que se importam com você." Ela abaixou a voz para um sussurro. "Todos os outros são caça justa."

O animal balançou a cabeça e Norah deu uma risadinha.

Ela deveria voltar, ela sabia. "Tudo bem, adeus, amiga. Eu volto." Ela deu uma última coçada na égua e relutantemente saiu do estábulo e voltou para o castelo.

Enquanto voltava, ela se deixou admirar os jardins. Norah amava jardins. Os de Mercia pareciam tão pitorescos quando comparados aos das Terras Sombrias, mas ainda assim eram lindos. Ela sentia falta deles.

Ela notou um homem de joelhos cavando uma fileira de pequenos buracos. Ele era um homem mais velho; seu cabelo escuro estava com mechas grisalhas, e sua pele tinha sido desgastada pelas estações.

"O que você está fazendo?" ela perguntou a ele.

Ele olhou para cima assustado e se levantou quando a reconheceu. "Salara," ele disse, curvando-se profundamente. Sua voz continha o calor das boas-vindas, e seus olhos sorriam como o verão. "Como posso ser útil?"

Que ele falasse a língua do Norte a surpreendeu. "O que você está fazendo?" ela perguntou novamente.

"Estou plantando isarium, Salara. Enquanto eles estão dormentes."

"Rainha do Norte", disse Sonal, "devemos retornar ao castelo e deixar este homem fazer seu trabalho".

Ela o ignorou. "Qual é seu nome?", ela perguntou ao homem. Um de seus soldados se separou e foi em direção ao castelo. Se ao menos os outros a deixassem também.

"Meu nome é Bremhad, Salara."

Ele era uma alma tão gentil. Ele a lembrava de Kiran.

“Bremhad,” ela repetiu. “Posso plantar uma?”

Seus olhos se arregalaram de surpresa — ele parecia até um pouco preocupado. “Isso não é trabalho para Salara.”

“Eu decido isso”, ela disse, pegando uma raiz que estava esperando para ser plantada e olhando atentamente para ela. “Eu simplesmente coloco no chão?”

“Aqui”, ele disse, agachando-se, “vou lhe mostrar.” Bremhad pegou um pouco de terra solta e colocou no fundo do buraco que ele já tinha cavado. Então ele acenou para ela colocar lá dentro. Ela colocou a raiz no centro, e ele preencheu as laterais com a terra, nivelando-a com uma camada por cima.

Ela sorriu, olhando para a fileira de buracos. “Quero fazer outro.” Ela foi para o próximo, pegando a terra solta para o fundo como Bremhad tinha feito, e então colocando a raiz em cima. Ela preencheu as laterais e adicionou uma camada superior. A terra parecia boa entre seus dedos, e o cheiro da terra era familiar de alguma forma. Ela sorriu, sentindo-se satisfeita consigo mesma.

“Então, você fala a língua do Norte?” ela perguntou.

“Língua comum? Sim, claro.”

Sonal interrompeu o homem com palavras afiadas na língua das Sombras. O sorriso do homem caiu, e Norah sabia que ele tinha sido avisado. Ela lançou um olhar para Sonal, dando a ele um aviso próprio.

“Todo mundo fala a língua do Norte?” ela perguntou.

O velho ficou em silêncio, e seus olhos dispararam para o guarda dela. Passos vieram atrás dela, e ela olhou para trás para ver o lorde comandante se aproximando, seguido pelo capitão Artem e mais soldados. O comandante não tinha ido com o rei? Ela gemeu por dentro.

“O que você está fazendo?” ele perguntou.

Não era da conta dele. Ela franziu os lábios. “Estou plantando flores.”

“North Queen, você não pode ficar aqui cavando na terra.”

“Bremhad já fez a escavação”, ela disse levianamente. “Estou plantando as flores.”

A agitação rolou em sua testa. “Você não pode estar aqui *plantando flores* .”

“Por que não? O que eu vou fazer? Ficar sentado no meu quarto o dia todo?”

“Algo mais apropriado para uma rainha.”

“Você deveria deixar a rainha decidir o que é apropriado para rainhas,” Norah disse brevemente. “Eu voltarei para dentro quando terminar aqui.” Ela podia sentir o calor da raiva dele, mas se concentrou em sua próxima bola de raiz.

O senhor comandante deu uma ordem na língua das Sombras, e cada soldado rapidamente pegou um feixe de raízes e jogou-o nos buracos ao longo da passarela, cobrindo as raízes com terra.

“Você terminou agora”, ele disse a ela.

Norah cerrou os dentes, a raiva crescendo dentro dela. Ela se levantou, encarando o lorde comandante. Os olhos dele retribuíram o olhar dela como piscinas do inferno. Mas o que ela poderia fazer?

Ela se virou para o velho. “Obrigada, Bremhad. Talvez eu possa voltar? Gostaria de ver como as coisas estão indo.”

“Claro, Salara. Estou aqui todos os dias e ficaria honrado.”

Ela lançou outro olhar severo para o senhor comandante e o capitão e então se virou de volta para o castelo.



Quatro guardas . Quatro guardas agora estavam de plantão quando ela saiu do seu quarto para o corredor — sem dúvida uma resposta punitiva ao dia anterior. Mas ela não daria ao lorde comandante a vantagem.

Ela sorriu para eles. "Oh, perfeito. Eu estava indo para fora para outra caminhada, então estamos todos prontos." E ela começou a descer o corredor. Eles a seguiram. Perto. Perto demais. Sufocando. Ela tentou ignorar isso enquanto passava pelo refeitório — onde ela originalmente pretendia ir. Uma rebelião mesquinha era muito mais importante do que o café da manhã.

Seu estômago roncou em protesto. Ela ignorou. Ela tinha comido um jantar pesado na noite anterior, feito em seu quarto. Nove infernos antes que ela comesse sozinha com o lorde comandante. E estar fora para uma caminhada não foi em vão. Ela não tinha explorado adequadamente os terrenos do castelo. Ela desejou ter pensado em trazer Vitalia.

A beleza das Terras Sombrias era difícil de negar. Em cada recesso do castelo havia uma área de jardim, meticulosamente mantida. As paredes e a cantaria eram bem conservadas, e

até mesmo as calçadas de paralelepípedos pareciam ter sido esfregadas e limpas. Altos postes de ferro ladeavam as passarelas comuns, segurando lanternas a óleo para a noite.

Ela virou a esquina do castelo, e a caminhada se abriu para um amplo espaço verde. A uma curta distância, havia campos de atividades estruturados, cada um cheio de soldados em treinamento. Os campos eram muito maiores do que em Mércia, e na primeira observação, o treinamento era muito mais agressivo. Onde seus nórdicos praticavam de forma organizada, os campos das Sombras podiam facilmente ser confundidos com campos de batalha.

Norah parou e observou, de olhos arregalados. Sem reservas e sem restrições, os guerreiros das Sombras lutaram — ataques letais com armas reais e consequências devastadoras. Como eles não estavam se matando? Seu pulso acelerou. Mesmo que fossem Homens das Sombras, ela não queria que ninguém se machucasse...

De repente, seus olhos encontraram o Capitão Artem. *Exceto ele* . Ele poderia se machucar o dia todo. E o senhor comandante também poderia — onde quer que estivesse. O capitão estava no centro do campo da extrema direita enquanto examinava os soldados, gritando comandos que só os deuses sabiam o quê. E então, como se sentisse o olhar dela, ele se virou. Os cabelos da nuca dela se arrepiaram, e ela se afastou para continuar andando.

Ele a viu. Mas ela não ousou olhar para trás para ver se ele viria atrás dela. Ela focou seus olhos à frente. E então ela diminuiu o ritmo.

O rei estava caminhando em sua direção. Uma surpresa — ele disse que não voltaria até tarde. Não foi uma surpresa indesejada, no entanto. Ao lado dele caminhava o senhor comandante. *Ele* não era bem-vindo.

Felizmente, o comandante se afastou e seguiu em direção aos campos de treinamento, mas não antes de lançar um olhar sombrio para ela. *Boa viagem* . Ela voltou sua atenção para o rei. Os cantos de sua boca se ergueram, e ela a franziu de volta. Mas ela certamente não estava infeliz em vê-lo.

A boca dele continha a sugestão de um sorriso, e os olhos dela se moveram para os lábios dele. Ela não tinha esquecido como eles eram. Ela engoliu em seco e tentou sacudir o caminho de onde sua mente estava começando a vagar.

“Rainha do Norte”, ele a cumprimentou.

“Salar Mikael,” ela cumprimentou de volta, tentando o título Kharavian. Parecia muito… anormal. Ela não sabia bem o porquê.

Ele inclinou a cabeça. “Não é costume usar os dois nomes.”

Ela não queria chamá-lo de Salar — um nome tão... distante. "Tudo bem. Mikael." Isso pareceu natural. Ela não tinha certeza se ele ficaria bem com ela chamando-o pelo nome, mas ela percebeu a sugestão de um sorriso, e sorriu de volta. "Você voltou mais cedo do que eu esperava."

“Eu tinha algo para voltar.”

“Planejamento de batalha?” ela brincou. Algo mais obscuro e nefasto, sem dúvida.

"Você."

Ela fez uma pausa. Por que ela gostou disso? Ela mordeu o lábio. “Preocupada que eu pudesse escapar?” Era uma brincadeira. Principalmente.

Mas ele balançou a cabeça. “Não. Eu queria te ver de novo.”

Ela gostou ainda mais disso. A última interação deles ficou na mente dele, assim como ficou na dela?

“Ouvi dizer que você colocou o Crest para trabalhar nos jardins ontem”, ele disse enquanto eles se dirigiam ao castelo.

Ela olhou para os campos de prática onde o comandante havia começado a inspecionar os soldados. “Não, isso foi obra do senhor comandante”, ela disse irritada. “Eu estava plantando flores.”

“Uma rainha não deveria estar trabalhando na terra.”

“Não foi trabalhoso”, ela argumentou. “Na verdade, eu gostei bastante.” Ela precisava estar fora do castelo e fazendo alguma coisa. “E mesmo se estivesse, farei o que me agrada. O senhor comandante ultrapassa os limites, e isso é inaceitável.”

Ele diminuiu o ritmo. “Sei que ele não é um homem de natureza gentil, mas o lorde comandante cuida dos meus interesses, e agora dos seus.”

Ela zombou. “Não é *do meu* interesse.”

“Você o julga muito duramente.” O tom dele tinha um tom de defesa, e ela se aquietou. Ele depositava sua confiança absoluta em seu bruto, o amava como um irmão, e o defenderia ferozmente, até mesmo para ela. O comandante poderia dividi-los, e essa era a última coisa que ela queria. Ela tinha que ter cuidado.

O silêncio pairou entre eles enquanto caminhavam, então ele disse: “Trabalhe na terra se isso te faz feliz. Só peço que se abstenha quando seu povo chegar para o casamento. Não quero que pensem que peguei a rainha deles para trabalho escravo.”

Era uma brincadeira para trazê-los de volta a um bom lugar. Ele estava tentando. E era um compromisso aceitável. Norah não conseguiu evitar sorrir. “Sim, consigo ver minha avó tendo palpitações cardíacas.”

A testa de Mikael franziu. “Certamente sua avó não virá.”

A suposição dele a surpreendeu. “Ela planejou viajar para Aleon. Claro que ela virá. Por que não viria?”

Mikael levantou uma sobrancelha, mas não respondeu.

“Essa aliança é importante, e eu sou neta dela”, ela insistiu. “Vou me casar, e preciso dela. Ela virá.”

“Claro”, ele respondeu, mas a dúvida persistia em seu rosto.

Haveria tensão entre seus reinos, compreensivelmente, e levaria tempo para se ajustar, mas sua avó não a negaria. Mikael não conhecia Catherine. Ele veria.

“Tenho certeza de que você já comeu”, ele disse, “mas você quer tomar café da manhã comigo?”

O sorriso dela retornou. “Eu adoraria.”



Norah saiu para a luz do dia com um salto em seus passos. O café da manhã com Mikael a deixou de bom humor. Ele era... diferente... do que ela esperava. Ela gostou.

Ela decidiu visitar a égua novamente e parar no jardim e dizer olá para Bremhad ao longo do caminho. Vitalia seguiu logo atrás, assim como o guarda de Norah. Ela estava decepcionada por ter Sonal a seu serviço novamente hoje, mas ela não o deixaria abalar seu ânimo.

Norah seguiu seu caminho ao longo das topiarias bem cuidadas e vasculhou os jardins em busca do zelador, mas ele não estava em lugar nenhum. Norah avistou outro homem perto dos louros e se aproximou. Ele se curvou profundamente quando a viu.

“Bremhad está aqui?” ela perguntou.

O homem não disse nada e continuou curvado.

“Um homem chamado Bremhad,” ela disse novamente. “Ele está aqui?”

Mesmo assim, o homem não disse nada.

Vitalia falou com ele na língua das Sombras. Ele respondeu, e ela olhou de volta para Norah. “Ele diz que não há nenhum homem que trabalhe nos jardins com esse nome.”

Norah balançou a cabeça, as sobrancelhas franzindo. “Isso não está certo. Ele esteve aqui ontem. Ele disse que está aqui todos os dias.”

Vitalia falou com o homem novamente, e então olhou para Norah com os lábios franzidos e balançou a cabeça.

Algo não estava certo. Norah virou-se para Sonal. “Onde está o homem que esteve aqui ontem?”

Sonal franziu a testa e então balançou a cabeça. “Não me lembro de como ele era.”

Os olhos dela se estreitaram. *Mentiroso* . “Você sabe exatamente como ele era”, ela rebateu, um peso crescendo em seu estômago. “O nome dele era Bremhad. Aconteceu alguma coisa com ele?”

Sonal deu de ombros. “Não me lembro dele.”

A raiva percorreu sua pele. Mas o que ela poderia fazer aqui? Ela se virou e caminhou de volta para o castelo. Ela precisava encontrá-lo.

Atrás de portas fechadas e longe de sua guarda, Norah andava de um lado para o outro na sala.

“Você acha que eles fizeram alguma coisa?” ela perguntou à sua empregada. “Você acha que alguma coisa aconteceu com ele?”

“Você não vê?” Vitalia sussurrou. “O lorde comandante lhe envia uma mensagem.”

Um nó se formou em sua garganta. Esse era exatamente o tipo de mensagem que o lorde comandante enviaria. “Você acha que Bremhad está bem?”

“Não sei, mas se o senhor comandante estivesse envolvido…” Suas palavras sumiram.

O coração de Norah disparou. A culpa era dela. Ela tinha que ajudá-lo. “Para onde eles o levariam? O que eles fariam?”

Vitalia balançou a cabeça. “Não sei. Você irá para Salar?”

“Não posso ir até ele apenas por suspeita. Ele já acha que julgo o comandante muito precipitadamente. E o bruto negaria.” Então Bremhad pode desaparecer para sempre.

“Tenho muitos amigos no castelo, Vossa Majestade. Posso tentar descobrir o que aconteceu.”

Norah rezou para que pudesse.



Capítulo quarenta e um

"Por favor, não fique bravo," Vitalia disse em voz baixa. O sol poente lançava longas sombras pelo corredor enquanto eles andavam.

"Por que eu ficaria brava?" Norah seguiu sua empregada em direção ao seu santuário. Ela não o visitava desde que Mikael o dera a ela. Era para quando ela quisesse ficar sozinha, e ser deixada sozinha, ele lhe dissera. Além de sua guarda sufocante, ela não se sentia assim.

Vitalia não respondeu.

Ela descobriu o que aconteceu com Bremhad? Norah não ousou perguntar ao alcance da voz de seu guarda, que provavelmente ajudou em qualquer plano tortuoso que o comandante tivesse.

O guarda parou no final do corredor, pois não tinham permissão para entrar, e Norah e sua empregada continuaram até o santuário. A respiração de Vitalia ficou mais rápida agora, nervosa. Isso fez a de Norah acelerar também. Que notícias ela tinha?

Eles entraram e Vitalia fechou a porta atrás deles.

Norah não conseguiu esperar mais. "Você descobriu o que aconteceu com Bremhad?"

Vitalia cerrou as mãos, torcendo-as nervosamente. Então seus olhos dispararam sobre o ombro de Norah. Norah se virou e se assustou com o homem parado na porta do banheiro lateral.

"Quem é você?" ela exigiu do homem. "O que você está fazendo aqui?" Ninguém tinha permissão para entrar no santuário.

"É Kiran, Vossa Majestade," Vitalia disse rapidamente. "Eu o trouxe. Sinto muito. Este é o único lugar que eu poderia pensar que era privado o suficiente."

Norah não reconheceu o guarda sem o turbante; ela só tinha visto seus olhos. Ela olhou mais de perto. Sim, ela conhecia aqueles olhos. Eram olhos gentis. Mas agora, preocupados.

Ele era diferente de como ela o imaginava. Mais velho — talvez alguns anos mais velho do que ela. Uma cicatriz profunda corria de um pouco abaixo do interior do olho direito e descia pela bochecha até o maxilar. Uma segunda cicatriz ocupava o espaço sobre o olho esquerdo e canalizava de volta para o cabelo preto na altura dos ombros, preso por trás. Talvez fossem do mesmo ferimento. Azar. Ou sorte, dependendo de como se olhava para a situação.

"Bremhad é o pai dele", disse Vitalia.

Norah soltou um suspiro. Ela viu agora—a semelhança.

Kiran se mexeu inquieto, o músculo se contraindo sob sua pele tatuada. Isso era um segredo — um segredo que ele protegia.

"Bremhad foi jogada na masmorra", acrescentou sua criada.

"Tem uma masmorra?" Enquanto isso saía de seus lábios, ela sabia que era uma pergunta idiota. Até a Mércia tinha uma masmorra.

Gentilmente, Vitalia apenas assentiu. "Kiran está planejando libertá-lo."

Ele lançou um olhar furioso para a empregada dela. "Você disse que não contaria isso a ela."

"Você pode confiar nela", insistiu sua empregada.

Norah o encarou boquiaberta. "Tirá-lo do calabouço? Você não pode fazer isso."

"Eu sou um guerreiro do Crest. Eu posso." Suas cortesias se foram. Mas ela não o culpou. Raiva e medo o impulsionavam agora. E ele estava certo, ele provavelmente poderia tirar seu pai de lá, com algum planejamento. Ele era um membro de elite do Crest, habilidoso além de qualquer guarda prisional.

"Não, Kiran, me escute. Não é assim. Se você libertá-lo, não poderá ficar aqui. Você terá que ir embora, fugir. Vocês dois serão caçados."

Ele balançou a cabeça. "Não importa. Não posso fazer nada. E quando souberem que ele é meu pai, saberão que meus papéis são falsos. Serei jogado lá com ele."

Ela se aquietou enquanto sua mente corria. Ele havia falsificado seu status para ser elegível para o exército. Ela apertou as próprias mãos. Isso complicou as coisas. "De qualquer forma, você não pode libertá-lo."

Quão rápido a gentileza em seus olhos mudou para agressão. "Eu não vou deixá-lo morrer lá embaixo porque ele cometeu um erro."

A confusão a encheu. "Que erro?"

Kiran hesitou, então disse: "Falando com você na língua do Norte."

“Por que isso seria um erro?” Ela sabia a resposta antes mesmo de terminar a pergunta. Ela zombou de frustração. “Porque o comandante quer que eu pense que apenas alguns podem me entender. É melhor me espionar, pelo que vejo.”

Kiran não confirmou. Mas ele não negou.

“Deixe-me cuidar disso”, ela disse. “Eu vou soltar seu pai.”

Kiran se endireitou, mas desviou o olhar com os lábios apertados e respirou fundo, cínico.

“Você não acredita em mim?”

Ele olhou de volta para ela. “Eu acredito que você vai tentar.” Ele não achava que ela conseguiria.

“Kiran, por favor. Deixe-me ajudá-lo antes que você faça algo precipitado. Você não ama sua vida aqui?”

“Eu amo mais meu pai”, disse ele.

A emoção cresceu dentro dela. Ela amava seu próprio pai tão fortemente? Ela estendeu a mão e apertou o braço dele. “Kiran, por favor. Eu prometo que vou tirá-lo de lá.”

O silêncio foi longo e agonizante. Mas Kiran suspirou, cedendo. Ele deu um breve aceno.

Ela franziu os lábios em um sorriso tranquilizador.

“Espere até que tenhamos ido embora,” Vitalia disse a ele. “Levaremos o guarda conosco, e você pode sair sem ser visto.”

Ele deu um pequeno aceno. “Obrigado.”



A manhã não poderia chegar cedo o suficiente. O capitão Artem estava em uma tarefa fora da cidade, e Norah teve que esperar seu retorno. Seu estômago se revirou ao pensar em ter que falar com ele, mas ela não ousou levar o assunto ao comandante. Ela nunca mais veria Bremhad.

Ela caminhou em direção aos estábulos com seu guarda logo atrás. Kiran estava entre eles. Seu coração doía por ele. Certamente era tudo o que ele podia fazer para agir sem se afetar, já que ninguém sabia que Bremhad era seu pai. A proximidade dele não ajudava em sua própria ansiedade.

Ela encontrou Artem saindo quando ela estava se aproximando. Ele segurava o capacete debaixo do braço e as luvas cuidadosamente na mão. A testa dela estava costurada. Ele nem parecia ter viajado; sua armadura ainda estava limpa.

"Rainha do Norte", ele cumprimentou.

Mas ela não gostou da saudação dele, e não se importou em oferecer uma de volta. "Você vai soltar o zelador", ela disse firmemente.

O capitão do Crest franziu a testa. "Não tenho certeza de qual greenskeeper você está falando."

Eles eram todos mentirosos? "O zelador que estava comigo quando você me assediou nos jardins com o lorde comandante," ela disse brevemente. "O zelador que foi jogado na masmorra. Eu o quero solto. Agora."

Ele abaixou a sobrancelha, fingindo preocupação. "Não estou familiarizado com a situação, mas mesmo assim, apenas o lorde comandante ou salar pode conceder perdão."

"Perdão?" ela perguntou com raiva. "Ele não fez nada de errado! Qual é o crime dele?"

Ele balançou a cabeça, franzindo a testa através do sorriso cruel por baixo. "Como eu disse, não estou familiarizado com a situação. Você deveria falar com o lorde comandante."

Sim, confiar no homem que *causou* sua queixa para *consertar* sua queixa. Dificilmente.

"Acho que vou falar com o rei", ela respondeu bruscamente.

"Como desejar."

Norah odiava esse homem tanto quanto o lorde comandante. Ela se amaldiçoou. Eles provavelmente eram os melhores amigos. Ela cerrou os dentes e respirou fundo para se manter calma, então girou nos calcanhares, voltando para o castelo.

A manhã ainda era cedo. Ela encontraria Mikael antes do café da manhã — antes que Artem pudesse contar ao comandante o que ela estava tentando fazer. Ela se amaldiçoou por não ter ido direto até Mikael, mas Artem era um capitão, e ela era rainha. Mesmo que ainda não fosse a rainha das Terras Sombrias, ela esperava sua obediência. Ela *seria* sua rainha. E ela rejeitou completamente a ideia de que ele não poderia libertar Bremhad.

Ela odiava a ideia de ir até Mikael. Ele já sentia que ela era muito tendenciosa contra seu comandante, e ela estava trazendo mais uma queixa. E ela era rainha por direito próprio — isso diminuía sua autoridade. Mas ela faria isso por Bremhad. O tempo era essencial. Ela resolveria o resto mais tarde.

Norah encontrou o rei saindo de seu escritório. "Rainha do Norte," ele a cumprimentou quando a viu. "Isso é uma surpresa."

“Tenho um assunto urgente que preciso discutir com você.”

Sua testa franziu e ele deu a ela um pequeno aceno de cabeça. “Claro.”

“O zelador”, ela disse.

Sua testa franziu ainda mais. “O zelador?”

“Sim, o zelador, o velho com quem eu estava plantando flores no jardim. O senhor comandante o colocou em sua masmorra. Eu o quero solto.”

“O zelador?” ele perguntou novamente.

Ela resistiu à vontade de dizer a ele para prestar atenção. Agora ela se sentia como Catherine.

“O que ele fez?”, ele perguntou.

“Ele falou comigo em língua do Norte. Diga-me, isso é um crime?”

A linha da boca dele se afinou. “Claro que não.”

“O comandante—”

“O senhor comandante não condenaria um homem sem motivo.”

Norah zombou. “O senhor comandante esfaquearia um homem por respirar.”

Mikael parou e enrijeceu, e as poças de seus olhos ficaram mais escuras. Ela não o estava conquistando para sua causa — ela precisava de uma abordagem diferente. Por mais que odiasse apelar à sua misericórdia, ela o faria. Por Bremhad e por Kiran.

Ela colocou a mão no braço dele. “Mikael, por favor. Ele é meu amigo.”

“Um zelador é seu amigo?”

Ela respirou fundo enquanto se recompunha; atrevimento e sarcasmo não a ajudariam agora. “Eu gosto do jardim aqui. É um lugar no qual espero passar mais tempo. Você não vai soltá-lo? Ele não fez nada de errado.” Norah prendeu a respiração. Ele lhe dera um cavalo que valia a pena perder uma aliança. Ele não lhe daria um zelador?

Ele suspirou. “Vou providenciar para que não haja nenhum greenskeeper na minha masmorra.”

Não era exatamente uma garantia completa, mas ela não podia pressioná-lo mais. Ela deu um aperto caloroso em seu braço. "Obrigada." Ela olhou para o refeitório. "Você vai tomar café da manhã?"

“Não. Estou indo para Basrah, logo a oeste. Estarei de volta hoje à noite.”

Ela odiava que ele estivesse indo embora de novo, mas assentiu. “Vejo você quando voltar.”



À noite, Bremhad ainda não tinha chegado em casa, e Norah sentiu um buraco crescendo em seu estômago. Por que estava demorando tanto para libertá-lo? Ele seria liberado? Talvez Mikael não tivesse falado sobre isso com o comandante antes de ele ter partido.

Ele disse que resolveria o problema, ela disse a si mesma. Ela deveria confiar nele para fazer isso. Mas a verdade era que Mikael segurava o lorde comandante com uma longa coleira, se é que tinha uma coleira. O bruto havia dito a ela que não havia nada que ele pudesse fazer que o rei não perdoasse. E ela acreditou nele.

Mikael não havia retornado para o jantar, e Norah fez sua refeição em seu quarto. Sua preocupação aumentou enquanto ela comia. E se ela estivesse errada? E se ela não conseguisse tirar Bremhad?



Capítulo quarenta e dois

“ Vossa Majestade!” A voz animada de Vitalia acordou Norah de seu sono. Ela se sentou rapidamente, sem ter certeza se havia dormido. Ela tinha ficado inquieta a maior parte da noite. “Bremhad foi liberado?” ela perguntou antes mesmo de sua consciência chegar a ela.

Vitalia fez uma pausa, balançando a cabeça. “Eu não ouvi, Vossa Majestade, mas você vai querer se levantar rápido. Os nórdicos chegaram!”

As palavras de Vitalia a acordaram instantaneamente. “Nortemans?” Seu coração saltou.

“Soldados”, explicou sua criada. “Eles dizem que são parte da guarda real da Mércia. Eles vieram para estar a seu serviço. O homem que fala por eles, seu nome é Titus.”

Norah tentou acalmar sua decepção. Claro que não seria Alexander, e ela não deveria querer que fosse Alexander, por mais que seu coração desejasse o contrário. Não era seguro para ele aqui. Faria sentido que ele enviasse seus guardas, ou o que restasse deles, e seria bom ver Titus.

Ela escorregou para fora da cama. “Estou feliz que eles tenham vindo. Onde eles estão?”

“Eles estão se acomodando no quartel dos soldados. Eles vão encontrá-lo na sala do trono.”

Norah se vestiu rapidamente. Seria bom ter seus próprios soldados em guarda, homens em quem ela pudesse confiar. Pensando em confiança, sua mente vagou de volta para Kiran, e seu estômago afundou.

Ela abriu a porta de seu quarto para Kiran e Sonal montando guarda. Ela não ousou pedir notícias com Sonal tão perto, mas Kiran balançou a cabeça levemente, e seus olhos lhe disseram que seu pai não havia retornado para casa.

Seus pés pareciam pesos enquanto ela andava. Ela havia prometido a Kiran, e ela estava tão segura de si mesma. Doeu. Ela o decepcionou. Ela decepcionou Bremhad. E doeu ela não ter sido capaz de mover Mikael. O senhor comandante havia enviado sua mensagem, e a

falta de ação do rei mostrou sua decisão. Que poder ela tinha aqui se ela não conseguia libertar um zelador inocente da masmorra? A resposta a assustou.



Mikael estava em seu quarto em frente a um grande espelho cheval enquanto alfaiates serviçais se movimentavam para atender às exigências de sua mãe. Ela escrutinava cada detalhe, exigindo perfeição em tudo. Era fim de manhã. Ele já tinha perdido o café da manhã com a Rainha do Norte, e isso o deixou de mau humor. Mas essa era uma transição difícil para sua mãe. O mínimo que ele podia fazer era dar a ela a manhã.

Ele observou os alfaiates no reflexo — medindo, prendendo e alfinetando o tecido do traje que ele usaria para a cerimônia de casamento. O esforço era desnecessário, tendo três como aquele já em sua câmara de gabinete. Ele preferiria sua armadura; parecia ser mais adequada para sua salara, de qualquer forma. Mikael viu seu sorriso no espelho e rapidamente o reprimiu.

Nesse momento, a porta se abriu com um estrondo quando Soren empurrou para dentro. Todos pararam abruptamente, e sua mãe se virou para ele com uma carranca. "Ele não tem autocontrole?", ela fervia.

Mikael olhou para Soren com um olhar desaprovador, mas sabia que seu comandante não interromperia sem razão. “Deixem-nos”, ele disse aos alfaiates, que sem dúvida entrariam em conflito com sua mãe.

“Você não pode estar falando sério”, ela argumentou. “Você está bem no meio de uma prova.”

“Eu termino isso mais tarde.”

A mãe lançou um olhar furioso para Soren e saiu furiosa da sala, seguida pelo grupo de alfaiates.

“Os nórdicos chegaram”, disse Soren enquanto a porta se fechava atrás deles, completamente imperturbável pela irritação de sua mãe.

Mikael arrancou o pedaço de tecido meio preso com alfinetes e colocou-o sobre a cadeira lateral antes de vestir sua túnica sem mangas novamente. "Como esperávamos", ele disse, e enfiou sua túnica de volta em suas calças. Esta notícia não valia a pena a ira de sua mãe. Ele desejava que Soren se esforçasse mais para agradá-la às vezes.

"O-"

Mikael o interrompeu. “Você lidou com o velho?”

Soren parou e assentiu com firmeza.

“Não espero que isso aconteça novamente”, ele avisou. “Você ofendeu a rainha.”

Soren bufou.

"Você me ofendeu", disse Mikael com raiva, e Soren enrijeceu.

Seu comandante não disse nada. Ele lutou pessoalmente com a Rainha do Norte, e Mikael simpatizou, mas ele não conseguia tolerar esse comportamento em relação a sua salara.

Mikael se moveu para sair, mas Soren segurou seu braço. “Salar, os nórdicos — o Urso estará com eles.”

Mikael parou. Agora, isso ele não esperava. Seu peito apertou. “Você o viu?”

Soren balançou a cabeça. “Não, mas eu sei que ele está aqui.”

Ele soltou um longo suspiro com o maxilar cerrado. Ter o Urso em Kharav seria problemático. “Onde?”

“Eles estão descarregando suas carroças e se acomodando nos alojamentos dos soldados agora. Então eles vão se apresentar à rainha na sala do trono.”

Mikael bateu o punho na mesa, derrubando um frasco de tinta.

“Eu vou pegar o Crest e derrotá-los,” Soren disse a ele. “Eu vou trazê-lo até você.”

“Não”, Mikael disse rigidamente.

Seu comandante soltou um suspiro de raiva. “A tarefa dele era retornar ao Norte. O acordo foi quebrado. Deixe-me levá-lo.”

“Ela sabe que ele está aqui?” Mikael perguntou.

“A Rainha do Norte?” Soren balançou a cabeça. “Não sei. Ele não se revelou.”

“Mas você tem certeza de que ele veio? Porque isso seria muito tolo da parte dele.”

Os olhos de Soren brilharam. “Tenho certeza.”

Mikael pulsava com a vontade de sangue. “Então vamos para a sala do trono.”



Sua espada deslizou suavemente para fora da bainha enquanto ele a verificava. Ele poderia precisar dela. Alexander achou mais fácil do que o esperado entrar nas Terras Sombrias escondido entre os nórdicos. Talvez ele não devesse ficar tão surpreso. Poucos sabiam como ele era sem sua armadura característica. Isso funcionou a seu favor. Alexander duvidava que ele teria dado um único passo além da fronteira se o inimigo soubesse quem

ele era. Eles teriam arrancado sua cabeça se soubessem que ele tinha sido o único a matar tantos quando tentaram retomar as montanhas de Bahoul no ano anterior. Ele deixou uma cicatriz no rosto de seu rei, e ele seria o único a matá-lo.

Ele *mataria* o Rei das Sombras.

Talvez ele tenha sido tolo em vir, mas não podia deixar de vir. Não quando Norah estava aqui, desprotegida. Adrian queria vir também, mas era muito perigoso. Com os Shadowmen, qualquer um que Alexander amasse seria um alvo. Especialmente seu irmão.

Alexander não temia sua própria morte nas Terras Sombrias, pelo menos não até que ele cumprisse a visão, mas ele ainda veio sob o disfarce de um soldado mércio regular. Ele não queria ser dissuadido ou levado antes que pudesse ver Norah e ter certeza de que ela estava bem.

Ele veio o mais rápido que pôde depois de retornar o exército para Mércia. Ele se separou da companhia de viagens com um grupo menor para ir ainda mais rápido. Caspian seguiu com mais pertences de Norah e mais homens — coisas que, esperançosamente, trariam conforto a ela no porão do inimigo até que ele pudesse tirá-la de lá.

"Você está pronto?" Titus perguntou a ele.

Alexander sorriu para o guarda experiente e puxou seu capacete. "Lidere o caminho." E ele seguiu Titus como um soldado normal faria.



Norah ficou surpresa ao encontrar o rei e seu bruto na sala do trono quando ela chegou. Mikael estava de pé, blindado — o que parecia um pouco excessivo. O rosto do comandante estava coberto. Ela se acostumou a vê-lo pelo castelo sem seu manto e quase se esqueceu de quão monstruoso ele parecia com apenas seus olhos aparecendo. Ele estava vestido para a batalha na forma usual das Sombras — nada cobrindo as marcas em seu peito e torso, exceto as tiras de suas armas, e ele usava apenas uma armadura leve sobre suas calças nos joelhos e as canelas de suas botas.

Ela queria desesperadamente perguntar a Mikael sobre Bremhad, mas não ousava, diante de uma plateia e do que quer que estivesse acontecendo ali com essa exibição.

As fileiras dos guardas de Crest se alinhavam nas laterais da sala, e o comandante estava ao lado da cadeira do rei, seu machado em mãos. Foi uma resposta bem forte para vários nórdicos, ela refletiu.

O rei a cumprimentou com uma pequena reverência de cabeça. “Rainha do Norte”, ele disse, estendendo a mão para o trono ao lado dele. “Por favor.”

Ela não esperava sentar-se no trono da rainha antes de ser coroada salara, mas sentou-se ao lado dele.

Ele olhou para ela com uma expressão que ela não conseguia entender. “Ainda não fizemos nossos votos, mas você é minha salara. Você ainda assume esse compromisso comigo, sim?”

Que pergunta estranha. Ele parecia estar decidindo algo em sua mente. “Claro,” ela disse a ele, e ele deu um pequeno aceno de cabeça.

As portas se abriram, e um pequeno exército de seus nórdicos entrou no salão. Norah não conseguiu evitar o sorriso que surgiu em seu rosto quando reconheceu a cabeça calva na frente.

“Titus!” ela disse, levantando-se e dando um passo à frente. “Estou tão feliz que você veio.”

Ele se curvou. “Rainha Norah. Estou feliz em vê-la bem.”

“Como foi a viagem?”

“Foi tranquilo — do melhor tipo. E todos estão bem, assim como espero que você esteja.”

O sorriso dela se alargou. “Estou, e estou muito feliz em ver um rosto familiar.”

“Não é só um rosto familiar, Regal High,” ele disse enquanto dava um passo para o lado. Outro soldado grande veio para frente, removendo seu capacete.

Norah soltou um suspiro, e o mundo parou enquanto olhos azuis sorriam de volta para ela — olhos que nunca estavam longe de sua mente.

Alexandre .

Mas a felicidade durou apenas um momento, então veio o medo — um medo paralisante e doentio. “O que você está fazendo aqui?”, ela respirou.

“Norah,” ele disse suavemente.

Ela sentiu Mikael atrás dela. Sua voz veio baixa e fria. “Você tem um convidado.”

Ela olhou para trás e viu que ele havia se levantado da cadeira e estava com a mão no punho da espada, com o comandante ao seu lado.

“Sim,” ela disse trêmula, buscando desesperadamente em sua mente como manter a calma. “Eu gostaria de apresentar—”

“Eu sei quem ele é,” ele a interrompeu enquanto se aproximava dela. Seus olhos se fixaram em Alexander. “Meu senhor comandante me disse que você seria tolo o suficiente para vir,” ele rosnou para Alexander. “Eu quase não acreditei nele.”

Alexander não respondeu. E ele não se curvou. Ele apenas ficou com um fogo gelado nos olhos. Os Shadowmen se aproximaram de suas posições ao redor da sala. O coração de Norah disparou mais rápido, e seu estômago revirou. As coisas estavam piorando, rapidamente. O comandante falou com o rei na língua das Sombras, e ela ouviu armas sendo preparadas. Titus deu um passo para o lado de Alexander, e os Northmen puxaram suas espadas defensivamente.

Mikael agarrou sua própria espada, avançando, e o pânico surgiu dentro dela. Ela tinha que parar com isso. Ela agarrou o braço de Mikael, ficando na frente dele e olhando seriamente em seus olhos. "Por favor", ela sussurrou suavemente.

Ele fez uma pausa enquanto seu olhar se voltava para ela. Quando ele parou, todos pararam. E eles esperaram. Seus olhos se moviam para frente e para trás entre os dela. A eternidade do silêncio a enfraqueceu, mas ela segurou seu braço com mais força. Mikael olhou para Alexander, depois de volta para ela. Finalmente, ele rosnou um comando, e os Shadowmen recuaram.

Norah se deixou respirar, mas não conseguia se livrar da onda de náusea que se retorcia em seu estômago. A tensão ainda pairava espessa no ar.

“Senhor Justiça”, disse Mikael a Alexander, usando seu título pela primeira vez, “esperávamos que você retornasse ao Norte”.

Alexander ignorou o rei, olhando apenas para Norah. “Eu retornei, mas tive que ver sua guarda de volta para você, ou melhor, o que sobrou deles. Estou aliviado em encontrá-la bem.”

“De que outra forma você esperava encontrá-la?” Mikael perguntou, sua voz cheia de raiva.

Os olhos de Alexandre encontraram os do rei, e ele não fez nenhuma tentativa de esconder seu desdém. “Talvez semelhante a como a vi pela última vez: agredida e maltratada.”

A raiva irradiava de Mikael, e ela apertou seu braço novamente — seu apelo silencioso por contenção. "Como você pode ver, estou muito bem." Ela tentou entender como poderia redirecionar a conversa. "Que notícias você tem da Mércia?" Ela queria saber de casa.

Alexander olhou para Mikael antes de responder. “Está tudo bem,” Alexander disse finalmente. “O exército retornou com boa saúde. Eu parti depois com sua guarda. Caspian segue logo com homens adicionais e mais de seus pertences.”

“Caspian! Ele está vivo?” Ela quase não conseguia acreditar.

Alexander lançou um olhar duro para Mikael. “Ele ainda está se recuperando, mas está bem e ansioso para liderar a guarda de volta a seu serviço.”

O fundo dos olhos dela ardeu de alívio. Caspian estava bem.

“Ela já tem um guarda”, disse Mikael.

“Ela precisa de um guarda em quem possa confiar”, retrucou Alexander.

O lorde comandante deu uma risada baixa. “Porque o Norte a manteve tão segura?”

“Por favor,” Norah interrompeu, esperando que eles se acomodassem, mesmo que fosse só pelo bem dela. Um silêncio retornou.

A linha da mandíbula de Alexander se contraiu e depois relaxou novamente. “Sua empregada Serene também vem”, ele disse, retomando a conversa.

Ela sorriu. “Com a avó?”

Os lábios de Alexander se separaram, mas ele hesitou antes de dizer: "Não".

“Não?” O sorriso dela desapareceu.

Ele olhou para o rei e depois de volta para Norah. “É um grande risco para ela vir agora.”

“Ele quer dizer que é um risco muito grande para a rainha e o regente ficarem nas mãos do inimigo”, disse o senhor comandante.

“Não somos mais inimigos”, disse Norah, com os olhos em Alexander.

Alexander ficou em silêncio por um momento. Ele abaixou a voz. “Tente entender. É difícil para ela aceitar as coisas como elas são agora.”

“É difícil aceitar as coisas como elas são?” ela disse com raiva. “Não é isso que ela me fez fazer desde o momento em que voltei?” Norah engoliu sua emoção, forçando a compostura. O rei ainda não sabia de sua perda de memória. Ela não tinha certeza do por que não havia contado a ele ainda. Ela teria que fazer isso eventualmente, mas não agora. “Ela envia uma carta?” ela perguntou.

Ele balançou a cabeça lentamente.

Um peso a esmagava. Ela pediu para sua avó vir, e Catherine recusou sem nem mesmo uma carta. Suas bochechas coraram de vergonha por sua ingenuidade. Ela nem mesmo duvidou. O calor das lágrimas ardia nos cantos de seus olhos enquanto sua emoção

aumentava. *Não aqui* , ela disse a si mesma. Ela não podia se deixar levar pela frivolidade de sentimentos enquanto estava entre Alexander e Mikael.

"Você deveria acomodar os homens," ela disse a Alexander. "Nós conversaremos mais depois." Ela precisava levá-lo para longe, para fora do salão e para longe de Mikael e do comandante.

Ele assentiu. "Claro." Ele se curvou. Então, com um olhar gélido para o rei, ele se virou do salão e relutantemente saiu com os nórdicos atrás dele.

Norah soltou um suspiro trêmulo e engoliu o nó que se formava em sua garganta. Ela se virou para Mikael, mas onde esperava olhos de fúria tempestuosa, não encontrou nenhum. Em vez disso, seu rosto se suavizou. A preocupação marcou sua testa.

"Sinto muito por sua avó", ele disse, sua voz gentil. Sua ternura inesperada liberou a emoção que ela estava tentando tanto manter dentro de si, e uma lágrima escorreu por sua bochecha. Ele levantou a mão e a enxugou com o polegar. "Você deveria dar uma volta pelos jardins. Acho que isso vai fazer você se sentir melhor."

Por que isso a faria se sentir melhor?

Sua mente caiu enquanto seu coração acelerava. Ele estava dizendo o que ela pensava que ele estava dizendo? Ela assentiu, de repente sem fôlego.

Com um sorriso fraco, ele se virou e saiu da sala do trono com o comandante logo atrás.

Norah esqueceu todo o resto enquanto corria pelos corredores em direção aos jardins. O toque de Mikael ainda permanecia em sua bochecha. O fato de ela estar chateada o incomodava — incomodava-o mais do que o fato de Alexander estar em Kharav.

Quando chegou ao pátio, ela estava praticamente correndo. Sua guarda teve que se mover rapidamente para acompanhá-la. Seus sapatos de seda no cascalho da ervilha soavam como chuva enquanto ela corria passando pelas fontes e saindo para os jardins.

Ela parou de repente e ficou sem fôlego.

Lágrimas brotaram de seus olhos quando ela viu o velho perto das sebes. "Bremhad!" ela exclamou.

Quando ele a ouviu, ele se virou. "Salara," ele disse enquanto abaixava a cabeça.

Norah ficou sem palavras, e levou um momento para se recompor. Ela pensou no pobre Kiran atrás dela, forçado a se conter e agir de forma imparcial.

"Você está bem?" ela conseguiu dizer.

"Muito gentil de sua parte perguntar, Salara. Fiquei doente por alguns dias, mas estou bem agora. Posso retornar ao meu trabalho, pelo qual sou muito grato."

Sem dúvida, a desculpa dele era para o benefício da guarda dela. Ela assentiu, piscando para conter as lágrimas nos olhos. “Estou feliz,” ela respirou. Ela estava muito feliz.



Norah tentou manter os olhos no corredor à sua frente, mas eles continuavam voltando para Alexander enquanto ele caminhava ao seu lado. Ela ainda não conseguia acreditar que ele estava ali. Se fechasse os olhos por um momento, descobriria que tudo tinha sido um sonho quando os abrisse? Talvez ela desejasse que fosse um sonho. Por mais que o quisesse com ela, por mais feliz que estivesse em vê-lo, ela não conseguia pensar além do medo penetrante de perdê-lo para sempre para as forças que tanto o queriam morto.

Sua voz saiu trêmula. “Por que você veio? Não é seguro para você aqui.” Ela precisava mandá-lo de volta, mas não conseguia se obrigar a dizer as palavras.

Seus olhos queimavam em um azul brilhante. “Eu nunca deixaria você enfrentar dificuldades sozinho. Aonde quer que você vá, eu seguirei.”

“Se alguma coisa acontecer com você—”

“Nada vai acontecer comigo”, ele garantiu a ela.

Ela balançou a cabeça. “Você não sabe disso.”

“Claro que sim. Eu tenho um destino.”

Norah olhou de volta para os guardas de Crest em alarme. Eles estavam bem atrás e não pareciam ter ouvido, mas pelos deuses, se ela não ia ter um ataque de pânico. Ela agarrou o braço dele e o arrastou pelo corredor até seu santuário, longe de ouvidos atentos.

“Essas são palavras que vão te matar!” ela disse num sussurro áspero enquanto a porta se fechava atrás deles.

“Não, Norah. Eu não morro aqui. Eu tenho um destino.”

“Um destino que Mikael fará tudo o que estiver ao seu alcance para mudar!” Um destino que ela se viu querendo mudar.

Ele não discutiu.

Norah se endireitou, levando a mão à testa e se forçando a se acalmar. Ela precisava mandá-lo para casa, tanto para vê-lo seguro quanto para ajudá-la a lidar com sua avó e o conselho. Com Catherine se recusando a ir para Kharav, eles obviamente receberam a notícia da aliança mais mal do que ela esperava.

“O que minha avó disse?” ela perguntou.

Ele suspirou. “Ela está passando por um momento difícil, como você pode imaginar.”

Um momento difícil ? Raiva brilhou dentro dela. O que sua avó esperava que *ela* estivesse passando? “O que ela disse?” ela perguntou novamente.

Sua testa se abaixou, e sua boca se curvou para baixo. “Este não é seu caminho, Norah. Você não pode se casar com o Rei das Sombras.”

“Ela não vê que esta é a única maneira de trazer paz ao nosso povo?”

“Você está do lado da escuridão.”

“Eu sou contra a guerra!”, ela argumentou.

“O conselho sente que é uma guerra justa.”

“É isso que você pensa?” ela perguntou com raiva. Ela se virou, mas ele pegou sua mão, puxando-a de volta.

“Norah, não quero que mais nenhum homem morra. Estamos em guerra há dez anos, e eu daria quase tudo para acabar com isso.” Ele olhou para a mão dela na dele. “Qualquer coisa, menos você.”

Os dedos dela se entrelaçaram aos dele, e a ameaça de lágrimas ardia em seus olhos. “Minha decisão traz paz. Pode não ser o caminho que qualquer um de nós quer, mas é o melhor para o nosso povo. Isso não importa?”

Ele não respondeu enquanto eles estavam no silêncio doloroso. Então ele a puxou para mais perto. Ele abaixou a cabeça e descansou a testa na dela, e ela deixou seu calor acomodá-la. Os braços dele se moveram ao redor dela e a puxaram para ainda mais perto.

Norah levantou a mão e levou-a até o rosto dele, e ele virou a cabeça para a palma da mão dela para roçar os lábios no polegar dela.

“Norah,” ele implorou com olhos azuis. “Deixe-me levá-la para longe daqui. Nós iremos embora. Hoje à noite.”

“Onde?” Ela balançou a cabeça. “De volta para Mércia sem nada? Para Aleon para outro marido e guerra?”

“Não,” ele disse roucamente. “Para o mar. Onde a água é morna, e podemos deitar no sol.”

Lágrimas brotaram de seus próprios olhos agora. A lembrança. Os planos deles. Ela queria isso mais do que qualquer coisa.

Mas essa vida se foi.

“Não há sol”, ela sussurrou.

Ele a puxou com mais força e aninhou-se na dobra do seu pescoço. Ela desejou que pudessem ficar assim para sempre. Mas não podiam. Seu coração estava se partindo, e ela não conseguia suportar. "Você deveria ir."

A respiração dele veio irregular contra a pele dela, então ele deu um passo para trás e se recompôs. “Sim, tenho certeza de que os homens estão se perguntando onde estou.”

“Eu quis dizer voltar para Mércia.”

Sua testa franziu e ele balançou a cabeça. “Eu não vou te deixar.”

“Não é seguro para você aqui.”

“Se esse é o caminho que você escolheu, é o caminho que eu sigo.” Ele pegou a mão dela e a levou aos lábios. Então ele a soltou, deixando-a quebrada no centro de seu santuário.



Capítulo quarenta e três

Norah já estava acordada quando Vitalia entrou. Este era o dia que ela temia, o dia que ela tão desesperadamente desejava que nunca chegasse — o dia do seu casamento .

Sua empregada merciana, Serene, seguiu Vitalia para dentro. Ela chegou com o resto da companhia do Norte alguns dias depois de Alexander. Vitalia estava animada com o pensamento de outra amiga, e Norah estava feliz por tê-la, embora não conseguisse reunir sentimentos de felicidade por muito tempo.

Suas criadas se ocupavam ao redor dela, conversando animadamente, mas Norah não conseguia ouvi-las. Seu coração batia forte em seu peito. *Paz* , ela pensou consigo mesma. Era assim que a paz parecia — nenhuma batalha iminente; seu povo estava alimentado; Mércia estava firme. Ela respirou fundo e soltou o ar lentamente. Sua avó perceberia que isso era o melhor, assim como o resto de Mércia.

Salara-Mae supervisionou a confecção de seu vestido e detalhes adicionais nos dias anteriores. Ela explicou tudo a Norah: a cerimônia, o voto de união, a celebração posterior e as expectativas. Tudo, exceto a Testemunha. *A Testemunha* — a cerimônia no quarto que garantiu que o casamento fosse consumado, totalmente executado e reconhecido por ambos os lados. Era estranho que Salara-Mae não dissesse nada sobre isso, mas Norah não se importava. Ela também não queria falar sobre isso. Era o que mais a preocupava. Ter um oficiante observando um ato tão privado entre marido e mulher — ela não achava que conseguiria fazer isso. Mesmo quando Catherine explicou a cerimônia em preparação para seu casamento com Aleon, o pensamento a dominou. Agora, com o Rei das Sombras... Ela tentou tirar isso da mente. Ela não tinha escolha.

Norah não sabia como a manhã passou tão rápido. Antes que percebesse, ela estava em seu vestido na frente do espelho, olhando para uma mulher que mal reconhecia. Seu vestido branco ostentava a cor da Mércia, como ela queria, ou melhor, como ela achava

apropriado. Fios de prata brilhante estavam bordados no tecido, começando no meio da saia e indo até o chão. Parecia que ela tinha caminhado por um rio de cristal. Norah não era de adornos ornamentados, mas nem ela podia negar a beleza do vestido. Ela queria simplicidade, o que conseguiu, mas Salara-Mae ainda a fazia parecer uma rainha. Até Catherine teria aprovado. Uma tristeza a percorreu ao pensar em sua avó, que não estaria aqui para vê-la casada.

Ela forçou sua atenção de volta para o espelho, temendo que sua emoção a dominasse. Diamantes cravejavam seu pescoço. Era uma pedra comum, mas ela gostava de como eles refletiam a luz e insistia neles em vez de outros mais caros. Seu cabelo caía em ondas soltas ao redor dela, e uma coroa de prata estava no topo de sua cabeça. Ela desejou ter a coroa de sua mãe, mas a perdeu quando foi capturada.

"Você está pronta, Vossa Majestade", Vitalia disse a ela, sorrindo e olhando para seu reflexo.

Mas ela não estava pronta.

Vitalia pegou suas mãos, puxando Norah para olhar para ela. "É isso. É aqui que você se torna rainha de Mércia e Kharav e traz paz ao seu povo. Você fará seus votos e completará a cerimônia exatamente como ensaiou. E então você será salara."

Norah engoliu em seco. Sim, exatamente como ela havia ensaiado. Então ela seria salara. Ela deu um aceno nervoso, e sua empregada segurou sua mão enquanto a conduzia para o grande salão.

"Obrigada," ela sussurrou para Vitalia. Sua empregada sorriu e deu a sua mão outro aperto reconfortante, então se esgueirou para se preparar.

Norah forçou um pé na frente do outro. Ela teve tempo de sobra para aceitar isso, disse a si mesma, mas de alguma forma, sua mente ainda estava em negação. Seus pensamentos mudaram para Mikael. Ele não era como ela esperava, e ela não estava totalmente chocada com a ideia de ele ser seu marido. Ele despertou sentimentos nela que ela lutou para ignorar — sentimentos que podem ser certos para uma esposa ter por seu marido.

Mas esses pensamentos cessaram quando ela virou a esquina e viu Alexander.

Os olhos dele moveram-se para baixo do vestido dela e depois para cima. Ele olhou para a coroa na cabeça dela, e seus lábios se separaram, mas ele não falou.

Ela estendeu a mão e tocou a coroa. "Salara-Mae tinha feito isso", ela começou a explicar. "Eu…" Ela não sabia o que dizer. Ela o quê? Esperava que ele gostasse?

O olhar dela encontrou o dele, mas ele não conseguiu segurá-lo. Ele olhou para o chão antes de respirar fundo e levantar os olhos mais uma vez. "Você parece uma rainha mércia."

Ela deu um sorriso triste.

Alexander olhou por cima do ombro para onde Caspian estava esperando. Norah tinha ficado tão grata por ver o capitão novamente quando ele chegou, e ela estava grata por ele estar com ela agora. Caspian assentiu para ela, mas não se aproximou, claramente pretendendo dar privacidade a ela e a Alexander.

Alexander se virou para ela, e seus olhos brilharam. “Norah,” ele respirou.

“Não”, ela disse. Ela iria desmoronar. E ela não podia desmoronar. Ela tirou os olhos dele, incapaz de olhar para ele mais. Se o fizesse, ela não iria até o fim.

Ela manteve os olhos baixos.

“Caspian e eu estaremos logo atrás de você”, ele disse a ela.

Ela assentiu.

Vitalia voltou correndo, com Serene logo atrás. “Está tudo pronto,” ela disse sem fôlego enquanto ambos trabalhavam para endireitar seu vestido. “Salar está na frente. Apenas ande direto até ele.”

Ela conseguiria fazer isso, disse a si mesma.

As portas se abriram, e Norah deu um pequeno suspiro diante da magnitude das pessoas. Ela realmente pensou que conseguiria fazer isso?

A multidão era esmagadora, maior do que sua coroação em Mércia. Seus olhos encontraram Mikael na frente, com o lorde comandante atrás dele. Quando ele a viu, os cantos de seus lábios se curvaram para cima levemente. Ela deu um passo à frente, abrindo caminho através da multidão de pessoas alinhadas no grande salão.

Norah não precisou olhar para trás para saber que Alexander estava atrás dela. Ela podia senti-lo.

Ela manteve o olhar para a frente, em Mikael. Não foi difícil de fazer. Sua vestimenta não era... o que ela esperava. Ele não usava nada sobre sua metade superior — a forma de batalha Kharavian — deixando visíveis todas as marcas em sua pele. Em volta da cintura, ele usava um xale escuro amarrado como calças largas, afunilado até um pouco abaixo do joelho, mostrando a tinta em suas panturrilhas e pés. Embora fosse uma vestimenta aparentemente simples, era tudo menos isso, com seus bordados e contas pesadas. Seu cabelo estava solto, de um jeito que ela não tinha visto, e era lindo.

Ainda assim, ela vacilou.

Quando ela o alcançou, ele ofereceu sua mão. Norah se moveu para olhar para Alexander, mas então parou. Se ela encontrasse seus olhos…

Ele a veria lutar. Ele a veria à beira de quebrar. Ela precisava permanecer forte. Ela se forçou a olhar para Mikael e pegou sua mão.

O prefeito falou na língua das Sombras, mas Norah sabia o que ele disse pelo que Salara-Mae havia explicado. Ele segurava uma tira de seda trançada em sua mão, uma tira de seda que Mikael enrolaria em volta da cintura dela, o que significaria seu vínculo com ele.

Mikael pegou a seda tecida do padre e olhou para Norah, aproximando-se para colocá-la em volta dela.

Mas ela estendeu a mão e pegou o braço dele, fazendo-o parar. "Espere", ela disse sob seus olhos questionadores. Ela pensou sobre isso por um longo tempo depois que soube da prática, e puxou uma fita trançada prateada das dobras de seu vestido. "Se eu for ligada a você, então você também será ligada a mim."

Murmúrios percorreram a multidão, e então tudo ficou em silêncio enquanto esperavam pela reação do rei.

Ela não conseguia ler o rosto dele, e seu pulso acelerou. E se ele a recusasse? Mas ela esperou, sem fugir do silêncio.

Finalmente, ele levantou os braços levemente, dando-lhe permissão para deslizar a fita em volta da cintura dele. Ela tentou esconder seu alívio enquanto alcançava ao redor dele. Suas mãos roçaram a pele quente do tronco dele, e ela corou, mas deu um nó frouxo na fita.

O rei fez sua própria gravata, apertando-a firmemente em volta da cintura dela enquanto olhava para ela. Seus olhos estavam curiosos, e ela lhe deu um pequeno sorriso. Ela o observou durante as palavras do prefeito. Havia uma gentileza nele, uma suavidade na maneira como ele segurava a mão dela.

As pessoas que lotavam o salão começaram a aplaudir, e Norah se virou e olhou para a multidão.

Estava feito. Eles estavam casados.

Os olhos dela encontraram os de Alexander, e ela viu o brilho da emoção dele. Uma dor profunda e serpenteante se arrastou ao redor do seu coração, envolvendo-se e apertando com força. Ela não conseguia respirar.

Mikael puxou a mão dela sobre o braço dele, enquanto eles ensaiavam, e ele liderou a procissão através da multidão animada e para o refeitório para a celebração. Ela lutou para

se manter firme. As portas duplas para as salas adjacentes tinham sido abertas, fazendo o salão parecer muito maior. Na frente havia uma mesa, e ele a levou para seus lugares.

"Uma adição interessante à cerimônia", ele disse enquanto se sentavam.

Ela tentou dar sentido às palavras dele através da névoa de seu tormento. "Achei que era apropriado."

Ele não respondeu, mas o canto de sua boca se ergueu em diversão.

As pessoas entraram, enchendo as mesas. Como esperado, os lordes fizeram seu caminho para oferecer seus votos de felicidades. Pela primeira vez, Norah acolheu a distração, esperando que isso a libertasse da imagem dos olhos de Alexander ainda em sua mente. Mas seus parabéns a lembraram que...

Mikael. Ele era seu marido agora, e ela, sua esposa.



Ele apertou a mandíbula com tanta força que pensou que seus dentes iriam quebrar. Ele não conseguia tirar os olhos da mão de Norah na mão do Rei das Sombras durante a cerimônia de casamento. Ela quase olhou para Alexander antes de pegá-la, mas se conteve. Por que ela se conteve? Ele sabia... ela tentou esconder seu tormento, mas ele sabia. E isso o destruiu.

E quando o Rei das Sombras amarrou a corda em volta da cintura dela... como se ele a possuísse... Instintivamente, a mão de Alexander moveu-se para sua espada. Mas Caspian deu um passo à frente, batendo um ombro na frente dele e discretamente o empurrando para trás.

Ainda assim, a luta ondulava sob sua pele. Por que esperar pela batalha? Por que não matar o Rei das Sombras agora? Se ele esperasse, Norah sofreria. Este homem era um monstro. Alexander engoliu em seco, mas o nó em sua garganta ameaçava sufocá-lo. Este rei não seria gentil. Ele não seria gentil. Ele não cuidaria dela do jeito que ela precisava.

Seu pulso batia mais rápido enquanto sua mão apertava sua espada. O Rei das Sombras não a seguraria como Alexander faria. Ele não a beijaria suavemente. A respiração de Alexander tremeu. Este homem não a amaria.

De repente, o salão irrompeu em aplausos, sacudindo-o. Ele captou o olhar de Norah pelo mais breve dos momentos. Os lábios dela se separaram enquanto ela respirava fundo. Então ela se afastou, e o rei a levou para o centro e em direção ao banquete de celebração.

Alexander seguiu. Caspian andou na frente dele, Titus ao seu lado. Não eram seus lugares apropriados, mas eram seus lugares necessários.

Ele sentou-se à mesa reservada para os nórdicos — uma mesa de honra que havia sido posicionada perto de Norah e do rei. Não estava perto o suficiente. Ele mal notou Caspian acenando para os servos que ofereciam vinho e cerveja enquanto ele mantinha os olhos focados em Norah. Ela evitou encontrar o olhar dele, mas sabia que ele estava lá.

Os simpatizantes se alinharam para parabenizá-los, e a cada conversa, o sorriso forçado de Norah ficava ainda mais estagnado. Ela enrolava as bordas da toalha de mesa entre as pontas dos dedos, mantendo as mãos ocupadas como sempre fazia quando estava ansiosa... e quando estava com medo e tentava não demonstrar. Ela estava com medo agora?

Alexander estava com medo. Por ela. E por esta noite. Mais cedo naquela manhã, o padre mércio ainda não tinha ouvido quando a Testemunha seria realizada. Mas não era incomum esperar um ou dois dias após a cerimônia. Ele não tinha certeza se era uma bênção ou uma maldição que ele não sabia quando. De qualquer forma, isso o consumia.

A fila de simpatizantes era longa e curta demais. Quando terminaram, e o Rei das Sombras se levantou e puxou Norah com ele para ir embora, Alexander teria dado qualquer coisa por mais tempo. O salão se levantou e Alexander se levantou com eles.

Os olhos de Norah estavam fixos na frente dela. Ele silenciosamente implorou para que ela olhasse para ele, para que ele soubesse que ela estava bem. Ela evitou o olhar dele durante toda a celebração. Se ela apenas olhasse para ele...

E então ela fez.

Olhos, do azul mais profundo. Olhos, com medo.

O Rei das Sombras puxou a mão dela, mas ela não se moveu enquanto seus olhares permaneciam travados. O lábio dela tremeu, e a dor — um rasgar, arranhar, queimar — estalou em seu peito. Ele não podia deixá-la ir. Alexander deu um passo à frente, mas mãos firmes o seguraram.

Ela se virou e deixou o Rei das Sombras levá-la embora.



Cedo demais, a celebração terminou, e Norah se viu sendo levada de volta ao quarto de Mikael. Os olhos de Alexander assombravam sua mente e seu coração. Ela tentou não olhar para ele. Ela tomou sua decisão, e mais do que tudo, ela esperava que fosse a certa, mas ela

não conseguia escapar do medo semeando dentro dela de que talvez isso não fosse certo de jeito nenhum.

Exceto... caminhar agora, com o braço entrelaçado no de Mikael, não parecia totalmente errado.

Então sua mente mudou para o que estava por vir, e o medo voltou com força.

O quarto estava mal iluminado, e Norah forçou a náusea nervosa em seu estômago ao entrar. Ele a seguiu, fechando as portas atrás deles sem tirar os olhos dela. A pulsação de seu batimento cardíaco em seus ouvidos era ensurdecedora.

Mas a sala estava vazia.

"Onde estão todos?" ela perguntou, sua voz quase um sussurro.

Mikael olhou ao redor da sala. Suas sobrancelhas se juntaram. "Por que alguém estaria aqui?"

"Para a Testemunha."

"A testemunha de quê?"

Ele realmente iria fazê-la dizer isso? "Da nossa união, para garantir que ela seja consumada. Para completar o contrato."

Sua boca se moveu para falar, mas nenhuma palavra saiu. Ele inclinou a cabeça. "Mas você está aqui. Você saberá o que foi feito."

"Não é para nós. É para que nossos reinos possam ser assegurados." Ela não conseguia acreditar que estava defendendo a Testemunha. Não defendendo, ela disse a si mesma — explicando.

"Sua palavra não é o bastante?" Mikael deu um pequeno bufo de diversão. "Que lugar estranho é o Norte. Isso é normal?"

Como ela disse em voz alta, não pareceu normal de forma alguma. "Eu acho que sim? Era esperado quando eu ia me casar em Aleon. O conselho vai exigir confirmação. Eu acho."

Ele se aproximou. "Diga aos seus velhos que se eles questionarem nosso contrato, eles podem vir discutir comigo pessoalmente."

Norah não conseguiu negar a onda de alívio que a inundou. Talvez a noite pudesse estar quase suportável agora, mas uma reserva profunda ainda fermentava em seu estômago.

Os olhos escuros dele continham uma reserva própria. A linha em seu maxilar se apertou e suavizou novamente. "Não espero que você me ame, Salara. Na verdade, temo o oposto. Mas acredito que você pode ter uma vida confortável aqui, e depois que tivermos um herdeiro, não vou... exigir nada de você, se não for o que você quer."

Um herdeiro . Seu estômago revirou novamente. Ela não tinha pensado em um filho, e agora se sentia extremamente tola. Claro que ele esperaria um herdeiro, mas se ela insistisse nisso, sua coragem a deixaria.

Ela voltou sua atenção para o quarto, tentando redirecionar sua mente do pânico que se infiltrava. Era um espaço amplo com poucos móveis. Centralizada na parede do fundo estava a maior cama que ela já tinha visto. Ao lado dela, havia uma cadeira e uma mesa lateral, com um espelho de pé aninhado no canto oposto. Apesar do tamanho, o quarto parecia mínimo. Não havia pinturas nas paredes, nem cortinas, nem esquisitices pessoais ou fichas.

Tudo bem, então. Quanto mais cedo eles começassem, mais cedo tudo isso poderia acabar. Ela se aproximou da cama esculpida com ornamentos e passou a mão pela seda preta que caía em cascata sobre sua borda. Tudo deve ser feito de sombras? Escura e ameaçadora, a cama ameaçava engoli-la, afogá-la em suas profundezas. Seu coração disparou. Ela olhou de volta para Mikael, e ele a observou com uma hesitação própria.

Ele se aproximou dela lentamente, rígido com contenção, mas com um olhar lascivo nos olhos. A respiração dela acelerou enquanto ela se pressionava contra a coluna do canto da cama.

“Não vou te levar contra a sua vontade”, ele disse.

“Bem, acho que esse é um bom começo para qualquer casamento”, ela respondeu secamente.

Ele se aproximou. “Você me permite, Salara?”

Ela se lembrou do porquê estava ali. Este casamento era para Mércia, para seu povo. Ela engoliu em seco e deu um aceno relutante.

“Tire o vestido”, ele disse.

O coração dela batia forte no peito. “Você primeiro,” ela rebateu. Não que houvesse muita coisa — ele tiraria a vestimenta em volta da cintura e então a observaria tirar várias camadas do vestido. Ainda assim, isso a fez se sentir um pouco melhor.

Surpresa passou pelo seu rosto. Ele não se moveu. Seus olhos se encontraram, sem piscar, cada um esperando o outro quebrar.

Finalmente, Mikael relaxou os ombros, submetendo-se. Ele se abaixou e afrouxou o cinto bordado em volta da cintura e o deixou cair no chão. Lentamente, ele desamarrou as calças, e ela ficou surpresa ao vê-lo tirá-lo como um singular envoltório de pano.

Ele estava apenas com calças curtas agora, e ela deixou seus olhos rolarem sobre seu corpo. Novamente, ela notou a cicatriz em seu peito, um contraste gritante contra a maciez de sua pele.

Ela se aproximou, perto o suficiente para tocá-lo.

Ele apenas esperou.

Sentindo-se mais ousada, ela estendeu a mão e passou as pontas dos dedos sobre a linha elevada da cicatriz. “Dizem que você corta seu coração do peito para fazer um pacto com a Escuridão.”

Os cantos da boca dele se curvaram levemente para cima, observando-a. “Eu não ouvi essa história.”

Ela levantou os olhos de volta para ele. “Este pacto lhe deu um comandante demônio para fazer o que você quer. Dizem que ele coleta as almas dos caídos.”

“Essa parte provavelmente é verdade”, ele disse em uma rara brincadeira, e ela se viu sorrindo. “Você acreditava que eu era um homem sem coração?” ele perguntou. “Antes de eu contar minha história?”

“Não,” ela sussurrou. Ela achatou a palma da mão contra a cicatriz. “Eu senti seu coração bater em Bahoul.”

Agora batia. Rápido. Ele estava nervoso? Seu rosto não demonstrava. Ela traçou o polegar no centro do peito dele, e na depressão abaixo. Sua pele era macia e quente.

“Tire tudo”, ela disse a ele.

Ele esperou um momento, parecendo contemplar a autoridade dela, mas então obedeceu. Ela o observou com uma curiosidade desavergonhada — uma curiosidade que ele parecia gostar. Sua nudez a cativou. Ela passou a mão sobre o ombro dele enquanto andava atrás dele.

“Por que você marca sua pele?” ela perguntou, traçando os padrões de tinta que iam do peito dele, passando pelos braços e indo até as costas.

“É a minha história”, disse ele.

Atrás dele, ela moveu a mão para baixo, o polegar ao longo da vala de sua espinha. Lentamente, suavemente, ela arrastou a volta de suas nádegas. Movendo-se mais para cima agora, ela demorou-se brevemente no arco musculoso ao lado dele e então levantou a mão em volta do outro ombro dele. Ela seguiu seu toque, dando um passo para trás na frente dele, e correu os dedos sobre seu corpo mais uma vez — sentindo, testando, explorando. Ele ficou em silêncio para ela, deixando-a descobri-lo.

Ela deixou seus olhos caírem para a parte inferior do corpo dele, e uma onda rolou em seu estômago. Ela queria tocá-lo, mas uma timidez repentina a dominou.

Um sorriso irônico se estendeu por seus lábios. “Estou satisfeito com você?”, ele perguntou com um leve toque de impaciência.

Norah olhou para baixo novamente. Sentindo-se mais ousada, ela alcançou abaixo da cintura dele e envolveu sua mão em volta dele. Um estrondo escapou dele, e ele se moveu para frente. Ela colocou a outra mão em seu peito, silenciosamente o fazendo parar. Uma vibração retumbou através dele, mas ele ficou. Voltando sua atenção para sua carne, ela ficou surpresa como ele podia ser tão duro e ainda assim tão macio, e seu pulso acelerou ao pensar nele dentro dela. Ela deixou as pontas dos dedos explorarem sua anatomia por baixo, e ele se mexeu. O fogo em seus olhos poderia queimá-la.

A fome dele enviou um lampejo de calor pela pele dela, e ela de repente quis sair do vestido. Ela virou as costas para ele, puxando o cabelo para o lado e olhando por cima do ombro para ele.

Sem precisar de mais instruções, ele estendeu a mão e puxou o laço do vestido dela.

“Delicadamente”, ela insistiu.

Um ronco de reclamação veio do peito dele, mas ele diminuiu o ritmo. O vestido dela caiu aberto, revelando o espartilho, e ele também afrouxou o laço. Ela se virou para encará-lo e deixou o vestido e o espartilho caírem no chão. Ela ficou de pé com a camisola, mas então a puxou dos ombros, deixando-a cair. Arrepios percorreram sua pele enquanto ela estava de calcinha. Reunindo coragem, ela enganchou os polegares nas laterais e os deslizou para o chão antes de tirá-los.

A respiração dele acelerou ao vê-la, e ela corou ao vê-lo ficar ainda maior em sua excitação. Norah deu um passo à frente, lentamente, e pegou a mão dele. Ela abriu os dedos e mediu sua palma contra a dele. A mão dele era menor que a dela.

Mikael se moveu para frente, usando seu corpo para levá-la de costas para a cama. Ela manteve uma mão firme em seu peito para controlar seu ritmo. Quando a parte de trás de suas coxas roçou na borda, ela parou. E ele também. Então ela rastejou de volta para o mar de escuridão.

Ele seguiu com um rondar de caça, movendo-se entre as pernas dela e cobrindo o corpo dela com o seu. A boca dele encontrou a dela, e era dura e desejosa. Ela agarrou a base do maxilar dele, empurrando-o para trás para diminuir a tempestade. Mas ela não tinha certeza se ainda tinha controle.

Ela tremeu embaixo dele.

Ele se afastou. Seus olhos se moviam para frente e para trás entre os dela, escuros e questionadores. “Você está com medo?”, ele sussurrou.

Sua voz saiu quase como um suspiro. “Um pouco.”

O rosto de Mikael suavizou. “Você nunca precisa ter medo de mim.”

Ela acreditou nele.

Lentamente, ele trouxe sua boca de volta para a dela — sondando, perguntando. Ele se afastou para olhá-la, buscando sua aprovação antes de se curvar para beijá-la novamente. O beijo foi suave, cauteloso. Algo mudou nele, uma ternura adicional, e ela o beijou de volta. Um calor se acumulou dentro dela. Seu beijo ficou faminto, e ele respondeu com uma fome controlada própria.

Mikael passou os dedos pelo ombro dela e para baixo. Ela tremeu de novo, mas não de medo. Ele girou seu toque em cada seio, e ela se contorceu, querendo mais. Tudo desapareceu — a circunstância, sua preocupação, sua mente. Tudo o que importava era o toque da pele dele contra a dela.

Ele arrastou a mão mais para baixo, sobre o estômago dela e para baixo entre as coxas. Ela engasgou, e os olhos dele queimaram mais escuros. Ele deslizou um dedo entre os lábios do sexo dela, e ela se contorceu contra ele. Quando ele encontrou o centro do calor dela, ela o agarrou com mais força.

Ele fez o corpo dela responder ao seu chamado. A tensão cresceu em seu estômago, pulsando em suas coxas e apertando cada fibra em seu corpo. Seus quadris balançavam conforme sua necessidade enquanto sua respiração ficava mais rápida. Ele levou seu tempo, observando-a, esperando.

Então ela se despedaçou. A liberação a percorreu, fazendo-a gritar. Ela se arqueou contra ele, mas ele a segurou firme, não a deixando escapar de seu toque.

Quando seu corpo voltou para ela, ela parou, ofegante. Ele cobriu a boca dela com a dele e capturou o último gozo que desaparecia em seus lábios. Quando ele se afastou, ela olhou para ele, e seu rosto ficou mais quente. Ela não tinha imaginado que ele seria capaz de fazê-la se sentir assim, de arrancar o desejo dela, expô-la, fazê-la se despir.

Ele se moveu entre as coxas dela novamente, e a respiração dela tremeu enquanto ele se posicionava. Seus olhos se encontraram enquanto ele rolava os quadris para frente para encontrá-la. Ele parou, esperando. Ela se mexeu um pouco e abriu mais as coxas para ele.

“Perdoe-me”, ele sussurrou.

Ele soltou um rosnado e empurrou para dentro dela. A dor era aguda, e ela respirou fundo, enrolando os lençóis em seus punhos. O segundo impulso o colocou profundamente dentro dela e ela não conseguiu evitar o grito que escapou. Ele tremeu sob o esforço de controle.

"Espere", ela implorou.

Ele enterrou a cabeça no pescoço dela, e eles ficaram deitados na escuridão e silêncio da união.

"Espere só", ela sussurrou.

Ele fez.

Norah levou a mão até a nuca dele e então entrelaçou os dedos em seus cabelos.

Mikael recuou, puxando os olhos dela para ele. "Você está bem?"

Ele fez tudo certo, e ela assentiu.

O corpo dela relaxou, e lentamente, ele começou a se mover dentro dela. Não demorou muito para que a queimadura diminuísse para uma dor, e o desejo retornasse. Senti-lo dentro dela, preenchendo-a, trouxe uma nova onda de sensações. Ela balançou os quadris, e ele se moveu mais rápido. A respiração dele acelerou, e ela o observou. Os dedos dela se moveram ao longo das linhas do corpo dele — sentindo-o, aprendendo-o.

A intimidade com Mikael não era como ela havia imaginado; *ele* não era como ela havia imaginado. Ela apertou as coxas para desacelerá-lo e moveu os quadris para empurrá-lo mais rápido. Onde ela o levava, ele seguia. Ela precisava de controle, e ele o dava a ela. Ele lhe dava poder. E ela se entregou de volta a ele, porque o que ela queria naquele momento *era* ele.

O músculo sob sua pele endureceu quando ele alcançou sua própria liberação, e ele se enterrou profundamente dentro dela. Ela o tomou; ela o queria, todo ele — seu corpo, seu ser. Todo o resto desapareceu.

Eles ficaram imóveis enquanto o ar se aquietava ao redor deles. Norah fechou os olhos e esperou que seu corpo voltasse. O corpo dele a envolveu, segurando-a, mantendo-a segura, e então, muito gentilmente, ele se afastou dela.

Ela estremeceu, e ele acariciou o lado da bochecha dela, sua respiração quente contra sua orelha. "Sinto muito," ele sussurrou. "Você está bem?"

Ela não conseguia responder. Estava tudo bem que ela não quisesse que esse tempo com ele acabasse? Que ele a fez esquecer de todo o resto, e ela não queria deixá-lo? Que ela

queria beijá-lo novamente? Um desejo se agitou profundamente dentro dela. Estava tudo bem que ela quisesse mais do que uma aliança entre eles?

“Salara?”

Norah abriu os olhos e viu grandes poças de sangue preto transbordando preocupação olhando para ela.

“Diga alguma coisa”, ele implorou.

“Quanto tempo até que você possa fazer isso de novo?” ela sussurrou.

Os cantos dos lábios dele se viraram para cima. Ele deslizou os braços por baixo dela e deitou a cabeça entre os seios dela. "O que você está fazendo comigo?"

Um sorriso surgiu em seus lábios e ela caiu nos doces braços do sono.



Capítulo quarenta e quatro

Norah acordou com o sol da manhã, seus olhos turvos de sono. Ela se espreguiçou languidamente e sentou-se, sozinha na cama. Tinha sido a noite mais tranquila que ela teve desde que chegou em Kharav. O calor do corpo de Mikael ao lado do dela a embalou em sonhos; sua pele trouxe o doce aroma de conforto.

Vitalia entrou. "Parece que você teve uma noite muito boa", disse sua empregada com um sorriso enquanto empilhava a mistura de roupas que havia sido jogada no chão.

Calor passou por suas bochechas. Era estranho pensar que era uma boa noite. Mas parecia bom entre eles, ela e Mikael. Mais do que bom.

Vitalia serviu um copo de água, colocou-o na mesa lateral e estendeu um vestido novo sobre a cama.

“Onde ele está?” Norah perguntou.

“Ele saiu cedo para ir ver o lorde comandante. Ele disse para deixar você dormir um pouco mais.”

As janelas deixavam o sol entrar, e Norah sorria sob seus raios. Tudo parecia em seu lugar.

“Quanto tempo você vai ficar aqui antes de se mudar para a vila das esposas?” Vitalia perguntou.

Norah levantou a cabeça bruscamente. “O quê?”

“A vila, onde estão as esposas do rei.”

Seu coração parou no peito.

“Que esposas?” *Que esposas* ?

Vitalia olhou para ela com surpresa e então recuou um pouco.

“Que esposas?” Norah perguntou novamente, com a voz trêmula.

Sua empregada engoliu em seco. “As esposas de Salar.”

O horror a inundou. Isso não podia ser verdade. “Ele tem outras esposas?”

“Perdoe-me, Salara,” Vitalia disse rapidamente. “Eu pensei que você soubesse. Você os viu na celebração do noivado.”

Então ela percebeu. As mulheres. Quais eram os nomes delas mesmo? Rasha. Myral. Heta.

Elas não eram irmãs. Elas não foram feitas para lhe fazer companhia.

Elas eram suas esposas .

Nem lhe ocorreu. Norah cambaleou para fora da cama, sua mente girando. Ela balançou a cabeça, incapaz de falar.

“É normal que Salar tenha muitas esposas”, Vitalia disse a ela.

Normal ? “Então, eu sou apenas uma entre muitas?” ela perguntou, tentando conter a onda de emoção que a dominava.

“Só você é salara,” Vitalia explicou. “Você assume o status mais alto de todos eles.”

Norah se irritou. “Eu não quero ser a mais alta. Eu quero ser a *única* ! Como isso é *normal* ?” Seu coração parecia que iria explodir do peito. A vergonha a inundou.

“O pai de Salar teve sete esposas. Seu pai antes, cinco.”

“Quantos são?” ela perguntou.

“Apenas três.”

Apenas três . Norah respirou fundo enquanto uma raiva crescia dentro dela. Ela tolamente acreditou que o rei sentia algo por ela, algo que ele não sentia antes. Mas ele já havia se casado antes, levado uma mulher para sua cama antes. Três vezes antes. *Pelo menos* .

Os olhos dela se encheram de lágrimas. O que ela e Mikael tinham não era especial. Ela reprimiu a dor. Ela não se deixaria ser outra mulher para ele. Ela era uma rainha, e agora era salara.

“Encontre-o”, ela disse com amargura grossa na língua. “Agora.”



Norah sentou-se silenciosamente na beirada da cama, esperando. O calor do constrangimento fez suas bochechas corarem.

Ela nem tinha percebido. Como ela não percebeu?

Mikael entrou na câmara e se levantou. Quando a viu, ele parou. “Acho que nunca fui convocado antes”, ele disse enquanto pendurava sua capa na cadeira lateral perto da janela.

Embora suas palavras tenham saído em tom de brincadeira, havia uma leve irritação nelas. Ele estava ofendido, talvez.

Mas ela não se importou.

Ele soltou um longo suspiro. “Disseram-me que você está descontente com minhas esposas.”

“Isso é um eufemismo,” ela disse friamente. “Por que você não me contou?”

Sua cabeça se inclinou levemente, e seus olhos se estreitaram. “Eu os apresentei a você.”

“Não como suas esposas!”

“Quem você pensou que eles eram?”

Verdade, ela poderia ter perguntado quem eles eram, mas não era uma questão que ela sequer havia considerado. Naquele momento, seu estômago se apertou. *Nós seremos bons amigos* , ela disse a eles. O constrangimento era insuportável. Ela queria rastejar para debaixo das colchas da cama e nunca mais sair. Mas não esta cama. Não a cama dele, nunca mais.

“E os reis têm muitas esposas”, ele acrescentou. Seu tom carregava um ar de desprezo.

“Os reis da Mércia não!”

“Eu não sou um rei da Mércia.”

“Eu sou uma rainha da Mércia, e você é meu marido!” ela retrucou.

Ele bufou, e ela podia ver sua própria raiva aumentando. Ele não estava acostumado a ser desafiado. "Tudo bem", ele disse descaradamente enquanto se arrastava em direção a ela. "Não vou mais me casar."

Ela soltou um suspiro trêmulo. “Isso não é bom o suficiente.”

Mikael usou seu tamanho para encostá-la na beirada da cama, onde o fogo em seus olhos se intensificou. “Vai ter que ser.”

Raiva irradiava por cada fibra do seu ser. “Não é. E você vai consertar isso,” ela exigiu.

“O que você espera que eu faça?” Sua voz ficou mais nervosa agora. “Os casamentos simplesmente são. Não há como fingir que eles não aconteceram.”

“Você vai anulá-los.”

Suas narinas se dilataram. “Como eu vou fazer isso?”

“Você vai descobrir, ou não vai se casar comigo.”

“Você não pode me descasar,” ele zombou. “Está feito. Nós o consumamos.” Seus olhos queimaram nela. “Eu te conheço agora. Isso não traria desonra ao Norte?”

Ele parecia estar zombando dela, e isso doeu.

“Você não me conhece,” ela sibilou de volta. “E eu não vou te reconhecer como meu marido a menos que eu seja sua *única* esposa.”

“Então, esse é o benefício de uma Testemunha?” ele cortou de volta. “Eu pensei que fosse uma perversão do Norte, mas talvez eu precise de uma agora. Vou fazer o mundo inteiro assistir.”

Um lampejo de fúria a percorreu, e ela deu um tapa forte no rosto dele. Ele mostrou os dentes com um rosnado contra a picada. Ela tentou atacá-lo novamente, mas ele segurou sua mão.

“É uma luta que você quer?” ele rosnou.

Norah se contorceu contra ele, mas ele a segurou. Ela lutou mais forte, fazendo os dois cambalearem para o lado. Enquanto ela se debatia, sua mão derrubou a bacia de água em uma mesa próxima. Ela a agarrou e balançou com toda a força, atingindo-o diretamente na têmpora. A força do golpe quebrou a bacia, e ele perdeu o controle sobre ela enquanto cambaleava para trás e caía no chão.

“Maldita seja, mulher!” ele rugiu enquanto levava a mão ao lado do rosto. Um corte profundo derramou sangue em seu olho e na bochecha.

Ela engasgou de preocupação, mas apenas por um momento. Sua fúria voltou a crescer, empurrando sua preocupação para o lado, e ela se virou e fugiu da câmara.

“Salara!” ele gritou.

Norah escapou para o corredor e viu seu guarda de Crest, com os olhos arregalados e debatendo se deveria segui-la ou responder ao trovão do rei.

"Você não é *meu* guarda?" ela retrucou, e eles se posicionaram atrás dela enquanto ela corria para seu santuário.

Os gritos dele ecoaram pelos corredores, e o pulso dela acelerou. Os dedos dela tatearam para trancar a porta, embora não houvesse como isso segurá-lo. Ela afundou na cadeira ao lado da penteadeira, segurando o encosto até os nós dos dedos ficarem brancos.

“Salara!” O rugido dele a abalou até o âmago. Ele estava chegando.

Ela se forçou a respirar, lutando para se acalmar. Ele disse que ela nunca precisou temê-lo, mas isso foi antes de ela bater nele com uma bacia de água e ameaçar negar o casamento deles. Ele a machucaria? Sua mente correu para como moderar a raiva dele. Talvez se ela se desculpasse... *Não* . Ela não fez nada de errado. E ela quis dizer isso quando disse que seria sua única esposa. Se ele achava que a forçaria a fazer o contrário, ela tinha outra bacia de água esperando.

“Salara!” ele berrou, mais perto agora. Ele parecia estar perto do fim do corredor; ele estaria na porta em um momento.

Ela agarrou a cadeira com mais força, agachou-se um pouco e preparou-se.

“Saia, mulher!”

Estranhamente, sua voz soou à mesma distância.

“Salara!”

Ela engoliu em seco. Ele tinha parado no fim do corredor? Ele disse a ela que aquele era o limite, mas certamente em sua raiva ele não se limitaria a um mero limite verbal.

"Sair!"

Ela certamente *não iria* sair.

“Você não pode reivindicar santuário de mim no quarto que eu lhe dei por boa vontade!”

Era exatamente isso que ela pretendia fazer.

"Sair!"

Ela olhou para a porta, sem ousar se mover.

O salão ficou em silêncio.

Ela esperou.

Ele tinha ido embora? Permaneceu em silêncio.

Sua respiração se acalmou conforme os momentos passavam, mas seu corpo ainda tremia. Ele poderia tê-la forçado a sair. Por que não fez isso? Ela se virou lentamente para a penteadeira. Suas mãos tremiam enquanto ela afastava o cabelo do rosto. O que ela faria agora?

Mikael não demonstrou intenção de dissolver seus outros casamentos. Mercia não reconheceria um casamento em que ela não fosse a única esposa, e nem ela. O que era pior, ela já havia se entregado a ele. Ela ingenuamente pensou que significava algo para ele. Lágrimas ameaçaram, mas ela cerrou os dentes. Ela não o deixaria reduzi-la a isso.



Capítulo quarenta e cinco

M ikael sentou-se à mesa e tomou um longo gole de vinho. Fazia dois dias desde o casamento, e havia apenas uma coisa em sua mente, uma coisa que o atormentava. Ele olhou para a cadeira vazia de Salara.

“Achei que ela poderia vir esta noite”, ele confessou. Ele desviou os olhos para Soren, que espetou um pedaço de carne com sua faca e colocou na boca.

Soren bufou.

Mikael apoiou os cotovelos na borda da mesa e correu os dedos sobre a costura com crostas ao longo da testa. “Por quanto tempo você acha que ela vai ficar brava?”

Soren deu de ombros enquanto mastigava sua comida. “Contanto que você tenha esposas.” Ele riu enquanto tomava um gole de sua tigela de sangue. “Deixe-a.”

A raiva de Mikael se agitou. Soren era de pouca ajuda nessas questões. “Ela disse que se recusa a reconhecer nosso casamento.”

Soren bufou novamente. “Ela não viu os milhares lá para testemunhar isso?”

Sua irritação aumentou. Ele não estava no clima para o sarcasmo de Soren. “Se ela me negar, o Norte também o fará, com casamento ou não.”

Seu comandante deu um sorriso irônico. “O que realmente está perdido, no entanto? Você ainda mantém a rainha dentro de suas paredes. Melhor agora — você tem o Urso.”

“Eu não quero o Urso!” Mikael gritou enquanto batia o punho na mesa, fazendo os pratos chacoalharem.

O rosto de Soren ficou sério.

As palavras de Mikael surpreenderam até a si mesmo. Não eram inteiramente verdadeiras. Ele queria o Urso. Ele queria sua cabeça. Ele queria olhar em seus olhos mortos e cuspir na cara do destino. Mas havia algo que ele queria mais agora.

Ele se recostou na cadeira. Ele tinha que fazer alguma coisa. “Eu poderia fazer dela minha única esposa.”

Soren se endireitou, e a linha ao longo de sua mandíbula se apertou. “Cuidado, irmão,” ele avisou. “Você ofenderia três dos senhores mais poderosos do seu reino. Isso não seria sem consequências.”

Mas qual seria a probabilidade de eles agirem?

Soren se inclinou em direção a ele, seus olhos escuros e sérios. “Não faça algo estúpido.”

Mikael suspirou. Soren estava certo. Isso seria estúpido. “Você ouviu alguma coisa de Salara?”, ele perguntou ao servo que lhe serviu mais vinho.

O servo abaixou a cabeça. “Ela disse que não está com fome esta noite.”

Mikael xingou. Ele sabia que era mentira; aquela mulher comia mais do que ele.

“Ela vai precisar comer eventualmente”, Soren resmungou.

Mikael o ignorou. “Deixe as refeições do lado de fora da porta dela”, ele disse ao servo.

Soren lançou-lhe um olhar irritado. “Isso só a ajuda a se esconder.”

Mikael olhou para o servo. “Faça o que eu digo.”

“Sim, Salar”, disse o servo com uma reverência.

Mikael cruzou os braços e levou os nós dos dedos do punho aos lábios. O que ele ia fazer?

“Ela vai superar isso”, seu comandante lhe disse. “Ela só precisa de tempo para aprender como as coisas são aqui.”

Talvez. Talvez não.



Norah acordou no sofá em seu santuário com o som de uma batida na porta. Seu livro havia caído no chão. Ela ficou surpresa por ter adormecido. A batida veio de novo, mais forte dessa vez. Havia um homem atrás dela, e ela estremeceu. Mikael finalmente tinha chegado, mas ela ainda não estava pronta para enfrentá-lo.

A batida veio mais alta, agora mais forte. “North Queen,” uma voz rosnou.

Não era Mikael. O pulso dela acelerou. Era o bruto dele. Mikael pode ter demonstrado contenção, mas o lorde comandante não tinha nenhuma. Ela se levantou e foi até a porta, mas não a abriu.

“Eu sei que você me ouve”, sua voz retumbou.

Ela o *ouviu* , e seu ódio. E ela sabia que ele não iria embora simplesmente porque ela não respondeu.

“Você duvida que eu vá arrombar essa porta?”

Ela certamente não sabia. Norah levantou a trava e abriu a porta uma pequena fresta. Os olhos dele encontraram os dela com animosidade latente. "O que você quer?", ela perguntou friamente.

“Sugiro que você supere essa tolice muito rápido. Salar não tem tempo para esses jogos.”

“Isto não é um jogo”, ela retrucou.

“Eu a advirto. Não é sensato você pressionar isso, Rainha do Norte. Você está presa profundamente dentro de Kharav.” Ele fez uma pausa e então acrescentou, “Assim como seu Urso.”

Arrepios subiram por sua pele. Ele a estava ameaçando.

“Seria uma pena se alguém se machucasse”, disse ele.

“Mikael não faria isso.”

“Não teria?”, ele desafiou. “Você não tem ideia de quem ele é, ou o que ele fará. Só há uma vontade, e essa é a vontade de Salar. Você é um tolo por pensar que tem algum poder sobre ele. E você vai acabar com essa bobagem, agora.”

Com isso, o comandante se virou e a deixou com o aviso persistente de suas palavras.

Ela não queria acreditar nele, mas agora não tinha tanta certeza. Ela não conhecia Mikael tão bem quanto pensava. Ele via tudo isso como um absurdo? Por quanto tempo ele a deixaria evitá-lo? Ela não podia ficar no santuário para sempre.

Seus pensamentos se voltaram para Alexander. Ele não estava seguro em Kharav. Por mais que quisesse se esconder do mundo, ela não podia deixá-lo para as consequências de sua briga com o rei. Ela tinha que vê-lo e ter certeza de que ele estava bem. Embora seu estômago embrulhasse ao pensar em encará-lo agora. Ela não falava com ele desde o casamento. Desde...

O peito dela apertou. Fazia dois dias. Ele estaria doente de preocupação. Ela deveria ter ido até ele antes, para deixá-lo saber que estava bem. Só que ela não estava bem. Não importava; ela tinha que vê-lo. Ela destrancou a porta e saiu para o corredor.

Norah parou para ver uma pequena bandeja de comida perto da porta. O comandante certamente não a havia deixado. Vitalia deve tê-la deixado lá. E mesmo que chamasse seu estômago faminto, ela comeria mais tarde. Ela tinha coisas mais importantes para cuidar.

Norah se moveu com cautela, temendo ver o comandante novamente, mas quando ela se aproximou do fim do corredor, um largo sorriso surgiu em seu rosto.

Titus e outro guarda nórdico estavam de plantão. Quando a viram, fizeram pequenas reverências com suas cabeças. Mas seu sorriso caiu quando ela olhou mais de perto. Titus tinha um corte na lateral da bochecha e sob o queixo. Seu olho esquerdo parecia ligeiramente inchado, com hematomas na testa. Sangue manchava o ombro esquerdo de sua túnica, mas ela não tinha certeza se era dele ou de outra pessoa. O nórdico ao lado dele tinha ferimentos semelhantes, e um olhar para os guardas de Crest parados no lado oposto mostrou que eles não estavam em melhor situação. Uma briga no corredor?

Maravilhoso. Outra coisa para gerenciar.

Quando ela os alcançou, Vitalia pulou da cadeira lateral em que estava sentada.

"Salara!"

"Olá, Vitalia," ela disse, tirando os olhos dos guardas. Ela estava feliz em ver sua empregada, mas Vitalia sabia sobre sua ignorância sobre os casamentos, e Norah ainda sentia vergonha disso.

"Sinto muito por não ter vindo", disse sua empregada. "Eles não me deixaram perturbá-la em seu santuário, nem para ver se você precisava de alguma coisa."

Norah forçou um pequeno sorriso. "Está tudo bem. Mas agradeço por você ter trazido uma bandeja."

"Fico feliz em receber os agradecimentos, mas não fui eu. Salar ordenou que comida fosse trazida a você em todas as refeições."

Bem, isso foi... gentil.

"Você vai se despedir dos nórdicos?"

Norah não sabia o que ela queria dizer. "Para quê?"

"Salar deu a eles provisões para levarem para o Norte. Ele também arranjou cavalos no vale das Terras Tribais. Ele deu seus capitães homens para ajudar, e eles partem mais tarde hoje."

"Oh," Norah disse. Ela nunca esperou… Claro que essas mesadas faziam parte do arranjo de casamento deles—mas era um arranjo que ela ameaçou não reconhecer. Uma semente de esperança brotou em seu peito. "Essas são boas notícias," ela disse.

"É. Ah, e Serene já se mudou para a vila. Você gostaria que ela viesse aqui?"

Seu estômago azedou. Se Serene estava na vila, isso significava que ela sabia sobre as esposas. Norah se perguntou quanto tempo levaria até que sua avó soubesse. "Não, ela

pode cuidar das coisas lá." Uma pessoa a menos para suportar sua vergonha na frente. "Você poderia trazer mais alguns vestidos, no entanto? Há apenas alguns no santuário, e eu vou ficar lá por um tempo."

"Sim, Salara. Vou pegar isso agora mesmo." Vitalia começou e então parou. "Posso ter sua permissão para esperar por você lá? No santuário?"

"Claro", Norah disse a ela. "Eu gostaria disso."

Vitalia deu um pequeno sorriso com uma reverência e foi buscar os vestidos de Norah na vila.

Então Norah colocou sua mente em sua intenção original: encontrar Alexander. Ela começou a descer o corredor, e Titus se moveu atrás dela. O deslizar do aço veio como um aviso, e ela se virou para olhar para os guardas. O guarda Crest estava encolhido, punhais e lanças nas mãos com os olhos em seus nórdicos, e Titus tinha a mão no punho de sua espada.

"Northmen comigo," ela disse. Sua guarda Mércia caiu para trás dela, e embora a guarda Crest desse algum espaço, ela cerrou os dentes enquanto eles seguiam atrás. Sim, ela teria que fazer algo sobre isso. Agora não era o momento de discutir as atribuições de seus guardas com Mikael ou o comandante senhor, mas ela também não queria uma guarda de Northmen e Crest com uma pequena batalha se formando atrás dela em todos os lugares que ela fosse.

Ela soltou um suspiro. Uma coisa de cada vez. Primeiro, Alexander.



Ele andava de um lado para o outro em seu quarto, pronto para derrubar este castelo no chão. Fazia dois dias desde o casamento, dois dias desde que ele tinha visto Norah ou ouvido qualquer coisa dela, e Alexander não podia esperar mais. Ele tentou se concentrar em seu trabalho — comunicações com o conselho, cuidar de seus homens e designar suas estações para protegê-la o máximo que pudesse nas profundezas de um reino inimigo — mas uma loucura sombria continuava arranhando sua mente, ameaçando seu controle. O que o Rei das Sombras fez com ela? O que ele fez *com* ela? Por dois dias...

Caspian tentou assumir mais e dar-lhe espaço para se acalmar e organizar sua mente. Mas não haveria calma até que Alexander pudesse vê-la.

Uma batida soou na porta, e ele quase a arrancou das dobradiças ao abri-la. Mais um Shadowman que—

Ele congelou enquanto olhos azuis o encaravam de volta. Suas narinas se dilataram e ele forçou uma tragada. Ele não conseguiu se segurar — ele a puxou para um abraço.

Norah agarrou sua túnica, afundando-se nele. Ele levou uma mão à cabeça dela e a segurou contra seu peito. Apenas o cheiro dela o acalmou. Ela estava aqui. Em seus braços. Segura. Ilesa. Ou assim ele supôs. Ele rapidamente se afastou e segurou o rosto dela em suas mãos.

“Você está bem?” ele perguntou.

“Estou bem”, ela respondeu. Mas ela não parecia bem.

Ele a segurou com mais força. "Você não está." O lábio dela tremeu. Ela era casada com o Rei das Sombras. Ela não estava bem. Ele xingou baixinho enquanto a puxava de volta para ele, esquecendo todas as decoros e beijando o topo da cabeça dela. "Estou aqui", ele murmurou.

Ele descobriria uma maneira de tirá-la de lá e trazê-la de volta para Mércia. Não importava se ela fosse casada, se ele conseguisse tirá-la de lá antes...

“A Testemunha?”, ele perguntou. “Quando será realizada?”

Ela não respondeu, e seu sangue gelou. Seu coração parou. Era tarde demais? Uma náusea paralisante o percorreu. Ele se forçou a se afastar dela; ele precisava que ela lhe respondesse. “Norah?”

Os lábios dela se separaram, e o estômago dele se revirou. Ela engoliu em seco, então disse: “Não haverá Testemunha.”

Alexander soltou um suspiro trêmulo. *Não haveria Testemunha* . O Rei das Sombras pretendia que esse casamento fosse apenas no papel? Seus olhos ardiam quando ele a puxou de volta para si, e ele respirou seus agradecimentos eternos aos deuses. Tudo o que ele podia fazer era segurá-la e inspirá-la.

Quando ele recuperou a voz, ela saiu rouca e grossa de emoção. “Eu não aguentava, Norah. Minha mente tem estado cheia de loucura nos últimos dias.” Ele a segurou com mais força. Agora ele podia respirar novamente, se concentrar novamente. E ele só precisava se concentrar em levá-la para casa.

"Estou bem", ela sussurrou, mas havia uma estranheza em sua voz, algo que não estava bem.

Ele se afastou novamente e agarrou a lateral do pescoço dela, roçando sua bochecha com o polegar e olhando para ela.

“Estou”, ela disse, sua voz um pouco mais forte agora. “Eu só tive que vir para ter certeza de que você também estava.”

“Não quero que se preocupe comigo. Você já tem o bastante para lidar.”

O lábio dela ainda tremia. Havia algo mais? Algo que ela não estava contando a ele?

“Você está voltando para Mércia com Caspian?” ela perguntou.

Ele estreitou os olhos. Ela estava realmente bem? Ou ela estava mudando de assunto?

Ele balançou a cabeça. “Não, mas preciso sair muito em breve para investigar uma situação.” Ele hesitou, não queria colocar mais fardo nela, mas ela precisava saber. “Vilas mércias, e outras sob a proteção de Mércia, estão sendo atacadas.”

Ela franziu a testa. "De novo?"

O que ela quis dizer *de novo* ? "Você sabe sobre isso?"

Ela soltou um suspiro. “Depois que fui levada, chegamos a uma cidade que havia sido destruída, mas não havia sinal de quem havia feito isso. Você sabe?”

Ele balançou a cabeça novamente. “Ainda não. Mas não quero que você se incomode com isso agora. Vou descobrir quem foi e dar um fim nisso.”

“Quanto tempo você vai ficar fora?”

“Não muito. Vou apenas para o sul, então umas duas semanas talvez.” Ele apertou as mãos dela e as levou até o peito. “Mas não vou embora ainda. Não agora. Preciso ter certeza de que você está bem.”

“Estou”, ela o assegurou. “E honestamente, me sentiria melhor se soubesse que você está fora de perigo até que as coisas se acalmem. Você deveria ir. Estou bem. Sério.”

“Titus e o resto da guarda estarão aqui com você.”

Ela se mexeu. “Sobre isso — mande-os ajudar Caspian.”

“E te deixar em paz?” *De jeito nenhum* .

“Alexander. Por favor. Você pode olhar para aquele corredor e ver que eu certamente não estou sozinho. Eu não tenho comando sobre o Crest, e até que eu resolva as coisas com Mikael, haverá guarda duplicada e a ameaça de batalha entre eles em cada corredor. Eu não posso lidar com isso agora, eu não posso. Alexander, por favor—”

“Tudo bem,” ele disse, cedendo. Por mais que odiasse a ideia, ele não poderia resolver isso para ela agora, e era obviamente mais um fardo esmagador.

“Serão apenas algumas semanas”, ela disse. “É pouco tempo.”

Estava a uma eternidade de distância dela.

Ela deu um sorriso fraco. “Vá,” ela disse. “Eu estarei aqui.”

Ele puxou as mãos dela para os lábios. “Eu retornarei assim que puder.” Então ele encontraria uma maneira de trazê-la para casa.



Capítulo quarenta e seis

Mais duas noites se passaram e Mikael ainda se encontrava sem Salara. Ele sentou-se no refeitório novamente, meditando sobre a cadeira vazia dela. A essa altura, ela já teria se mudado para a vila. Talvez ela visse que não era como ela esperava. A vila tinha todo o conforto, todo o luxo.

"Você ainda deixa a Rainha do Norte te preocupar", disse Soren, interrompendo seus pensamentos.

Mikael soltou um suspiro profundo. "Ela ainda não vem. Ela ainda está infeliz."

Soren deu de ombros. "O que ela vai fazer? Sair?"

"Ela não é uma prisioneira."

O rosto de Soren ficou sério. "Mas você sabe que não podemos deixá-la ir."

Mikael sabia disso. Enquanto ele segurasse a Rainha do Norte, ele a manteria longe de Aleon. Se ele a mantivesse longe de Aleon, ele negaria seu destino. Mas ele não queria segurá-la. Ele queria que ela quisesse ficar.

"Vá para a vila", ele disse a um servo. "Diga a ela que eu... eu desejo que ela venha. Não é obrigatório, mas eu desejo que ela queira vir. Se ela se vir querendo, querendo comer. Comigo."

Soren bufou e levantou uma sobrancelha.

Mikael olhou para ele e xingou baixinho. Ele parecia um idiota divagante, mas se preocupava com ela.

"Ela não está na vila, Salar," disse o servo. "Ela ainda permanece no santuário."

Mikael jogou seu cálice pelo corredor, sentindo-se tomado pela frustração.

"Você gostaria que eu entregasse a mensagem para ela lá?", perguntou o servo.

"Não," ele disse asperamente, moderando seu fogo. "Ela não deve ser perturbada lá."



Uma batida na porta do santuário a fez pular, e Norah prendeu a respiração entre os dentes. Ela já sabia quem era: a única pessoa para quem as regras de Mikael não se aplicavam. Ela debateu se não a abriria, mas não era como se ele fosse embora.

"Rainha do Norte", ele rosnou através da porta.

Norah franziu os lábios enquanto colocava o livro de lado, e se levantou para atender. Ela abriu a porta para encontrar os olhos sombrios do comandante olhando para ela. Atrás dele rondavam seus cães, tão ameaçadores quanto seu mestre.

"O que você quer?" ela perguntou, sem se preocupar em esconder a frieza em sua própria voz.

"Vim sugerir que você jante com Salar hoje à noite. Cada dia só traz mais discórdia." Não era um pedido amigável.

Os olhos dela se estreitaram. "Eu não sabia que você estava tão ansioso para me ver de novo."

"Não estou", ele rosnou. "Mas a espera dele por você é ainda mais perturbadora do que sua presença. Pelo menos finja resolver sua queixa."

"Se ele quer reparação, então não deveria mandar os cachorros!" Ela se moveu para fechar a porta, mas ele a sacudiu com o pé e a abriu de novo, e ela cambaleou de volta para o quarto.

"Eu venho por minha própria vontade."

Ela mostrou os dentes. "Você não tem permissão para entrar aqui."

"Não há nada que eu não possa fazer!" ele se enfureceu. "Você fará bem em se lembrar disso."

E mesmo assim ele não entrou.

"Este é *o meu* santuário", ela retrucou.

"E você tem isso pela graça de Salar! Quanto tempo mais você acha que isso vai durar? É por essa graça que você vive aqui com conforto, e por essa graça seu Urso ainda está vivo."

"Vá embora!" ela fervia, sua raiva afastando qualquer medo.

Fúria escorria de sua pele, mas ela se aproximou em desafio. Ele não podia assustá-la. Alexander tinha ido embora; não havia nada que ele pudesse fazer.

Finalmente, ele cedeu, voltando pelo corredor do jeito que tinha vindo. Norah fechou a porta atrás dele e afundou na cama, respirando fundo para acalmar seu tremor.

Ela não podia deixá-lo afetá-la. Apesar de tudo o que tinha acontecido entre eles, ela não acreditava que Mikael a machucaria. Ela não acreditava que ele deixaria seu comandante machucá-la. E com Alexander fora, ela tinha tempo para trabalhar em uma solução. Mas qual era a solução? O que ela poderia fazer se nada mudasse?

Do lado de fora da porta, uma bandeja chacoalhava com um leve barulho de pratos — outra refeição sendo entregue. Seu estômago a lembrou de que ela não tinha comido.

Norah abriu a porta e se moveu para pegar a bandeja da pequena mesa que havia sido montada perto da parede. Ela parou. Na bandeja havia uma tigela, e dentro dela havia três pequenos pergaminhos enrolados.

Ela abriu um dos pergaminhos, e seu coração batia forte no peito. Então ela rapidamente olhou para o resto. Suas mãos tremiam.

Eram três.

Três anulações.

Para três esposas.

E eles traziam o selo do rei.



Seus sapatos de seda caíram silenciosamente no chão de pedra enquanto Norah corria pelo castelo com Vitalia logo atrás dela. Seu coração disparava enquanto ela andava. O rei havia anulado seus casamentos, o que ela duvidava que ele faria. Apesar de sua grosseria, ele se importava. E o que mais a surpreendeu foi que *ela* se importava. O comandante estava errado. Ela o conhecia .

Eles chegaram à sala do trono, mas o rei não estava sem companhia. Norah parou na ala, observando fora de vista.

Mikael estava sentado em seu trono, ouvindo um homem com uma capa verde-esmeralda. Um brasão dourado bordado no peito da jaqueta do homem captou a luz enquanto ele se movia, mas ela não conseguiu vê-lo completamente. Sua pele era mais escura do que a do povo Kharavian, mas não negra como a do povo de Etreus. Ele usava o cabelo curto, mas sua barba longa.

“Um enviado de Serra,” Vitalia sussurrou. Sua respiração ficou superficial. “Talvez seja melhor falar com Salar mais tarde.”

Vitalia estava com medo. Mas de quê?

“Quem é esse, Serra?”

“É o reino dos escravagistas. Sul. Através do Mar Envelhecido.”

Norah engoliu em seco. O reino que lidava com o comércio de escravos. Sua própria repulsa aumentou. Ela os observou. Norah entendeu as palavras do homem enquanto ele falava com o rei. "Eles falam a língua do Norte?"

“A língua do Norte é a língua Comum. Quase todos os reinos a usam para comércio e relações.”

Isso significava que todos falavam a língua do Norte. Depois do que aconteceu com Bremhad, ela sabia que era assim em Kharav, mas não percebeu que era uma língua comum entre os reinos. Um gosto amargo subiu pela parte de trás da língua e desceu pela garganta enquanto pensava no lorde comandante. E como se os pensamentos o fizessem aparecer, seus olhos o encontraram. Ele estava à direita do trono do rei, parecendo assassino, como sempre.

“O rei Milar discorda”, o enviado disse a Mikael enquanto Norah começava a ouvir. “Ele propõe uma redução da parte de Serra em um terço, ou um aumento nas provisões de Kharav.”

“Eles falam de comércio?” Norah sussurrou para Vitalia.

Vitalia assentiu, visivelmente chateada. “Kharav negocia escravos com Serra e fornece provisões para sustentá-los.”

“Volte para o santuário”, Norah disse a ela. “Eu retornarei depois de falar com o rei.”

"Tem certeza?"

“Sim,” Norah sussurrou. “Vá.”

Vitalia a deixou parada na ala, e Norah voltou sua atenção para Mikael.

“Ele aguarda sua resposta”, disse o enviado.

“Eu já dei”, respondeu Mikael. Seu rosto não mostrava a raiva que Norah ouviu em sua voz.

“O rei Milar diz que isso é inaceitável.”

Mikael levantou-se do trono. Desceu as escadas, calmo e composto. Então, num único movimento, ele puxou a espada da bainha e cortou o guarda serrano ao lado do enviado. O coração de Norah pulou na garganta, e ela colocou a mão sobre a boca para abafar um grito.

Mikael agarrou o enviado pelo paletó e o forçou a se ajoelhar enquanto ele golpeava o pescoço do homem com a ponta da lâmina.

“Não!” Norah gritou, saindo das sombras da ala.

Todos se viraram ao som da voz dela. Os olhos de Mikael encontraram os dela, e ele parou.

“O que você está fazendo?” ela gritou.

Ele olhou de volta para o enviado, e seu rosto escureceu novamente. “Enviando minha resposta ao Rei Milar.”

“Não o machuque”, ela disse. “Por favor.”

Mikael parou por um momento, olhando para o enviado. Ele angulou a ponta da espada contra a garganta do homem. “Salara pede misericórdia”, ele disse finalmente. “Seus deuses sorriem para você hoje.” Ele soltou o enviado, e o homem se arrastou para trás e se levantou.

Mas Norah não sentiu alívio. Ela olhou para o guarda morto no chão. Sangue se acumulava ao redor dele e saía pelos sulcos onde a pedra padronizada se juntava para formar sua imagem.

“Deixem-nos”, disse Mikael para a sala. Os guardas serranos recolheram seu companheiro morto e conduziram seu senhor para fora, para longe do perigo frouxamente controlado. Os soldados kharavianos seguiram, limpando a sala e deixando apenas Mikael e Norah.

E o senhor comandante, é claro.

Norah desviou os olhos do sangue espalhado na pedra.

“Vou mandar limpar”, Mikael disse a ela.

Era com isso que ele achava que ela se importava? "Você vai trazer de volta a vida que tirou?" A vida que ele tirou tão facilmente, como se não tivesse sido nada.

As palavras dela o silenciaram por um momento. “Esses não são bons homens, Salara,” ele disse finalmente.

Como se isso justificasse o assassinato.

Mikael olhou para os pergaminhos em sua mão. Seus olhos encontraram os dela novamente, e sua expressão mudou. “Você os leu?”, ele perguntou.

Norah olhou para sua mão fechada. Ela tinha esquecido que estava segurando as anulações do casamento.

“Era isso que você queria, não é?”, ele disse, com a voz mais suave agora.

Sim, mas não. Nada disso era o que ela queria.

O lorde comandante deu um passo à frente, a linha entre suas sobrancelhas se franzindo. “O que você fez?”, ele perguntou ao rei.

Ele estava falando sério? Esse homem era realmente inacreditável. Norah olhou para ele, finalmente encontrando sua voz. “Você está bem com ele matando um homem, mas não absolvendo um casamento?”

Mas ele não respondeu à reprovação dela. Seus olhos permaneceram no rei. “Salar?”

“Deixe-nos”, Mikael disse a ele.

Os olhos do comandante se voltaram para Norah, e ela pôde ver a raiva crescente dentro dela. Mas ele não disse nada, apenas se virou e os deixou em silêncio.

"Anda comigo?" Mikael perguntou, mas ele não esperou que ela respondesse antes de levá-los para frente e para fora da sala do trono.

“Você mata todos os seus enviados comerciais?” ela questionou enquanto caminhavam.

“Nem todos eles.”

Ela não tinha certeza se ele estava sendo atrevido ou sério. A raiva tocou suas bochechas de qualquer maneira. Ela não gostava desse Mikael — o Mikael escuro. Ele se aproximou dela enquanto caminhavam, perto o suficiente para tocá-la. Era melhor ele não ousar.

Eles chegaram ao grande salão, e ele diminuiu a velocidade. Pelo canto do olho, ela o viu olhando para ela. "Eu o poupei."

“Porque eu pedi para você. Não porque você tinha misericórdia em seu coração.”

Eles pararam e olharam um para o outro.

“Já chegou?”, ele perguntou. “Sua aversão por mim?”

Ela o odiava agora? Ela queria.

“Não que eu achasse que levaria muito tempo”, ele acrescentou. Sua voz saiu mais fraca, como se ele estivesse falando mais consigo mesmo do que com ela, como se estivesse arrependido, até. “Eu só não esperava por isso tão cedo.” Seu rosto caiu, e seus olhos suavizaram. “O que você quer que eu mude?”

A pergunta dele não era o que ela havia previsto. O que ela faria ele mudar? Seu reino? Seus valores, sua cultura, seu modo de vida? Qualquer coisa que ela pudesse pedir era demais ou não era o suficiente. Ou ambos. Ela ficou quieta.

Ele desviou o olhar para frente novamente e soltou um longo suspiro. “A vila é só sua agora. Você vai se mudar para lá?”

Sua mente ainda estava no homem que acabara de ser morto; ela não conseguia pensar na vila, exceto que ela certamente não se mudaria para lá.

“Você não quer a vila?” Ele parou por um momento. “Você a viu?”

Não. Ela não precisava ver. Ela não *queria* ver. Ela não queria ficar onde havia esposas antes dela, mulheres que ele conhecera de forma tão íntima. Mas ela não queria discutir sobre a vila agora. "Tenho certeza de que tem tudo o que preciso", ela conseguiu finalmente, esperando deixar o assunto de lado por enquanto.

“Mas você não quer ficar aí”, ele insistiu.

Tudo bem . “Não,” ela admitiu. “Eu não quero ficar lá. Eu estou bem com o santuário.” O santuário era dela. Mais ou menos.

Ele deu um passo à frente dela. Sua voz ficou baixa. “Não estive com nenhuma outra desde que te conheci, nenhuma outra mulher. Quero que você saiba disso. Se for importante.”

Sua respiração ficou presa na garganta. E seu coração... "É", ela sussurrou. Ele estava tentando. Ela poderia tentar? "Obrigada por me contar."

Ele assentiu e eles continuaram caminhando.

Ela engoliu em seco. “O que você fez com suas esposas?”

Ele mudou seu peso de volta. “Eles retornaram para suas casas, para suas famílias.”

Então, nada de fins violentos. Isso foi bom . “Você verá eles sendo providos?”

Ele olhou para ela curiosamente. “Eu permiti que eles ficassem com o dinheiro da Promessa de Provisão. É uma quantia substancial.”

Ela não tinha certeza do que isso significava. Talvez algo como um dote ou um preço de noiva. Ela mordeu o interior do lábio. Isso não parecia o suficiente.

“Há algo mais que você gostaria que eu fizesse?” ele perguntou.

“Não quero que sejam desonrados. Eles vêm de famílias nobres?”

Ele se mexeu desconfortavelmente. “Eles fazem.”

“Você deveria dar mais a eles. Terra, talvez.”

Ele assentiu.

“Você vai cuidar deles, então?” Ela queria confirmação.

"Eu vou."

Ela fez uma pausa. “Você tem filhos?”

Ele ficou em silêncio e então disse: "Não".

A resposta dele a surpreendeu e a aliviou ao mesmo tempo. Eles ficaram desajeitadamente em silêncio.

“Eu deveria me aposentar”, ela disse. Era o suficiente por enquanto.

“Posso acompanhá-la de volta?”, ele perguntou, aproximando-se.

Não . Mas ela se viu dando o mais leve dos acenos. Ele lhe ofereceu o braço. Ela vacilou por um momento, mas então deslizou a mão por baixo e o deixou levá-los para frente. Ele colocou a mão sobre a dela, prendendo-a a ele. A pele dela formigou sob o toque dele, mas ela não conseguia se deixar esquecer tão facilmente. Ele tinha acabado de matar um homem, como se não tivesse sido nada. Ele teria matado outro se ela não o tivesse impedido, tudo isso enquanto discutia o comércio das vidas das pessoas como se fossem sacos de grãos.

Ela poderia suportar isso, o preço da paz? Ela sabia com quem se casaria. Talvez tenha sido tolice dela esperar uma mudança rápida. Talvez com o tempo...

Ela precisava tentar.

Quando chegaram à porta do santuário dela, ele parou, mas não soltou a mão dela. Nem ela a afastou. Os olhos dele se agitaram como a tempestade de uma tempestade. Eles eram perigosos — ela podia se perder neles. Um desejo puxava algo dentro dela. Ela queria se perder neles? *Não* . Ela não podia confiar neste homem. Ele se aproximou, e ela se recostou na porta.

“Estou feliz que você tenha saído”, ele disse suavemente. “Gostaria de vê-la sair mais vezes. Se quiser voltar aos jardins, ou mesmo dar um passeio, ou se quiser simplesmente vir jantar comigo, eu adoraria.”

Ele moveu a mão para acariciar a bochecha dela, um toque que deixou sua pele muito rápido. “Boa noite, Salara.”

“Boa noite”, ela sussurrou, e entrou em seu santuário.



Capítulo quarenta e sete

Sua mente girava ao redor dela. Norah estava sentada em sua penteadeira em seu santuário, cambaleando em uma mistura de emoções. Ela continuaria a lutar no reino das Sombras, este reino de sangue e batalha. E o que ela poderia fazer? Ela poderia mudar este mundo?

Talvez quando Mikael a deixou chegar mais perto. Ela queria que ele fizesse isso. Ela queria estar mais perto.

Ela estava deixando -*o* se aproximar? Ela ainda não havia contado a ele sobre suas memórias; ela não tinha certeza do porquê. Talvez contar a Mikael significasse deixar seu antigo eu ir, e ela não queria deixar ir. Com Mikael... ela temia que se perderia mais, neste mundo escuro. Este mundo não a ajudaria a se encontrar. Ela não tinha nada de quem ela era antes para lembrá-la, exceto Alexander. E se ele pudesse, Mikael tiraria Alexander dela. Mas Alexander era dela. Ela precisava protegê-lo, proteger a pessoa que ela costumava ser.

Mas ela ainda queria contar a ele. Ela queria Mikael mais perto. A divisão entre eles a dilacerava. Ela se castigou por depender de sua felicidade em seu relacionamento com o rei, mas esses sentimentos eram complicados. Este casamento não era por amor, ela se lembrou. Este era um casamento que protegeria seu povo. Ela deveria estar feliz se pudesse alcançar a civilidade com uma aliança sólida. Por que ela não estava feliz? Mikael estava trabalhando para consertar as coisas entre eles. Por que não era o suficiente?

Por que seu coração pedia mais?

Norah decidiu que um passeio ajudaria a clarear sua mente. Ela tinha entrado no estábulo para visitar a égua algumas vezes, mas o animal precisava sair além do estábulo e dos piquetes. E Norah estava escondida em seu santuário há muito tempo; ela também precisava sair. Mikael tinha sugerido um passeio, e era uma boa ideia, embora ele provavelmente quisesse dizer os dois juntos. Ela ignoraria isso. Ela se sentia mais ousada

agora que Mikael estava tentando resolver a distância entre eles, ousada o suficiente para ir sozinha. Para sua surpresa, seu guarda não se opôs. Talvez Mikael tivesse prendido seu comandante.

Norah encontrou a égua feliz em vê-la, e sorriu. Ela mesma selou o cavalo antes de montar e respirar fundo o ar de quase liberdade. "Vamos", ela disse à égua, e a incitou a sair dos portões dos fundos do castelo e entrar nas colinas. O Crest seguiu logo atrás. Ela estava feliz que a guarda mércia tivesse ido com Caspian e que ela não tivesse os dois para enfrentar.

A égua não precisou de encorajamento e se esticou em um galope. Eles tomaram o lado sul para fora do castelo para se manterem fora da cidade e seguiram para terras abertas.

Eles cavalgaram até o fim da manhã, e Norah sentiu uma força retornando. Apesar do frio do inverno, a liberdade a aquecia. Era a primeira vez que ela estava fora dos terrenos do castelo, sua primeira vez longe do rei e do comandante.

No topo de uma colina, Norah diminuiu a velocidade da égua, sorrindo de volta e esperando que seu guarda a alcançasse.

“Salara, por favor,” Kiran a chamou. “Você não vai ficar mais perto de nós?”

“Sinto muito.” Ela sorriu. “É tão bom estar fora.”

Seus olhos sorriram de volta por baixo do xale. “Eu sei o que você quer dizer.”

De repente, seu rosto mudou quando seu olhar se voltou para algo distante, e Norah o seguiu para ver a fumaça subindo contra o céu.

“O que é isso?” ela perguntou.

“Provavelmente um acampamento. Forasteiros. Não Kharavian.”

“Quem então?”

Ele balançou a cabeça. “Não sei. Mas vamos te trazer de volta, e eu enviarei forças para investigar.”

Norah não tinha intenção de ser enfiada de volta no castelo. “Eu não vou voltar.” Ela deu um sorriso atrevido. “Este é meu reino agora. Quero saber quem me visita.”

“Salara”, ele protestou.

“Vamos!” E ela incitou a égua a avançar.

Eles cobriram a distância rapidamente, mas diminuíram o ritmo ao chegarem à última colina, subindo com cuidado. Quando chegaram a uma visão do acampamento, a curiosidade de Norah aumentou.

Cinco jovens estavam sentados ao redor de uma fogueira. Norah os colocou perto da idade de Adrian. Ela ouviu suas risadas e sorriu, apreciando sua diversão. Então, a irritação brilhou dentro dela. Quem eram eles e o que estavam fazendo ali? Eles eram muito jovens e tolos para serem cautelosos com o perigo que se aproximava. Ela precisava mandá-los embora.

"Salara," Kiran advertiu.

"Vamos, Kiran," ela disse por cima do ombro. "Eles são apenas meninos."

Eles desceram a colina, e os jovens se levantaram rapidamente quando os avistaram se aproximando. A guarda Crest os cercou, e os homens estenderam as mãos, sem mostrar armas.

"Quem são vocês?" Norah os chamou.

"Quem quer saber?", um dos homens cortou de volta. Seu sotaque lhe disse que ele não era de Kharav, como Kiran havia presumido.

"Salara quer saber", Kiran retrucou.

Os olhos do homem se arregalaram e ele olhou para seus amigos.

"Quem é você?" Norah perguntou novamente.

"Ando," ele respondeu rapidamente. Norah podia ouvir o medo em sua voz. Ele olhou para seus amigos novamente.

"De onde você é?" ela perguntou.

"Nós cometemos um erro, Vossa Majestade," outro homem disse rapidamente. "Por favor."

"Eles são de Osan", Kiran disse a ela.

Norah não percebeu que eles estavam tão perto do reino vizinho.

"Eles estão proibidos de cruzar a fronteira", acrescentou.

"Por favor, Vossa Majestade," disse Ando. "Não queremos causar mal algum. Estaremos a caminho."

"Por que você está aqui?" ela perguntou.

Eles se entreolharam hesitantes.

"Bem?" ela cutucou.

"Perdemos uma aposta", Ando admitiu. "Estamos em dívida por passar uma noite nas Terras Sombrias. Não achamos que alguém estaria aqui. Por favor, Vossa Majestade."

Ela se virou para Kiran. "Deixe-os ir."

"O senhor comandante nunca os deixaria viver", ele disse a ela.

“Bem, o senhor comandante não está aqui.” *Graças aos deuses* . Ela olhou para os jovens com uma carranca. “Este não é um lugar para jogos. Voltem para casa e considerem-se sortudos.”

“Sim, Vossa Majestade. Obrigado! Obrigado!”

Eles se curvaram apreciativamente, e Norah esperou enquanto eles pegavam suas coisas. Eles fizeram uma última reverência antes de subirem em seus cavalos e esporearem-nos para a próxima colina. Norah sorriu para eles. *Meninos* ...

“Devemos retornar ao castelo agora”, gritou Kiran.

“Vamos esperar um pouco e depois cavalgar até o topo da próxima colina. Quero ter certeza de que eles estão fora.” Ela tirou um momento para beber água e descansar. “Acho que deveríamos fazer disso um evento regular”, ela disse a Kiran. “Eu gosto daqui.”

“Obrigado pelo aviso”, ele disse ironicamente.

Ela riu. “Tudo bem, vamos ver se eles foram embora.”

Eles subiram a colina para verificar os jovens, mas quando ela chegou ao topo e olhou para baixo, seu pulso acelerou. Um pequeno grupo de soldados os havia parado. *Soldados kharavianos* . E no centro, ela viu o comandante.

“Isso não é bom, Salara,” Kiran disse. “Você deveria voltar. Você não quer ficar aqui.”

Mas Norah não estava pensando em voltar agora. Ela incitou a égua colina abaixo, com seu guarda seguindo logo atrás dela. Ela chegou ao fundo enquanto os homens estavam sendo empurrados para os joelhos.

“Senhor Comandante!” ela gritou, sem fôlego.

Ele ficou ao lado dos jovens e se virou quando a ouviu. Seus olhos se estreitaram. “Vocês não deveriam estar aqui fora,” ele disse sombriamente. “Voltem para o castelo.”

“Eu não vou! O que você está fazendo?”

“Vossa Majestade!” Ando a chamou. “Nós dissemos a ele que você nos libertou.”

“Continue cavalgando ou veja-os morrer”, o comandante rosnou para ela.

A ameaça fez Norah estremecer. “Não, esses garotos estão voltando para casa. Eu sou salara. Você vai soltá-los!” ela exigiu.

Um sorriso perverso surgiu em seus olhos. “No que diz respeito à segurança do reino, eu ajo em nome de Salar. Você não tem autoridade aqui.”

“Eles são apenas meninos!”

“Eles são homens. Não que isso importe.”

Norah deslizou do cavalo e se aproximou do comandante para que ninguém mais pudesse ouvi-la. “Se você está bravo comigo, então vamos resolver isso, só você e eu. Mas eu imploro, deixe-os ir.”

“Eu nunca agiria com raiva contra a esposa de Salar”, ele disse em um tom que a arrepiou mais do que qualquer inverno.

“Qualquer coisa que você pedir”, ela implorou. “Por favor!”

Ele fez uma pausa. “O Urso. Dê-o para mim, e eu os deixarei ir.”

A bílis subiu em sua garganta. “Você pede o que sabe que eu não posso dar.”

Antes que ela pudesse reagir, o comandante atravessou Ando com sua espada, e o jovem caiu no chão.

“Não!” Norah gritou enquanto ele se virava e derrubava outro. Ela implorou a Kiran, “Faça-o parar!”

O guarda Crest agarrou o cabo da espada, mas não se moveu. “Não podemos fazer isso, Salara.”

O comandante cortou outro homem — tão casualmente, tão facilmente. Então ele deu um passo em direção ao próximo. Norah apertou a mão sobre a boca, abafando outro grito, sentindo-se completamente impotente.

“Espere!”, gritou o homem enquanto o comandante se aproximava dele. “Espere! Eu sou o príncipe! Príncipe Jeord. Se for necessária restituição, ela pode ser paga! Apenas nos deixe ir. Vamos embora agora mesmo!”

O comandante fez uma pausa, e seus olhos continham um sorriso assustador. “Príncipe Jeord. Eu não o reconheci.” Ele se inclinou para mais perto do jovem. “Tenho uma mensagem para seu pai. Restituição *é* necessária. Diga a ele para trazer seu exército e pagar com sangue.”

Jeord ficou boquiaberto de horror. “Você quer guerra?”

O comandante olhou para Norah. “Foi dito que eu desejo isso.”

Jeord se levantou e recuou trêmulo.

“Corram”, disse o comandante. Os outros dois jovens subiram com Jeord, mas antes que pudessem correr, o comandante derrubou os dois com sua espada.

Norah soltou um grito curto. Isso não podia estar acontecendo.

O comandante olhou para o príncipe, que cambaleou para trás com um grito na garganta.

“Só você,” o comandante disse enquanto se abaixava e limpava sua espada nas roupas de um dos homens mortos. “Vá.”

Jeord choramingou, recuando. Então ele se virou e correu, tropeçando, mas se recuperando novamente.

O comandante o observou até que ele sumisse de vista. “Coloquem os corpos na fronteira”, ele disse ao Crest. “Tragam os cavalos.” Norah cambaleou para trás em choque, e o comandante se virou para ela. “Vamos.”

“Eu não vou a lugar nenhum com você!” ela fervia.

Seus olhos ficaram mais escuros. “Suba no seu cavalo, ou eu vou te arrastar de volta.”

Ela sabia que ele falava sério. Ainda tremendo e cheia de horror, ela montou de volta na égua.



Mikael estava sentado em seu escritório, debruçando-se sobre as escrituras de suas terras. Ele procurava mais para dar às suas ex-esposas, como Salara havia pedido a ele. Ele ficou surpreso que ela tivesse pedido isso, mas, então, ela sempre o surpreendia.

Ele sabia que não era fácil para ela em Kharav. Ela conseguia ver o quanto ele estava tentando? Soren estava furioso com ele, e compreensivelmente. Haveria consequências com os lordes, ele sabia. Mas ele estava disposto a sofrer o custo.

Passos ecoaram nos corredores, e a porta do seu escritório se abriu com força contra a parede.

“Espero que você esteja orgulhoso!” Salara fervia enquanto entrava furiosa.

Ele se levantou da mesa alarmado. O que estava acontecendo?

Os olhos dela brilhavam com um fogo que ele nunca tinha visto antes, nem mesmo quando ela estava chateada com as esposas dele.

“Qual a melhor maneira de mostrar sua força do que matando garotos!” ela cuspiu nele.

Mikael lançou os olhos para Soren, que havia entrado atrás dela.

“Qual é o significado disto?” Mikael perguntou.

“Um grupo de garotos cruzou a fronteira, e eu os mandei de volta”, ela disse a ele. “Mas eles encontraram seu bruto no caminho, e ele os massacrou!”

“Eles não eram garotos”, Soren rebateu. “Eles estavam se aproximando dos vinte.”

“Meninos!” ela gritou.

“Velho o bastante para lutar”, Soren argumentou. “E de Osan.”

Ela lançou um olhar horrorizado ao comandante e balançou a cabeça em desgosto. “O que há de errado com você? E o que importa de onde eles são?” Ela se virou para Mikael. “Ele faz isso em seu nome! O príncipe estava com eles, e seu monstro o enviou de volta com uma ameaça ao pai — ele convida abertamente à guerra!”

A raiva explodiu dentro dele. Ela não entendia os costumes de Kharav, e Soren certamente estava garantindo que sua introdução a eles fosse muito desagradável. Ele lidaria com ele mais tarde. “Salara,” ele tentou acalmá-la. “Você vai entender que precisamos fazer o mal necessário para manter Kharav seguro.”

Ela balançou a cabeça novamente. “Não. Não passe isso como algo necessário! Qualquer homem competente teria visto que eles não eram uma ameaça.”

Ele olhou para Soren, que esperava em silêncio, imperturbável. Mikael cerrou os dentes. Calor percorreu sua pele com a indiferença de sua comandante à sua chateação. Mas ela precisaria entender que Kharav era um reino de guerra. Ele se virou para ela. “Defendemos nossas fronteiras com mais selvageria. Isso é conhecido por nossos inimigos com certeza, e é essa certeza que nos mantém seguros.”

O rosto dela se contorceu. “Essa é sua resposta? Segurança?” Ela se afastou dele enquanto balançava a cabeça em desgosto. “Bem, então aproveite sua segurança pensando em garotos massacrados!” Ela se virou e saiu furiosa do escritório.

Mikael soltou um suspiro enquanto lentamente enrolava os pergaminhos e enrolava o cordão de couro em volta deles. Sua fúria crescia profundamente, e foi preciso cada grama de força que ele tinha para controlá-la. Ele esperou até que ela estivesse fora do alcance da voz antes de lançar um olhar penetrante para Soren. "Você não tem noção?"

A testa de Soren ficou mais escura. “Você teria feito o mesmo,” ele argumentou.

“Não na frente de Salara! Ela acha que temos sede de violência.” Ferir inocentes — isso a incomodava. Profundamente. “Ela não entende nossos costumes. Ela não é endurecida para eles.”

Soren suspirou. “Deixei Jeord viver. O pai dele verá isso como uma misericórdia. Eles não ousam trazer guerra contra nós, e aquele príncipe idiota vai pensar antes de cruzar nossa fronteira novamente.”

“Você me reprovou.”

Soren se moveu para trás. Mikael nunca havia dito essas palavras para ele antes. “Eu disse a ela para ir embora. O que mais eu poderia fazer?”

A frustração de Mikael cresceu. “Você deveria tê-los deixado ir. O ódio dela já está sobre mim, e você a afasta ainda mais!”

“Não é melhor agora do que mais tarde, irmão?”

Mikael bateu o punho na mesa. “Eu não sou seu irmão — eu sou salar!” ele trovejou. “E que ajuda se eu a perder.”

Soren deu um passo para trás, claramente surpreso com a raiva de Mikael em relação a ele. Seus olhos brilharam com sua própria raiva, mas ele abaixou a cabeça em submissão, e Mikael passou por ele e saiu da sala.



Norah estava na biblioteca. Ela olhou para os livros nas prateleiras, mas não os viu. Ela não podia ficar ali por mais tempo; ela não podia estar ali. Seu coração ansiava por Mércia — sua graça, seu refinamento, sua civilidade. Kharav... Kharav era um reino de monstros.

Ela respirou fundo. Com esse casamento, ela mantinha esses monstros longe de Mércia, ela se lembrou. Mas quanto mais ela poderia suportar?

Norah fechou os olhos com força e cerrou os dentes. Ela suportaria o quanto precisasse.

As portas se abriram atrás dela, e ela se virou para ver Mikael. Ela se amaldiçoou por demorar tanto tempo.

“Salara,” ele cumprimentou enquanto se aproximava. “Estou feliz por ter encontrado você aqui.”

Norah contornou uma mesa grande, colocando-a entre eles. Ela não ficou tão feliz. Ela não respondeu.

“Fale comigo”, ele disse.

Tudo bem . “Você teria matado aqueles garotos?”

Ele fez uma pausa. Sua hesitação respondeu por ele. Ela sabia que ele queria fazê-la superar isso, mas ela não conseguia. Essas não eram coisas para as quais ela podia fazer vista grossa.

“Eu os teria libertado”, ele disse. “Se você tivesse me pedido.”

“E se eu não estivesse lá para perguntar?”

Mikael andou lentamente ao redor da mesa. “Você vai julgar o homem na sua frente, em vez daquele na sua mente?”

"Porque o que está na minha frente é muito melhor?" ela interrompeu, movendo-se para que a mesa ficasse entre eles.

A testa de Mikael franziu, e então ele suspirou. “Eu não quero que as coisas sejam assim entre nós. Eu me importo com você, Salara.”

O fogo de sua fúria diminuiu um pouco, mas ela não queria que morresse. Ela disse a si mesma que mudaria as coisas — ela tinha que mudar as coisas. E começaria com o lorde comandante sendo responsabilizado. "O que você fará sobre ele?", ela perguntou. "O que você fará sobre seu comandante?"

“Falei com ele.”

“Isso não é suficiente.”

Ele olhou para baixo e então assentiu. “Tudo bem.”

Ela não esperava que ele concordasse. Ele estava concordando? “Você vai lidar com ele?”, ela perguntou.

“Eu vou. Essas coisas não vão acontecer de novo.”

Mas o alívio não veio. Ela não acreditou inteiramente nele.

“Você está saindo?” ele perguntou.

Ela olhou para os livros em sua mão e então para a porta. Ela sabia o que ele perguntaria se ela dissesse sim.

Mas ele não esperou pela resposta dela. “Posso te acompanhar?”

Ele foi até o final da mesa onde ela estava, e estendeu o braço para ela. Ele estava tentando, ela disse a si mesma. Ela queria que ele tentasse.

E ela tinha que tentar também, pela Mércia.

Lentamente, ela deslizou o braço por baixo do dele. Ele colocou a mão sobre a dela e os fez caminhar em direção ao santuário dela. Eles caminharam em silêncio, mas havia uma calma em seu toque, um calor. Não era o toque de um monstro. Ela sentiu os olhos dele nela. Sua respiração acelerou, mas ela manteve os olhos para a frente.

Quando chegaram ao salão do santuário dela — a fronteira — ele parou, virando-se e olhando para ela. “Você vai jantar comigo amanhã?”, ele perguntou.

Ele estava tentando. E ela tentaria. Lentamente, ela assentiu.

“Boa noite, Salara,” ele disse suavemente. Então ele a soltou e a deixou no silêncio de seu santuário.



Quando a noite chegou no dia seguinte, Norah chegou à sala de jantar e encontrou Mikael sozinho. Ele se levantou quando ela entrou. “Salara,” ele cumprimentou.

Ela diminuiu o passo ao se aproximar da mesa, olhando ao redor. “Onde está o lorde comandante?” Ele sempre jantava com o rei.

“Ele não se juntará mais a nós”, disse ele.

Norah parou, surpresa. O comandante ser enviado pelo rei seria um duro golpe para ele, mas ela não conseguiu reunir nenhuma simpatia, e não podia negar o alívio de sua ausência. Ambos se sentaram em extremidades opostas da mesa, e os servos colocaram pratos de comida diante deles.

“E eu disse a ele que ele deveria obedecer às suas ordens como se fossem minhas”, acrescentou.

Ela não sabia o que dizer. Ele lhe dera o controle sobre o homem mais poderoso de seu reino, um homem que ele amava como um irmão. Ele lhe dissera que lidaria com o comandante. E ele o fizera. Se o comandante a obedeceria — isso era outra questão. Mas esse era um bom começo. "Obrigada", ela disse finalmente.

Eles comeram em silêncio, com os olhos se encontrando ocasionalmente. O embrulho em seu estômago retornou, e Norah não conseguiu evitar o pequeno sorriso em seus lábios. Quando terminaram, eles se levantaram.

“Posso acompanhá-la?”, ele perguntou enquanto se movia até a ponta dela da mesa e oferecia seu braço. Ela deslizou o dela por baixo, e ele cobriu a mão dela com a dele, levando-a em direção ao seu santuário. Ela estava começando a gostar dessa caminhada.

Quando chegaram ao corredor, ele parou, mas não a deixou ir. “Posso levá-la até sua porta?”

Um tremor nervoso atingiu seu estômago. Por que ela estava nervosa? Ela *queria* preencher essa lacuna entre eles, para que eles ficassem mais próximos... Ela assentiu.

Quando chegaram à porta do santuário dela, ela se moveu para tirar a mão do braço dele, mas ele apertou o aperto, e ambos pararam. Os olhos escuros dele piscaram entre os dela, e seus lábios se separaram ligeiramente. Então eles se fecharam, como se ele também estivesse nervoso. Ele estava nervoso? O estômago dela vibrou mais.

“Posso te beijar, Salara?” ele perguntou bem suavemente. Ele abaixou a cabeça para a dela, mas parou, esperando pela resposta.

Sua respiração ficou presa no peito. Ela queria que ele a beijasse. Então por que ela não podia dizer sim? Este era um reino severo, e ele era um rei severo. A lembrança dele matando a guarda do enviado de Serran encheu sua mente. Ele podia ser implacável e cruel. Embora não fosse cruel com ela.

Mas isso não foi suficiente.

Ele lhe dera controle sobre o comandante, ela se lembrou. Ele lhe perguntara o que precisava mudar. Para ela...

Os lábios dele estavam tão perto. O corpo dela ameaçava trair sua mente em guerra, conspirando com as gravidades da terra para puxá-la para mais perto. Ela só precisava levantar o queixo.

Ele respirou fundo enquanto dava um pequeno aceno e se afastava. Ela hesitou por muito tempo, e seu estômago caiu. Ela ainda podia dizer sim a ele—

“Boa noite, então”, ele disse, com a voz educada.

Ela ainda podia dizer a ele... “Boa noite”, ela sussurrou.

Ele se virou e voltou pelo mesmo caminho por onde tinham vindo.



Capítulo quarenta e oito

A tinta secava lentamente no pergaminho enquanto ela escrevia, e Norah soprou as letras para secar. Tinha sido difícil escrever uma carta para sua avó. Ela tinha começado de novo muitas vezes e ainda se perguntava se deveria começar de novo. Ela dobrou, carimbou seu selo e observou a cera endurecer.

A porta se abriu, e Vitalia entrou, carregando um prato de frutas secas e pão. Ela sorriu para Norah. “É uma carta que você está enviando?”

Ela olhou para o pergaminho dobrado em seus dedos. “Para minha avó.” Ela se perguntou o que Catherine estaria fazendo naquele momento.

“Você sente falta dela?”

Norah fez. “Salara-Mae me lembra dela.”

Vitalia franziu a testa. “Então, não?”

Norah não conseguiu evitar a risada que escapou dela. Ela afastou a tristeza, mesmo que por um momento. O silêncio retornou. “Sinto falta dela. Gostaria que ela entendesse.” Ela inalou, tentando respirar energia de volta para si mesma e mudar sua mente para pensamentos mais leves. “Quero fazer algo diferente hoje.” Ela pensou por um momento. “Você acha que poderíamos ir ao mercado?”

“Duvido que o senhor comandante aprovaria isso.”

Norah deu de ombros. “O senhor comandante não tem voz.” Havia uma liberdade nas palavras. “E eu vou levar uma guarda adequada.”

“Isso parece incrível.” Vitalia sorriu. “Vou buscar sua capa.”

Norah saiu do castelo e respirou a manhã de inverno. Era uma sensação boa. Ela decidiu caminhar pelos jardins a caminho dos portões da frente e sorriu quando viu Bremhad cuidando de um conjunto alto de arbustos.

“Salara”, ele a cumprimentou com uma reverência enquanto ela se aproximava.

“Bom dia, Bremhad.”

Ela olhou para as fileiras de pequenos brotos que tinham sido plantados algumas semanas antes. Eles pareciam estar crescendo. “Eu estava pensando sobre as floreiras sob as janelas do lado de fora do grande salão. No meu santuário, há uma sacada. Você poderia colocar a mesma coisa lá?”

“Claro, Salara. Eu ficaria feliz.”

Ela sorriu. “Obrigada.”

O passo de Norah tinha uma nova mola de vida. Ela sorriu para Vitalia enquanto eles deixavam as muralhas do castelo e vagavam pelo movimentado mercado da cidade. *Finalmente* . A sensação de liberdade era algo que ela ansiava — algo que lhe escapara, mesmo em Mércia. Mas não mais. Ela olhou por cima do ombro para seu guarda atrás dela e viu que Kiran não compartilhava sua mesma alegria. Ela não pôde deixar de se divertir. Ao lado dele estava Bhastian. Ela não o via tanto quanto os outros no Crest. Um homem próximo do senhor comandante, ele assumia tarefas para o bruto frequentemente, sem dúvida espionando-a para ele.

Norah passeou pelas barracas do mercado, olhando para os trabalhos manuais e a arte. Ela não esperava atrair tanta atenção, mas todos os olhos estavam nela. Muitos se curvaram quando ela passou, e alguns sorriram. Ninguém foi indelicado.

“Aqui, experimente isso”, disse Vitalia enquanto estendia uma pequena guloseima vermelha.

Norah colocou na boca e riu da explosão de doçura. “O que *é* isso?”, ela perguntou.

“São doces feitos de frutas da montanha.”

“Eles são deliciosos!”

“Aqui.” Vitalia despejou uma pilha na mão de Norah.

Norah riu enquanto eles andavam. Naquele momento, uma criança correu pela rua de paralelepípedos, mas parou abruptamente quando a viu. Ele olhou para ela, com os olhos arregalados. Ela sorriu e estendeu um dos doces para ele, mas ele apenas ficou congelado. Quando ela pensou que ele não iria pegá-lo, ele o agarrou da mão dela e saiu correndo. Ela olhou para Vitalia com diversão e riu novamente.

Poucos momentos depois, um grupo de crianças chegou, ansiosas para ver a Rainha do Norte que estava distribuindo guloseimas. Bhastian as repreendeu, e elas saíram correndo, mas não sem deixá-la vazia de doces.

“Vejo que você já está ganhando popularidade”, Vitalia disse a ela com um sorriso.

Do outro lado, em uma barraca de mercado maior, Norah notou um lindo tecido transparente e caminhou em sua direção. “O que é isso?”, ela perguntou à mulher na barraca enquanto passava os dedos sobre ele. A mulher respondeu em língua kharaviana.

“Seda de borboleta”, Vitalia disse a ela.

“De borboletas?” Norah perguntou incrédula.

“Do vale.”

“Como compro um pouco?”, ela perguntou à empregada em voz baixa. “Preciso ir buscar dinheiro?”

“Não, Salara. Eles vão atacar o castelo. Pegue o que quiser.”

A mulher sorriu, dobrando os rolos de seda e tagarelando animadamente. Norah nem sabia para que usaria, mas ela descobriria algo. Talvez como um presente para sua avó. De repente, o rosto de Vitalia caiu, e Norah se virou, seguindo seu olhar para o Capitão Artem se aproximando.

"Você não pode estar aqui fora", disse Artem quando a alcançou.

"Isso não é decisão sua."

“Estou encarregado da sua segurança.”

Boa tentativa . “O lorde comandante deve aceitar minhas palavras como as de Salar. Você pode dizer a ele que retornarei quando estiver pronto.”

“Eu não respondo ao lorde comandante. Eu respondo diretamente a Salar.”

Espere , Artem não respondeu ao comandante?

“Sua empregada vai recolher suas coisas,” o capitão disse. “Você vai retornar ao castelo agora.”

“Eu decido o que fazer,” Norah disse a ele, uma raiva crescendo dentro dela. Se ele achava que poderia controlá-la como o lorde comandante havia tentado, ele estava enganado.

“Leve-a de volta ao castelo”, ele ordenou ao guarda, ignorando-a.

"Voltarei quando estiver pronta", ela retrucou, enviando uma onda de tensão pelo ar.

“Salara,” Kiran disse suavemente atrás dela. “Eu devo obedecer.”

Ela soltou um suspiro, tremendo de raiva. Mas o que ela poderia fazer? “Vitalia, pegue a seda. Parece que terminamos as compras para hoje.” Então ela girou nos calcanhares e voltou para o castelo, fervendo de raiva enquanto andava. Ela não viveria assim. Ela era salara, e iria para onde quisesse.

Norah invadiu o castelo e encontrou Mikael na biblioteca.

Ele se levantou da cadeira com uma sobrancelha preocupada quando ela entrou. "Você está bem?"

“Você tem que escolher outro capitão,” ela exigiu. “Ou melhor ainda, eu usarei o meu.”

Ele enrijeceu. “Eu já lidei com meu lorde comandante. Agora você me pede para remover meu capitão do Crest?”

“Estou prisioneiro aqui?”

Sua sobrancelha se abaixou. “Claro que não.”

“Ainda assim, estou sob constante vigilância e comando.”

“Para sua proteção.”

“Não.” Ela balançou a cabeça. Não se tratava de proteção com o capitão e senhor comandante. Era sobre controle. “Aceitei a estipulação de uma guarda adequada. Se eu sou uma prisioneira, então me diga que sou uma prisioneira. Mas se eu sou salara, irei para onde eu quiser; farei o que eu quiser.” Ela segurou o fogo de seu olhar firmemente com o de Mikael. “Eu sou sua prisioneira? Ou sou salara?”

A testa de Mikael se abaixou em preocupação, e ele se aproximou. “Você é salara. Vou falar com Artem.”

Norah estreitou os olhos.

“Eu falarei com ele,” ele disse novamente. “Com uma guarda adequada, você irá aonde quiser e fará o que quiser.”

“Incluindo ir ao mercado?”

Ele fez uma pausa, mas assentiu. “Incluindo ir ao mercado.”

Mas a raiva ainda queimava em sua pele.

Mikael se colocou na frente dela. Ele pegou a mão dela e a puxou para mais perto, gentilmente, como se temesse a fragilidade entre eles.

Como ele deveria.

Mas enquanto o calor dele dançava em sua pele, ela temeu que o que havia entre eles não fosse frágil o suficiente.

Ele puxou a mão dela para os lábios e beijou suavemente as costas dos dedos dela. Algo se agitou dentro dela. Ele estava fazendo mais do que apenas tentar ser civilizado, mais do que simplesmente promover uma aliança. Norah esqueceu do mercado.

“Para onde você vai agora?” ele perguntou.

Para onde ela estava indo?

“Posso acompanhá-lo?”

Ela assentiu.

Em vez de oferecer dessa vez, ele simplesmente puxou a mão dela para baixo da dobra do braço dele e a cobriu com a sua. Então eles saíram para o corredor.

Sua mente parecia retornar enquanto eles andavam. “Gostaria de discutir a tarefa dos meus homens quando eles retornarem de Mércia,” ela disse.

“Seu homem, Titus?”

Surpreendeu-a que ele se lembrasse do seu nome. “Sim, e outros.”

“Vou providenciar para que seus guardas sejam nomeados para o Brasão.”

“Obrigada,” ela respirou, sentindo uma onda de alívio. “Ah, e Caspian é um capitão.” Ela o veria designado apropriadamente para sua patente.

Ele assentiu. “Nós discutiremos sobre ele quando ele estiver curado.”

Isso foi progresso.

“Ouvi dizer que o Urso, seu senhor juiz, está investigando mais ataques às cidades do Norte.”

“Cidades de Mércia e aquelas sob a proteção de Mércia. As mesmas da cidade que vimos.” Ela franziu os lábios em frustração. “Ainda não sabemos quem é o responsável.”

Mikael franziu a testa, e ela se perguntou o que ele estaria pensando. “Você vai me contar o que ele encontrar?” ele perguntou.

"Eu vou."

O músculo ao longo de sua mandíbula se contraiu. “Você vai mandá-lo de volta para o Norte depois que ele retornar?”

Ela assentiu relutantemente. “Eu pretendo”, ela disse.

“Bom.” Seu tom continha uma ponta de irritação, mas seu rosto se iluminou quando seus olhos se encontraram novamente.

Eles caminharam o resto do caminho em silêncio, mas não era um silêncio desconfortável; era o silêncio do conforto retornando. Ele estabeleceu um ritmo lento, parecendo aproveitar o momento, assim como ela. Quando chegaram ao corredor, ele parou. "Para a porta?"

"Claro."

Mas essa distância só lhe deu um piscar de olhos a mais com ele. Na porta, ele se virou para ela. Seus olhos pareciam mais brilhantes do que o normal — mais claros, quase castanhos.

“Devo admitir, quando te dei este santuário, não esperava que fosse onde você ficaria. Temo que me arrependa agora.”

Seu pulso acelerou enquanto uma preocupação se acumulava em seu estômago. Ele tiraria isso dela?

“É um lugar que não posso seguir atrás de você, um lugar que não posso visitar sem seu convite.” Ele fez uma pausa. “Quero que saiba que penso em você… me convidando para entrar. Frequentemente.”

O pulso dela acelerava com cada uma das palavras dele. Ela queria convidá-lo a entrar, mas quando ela abriu a boca, as palavras não saíram. Talvez parecesse muito ousado, muito ousado e muito cedo. Ela não sabia.

“Não posso ficar com você só mais um pouco?” ele perguntou.

Não era uma ideia sensata, ela disse a si mesma, mas ela não estava pronta para se separar dele ainda. "Só mais um pouco", ela se viu dizendo.

Os cantos dos seus lábios se curvaram.

Certamente não foi uma ideia sensata. Ela se repreendeu enquanto abria a porta do santuário e o levava para dentro. Agora ela não conseguiria tirá-lo de lá. Ela o queria para fora?

Norah serviu-se de um cálice de vinho e bebeu profundamente. O vinho ajudaria.

Mikael olhou ao redor do santuário. Ele sorriu enquanto se aproximava. “O que você faz aqui?”, ele perguntou.

Ela pensou em ir para casa, pensou em Alexander, pensou *nele* .

“Leia”, ela respondeu.

Ele se aproximou — perto o suficiente para tocá-la. Seus olhos se moveram para frente e para trás entre os dela, olhando profundamente dentro dela. Ela colocou o cálice no chão. O vinho não estava ajudando.

Mikael levantou a mão e colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha dela. Ela não se afastou. Sua testa franziu. “Salara,” ele disse suavemente. “Eu não sei o que fazer. Eu não sei o que você precisa de mim.”

A vulnerabilidade dele a deixou atordoada. Ela engoliu em seco e olhou para o sofá. “Talvez possamos apenas sentar um pouco?”

Mikael soltou um suspiro e assentiu. Ele deu um passo para trás e sentou-se no sofá, e ela sentou-se ao lado dele. Um silêncio pairava no ar, mas ela não sentia necessidade de

preenchê-lo. Ele descansou o braço entre eles, com a mão aberta e a palma para cima. Um convite.

Norah colocou a mão sobre a dele, e ele fechou os dedos em volta dela. Ele estava pedindo por proximidade. Ela se acomodou contra ele e deitou a cabeça em seu ombro — sua resposta silenciosa.



Capítulo quarenta e nove

Norah acordou sob os raios do sol da manhã, deitada contra Mikael com os braços dele ao redor dela. Eles ainda estavam no sofá. Era fim de tarde quando eles chegaram ao santuário. Eles realmente dormiram durante a noite e a noite?

Ela se deixou aninhar no calor do corpo dele. Ele cheirava a pertencimento — algo que ela não sentia desde... nunca. Em nenhum lugar.

Mikael se mexeu, envolvendo os braços mais apertados em volta dela e puxando-a para perto. “Eu não esperava ter tanta sorte de acordar ao seu lado,” ele disse.

“Eu também não esperava”, ela admitiu. “Quando você acordou?”

“No meio da noite.”

Ela se levantou abruptamente. Ele estava acordado desde o meio da noite?

“Eu não queria te acordar. Eu não queria…” Seus olhos estavam brilhantes. “Eu não queria ir embora.”

Seu estômago revirou. “Eu não teria feito você ir embora.”

Ele sorriu enquanto afastava uma mecha do cabelo dela sobre o ombro e passava os dedos sobre a bochecha dela. “Mas já é de manhã, e eu tenho que sair por alguns dias para acertar negócios com algumas das tribos dos Cavaleiros. Quando eu voltar, eu gostaria de... conversar mais. Passar mais tempo juntos.”

“Eu gostaria disso.” Ela precisava disso.

“O lorde comandante virá comigo”, ele disse a ela. “Então ele não será um incômodo para você.”

Não havia como esconder seu alívio. “Fico feliz em ouvir.”

“Salara, eu sei que ele é um homem difícil de entender. Mas espero que você consiga. Eventualmente.”

Ela entendeu o comandante perfeitamente.

Ele segurou o rosto dela com a mão. “Eu confio nele acima de todos os outros. Ele sabe que você é importante para mim, e ele é leal. Eu sei que você não acredita nisso, mas ele será leal a você também.”

Ele estava certo — ela não acreditava nisso. “Eu vou me manter ocupada enquanto você estiver fora,” ela disse, mudando o assunto do comandante.

Ele sorriu. Então sua testa franziu levemente.

"O que?"

“Tenho algo para você”, ele disse. “Venha comigo.”

Ele a puxou do sofá e a levou para fora do santuário, em direção aos fundos do castelo.

“Para onde estamos indo?” ela perguntou.

“Um lugar que eu acho que você vai gostar.” Ele a levou por vários corredores, do lado de fora dos fundos do castelo, acenando para o guarda do Brasão ficar lá dentro. Ela não conseguiu evitar a agitação de excitação em seu estômago. Ela o deixou levá-la, de mãos dadas, por um pequeno barranco e em direção a um edifício de pedra. Mikael abriu a porta de madeira entalhada e a levou para dentro, e a respiração de Norah ficou presa em seu peito.

Não era um simples edifício de pedra. Uma vez através da porta, a sala se abria para um conservatório de jardim. O sol da manhã se derramava através da parede de janelas no lado oposto, beijando a vegetação que o preenchia.

Em admiração, Norah juntou as mãos, caminhando lentamente para o centro do conservatório. “Que lugar é esse?” ela sussurrou.

“Minha avó era de Jafé. Mas quando ela veio para Kharav, ela foi tomada pela doença da saudade. Meu avô construiu isso para ela.”

“A doença da saudade?”

“A doença de querer o próprio lar”, ele respondeu. “Estávamos em guerra naquela época. Ela não podia retornar. Meu avô construiu este lugar para abrigar o verde do Vale Colorido de Jafé. Ele e alguns de seus melhores soldados entraram furtivamente em Jafé e roubaram verduras dos jardins reais para trazer para cá.”

“Isso é incrível”, ela suspirou.

“Sim, é.” Ele deu um pequeno sorriso.

“Isso tirou a saudade?” ela perguntou.

“Provavelmente não totalmente, mas ela tinha um grande amor por isso e era feliz.”

Norah respirou fundo, fechando os olhos e deixando que os aromas e a luz a levassem.

“Você está com a doença da saudade?” ele perguntou suavemente.

Ela sentia falta de Mercia, mas saudade? Não era tão profundo. O estômago de Norah deu um nó, e a culpa apertou seu coração. Ela ainda não tinha contado a ele que havia perdido suas memórias. Ela não tinha contado a ele quando ele perguntou onde ela tinha estado nos anos em que esteve fora. E ele não a pressionou mais. Talvez ele sentisse que ela não queria contar a ele.

“Não posso lhe trazer o Norte — seus penhascos, suas rochas, seu inverno”, ele disse enquanto arrancava uma flor do pequeno arbusto ao lado dela e se aproximava, “mas este lugar não é Kharav.” Ele estendeu a flor para ela. “E talvez você possa vir aqui em vez do seu santuário. Aqui, onde eu poderia visitá-la.”

Norah sentiu uma onda de emoção com a ternura dele. Ela pegou a flor da mão dele e respirou sua doce fragrância. “É lindo,” ela disse.

Ele sorriu. “Você também.”

“Mikael, tem uma coisa que preciso te contar.” Ela girou a pequena flor entre os dedos. “Você uma vez me perguntou onde eu estava durante aqueles anos em que estive fora de Mércia.”

Ele ficou em silêncio, esperando.

“A verdade é que eu não sei. Minhas memórias foram tiradas no tempo em que eu estava perdido. Eu, hum… ainda estou tentando descobrir quem eu sou.”

Sua testa se abaixou e seus lábios se separaram. Mas ele não falou.

As palavras simplesmente saíram dela. “Não sei o que aconteceu. A única coisa que me lembro é de acordar na Natureza. Por algum milagre, fui encontrada, mas então me tornei rainha da Mércia, prometida ao Rei Phillip, e era esperada para guerrear contra um inimigo — *você* — todos os quais eu não conhecia.”

Ele permaneceu em silêncio, e o pulso dela acelerou. Ela deveria ter contado a ele antes. Ela queria fazer esse casamento dar certo — não apenas o casamento, mas o que quer que estivesse crescendo entre eles — e ela não queria segredos.

“Todos esperavam todas essas coisas de mim. Ainda há expectativas.” Ela respirou fundo. “Mas eu não sei o que fazer. Não sei o que quero. Estou apenas tentando descobrir as coisas conforme vou. E tudo o que tenho é como me sinto.”

Ele apenas olhou para ela, e ela se encolheu por dentro, implorando silenciosamente para que ele dissesse alguma coisa.

Qualquer coisa.

Ele soltou um longo suspiro e pegou a mão dela. O coração dela batia mais rápido.

"Talvez seja tudo o que você precisa", ele disse finalmente, e deu um pequeno sorriso. "Salara, a mulher que eu vejo sabe exatamente quem ela é e o que ela quer."

As palavras dele a surpreenderam. "Você não está chateada por eu não ter te contado?"

Mikael balançou a cabeça. "Estou percebendo minha sorte. Se você não tivesse perdido suas memórias, duvido seriamente que você teria se casado comigo."

A percepção a atingiu, que ele poderia estar certo. "Todo esse tempo, eu pensei que era uma maldição. Mas agora, eu me pergunto se tem sido uma bênção, para me ajudar a ver emoções passadas que de outra forma teriam nublado meu julgamento." Ela levantou os olhos para ele. "Eu não quero segredos entre nós. Não quando eu sinto por você do jeito que eu sinto agora."

Ele a puxou para mais perto enquanto estendia a mão e acariciava seu rosto, olhando para ela. "E como você se sente?", ele perguntou.

Norah engoliu em seco. Por que ela não conseguia dizer isso?

"Espero que seja o mesmo que sinto por você", ele disse suavemente.

"Você pode me beijar agora", ela sussurrou.

Ele sorriu e aproximou seus lábios dos dela.



O sol lançava um calor enganoso através das janelas enquanto Soren caminhava pelo corredor lateral do castelo, em direção à câmara do rei. Ele esperava Mikael ao amanhecer no estábulo. Eles deveriam cavalgar até as tribos menores de Cavaleiros dos Shoen para renovar seus acordos, mas Mikael não tinha vindo.

Quando chegou ao quarto do rei, ficou surpreso ao encontrá-lo vazio, com apenas o servo de Mikael.

"Onde está Salar?" ele perguntou.

Vimal fez uma pequena reverência. "Ele se juntou a Salara ontem à noite em seu santuário, meu senhor. Ele ainda não retornou."

Soren se irritou. Ele se virou e caminhou de volta para fora da câmara, pelo corredor e pelo castelo, em direção ao santuário da Rainha do Norte. Quando ele virou a esquina, se aproximando do salão dela, apenas uma sentinela estava de guarda, não sua guarda de Crest. Ele diminuiu o passo; ela não estava lá.

Ele permaneceu na seção transversal por um momento, então se virou e saiu pelo caminho que tinha vindo. Ele se perguntou onde poderia encontrar Salar agora. Mikael já havia deixado a rainha e o santuário, mas não havia voltado para sua câmara.

Enquanto ele cruzava o centro do castelo e se dirigia para o refeitório, algo chamou sua atenção. Dois soldados da guarda do Brasão da rainha estavam no final de um corredor nos fundos do castelo, perto de uma porta que dava para fora. Por que a rainha estaria lá fora? E sem sua guarda? Ele caminhou em direção a eles. "Onde está a Rainha do Norte?", ele gritou.

“No conservatório”, respondeu Bhastian.

“Sem vocês?”, ele perguntou com raiva, mas não lhes deu oportunidade de responder enquanto empurrava as portas e saía. Ele seguiu o curto caminho até o conservatório, mas quando chegou ao degrau da frente, ele parou. Pela vidraça lateral, ele viu a Rainha do Norte. *E Mikael* .

A rainha estava de costas para a parede de pedra. Mikael segurou seu rosto em suas mãos, embalando-a enquanto sua boca cobria a dela.

Uma queimadura arrepiante percorreu sua pele e seu peito, então afundou como um peso em seu estômago. Não foi o beijo. Foi o que o beijo significou.

Ele contornou o canto externo do castelo, fora da vista do conservatório, e recostou-se no exterior de pedra.

Soren respirou fundo e se forçou a soltar o ar. Ele tinha visto o rei com outras mulheres, com suas esposas anteriores, mas esses casamentos tinham sido motivados por ganhos políticos e significavam muito pouco. Mikael nunca amou ninguém. Até agora. E isso era perigoso — amar a Rainha do Norte. A única ameaça a ele. Mikael acolheu seu destino.

Soren queria tanto sangue que podia sentir o gosto na língua. Ele colocou a mão na adaga novamente, enrolando os dedos ao redor do punho para acalmar sua fúria. Mas não havia como acalmar.



“Eu não quero te deixar,” Mikael disse suavemente enquanto se afastava dos lábios de Norah. “Mas eu já deixei o lorde comandante esperando tempo demais.”

Norah também não queria que ele fosse embora, mas ela entendeu. Ela lhe deu um sorriso. “Vá em frente, então.”

“Voltarei em quatro dias.”

Ela assentiu.

“Adeus, Salara,” ele sussurrou, e a beijou mais uma vez. Então ele saiu pela porta e foi em direção ao castelo, deixando-a sozinha no silêncio.

Norah esperou um momento, sua mente em uma névoa. Ela levou os dedos aos lábios. Ela nunca tinha imaginado essa vida. Mikael tinha despertado um sentimento dentro dela que ela lutava para aceitar. Não era mais apenas um casamento por uma aliança. Ela queria estar com ele. Norah sorriu para si mesma enquanto saía do conservatório, voltando para o castelo.

Ela quase não sentiu a lâmina quando ela mergulhou em sua barriga.

A segunda facada veio em um instante, derramando um rastro de sangue no chão. O sangue *dela* . Ela agarrou o estômago enquanto o calor vermelho saturava a frente do vestido.

Norah cambaleou para trás. O que estava acontecendo? Suas pernas pareciam não ser suas, e elas dobraram sob seu peso. Ela tentou se segurar enquanto caía, mas não conseguia sentir seus braços. Ela estava deitada no chão, olhando para o céu. Estava tão cinza. Nenhuma nuvem, apenas cinza. Ela piscou enquanto escurecia.

“Onde está a luz?” ela perguntou às mãos que a agarraram.

Mas só veio escuridão.



Capítulo cinquenta

S oren ouviu a porta do conservatório abrir e espiou pela parede para ver Mikael saindo, deixando a rainha lá dentro e indo em direção aos estábulos. Ele se recostou na pedra no recesso e esperou. O rei estaria procurando por ele agora.

Ele agarrou a adaga ao seu lado. Sangue o acalmou. Sangue criou medo, e medo lhe deu controle. Mas ele não estava no controle agora, e nenhuma quantidade de sangue resolveria isso.

Sua pele queimava de ódio. A Batalha de Bahoul parecia ter ocorrido há uma vida, mas quando ele pensou em tudo que havia perdido, tudo que os nórdicos haviam tirado dele, era como se tivesse acontecido ontem. Sua mãe, seu irmão, sua irmã. Seu pai. Sua terra. Agora, ter a Rainha do Norte em Kharav, como sua salara... isso ele não conseguia aceitar. E Salar havia mudado. Ele viu — o amor de Mikael por ela.

Mas Mikael se recusou a ver essa loucura. Mesmo com as visões que previam sua queda, ele escolheu a Rainha do Norte. E ele deu a ela tudo o que ela pediu, tudo o que ele pensou que ela queria. Ele até protegeu o Urso, o homem que traria seu próprio fim, tudo porque ela pediu isso a ele.

Ele observou sua respiração no ar de inverno. Quando ouviu a porta do conservatório abrir novamente, ele sabia que era a rainha. Ele demorou, esperando que ela voltasse para o castelo. Ele também preferia não encará-la. Mas não foi o som das portas do castelo que ele ouviu enquanto esperava a rainha entrar. Passos soaram — alguém correndo. Ele espiou pela esquina novamente e viu um homem fugindo pelo conservatório e para o meio das árvores atrás.

Então ele viu a rainha.

Algo estava errado.

Ela se levantou, olhando para baixo. De seu estômago, sangue escorria pelo tecido de seu vestido até o chão abaixo. Ela olhou para suas mãos, balançando. Então ela cambaleou para frente e desabou.

“Bhastian!” Soren trovejou enquanto corria para o lado dela. Ele caiu de joelhos ao lado dela, cobrindo sua barriga com as mãos para estancar o sangramento. Bhastian e outro guarda Crest atravessaram as portas ao seu chamado e olharam para ele alarmados.

“Um homem!” ele gritou para eles. “Ele foi para a floresta. Vão!”

Eles correram atrás.

“North Queen,” ele disse, sua preocupação aumentando. “North Queen!” Mas ela não respondeu. Ele a puxou para seus braços e a carregou para dentro do castelo. “Healer!” ele berrou, atraindo outra onda de guardas. “Peguem o healer! E Salar!”

Ele carregou a rainha pelo corredor e subiu as escadas, em direção ao santuário dela. A criada da rainha o encontrou na metade do caminho e engasgou quando os viu. Então ela se virou e correu na frente para preparar o quarto.

Soren entrou no quarto, cuidadosamente trazendo-a pela porta, e deitou-a na cama. O sangue dela o cobriu, escorrendo por seu estômago e encharcando suas calças, que agora grudavam em sua pele. Ele pressionou as mãos de volta sobre o estômago dela para diminuir o fluxo.

“Rainha do Norte!” ele a chamou novamente. Ele pressionou seus ferimentos com uma mão enquanto verificava seu pulso com a outra. Seu coração ainda batia, mas fracamente. Ele apertou o ferimento com mais força. Nunca pensou que desejaria que a Rainha do Norte vivesse.

Pareceu levar uma eternidade para o healer chegar. Ele estava sem fôlego por causa da corrida e começou a olhar o corpo da rainha, medindo a extensão de seus ferimentos.

“Você é cego?” Soren retrucou. Foda-se os quatro reinos — esse healer precisaria de um healer próprio se não conseguisse.

“Eu vejo, eu vejo”, o curandeiro disse rapidamente, e tirou algumas tesouras de sua bolsa. Ele cortou rapidamente o vestido.

Mikael entrou trovejando na sala, seus olhos arregalados e seu rosto marcado pelo horror. Ao ver a rainha, seu rosto se contorceu de raiva, e seus olhos queimaram. Ele correu para o lado dela. "O que aconteceu?", ele se enfureceu.

“Ela foi atacada”, Soren contou a ele. “Fora do conservatório.”

“Quem foi?”

Soren balançou a cabeça, ainda pressionando o estômago da rainha. “Eu não vi. Bhastian e o Crest estão atrás dele.”

O curandeiro deu um passo ao lado de Soren e fez sinal para que ele afrouxasse o aperto. Soren olhou para ele com ceticismo, então levantou as mãos e deu um passo para trás. Sangue vazou dos ferimentos novamente, e o curandeiro rapidamente os cobriu e reaplicou pressão. Ele murmurou algumas palavras ininteligíveis para seu assistente, que cavou em sua mochila em busca de mais ferramentas. A agitação de Soren aumentou. Se esse curandeiro a deixasse morrer ...

“O que houve?” Mikael incitou o velho do outro lado da cama. “Quão ruim é?”

O curandeiro balançou a cabeça. “Ferimentos no abdômen são extremamente perigosos. Posso costurá-la, mas não tenho como saber o dano interno.”

“Ela viverá?”

“Não sei”, respondeu o velho.

As narinas de Mikael dilataram-se. “É melhor ela ir, ou você vai se juntar a ela.” Ele afundou ao lado da Rainha do Norte enquanto a curandeira trabalhava, seus dedos em sua bochecha. Ele olhou para Soren, seus olhos vermelhos. “Irmão,” ele disse roucamente. “Traga-me o homem que fez isso.”

A emoção de Mikael por essa mulher o esfaqueou. Mas ele deu um aceno firme e se voltou para sua missão. Havia um homem em Kharav que pensava que poderia tomar o que pertencia a Salar. E Soren o veria morto.



Capítulo cinquenta e um

O trovão dos cavalos galopando sacudiu o chão enquanto Alexander cavalgava pelos portões do castelo escuro das Terras Sombrias, cercado por soldados das Sombras. Ele havia forçado o ritmo forte ao retornar. Eles diminuíram o ritmo apenas para descansar seus cavalos e dormir por um curto período a cada noite, mas Alexander não dormiu. Quando os soldados das Sombras o encontraram, eles disseram apenas que Norah havia se machucado, nada mais. Foi esse desconhecido que o pressionou mais.

Parte dele se perguntava se Norah não estaria ferida. Talvez fosse um estratagema para atraí-lo de volta para o domínio do inimigo. Não importava. Ele viria.

Ele levou sua montaria para além do pátio e subiu as escadas até as portas com barras de ferro, sem esperar até que seu cavalo parasse antes de deslizar para o chão. Soldados das sombras deixaram suas montarias no pátio, mas o seguiram enquanto ele entrava no castelo e subia as escadas em direção ao santuário de Norah. Quando ele chegou à alcova da porta, uma espada se ergueu para encontrá-lo, sua ponta atingindo logo acima de sua couraça em sua garganta, parando-o em seu caminho.

Em seu punho—o Destruidor.

O homem de olhos escuros, uma fera, empurrou-o de volta para o corredor com a ponta da lâmina.

“Eu quero vê-la”, exigiu Alexander.

Uma vibração profunda veio do peito do Destruidor — uma risada. "Tenho certeza que sim." Seu rosto estava coberto, mas seus olhos ardiam de ódio. "Eu sabia que você viria."

Alexander deu um passo para trás e colocou a mão no punho da própria espada. Por um momento, ele ousou sentir a menor esperança — talvez fosse uma armadilha, e Norah não estivesse ferida. “Onde ela está?”

“Deixe-o entrar”, a voz do Rei das Sombras chamou de dentro de seu santuário.

Os olhos do Destruidor escureceram através da fenda de seu manto. Ele deixou cair a ponta de sua espada e deu um passo relutante para trás.

A respiração de Alexander tremeu. Isso não era um estratagema do Destruidor, e agora ele desejava mais do que tudo que tivesse sido. Norah tinha sido ferida. Ela estava dentro de sua câmara? Por que não foi a voz dela que o chamou?

Alexander passou por ele e entrou no quarto, onde o rei estava de pé ao pé da cama. No centro, Norah estava tão pálida quanto a lua. Suas bochechas não tinham a cor de seu espírito — não tinham a cor da vida.

O medo o dominou. Seu coração caiu como uma pedra em seu peito. Ele se esqueceu do rei; ele se esqueceu das Terras Sombrias. Elas não importavam mais. Se Norah se fosse, nada mais importava.

Alexander moveu-se para a beira da cama, sua alma fria, o desespero se contorcendo dentro dele. Sua mão tremeu quando ele estendeu a mão e roçou a parte inferior da bochecha dela. Ele virou o rosto dela em sua direção. A mais fraca das respirações sussurrou em sua palma, e isso o inundou de emoção.

Ela estava viva .

Ele piscou para conter as lágrimas que brotavam em seus olhos enquanto se abaixava ao lado dela. "Norah", ele sussurrou. Mas ela não respondeu. "Estou aqui." Ele colocou a mão em concha contra a bochecha dela, implorando silenciosamente para que ela abrisse os olhos. Mas ela apenas estava à beira da morte sob seu toque. "Norah", ele sussurrou novamente entre os dentes. Sua respiração tremeu e seus olhos marejaram. "Volte para mim." Ele puxou a mão dela para seus lábios e beijou seus dedos.

Sua pele queimava com o fogo da febre, e sua testa estava úmida; um pano e uma bacia repousavam sobre uma pequena mesa ao lado da cama. Ele levou a mão de volta ao rosto dela e deixou seu polegar roçar seus lábios. Uma pomada leve os cobriu, evitando que a pele rachasse. Seu cabelo estava limpo e escovado, e um cobertor estava sobre ela. Ela estava sendo cuidada. Mas não era o suficiente.

De repente, ele estava ciente dos olhos do rei sobre ele. Ele havia se revelado — seu coração — mas estava bravo demais para se importar.

Se Norah morresse…

O olhar do rei ainda estava nele. Alexandre se endireitou e se levantou, e sua raiva cresceu para uma fúria. Uma fúria avassaladora. Ele mataria esse rei — por tudo o que ele tinha feito, mas especialmente por isso. Ele o mataria.

Agora.

Alexander arrancou sua espada. O Destruidor avançou, mas com uma raiva cega, Alexander o chutou de volta contra a porta. Então ele foi para o Rei das Sombras. O rei estava sem espada, mas ele bloqueou o ataque de Alexander com a armadura de seu antebraço. Alexander o jogou de volta contra a parede e varreu sua espada para seu pescoço, mas em troca, Alexander sentiu a ponta da adaga do rei na sua. Ambos ficaram com suas lâminas na garganta um do outro.

“Você deveria mantê-la segura!” Alexander fervia. “Este é o seu reino. Ela está sob seus cuidados. Isto é obra sua!”

Na escuridão dos olhos do Rei das Sombras, girava uma emoção que Alexander não conseguia ler. Tristeza? Culpa? Vergonha? Ele deveria sentir todas essas coisas. E agora ele sentiria a morte. Mas antes que Alexander o matasse, ele tinha que saber. "O que aconteceu?", ele exigiu.

Ainda assim, o rei não respondeu.

Alexander mostrou os dentes, sua raiva crescendo. “O que aconteceu?” ele exigiu.

“Alexander,” veio um sussurro fraco atrás dele. Ele sacudiu a cabeça de volta para Norah, esquecendo-se do rei.

Sua cabeça se moveu fracamente, mas seus olhos permaneceram fechados. Ela inalou profundamente, estremecendo.

Alexander soltou o rei e voltou para o lado dela em um instante, pegando a mão dela e puxando-a para sua bochecha. “Estou aqui,” ele disse.

O Rei das Sombras foi para o outro lado.

Suas pálpebras se abriram, fracamente. Então ela viu Alexander. "Você voltou", ela disse com a mais fraca das respirações. Seu rosto continha apenas o sussurro de um sorriso, mas iluminou o quarto.

Ele assentiu. “Eu vim assim que ouvi.”

Ela piscou lentamente. “O que aconteceu?”

“Você foi atacada”, o Rei das Sombras disse a ela.

Atacado . A raiva de Alexander retornou, mas a voz de Norah o deteve antes que ele falasse.

“Tem água?” ela perguntou.

Os olhos do rei passaram por Alexander, e Alexander se virou para ver uma mesa nos fundos da sala, atrás do Destruidor, onde havia um jarro e um copo. A fera de um homem

ainda estava de pé com sua espada na mão, pronto para uma luta. Finalmente, ele se virou com um estrondo de protesto e despejou a água. Ele olhou para Alexander com desprezo sombrio antes de relutantemente se aproximar dele e lhe entregar o copo.

O rei colocou um braço atrás de Norah e a ajudou a se sentar, enviando uma onda de fogo através de Alexander. Mas ele se ajoelhou ao lado dela e segurou a água em seus lábios. Ela tomou alguns goles, tossindo no meio e estremecendo novamente de dor.

"Fácil", Alexander disse a ela.

Ela tomou mais alguns goles, mais cuidadosa dessa vez. Quando ela se encheu, o rei a deitou de costas contra os travesseiros na cama. Alexander estendeu o copo de volta para o Destruidor, que o olhou com um olhar assassino por baixo do xale. Mas ele pegou o copo e o colocou de volta na mesa.

"Quem fez isso?", Alexandre perguntou ao rei. Ele os mataria também.

O rei ficou em silêncio.

"Você ao menos o tem?", ele perguntou com raiva. "O homem responsável?"

"É claro que o temos", disse o rei defensivamente, finalmente falando.

"Quem é?" ele perguntou novamente.

"O irmão de uma das minhas esposas anteriores."

Esposas anteriores ? Como alguém tem esposas anteriores? Seus olhos brilharam para o rei.

"Vingando sua honra, sem dúvida," Norah disse fracamente. "A honra de sua família. Eles foram humilhados com as anulações."

Anulações? O rei teve outros casamentos? Alexandre olhou para ele com uma fúria acusadora. Tudo isso era culpa dele — tudo o que tinha acontecido. Ele olhou de volta para Norah. Sua simpatia, sua compaixão, sua compreensão — elas sempre o surpreenderam, mesmo agora, enquanto ela estava perto da morte. Mas ele não conseguia encontrar compaixão dentro de si pelo atacante ou por este rei.

"Quero falar com ele", ela disse. Sua voz saiu quase como um sussurro, mas ainda assim conseguiu pegá-los todos de surpresa.

"Essa não é uma ideia sensata", disse o rei a ela.

"Ele tentou te matar", Alexander acrescentou ao argumento. "O que há para dizer?"

Norah virou a cabeça para o rei. "Quero falar com ele", ela disse novamente.

"Sua febre nem passou", respondeu o rei. "Você precisa descansar e se curar antes de fazer qualquer coisa." Por mais que odiasse, Alexander assentiu em concordância com ele.

Ela engoliu em seco, lutando com as palavras. “Prometa-me que me deixará falar com ele, que não o matará.”

O rosto do Rei das Sombras permaneceu duro e desaprovador. “Descanse,” ele disse, “e eu lhe dou minha palavra de que não o matarei antes que você fale com ele.”

Norah assentiu levemente e recostou-se, fechando os olhos para dormir novamente.



Os dias passaram, e Norah finalmente se viu capaz de se sentar sem ajuda. Ela não se lembrava do ataque e, pela primeira vez, estava grata. Sua pele estava se curando, mas uma dor interna ainda persistia. Ela renunciou à bebida de ervas oferecida pelo curandeiro para aliviá-la. Havia algo entre Alexandre e o rei, uma nova animosidade, e ela não queria a névoa de analgésicos enquanto tentava entender o que estava acontecendo.

Mikael sentava-se com ela frequentemente, sem falar muito, mas sua presença a acalmava. Ele lhe trazia livros e qualquer outra coisa que pudesse pensar que pudesse ajudá-la a passar o tempo.

O ar fresco da manhã pairava ao redor dela enquanto ela se sentava na cama para mais um dia. Vitalia trouxe uma bandeja de café da manhã enquanto Mikael ocupava o que se tornara seu lugar regular na cadeira de cabeceira.

“Como está Salara-Mae?” ela perguntou a ele.

Ele balançou a cabeça para trás em leve surpresa. “Ela estava preocupada com você.”

Norah tentou não se mover enquanto uma risada escapou dela.

“Acho que ela está secretamente começando a gostar de você”, ele disse.

“Ela gosta mais de mim do que do senhor comandante.”

Ele assentiu. “É isso que ela faz.”

“Por que ela não gosta tanto dele?” Essa era uma pergunta boba, talvez. Não havia qualidades redentoras no bruto. Bem pelo contrário. Mas o comandante era ferozmente leal ao rei — o havia salvado, protegido — como uma mãe poderia não apreciar isso?

“Eu não sei. Ela sempre teve. Desde o momento em que o viu.”

Uma batida sacudiu a porta e Alexander entrou. Mikael enrijeceu-se.

“Lorde Justiça,” ela cumprimentou. A presença dele em Kharav trouxe uma tensão espessa, mas ela ainda não conseguia evitar sua felicidade cada vez que o via.

“Rainha Norah.” Ele não reconheceu o rei. “Vim ver se você precisa de alguma coisa. Ou se você quer escrever uma carta. Estou mandando uma mensagem de volta para Mércia com notícias de sua saúde.”

“Sim, eu gostaria de escrever uma carta.” Ela se moveu com um sobressalto. “Eu esqueci completamente. E as cidades que você foi investigar? Você encontrou alguma coisa? Quem as atacou?”

Alexander balançou a cabeça. “Não encontramos nada. Só o rescaldo. Quem quer que tenha sido, é como se tivesse desaparecido.”

Suas palavras despertaram o interesse de Mikael. “Onde foi isso?”, perguntou o rei.

Alexander olhou para ele como se detestasse a ideia de falar palavras para ele. “A leste de Bahoul.”

Mikael olhou para Norah. “Não muito longe da cidade que vimos destruída. Os mesmos criminosos, sem dúvida.”

Norah sentiu o estômago revirar ao lembrar.

“Você não encontrou nada?” Mikael perguntou a Alexander.

“O mesmo que você, eu acredito”, ele respondeu friamente, mas havia uma faca nisso.

O rei sentou-se calmamente, mas suas narinas dilataram-se. “Você realmente esperava que eu investigasse adequadamente um ataque contra o Norte enquanto eu lançava o meu próprio?”

“E agora que você é casado com a rainha de Mércia?” A voz de Alexander tinha um ar gélido. “Você se importa? Ou sua proteção de Mércia é a mesma que sua proteção da rainha dela?”

Mikael se irritou e se levantou.

“Estou pronta para falar com ele”, Norah disse, desviando a atenção deles da discussão e um do outro. “O homem que me atacou. Quero vê-lo.”

Ambos os homens olharam para ela.

Mikael levantou-se. “Vou executá-lo.”

O olhar de Alexandre se voltou para o rei com a mesma surpresa que o de Norah, embora ele não tenha se oposto.

Mas não foi isso que Mikael havia prometido. “Você disse que eu poderia falar com ele”, ela disse, frustrada.

“É por isso que ainda não cortei a cabeça dele.”

“Ele *me atacou* , e é *a mim* que ele deve responder.”

“Mas você vai fazê-lo responder?” Mikael perguntou, seus olhos queimando. “Você vai puni-lo, Salara?”

Norah olhou para o forro do cobertor enquanto o pregueava entre os dedos. Punir alguém seria difícil para ela, independentemente do crime. “Quando posso vê-lo?”

“Assim que você estiver bem o suficiente.”

“Estou bem agora.”

Os lábios de Mikael se estreitaram, então ele deu um aceno relutante. “Então você pode vê-lo no pátio, antes que ele seja executado.”

Ele forçaria a mão dela. Ela olhou para Alexander, mas ainda não havia objeção em seu rosto.

O nó no estômago de Norah cresceu. Ela precisava ver seu agressor, olhar em seus olhos, ouvir sua defesa se ele se incomodasse em dar uma. Ela não tinha certeza se poderia executá-lo, mas se não o fizesse, Mikael o faria. Ele a acharia fraca? E quanto ao povo de Kharav?

E o que ela pensaria de si mesma?



Bhastian empurrou Norah em uma cadeira de rodas para fora, para o pátio. Vitalia andou ao lado dela, seguida pelo resto da guarda de Norah. Mikael precisava de mais deles agora — um exército em todos os lugares que ela ia. Eles estavam sufocando, mas não era hora de reclamar da guarda dela. As coisas voltariam ao normal eventualmente.

O sol estava baixo, perto do horizonte, derramando cores de sangue pelo céu. Adequado. Uma multidão se reuniu à frente no pátio, e isso embrulhou seu estômago. “Pare aqui”, ela disse.

Bhastian parou a cadeira. “Está tudo bem?”

“Ajude-me a levantar”, ela disse a Vitalia. “Quero andar o resto do caminho.”

“Salara,” sua empregada protestou. “Você ainda está se curando.”

“Eu disse para me ajudar a levantar.”

Sua criada suspirou em desaprovação, mas se aproximou para ajudá-la, como lhe foi ordenado.

“Deixe-me”, Bhastian disse, avançando e gentilmente colocando as mãos sob os braços dela para ajudá-la a se levantar. Ela não queria a ajuda dele. Ele era leal ao comandante, era

alguém em quem o bruto confiava, o que significava que ela não podia confiar *nele* . Mas ela precisava da ajuda.

Norah estremeceu de dor, forçando-se a inspirar e expirar até que a dor diminuísse.

“Salara”, ele disse enquanto contornava a cadeira para ficar ao lado dela, tentando encorajá-la a abandonar seu esforço.

“Só me dê seu braço”, ela ofegou.

Bhastian olhou ao redor, claramente infeliz com a decisão dela, mas estendeu o braço para apoio. Ela passou a mão por ele, se firmando.

Cuidadosamente, eles continuaram em frente, de braços dados, sem pressa.

A multidão se abriu quando eles se aproximaram. Ela avistou Alexander. Seu rosto estava cheio de desaprovação. Ele começou a avançar para encontrá-la, mas ela balançou a cabeça para detê-lo. Mikael lançou-lhe um olhar de objeção também, mas não disse nada. Mais do que ninguém, ele sabia a importância da percepção de força com poder.

O agressor estava de joelhos, com os braços amarrados atrás das costas. O que ela não esperava ver eram outros com ele — uma mulher, um menino e um casal mais velho. A mulher mais jovem chorou. Norah olhou para ela mais de perto. Ela conhecia essa mulher.

Era uma das esposas anteriores de Mikael.

Norah a tinha visto na celebração quando chegou a Kharav, só que Norah não sabia quem ela era na época. Ela suspeitava que o homem e a mulher mais velhos fossem seus pais, e o garoto um irmão mais novo talvez. Todos eles se ajoelharam, amarrados, com suas cabeças baixas. Por que eles estavam ali?

Norah olhou para Mikael consternada. “Qual é o significado disto?” ela exigiu.

Ele não disse nada, mas seus olhos estavam escuros, suas intenções escritas em cada vinco de seu rosto. Ele iria executar *todas elas* . Uma onda de horror a inundou.

“North Queen,” seu agressor gritou para ela. “Eu imploro. Por favor, poupe minha família! Myral. Minha mãe, meu pai, meu irmão. Eles não tiveram nada a ver com o que eu fiz. Eu agi sozinha. Por favor!”

Norah se viu agarrada a Bhastian enquanto os olhava boquiaberta. *Myral* . Sim. Esse era o nome da mulher.

“Rainha do Norte”, gritou Myral. “Eu falei palavras duras contra você. Mas meus pais e meu irmão mais novo são inocentes.” A mulher engoliu um soluço. “Por favor, poupe-os!”

Norah só conseguia encarar a mulher. O nó na garganta sufocava sua voz. Norah havia exigido as anulações. Ela era a forasteira que tinha vindo e afastado as esposas de uma vida

que elas conheciam, uma vida de status e privilégio. Como ela poderia culpar essa mulher apenas por falar contra ela?

“Por favor, Rainha do Norte”, implorou seu agressor, e ela voltou os olhos para ele.

Mikael deu um passo à frente, parecendo crescer ainda mais enquanto se preparava para dar seu julgamento. Seu coração martelava em seu peito. Ele iria matá-los.

Ela soltou o braço de Bhastian e se forçou a ficar de pé sozinha. “Eu não sou a Rainha do Norte,” ela gritou. “Eu sou Salara.”

Mikael parou e ela sentiu a atenção dele nela.

Seu agressor assentiu desesperadamente. “Sim, claro, Salara.”

“Qual é o seu nome?” ela perguntou a ele.

“Amet, Salara”, ele disse rapidamente.

“E você tentou vingar sua irmã?”

Amet lutou contra as lágrimas e assentiu. “Sim, Salara”, ele disse. “Para vingar a desonra da minha família.”

“É você que desonra sua família, atacando sua salara, e sem a decência de um desafio.” Ela fez uma pausa, incapaz de dizer as palavras, incapaz de falar sobre seu destino. Mas ela tinha que fazer isso. “Eu não posso deixar você viver,” ela conseguiu dizer.

O homem assentiu, chorando.

Rapidamente , ela disse a si mesma. Ela precisava ser rápida para salvar o resto deles. Seus olhos se moveram de volta para Myral. "Mas você. Eu perdoo suas palavras, e não buscarei mais justiça, contra você ou sua família."

Amet e sua irmã ficaram aliviados e choraram de gratidão.

Norah olhou de volta para Mikael, e a raiva ondulou em sua testa. Seus lábios se separaram, mostrando os dentes. Ela os havia perdoado publicamente. Ele a anularia com seu próprio julgamento?

A urgência a agarrou. “Removam-nos,” ela ordenou aos guardas. Ela não queria que a família de Amet visse seu destino, e se ela pudesse tirá-los antes que Mikael agisse de acordo com a ameaça em seus olhos…

Os guardas agarraram a família e os arrastaram para fora do pátio. Myral soltou um grito, mas não resistiu. *Gentil* , Norah queria gritar, mas a fúria de Mikael crescia a cada momento que passava, e ela só queria que eles fossem embora. Longe.

Mikael observou enquanto eles eram arrastados para fora do pátio. Ele não os impediu, mas sua necessidade de retribuição pairava pesadamente no ar. Ela cedeu, acenando para o

punidor. Amet se resignou ao seu destino quando a lâmina de aço veio por sua vida. Sangue espirrou no paralelepípedo. Mesmo sabendo que isso aconteceria, ela não conseguiu evitar estremecer.

Uma calma nauseante tomou conta do pátio.

Norah apertou o estômago com força. Seu lábio tremeu, mas não por causa da dor paralisante contra a qual ela cerrou os dentes. Ela tinha que fugir da morte, daquele lugar, de Mikael. Ela voltou para sua cadeira com o máximo de calma que conseguiu reunir, mas achou que não conseguiria.

“Salara,” a voz de Bhastian veio atrás dela. “Deixe-me carregá-la. Você não consegue andar.”

Ela balançou a cabeça. “Não,” ela respirou através da dor, “apenas me ajude a voltar.”

Ele pegou o braço dela e a levou de volta, e ela afundou agradecida na cadeira quando chegou lá. Então ele a empurrou de volta para o castelo.

De volta ao seu quarto, Norah deixou Bhastian e Vitalia ajudá-la a deitar na cama, onde o curandeiro se ocupou em verificar seus ferimentos.

Mikael entrou, ficando para trás e esperando enquanto Norah era atendida. Ela se recusou a olhar para ele. Ele estava bravo, ela sabia. Mas ela também estava brava. Ele mataria uma família inteira...

O curandeiro assentiu quando terminou. “Os ferimentos estão bem”, ele disse a ela. “Mas você precisa ter mais cuidado até estar curada.”

A curandeira e Vitalia fizeram uma reverência e a deixaram com Mikael. Ela podia sentir a queimadura do olhar dele, mas ainda não conseguia olhar para ele. "Aquelas pessoas eram inocentes", ela disse. Ela não conseguiu evitar que sua voz tremesse. "Eles não precisavam morrer."

“Eles fizeram”, ele respondeu com um tom frio e pedregoso na voz. “Eles fizeram para que todos soubessem o que acontece com aqueles que te ameaçam. *Você* poderia ter morrido.”

Ela lançou um olhar rápido para ele. “Mas eu não fiz!”

“Mas agora eles sabem que você é fraco.”

“Misericórdia não é fraqueza!” ela retrucou.

“Medo é!” Suas narinas se dilataram, e sua testa caiu. “Você não os poupou com misericórdia! Você os poupou porque não conseguiu engolir o sangue deles.” Ele recuou. “E eu sou fraco por deixar você.”

Ele a deixou sozinha após sua raiva.



Capítulo cinquenta e dois

" A dor passou?" Alexander olhou para ela enquanto eles se sentavam na pequena mesa em seu santuário.

Norah respirou fundo e assentiu. "Na maior parte." Não era exatamente uma mentira. Duas semanas se passaram desde que ela foi esfaqueada do lado de fora do conservatório atrás do castelo. Sua carne havia se curado, e a dor física havia sumido. Era seu coração que ainda não havia se curado. Embora Mikael não parecesse mais bravo, as coisas estavam diferentes entre eles. Eles ainda não tinham se reconciliado.

Vitalia colocou uma bandeja de chá e frutas na frente deles. Foi assim que eles começaram a tomar café da manhã — com Alexander parando todas as manhãs e sentando-se com Norah enquanto o sol entrava pelas janelas. Ela gostava dele por perto. Enquanto a tensão permanecia alta, sua presença mantinha Mikael à distância, algo de que ela precisava, ou pensava que precisava.

Tão facilmente o rei matou, sem pensar e sem arrependimento. Isso a assustou.

Ele a assustou.

E ainda assim... algo parecia faltar sem ele. E sua ausência a fez mergulhar ainda mais na autoaversão. Quem era ela se conseguia enxergar além dessa escuridão? E o que ela seria para seu povo se não conseguisse?

Alexander esperou até que ela terminasse antes de pegar qualquer coisa para comer, como ele sempre fazia. Ela deixou os figos secos, como sempre fazia. Ela sabia que eram os favoritos dele.

“Isto chegou para você esta manhã,” ele disse, quebrando o silêncio enquanto ela engolia o último pedaço do biscoito com um gole de chá. Ele tirou uma carta de dentro do casaco e colocou-a sobre a mesa. Norah congelou. O pergaminho dobrado continha um selo prateado. O selo de Catherine.

Ela apenas olhou para ela, imóvel. Era a primeira carta que sua avó havia enviado. “O que diz?”

Alexander balançou a cabeça. “Eu não sei.”

Norah recostou-se na cadeira. Ela rezou para que sua avó escrevesse. Carta após carta ela enviou sem nada em troca. Mas agora, agora que ela estava cheia de dúvidas, sua avó era a última pessoa de quem ela queria uma carta. Catherine abominava seu casamento com o Rei das Sombras, vendo-o como o grande mal. Talvez ela parecesse lembrar Norah disso agora, para dizer a ela como isso não daria certo. E talvez ela estivesse certa.

“Você não vai ler?” ele perguntou.

"Para que ela possa me envergonhar? Dizer que cometi um erro terrível e como tudo isso vai fracassar?" Ela não conseguia aceitar. Não quando ela realmente sentia que estava fracassando.

“Ela não faria isso.”

Norah lançou-lhe um olhar incrédulo.

“Eu a mantive informada sobre sua saúde. Tenho certeza de que ela está doente de preocupação por você.” Ele esperou que os olhos dela encontrassem os dele. “Leia, Norah.”

Ela pegou a carta, sentindo o pergaminho pesado entre os dedos. “Eu vou. Só não agora.” Ela se levantou e foi até a penteadeira e a colocou dentro da pequena caixa de correio de madeira em cima. “Como está seu irmão? Você teve notícias dele?”

Ele bufou. “Sim. Sobre o quão injusto é eu não deixá-lo vir para as Terras Sombrias.”

Ela sorriu.

“Ele pergunta por você. Eu disse a ele que você está bem.”

Ela assentiu. Não era exatamente mentira. “Se eu escrever uma carta para ele, você garante que ela chegue até ele?”

“Claro.” Ele parou por um momento, então disse, “Tem mais uma coisa. Tenho uma tarefa do conselho. Preciso sair por um tempo.”

Ela franziu a testa enquanto se sentava novamente à mesa. “Que tipo de tarefa?”

“Nada que eu queira te incomodar. Você já tem o suficiente em mente. Eu não deveria demorar, mas vou esperar até que Caspian e Titus retornem.”

Ela supôs que deveria ser grata pela oportunidade de mandá-lo para longe das Terras Sombrias por um tempo. A tensão entre ele e Mikael só havia aumentado desde o ataque dela. Ela deveria tê-lo mandado para casa em Mércia, mas não conseguiu. Talvez essa tarefa

fosse o que ela precisava para se forçar a agir. Ele precisava ir. Mas ele não iria embora se temesse por ela.

"Tenho um exército inteiro me protegendo agora", ela disse a ele. Foi o mais perto que ela conseguiu chegar para garantir que ele fosse embora.

Ele bufou. "Dos Homens das Sombras."

"Há bons homens aqui, Alexander." Ela pensou em Kiran. Se não em outros, pelo menos um deles era bom.

"De qualquer forma, não quero deixar você de novo."

Ela também não queria que ele fosse embora. Ele tinha acabado de retornar há pouco tempo de investigar os ataques às cidades de Mércia. "Estarei aqui quando você retornar."

Finalmente, ele assentiu.

"Quanto tempo você vai ficar fora?"

"Apenas algumas semanas."

Muito tempo. Ela assentiu tristemente e tomou outro gole de chá.



Norah seguiu pelo longo corredor do castelo até a biblioteca na ala mais distante, com uma comitiva de guardas atrás dela. Enquanto seus ferimentos no estômago estavam curados, a longa caminhada trouxe uma pontada dolorida lá no fundo. Pelo menos ela não teve que sair no inverno para um prédio separado como em Mércia.

Enquanto caminhava, ela olhou pelas janelas para uma área estreita de jardim com uma piscina fina no centro. O inverno havia acabado, e sua vegetação havia sido cortada até o chão, mas seria lindo quando ganhasse vida na primavera. Do outro lado do jardim havia outro corredor com janelas, paralelo ao dela, e ela parou quando viu Mikael. Ele estava falando com um homem mais velho de seu Círculo, o conselho de Kharav. O homem a notou, e Mikael se virou, com os olhos agora nela. Eles ficaram parados por um momento, seus olhares capturados pelas janelas até que ela se afastou e começou a avançar novamente.

Pelo canto do olho, ela viu o rei se separar de seu conselheiro e caminhar por seu próprio corredor, acompanhando o ritmo dela. Norah xingou baixinho. Ela o veria na esquina, onde os corredores se encontravam e se tornavam um. Ela poderia voltar — uma opção atraente. Mas ela continuou.

Ela chegou ao fim das janelas e parou contra a pedra antes de virar a esquina. Ela ainda podia voltar atrás…

E desajeitadamente arrastar os pés pelo exército atrás dela…

E tornaria tudo ainda mais difícil quando ela visse o rei novamente.

Não . Ela soltou um suspiro e virou a esquina.

Mikael ficou esperando onde os corredores se juntavam antes de se esticar até a biblioteca. “Salara,” ele a cumprimentou quando ela o alcançou. “Quase pensei que você tinha voltado.”

“Eu pensei sobre isso”, ela confessou.

Sua cabeça deu um leve aceno, e seus olhos roçaram o chão. “Você vai à biblioteca?”

Não havia como negar. A biblioteca ocupava a ala inteira; não havia outra razão para ela estar ali. “Eu estou.”

“Assim como eu.”

Ela inclinou a cabeça em fingida diversão. “Que coincidência.”

Eles andavam lado a lado sob o salão arqueado. Colunas de pedra se erguiam para se encontrar no centro acima de suas cabeças e refletiam a luz com um ar majestoso. Não importava quantas vezes ela andasse por este salão, ela nunca se cansava de sua beleza.

“É bom ver você aqui fora”, ele disse.

Foi bom estar fora, mas ela não disse nada.

Eles chegaram às portas esculpidas da biblioteca — outra visão que sempre a impressionava. Mikael conseguia colocar um homem em seus ombros, e eles ainda não tocariam no topo. Mas Mikael não estava olhando para as portas; ele estava olhando para ela.

Ela se mexeu desconfortavelmente, buscando em sua mente como se separar. “Você tinha algo para encontrar aqui?”, ela perguntou, incitando-o a seguir seu caminho.

Mas ele franziu a testa. “Não.”

Ela só conseguia encará-lo. “Então por que você veio?”

“Estar com você.”

A respiração de Norah falhou. Esses eram os momentos que a faziam querer ele por perto, que a faziam esquecer de todo o resto.

Ele se aproximou. A mão dela pendia ao seu lado, e ele a roçou suavemente com a sua, testando. O calor do toque dele penetrou na pele dela, subindo pelo braço e pelo corpo. Tão

pouco tempo que eles passaram sozinhos nos últimos dias. A raiva dela estava controlando sua mente, quase a fazendo esquecer o efeito dele. Quase.

Ela não se afastou.

"Não gosto de como as coisas estão entre nós", ele disse. "Diga-me como consertar isso."

Ele queria consertar? Mas ela não sabia como. Eles vinham de mundos completamente diferentes.

"Por favor, Salara. Diga-me."

Ela balançou a cabeça. "Não posso viver assim, com essa violência. Ou com você achando que sou fraca porque valorizo a vida humana."

Os olhos dele se moviam de um lado para o outro entre os dela. "Não acho que você seja fraca."

"Mas foi isso que você disse."

"Eu estava com medo."

Ela ficou imóvel.

Ele se aproximou. "Eu estava com medo porque estive muito perto de perder você." Muito gentilmente, ele puxou a mão dela até seu rosto, colocando os dedos dela contra sua bochecha e beijando sua palma. "Eu não posso perder você."

Diante do mundo, ele era frio e escuro, ameaçador. Ele era o Rei das Sombras. Impossível de amar. Mas com ela, a escuridão desapareceu. Ele era Mikael. Impossível de odiar.

Ela balançou a cabeça. "Não faça isso."

Ele franziu a testa. "Não fazer o quê?"

"Não me faça parar de ficar brava com você. Eu preciso ficar brava." Se ela não estivesse brava, então ela estaria aceitando a escuridão, e ela não poderia estar aceitando.

Um ronco baixo saiu do seu peito. "Você já não ficou bravo por tempo suficiente?"

"Não!" Ele banalizar a emoção dela só a trouxe à tona novamente. Essas coisas eram sérias. A vida das pessoas era séria.

Sua testa se curvou. "Será para sempre?" Suas palavras saíram quase como um sussurro. Não era paternalista, mas uma pergunta impregnada de desejo e preocupação. E isso a desarmou.

"Só mais um pouco" foi tudo o que ela conseguiu dizer. Só que não havia *mais nada* . Qualquer raiva que ela lutava para manter escapou de suas mãos.

"Tudo bem", ele sussurrou.

Ela soltou um suspiro, e uma facilidade surgiu entre eles novamente. Havia uma crueza nele agora, uma vulnerabilidade. E ele ainda estava tão perto. Seu calor permeou suas barreiras e a puxou para perto. Ela se viu inclinando-se, e ele abaixou a cabeça para a dela.

Mas ela colocou uma mão firme em seu peito. “Não.”

Ele parou. Seus lábios estavam tão perto dos dela, mas não se tocaram. Então ele assentiu, cedendo.

“Não posso confiar em você”, ela sussurrou. “Isso me deixa com medo.”

E enquanto ela dizia a si mesma que tinha medo dele, não era só ele. Ela tinha medo de si mesma. Não se tratava de quem Mikael era. Tratava-se de quem ela era — algo que ainda lhe escapava. Ela poderia ser quem ela queria e ainda sentir por esse homem?

A boca dele se abriu para falar, mas nenhuma palavra saiu. Os olhos dele procuraram os dela. “Eu sou salar. Essas não são decisões fáceis para mim.”

A testa dele franziu, e ela se recostou. “Sério? Porque elas parecem vir facilmente. E eu sou salara. Elas são minhas decisões também.” Ela fez uma pausa, tentando diminuir a onda repentina de frustração. “Você não governa sozinha.”

Ele se acalmou novamente.

“Você tem que falar comigo,” ela disse a ele, “antes de agir. Nós decidimos juntos.”

Ele assentiu novamente. “Eu posso fazer isso.”

Ele poderia fazer isso . Ela suavizou. Isso não resolveria todos os problemas deles, mas se ele falasse com ela...

Uma calma retornou, e seu ânimo se elevou. Ela sentiu falta dele, e estar perto dele novamente, ter ganho algum entendimento entre eles, a aliviou. Eles continuaram pela biblioteca.

Mikael a seguiu, segurando sua seleção de livros enquanto ela os tirava das prateleiras.

“Você precisa de tudo isso?”, ele perguntou. “Você sempre pode voltar para pegar mais.”

Ela deu de ombros levemente. “Então eu teria que voltar todo dia.”

“Eu não me importaria.” Ele pegou a mão dela, parando-a e mudando para um tom mais sério entre eles. “Eu quero te ver todo dia. Eu quero estar perto de você. Todo dia.”

Ela engoliu as palavras em sua língua, as palavras que teriam dito que ela queria o mesmo. Porque ela queria. "Eu terminei", ela disse suavemente.

Mikael acenou para que sua guarda recuasse e fosse embora enquanto eles saíam para o corredor. Eles caminharam em direção ao santuário dela — devagar, silenciosamente —

com ele ao seu lado, carregando seus livros. Ela não podia negar que preferia Mikael à sua comitiva do exército.

"Vosso senhor juiz foi embora esta manhã", ele disse, retomando a conversa.

Norah mordeu o interior da bochecha. "Fique de olho nele."

"Cada movimento seu."

O tom dele a gelou. Ela silenciosamente elogiou o conselho mércio por qualquer tarefa que eles tivessem para Alexander — qualquer coisa para afastá-lo de Kharav por um tempo. Ela amaldiçoou seu egoísmo em mantê-lo por perto. Quando ele retornasse, ela teria que mandá-lo de volta para Mércia.

Norah olhou para fora, através do pátio, e viu o homem com quem Mikael estava falando antes ainda parado no corredor paralelo. "Ele está esperando por você?"

"Sim. Mas ele pode esperar um pouco mais."

"Você deveria ir", ela disse. "Tenho certeza de que há muitas coisas importantes para você cuidar."

"Nada é mais importante do que estar aqui com você, agora mesmo."

Ela não conseguiu evitar um pequeno sorriso.

Eles chegaram ao salão do santuário dela, e ela pegou os livros dele.

"Obrigada", ela disse suavemente.

"Claro." Ele levou a mão dela aos lábios e pressionou um beijo gentil contra os dedos dela. Então ele saiu para retornar ao seu Círculo de espera.



Capítulo cinquenta e três

M ikael estava esperando na sala de jantar quando Norah chegou. Em vez de no final da mesa em frente a ela, seu prato e cálice estavam à esquerda do dela. Ela levantou uma sobrancelha e reprimiu o sorriso. Ela gostou que ele jogasse fora regras e propriedades para estar perto dela.

Ele puxou a cadeira para ela e esperou.

Norah não conseguiu mais segurar a sugestão de um sorriso. “Obrigada,” ela disse enquanto se sentava.

Mikael pegou sua cadeira e começou a trabalhar, movendo a comida de uma grande bandeja central para os pratos.

“O rei faz o papel de servo esta noite?” ela perguntou.

“Toda noite se você quiser, contanto que esteja aqui.” O canto da boca dele se levantou. “Isso me faz ganhar favor?”

“Talvez um pouco,” ela admitiu com um sorriso irônico. Mas então seu sorriso caiu, e sua seriedade retornou. “Mas não é o que eu quero, sabe.”

Seu rosto ficou solene. “Eu sei.” Ele derramou vinho em seus cálices e levou o seu aos lábios, mas não bebeu. Ele o colocou de volta na mesa. “Eu continuarei a decepcioná-la, Salara. Somos muito diferentes, você e eu.”

Ela o encarou por um momento. “Ou talvez sejamos duas pessoas imperfeitas em um mundo imperfeito, lutando pelo bem de nossos reinos.”

Os olhos dele encontraram os dela. “Podemos lutar um pelo outro?” ele perguntou suavemente.

Lutem um pelo outro . Não apenas por uma aliança, mas *um pelo outro* . Ela sentiu a batida suave em seu coração.

Eles comeram em silêncio, trocando olhares tranquilizadores. Quando terminaram, ele se levantou e ofereceu o braço, como ela esperava. Ela o pegou e o deixou levá-la de volta ao santuário. A facilidade de retorno entre eles trouxe de volta um conforto que ela sentia falta.

Quando chegaram à alcova, ela parou e se virou para ele. Mikael a puxou para mais perto, entrelaçando os dedos nos dela. Ele cheirava a terra defumada e tomilho-limão, e ela o inspirou. Seu toque, seu calor... "Fique", ela se viu dizendo.

Seus lábios se abriram em surpresa e ele assentiu.

Norah o levou para dentro do santuário, onde ele esperou por sua deixa. Ela vacilou. “Eu não quis dizer… intimamente.”

Ele assentiu novamente.

Ela se perguntou se ele podia ouvir a mentira em seus lábios, mas ela não podia se permitir isso esta noite. Ainda não. Sua mente vagou de volta para o que ela disse uma vez a Tahla — que ela só esperava por amizade com Mikael, para serem aliados fortes.

Isso não era verdade.

Ela queria mais entre eles.

Mas ela não se entregava a ele desde o casamento, e eles pareciam ser pessoas diferentes agora. Pessoas diferentes que precisavam dar esse passo adiante novamente, como se fosse a primeira vez. Mas antes que isso pudesse acontecer, ela precisava deles completamente bem, e para isso, ela precisava de mais tempo, com ele. Ela precisava que eles estivessem mais próximos.

Eles ficaram em silêncio à luz de velas.

“Posso simplesmente dormir ao seu lado esta noite?” ele perguntou.

Dormir. Ela precisava dormir. Mas ela não sabia se confiava nele. Ela não sabia se confiava em si mesma.

Mas ela queria que ele ficasse e assentiu.

Ele estendeu a mão para trás, entre os ombros, e puxou a camisa sobre a cabeça e então tirou as botas. Então ele deitou na cama sob as colchas com o braço esticado para o lado.

Ela olhou para o vestido. Uma camisola seria mais confortável, mas ela não tinha a mínima intenção de trocar de roupa com ele tão perto, mesmo no banheiro lateral.

Norah sentou-se na beirada da cama e então se arrastou para trás e para baixo das colchas. Ela deitou a cabeça no braço estendido dele, e ele a puxou para perto dele. O calor

do corpo dele penetrou nela, acalmando seu tremor. Ela deixou a proximidade dele acalmá-la, e fechou os olhos no calor do ser dele.

Então ela mergulhou nos sonhos.



Quando Norah abriu os olhos novamente, era de manhã. Mikael estava deitado ao lado dela, sua respiração longa e rítmica. Ela dormiu profundamente, sentindo-se segura, sentindo-se bem. Isso estava certo?

Ela se moveu para trás, com cuidado para não acordá-lo, e apoiou a cabeça no cotovelo. Ele estava deitado de costas, e ela olhou para a pele estampada de seu peito e torso. Não era sempre que ela estava livre para simplesmente olhar para ele, para estudá-lo. Perto e sem pressa.

Na base de sua garganta, ombro a ombro, estendia-se uma gola grossa com desenho tatuado. Formas sobrepostas como lanças revestidas contornavam o topo, com faixas penduradas como o céu noturno. A cor de sua pele criava uma imagem contra o preto, lembrando os arcos pontiagudos da arquitetura do reino. Ela estendeu a mão e passou as pontas dos dedos sobre ela. Ela gostou desta. Ele tinha a única parecida. Os outros desenhos eram os mesmos do senhor comandante — o motivo trançado em seu peito direito e a faixa que corria até seu ombro direito ao redor de um anel de montanhas centralizado por um sol contra um círculo preto. Desta ela não gostou. Sem pensar, ela arranhou com a unha.

“Eles não saem”, ele disse, com os olhos ainda fechados.

Ela mordeu o lábio.

“Você não gosta das minhas marcações?”

“Não esse aqui,” ela admitiu. “É o mesmo que o do lorde comandante.”

Ele abriu os olhos e virou a cabeça em direção a ela, inalando um suspiro de vigília. “Foi quando fugimos de Bahoul,” ele disse.

Ela passou a unha sobre o anel de montanhas.

“Para Kharav,” ele acrescentou à sua história enquanto ela seguia seu caminho ao longo do desenho. Seus dedos roçaram o sol. “E eu me tornei salar. É a história de Soren também. É por isso que ele carrega o mesmo.”

“Ele tem um sol negro. O seu é da cor da sua pele contra um círculo negro.”

“Porque eu sou salar. Minha pele é o sol.”

Norah franziu as sobrancelhas. “Por que um sol?”

“É isso que *salar* significa.”

Ela quase riu. “O Rei das Sombras é chamado de Sol?”

“Sim,” ele disse, dando um pequeno sorriso. “Assim como você. *Salara* .”

Ela levou a mão de volta ao desenho no alto do peito dele.

“É chamado de khlavik”, ele disse. “A marca de salar.”

Ela traçou as faixas padronizadas circulando pelo braço dele, admirando os detalhes intrincados. “O que isso significa?”

“Histórias do nosso povo, deveres, meu propósito”, disse ele.

Ela roçou um espaço vazio no peito esquerdo dele. “Não tem nada aqui.”

“Não está terminado.” Ele ficou quieto por um momento. “Eu guardei para a derrota de Mercia, mas em vez disso será a história de você se tornando minha salara. Eu não consegui ainda porque estava esperando o momento certo. Eu queria que você estivesse lá.”

“Para obter a marcação?”

Ele assentiu.

Isso era importante para ele, ela sabia. E o que era importante para ela era que ele a estava deixando entrar. Era mais do que apenas suas palavras agora, mais do que apenas seu toque. Ele a estava construindo em sua história, dando a ela um pedaço dele.

“Tem certeza de que é isso que você quer?” ela perguntou. “Quero dizer, talvez você devesse pensar mais sobre isso.” Ela inclinou a cabeça levemente enquanto o canto da boca se erguia. “Não sai.”

Ele riu enquanto rolava para o lado. “Eu tenho pensado nisso desde que você concordou em se casar comigo em Aviron.” Seus olhos brilhavam intensamente na luz da manhã. “Você vem comigo, Salara?”

“Eu vou”, ela disse suavemente.

Ele sorriu.



“Como será?” Norah perguntou enquanto eles passavam pelos jardins e iam em direção a um grande templo. Fazia dois dias desde que ele disse a ela que queria escrever a história deles a tinta, e era para lá que eles estavam indo agora.

“Não sei. Vamos para Salta Tau, e o Gift vai mostrar a história para ela e dar a ela a imagem do meu corpo.”

“Salta Tau?”

“Mestra da tinta.” Ele parou e pegou a mão dela. “Isso é muito especial. É uma cerimônia, uma longa. Soren estará lá, e minha mãe.”

Ela assentiu. Ela poderia tolerar o lorde comandante por um tempo, desde que não tivesse que falar com ele. Ou olhar para ele. Ou reconhecer sua presença.

Eles chegaram ao templo, e ele a conduziu por uma série de corredores de volta a uma grande câmara aberta. Como ele havia dito, Salara-Mae estava lá, assim como o lorde comandante. Eles estavam em lados opostos da câmara um do outro. No centro da sala estava uma velha. Ela usava um vestido de linho simples e leve, com seus longos cabelos brancos presos em uma trança grossa atrás dela.

A mulher fez uma reverência. “Salar. Salara.”

“Salta Tau,” Mikael cumprimentou de volta, curvando a cabeça.

Observando-o, Norah fez o mesmo.

A velha falou na língua Kharavian, mas Mikael respondeu de modo que Norah pudesse entender. “Eu vim pela história da minha salara,” ele disse.

Salta Tau revirou os lábios com um aceno de cabeça e estendeu as mãos. Mikael pegou uma e então pegou a de Norah. Então ele acenou para Norah pegar a outra.

Norah estendeu a mão, pegando a mão de Salta Tau e completando o círculo.

Salta Tau fechou os olhos e falou o que soou como um feitiço no ar. Ela balançou levemente, para frente e para trás, para frente e para trás, com os olhos fechados enquanto silenciosamente murmurava as palavras repetidamente.

Norah olhou para Mikael, mas ele apenas observou a velha atentamente.

Salta Tau parou. “Entendo,” ela disse, seus olhos ainda fechados. Ela abaixou as mãos deles, mas Mikael ainda segurava a de Norah.

“Batalha. Lâmina. Sangue. Coroa.” A velha mulher falava na língua do Norte agora, seu sotaque forte e entrecortado.

Os cantos da boca de Mikael se ergueram, mas Norah franziu a testa para suas palavras. Certamente não era preciso um dom especial para ver o que poderia descrever quase todas as histórias em Kharav.

Mikael soltou sua mão. Servos em longas túnicas de linho se adiantaram e o despiram de suas roupas. Norah se contorceu, ainda desconfortável com os modos descarados de Kharavian, embora não estivesse ofendida. Ela manteve os olhos no rosto dele.

Eles espalharam uma mistura de ervas no peito dele, deixando-a descansar por um momento antes de retirá-la com uma esponja.

"Para limpar a pele e anestesiar", explicou Salara-Mae. Norah não tinha percebido que a mãe de Mikael tinha parado ao lado dela, e a voz da mulher a assustou.

"Dói?"

"Não muito", Mikael assegurou-lhe.

"Dói muito", disse Salara-Mae. Mikael fez uma careta para ela.

Norah engoliu em seco.

"Sente-se ao meu lado", ele disse a ela. Então ele se abaixou no tapete bordado no chão e deitou-se de costas, esperando.

Norah sentou-se na almofada do chão à sua direita, e Salara-Mae sentou-se na almofada adicional logo atrás.

Salta Tau sentou-se no lado esquerdo de Mikael. A mulher pegou uma ferramenta longa com o que parecia ser um osso farpado na ponta. Ela a mergulhou em uma tigela de tinta e colocou a ponta contra a pele do peito de Mikael. Então ela a golpeou com um pequeno martelo. Sangue jorrou da ponta da ferramenta, mas a mulher o limpou e continuou.

A tinta parecia uma eternidade. O bater constante do martelo, o sangramento — Norah sentiu que doía mais do que Mikael, que estava imóvel. Ela mal conseguia distinguir o desenho se formando sob as mãos de Salta Tau — um círculo padronizado de algum tipo.

Finalmente, quando o sol começou a se pôr, Salta Tau parou. O peito de Mikael era uma mistura de sangue com tinta, e Salta Tau espalhou uma mistura espessa de ervas sobre ele. Então ela o cobriu com as mãos e falou novamente na língua Kharavian. Norah mordeu o interior da bochecha para conter sua impaciência. Ela queria ver a imagem finalizada. Embora parecesse um tanto sem originalidade, como ela havia percebido pelas palavras de Salta Tau — espadas, sangue, algo com uma coroa — essa era a história deles, e ela queria vê-la.

Ela lançou os olhos ao redor da sala enquanto esperavam. Salara-Mae estava sentada sem expressão. Norah olhou para o comandante e o encontrou olhando para ela, seus olhos escuros e frios. Eles não se falavam desde o ataque dela. Mikael disse a ela que Soren tinha

sido quem a encontrou, quem a salvou. Ela se perguntou se ele adicionaria isso às suas próprias histórias escritas. Em *Tales of Regret* .

Salta Tau limpou a mistura de ervas do peito de Mikael, chamando o olhar de Norah e chamando sua atenção de volta. Mikael a observou enquanto ela se inclinava sobre ele para ver.

Sua pele ainda estava crua e inchada, mas muito claramente agora aparecia a imagem de duas coroas, espelhadas uma contra a outra ao longo de uma lança no centro, e cercadas com lâminas em camadas para criar um círculo. No topo estava a coroa Kharavian de Norah, ou melhor, uma representação dela nos padrões geométricos de seu estilo de marcação.

Então ela engasgou.

Ela não o reconheceu a princípio porque estava invertido, mas na parte inferior estava sua coroa de Mércia — a coroa de sua mãe. Não era uma interpretação padronizada como as imagens de tinta Kharavian, mas, em vez disso, tinha a semelhança exata da coroa.

"Como você viu isso?" ela respirou. "Onde está?"

Mikael olhou para o peito. "O quê?"

O lábio de Norah tremeu. Ela olhou de volta para Salta Tau. "Você pode me dizer onde é?"

Mikael se levantou para sentar e pegou a mão dela. "Onde o que está?"

"A coroa da minha mãe. Eu a perdi." Ela fez uma pausa, seus olhos marejados. "Eu a perdi quando você me levou enquanto eu estava a caminho de Aleon." Ela olhou de volta para Salta Tau, seu desespero vindo à tona. "Como você pode vê-la? Você sabe onde ela está?"

"Não é assim que o Dom funciona, Salara", Mikael disse suavemente.

"Não." Ela implorou a Salta Tau. "Se você o viu, talvez você possa ver o que estava ao redor. Poderia me ajudar a encontrá-lo."

Mas a velha balançou a cabeça.

E a decepção veio tão pesada quanto a perda original. Norah soltou um suspiro, tentando recuperar o controle de sua emoção repentina.

Os servos espalharam outra mistura de ervas na pele de Mikael, e ele se moveu para que eles a embrulhassem. Quando terminaram, ele vestiu suas roupas novamente. Então ele estendeu a mão e a ajudou a se levantar.

Ele não a soltou depois que ela se levantou. Em vez disso, ele a puxou para mais perto. "Sinto muito, Salara."

Ela balançou a cabeça. “Você não fez nada de errado.” Sua voz saiu quase como um sussurro.

Ele pareceu vacilar em suas palavras. “Isso te incomoda?” Seus olhos procuraram os dela. “Te incomoda que isso esteja no meu corpo?”

Ele estava preocupado sobre como ela se sentia sobre isso. A preocupação dele acalmou a agitação dentro dela. Acalmou sua mente. "Não." Ela olhou para o peito dele, agora coberto de bandagens e sua túnica. "Pelo menos eu tenho uma imagem dele agora."

Ele levantou uma sobrancelha. “Você sempre faz isso?”

"Fazer o quê?"

“Procurar o melhor em tudo?”

Ela lutou por palavras. O que mais ela poderia fazer?

Ele deu um sorriso gentil enquanto oferecia o braço, e ela deslizou a mão em seu calor.



Norah estava em seu santuário, olhando para a carta de Catherine — a carta que Alexander lhe dera uma semana antes — ainda fechada. Ela deveria lê-la. Mas ainda não. Ela não sabia o que a estava segurando, mas simplesmente... ainda não.

A porta da câmara se abriu atrás dela. “Salara,” Vitalia disse, e Norah se virou. Ela estendeu um pergaminho dobrado, um largo sorriso no rosto.

“O que é isso?” Norah perguntou enquanto o abria. Quando viu a imagem, ela engasgou. A imagem da coroa de sua mãe.

“Achei que você iria querer”, disse Vitalia.

“Onde você conseguiu isso?”

“O lorde comandante enviou um destacamento esta manhã. Cada soldado segura uma cópia. Eles estão encarregados de encontrá-la.”

Os olhos de Norah se arregalaram.

“Há até uma recompensa para os cidadãos”, acrescentou Vitalia.

“O senhor comandante?”

Sua empregada levantou uma sobrancelha e deu de ombros. “Eu sei.”

Este homem continuou a confundi-la. Norah não conseguia acreditar que estava prestes a fazer isso, mas pegou o pergaminho e saiu para encontrar o comandante.

Ele estava sentado em seu escritório, terminando uma carta. Norah nunca tinha estado naquela sala antes. Parecia muito com a de Alexander em Mércia — uma grande mesa coberta de pergaminhos, armários cheios de livros e registros. Quando ele a viu, não se levantou. Ela mordeu o interior da bochecha. Ele estava sempre testando-a, sempre tentando mostrar que ela não tinha poder total.

Ela ignoraria isso, em parte porque não tinha energia para discutir com ele e em parte porque estava ali para agradecê-lo. Ela já estava repensando o último. Mas talvez isso pudesse ser o começo de um relacionamento civil. Ele era o senhor comandante do exército Kharavian, e ela era salara. Eles não podiam se odiar para sempre.

“Você precisa de alguma coisa, Rainha do Norte?” Sua voz era áspera e hostil.

Ele não a chamou de Salara, algo que ela ainda não o havia corrigido. Ela não sabia por que não o havia feito. Cada vez que ele usava isso, ela sentia que perdia mais terreno para exigir isso dele. Ela odiava isso. Mas ela ainda não conseguia se obrigar a corrigi-lo, mesmo agora. Especialmente agora. Ela olhou para o pergaminho dobrado em sua mão, lembrando-se do porquê de estar ali.

“Sim, hum, eu…” Por que isso era tão difícil? “Ouvi dizer que você enviou um destacamento esta manhã e—”

"Eu faço o que me mandam", ele disse rispidamente, interrompendo-a.

Claro . Suas bochechas coraram de vergonha ao supor que a gentileza tinha vindo dele. Claro que tinha sido Mikael. E aqui estava ela, fazendo papel de boba, dando a ele mais poder. Seu constrangimento se transformou em raiva. “Sabe, uma pessoa graciosa simplesmente permitiria que alguém dissesse obrigado. Talvez educadamente desse crédito a outro.”

Sua testa franziu. “Você me toma por uma pessoa graciosa?” Ele quase pareceu ofendido. “E você realmente queria me agradecer?”

“Eu *fiz* ”, ela respondeu, sua voz aumentando. “Mas eu obviamente não faço agora.”

“Bem, então, de nada por isso.”

Ela bufou. Esse homem era inacreditável. “Você é um babaca.”

Ele levantou uma sobrancelha. “É só isso?”

Norah não tinha certeza se ele a estava dispensando ou a incitando a mais insultos. Sua respiração tremeu, e ela teve que se conter para não amassar o pergaminho em sua mão. Forçando as palavras na ponta da língua, ela franziu os lábios em fúria purulenta e girou nos calcanhares, deixando-o em seu rastro de frustração.

Ela desceu furiosa para o grande salão, rangendo os dentes. E pensar que ela entrou lá para agradecê-lo — nunca mais. Eles *poderiam* se odiar para sempre.

"Salara", a voz de Mikael a chamou.

Ela parou e se virou para vê-lo caminhando em sua direção.

"Você está bem?" ele perguntou.

"Sim," ela conseguiu, tentando se acalmar. Era aqui que seus agradecimentos eram devidos, e ela não queria começar criticando seu amado comandante, seu irmão de armas babaca. "Sim," ela disse novamente, engolindo sua frustração e tentando tirar o comandante da cabeça. "Na verdade, eu estava apenas procurando por você."

"Você estava?"

Ela assentiu. "Ouvi falar do destacamento enviado esta manhã para procurar minha coroa. Só queria que você soubesse que... foi mais do que eu jamais esperaria, e... queria agradecer."

Os cantos dos lábios dele se ergueram. "É improvável que o encontremos, mas agora que temos sua imagem, é possível. Quando Soren sugeriu, admito que me senti um pouco idiota. Eu deveria ter pensado nisso sozinho."

Espere. Foi *ideia* do senhor comandante?

Ele estendeu a mão e tocou o braço dela. "Os homens começarão de onde eu te levei. Vamos ver o que encontramos."

Ela assentiu, sua mente ainda girando. Então ela parou. "Meus homens do Norte podem não aceitar gentilmente os guerreiros Kharavian nos confins." Ela não conseguiu nem mesmo que sua avó e o conselho aceitassem seu casamento. Ela certamente não iria fazê-los acomodar os Homens das Sombras dentro das fronteiras.

Ele sorriu. "Eles nem vão saber que estamos lá."

Como se já tivessem estado lá antes…



Capítulo cinquenta e quatro

O sol da tarde minguava enquanto Norah caminhava pelo corredor envidraçado, olhando para o pátio. O céu estava vivo com cores de roxo e laranja. Era lindo. Um sorriso surgiu em seus lábios. Às vezes era fácil acreditar que uma vida boa poderia ser feita aqui, se ela deixasse.

Sua mente ainda se agitava com tudo o que tinha acontecido. Ela podia se deixar levar pelas dificuldades e pelo desespero, por tudo o que tinha perdido. Ou podia olhar para o bem: Mércia estava segura e alimentada, e a ameaça de guerra entre seus reinos tinha acabado. Quase tudo. E o casamento com Mikael não era como ela esperava. Talvez ela *pudesse* ser feliz aqui.

Ela se virou de volta para seu santuário, mas seu sorriso desapareceu rapidamente quando ela olhou para cima e viu Mikael e o lorde comandante caminhando em sua direção, com Artem logo atrás. O passo de Mikael era de propósito. De raiva.

"Que negócio você está enviando para o seu senhor justiça?" ele gritou antes mesmo de alcançá-la.

Levou um momento para ela entender o que ele havia perguntado. "É uma tarefa para o conselho. Por quê?"

"Que tipo de tarefa?" ele pressionou bruscamente. O tom dele fez as próprias defesas dela se erguerem.

Ela fez uma pausa, tentando se lembrar da conversa com Alexander. "Não sei, ele não disse. É insignificante."

"É, agora?"

Por que ele estava tão incomodado? "Do que se trata?"

"Ele cavalga para Aleon," o senhor comandante rosnou.

Norah olhou boquiaberta para Mikael, surpresa. “O quê? Isso não é verdade.” Não fazia sentido.

“Nossos batedores confirmaram”, Mikael disse a ela.

“Ele não iria até Aleon sem me avisar”, ela insistiu.

“Bem, parece que você está errado”, disse o comandante.

Os olhos de Mikael se voltaram para seu bruto, alertando-o. Ele se virou para Norah. “Você não sabia disso?”

Ela balançou a cabeça. “Não, deve haver algum engano. Mas mesmo que ele *vá* para Aleon, tenho certeza de que há uma explicação perfeitamente racional.”

“Qual poderia ser uma explicação racional para o encontro com nosso inimigo?” Mikael perguntou.

“Aleon não é um inimigo,” ela rebateu. “Eles são amigos e aliados há gerações.”

“Do *Norte* ”, Mikael enfatizou. “E deixe-me lembrá-lo, isso foi com a promessa de sua mão.”

Ela sentiu a tensão aumentando. “Não vamos tirar conclusões precipitadas. Vou falar com ele quando ele voltar e resolver tudo.”

“Estou ansioso para ouvir”, disse Mikael rigidamente.

O rosto do comandante brilhou de raiva, claramente ofendido pela tolerância de Mikael. Artem estava atrás deles, presunçoso e hostil.

O estômago de Norah revirou. O que o conselho estava fazendo? Assim que as coisas pareciam se acalmar, isso colocou tudo em risco.



Norah andava pelos jardins de inverno com Vitalia e Serene a tiracolo. Ela respirou o ar frio para clarear a mente. Por que o conselho teria enviado Alexander para Aleon? E por que Alexander não contou a ela? Ele disse que não queria sobrecarregá-la mais. Talvez ele tivesse ido consertar o relacionamento entre seus reinos. A notícia de seu noivado com o rei Kharavian não foi bem recebida por Aleon, compreensivelmente. Ela sentiu uma pontada de culpa quando pensou em Phillip. Ele teria visto sua decisão como um insulto. E ele não fez nada de errado, nada para quebrar sua aliança. Ela apenas mudou de ideia. Mikael era o único que poderia lhe dar paz.

“Tente não se preocupar, Regal High,” a voz de Serene veio de trás. O título de Mércia ainda caía estranhamente em seus ouvidos. Seu título de Kharaviano parecia mais natural agora. “Mércia e Aleon são amigos há muito tempo, e negócios entre eles não são incomuns. Pode ser algo bem trivial.”

Ela olhou de volta para Serene e forçou um sorriso, apreciando o esforço de sua empregada para aliviar seu coração. "É o que continuo dizendo a mim mesma, mas coisas triviais não exigem um lorde justiça."

Norah andou de um lado para o outro no jardim até não conseguir mais sentir os dedos, então voltou para o castelo. Ela andou pelo longo corredor e, quando chegou ao seu santuário, congelou. Lá dentro estava o Capitão Artem. E em sua mão—a carta de Catherine.

“O que você está fazendo aqui?” ela perguntou.

Ele não respondeu.

“Este é meu santuário. Você não tem permissão para entrar aqui!” Seus olhos se moveram para o pergaminho na mão de Artem. “Essa é minha carta!”

Ele se levantou, sem se incomodar com a raiva dela. “Por que uma carta viria do regente?”, ele perguntou. “Dizendo para você voltar para casa urgentemente?”

“Você leu minha carta?” ela fervia. Ela estendeu a mão. “Dê para mim!”

Mas ele apenas olhou para ela com um olhar gelado. “Enquanto o Urso se encontra com Aleon.”

“Dê-me isso!” ela exigiu novamente.

Kiran entrou por trás dela, com a mão no punho da espada.

Artem desviou o olhar para Kiran, e seus olhos escureceram. “Você esqueceu seu lugar, guerreiro?”

“Você esqueceu a sua,” Norah retrucou. “Me dê minha carta e saia! Você nunca mais vai pôr os pés aqui.”

Artem deu um bufo divertido. Então ele jogou a carta aberta na penteadeira antes de sair, dando a Kiran um olhar penetrante enquanto ele passava.

Norah ficou de pé, ainda em choque.

“Você está bem, Salara?” Kiran perguntou a ela depois que Artem foi embora.

Ela apenas assentiu, incapaz de falar.

“Nós tomaremos nosso posto. Ligue se precisar de alguma coisa.” Então ele e dois outros membros do Crest viram a saída, fechando a porta atrás deles e deixando Norah com sua raiva.

Vitalia e Serene não disseram nada, mas se aproximaram dela.

As mãos de Norah tremeram quando ela pegou a carta da penteadeira e sentou-se na cadeira da pequena mesa. Pela primeira vez, ela leu suas palavras.

Querida Norah,

Esta carta vem sem desculpa pelo tempo que levei para escrevê-la. Na verdade, eu deveria tê-la enviado antes. Muito antes.

O senhor justiça enviou notícias do seu ataque. Momentos como esses enchem a mente de alguém com tudo o que eles gostariam de ter feito diferente, tudo o que eles gostariam de ter dito. Há muito a dizer, Norah.

Rezo para que esta carta o encontre seguro, mas segurança não é o bastante. Preciso ver seu rosto, meu filho, para vê-lo bem. E Mércia precisa de sua rainha.

Volte para casa, mesmo que por pouco tempo. Retorne para Mércia. Urgentemente.

Você tem meu amor,

Catarina

A mente de Norah correu. À primeira vista, a carta parecia uma percepção sincera de sua avó de que ela quase morrera, com um apelo para voltar para casa. Compreensível. Exceto que Catherine havia dito *com urgência* .

A carta tinha chegado com a ordem de Alexander para visitar Aleon. Certamente os dois eram parentes. Ele disse a ela que não sabia o que a carta dizia. Ele sabia que Catherine queria que ela voltasse para casa? O que realmente estava acontecendo?



Norah encontrou Mikael em seu escritório, com o lorde comandante e o capitão Artem. Claro. Eles se viraram quando ela entrou. O frio do quarto fez sua pele formigar. Seu estômago deu um nó, mas ela se forçou a ficar firme.

Os olhos de Mikael a seguiram. “Você sabe o que o Norte está planejando?” ele perguntou a ela.

Agora não parecia o momento certo para expressar sua queixa sobre a intrusão do capitão em seu santuário. Mikael obviamente sabia sobre a carta; ele tinha que saber como ela tinha sido encontrada. Ele se importava? Ela tentou tirar sua mente daquilo — ela precisava se concentrar em resolver as coisas. "Você não sabe se alguém está planejando alguma coisa. É pura especulação neste momento."

“O Urso cavalga para Aleon,” o bruto rosnou para ela. “E o regente pede seu retorno imediato.”

Sim, era condenável, mas ela precisava evitar que as coisas piorassem até que pudesse descobrir o que estava acontecendo. “Fui atacada”, ela rebateu. “Minha *avó* está preocupada. Ela quer que eu volte para casa.”

“Urgentemente”, acrescentou.

Norah olhou feio para ele. “Ela teme pela minha segurança. Você pode culpá-la?”

O bruto bufou. “Você não está em perigo *urgente* .” Mas seu olhar tempestuoso jurou o contrário.

Os olhos dela se estreitaram. “Ela não sabe disso, e, francamente, eu também não.”

“Ela envia o Urso para Aleon.”

“O conselho o envia”, ela argumentou.

“É a mesma coisa”, disse Mikael, entrando na discussão. Seu rosto estava calmo, mas sua voz transbordava de raiva. E mais alguma coisa… Tristeza? “Como regente, sua avó estaria envolvida, mesmo que ela não tenha ordenado isso.”

Não , a avó dela não faria isso. Faria?

Os olhos dele ainda estavam nela, buscando respostas. “Você sabe o que o Norte planeja?”

“Mikael, só me dê um tempo para entender o que está acontecendo.”

Ele se aproximou e segurou o rosto dela entre as mãos, acalmando-a. “Você realmente não sabe?” ele sussurrou. “Salara.”

Mais uma vez, ela balançou a cabeça, mas podia ver a dúvida dele.

“Salara”, ele disse novamente, mais fraco dessa vez.

Ela percebeu que não era em Mercia que ele estava focado — era nela, e no que *ela* sabia. Ele estava mais preocupado com ela do que com Mercia. E seus olhos estavam cheios de mais do que dúvida. Tudo o que ela podia fazer era olhar para ele. Ela não tinha palavras. Ela não sabia de que outra forma lhe assegurar.

Lentamente, ele abaixou a cabeça e levou seus lábios aos dela. Não foi um beijo de paixão, ou de desejo. Foi uma confissão de medo. Disse o que suas palavras não conseguiram. Ele estava implorando para que ela não o traísse. Ele se afastou lentamente, seus olhos a procurando.

"Você ainda quer escapar de mim?" ele sussurrou.

Não escapar... mas ela queria voltar para Mércia, para as pessoas que a amavam, para as únicas pessoas que poderiam ajudá-la a se encontrar. "Você me deixaria ir embora?"

Sua testa se abaixou, e a dor brilhou em seus olhos. "Você não ficaria comigo por sua livre vontade?"

Se ela tivesse a opção de ir embora... "Mikael." Sua voz falhou.

Suas narinas se dilataram, e sua testa se abaixou. Ele viu a hesitação dela. Sua verdade.

"Mikael," ela disse novamente. Sim, ela queria ir embora. Mas isso não significava que ela não retornaria. Não é?

Ele se endireitou e olhou para o lorde comandante. "Nós partimos agora." O comandante entregou a ele uma espada presa ao cinto.

O pulso de Norah acelerou quando ele o prendeu em volta da cintura. "O que você está fazendo? Aonde você está indo?" ela perguntou. O medo passou por ela. *Depois de Alexander* ... Ela segurou o braço dele. "Mikael, espere."

"Tenho que ir até o vidente", ele disse. "Voltarei em três dias."

O coração dela se acalmou um pouco com o alívio de que ele não estava cavalgando atrás de Alexander, mas ela não entendeu. "O vidente?"

"Eu tenho que ver se o Urso planeja trazer Aleon contra mim." Sua voz estava fria agora, e ele recuou para fora do alcance do toque dela.

O nó em seu estômago se torceu até doer. "E eu?"

Ele fez uma pausa. "Não posso deixar você ir." Para a vidente ou para Mércia? Uma tempestade escura rodou em seus olhos, e o coração dela caiu. *Nenhum dos dois* . "Voltarei em três dias", ele disse.

"Leve-me com você," ela implorou. Se houvesse novas visões do que estava por vir…

"Somente sangue real Kharavian pode visitar o templo do vidente", disse o comandante.

E aparentemente o comandante, Norah acrescentou para si mesma em frustração. Ela franziu os lábios. Regras não se aplicavam a ele.

Mikael franziu a testa. "Você vai ficar aqui," ele disse a ela. Ele lançou um olhar para Artem, então ele e o comandante saíram, deixando-a apenas com o capitão.

E assim, de repente, ela se tornou prisioneira novamente.



Capítulo cinquenta e cinco

Norah acordou com Vitalia chamando-a em pânico .

“Salara! Salara!”, gritou sua empregada. “Você tem que acordar. Algo terrível aconteceu!”

Norah sentou-se alarmada, piscando para afastar o sono dos olhos e tentando concentrar a mente. “O quê? O que aconteceu?”

“É Bremhad!”

O quê ? “E quanto a Bremhad?”

“Ele não voltou para casa ontem à noite. Kiran o encontrou na escada dos trabalhadores, do lado de fora das cozinhas.”

As palavras de Vitalia vieram muito rápido, e Norah estava tendo dificuldade em acompanhar. “Espera, mas… ele está bem? Onde ele está agora?”

Sua empregada fez uma pausa, engoliu em seco e então balançou a cabeça. “Ele está morto, Salara.”

Norah apertou as colchas com os punhos. Um peso esmagou seu peito. Ela não conseguia respirar. *Morta* ? Sua mente girava ao redor dela. Ela tropeçou para fora da cama e deixou Vitalia ajudá-la com um vestido. "Onde está Kiran?", ela perguntou, sua voz tremendo.

“No necrotério público.”

O mortium . Ela sentiu como se uma adaga tivesse sido enfiada em seu peito. “O-O que aconteceu?” ela gaguejou enquanto Vitalia rapidamente terminava de amarrar seu vestido e corria para pegar sua capa.

“O prefeito está dizendo que Bremhad caiu da escada e bateu a cabeça, que foi um acidente.”

Norah saiu do seu santuário com Vitalia ao seu lado.

“Mas não faz sentido”, continuou sua criada. “Bremhad nem entra no castelo, exceto para cuidar dos verdes na sua sacada quando você está fora. Ele não estaria nas escadas ontem à noite.”

Vitalia liderou o caminho até o necrotério público, um grande edifício de pedra para onde o corpo de Bremhad havia sido levado. Norah a seguiu para dentro. Os corredores eram mal iluminados, e o cheiro de morte pairava forte no ar. Vitalia a conduziu por um longo corredor, passando por uma série de câmaras abertas. Corpos pálidos estavam sobre mesas de madeira. Norah puxou sua capa com mais força. Eles chegaram a uma câmara no final do corredor. Lá dentro, uma mulher estava chorando. Norah entrou para ver Kiran e uma mulher mais velha, provavelmente sua mãe. Eles estavam limpando o corpo de seu pai, que estava sobre uma mesa no centro da sala.

Bremhad .

E ela percebeu.

A culpa era dela. Os olhos dela ardiam. Era outra mensagem do lorde comandante. Ele a estava punindo machucando aqueles ao seu redor, aqueles com quem ela se importava.

A mulher mais velha chorava enquanto trabalhava, esfregando a cabeça de Bremhad e alisando gentilmente seu cabelo prateado. Kiran olhou para cima quando os ouviu entrar, e seus olhos marejados se arregalaram de surpresa. “Salara,” ele disse enquanto caminhava em sua direção. “Você não precisava vir aqui, para este lugar.”

“Claro que sim! Kiran, sinto muito,” ela chorou, com lágrimas escorrendo por suas próprias bochechas.

De repente, os olhos de Kiran se moveram por cima do ombro para alguém atrás dela, e ela se virou para ver o Capitão Artem.

Kiran mostrou os dentes com um suspiro irregular de ira. “Você fez isso!”

Ele avançou em direção ao capitão, mas foi pego por dois dos guardas do brasão dela.

“Você fez isso!” ele trovejou para Artem. “Eu sei que você fez isso!”

“Kiran!” Norah gritou enquanto seus guardas o arrastavam para fora da sala e pelo corredor. O que estava acontecendo? Ela só conseguia ficar horrorizada enquanto os gritos de Kiran ecoavam pelo mortium. Ela olhou boquiaberta para Artem. “Você realmente fez isso?”

“O prefeito considerou que foi um acidente”, ele respondeu calmamente.

Isso não respondeu à sua pergunta, e o horror a atingiu. Os rugidos de Kiran ainda ecoavam no salão. "Para onde o estão levando?", ela exigiu.

O capitão olhou para ela com olhos exultantes. Ele não respondeu. Então ele se virou e saiu da câmara.

Norah cambaleou para trás em descrença, mas se segurou contra a parede. Vitalia deu um passo à frente e apertou seu braço. “Você está bem, Salara?”

Ela tinha esquecido que sua empregada estava lá. Ela olhou de volta para a mãe de Kiran, que estava congelada, ainda sofrendo com o marido e com medo pelo filho.

A mulher engoliu a emoção, assentiu levemente e sussurrou: "Salara".

O coração de Norah explodiu em pedaços. Tudo dentro dela doía. “Sinto muito,” ela sussurrou. Ela olhou para sua empregada. “Vitalia, por favor, fique aqui. Ajude-a.”

"Claro."

“Qualquer coisa que ela precise — ajuda para preparar o corpo, dinheiro. Qualquer coisa.”

Vitalia assentiu. “Sim, Salara.”

“Eu tenho que ter certeza de que Kiran está bem.” Ela lançou um último olhar de desculpas para a mulher. “Eu sinto muito,” ela respirou novamente, então ela se virou e saiu da câmara.

Era tudo o que ela podia fazer para não desmoronar ao sair do mortium. A morte de Bremhad não foi um acidente. Ela queria culpar o comandante — parecia apropriado. Mas o comandante estava com Mikael. Isso não necessariamente o absolvia. Ele poderia ter ordenado.

Kiran havia acusado Artem. Talvez fosse apenas sua dor atacando. Ou talvez ele estivesse certo. Talvez Artem a estivesse punindo. Ele sabia que Bremhad era o pai de Kiran? Talvez Artem estivesse punindo Kiran por seu desafio em seu santuário.

Ela examinou o terreno em busca do capitão, mas ele não estava em lugar nenhum.

“Onde está Artem?” ela perguntou bruscamente para o Crest que a seguia.

“Ele pode estar no escritório das forças armadas”, disse-lhe seu guarda Sonal.

“Leve-me lá. Agora.”

Ela o seguiu até um prédio ao lado do quartel dos soldados. Lá dentro, Artem estava com outro soldado. O soldado fez uma reverência e saiu quando ela entrou.

“Rainha do Norte,” Artem a cumprimentou friamente.

“É Salara,” ela cortou. Ela não ia deixar *dois* babacas saírem impunes. “Onde está Kiran?” ela exigiu.

“Ele foi detido.”

"Onde?"

Ele lançou-lhe um olhar irritado. “Onde detemos homens.”

Na masmorra . “Ele é um membro do Crest!”

Artem bufou. “Não mais. Ele falsificou seus documentos e atacou seu superior.”

Superior . Artem era tudo menos isso. “Você não pode fazer isso!”

“Eu sou o capitão do Crest. Eu posso.”

O tom frio dele a enfureceu. Ela pensou que não podia odiar ninguém mais do que o lorde comandante. Ela estava errada. "Eu ordeno que você o liberte." Ela pode ser uma prisioneira, mas ainda era rainha.

Os cantos da boca dele se ergueram em diversão. “Eu respondo a Salar.”

Ele era um bastardo tão presunçoso, tão confiante de que a atenção de Mikael estava focada na ameaça com Aleon e que isso seria um mau presságio para ela. Ela estava começando a entender a vontade de sangue. Se ela tivesse uma adaga na mão...

Ela não deixaria que ele escapasse dessa. Sem uma resposta, ela se virou e saiu do escritório e voltou para o castelo.



A noite passou, e outro dia chegou, mas Norah não conseguia dormir. Seu corpo estava cansado, mas sua mente não conseguia descansar. Vitalia ficou com a mãe de Kiran, e Serene passou a noite no santuário com ela.

Sua criada a ajudou a se vestir, fechando cuidadosamente os fechos do vestido e endireitando o laço. “Você parece não ter dormido um minuto, Regal High.”

Ela soltou um suspiro exausto. “Eu não.”

“Você pode achar mais confortável na vila,” Serene sugeriu. “É legal lá.”

Norah sentou-se na penteadeira com uma cara estoica enquanto a empregada escovava seu cabelo. “Não quero falar sobre a vila de novo”, ela disse. “Nunca.” Se pudesse, ela a queimaria até o chão. Ela queimaria tudo. Ela odiava aquele lugar miserável — ele a estava quebrando.

“Sim, Regal High,” Serene disse calmamente. Norah observou sua empregada no espelho enquanto ela recolhia os lençóis da cama e os colocava em uma cesta. Ela saiu do quarto assim que Vitalia entrou com o café da manhã.

“Salara,” Vitalia disse sem fôlego. “Boas notícias! Kiran foi solto. Só esta manhã.”

Norah girou na cadeira. Essa foi uma boa notícia.

"O Crest está infeliz com o tratamento. Temo que a misericórdia de Artem seja temporária, apenas para apaziguá-los. Espero que Salar retorne logo."

Sim, Norah estava desesperada pelo retorno dele. Mas, por enquanto, ela estava aliviada que Kiran estava pelo menos livre. "Onde ele está agora?"

"De volta com a mãe, preparando. O enterro será esta tarde."

Norah levantou-se da cadeira. "Eu tenho que ir." Ela tinha que estar lá.

"Salara, seria… não convencional você estar lá. Bremhad era um servo. Somente aqueles que morreram como guerreiros seriam vistos no chão por salar. Ou salara."

Para o inferno com as convenções. "Eu não me importo." Ela fez uma pausa. "A menos que… Kiran não me queira lá?" Afinal, isso era culpa dela.

"É claro que ele iria querer você lá. Seria uma grande honra."

"Então eu irei."

Vitalia deu-lhe um sorriso triste.

"Ajude-me a me preparar."



O chão molhado e lamacento era macio sob seus pés.

Fora da cidade, Norah caminhou com Vitalia até a colina até o grande cemitério público. Ela desejou ter deixado sua jaqueta na carruagem. O sol estava alto no céu. Embora ainda fosse inverno, estava tão quente quanto um dia de verão.

Eles se reuniram em um grande círculo ao redor de um buraco na terra, com o corpo de Bremhad envolto em linho ao lado. Parecia uma coisa tão estranha, enterrar o corpo de um ente querido na terra. Em Mércia, corpos eram queimados para libertar a alma para que ela pudesse viajar até os deuses, exceto os corpos dos reis e rainhas. Suas almas permaneceram amarradas a este mundo, observando as pessoas, guiando suas mãos para a vontade dos deuses.

O povo Kharavian não acreditava em deuses ou almas. Eles acreditavam que os corpos deveriam ser devolvidos à terra de onde vieram. Norah não sabia no que acreditava. Nenhum dos dois a fez sentir-se diferente sobre a morte, nenhum deles tirou a dor.

Mais pessoas vieram do que ela esperava; muitos eram servos, e alguns estavam vestidos com roupas mais finas. Ela ficou surpresa ao ver tantos soldados do Crest — talvez todos os membros do Crest — quase um exército.

"Eu não sabia que o Crest conhecia Bremhad," ela sussurrou para Vitalia. "Ou sabia que ele era o pai de Kiran."

"Eles não fizeram isso. Eles só descobriram ontem. Mas eles vieram apoiar Kiran."

Os olhos dela vasculharam as pessoas para encontrá-lo, e ela o fez — ficando de pé ao lado da mãe dele. Ele a viu e começou a ir em sua direção.

Vitalia se afastou quando ele se aproximou, dando-lhes espaço.

"Salara," Kiran disse ao alcançá-la. "Você nos honra."

"Era o mínimo que eu podia fazer." Ela observou enquanto ele apertava os lábios firmemente para conter sua emoção. Isso só a incitou. "Está mais quente do que o normal," ela disse, quebrando o peso do ar.

A respiração de Kiran se acalmou. "É o que os zeladores chamam de alhilat — o grande truque, uma falsa primavera." Seus lábios continham um sorriso fraco. "Meu pai odiava. Dura apenas o tempo suficiente para as flores começarem, então o gelo retorna e mata todas elas." Ele olhou para o céu. "Em breve estaremos no inverno novamente."

O rosto de Kiran endureceu, e Norah seguiu seu olhar e viu Artem na beira do terreno.

"Ignore-o, Kiran," ela disse a ele. "Concentre-se em seu pai."

"Eu verei aquele homem morto."

Ela não conseguiu objetar. "Você realmente acha que ele fez isso?"

"Ele ordenou. Ele não faria isso sozinho, seu covarde de merda." Ele olhou para Norah. "Perdoe minhas palavras, Salara."

Norah observou Artem enquanto ele os observava. Ele parecia um covarde de merda. Ele era o único homem que usava armadura completa, além de Mikael. Ele provavelmente se via com status igualmente merecido. Ele não era.

"Os homens são leais a ele?" ela perguntou.

Kiran bufou. "Alguns. Não muitos."

"Como ele é capitão, então?"

"Ele era capitão do Crest para o pai de Salar. Ele permanecerá capitão até ser promovido. Ou morrer."

"Talvez seja por isso que ele veste toda essa armadura. O último é mais provável."

Kiran bufou novamente. Ele se virou e olhou para ela. “Se você precisar de alguma coisa, Salara, eu ainda estou a seu serviço. Fiz meu juramento vitalício. Eu ainda sou um soldado do Brasão.”

“Obrigado, Kiran.”

Ele fez uma pequena reverência com a cabeça e voltou para se juntar à mãe perto do corpo do pai. Ela desejou que Mikael retornasse mais cedo, para consertar esse erro. Mas como poderia ser corrigido? E o que ele faria? Agora havia essa distância entre eles, e ela era uma prisioneira. *De novo* . Talvez fosse isso que ela tinha sido o tempo todo. Talvez ela só estivesse se enganando. Talvez o que ela sentiu, o que ela pensou que sentiu...

Vitalia assumiu o lugar vago ao lado de Norah.

“Não posso mais ficar aqui”, disse Norah. “Não aguento mais, Vitalia. Tenho que encontrar um jeito de voltar para casa.” Ela observou enquanto os homens abaixavam o corpo de Bremhad na terra. Não mais — ela estava indo embora. Hoje. Esta noite. Ela virou os olhos para Vitalia. “Você conhece este castelo. Você pode nos tirar escondidos.”

Sua empregada assentiu. “Eu poderia levá-la até o cemitério. Então eu poderia retornar e mantê-los sem saber por mais algum tempo para você escapar.”

Norah agarrou o braço dela. “Não. Você vem comigo. E Serene. Não vou deixar você para esses monstros.”

Vitalia olhou para ela por um momento.

“Você não quer ir?”

“Não. Quer dizer, sim, eu quero,” Vitalia gaguejou. “Eu só não achei que você iria… pensar em mim.”

“Você é minha amiga,” Norah disse firmemente. “Você vem comigo. Você e Serene.”

Sua empregada lhe deu um aceno com os olhos marejados. “Tudo bem. Nós iremos.” Ela fez uma pausa. “Espere. Mesmo se sairmos de Ashan, ainda temos que passar pelas Canyonlands.”

Norah não conseguiu conter um pequeno sorriso. “Eu conheço alguém que vai nos ajudar.”

Tahla .



Capítulo cinquenta e seis

A escuridão pairava sobre elas. Um plano bem-sucedido de fuga colocou Norah e Vitalia do lado de fora da forja do ferreiro, do outro lado do caminho dos estábulos. Elas se esconderam perto das paredes da forja. Norah ficou surpresa com a facilidade de escalar a janela do quarto de banho em seu santuário, descer a treliça e chegar ao chão abaixo.

Serene tinha ficado no santuário e tinha a tarefa de fazer barulhos ocasionais — falando, rindo — para confirmar a ocupação. Após a troca de guarda, ela deveria levar uma bandeja de jantar meio comido para a cozinha, *arrumando* . Nenhum outro funcionário estaria na cozinha àquela hora. Ela sairia pelo corredor lateral e desceria as escadas até onde Norah e Vitalia estariam esperando com cavalos.

O tempo passou a passo de caracol. O coração de Norah disparou em seu peito. Ela rezou para que tudo saísse conforme o planejado. Eles só precisavam pegar os cavalos e encontrar Serene do lado de fora da cozinha.

Ela e Vitalia deslizaram ao longo da parede da forja do ferreiro e silenciosamente atravessaram a rua de paralelepípedos em direção aos estábulos. Mas antes que alcançassem as portas laterais, um soldado saiu na frente delas. Norah parou de repente, e Vitalia agarrou seu braço. O soldado segurava uma lança na mão — ele era um membro do Brasão. Norah respirou fundo. Então ela o reconheceu.

Bhastian .

“Você precisa voltar para o castelo, Salara,” ele disse a ela. “O capitão está procurando por você.”

“Bem, ele pode continuar procurando”, ela disse bruscamente.

“Salara.” Havia algo na voz dele que fez a pele dela formigar. “Você vai querer voltar.”

Mas ela não queria voltar. Ela não podia mais viver assim. "Não." Ela balançou a cabeça. "Eu não vou."

“Salar e o senhor comandante retornarão em breve.”

Mais uma razão para ela ter que ir agora. “Estou indo embora. Afaste-se.”

Mas ele apenas bloqueou o caminho dela. Ela não podia lutar contra ele — ela não era páreo para um guerreiro do Crest. E mesmo que ela pudesse escapar, ela perderia Vitalia e Serene. Ela tinha que tentar uma abordagem diferente. "Bhastian. Por favor. Eu estou te implorando." Kiran era a única com compaixão?

Ele hesitou, mas então balançou a cabeça. “Não posso, Salara. Tenho que te levar de volta.”

“Bhastian,” ela implorou. “Ajude-me.”

Ele fez sinal para que ela voltasse para o castelo. A luta inundou sua mente, mas ela não podia, ela se lembrou. E, já que Bhastian estava ali, eles provavelmente encontraram Serene. Ela não estaria do lado de fora da cozinha esperando, e Norah não poderia sair sem ela.

Derrotada, ela voltou. Enquanto caminhavam, ele acenou para o guarda que veio correndo e continuou em direção ao santuário dela. Eles entraram na ala oeste, mas quando chegaram ao salão principal, Bhastian parou.

Artem saiu das sombras e o estômago de Norah embrulhou.

Bhastian bateu no chão com sua lança em saudação e ficou em posição de sentido.

“Eu pensei que você seria mais cuidadosa consigo mesma agora, Salara,” Artem disse com um tom arrepiante. “Todos os problemas que você causou, as pessoas que você machucou.”

"Você quer dizer as pessoas que você machucou", ela retrucou.

“Você forçou minha mão.” Artem zombou. “Inicialmente, eu a considerei uma mulher esperta, mas você ainda não consegue entender sua situação.”

A situação dela. Ele não a via como rainha. Ele não reconhecia sua autoridade. Ninguém reconhecia.

“Mikael não vai tolerar isso.” Ela não sabia se acreditava em suas próprias palavras, no entanto.

“Acho que isso depende do que ele vê em Odepeth.”

Odepeth . Onde o vidente estava, para onde Mikael tinha ido.

“Você está tão confiante que as coisas vão dar errado”, ela disse.

“Porque é sabido—você não pode mudar o destino. Salar não verá nada diferente.”

Essa foi a primeira vez que ela ouviu isso. Seu pai havia mudado o destino. Não havia? Suas palavras a assustaram. O que Mikael faria se achasse que seu destino permanecia?

Ele olhou para ela por um momento. “Onde você estava agora?”

Ela não respondeu, e ele olhou para Bhastian. O coração de Norah batia forte em seu peito.

“Ela estava na biblioteca”, respondeu Bhastian.

Seu coração pulou de alívio, mas Norah franziu os lábios fingindo raiva.

Os olhos de Artem se estreitaram. “Você disse que procurou na biblioteca.”

“Não bem o suficiente”, respondeu Bhastian.

Ele inclinou a cabeça, olhando de volta para Norah. “Um pouco tarde para uma visita à biblioteca.”

“Eu não conseguia dormir.”

“Estranho você baixar a guarda por isso. E eu pensei que sua empregada me daria essa resposta — um lugar tão inocente.”

O estômago de Norah deu um nó. *Serena* . “Ela não sabia.”

“Então ela disse.”

Ele pegou Serene. Ele a questionou. “Se você tocasse nela—”

O canto da boca dele se levantou, e ele olhou para Bhastian. “Leve-a de volta. E assuma seu novo posto.”

Norah contornou-o com fúria e voltou para seu santuário, o pânico crescendo dentro dela a cada passo. Quando chegou à porta, ela a abriu e soltou um suspiro irregular.

Serene sentou-se na beirada da cama, tremendo enquanto o sangue escorria de sua testa e lábio. Seu rosto estava inchado de tanto chorar.

“Serena,” Norah arfou, correndo até ela. “O que aconteceu?”

Sua empregada soltou um suspiro irregular, mas balançou a cabeça. Ela não conseguia falar.

Norah afundou-se ao lado dela e puxou-a para perto. “Estou aqui agora,” ela disse, acariciando seu cabelo.

“Era o capitão,” Serene conseguiu dizer, sua voz tremendo. “Eu nem tinha ido embora ainda. Ele veio te procurar. Eu disse a ele que não sabia onde você estava. Ele não acreditou em mim.”

A raiva tomou conta dela.

Serene olhou por cima do ombro de Norah e ficou quieta. Norah percebeu que Bhastian não tinha parado no fim do corredor, mas tinha entrado no santuário. "Saia", ela sibilou para ele.

“Não posso fazer isso, Salara. O capitão ordenou um posto em seu quarto. Você deve ter um guarda sempre.” Norah soltou um suspiro enfurecido, mas Bhastian falou com uma voz mais suave. “Eu ficarei no turno até Salar e o lorde comandante retornarem. Eles voltarão em breve, e nenhum dos dois vai tolerar isso.”

“Você não pode estar falando sério. Isso é tudo que o lorde comandante representa!”

O guarda suspirou e foi até a porta, virando as costas para dar privacidade às mulheres desoladas.

Norah tremeu em uma raiva enlouquecedora, mas a única coisa que ela podia fazer era esperar Mikael retornar. Ela e Vitalia puxaram Serene para a cama e deitaram no escuro, tentando segurar as lágrimas.



“Salara.”

Norah acordou com Bhastian chamando-a. Ela piscou para afastar o sono dos olhos e sentou-se, tomando cuidado para não acordar Serene e Vitalia deitadas ao seu lado.

“Já é de manhã?” ela sussurrou.

“Sim, de manhã cedo. Salar e o lorde comandante acabaram de retornar.”

“Oh,” Norah suspirou enquanto saía da cama.

Ele hesitou. “Mas, Salara, não é um bom sinal. O lorde comandante foi direto para seu escritório, onde deve ser deixado sozinho.”

Isso não era totalmente indicativo de algo ruim. Se o lorde comandante estava infeliz, poderia ser que o vidente tivesse falado a seu favor.

Ela esperava.

Norah entrou no banheiro e passou os dedos pelos cabelos. Ela jogou água da bacia no rosto e respirou fundo. Mikael ouviria. As coisas entre eles não estavam completamente quebradas. Ela só precisava falar com ele.

Ela voltou para seu quarto e calçou os sapatos. “Onde ele está?”, ela perguntou a Bhastian.

“Imagino que ele chegará ao castelo a qualquer momento, vindo dos estábulos.”

Norah deixou seu santuário e seguiu pelo castelo com Bhastian logo atrás. O que a vidente disse a Mikael? Isso quebraria ainda mais as coisas entre eles? Ela temia a resposta.

Ela esperou na escada, andando em círculos ao redor da imagem incrustada de um sol no chão de pedra. Sua mente correu, e seu estômago ameaçou revirar o conteúdo de sua última refeição. Mas ela tinha que ficar calma. Ela caminhou pela conversa em sua mente. Ela contaria a ele o que Artem tinha feito, sobre Bremhad e Kiran. Ela contaria a ele sobre Serene. Ela teria que admitir seu esforço para escapar. Ele entenderia. Ou ele poderia ficar mais desconfiado.

Seu coração batia mais rápido.

As portas da frente do castelo se abriram, e Mikael entrou. Ele parou quando a viu.

Ele parecia cansado. Lama seca cobria as grevas de sua armadura. Ele segurava seu capacete na mão por um único chifre. Ele não falou.

Cada frase inteligente em sua mente a deixou, cada palavra. O silêncio era esmagador entre eles enquanto ela procurava pistas no rosto dele.

Ele caminhou silenciosamente até ela, e ela não se moveu.

Muito lentamente, ele levou a mão ao rosto dela. Ele acariciou sua bochecha com as pontas dos dedos e roçou o polegar sobre a linha dos lábios dela. Seus olhos seguiram seu toque sombrio — pesaroso até.

Mikael se afastou, ainda sem dizer uma palavra, e então se virou para as escadas.

“O que a vidente lhe disse?” ela perguntou.

Ele não respondeu. Ele não queria falar sobre isso — não era um bom sinal, mas ela precisava falar com ele.

Ela o seguiu escada acima. “Mikael, preciso falar com você. Sobre o Capitão Artem.”

Ele fez uma pausa. “Não posso falar sobre isso agora.”

Ela não conseguia aceitar isso. “Tenho certeza de que você está cansado e quer descansar, mas é importante,” ela pressionou. “Não consigo mais tolerá-lo. Ele—”

“Não me peça mais nada”, ele disse, virando-se para ela. Sua voz estava tingida de exasperação e indícios de raiva. “Agora não.”

Ela deu um passo para trás, surpresa. Ela não esperava a reação dele.

“Não vou ouvir”, ele disse, e começou a subir as escadas.

Um calor subiu em suas bochechas com a dispensa dele. Ela seguiu atrás dele, uma fúria crescendo em seu âmago. “Você vai ouvir!” ela retrucou.

Ele se virou para encará-la. “Eu não te dei tudo?” ele se enfureceu.

Norah cambaleou para trás, mas se apoiou no corrimão.

A voz dele veio baixa, mas gelou sua alma. “Eu não exigi nada do Norte, não coloquei nenhuma exigência sobre você. Eu dei tudo o que você pediu — paz, misericórdia, tolerância. Eu dou provisões para seu povo. Eu dou cavalos e armas ao seu exército. Homens.” Seu rosto ficou mais sombrio. “E eu deixei você ficar com a única ameaça à minha coroa. O homem que vai me derrubar cavalga sem ser desafiado pelo meu reino, pelo meu castelo. Mesmo agora ele vai livremente para o meu inimigo. Ainda assim, eu não faço nada.”

Ele olhou para ela com derrota nos olhos. “Eu me casei com você para mudar meu destino. Mas eu só o trouxe para mais perto.” Ele firmou seu peso contra o corrimão. “Eu não vou ouvir.” Então ele se virou e continuou subindo as escadas.

Norah respirou fundo, controlando sua fúria. Ele estava falando por medo, ela disse a si mesma. E enfrentar esse medo com raiva não ajudaria nenhum dos dois.

Ela o seguiu escada acima e pelo corredor até seu escritório. Ele não disse nada enquanto desabotoava o cinto da espada em volta dos quadris e encostava a lâmina na parede.

“O que a vidente lhe disse?” ela perguntou novamente.

Mikael acenou para seu servo ir embora, e Vimal os deixou no silêncio da lareira crepitante. Ele tirou sua couraça, deixando-a cair no chão perto de sua mesa. Ele começou com sua ombreira esquerda, mas se atrapalhou com os pequenos fechos e desistiu. Norah observou enquanto ele agarrava os cantos da mesa e apoiava seu peso nela. Ele respirava pesadamente pela boca.

Ela se moveu para o lado dele. “O que o vidente lhe disse?” ela perguntou novamente, suavemente.

Ele respirou fundo e expirou lentamente. “Eu morro nas mãos do Urso.”

Ela precisava levá-lo de volta disto. “Essa é uma visão antiga.”

“Não. Haverá outra Grande Guerra. Um evento poderoso. Há muitas visões dela agora: bandeiras do Norte por todas as Terras Tribais, forças Aleon em Bahoul.” Ele fez uma pausa, seus olhos queimando. “Você. Ao lado do rei Aleon.”

As pinturas de Samuel inundaram sua mente. Mas ela sabia que as coisas nem sempre eram como pareciam. “Mikael, essas são apenas interpretações do que o vidente viu. Falta-lhes contexto, todos os detalhes. Você não pode necessariamente confiar na tradução dele.”

“Eu vi com meus próprios olhos!” ele retrucou.

Norah parou quando sua respiração ficou presa na garganta. *Claro* . Ela se sentiu tão estúpida — como pôde ter esquecido? Mikael tinha um viajante, alguém que podia entrar em sua mente e lhe mostrar essas visões. Ela precisava vê-las. “Quão poderoso é esse vidente?”, ela perguntou.

“O mais poderoso dos quatro reinos.”

Ele era poderoso o suficiente para ver o que aconteceu com as memórias dela? Ele era poderoso o suficiente para desbloqueá-las?

Mikael estava de pé com um peso sombrio curvando seus ombros. Havia algo mais.

“Ele mostrou a Soren uma visão,” ele acrescentou calmamente, “uma da qual Soren não fala, nem para mim. É sua própria ruína, tenho certeza.” Ele fez uma pausa, respirando fundo devastado. “Eu não mudei meu destino. Eu o trouxe até minha porta. E eu amaldiçoei aqueles mais próximos de mim.”

Ele lutou novamente com os fechos de sua armadura. Ela se moveu para ajudá-lo, mas ele agarrou seu pulso, afastando-se do toque dela.

As tempestades de seus olhos se dissiparam. “Deixe-me, Rainha do Norte.”



Capítulo cinquenta e sete

A angústia de Mikael da noite anterior pesava muito sobre Norah. E não havia nada que ela pudesse fazer. A manhã trouxe um novo dia, mas não uma nova esperança. Este lugar, este reino das trevas que decaía a mente e o coração, estava quebrando-a.

Ela decidiu tentar dar uma volta. Precisava de ar fresco e sol. O quão longe ela havia caído da graça de Mikael? Ela seria negada da pouca liberdade que tinha antes?

Norah saiu de seu santuário e viu o Capitão Artem esperando pessoalmente por ela.

"Salara," ele a cumprimentou friamente.

A proximidade dele fez os cabelos da nuca dela ficarem em pé. Claro que não houve retribuição por sua crueldade, e sua presença presunçosa a enfureceu. Ela odiava esse homem. Ela se elogiou por enviar Vitalia e Serene para ficar com Kiran e sua mãe — elas estavam escondidas e seguras.

"Capitão Artem, que surpresa", ela disse, sem se preocupar em esconder seu desgosto.

Os olhos dele se moveram sobre as roupas dela. "Vamos cavalgar, pelo que vejo."

Norah franziu os lábios. Ele estava tentando mantê-la lá dentro. Ela não o deixaria. "Tente acompanhar", ela brincou.

Seus olhos escureceram.

Eles cavalgaram pela manhã; Norah na égua com Artem e um pequeno grupo de seus soldados atrás.

Norah os levou para longe. Seus espíritos se elevaram sob o sol. Artem não poderia machucá-la, disso ela tinha certeza. É por isso que ele machucava as pessoas ao redor dela. E Vitalia e Serene estavam escondidas, protegidas. Tudo o que ele podia fazer agora era assediá-la diretamente. E ela tornaria isso muito cansativo para ele.

Eles chegaram ao Lago Hava — uma piscina funda abaixo de um mirante de penhasco. Contra o terreno escuro e rochoso, a água brilhava com um azul brilhante. Kiran havia

mostrado a ela este lugar. *A água mais azul do mundo* , ele disse, dos minerais nas fontes que a alimentavam.

Artem tirou o capacete e enxugou o suor da testa antes de colocá-lo de volta. Ele não usava um lenço na cabeça, como os outros soldados, mas sim um capacete que parecia mais decorativo do que funcional. E como tudo em Kharav, o metal de sua armadura era escuro, quase preto, encharcado pelo sol. Sua cabeça provavelmente estava assando nele. *Ótimo* . Ela sorriu para si mesma.

Norah olhou para o mirante rochoso acima, e seu sorriso cresceu para um sorriso largo. Ela incitou a égua para a beira da água e desmontou, usando a mão para bloquear o sol enquanto olhava para cima, para a face da rocha. "Um belo dia para uma caminhada", ela disse agradavelmente. Um dia ainda melhor para exigir que um capitão superaquecido do Crest subisse uma encosta íngreme da montanha.

“Você não pode estar falando sério”, Artem zombou.

Ela deu de ombros. “Fique aqui, então,” ela respondeu, e começou a subir o caminho estreito.

O grunhido irritado de Artem cantou docemente em seus ouvidos enquanto ele desmontava e seguia com sua guarda. Prazer mesquinho, ela se repreendeu. E Artem provavelmente encontraria uma maneira de fazê-la pagar por isso mais tarde. Mas por enquanto, ela se daria essa pequena alegria. Era tudo o que lhe restava.

Foi uma longa subida, e apesar de deixar sua jaqueta com a égua, ela se viu transpirando. Alegria a percorreu enquanto pensava em como Artem deveria estar se saindo.

Estavam todos sem fôlego quando chegaram ao topo. Suas pernas queimavam, e uma pontada profunda apertava seu lado, mas valeu a pena. Ela fechou os olhos, respirando o céu e trazendo vida de volta ao seu corpo. Era exatamente disso que ela precisava. Em pouco tempo, ela estaria de volta ao castelo das sombras. Ela precisava se lembrar deste lugar — como o vento parecia, como o sol batia em seu rosto. Ela precisava disso para suportar a escuridão.

Tudo estava perdido.

Mas algo ainda puxava seu coração. Algo pequeno, mas forte.

Nem tudo , disse. Ainda não.

Norah ficou no sol e olhou para o azul cintilante da água abaixo. A luz dançava em sua superfície. Sua magia sorria para ela. O vento girava ao redor dela, sussurrando em seus

ouvidos, soprando força em sua mente. Ele lhe disse para lembrar — lembrar para que ela estava aqui.

E uma nova força surgiu.

Ela quase se perdeu de novo. Ela quase se resignou. Mas ela não conseguia. Ela devia isso ao seu povo. E àqueles que ela amava. Ela devia isso a si mesma.

Norah se virou para ver Artem parado a uma distância dela. Ele a observou com seus olhos escuros e desprezíveis, sem dúvida pensando pensamentos escuros e desprezíveis.

Ela levantou os braços, sentindo o vento por baixo deles. A boca de Artem abriu-se ligeiramente, e ele deu um passo em sua direção.

Seus lábios se abriram em um sorriso irônico.

E ela se deixou cair para trás, sobre a borda.

"Não!" ele berrou enquanto avançava. Mas ele estava muito longe. Ele não conseguia alcançá-la.

A queda foi uma queda para a liberdade.

Norah atingiu a água, e o frio dela enviou um choque através de seu corpo. Levou um momento para se recuperar, e ela chutou febrilmente de volta à superfície. Ela ofegou por ar enquanto lutava contra o emaranhado de saias em volta de suas pernas, e seus dentes batiam enquanto ela se orientava. Olhando para cima, ela viu Artem no topo do mirante, boquiaberto, mas sem ousar pular. Ela soltou uma risada triunfante.

O senhor comandante teria pulado atrás dela.

Mas Kiran estava certo. Este homem era um covarde.

Norah foi até a margem e soltou um assobio baixo, chamando a égua. O cavalo a encontrou rapidamente, e ela saltou para suas costas. Dando uma última olhada para Artem, ela incitou o animal a galopar.

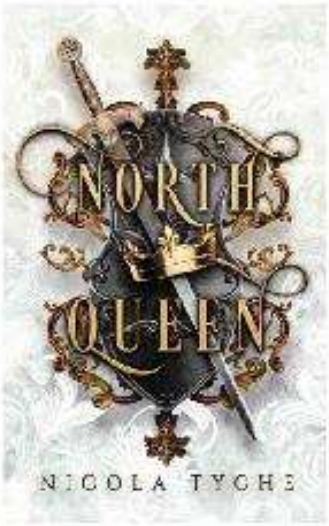
Norte.

Ela cavalgou até sumir de vista antes de deixar a égua diminuir o ritmo. Artem levaria algum tempo para voltar ao cavalo, e ela estaria bem à frente dele. Ele nunca a rastrearia com Savantahla, um cavalo da Natureza. Norah parou a égua e olhou ao redor. Seus dentes batiam no vestido molhado sob o vento, mas ela estava grata por alhilat — a pausa no inverno. Se Bremhad estivesse lá, talvez ele não odiasse tanto agora.

Ela mudou sua mente para o que precisava fazer em seguida. Artem a observou cavalgar para o norte, em direção a Canyonlands e Mercia. Ela sorriu enquanto virava a égua para o leste.

Para Odepeth. E a vidente.

THE COMPLETE TRILOGY







Continue the journey with:

SHADOW QUEEN

For ten years, her kingdom has warred
against the Shadow King.
Now, she's his queen.

ABOUT THE AUTHOR



Nicola Tyche is an American fiction and fantasy author writing romantic fantasy, paranormal, urban fantasy, and other women's fiction. Suspenseful plot twists, strong heroines, relatable villains, and melt-your-insides anti-heroes are ingredients for every book, and Nicola is a sucker for a happily ever after.

She lives in Vancouver, Washington, with her husband and three daughters. When she isn't writing, she enjoys tacos, traveling, gardening, exploring the great outdoors, and other creative projects. Visit her website at www.nicolatyche.com, connect on the Nicola Tyche Facebook reader group, or the platforms below!

nicolatyche